

Universidade de Évora

Tradução francesa da obra romanesca de José Saramago. O caso dos romances *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), *Todos os Nomes* (1997) e *A Caverna* (2000)

Tese de doutoramento
elaborada por Célia de Jesus Lacerda Caravela

Orientadora: Professora Christine Zurbach

Co-orientador: Professor Carlos Reis

Universidade de Évora

Tradução francesa da obra romanesca de José
Saramago. O caso dos romances *Ensaio sobre a
Cegueira* (1995), *Todos os Nomes* (1997) e *A
Caverna* (2000)

Tese de doutoramento
elaborada por Célia de Jesus Lacerda Caravela



Orientadora: Professora Christine Zurbach

Co-orientador: Professor Carlos Reis

186748

Resumo

*Tradução francesa da obra romanesca de José Saramago. O caso dos romances **Ensaio sobre a Cegueira** (1995), **Todos os Nomes** (1997) e **A Caverna** (2000)*

O presente estudo, desenvolvido no âmbito dos Estudos de Tradução – mais especificamente, dos Estudos Descritivos de Tradução –, tem por núcleo a análise comparativa de três romances de José Saramago – *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), *Todos os Nomes* (1997) e *A Caverna* (2000) – com as respectivas traduções francesas – *L'Aveuglement* (1997), *Tous les Noms* (1999) e *La Caverne* (2002) – elaboradas por Geneviève Leibrich.

Mediante a referida análise e a caracterização dos espaços literários português e francês de 1980 a 2002, apuramos de que forma o espaço literário alvo interfere no trabalho da tradutora e qual a função dos romances traduzidos no meio literário que integram. A investigação efectuada fornece elementos respeitantes à recepção portuguesa e francesa da obra saramaguiana, detém-se nas relações literárias luso-francesas, com uma particular atenção para a presença da literatura portuguesa em França, e representa um contributo para algumas questões estruturantes dos Estudos de Tradução.

Abstract

*French translation of José Saramago's novelesic work. The case of the novels **Ensaio sobre a Cegueira** (1995), **Todos os Nomes** (1997) and **A Caverna** (2000)*

The present study, developed within the Translation Studies – more specifically, the Descriptive Translation Studies – has, at his core, the comparative analysis of José Saramago's three novels - *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), *Todos os Nomes* (1997) and *A Caverna* (2000) - with their french translations - *L' Aveuglement* (1997), *Tous les Noms* (1999) and *La Caverne* (2002) – by Geneviève Leibrich.

Through this analysis and the characterization of the portuguese and french literary fields, from 1980 to 2002, we determine how the target literary area interferes in the translator's work and which role do the translated novels play in that area. This investigation provides, also, data about the portuguese and the french reception of Saramago's work and the luso-french literary relationships, with particular focus on the presence of the portuguese literature in France. It represents, additionally, a contribution to some of the structural issues brought up by the Translation Studies.

Agradecimentos

À Professora Christine Zurbach que, em todos os momentos desta longa travessia, soube apoiar-me académica e humanamente, fazendo as perguntas e sugestões acertadas para que esta investigação progredisse, e tendo sempre palavras de alento e confiança, fonte de um reconforto fundamental para a realização deste trabalho.

Ao Professor Carlos Reis cujos conselhos, nomeadamente no que concerne a parte dedicada à literatura portuguesa, foram imprescindíveis para o nosso estudo.

Às Professoras Teresa Seruya, Ana Clara Santos, Eduarda Keating e Michaela Wolf um agradecimento especial pela disponibilidade demonstrada, quando em momentos pontuais deste meu percurso, solicitei o seu auxílio e opinião.

A todos os funcionários das bibliotecas, nas quais passei largas horas de pesquisas e leituras, cuja cordialidade e eficiência beneficiaram o meu trabalho, designadamente aos funcionários da Biblioteca Nacional, da Biblioteca da Universidade de Évora, da Biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa, da Mediateca do Instituto Franco-Português e da Bibliothèque de Bulle.

À minha família, porto de abrigo sempre tão seguro e aconchegante.

Aos meus pais que me transmitiram os valores necessários para a realização deste trabalho, e me demonstram, em todos os instantes, o seu amor, apoio e confiança incondicionais.

À minha prima Luísa que seguiu de perto este projecto, fazendo sempre tudo o que estava ao seu alcance para que os obstáculos que iam surgindo nunca fossem fonte de desânimo. A sua generosidade, disponibilidade e afecto incomparáveis foram fundamentais.

Aos meus amigos que das formas mais diversas contribuíram para que este trabalho, essencialmente solitário, se tornasse um espaço-tempo durante o qual nunca me senti verdadeiramente sozinha. À Tina, ao Tó, à Matilde, ao Ricardo, ao Pedro, ao Rui, ao Miguel, à Manuela, à Dulce, à Tânia, à Sheila, à Susy, à Marie e ao Marc. Os seus sorrisos, palavras e silêncios constituíram um apoio imprescindível.

À Fundação para a Ciência e a Tecnologia que permitiu a realização deste trabalho mediante a concessão de uma bolsa de doutoramento.

Índice

Introdução	9
PRIMEIRA PARTE	
Espaço literário português: 1980-2002	
Aspectos relevantes para a recepção do nosso <i>corpus</i> em Portugal	14
I. Produção ficcional	16
II. Divulgação literária	38
III. Produção romanesca e consagração de José Saramago	51
A. TRAÇOS PÓS-MODERNOS E OUTRAS CARACTERÍSTICAS	
B. AFINIDADES LITERÁRIAS: ANTÓNIO VIEIRA, ALMEIDA GARRETT, RAUL BRANDÃO	57
C. TEMÁTICAS	61
D. INDÍCIOS DE CONSAGRAÇÃO	62
SEGUNDA PARTE	
Análise Comparativa	73
Preâmbulo teórico	74
I. Considerações preliminares	102
A. TÍTULOS E CAPAS	
103	
B. LEQUE DE OPÇÕES REDUZIDO	
105	
II. Sintaxe	110
A. DESLOCAÇÃO DO COMPLEMENTO ADVERBIAL	
111	
B. ADJECTIVO – SUBSTANTIVO → SUBSTANTIVO – ADJECTIVO	
113	

B'. SUBSTANTIVO – ADJECTIVO → ADJECTIVO – SUBSTANTIVO	115
C. VERBO – SUJEITO → SUJEITO – VERBO	116
C'. SUJEITO – VERBO → VERBO – SUJEITO	119
D. DESLOCAÇÃO DE FRASES SIMPLES OU SUBORDINADAS [≠ SUBORDINADAS ADVERBIAIS]	120
E. APROXIMAÇÃO DO SUJEITO DO VERBO	121
F. APROXIMAÇÃO DO COMPLEMENTO DE OBJECTO DO VERBO	123
(a) Directo	
(b) Indirecto	124
G. COMPLEMENTO DE OBJECTO – VERBO → VERBO – COMPLEMENTO DE OBJECTO	

III. Pontuação	126
-----------------------	------------

A. SUPRESSÃO DE VÍRGULAS	127
B. INTRODUÇÃO DE VÍRGULAS	132
C. VÍRGULA → CONJUNÇÃO “E”	134
C'. CONJUNÇÃO “E” → VÍRGULA	135
D. VÍRGULA → PONTO FINAL	136
E. PONTO FINAL → VÍRGULA	138

IV. Morfossintaxe	140
--------------------------	------------

A. ALTERAÇÃO DE TEMPOS VERBAIS	141
(a) Modificações diversas	
(b) Presente → Futuro	144
B. ARTIGO → DETERMINANTE POSSESSIVO	145
C. ADJECTIVO/ VERBO/ OUTRAS CLASSES GRAMATICAIIS → ADVÉRBIO/ LOCUÇÃO ADVERBIAL	146
C'. ADVÉRBIO → OUTRAS CLASSES GRAMATICAIIS	149
D. ALTERAÇÃO DO SUJEITO	151
E. PRONOME → SUBSTANTIVO/ SINTAGMA NOMINAL	153
E'. SUBSTANTIVO/ SINTAGMA NOMINAL → PRONOME	155
F. INFINITIVO → GERÚNDIO/ PARTICÍPIO PRESENTE	157
F'. GERÚNDIO → SUBORDINADA RELATIVA/ SUBORDINADA ADVERBIAL/ SUBSTANTIVO...	159
G. SUBORDINADA RELATIVA → PARTICÍPIO PASSADO/ ADJECTIVO/ DETERMINANTE...	161
G'. INFINITIVO/ SUBSTANTIVO/ ADJECTIVO... → SUBORDINADA RELATIVA	163

H. PLURAL → SINGULAR	166
H'. SINGULAR → PLURAL	167
I. ADJECTIVO → SUBSTANTIVO	169
I'. SUBSTANTIVO → ADJECTIVO	171
J. VERBO → SUBSTANTIVO/ VERBO + SUBSTANTIVO	172
J'. SUBSTANTIVO → VERBO	173
K. ADJECTIVO → VERBO/ SUBORDINADA RELATIVA	174
K'. VERBO → ADJECTIVO/ "ÊTRE" + ADJECTIVO	176
L. MUDANÇA DE CATEGORIA DE FRASE	177
(a) Várias categorias	
(b) Negativa → Afirmativa	179
(b') Afirmativa → Negativa	180
(c) Activa → Passiva	181
(c') Passiva → Activa	183
V. Léxico	184

A. ESCOLHA DE PALAVRAS SEMANTICAMENTE MAIS PRECISAS	185
A'. ESCOLHA DE PALAVRAS SEMANTICAMENTE MENOS PRECISAS	190
B. EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	193
(a) Adaptação	194
(b) Introdução	195
B'. PROVÉRBIOS	197
(a) Provérbio francês	198
(b) Tradução literal	201
C. ALTERAÇÃO DO REGISTO LINGUÍSTICO	
(a) Mais formal	
Modificações diversas	202
Eliminação de repetições	204
(b) Menos formal	207
D. DIMINUTIVOS	208
(a) Sim	210
(b) Não	211
E. SUPERLATIVOS	212
(a) Sim	
(b) Não	213

VI. Supressão de palavras	214
A. CONDENSAÇÃO DA MENSAGEM ORIGINAL	216
(a) Perífrase verbal → Verbo	
(b) Outras alterações	217
(c) Construções de clivagem	221
B. VERBO	222
C. ADVÉRBIO	225
D. FRASE SIMPLES/ COMPLEMENTO/ SINTAGMA NOMINAL...	226
E. CONJUNÇÃO	230
F. PREPOSIÇÃO	232
G. SUBSTANTIVO	233
H. PRONOME	234
I. ADJECTIVO/ DETERMINANTE	236
VII. Acrescento de palavras	238
A. DILATAÇÃO DA MENSAGEM ORIGINAL	239
(a) Modificações diversas	
(b) Verbo – Perífrase verbal	244
B. FRASE SIMPLES/ COMPLEMENTO/ SINTAGMA NOMINAL...	245
C. VERBO	247
D. PRONOME	249
E. ADVÉRBIO	251
F. SUBSTANTIVO	253
G. DETERMINANTE	254
H. CONJUNÇÃO “ET”	255
H'. CONJUNÇÃO (OUTRAS)	257
I. PREPOSIÇÃO	259
J. ADJECTIVO	261
VIII. Conclusões	263

TERCEIRA PARTE

Espaço literário francês: 1980-2002

Aspectos relevantes para a recepção do nosso *corpus* em França 293

I. Produção ficcional	294
-----------------------	-----

II. Relações culturais luso-francesas	333
---------------------------------------	-----

III. Espaço literário francês e recepção de José Saramago: outros aspectos	361
--	-----

A. CRÍTICA LITERÁRIA E UNIVERSO EDITORIAL: GENERALIDADES

B. LE SEUIL	367
-------------	-----

C. PUBLICAÇÃO FRANCESA DA OBRA DE JOSÉ SARAMAGO	373
---	-----

D. INDÍCIOS DE CONSAGRAÇÃO	382
----------------------------	-----

Conclusão	389
-----------	-----

Bibliografia	395
--------------	-----

Anexo I	438
---------	-----

Anexo II	441
----------	-----

[...] *translations are facts of target cultures; on occasion facts of a special status sometimes even constituting identifiable (sub)systems of their own, but of the target culture in any event.*
(Toury 1995:29)

A perspectiva sintetizada nas palavras do estudioso israelita representa o principal alicerce da investigação aqui apresentada. Consubstancia-se naquela o pressuposto teórico inerente a uma abordagem descritiva que não visa avaliar uma tradução em termos de "fidelidade", mas determinar quais as opções significativas do tradutor, definir a relação entre o texto de partida e o texto de chegada, e os factores que condicionam o processo tradutivo. O estudo de caso que apresentamos segue esta orientação metodológica desenvolvida no âmbito dos DTS (Descriptive Translation Studies), mais precisamente em *Descriptive Translation Studies and Beyond* (1995), estudo de Gideon Toury no qual este expõe de forma demorada a pertinência de apreender a tradução como elemento constituinte do espaço literário alvo. Partindo deste pressuposto, Toury desenvolve a sua metodologia, destacando dois conceitos: a equivalência e a norma. Nos datados estudos prescritivos sobre tradução, procurava-se saber se havia equivalência entre a tradução e o texto original; no edifício teórico de Toury, aquela torna-se um ponto de partida, ou seja, "methodologically, [...] a descriptive study would always proceed from the assumption that equivalence does exist between an assumed translation and its assumed source. What remains to be uncovered is only the way this postulate was actually realized, e.g., in terms of the balance between what was kept invariant and what was transformed" (Toury 1995:86). Através da análise comparativa, é possível determinar qual o tipo de equivalência entre o texto de partida e o texto de chegada, e definir se a tradução estudada é essencialmente "target-oriented" ou "source-oriented". O conceito de norma intervém no estudo descritivo para elucidar as possíveis causas das

recorrências significantes de um determinado processo tradutivo. Ao examinarmos as opções do tradutor à luz das normas vigentes no espaço literário alvo, acedemos a uma perspectiva fundamentada dos factores que condicionam a tradução em apreço. Paralelamente, avaliamos a forma como a tradução estudada interfere na definição das normas do espaço literário que integra, reforçando ou diminuindo a sua legitimidade.

Tendo em conta esta orientação metodológica, realizámos o estudo da tradução e recepção de três romances de José Saramago (JS) que tem por núcleo a análise comparativa de *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), *Todos os Nomes* (1997) e *A Caverna* (2000) com as respectivas traduções de Geneviève Leibrich (GL): *L'Aveuglement* (1997), *Tous les Noms* (1999) e *La Caverne* (2002). Escolhemos os romances referidos como *corpus* porque estes representam uma viragem na obra do autor do ponto de vista das temáticas exploradas, mas também da escrita. JS utiliza o termo "trilogia" para os qualificar devido à reflexão de fundo que os sustém¹ e explica a inflexão de que foi alvo a sua obra a partir de *Ensaio sobre a Cegueira* da seguinte forma:

A partir de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, desde o *Ensaio sobre a Cegueira*, há de facto uma ruptura. [...]. A ruptura tem a ver fundamentalmente com isto: desde o *Levantado do Chão* até ao *Evangelho*, os meus romances são, de certo modo, "corais", o que conta sobretudo é o grupo (não digo "massas"); a partir do *Ensaio*, a atenção centra-se na pessoa, no indivíduo. Essa é, creio eu, a diferença que separa estas duas fases ou épocas. (Saramago in Vasconcelos 2003: 95)

Interessa-nos, mediante o *corpus* identificado, contribuir para a discussão das teorias desenvolvidas no âmbito dos Estudos de Tradução, principalmente dos DTS, e para um melhor conhecimento dos espaços literários português e francês de 1980 a 2002, tal como das suas relações, com uma atenção particular para a presença da literatura portuguesa em França, nomeadamente, no período definido. Ao reflectirmos sobre a recepção francesa de três romances de JS, sem prejuízo de uma perspectiva global

¹ Ver citação p.61 deste trabalho.

sobre o seu percurso literário, contamos, também, perseguir linhas de reflexão, até agora pouco exploradas, para um melhor entendimento da obra do autor.

Como já foi assinalado, os DTS constituem a orientação teórica sobre a qual estruturámos a nossa pesquisa, sendo, assim, a caracterização do processo tradutivo o núcleo do nosso trabalho. Associamos aos contributos metodológicos touryanos, anteriormente sintetizados, as propostas de Andrew Chesterman (1997) e o modelo de análise concebido por Lambert e van Gorp (1985). No estudo referido, Chesterman salienta a relevância do trabalho de Toury e complementa-o, ao elaborar uma tipologia de normas com uma incidência mais específica do que a classificação touryana, centrando-se, como veremos ulteriormente, nas que interferem directamente no trabalho do tradutor. O modelo de Lambert e van Gorp esquematiza eficientemente as dinâmicas literárias subjacentes ao processo tradutivo e susceptíveis de o esclarecerem. Apesar de ser difícil e pouco proveitoso estudar todas as interacções nele apontadas, consideramos ser uma ferramenta metodológica útil por reunir concisamente as várias relações inerentes ao processo tradutivo. Cabe ao investigador fazer um uso metódico e selectivo do esquema em questão sem ignorar a indispensável visão de conjunto que este propicia.

Mediante este enquadramento metodológico, visamos expor de que forma o espaço literário alvo condiciona o trabalho de GL e é, em certa medida, por ele condicionado. Alcançaremos, deste modo, uma perspectiva objectiva da tradução e recepção do nosso *corpus*. Queremos, também, à luz das nossas conclusões, questionar a pertinência de teorias que carecem de confirmação empírica, tais como as leis de Gideon Toury (1995), as de Andrew Chesterman (1997) e os universais de Mona Baker (1996).

Para cumprirmos os propósitos adiantados, dividimos o nosso trabalho em três núcleos: no primeiro centramo-nos no espaço literário português, no segundo na análise comparativa e no terceiro no espaço literário francês.

Começamos por classificar as principais tendências da ficção portuguesa publicada entre 1980 e 2002 a fim de contextualizar a obra de JS. Esta classificação conduz-nos ao pós-modernismo que, apesar de ser um movimento literário controverso, se revela de grande utilidade para qualificar, em termos gerais, a ficção literária nacional e internacional do período em exame. Propomos, ulteriormente, linhas de reflexão sobre a crítica literária

portuguesa de 1980 a 2002, submetendo os suportes que a veiculam a um sucinto exame. Segue-se a exposição das principais características da escrita de JS à luz da caracterização da ficção portuguesa elaborada anteriormente. Observamos o vínculo da obra de JS ao passado, mediante a intertextualidade que se estabelece entre aquela e três obras relevantes da história da literatura portuguesa: *Sermões*, de António Vieira, *Viagens na minha Terra*, de Almeida Garrett e *Húmus*, de Raul Brandão. Apresentamos, finalmente, os indícios do elevado grau de consagração alcançado pelo escritor em Portugal.

Por contextualizar a obra de JS e destacar as suas especificidades, esta primeira etapa é necessária para determinar a posição do escritor no espaço literário português e seleccionar os excertos textuais estudados na segunda parte.

Antes de consignarmos os resultados do estudo comparativo, apresentamos um panorama das teorias desenvolvidas no âmbito dos Estudos de Tradução que são, em diferentes graus, fundamentais no decurso da nossa pesquisa. O facto desta síntese funcionar como preâmbulo da segunda parte não é aleatório, já que explica as nossas opções metodológicas de um ponto de vista geral, mas sobretudo no que concerne a relevância dos dados empíricos fornecidos pela análise comparativa. Acresce que esta síntese acentua a importância da caracterização do espaço literário alvo para uma descrição consistente do processo tradutivo, fundamentando, assim, a terceira fase da nossa investigação.

A análise comparativa composta por seis secções – sintaxe, pontuação, morfossintaxe, léxico, supressão e acrescento de palavras – mostra que, a diversos níveis, o processo tradutivo de GL apresenta recorrências a partir das quais podemos definir a equivalência dominante nas traduções estudadas. No sentido de confirmar as conclusões desta análise, procedemos a breves estudos comparativos de outros romances portugueses traduzidos por GL. Procuramos, também, saber se as escolhas feitas pela tradutora interferem na intertextualidade da prosa saramaguiana com as obras do passado literário português introduzidas na primeira parte do nosso trabalho como modelos subjacentes à escrita de JS. Terminamos esta segunda etapa adiantando hipóteses quanto às normas condicionantes do trabalho de GL.

Detemo-nos, por fim, no espaço literário francês, para entender em que medida as suas características intervêm no trabalho de GL, mas também, na perspectiva oposta, discernir qual a função das traduções examinadas no referido espaço literário, já que defendemos que as interferências são bilaterais. As principais tendências da ficção francesa publicada entre 1980 e 2002, as relações literárias luso-francesas, que no período em questão sofrem inflexões significativas, os aspectos do espaço literário francês determinantes para a recepção dos romances saramaguianos e a avaliação, segundo vários indicadores, do nível de consagração atingido pelo Nobel português em França estruturam esta terceira etapa.

Ambicionamos que o estudo de caso aqui apresentado sustente as propostas teóricas desenvolvidas no âmbito dos DTS, consolidando a pertinência de uma perspectiva descritiva para um melhor conhecimento da tradução, das suas causas e efeitos, e servindo de plataforma para futuras investigações que se inscrevam na afirmação touryana "translations are facts of target cultures".

PRIMEIRA PARTE

Espaço literário português: 1980-2002
Aspectos relevantes para a recepção do nosso *corpus* em Portugal

Para um estudo detalhado da tradução francesa de três obras de José Saramago (JS), é benéfico conhecer o contexto no qual estes textos foram escritos e publicados. Por essa razão, dedicamos a primeira parte do nosso trabalho à apresentação das principais características do espaço literário português num intervalo de tempo específico: de 1980 a 2002².

O limite final do nosso intervalo prende-se sobretudo com as obras que constituem o nosso *corpus* e com o momento em que realizamos a nossa investigação, enquanto que o marco inicial foi fixado com base nos contornos da história literária portuguesa. De realçar que as características da literatura francesa da época em estudo também contribuíram para que optássemos por este intervalo temporal. De facto, as alterações ocorridas em Portugal provêm de um movimento mais amplo que se evidenciou na literatura a nível mundial, tendo sido introduzido nas diversas literaturas nacionais consoante os contornos específicos das mesmas. Concentrar-nos-emos, no entanto, na literatura portuguesa posto que, nesta primeira parte, importa de um ponto de vista metodológico situar um escritor, JS, no contexto literário do seu país de origem. Queremos, todavia, desde já ressaltar que as mudanças ocorridas em território francês têm algumas semelhanças com aquelas apresentadas subsequentemente. Trataremos o caso da literatura francesa na terceira parte deste trabalho quando procurarmos definir os contornos da presença do JS no espaço literário francês.

Para compreender em que contexto surgiram as obras que constituem o nosso *corpus*, anotaremos as principais tendências que se observam nos romances publicados entre 1980 e 2002 e apresentaremos uma síntese sobre a divulgação literária em Portugal desde os anos 80 até aos primeiros anos do século XXI³.

O percurso anunciado permitir-nos-á definir as linhas de força que sustentaram a literatura portuguesa nos últimos vinte anos do século passado. Este

² De notar que alguns dados presentes neste estudo, nomeadamente os que dizem respeito aos suportes de crítica literária, podem ultrapassar este limite temporal devido ao facto do nosso trabalho se ter iniciado em Janeiro de 2006. Os levantamentos efectuados em Outubro de 2006 funcionam como uma amostra do que tem sido realizado em Portugal em termos de divulgação literária. De facto veremos, ulteriormente, que não se verificaram grandes evoluções na atenção concedida às Letras em território nacional, a não ser aquelas atinentes a progressos tecnológicos como é o caso da informação transmitida através da Internet.

³ Ver nota 2.

trabalho, associado ao estudo de três autores portugueses consagrados cujas obras apresentam traços comuns com a prosa saramaguiana permitem uma melhor apreensão da obra romanesca de JS. As temáticas dos romances do Nobel português e a consagração alcançada pelo autor em Portugal encerram esta primeira parte.

I. Produção ficcional

As duas últimas décadas do século XX são, em matéria de literatura, caracterizadas por uma grande diversidade na produção ficcional. É difícil, senão impossível, falar de um movimento ou de um grupo, posto que se regista uma grande inovação na forma de escrever romances, inovação que se verifica a diversos níveis e se manifesta de diferentes formas. Nesta primeira parte, apresentaremos as tendências mais marcantes do romance português das últimas décadas tal como algumas das obras que delas são exemplares⁴. O revisitar da História, o recurso ao fantástico, à metaficção e à ironia; o reaproveitamento de géneros literários, o desencanto finissecular, a escrita feminina e o quotidiano como pretexto a reflexões mais amplas pautam a exposição que se segue.

Um dos procedimentos mais utilizados nos romances dos últimos anos é aquele que consiste em utilizar episódios históricos como base de obras de ficção. A História, nomeadamente a História portuguesa, torna-se matéria romanesca e integra o imaginário dos escritores portugueses consoante o projecto estético de cada um. Os episódios mais convocados são os que estão ligados a um passado recente, nomeadamente ao colonialismo e à guerra que este despoletou. Vemos neste recurso uma tentativa de apreender e de compreender momentos significativos para o entendimento da identidade portuguesa. Também verificamos que se trata, frequentemente, de evocar momentos históricos de forma pouco tradicional, que se afasta da História oficial. Quer seja para apresentar temas menos debatidos, personagens

⁴ Os estudos Reis (2005), Petrov (2005), Lopes/Martinho (dir.) (2004), Real (2001), Seixo (2001), e Lopes/Saraiva (1996), entre outros, auxiliaram-nos a definir os principais tópicos da reflexão aqui iniciada.

representativos de todos os anónimos ausentes dos documentos oficiais ou para propor uma perspectiva diferente sobre uma temática abundantemente tratada, a História ficcionada é uma das categorias preponderantes do romance português das últimas décadas em termos de quantidade e de qualidade.

António Lobo Antunes é um representante ímpar desta temática. Os seus romances *Memória de Elefante* (1979), *Os Cus de Judas* (1979), *O Conhecimento do Inferno* (1980) e *Fado Alexandrino* (1983), por exemplo, apresentam sob diversas formas o terror da guerra colonial e os traumas que esta deixou naqueles que nela intervieram. Através de metáforas muito duras, de um discurso fortemente marcado do ponto de vista do ritmo, que se acelera vertiginosamente por momentos, e de uma linguagem crua, nos três primeiros romances, António Lobo Antunes apresenta uma visão tenebrosa, abjecta da guerra que viveu, mas também uma perspectiva corrosiva da psiquiatria e um desencanto perante uma condição humana absurda. As referências feitas à sua actividade profissional, a Benfica e à guerra de África aproximam estes romances de uma espécie de confiança que é difícil não associar ao autor real.

Em *Fado Alexandrino*, encontramos uma temática semelhante, no entanto, existe um trabalho mais notável no que diz respeito à estrutura narrativa, posto que o autor organiza o relato de maneira a expor distintas vertentes da Revolução de Abril e da guerra colonial. *Fado Alexandrino*, através de episódios da vida de cinco ex-combatentes "antes da revolução", durante "a revolução" e "depois da revolução"⁵, configura uma perspectiva diferente da Revolução de Abril baseada no entrecruzar das vivências de cinco personagens que afastam o leitor das imagens geralmente veiculadas a propósito do 25 de Abril de 1974:

[...] não é da História, enquanto discurso dos factos engrandecidos, que Lobo Antunes nos fala, mas da pequena história do dia-a-dia que, neste caso, pertence a personagens distanciadas da média do leitor culto e informado; [...]. (Seixo 2002:126)

⁵ Os elementos colocados entre aspas correspondem aos títulos das três partes que constituem este romance.

Afastando-se da História oficial, António Lobo Antunes propõe, todavia, um quadro denso e diversificado por intermédio dos pequenos dramas existenciais de cinco indivíduos marcados pelas causas e pelas consequências da guerra colonial. Mais sóbrio do ponto de vista da linguagem do que os romances anteriormente mencionados, *Fado Alexandrino* não deixa de evocar explicitamente o horror da guerra colonial e propõe uma visão menos entusiástica da Revolução dos Cravos:

Nenhuma destas experiências pessoais corresponde à visão eufórica e jubilosa que marcou o dia 25 de Abril de 1974 para uma maioria significativa da população portuguesa, [...]. (ibid.:124)

A obra ficcional de Manuel Alegre distingue-se, também, pela atenção dada ao regime ditatorial. No período em apreço, o autor publica três romances: *Jornada de África* (1989), *Alma* (1995) e *A Terceira Rosa* (1998). Numa prosa pautada por referências literárias portuguesas e estrangeiras, marcadamente nos romances de 1989 e 1998, o escritor propõe perspectivas abrangentes e literariamente sustentadas dos efeitos do salazarismo. Factos e literatura misturam-se na exploração de uma fase sombria do passado nacional. *Alma*, de pendor autobiográfico, conta-nos um Portugal dos anos 40 submetido à austeridade ditatorial no qual se vislumbra uma esperança de libertação – rapidamente desfeita – após o final da Segunda Guerra Mundial. O narrador, então criança, transcreve as emoções outrora vividas:

Naquele Inverno de 1946, eu andava na quarta classe e ouvia falar de prisões, tinha medo que viessem buscar a minha avó e as democracias ocidentais estavam-se pura e simplesmente borrifando para nós. (Alegre 1995/2004⁶:196)

Em *A Terceira Rosa* (1998), a paixão por uma mulher ausente e pela liberdade associam-se em Xavier, personagem através da qual se apresentam momentos sintomáticos da ditadura – e da sua queda – à luz do amor por Cláudia:

⁶ Quando os excertos transcritos não provêm da primeira edição das obras citadas, indicamos o ano em que esta ocorreu seguido do ano da edição utilizada no âmbito do nosso trabalho.

Gritou em coro as palavras de ordem, olhou as janelas e as varandas floridas da Almirante Reis e do Areeiro, era um na multidão, já não havia medo nem mordanças, do centro de cada um vinha um impulso, uma corrente, sentia-se no ar, um magnetismo, uma onda, um sopro benfazejo e libertador.

Mas Xavier procurava ainda o rosto de Cláudia no rosto visível de Lisboa libertada. Dizia baixo o seu nome, murmurava-o só para si. (Alegre 1998/2003:107)

Gostaríamos de dar especial realce a *Jornada de África*, já que nesta obra Manuel Alegre entrelaça dois momentos históricos determinantes para a constituição da identidade portuguesa: o mito de D. Sebastião, desaparecido em Alcácer-Quibir em 1578, e a guerra colonial. O jovem Sebastião vai para Angola integrar uma guerra que, como muitos dos seus compatriotas, não compreende. O relato desta experiência emocionalmente violenta reenvia constantemente à "jornada em África" de D. Sebastião no século XVI. Abre-se, assim, um campo de reflexão amplo sobre a identidade nacional a partir do confronto de dois episódios históricos, do qual avultam convergências e divergências significativas. Notamos desde já que *Jornada de África* se inscreve numa tendência, à qual voltaremos ulteriormente, característica da ficção portuguesa em estudo: a revisão de géneros literários codificados. Neste caso, estamos perante uma anti-epopeia, já que "a matéria épica é objecto de distorção: Sebastião é muito mais um herói da paz do que um herói da guerra. A substância de que são feitos os seus sonhos não é a "jornada de África", mas sim um imaginário geracional em que se reconhece toda uma mitologia coimbrã e académica dos anos 60. Os muitos poemas citados de Herberto Helder, Camões, Pessoa, Torga, [...], compõem um universo poético continuamente contraposto à dura realidade do conflito e constituem um canto de combate por uma outra luta, de sentido inteiramente diverso daquela em que se encontram envolvidos" (Lopes/ Marinho (dir.) 2002:467). Como o próprio alferes Sebastião afirma numa carta à sua amada:

Não sei, Bárbara minha, porque passei de Camões a esta prosa de dia de finados, com trejeitos andaluzes no meio. Não há aqui epopeia para dizer. Somos lusíadas do avesso, ninguém nos cantará. (Alegre 1989:186)

Lídia Jorge debruça-se igualmente sobre a guerra colonial, em *A Costa dos Murmúrios* (1998), mas de maneira mais comedida. Trata-se de um relato na primeira pessoa do singular que sugere o horror da guerra, deixando alguma margem ao leitor para, a partir de uma espécie de desprendimento inofensivo, chegar à violência que a guerra representa. Paradoxalmente, a narradora está convencida da inutilidade de qualquer reconstituição de episódios do passado:

Acho até interessante a pretensão da História, ela é um jogo muito mais útil e complexo que as cartas de jogar. Mas neste caso, porque insiste em História e em memória, e ideias que tanto inquietam? Ah, se conta, conte por contar, e é tudo o que vale e fica dessa canseira! Se é com uma outra intenção, deixe-se disso – reprima-se, deite-se, tome uma pastilha e durma a noite toda, porque o que possa ficar da sua memória sobre a minha memória não vale a casca de um fruto deixado a meio do prato. (Jorge 1998/2002:33)

O relato parte de um texto escrito sobre um determinado acontecimento ocorrido durante a guerra em Moçambique. Eva Lopo conversa com o autor deste texto que se intitula *Os Gafanhotos* e apresenta-lhe a sua versão da história e da História. Existe, assim, um distanciamento do que é contado que se concretiza textualmente quando Eva fala de si na terceira pessoa do singular. Um trabalho sobre a memória, um reviver pela palavra de episódios significativos, apesar da desconfiança da narradora relativamente a este procedimento.

Outro exemplo deste interesse notável pela História portuguesa é o livro de Álvaro Guerra, *Café 25 de Abril* (1987), que também recorre a um subterfúgio literário para apresentar os acontecimentos decorridos em 1974 e 1975. Baseando-se nas memórias de David Castro, o narrador reflecte sobre a História portuguesa a partir das mudanças ocorridas numa pequena terra, Vila Velha. O manuscrito e a aparente focalização no universo de Vila Velha permitem ao narrador principal um certo distanciamento e desresponsabilização relativamente aos factos relatados.

O romance *Um Deus Passeando na Brisa da Tarde* de Mário de Carvalho confirma a atenção dada à História nos últimos anos, mas afasta-se da temática ligada ao passado português recente. A história de Lúcio Valério, governante durante o império romano de uma região imaginária situada na Península Ibérica, trata de um assunto universal fundamentando-se num relato aparentemente histórico. De notar que o autor nos adverte, desde o início, de que:

Este não é um romance histórico. Tarcisis, ou, mais propriamente, o município de Fortunata Ara Tulia Tarcisis, nunca existiu. (Carvalho 1994:11)

Os acontecimentos, as atitudes das personagens, as relações que se estabelecem entre elas são históricos, mas a reflexão sobre as dificuldades da governação e tudo o que esta implica são actuais. O cenário é histórico, a intriga é intemporal.

A História é um segmento muito explorado na literatura portuguesa do século XX, mas é patente, mediante os exemplos anotados, que as forma como é apresentada são diversas e convocam inúmeros subterfúgios literários.

Em *O Dia dos Prodígios*, Lídia Jorge recorre a um episódio fantástico para retratar a vida numa pequena povoação durante um tempo próximo da Revolução de Abril. O episódio que desencadeia a narrativa é a existência de uma cobra voadora na aldeia. Alguns habitantes assistem a esse voo e o animal torna-se assunto de conversa predilecto, mas também catalisador de comportamentos amedrontados e desconfiados:

Em Vilamaninhos as pessoas já não podem encarar o nascer do dia como antes, porque suspeitam que há um ser desconhecido entre as casas. Tanto pode estar a apodrecer dentro do poço, como a reproduzir-se em cima de uma varanda. (Jorge 1980/1997:37)

A cobra voadora pode simbolizar diversas realidades, mas, quanto a nós, esta é sobretudo uma fonte de medo que pode reflectir aquele outro provocado pelo poder ditatorial. Mais tarde, na narrativa, chegam soldados que anunciam a Revolução de Abril. Os pensamentos dos habitantes de Vilamaninhos continuam monopolizados pelo episódio da cobra voadora. A força da fantasia,

do medo, da perplexidade e, até mesmo, de uma espécie de passividade resultam do confronto entre o relato da cobra voadora e aquele que anuncia o fim da ditadura. José Maria resume bem a situação no final da narrativa:

E o cantoneiro, José Maria, disse. Porque. Porque aqui se uma cobra salta dizem todos que voa. E ficam embasbacados, de queixo levantado, olhando a pontinha das chaminés. Mas se um carro aparece cheio de soldados, falando da mudança das coisas, olham para o chão desiludidos. (...). Vocês queriam asas, mantos, luzes, chuva de maravilhas e outras coisas semelhantes. (ibid.: 211)

"A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho", texto de Mário de Carvalho que integra a colectânea de contos com o mesmo título publicada em 1983, é exemplar do recurso ao fantástico⁷ para um melhor entendimento da identidade nacional como explica o escritor numa entrevista concedida a João Paulo Cotrim:

Nós somos mais do que nós, nós somos uma nação muito antiga. E, antes de sermos nação, isto tinha sido um caldeamento muito grande de povos e civilizações. Por detrás de nós, há toda uma estrutura histórica. Quando eu escrevo "A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho", quando os mouros aparecem aí num engarrafamento em Lisboa, é isso que eu quero dizer: atenção, nós somos uns e somos outros. Ou seja, temos cá uma civilização árabe também." (in Couto 2003:318)

A junção no mesmo espaço de dois dias cronologicamente afastados, 4 de Junho de 1148 e 29 de Setembro de 1984, tem por objectivo completar, por intermédio de dados históricos, o conhecimento do que é ser português. O fantástico é, assim, um processo que permite um melhor entendimento da identidade nacional e alerta para o facto que também somos o nosso passado.

⁷ Categoria literária que introduzimos na nossa reflexão, tendo em conta a seguinte definição proposta por Tzvetan Todorov: "le fantastique est fondé essentiellement sur une hésitation du lecteur – un lecteur qui s'identifie au personnage principal – quant à la nature d'un évènement étrange" (1976:165). Veja-se, nas obras aqui citadas, a tentativa das personagens envolvidas nos relatos de encontrar explicações plausíveis para os acontecimentos estranhos com que se deparam a partir de uma realidade que lhes é familiar.

Educação para a Tristeza (1998), de Luísa Costa Gomes, romance que se situa na idade contemporânea, contém também elementos fantásticos que facultam uma melhor caracterização da personagem principal, mulher cuja decisão de passar umas férias num local retirado a levará a viver aventuras até àquele momento inéditas na sua vida. Submersa por uma forte desorientação, Maria de Santa Bárbara encontrará em diversos animais, que possuem o dom da palavra e uma certa sabedoria, o apoio e a amizade que naquele momento não vislumbra nas pessoas que a rodeiam.

O fantástico é frequentemente utilizado para apresentar a realidade, episódios históricos e traços da condição humana, mas os autores da época em questão recorrem a outros mecanismos literários para questionar o romance enquanto estrutura linear e previsível.

Dos processos que mais abalam as características do romance tradicional, a metaficção é dos mais significativos. Vários autores introduzem nas suas narrativas observações sobre o acto de escrever, sobre o que está a ser relatado e sobre as palavras utilizadas. Esta partilha com o leitor da busca da melhor forma de transmitir uma ideia ou um acontecimento é uma constante da narrativa contemporânea e relega, muitas vezes, a intriga para o segundo plano.

Um dos autores mais emblemáticos desta tendência é Augusto Abelaira cujos romances são construídos a partir de um encadeamento vertiginoso de ideias onde cabem as hesitações quanto ao rumo tomado pelo romance. Transcrevemos um excerto de *Nem só mas também*, romance publicado em 2004, mas emblemático do *modus operandi* do escritor:

Explico: consciente ou inconscientemente (neste momento, conscientemente), não estarei, em vez de preocupado com a exactidão do relato, preocupado, sim, com a composição dele, isto é, com a forma de organizá-lo? Voluntária ou involuntariamente, não visarei certos efeitos que, sem deturparem a realidade, a intensifiquem – e utilizando para isso dados só depois sabidos. Escrevi um pouco atrás a expressão "já se verá porquê" e, mais tarde, "se quiserem". Este "já se verá porquê" parece um "já verão porquê". (Abelaira 2004:32)

Augusto Abelaira é também um autor que nos apresenta o mundo das possibilidades que sustentam um determinado acontecimento, acentuando assim a inutilidade de procurar uma verdade única como se observa no seguinte excerto de *Outrora agora*:

Se o elevador estiver à mão e a desconhecida se demorar a pedir a chave, ou se o recepcionista for à procura de correspondência, ou se..., ou se..., ou se..., então ainda poderá apanhá-la. (Abelaira 1996:13)

Acompanham a história desmultiplicada em possíveis acontecimentos, o humor, a ironia, o sarcasmo, apanágios da literatura das últimas décadas. Raras são as obras que não oferecem ao leitor um momento de autoanálise em que o texto que está a ser escrito se torna o centro do relato. Em *Insânia* de Hélia Correia encontramos dois capítulos⁸ constituídos por um resumo do relato que precede, pelas hesitações e desmotivações da narradora que tem dificuldade em prosseguir a sua história.

Faríamos agora, se todos permitissem, um momento de pausa. Transcorrido é um ano de relato, e quem relata está temendo que a tarefa se lhe torne impossível de cumprir, por falta de substância narrativa. (Correia 1996:143)

No já citado *Café 25 de Abril*, o narrador também insere no corpo do texto as suas reservas perante os apontamentos de David Castro. O leitor tem assim uma dupla visão dos acontecimentos: aquela que provém dos excertos dos apontamentos de David Castro, em itálico no corpo do texto, e a outra da responsabilidade de um narrador que, por vezes, emite a sua opinião quanto àquilo que transcreve:

David Castro ardia na amargura do idealismo espezinhado. (op.cit.:53)

De notar que o diálogo com o leitor é constante nesta obra:

⁸ Capítulo V e VI do livro 2.

Proponho-lhe, leitor, outro salto de dez anos sobre a papelada de David Castro que me permita ilustrar o que ele me disse, no começo da década de 80: *Não envelhecemos, meu caro. O mundo é que envelheceu.* (op.cit.:55)

Casimiro de Brito é um escritor cuja obra se caracteriza por uma busca de inovação ao nível da forma, nomeadamente pelo entrecruzar de géneros literários em textos que denomina romances. *Pátria Sensível* é uma obra emblemática da escrita do autor e interessa-nos, particularmente neste momento do nosso estudo, porque apresenta cinco capítulos intitulados “Diário do autor” cujo conteúdo versa sobre literatura, sobre a dificuldade de escrever e sobre o relato no qual estas observações metaliterárias são inseridas:

2 de Maio

A metáfora enquanto fábula, cena dramática. Um poema, um conto ou um romance são sempre uma espécie de *Mil e Uma Noites*, obra espiral: [...].
(Brito 1983:51)

Em *Imitação do Prazer*, também se verifica o afastamento do romance tradicional, anunciado pela advertência feita ao leitor antes do início da narrativa:

Este romance – tal como uma paisagem ou uma tela – admite várias leituras. A ordem dos capítulos é arbitrária, daí a sua sequência alfabética. O leitor comporá, completará o romance com a memória do seu corpo – mas não é o que fazemos perante uma paisagem, ou outro corpo? (Brito 1991:28)

Observa-se nos diversos excertos transcritos que o leitor é integrado no relato como um dos interlocutores, senão o único, do narrador. De facto, ele é, nas últimas décadas do século XX, cada vez mais solicitado pelos textos literários de maneira indirecta, quando o texto lido exige uma atenção redobrada para que alguns entraves, de ordem semântica e/ou sintáctica, à compreensão da mensagem sejam ultrapassados; de maneira directa, quando se torna cúmplice do narrador, aquele com quem ele partilha as hesitações, os obstáculos que vai encontrando no decurso do relato.



A ironia e a paródia, instrumentos convocados, amiúde, pela literatura das últimas décadas, fortalecem a cumplicidade com o leitor, posto que são tipos de discurso cuja eficácia depende de um conhecimento do mundo semelhante. *Era Bom que Trocássemos umas Ideias sobre o Assunto* é exemplar da associação da ironia com a metaficção que resulta numa prosa, simultaneamente, divertida e corrosiva:

E porque já vamos na página dezoito, em atraso sobre o momento em que os teóricos da escrita criativa obrigam ao início da acção, vejo-me obrigado a deixar para depois estas desinteressantes e algo eruditas considerações sobre cores e arquitecturas, para passar de chofre ao movimento, ao enredo. (Carvalho 1995:18)

Quer-me parecer que o leitor, neste ponto, ávido sobre o futuro de Joel Strosse manifesta alguma impaciência, que lha vejo na cara. A que vem, irrita-se, esta Eduarda Galvão? Peço-lhe serenidade e que não despegue do texto. A literatura é coisa muito séria, onde não entra o *zapping*. Eduarda tem um destino a cumprir e eu arranjarei maneira de a integrar na história, nem que tenha de fazer sair um deus numa máquina. (ibid.: 59)

Uma vertente lúdica instala-se, assim, na narrativa portuguesa nas últimas décadas do século XX: inovações ao nível da sintaxe, das palavras utilizadas, das vozes que assumem a narrativa, mas também uma utilização desviada de géneros literários fortemente codificados.

António Lobo Antunes, em *As Naus* (1988), reúne dois episódios cronologicamente distantes da História portuguesa, designadamente, os Descobrimentos e o regresso a Portugal dos habitantes das colónias. As personagens históricas presentes no romance⁹ são, através da sua inserção na idade contemporânea, apresentados como seres humanos comuns despojados de qualquer indício de glória ou de heroísmo. Estamos perante uma espécie de anti-epopeia através da qual um dos momentos mais áureos da História portuguesa é banalizado, senão ridicularizado, todavia, na esteira de Maria Alzira Seixo, defendemos que a paródia ao convocar um assunto também lhe presta homenagem (Seixo 2002:176).

⁹ Pedro Álvares Cabral, Diogo Cão, D. Manuel, D. Sebastião, Luís de Camões, entre outros.

O drama vivido pelos retornados é evocado através da presença de um casal que regressou da Guiné. Esta obra abre, assim, várias possibilidades de reflexão sobre a identidade portuguesa através de uma apresentação dos factos históricos que se afasta claramente da História oficial e das obras épicas que visam a glorificação do passado.

[...] um dos interesses maiores deste livro consiste em sugerir também a dimensão neocolonial que a descolonização portuguesa (como todas as outras) implicou, e em inverter papéis de representação “histórica” numa con-versão “fabular” que lhes retira a componente mítica e lhes restitui a grandeza e/ou a fragilidade humana.(ibid.:173)

O romance *As Naus* apresenta-se, assim, como particularmente representativo no âmbito da nossa síntese, posto que ao visitar a História sob uma perspectiva nunca tão cruamente explorada, reenvia – apesar da variedade de tons que se estende do cómico corrosivo ao trágico sombrio – para uma visão disfórica da identidade nacional e para um irremediável desencanto que, como veremos ulteriormente, caracteriza a ficção portuguesa deste final de século. Em suma, estamos perante uma epopeia do avesso que revela as fragilidades de um povo através de uma recaracterização mordaz dos seus heróis históricos.

Exemplar de um aproveitamento peculiar de um género literário codificado é, também, *Amadeo* de Mário Cláudio. De facto, trata-se de uma obra na qual a biografia do pintor Amadeo de Souza Cardoso é central, posto que uma das personagens a está a elaborar. Entrelaçam-se vozes distintas – a do biógrafo, a do seu sobrinho e a de um amigo do último – que fazem desta obra, alicerçada em episódios da vida do pintor português, uma reflexão sobre o acto de escrever. O leitor percebe que não está perante uma biografia tradicional, mas sim de um texto que esmiúça o acto de criar mediante várias vertentes, uma delas a vida do pintor Amadeo de Souza Cardoso:

Considera-se um biógrafo. Reúne documentos recentes, ouve quem ouviu do homem, acrescenta a tudo isso estâncias da própria existência. Este meu

tio Papi pretende justificar-se. A vida apenas se lhe torna inteligível na vida de outrem, e é isso quase tudo quanto o move. (Cláudio 1984/2003:15)

Um dos géneros literários mais convocados para ser desviado do seu propósito inicial é o romance policial. Vários escritores introduzem nas suas narrativas investigações que mergulham o leitor num universo onde reina o *suspense*, porém, tais buscas levam-no frequentemente a fazer um percurso muito mais abrangente do que o mero desvendar de um mistério. Um enigma está no centro destes romances, mas o caminho percorrido pela intriga para o resolver integra reflexões sobre aspectos nucleares da condição humana. É o caso de *O Dragão de Fumo*, que, para além de um relato policial, contém uma reflexão sobre as relações interpessoais e sobre o lugar como catalisador de emoções, sentimentos e memórias:

Nunca teria imaginado e não admira. Mas agora a esta luz, recorda inflexões de voz e olhares que estavam mergulhados no passado. [...].

E deixa-se envolver por Vale de Monges, o seu rio, as suas árvores, o seu perfume de imutabilidade. (Aguiar 1998:316)

O desaparecimento da mulher do narrador em *A Fenda Erótica* (1988), de Hélia Correia, leva-o a iniciar uma investigação que resultará na descoberta de um novo modo de vida. Associam-se à intriga algumas características do romance de aprendizagem, no qual o herói se confronta com vários obstáculos antes de atingir o equilíbrio perseguido.

A saturação de um quotidiano entediante, causa do desaparecimento da personagem, faz eco a um desencanto que caracteriza muitas das narrativas do final do século XX. Essa passividade desiludida é muitas vezes ilustrada por indivíduos provenientes de uma geração que depositou fortes esperanças no final da ditadura, que por ele lutou, mas que, quando este ocorreu, se deparou com uma realidade muito diferente do sonho que outrora a entusiasmava.

Elegia para um Caixão Vazio, de Baptista-Bastos, retrata bem a indiferença amargurada que se alastra depois da Revolução de Abril e nos últimos anos do século XX. Nesta obra, a ficção confunde-se com a realidade pelo facto do narrador se chamar Bastos e ser escritor. A escrita, a geração que fez a

revolução, nomeadamente as suas desilusões depois do 25 de Abril, são os núcleos reflexivos deste romance emblemático da desorientação finissecular:

Ora bem: aconteceu o 25 de Abril. São livres, vocês?; somos livres? Éramos todos mais livres no tempo do fascismo. Sabes porquê? Porque a esperança estava intacta; porque lutávamos contra toda e qualquer forma de mutilação individual. O fascismo estava ali e combatíamos-lo em grupo. E agora? (Baptista-Bastos 1984:58)

O amor aparece, por vezes, como um escape a tanto negativismo, mas nem esse sentimento logra vencer a apatia que caracteriza o narrador:

Até o amor, a horas certas, em camas certas, não passa de um exercício de estilo. Frequentemente mesquinho e atroz. Disciplinados, cumprimos o contrato, e se por dentro morremos sem remédio, ninguém o poderá saber nunca; isso me basta. (ibid.:70)

Estamos perante o desalento de um homem refém de um estado de acomodação que não consegue alterar:

Fui adaptado a uma sociedade que repudio, prometeram-me outra, inexistente; por isso inseri-me numa disciplina especial, mergulhei no interior da esperança perturbada, adquiri convicções e ideias talvez para me libertar do caos que, afinal, não admito existir em mim próprio. (ibid.:121)

A obra de António Lobo Antunes, apesar de alguns dos seus romances estarem ligados a episódios históricos, também pertence a esta categoria do desencanto finissecular. A sua prosa apresenta um desacreditar muitas vezes próximo da náusea, uma lucidez cortante que torna difícil, senão insuportável, o quotidiano banal e repetitivo:

Como este tipo é real, como este tipo é tranquilizadamente real, pensou, até no hálito espesso de bagaço, até na vulgaridade obsequiosa das feições: um homem concreto, verdadeiro, sólido, ancorado no mundo lógico dos

impostos, das multas por estacionamento proibido, das costeletas à salsicheiro e dos pequenos ódios conjugais. (Antunes 1980/2002:76)

Uma perspectiva diferente é apresentada em *Do Fim do Mundo* de Nuno Bragança. Túlio, a personagem principal deste relato opta pelo risco, pela fuga ao tédio cuja chegada pressente. O leitor não saberá se a personagem será bem sucedida na sua tentativa de mudança, mas sabe que rejeita o desânimo passivo:

A ideia de que deixara Vera sem saber se tinha garantida a desejada companheira era fonte de alguma inquietação, [...].

Túlio corria assim o risco de saltar dum trapézio, e sem rede. Fazia as coisas deste modo por pura fidelidade ao que sempre fora o estilo dele. (Bragança 1990:43)

Os afectos, a forma como nos relacionamos com o outro são temáticas que sobressaem na prosa das escritoras portuguesas que se impuseram no panorama literário das últimas décadas do século XX. O surgimento, na década de 80, de um número considerável de obras elaboradas por mulheres promove a reflexão sobre a escrita feminina, dado que, para além das diferenças, é possível, nestas narrativas, detectar um conjunto de traços recorrentes e comuns. Antes dos anos 80, algumas obras haviam iniciado esta vertente da literatura portuguesa de forma pontual, tais como, entre outras, *A Sibila* (1954), de Agustina Bessa-Luís, *Mestre* (1961), de Ana Hatherly, ou *Novas Cartas Portuguesas* (1972), de Maria Velho da Costa, Maria Isabel Barreno e Maria Teresa Horta; mas são as publicadas no período pós-ditatorial que tornam pertinente a definição de uma escrita denominada feminina. As leituras efectuadas, no âmbito deste trabalho, revelam traços comuns que vão ao encontro dos assinalados por Isabel Allegro Magalhães em "Os véus de Artémis: alguns traços da ficção narrativa de autoria feminina" (1992), reflexão sobre a produção literária feminina pós-25 de Abril. Isabel Allegro Magalhães divide a sua análise em conteúdos e linguagem. Concordamos com esta distinção, no entanto, na nossa opinião, é da exploração muito peculiar do léxico, da sintaxe e dos ritmos frásicos que partem as especificidades mais

pertinentes da escrita feminina em exame. Grande parte destas narrativas fixa-se em temas relacionados com a História, a sociedade contemporânea ou as relações interpessoais através de uma linguagem muito própria que configura uma percepção intimista e emocionalmente meticulosa dos universos explorados. De referir a cadência desta prosa cuja lentidão pode sugerir a de um olhar que abranda para assimilar um detalhe que ganha, assim, relevância:

Nota-se ainda, nestas narrativas, uma qualidade da *atenção*, proveniente tantas vezes de um tempo de escuta e de silêncios que lhe confere uma intensidade particular, entregue a pequenas coisas e factos, aos seus pormenores, a rudimentares indícios captados intuitivamente. (Magalhães 1992:160)

O vocabulário que reenvia ao corpo humano, o recurso a mecanismos característicos do discurso oral, a exploração não linear do tempo são aspectos da escrita feminina destacados por Isabel Allegro Magalhães que também observámos aquando das nossas leituras.

Não se deve excluir desta atenção ao universo feminino e ao pormenor da emoção os escritores¹⁰, mas é notável que o aparecimento na cena literária portuguesa de obras escritas por mulheres tenha desenvolvido uma vertente em que uma sensibilidade minuciosa orienta predominantemente o processo criativo.

Teolinda Gersão é uma das escritoras portuguesas que melhor representa esta atenção sensível às minudências do quotidiano, às teias de emoção que o ser humano cria consigo próprio e com o outro, às consequências que o detalhe pode ter no evoluir de uma situação. Em *O Silêncio*, as conversas entre um homem e uma mulher servem de pretexto para apresentar a dificuldade que um ser humano tem em comunicar com outro: as palavras como instrumento

¹⁰ Clara Rocha sobre *Os Nós e os Laços* (1985) de António Alçada Baptista: "a emergência de um olhar feminino sobre o mundo que talvez possa resgatá-lo e restituir-lhe uma harmonia perdida.", (Lopes/Marinho (dir.) 2002:482). Urbano Tavares Rodrigues já havia assinalado a vertente feminina da escrita de António Alçada Baptista: "Em romances ou novelas como *Os Nós e os Laços*, de 1985, *Catarina e o Sabor da Maçã*, de 1998, e *O Riso de Deus*, de 1994, muito mais tardios, o amor pela mulher e sua compreensão quase cutânea são as notas dominantes, a par da especulação quase filosófica" (2001:246). De um ângulo um pouco diferente, Carlos Reis alertava para o facto de que "a questão do feminino, enquanto elemento temático, não é exclusiva de obras escritas por mulheres", dando como exemplo a temática de *O Delfim* (1968) onde se "descreve um mundo machista em vias de extinção e insensível a um feminino que se ia autonomizando" (2005:310).

necessário para construir uma relação, as palavras como meio de agressão ou de cumplicidade. Dos discursos proferidos pelo homem e pela mulher, emergem duas visões do mundo diferentes, senão opostas. Um abismo separa-os e as palavras aparecem como a causa e o sintoma desse abismo:

[...] então ela retirou o rosmaninho, o tojo, o alecrim bravo e a lúcia-lima, retirou o jardim, a casa, o mar e a praia, e reconheceu que eles eram um homem e uma mulher que não se amavam, porque não conseguiriam falar nunca.

E porque ele a agredia, recusando-se a escutá-la, ela o agrediu, descrevendo as coisas que ele recusava admitir e pôr em causa, e que todavia estavam tão perto que bastava estender os olhos, ao acaso, através da janela – [...]. (Gersão 1981:111)

As consequências de um adultério na vida familiar de uma mulher sustentam o enredo de *Os Anjos*, narrativa da mesma autora. A relação extraconjugal é subtilmente sugerida, nomeadamente através do seu efeito catalisador de harmonia na família daquela que vive a relação paralela. É o elemento mais jovem da família, a filha da personagem principal, que com toda a sua inocência relata as mudanças de comportamento da mãe causadas pela evolução do amor clandestino. A narradora desvenda, pouco a pouco, o segredo materno e conclui que o equilíbrio do núcleo familiar depende de uma ligação, geralmente, considerada culpada:

Éramos uma família, vi. O meu pai, a minha mãe, o meu avô e eu. O que quer que acontecesse, a minha mãe voltaria sempre, não punha um pé em falso ao andar nem caía do alto das ravinas. Nem a levava o vento. Porque estava ligada a nós. (Gersão 2000:46)

A escrita feminina debruça-se muitas vezes sobre micro-universos nos quais se concentram emoções, sentimentos e crises existenciais. Uma das vertentes da narrativa das últimas décadas do século XX é, justamente, a focalização num mundo limitado ao quotidiano de pessoas comuns, da qual resultam considerações de ordem mais abrangente.

Anteriormente, evocámos *O Dia dos Prodígios* de Lídia Jorge e *Café 25 de Abril* de Álvaro Guerra, romances nos quais a concentração do relato em pequenas povoações permite tirar ilações relacionadas com a História portuguesa durante os anos próximos da Revolução de Abril. Em *Elegia Para um Caixão Vazio* de Baptista-Bastos, o drama de um escritor corresponde à angústia de toda uma geração que depositou muitas esperanças no final da ditadura e que muito lutou por ele.

Em vários contos de Maria Isabel Barreno e de Luísa Costa Gomes, por exemplo, é da história, aparentemente, singular que se retira uma visão mais ampla do ser humano, dos seus dramas e das suas felicidades.

António Lobo Antunes também parte frequentemente de quotidianos banais para nos confrontar com o absurdo da existência humana, com personagens profundamente infelizes que transportam uma angústia densa e imparável como observamos neste excerto de *Explicação dos Pássaros*:

E no entanto, pensava ele agora, não gostava dela, era impossível que gostasse verdadeiramente dela, não possuíam nada em comum que os ligasse, salvo a mesma origem decadente e a mesma incurável adolescência à deriva: [...]. Ter-se-ia tornado adulto desde então? Adulto por dentro, responsável, capaz, com força para o absurdo cretino do dia-a-dia? (Antunes 1997:74)

Paulo Castilho opta por abordar a desorientação finissecular através de um esmiuçar de relações difíceis vividas pelas suas personagens, simbólicas da perda de valores e de rumo que se vive nas últimas décadas do século XX, nomeadamente depois da revolução.

Seria paranóia, mas achei que havia naquilo mensagens para mim.
Aguentar. A sós, o inferno. A dois, dois infernos. (Castilho 1989/2000:62)

Pedro Paixão reduz o raio de observação apresentando-nos pensamentos de personagens vencidos por um forte desânimo, mergulhados no fracasso das suas vidas pessoais, na dificuldade de reagir à indiferença e ao pessimismo paralisantes.

Desde a última vez, desde a última vez, não sei a sério há quanto, tanta coisa se passou e quase nada, se formos a ver, sobretudo daquilo que estou à espera que aconteça e não acontece, nem sei muito bem o quê, mas tem de acontecer, e o mais depressa possível porque de outra maneira não pode ser e estou a começar a ficar aflita, tu não? (Paixão 2000:320)

Pedro Paixão pode ser associado ao grupo de autores, que Miguel Real denominou Geração de 90¹¹, responsáveis por narrativas que carecem de valor literário, mas beneficiam de um grande sucesso comercial. Concordamos com Fernando Pinto do Amaral que afirma tratar-se de “um fenómeno talvez mais sociológico do que estritamente literário dos anos 90”¹², todavia, parece-nos legítimo mencionar esta tendência quando se pretende assinalar as principais orientações da ficção publicada nas últimas décadas. De ressaltar que os textos da Geração de 90 se confinam a relatos que não deixam qualquer margem para reflexões consistentes e se afastam dos quotidianos densos evocados anteriormente.

Verifica-se pela diversidade de obras evocadas anteriormente que é impossível agrupar a produção romanesca das últimas décadas do século XX numa corrente única e definida. Apesar da possibilidade de distinguir núcleos de interesses comuns a vários escritores tal como inovações formais recorrentes, a variedade de reflexões e de maneiras de as conduzir é uma das características mais evidentes da ficção nacional em estudo. Existe, no entanto, um movimento literário que, apesar de polémico, abraça as alterações mais significativas da literatura nacional e estrangeira da segunda metade do século passado: o pós-modernismo.

Convém, aqui, sublinhar que o início da ficção pós-moderna portuguesa é anterior ao período em apreço, como o mostra de forma sustentada o estudo de Ana Paula Arnaut, *Post-Modernismo no Romance Português Contemporâneo* (2002), no qual a investigadora apresenta *O Delfim* (1968) de José Cardoso Pires como a obra que marca o advento do pós-modernismo literário português:

¹¹ Ver Real (2001).

¹² In Martinho (coord.) 2004:92.

De acordo com a linha de orientação por que enveredámos e no âmbito das grandes linhas teóricas desenvolvidas e postas em prática pelos post-modernistas norte-americanos, *O Delfim* deverá ser considerado o grande marco inicial do Post-Modernismo português. Com efeito, é esta obra que, em nossa opinião, reúne, recuperando e travestindo de forma embrionária, as grandes tendências periodológicas que, doravante, passarão a ser a imagem de uma nova *griffe* literária. (Arnaut 2002:357)

Transcrevemos dois excertos, no nosso entender, emblemáticos do pendor pós-moderno de *O Delfim* no qual o narrador, entrecruzando memórias, testemunhos e ponderações – suas e alheias – de vários tempos, procura resolver o mistério da morte de Domingos e de Maria de Mercês. O mistério permanecerá, para além das diferentes opiniões consignadas. A investigação levada a cabo pelo narrador proporciona resultados de outros tipos, certamente mais benéficos para o leitor: um retrato minucioso de um Portugal submetido ao regime ditatorial cada vez mais enfraquecido e uma reflexão atenta sobre a arte de escrever.

Silêncio a seguir: uma esposa que faz malha, um Engenheiro anfitrião que bebe, rolando o copo nos dedos. Situação pouco agradável para um visitante, se não fosse o whisky velho que o acompanha e não menos velha curiosidade que nunca abandona o contador de histórias, esteja onde estiver. Coleccionador de casos, furão incorrigível, actor que escolhe o segundo plano, convencido de que controla a cena, deixa-me rir. Rir com mágoa, porque todos os contadores de histórias, por vício ou por profissão, merecem as sua gargalhada quando julgam que controlam a cena. E quem os trama é o papel, o espaço branco que amedronta – e aí, adeus suficiência. Não há boa gramática que os salve. (Pires 1968/2008:63)

E quem escreveu isto: "Que pandeiretas o silêncio deste quarto...As paredes estão na Andaluzia...etc." Quem foi?

Pessoa, o obrigatório. Fernando Seabra Pessoa (1888-1935), dom Sebastião da Poesia nacional. Ainda que não queira citá-lo, os versos dele pulsam-me aqui ao ouvido mais quente do travesseiro e, se os não sei de cor (que não

sei), tenho-os na *Chuva Oblíqua* em papel burguesíssimo das edições Ática, de Lisboa. É só copiar: [...]. (ibid:224)

Para além, do romance de José Cardoso Pires, Arnaut salienta as linhas pós-modernas de diferentes obras, algumas delas citadas no âmbito do nosso trabalho, designadamente: *Balada da Praia dos Cães* (1982), de José Cardoso Pires; *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977) e *História do Cerco de Lisboa* (1989), de José Saramago; *Amadeo* (1984) e *As Batalhas do Caia* (1995), de Mário Cláudio; *A Paixão de Conde de Fróis* (1986) e *Era Bom que Trocássemos umas Ideias sobre o Assunto* (1995), de Mário de Carvalho. De anotar ainda que, antes de uma expressão mais viva do pós-modernismo na paisagem literária portuguesa, "romancistas como [...] Almeida Faria, o Augusto Abelaira de *Bolor* (de 1968, o mesmo ano d'*O Delfim*) ou o Carlos de Oliveira de *Finisterra. Paisagem e Povoamento* (1978)" (Reis 2005:296) apresentavam no seu trabalho traços característicos desse movimento estético. Regressando aos anos em exame, seria precipitado e redutor classificar toda a ficção portuguesa publicada nas últimas décadas do século XX de pós-moderna, mas podemos afirmar, com base no panorama elaborado, que a maior parte desta contém vestígios desse movimento ainda em vias de definição. Contudo, é possível discernir as principais características do pós-modernismo literário a partir de trabalhos¹³ de estudiosos que sobre ele se debruçaram. De todos os elementos evocados pelos investigadores, anotamos os mais abrangentes e consensuais:

(1) Os autores utilizam frequentemente géneros literários canónicos de forma "paródica e provocatória" (Reis 2005:296). Desenha-se, assim, um elo com a tradição literária, elo ambíguo que liga ao mesmo tempo que distancia.

A utilização de características do romance policial como base de alguma da ficção que se escreve em Portugal e no estrangeiro ilustra bem este ponto, tal como as diversas formas de "biografias" que oscilam entre realidade e ficção.

¹³ Ver Reis (2005), Arnaut (2002), Lima (2000), Ceia (1998), Fokkema (1997 e 1988) e Hutcheon (1991) entre outros.

(2) A História serve de base a inúmeros romances das últimas duas décadas, porém, não se trata de descrever um momento histórico de maneira rigorosa, de repetir o que os historiadores retiveram, mas de sugerir uma reflexão mais ampla que, partindo de um acontecimento passado, incide sobre o presente. É comum que os escritores prefiram concentrar-se em episódios históricos menos divulgados ou personagens do passado que não constam dos manuais escolares. A reescrita da História pode ser vista como uma transgressão ao romance histórico do século XIX¹⁴.

(3) Outra das características do romance das últimas décadas é a frequência de discursos metaficcionais. Os romances integram uma reflexão sobre a sua própria evolução, os métodos que orientam a sua elaboração e o desenrolar da narrativa. Os autores utilizam a ficção para reflectir sobre o seu trabalho, quebram a ilusão romanesca e esbatem os contornos do género.

(4) A ironia, a paródia e a junção de diversos registos linguísticos aparecem como recursos narrativos dominantes, o que, muitas vezes, tem por consequência a construção de discursos onde prevalece uma “pulsão lúdica” (Barrento 2001:21) catalisadora de uma indiferença de superfície que oculta, parcialmente, os grandes dramas da condição humana tratados nestas obras. Como afirma Linda Hutcheon, “talvez a ironia seja a única forma de *podermos* ser sérios nos dias de hoje” (1991:62).

O facto destas características estarem presentes na maior parte da ficção portuguesa das duas últimas décadas, não significa que exista uma coesão na produção romanesca dos anos referidos. Verifica-se uma tendência que podemos qualificar de pós-moderna, porém, cada autor utiliza os instrumentos narrativos inovadores consoante o seu projecto estético, o que dá lugar a obras de tonalidades e temáticas diversas. Constata-se, no entanto, que a História portuguesa é um dos assuntos mais tratados, sobretudo nos anos 80.

¹⁴ Para denominar esta categoria consideramos pertinente a expressão “metaficção historiográfica” criada por Linda Hutcheon em *Poetics of Postmodernism* [1989] para captar as características essenciais de um segmento da ficção contemporânea assinado por nomes como os de Umberto Eco, Robert Coover, Salman Rushdie, L.E. Doctorow e outros. A autora não se refere à ficção propriamente “histórica” mas ao romance contemporâneo como tal – o romance a que chama pós-moderno –, em que a presença e a elaboração do tema histórico ocupam o centro da narrativa.” (Kaufman 1991:124)

A Revolução de Abril que trouxe consigo a descolonização levanta inúmeras questões sobre o passado, o presente e o futuro de Portugal e serve muitas vezes de base às reflexões propostas pelos autores.

Luísa Costa Gomes alerta-nos para a omnipresença desta temática no início do seu romance *O Pequeno Mundo*:

Leitor! Este livro não fala do 25 de Abril. Não se refere ao 11 de Março e está-se nas tintas para o 25 de Novembro. Pior, não menciona em lugar nenhum a guerra em África. Não reflecte sobre a nossa identidade cultural como povo, o nosso futuro como nação, o nosso lugar na comunidade europeia.

Suportará o leitor um livro assim?

Duvido. Foi à sombra do benefício dessa dúvida que o escrevi e agora dou a publicar. (Gomes 1988/2002:23)

Como complemento aos dados mencionados, convocamos o estudo *Ficção portuguesa pós-Abril*, no qual Ramiro Teixeira salienta que a literatura portuguesa pós-revolução está marcada por um trabalho sobre a linguagem, por uma espécie de voga experimental de tal modo omnipresente que o romance se afasta dos leitores porque "no fundamental (...) toda a ficção portuguesa corria associada à evolução ou à pesquisa do discurso narrativo ou de escrita" (Teixeira 2000:50).

II. Divulgação literária

Este distanciamento do público em geral da literatura é associado a um outro factor: a evolução da crítica literária para um discurso de difícil acesso para os não especialistas (ibid.:54). O desaparecimento dos suplementos literários nos jornais diários corrobora esta situação em que a literatura e os discursos com ela relacionados passam a ocupar um espaço mais específico, menos próximo do leitor comum.

As considerações precedentes levam-nos a introduzir algumas observações sobre a crítica literária e a sua importância na definição do contexto literário português actual.

Quando observamos a presença do discurso sobre literatura no espaço público nos últimos anos do século XX e ainda hoje, não encontramos um grande número de suportes que se dediquem a esse aspecto cultural. A crítica literária parece limitar-se cada vez mais ao meio universitário e ser veiculada por revistas especializadas pouco procuradas por aqueles que não estão profissionalmente ligados à literatura. Já em 1984, Eduardo do Prado Coelho, ao fazer uma retrospectiva do ensaio literário lamentava a “pobreza impressionante” de Portugal nesta matéria e alertava para o facto de que “a crítica passou a ser fundamentalmente uma *extensão da actividade universitária*” (Coelho 1984:49) e que “o *crítico regular* que fala de todas as obras foi substituído pelo *crítico eventual* que escolhe cautelosamente as obras de que vai falar” (ibid.:50).

Num artigo publicado aproximadamente dez anos depois do acima citado, Maria Alzira Seixo, apesar de se mostrar num primeiro tempo entusiástica quanto à produção literária portuguesa, assinala também algumas lacunas relacionadas, nomeadamente, com a difusão da mesma. Lamentando que a televisão não atribua mais espaço a essa dimensão da nossa cultura, Maria Alzira Seixo também alerta para o facto de a crítica jornalística optar “não [por um] a informação equilibrada e regular, mas [ter] um papel de animação e de debate, por vezes mesmo de escândalo (...)” (Seixo 1993:60) e conclui que o “trabalho sobre o literário apresenta em Portugal, alguns sintomas que, muito a contragosto, terei de classificar de subdesenvolvimento, por um lado, e, por outro lado, de lamentável deterioração.” (ibid.:61)

O livro de Carlos Ceia, *O Professor Sentado* (2004), que é uma sátira do mundo académico português, também sugere que os universitários dedicam muito tempo a questões alheias ao conhecimento e à sua divulgação. Como nos adverte Carlos Ceia, na nota de autor, trata-se de uma obra de ficção, todavia, é improvável que se leia tal romance sem imaginar que este se inspira em factos reais, vividos na primeira pessoa, tendo em conta a situação profissional do autor¹⁵.

Também Carlos Leone expressa a sua desilusão perante a crítica literária portuguesa no artigo, “Críticos ou trabalhadores intelectuais?” (2001) ao evocar

¹⁵ Professor na Universidade Nova de Lisboa.

a “fraca actividade editorial” e ao qualificar o meio académico português de “fechado e conservador”.

Ao longo dos balanços literários¹⁶ consultados, deparamo-nos com observações que vão no sentido daquelas já evocadas. Apesar de existirem também opiniões positivas, o desânimo em relação a este tema é o mais comum.

Os comentários, atinentes à divulgação da literatura portuguesa, efectuados em anos diversos levaram-nos a observar a situação deste sector durante a nossa investigação. A análise desta realidade em Outubro de 2006¹⁷ justifica-se, posto que tal pesquisa pode confirmar o pouco interesse concedido à literatura ou salientar inflexões do mesmo.

Com o intuito de verificar se as afirmações algo pessimistas transcritas anteriormente evocam situações pontuais ou, pelo contrário, um aspecto duradouro da divulgação literária em Portugal, e tendo em conta a importância que têm na sociedade contemporânea a rádio e a televisão, fizemos um levantamento dos programas de televisão e de rádio emitidos por esses *media*. O resultado deste trabalho não é muito animador: os programas sobre literatura são raros e, a maior parte, transmitidos a horas de pouca audiência.

*Páginas Soltas*¹⁸, apresentado por Bárbara Guimarães, é o único programa televisivo diário consagrado à literatura. Apesar de ter uma curta duração (30 minutos), esta emissão apresenta, todos os dias, aos telespectadores um livro, livro escolhido por uma figura pública que não está forçosamente ligada à literatura em termos profissionais. De relembrar, no entanto, que *Páginas Soltas*, apesar de ser um programa cujo horário e as características são

¹⁶ Balanços literários publicados entre 1980 e 2002 na *Vértice*, na *Colóquio-Letras* e também sob forma de pequenos fascículos da responsabilidade da Dom Quixote.

¹⁷ Salientamos o facto de que todos os levantamentos que sustentam esta parte do nosso trabalho foram realizados em 2006 e que, tendo em conta as exigências de um mercado agressivo e sempre em busca de novidades, existe uma forte probabilidade para que nos anos seguintes os programas e publicações citados sofram alterações diversas ou venham mesmo a ser eliminados do espaço cultural português. Todavia, no âmbito da nossa investigação, considerámos importante elaborar uma análise pontual para contrapor às reflexões sobre crítica literária anotadas. Em 2009, data de entrega do nosso trabalho, várias modificações haviam já ocorrido nestas áreas, como por exemplo: os programas televisivos *Páginas Soltas*, *Entre Nós*, *Por Outro Lado* e *Livro Aberto* e os radiofónicos *Á Volta dos Livros* e *Escrita em Dia* deixaram de ser transmitidos, a publicação de *Mil Folhas* foi interrompida, a revista *Ler*, depois de um período de ausência, tornou-se em Maio de 2008 uma publicação mensal e a RTPN inicia, a 5 de Agosto de 2009, o programa semanal *Conversas de escritores* conduzido por José Rodrigues dos Santos. Não reelaborámos, em 2009, uma análise pormenorizada, mas podemos afirmar, por estarmos atenta a esta matéria, que o espaço concedido à literatura nos *media* não sofreu alterações notórias desde Outubro de 2006.

¹⁸ Ver nota 17.

susceptíveis de atrair uma audiência larga e diversificada, é transmitido pela Sic Notícias, canal codificado não acessível a todos os telespectadores.

No que diz respeito aos canais abertos é, sem margem de dúvida, a RTP 2 que apresenta uma programação mais atenta a temáticas relacionadas com o mundo das Letras. Para além de documentários pontuais sobre vultos da literatura portuguesa, a RTP 2 apresenta programas que, não sendo totalmente dedicados à literatura, abordam, por vezes, assuntos literários como o *Entre nós*¹⁹ (programa diário) e *Por Outro Lado*²⁰ (programa semanal). *Livro Aberto*²¹ e *Câmara Clara*, programas semanais, versam igualmente sobre literatura, apesar do segundo convocar sistematicamente temas ligados a outras áreas culturais.

Quanto aos programas radiofónicos, as propostas também escasseiam, posto que, encontramos unicamente quatro programas dedicados à literatura: *O Prazer de Ler* na RDP internacional²²; *Última Edição*²³, programa da Antena 2; *À Volta dos Livros*²⁴ e *Escrita em Dia*²⁵, ambos na Antena 1.

Na imprensa, o único suplemento literário é o “Mil Folhas”²⁶ do jornal *Público* que, no momento do nosso levantamento, em Outubro de 2006, é publicado semanalmente, à sexta-feira. A “6ª”, revista do *Diário de Notícias*, e a “Actual”, suplemento do *Expresso* publicam semanalmente informação sobre livros e literatura numa secção que lhes é reservada. No semanário *Sol*, a presença da literatura é um pouco mais reduzida: o jornal tem uma secção dedicada à arte e cultura, mas os temas literários tratados são escassos, senão inexistentes. Quanto aos restantes jornais publicados em Portugal pouco espaço, senão nenhum, é reservado ao assunto em questão.

Algumas publicações dirigidas a um vasto leque de leitores introduzem, frequentemente, temas literários nos seus conteúdos, mas não se trata de algo

¹⁹ Ver nota 17, p. 40.

²⁰ Ver nota 17, p. 40.

²¹ O facto de este programa ser transmitido às 3:40 é sintomático do pequeno espaço que é reservado à literatura na televisão. Ver nota 17, p. 40.

²² Vai para o ar três vezes por dia e tem duração de 15 minutos.

²³ Programa que vai para o ar de segunda a sexta, que se inicia às 24:00 e dura aproximadamente dez minutos. Trata-se de uma entrevista breve que também pode ser ouvida no “site” da Antena 2 na Internet.

²⁴ Programa que dura 20 minutos e que vai para o ar três vezes por dia. Ver nota 17, p.40.

²⁵ Inicia-se às 00:12 e dura aproximadamente uma hora. Ver nota 17, p.40.

²⁶ Ver nota 17, p.40.

sistemático. É o caso da revista *Visão* que se debruça, por vezes, sobre esta vertente cultural, nomeadamente através de entrevistas a escritores.

De sublinhar que muitos dos textos sobre literatura publicados em jornais são da responsabilidade de jornalistas mais ou menos ligados à área, todavia, também encontramos, em Outubro de 2006, artigos e crónicas que provêm de colaboradores profissionalmente ligados ao mundo literário como é o caso de António Lobo Antunes e de Maria Alzira Seixo na revista *Visão*, de João Barrento e Eduardo Prado Coelho no "Mil Folhas" e de Frederico Lourenço no suplemento cultural "6ª" do *Diário de Notícias*.

Verifica-se que o espaço reservado à literatura na imprensa não é preponderante nem suficiente para que possamos falar de uma divulgação consistente de reflexões atinentes a este aspecto cultural.

Entre as publicações mencionadas anteriormente e aquelas que têm como alvo os especialistas da área, existe um patamar intermédio onde cabem os periódicos que fornecem informação susceptível de interessar amadores e especialistas.

O Jornal de Letras, Artes e Ideias (JL), publicado bimensalmente desde 3 de Março de 1981, é, sem dúvida, o periódico de maior difusão nesta categoria. No editorial publicado no seu primeiro número, os objectivos perseguidos são explicitamente mencionados:

[...] queremos ser um quinzenário de cultura potencialmente para toda a gente. Recusamos, pois, os códigos das linguagens cifradas e os exercícios herméticos para pretensos iluminados. (Pires 1986:181)

Tendo sempre beneficiado de uma equipa de colaboradores profissionalmente ligados à literatura – Carlos Reis, Maria Alzira Seixo, José Luís Peixoto por exemplo –, o JL poderá usufruir de uma credibilidade sólida que faz dele um periódico cujos conteúdos, nomeadamente os literários, são fonte de reflexões densas e acessíveis a um vasto leque de leitores. Trata-se, quanto a nós, de um jornal que se caracteriza pelo facto de se posicionar entre as publicações especializadas e as que expõem temáticas literárias de forma pouco aprofundada.

A revista *Ler*, publicada trimestralmente, em Outubro de 2006²⁷, é definida da maneira seguinte no site da Fundação Círculo de Leitores:

A Revista LER é uma publicação trimestral editada pela Fundação Círculo de Leitores. Sendo uma revista de informação literária e editorial não é, no entanto, uma revista literária no sentido estrito do termo. A LER é uma revista de artes, de sentidos, de sensibilidades, de imagens que marcam a cultura contemporânea.²⁸

Desde logo se percebe que este periódico não se dedica unicamente à literatura, mas integra nos seus conteúdos informações e reflexões atinentes a outras dimensões da cultura contemporânea. O público alvo caracteriza-se, assim, por um interesse generalista e não centrado numa área específica, apesar do sector dedicado aos livros, nesta revista, ser o mais importante.

Os Meus Livros, periódico publicado mensalmente, representa um auxílio indispensável para o leitor que quer apreender de forma rápida a actualidade editorial portuguesa e estrangeira. A revista centra-se sobre a informação literária relacionada com as obras recentemente publicadas, propondo reflexões sobre temáticas que tais obras suscitam.

A revista faz a análise crítica dos principais livros que estão à venda nas livrarias, ajudando o leitor a decidir que livro comprar ao mesmo tempo que abre também um espaço à entrevista, conversando com notáveis escritores e editores, nacionais e estrangeiros.²⁹

A apresentação do periódico no espaço virtual, em 2009, acentua a sua ligação com o mercado editorial, já que este, mediante as novidades que vai propondo, fomenta as principais reflexões propostas em *Os Meus Livros*:

²⁷ Ver nota 17, p.40.

²⁸ http://www.circuloleitores.pt/cl/sec_clube.asp?cod_seccao=4979 [consultado 16 de Março de 2007].

²⁹ <http://www.saudepress.com.pt/oml/> [consultado 16 de Março de 2007].

Em cada edição, a revista antecipa os títulos que vão ser lançados no mercado, os principais eventos em agenda para o mês, assim como analisa o conteúdo dos livros mais importantes recentemente lançados.³⁰

Sem vínculos marcados à actualidade editorial e de uma abrangência temática diversificada, na qual cabem reflexões sobre literatura, a *Vértice*, disponível desde Maio de 1942, é

uma revista de cultura em sentido amplo: unindo a atenção à criação literária, artística, filosófica e científica, e a atenção à realidade económica e social e política do País. É pois decididamente multidisciplinar e promove a cooperação crítica entre diferentes metodologias e a reflexão interdisciplinar.³¹

Devido à sua longevidade, à consistência com que se apresentam os seus conteúdos, aos colaboradores de que foi dispendo ao longo dos anos, a *Vértice* é um dos periódicos portugueses que, apesar de se dirigir a um público alargado, se aproxima das revistas especializadas.

Carlos Leone alerta para o facto de Portugal carecer de publicações literárias sérias. Apesar de considerarmos as suas observações algo excessivas, constatamos que elas reflectem o desânimo que se alastra há alguns anos quanto à divulgação da literatura nacional:

[...] a *Ler*, trimestral, não se compara ao *Times Literary Supplement* (Inglaterra) ou à *New York Review of Books* (EUA). [...]. Tirando o caso de sites como a *Non!* e o *Ciberkiosk* (ainda demasiado recente para serem avaliados), apenas a *Vértice* pode ser vista como uma publicação intermédia entre o jornalismo generalista e as publicações científicas. Mas é-o ao preço de uma tendência política demasiado óbvia. (Leone:2001)

³⁰ <http://www.oml.com.pt/> [consultado a 19 de Setembro de 2009]

³¹ http://html.editorial-caminho.pt/revista_vertice_q1obj--3D6540_q236_q30_q41_q5.htm [consultado a 16 de Março de 2007]

A *Colóquio-Letras*, fundada em 1971 e publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian, defende uma vocação científica e dedica-se exclusivamente à literatura portuguesa. Trata-se de uma revista que propõe estudos rigorosos da responsabilidade de colaboradores profissionalmente ligados à área das Letras, o que faz com que beneficie de uma credibilidade elevada. No entanto, partilhamos a seguinte opinião de Mário de Carvalho:

Se olharmos para a *Colóquio-Letras* é evidente que se trata de um bom trabalho. Só que de modo nenhum acompanha a actividade literária. É uma espécie de armazém de textos destinados ao futuro. (in George 2002:91)

A *Vértice* e a *Colóquio-Letras* são periódicos que poderiam interessar um grupo heterogéneo de leitores, mas, na realidade, são sobretudo lidas por quem, devido ao seu percurso profissional, está ligado aos estudos literários e culturais.

As publicações científicas dependem, habitualmente, de uma instituição académica e a sua difusão é limitada. É o caso, por exemplo, da *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* (anual), de *Românica* (anual), de *Textos e Pretextos* (semestral), todas elas publicadas pela Faculdade de Letras de Lisboa, mas também da *Biblos* (anual) da responsabilidade da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e de *Línguas e Literaturas* (anual) criada pelo Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos da Faculdade de Letras do Porto.

Tais publicações são importantes para a evolução da investigação literária, todavia, não beneficiam muito a divulgação da literatura e do que sobre ela se escreve, posto que reúnem estudos elaborados por especialistas para especialistas e mantêm-se, assim, à margem de todos os que pretendem estar informados, mas para os quais estes textos são, amiúde, herméticos e desinteressantes.

Nas últimas décadas, a Internet tornou-se o suporte de divulgação de conteúdos mais rápido e acessível. Apesar de parte da informação ser pouco fiável, nomeadamente quando veiculada por utilizadores pouco rigorosos, encontramos na Internet um vasto leque de formas de difusão de obras e temáticas literárias. Dos *sites* da responsabilidade de instituições culturais –

como o Instituto Camões, a Biblioteca Nacional ou as diferentes Faculdades de Letras do país, por exemplo –, às páginas de editoras de renome, passando por *blogs* de personalidades ligadas profissionalmente ao meio literário, a Internet armazena informação variada, ao mesmo tempo que permite a qualquer um divulgar assuntos do seu agrado. As reflexões mais especializadas, tal como os conteúdos mais superficiais encontram-se assim acessíveis, sendo, então, sempre necessária uma selecção criteriosa do material virtualmente disponibilizado quando se pretende alcançar um conhecimento escrupuloso sobre um determinado tema. Contudo, os estudos literários podem beneficiar muito deste recente instrumento de aquisição e difusão de saberes.

A análise do espaço reservado à literatura em diversos meios de comunicação revelou um interesse mediano por esta área cultural. Apesar da Internet representar um veículo cuja predominância está em constante crescimento, o que tem um impacto notável em matéria de divulgação de temáticas literárias, nos restantes suportes examinados tais como a televisão, a rádio e a imprensa não se observa um interesse vincado pelas Letras nacionais ou internacionais. Associa-se a esta realidade uma certa desconfiança – por parte do público em geral, mas também daqueles que têm um papel activo no espaço literário português – relativamente à crítica literária portuguesa que parece confiná-la ao estatuto de exercício acessório.

Não existem muitos estudos sobre esta problemática, mas, num recente artigo da revista *Ler* (Lança 2005:64-75), encontramos testemunhos de personalidades ligadas à literatura que, no seu conjunto, não concedem uma posição relevante à crítica literária actual: desde a evocação de “capelinhas”³² à afirmação de que “a maior parte da crítica afasta o leitor do livro”³³, passando por João Barrento que nega qualquer poder à crítica e aos prémios literários³⁴, a crítica é apresentada como um discurso pouco convincente e submetido a poderes que ultrapassam o domínio da literatura enquanto arte. João Barrento nega-lhe qualquer importância e mesmo existência³⁵, enquanto certos

³² Miguel Sousa Tavares, in *Lança* 2005:74.

³³ Rodrigues da Silva, in *ibid.*

³⁴ “Não serão estes pseudopoderes que alguma vez legitimarão qualquer forma de escrita.”, in *ibid.*:75.

³⁵ “Bom é a crítica estar morta (...).”, in *ibid.*

escritores^{36/37} lhe reconhecem alguma utilidade. Em suma, deste artigo sobressai uma certa desconfiança relativamente à crítica literária.

Donde provém esta desconfiança generalizada? Por que razão a divulgação da literatura portuguesa parece estar cada vez mais ameaçada?

A análise de Calle-Gruber atinente à situação da crítica literária francesa é, quanto a nós, aplicável à realidade portuguesa:

Mais le fossé ira se creusant entre formes de critique. L'une journalistique et radio-télévisée, qui rend compte de l'actualité littéraire; l'autre, universitaire, soucieuse de recul vis-à-vis de l'œuvre, de la prise en compte de l'histoire, de sa réception, des apports de la théorie. La troisième est une critique d'écrivain laquelle, lisant-écrivain *avec l'autre*, fait œuvre singulière. Toutes trois sont nécessaires, [...]. L'engrenage aujourd'hui semble être très détérioré, la critique journalistique, sous l'effet de l'accélération générale, dominant la voix de l'*écriture* critique et imposant des normes de "consommation" littéraire qui bénéficient aux trusts éditoriaux en cheville avec les médias. (Gruber 2001:69)

Como verificámos com base no levantamento dos diversos suportes de crítica literária, o espaço dedicado à literatura nos meios de comunicação de maior divulgação é reduzido e a crítica universitária sofre de alguma desvalorização, inclusive por parte daqueles que a praticam. Quanto à crítica elaborada por escritores, não é uma prática muito comum e, quando existente, não beneficia de muita atenção nem difusão.

Sobressai da citação da investigadora francesa que o poder económico se estende também ao mundo das Letras, confinando-o a um espaço monopolizado por interesses comerciais. Em Portugal, a situação é semelhante, de tal maneira que a literatura está cada vez mais ausente dos textos que, em aparência, lhe são consagrados:

Esta, no espaço público moderno, procede impessoalmente, tornando-se o espaço ideal de crítica mas, pelo efeito da "pulsão do grande" já referido,

³⁶ José Eduardo Agualusa: "A crítica, se for honesta, informada e rigorosa, é sempre útil.", in *ibid.*, p.74.

³⁷ José Luís Peixoto: "Penso que a crítica pode ter um papel importante não só no que diz respeito à divulgação literária, como também ao nível da análise, objectiva e inovadora, dos objectos literários em que se detém. (...)", in *ibid.*

"muitas vezes estende-se à dimensão dos "media" a conversa privada, a confiança, a bisbilhotice, o murmúrio conivente de interlocutores em família. (José Gil in Leone 1999:130)³⁸

No que diz respeito à investigação académica, já em 1991, António Guerreiro nos alertava para uma situação algo preocupante:

[...] o que falta em Portugal é uma produção ensaística que seja orientada por um desejo de conhecimento e não apenas por imperativos curriculares. Não se trata de desvalorizar os trabalhos de carácter académico, mas de verificar que eles não são suficientes para termos uma produção ensaística normal e saudável. (in AA.VV. (b) 1991:103)

A análise efectuada em 2006 evidencia que a crítica literária, seja qual for a sua categoria, se mantém afastada do público em geral e carece de um estatuto que lhe permita uma intervenção regularmente activa no espaço literário português, contudo, defendemos que, na prática, aquela condiciona o que se lê e a forma como se lê. Como afirma Carlos Reis, a crítica literária tem “uma certa capacidade de afirmação institucional da literatura [...] sobretudo quando exercida em termos e em espaços especialmente ajustados a essa institucionalização” (2001:32). Em suma, apesar das opiniões anteriormente anotadas, julgamos ser imprudente retirar à crítica literária a sua importância no percurso que conduz uma obra ao reconhecimento durável.

A atenção dos críticos literários, a atribuição de prémios, a integração num programa escolar, são elementos susceptíveis de aumentar as possibilidades de consagração de uma obra literária e do seu autor. É também necessário que o tempo confirme a canonicidade incipiente, como assinala Carlos Reis que, para além da continuidade, apresenta dois outros factores necessários à formação do cânone: a selectividade e a formatividade. A selectividade consiste na escolha de obras que “correspondem a uma identidade cultural e literária” (ibid.:72) e a formatividade “leva a reter no cânone aquelas obras e autores que se entende serem reprodutoras de uma certa (e algo estável)

³⁸A polémica entre Fernando Venâncio e Eduardo Prado Coelho (Agosto, Setembro de 2001) é emblemática da facilidade com que os críticos literários se afastam, por vezes, das temáticas verdadeiramente literárias.

ordem social e cultural, que se deseja insinuada no sistema de ensino.” (ibid.:73). O último factor referido merece, quanto a nós, alguma prudência: muitas das obras que consideramos hoje canónicas representaram justamente um manifesto contra uma ideologia vigente, contra convenções sociais ou literárias. Por essa razão, a formatividade é, no nosso entender, um elemento a manipular com precaução quando se trata de discernir os critérios que determinam o grau de canonicidade de textos e autores. Já os prémios literários elevam de forma patente a probabilidade de consagração e aceleram esse processo.

João Pedro George relembra que até ao final da década de 70 “os prémios não tinham uma expressão assinalável” (2002:33). A partir dos finais dos anos setenta e durante a década de 80, assiste-se à criação de inúmeros prémios literários. Na base da proliferação destes reconhecimentos estão, com frequência, entidades públicas tais como câmaras municipais ou outras mais directamente ligados ao mundo dos livros como a Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas (DGLB) – anteriormente Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (IPLB) e, inicialmente, aquando da sua criação em 1980, Instituto Português do Livro (IPL). O advento deste instituto dinamizou o espaço literário português, nomeadamente pelo apoio a diversas iniciativas de divulgação literária, entre as quais a atribuição de prémios literários:

Desde o seu início, o IPL assumiu-se como um organismo fundamental no apoio à APE, ao PEN e ao CP/AICL, já que os seus prémios beneficiavam de subsídios estatais. (George 2002:38)

O PEN Clube Português havia sido criado em 1978 e está na origem de recompensas no domínio da poesia, da novelística e do ensaio, em 1981, e, ulteriormente, do Grande Prémio de Tradução (1986) e do Prémio Primeira Obra (2002).

Para além dos organismos citados, convém destacar, neste âmbito, o papel da Associação Portuguesa de Escritores (APE) que, com a colaboração de outras entidades como a, já referida DGLB, os Correios de Portugal, a Caixa Geral de Depósitos, câmaras municipais – como a de Sintra ou de Vila Nova de Famalicão – e também editoras – Guimarães Editores e Edições Cosmo –

instituiu muitos dos prémios literários que integram o espaço cultural português. De assinalar ainda, o Prémio Branquinho da Fonseca atribuído pela Fundação Calouste Gulbenkian em associação com o semanário *Expresso*, o Prémio D. Dinis da responsabilidade de Fundação Casa de Mateus e os que foram criados pelo Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários (CP/AICL): o Prémio da Crítica (desde 1980) e o Prémio Jacinto Prado Coelho (desde 1986).

Estes prémios, consoante o seu valor simbólico e monetário, concedem ao escritor ao qual são atribuídos um estatuto que o aproxima do grupo de autores considerados canónicos. Se o autor já beneficiar de um prestígio inquestionável, tratar-se-á de uma confirmação manifesta sempre ambicionada. No artigo da revista *Ler*, citado anteriormente, reconhece-se a importância dos prémios literários, não sem se lembrar que “nem tudo é transparente na atribuição de prémios, nem os critérios são por vezes os mais justos, mas sim os mais “adequados” (Lança 2005:66). Todavia, os prémios literários são, sem dúvida, um dos principais mecanismos de institucionalização da literatura e decidem, em parte, o devir da carreira de um escritor. De referir que a participação de um escritor num júri é também um indício de consagração (George 2002:15).

Os elementos reunidos nas páginas anteriores permitem-nos caracterizar em alguns pontos o contexto literário no qual JS publica a sua obra.

É notório que a ficção portuguesa acompanha o movimento literário internacional. De facto, esta acolhe inovações de ordem diversa que são exploradas em função das particularidades da literatura portuguesa e das características de Portugal enquanto nação.

Compreendemos que é impossível definir um movimento único que abrangesse todas as obras romaneskas das últimas décadas, mas encontrámos no pós-modernismo características que permitem agrupar grande parte dos romances em questão. O pós-modernismo literário ainda é um movimento estético

controverso, mas as definições que dele vão sendo elaboradas tomam-no um instrumento útil quando se trata de caracterizar a literatura contemporânea³⁹. Quanto à crítica que acompanha as evoluções do contexto em questão, depreende-se deste estudo que esta não beneficia de uma atenção elevada por parte dos escritores, que é desvalorizada por alguns académicos e que, raramente, chega ao público em geral e, quando chega, é de forma algo superficial. Todavia, apesar de pairar sobre ela uma certa indiferença, a crítica, sob diversas formas, continua a ser um meio de divulgação de obras e escritores que auferem de alguma credibilidade. Associada a outros meios de reconhecimento público, tal como os prémios literários, é, ainda hoje, indispensável no percurso de consagração de um autor.

III. Produção romanesca e consagração de José Saramago

A. TRAÇOS PÓS-MODERNOS E OUTRAS CARACTERÍSTICAS

Depois de termos abordado de maneira sucinta temas que nos auxiliam na definição do contexto literário português das duas últimas décadas do século XX, introduzimos agora o caso específico da obra de JS para a qual olhamos a partir dos elementos reunidos anteriormente.

O primeiro romance de JS, *Terra do Pecado*, data de 1947 e o segundo de 1977 (*Manual de Pintura e Caligrafia*). Durante esses, aproximadamente, trinta anos, publicou crónicas, peças de teatro, contos, poemas nos quais encontramos traços da escrita e das temáticas dos romances ditos da maturidade, ou seja, aqueles que seguem *Levantado do Chão*, obra considerada como portadora de mudanças significativas por diversos investigadores e também pelo próprio autor:

Quando ia na página vinte e quatro ou vinte e cinco [de *Levantado do Chão*], (...), quase sem me dar conta, começo a escrever assim: interligando,

³⁹ Ver referências bibliográficas referidas na nota 13, p.36, sendo o estudo de Ana Paula Arnaut aquele que de forma mais pormenorizada explica a pertinência de ter em conta o pós-modernismo no âmbito da história literária portuguesa.

interunindo o discurso directo e o discurso indirecto, saltando por cima de todas as regras sintácticas ou sobre muitas delas. (in Árias 2000:74)

Apresentámos previamente as tendências principais da ficção portuguesa que, na sua maioria, vão ao encontro das características mais consensuais do pós-modernismo. Propomo-nos agora olhar para a produção romanesca de JS editada no intervalo temporal definido para o nosso trabalho⁴⁰ sob esse prisma. Em *Todos os Nomes*, encontramos uma investigação policial de um tipo peculiar em que os objectos da busca são: uma mulher desconhecida e a identidade do detective amador, o Sr. José. O recurso a um género literário considerado menor permite ao escritor aproximar-se e, simultaneamente, afastar-se de uma tradição, ou seja, JS instala a sua narrativa num quadro de regras bem definido para as transgredir: a investigação ultrapassa os contornos de um relato policial comum e ganha uma dimensão universal em que o Homem é o mistério a desvendar. A partir de um género literário menos conceituado, JS reflecte sobre a condição humana. Vemos, também, nessa opção uma espécie de alerta ao leitor no sentido deste não se deter nas aparências, mas de prosseguir a busca para além do que parece óbvio.

De notar que a junção de diversos géneros literários é assumida pelo próprio autor quando afirma "je n'écris pas de romans, j'écris des essais avec des personnages" (in Rizzante 1997/1998) ou "há um certo apetite ensaístico em todos os meus romances" (in Reis 1998 (a):126). Tais propósitos vão no sentido da ausência de contornos estáveis para uma definição do romance das últimas décadas, género que aparece como o terreno ideal para a concretização de um dos traços fundamentais do pós-modernismo: a utilização, por vezes subversiva, de estruturas literárias existentes que dilata a incidência interpretativa de determinado passo ou obra. Tal procedimento alerta o leitor para o mínimo pormenor que lhe permita atingir novos significados a partir de um material literário conhecido. JS é um escritor cuja obra ilustra esta faceta do pós-modernismo literário, faceta que se vê confirmada pelo aproveitamento de acontecimentos históricos como base de romances cuja reflexão nuclear aponta para temas contemporâneos e até mesmo atemporais.

⁴⁰ De *Levantado do Chão* a *A Caverna*.

De *Levantado do Chão a Ensaio sobre a Cegueira*⁴¹, todos os romances de JS têm por base episódios históricos. *Jangada de Pedra* é deste ponto de vista o romance mais ambíguo dado que as referências históricas sucedem a interpretação da alegoria, contrariamente ao que acontece nos outros romances em que estas são explícitas aquando da leitura. Apesar do vínculo à História ocorrer de maneiras distintas, podemos afirmar que ele permite ao autor levantar questões menos debatidas, dar voz a grupos de anónimos, propor reflexões alternativas à História oficial e discorrer sobre o presente e o futuro de Portugal⁴², em particular, da humanidade, em geral.

[...] o romance histórico – para continuarmos a chamar-lhe assim - não é outra coisa que uma constante interrogação dos tempos passados, em nome dos problemas, das curiosidades, e também das inquietações e angústias com que nos rodeia e cerca o tempo presente [...]. (Saramago in Reis 1996:54)

A metaficção, apanágio do pós-modernismo, revela-se na ficção saramaguiana através de um narrador muito peculiar que relembra, amiúde, o carácter fictício da narrativa ao estabelecer um diálogo irregular com o leitor, ao questioná-lo, ao alertá-lo, ao antecipar ou ao "corrigir" pensamentos que lhe podem surgir. Este diálogo tem, por vezes, contornos de monólogo, como se o narrador fosse alvo de hesitações inerentes ao processo criativo e apresentasse ao leitor os lugares menos divulgados da criação literária. O texto avança "em vagas expressivas longas e espraiadas, em fluxos e refluxos, com avanços e recuos semânticos, autocorreções, interrogações, hipóteses" (Seixo 1999:152), reforçando, assim, a vertente metaficcional da obra de JS.

Os passos romanescos em que certas personagens proferem discursos que não correspondem ao seu perfil psicológico, denunciando um entrecruzar de vozes (a do narrador e a de uma determinada personagem) é indicativo do

⁴¹ Relembramos que a produção romanesca de JS a partir de *Levantado do Chão* é comumente dividida em duas partes distintas: a primeira que se inicia com *Levantado do Chão* e termina com *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e a segunda que se abre com *Ensaio sobre a Cegueira* e que, tendo em conta o intervalo temporal definido neste trabalho, se prolonga até *A Caverna*. [Podemos no entanto afirmar que os romances publicados depois de *A Caverna* integram a segunda categoria assinalada.]

⁴² Todos os romances evocados neste parágrafo têm como referência principal a história portuguesa excepto *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, obra frequentemente considerada de transição entre o período dedicado à História e o que se lhe segue, de cariz mais universal.

carácter metaficcional dos romances saramaguianos que se torna manifesto quando o narrador alerta o leitor para tal incongruência. Quebra-se, assim, de forma nítida e frequente a ilusão romanesca, o que sustenta a opinião de um grupo de investigadores segundo os quais "a crise na crença de uma referencialidade absoluta [é] um dos traços mais marcantes da produção do autor" (Martins et al. 2005:51).

A confluência de vozes distintas, indício da faceta metaficcional da obra do escritor, também é ilustrativa do ponto que se segue, no qual observamos em que medida JS explora dispositivos próprios do pós-modernismo tais como a ironia, a paródia e a junção de diversos registos linguísticos.

A prosa de JS não assenta num discurso linear, mas sim na associação de diversas temáticas e diversos níveis de linguagem, catalisadores de inúmeras possibilidades interpretativas que mantêm o leitor em constante vigia. O recurso frequente a provérbios, adaptados ou não, é, numa escala menor, exemplificativo deste mecanismo, posto que, como nota Maria Alzira Seixo, "o provérbio é um encontro de vozes, [...] que plasticiza num conjunto verbal económico e denso uma massa discursiva bastante mais extensa" (Seixo 1999:81).

A alternância de temas ou registos linguísticos indicia muitas vezes que estamos perante um discurso irónico ou paródico, discursos que pela sua frequência e eficácia narrativa aproximam a obra saramaguiana do pós-modernismo literário caracterizado, também, pela relevância atribuída à pluralidade de pontos de vista que suspende a busca – e a crença – duma verdade única. As palavras do autor confirmam esta tendência que se revela na sua ficção:

[...] aquilo a que eu aspiro é traduzir uma simultaneidade, é dizer tudo ao mesmo tempo. (in Reis 1998 (a):99)

J'utilise, dans mon travail d'écrivain, tout ce dont j'ai besoin, que cela vienne du surréalisme, de l'expressionnisme, de l'existentialisme ou de je ne sais quoi. Je prends mon bien où je le trouve, jusque dans les XVIe et XVIIe siècles, véritable âge d'or de la littérature qui pour moi demeure vivant, ne serait-ce que par sa maîtrise de l'allégorie. (in Léornadini 1999)

Depreende-se de tais afirmações que JS não privilegia a coerência no seu percurso criativo, mas sabemos que a encontra nesse entrecruzar de vozes e registos que suscitam uma escrita muito própria.

Verificámos que a obra de JS apresenta características inscritas na definição mais consensual do pós-modernismo e, por essa razão, se integra no movimento geral subjacente à produção literária nacional, mas também internacional, das últimas décadas. Todavia, não podemos deixar de lembrar, na esteira de Maria Alzira Seixo, que "a mais comum tendência do pós-modernismo, expressa no apagamento das axiologias e dos sistemas de valores, e voltada para a indiferenciação político-social, [...], não se verifica no romance sempre empenhado de JS" (1999:126).

Para além dos traços pós-modernos que associam o projecto estético saramaguiano à ficção portuguesa que lhe é contemporânea, podemos ainda referir a inserção do fantástico nalguns dos seus romances, nomeadamente naqueles que constituem o nosso *corpus*: a cegueira súbita e geral em *Ensaio sobre a Cegueira*, as conversas do Sr. José com o tecto em *Todos os Nomes*, os prisioneiros na cave de um centro comercial em *A Caverna*.

A obra de JS insere-se nas tendências que caracterizam a evolução da literatura portuguesa, todavia, existem particularidades na sua escrita que merecem ser salientadas.

Uma das características mais notáveis – e polémicas – é a pontuação, com frequência, pouco elucidativa que pode tornar-se desconcertante para o leitor. De facto, JS opta por uma pontuação minimalista que não constitui um auxílio estável, forçando o leitor a procurar a cadência e o significado da frase para além dos sinais tipográficos apresentados. Um exercício difícil que requer uma atenção elevada deliberadamente imposto pelo escritor.

[...] o que eu acho é que, se o leitor, ao ler, está consciente disto, se sabe que naquela estrada não há sinais de trânsito, ele vai ter de ler com atenção, vai ter de fazer isso a que chamei uma espécie de "actividade muscular". (in Reis 1998 (a):101)

A pontuação pouco convencional de JS, para além de exigir uma maior colaboração do leitor na construção do relato, aproxima os textos do discurso oral nos quais a musicalidade da frase é indispensável ao entendimento da mensagem.

Mas isso tem outra razão: é que nós, quando falamos, não usamos sinais de pontuação. É uma velha declaração minha: fala-se como se faz música, com sons e com pausas; toda a música é feita de sons e pausas e toda a fala é feita de sons e pausas. (ibid.)

A musicalidade é fundamental nos romances de JS. Como o próprio escritor o afirma, para além do conteúdo semântico, interessa-lhe a busca de um ritmo frásico pensado, construído, coerente.

A frase tem que ser rematada não só no seu sentido mas também na sua musicalidade, no seu compasso. [...] Aconteceu e continua a acontecer, ter que acrescentar várias palavras mais porque a frase tem de me soar, ainda que possa parecer desnecessário, mas eu preciso disso, porque ainda que a frase tenha ficado completa no seu sentido, estava incompleta na sua realização musical. (in Arias 2000:77)

Outra das características da escrita saramaguiana é o seu carácter digressivo. O autor desvia-se inúmeras vezes do relato principal para introduzir reflexões sobre temas diversos que se depreendem do núcleo narrativo, mas poderiam passar despercebidos se o escritor neles não se detivesse. Irrompe, assim, um espaço de reflexão inesperado que pode desorientar o leitor e o impele a concentrar-se em elementos narrativos, *a priori*, acessórios. No nosso entender, esta deslocação do assunto central para um periférico é dos aspectos mais emblemáticos da prosa de JS, dado que surpreende o leitor, incita-o a conceder importância aos pormenores e concentra, num espaço textual reduzido, uma diversidade de temas, registos e ritmos. Este dispositivo associa JS ao presente e ao passado literários. Por um lado a digressão provoca rupturas na linha narrativa e introduz, amiúde, considerações que aproximam o romance do pensamento filosófico. Estamos, assim, perante a

junção de vários registos característica do pós-modernismo literário. Por outro lado, este mecanismo discursivo, recorrente na ficção saramaguiana, é associado pelo próprio JS a Almeida Garrett:

[...] tenho uma tendência digressiva que tem exemplo na nossa literatura e o melhor é o do Almeida Garrett. (in Reis 1998 (a):127)

B. AFINIDADES LITERÁRIAS: ANTÓNIO VIEIRA, ALMEIDA GARRETT, RAUL BRANDÃO

Para além desta afinidade com a prosa de Almeida Garrett, é comum reconhecerem-se nos romances de JS outras influências, como assinalou Carlos Reis aquando do doutoramento *honoris causa* do escritor em Coimbra:

Expressa ou tacitamente, visivelmente ou de forma sinuosa, JS e a sua literatura entroncam no Padre António Vieira cultor da metáfora, da parábola exemplar e da tensa dialéctica argumentativa; em Montaigne e na vocação sentenciosa e reflexiva de quem *ensaia* para devassar o desconhecido; em Garrett e na sua língua literária provocatoriamente inovadora; em Raul Brandão e nas vacilações de um discurso oscilante entre a narrativa, a intuição lírica e a indagação especulativa; em todos estes e também, por diversas formas e tons, em Camões, em Eça de Queirós, em Fernando Pessoa, em Almada Negreiros e em Kafka, com todos e com cada um deles enunciando as "obscuras verdades da competição e da contaminação" de que falou Harold Bloom [...]. (Reis 2004)

JS evoca Gogol, "o escritor das pessoas pequenas" (in Viegas (coord.) 1998:32) como autor que aprecia e segue nessa atenção concedida a existências "onde tudo é tão rasteiro, tão rasteiro, tão rasteiro e profundamente humano" (ibid.); o padre António Vieira como exímio em "comunicar todos os matizes mais subtis dos mais vários sentimentos, dos múltiplos que nos habitam" (ibid.:34) e Montaigne cujas palavras "je suis moy-mesmes la matiere de mon livre" (Montaigne 1969,1:35) ecoam na seguinte afirmação de JS:

[...] no momento em que me ponho a escrever sinto-me *totalmente* convocado, sou uma certa pessoa, *inteira*, que não separa a experiência da leitura da experiência da vida, que vai utilizar uma e outra sem estabelecer hierarquias nem prioridades. (in Berrini 1998:231)

A escrita de JS abriga influências diversas, algumas das quais reivindicadas pelo próprio escritor. Com o intuito de melhor percepcionarmos as características da prosa saramaguiana e, sobretudo, para realçar os pontos que o ligam a autores consagrados da literatura portuguesa, definimos um padrão literário com o qual confrontaremos o projecto estético de JS. Por representarem momentos diferentes e significativos da história literária portuguesa, António Vieira, Almeida Garrett e Raul Brandão⁴³ constituem o grupo de escritores que permitirão avaliar o vínculo que a obra de JS mantém com o passado literário português.

Narrador não sei quem é [...] Eu não sei quem é o narrador ou só o sei se o identificar com a pessoa que eu sou. [...]. Aquilo que eu procuro é uma fusão do autor, narrador; da história que é contada, das personagens, do tempo em que eu vivo, do tempo em que se passam todas essas coisas num discurso globalizante em que cada um desses elementos tem uma parte igual. (Saramago in Madrugá 1998:131)

A fusão evocada por JS no excerto transcrito é característica do Nobel português e dos três escritores que constituem o padrão literário por nós constituído. Tal fusão é alcançada mediante vários processos. O mais eficiente é a metatextualidade que se apresenta sob três formas nas obras estudadas: através de comentários relativos ao léxico utilizado, muitas vezes para propor um termo mais adequado; de observações atinentes ao relato que está a ser efectuado e, finalmente, de indicações que podem auxiliar o leitor na descoberta do texto. A metatextualidade impõe o cruzamento de vários elementos que esbate a fronteira entre realidade e ficção e tem como resultado a fusão que JS afirma procurar nas suas obras.

⁴³ Alguns dos sermões do Padre António Vieira, *Viagens na minha Terra* de Almeida Garrett e *Húmus* de Raul Brandão são os textos que confrontaremos com aqueles que constituem o nosso *corpus*.

A cumplicidade que os narradores estabelecem com o leitor tem um efeito idêntico. Em Almeida Garrett a interacção com o leitor é muito nítida devido à utilização reiterada do pronome pessoal "nós" e às frequentes interpelações feitas ao leitor. Em Raul Brandão também são os pronomes pessoais ("nós", "tu") que alargam a experiência vivida ao espaço do leitor. Em Vieira esta cumplicidade denota-se, sobretudo, através da antecipação das possíveis perguntas daqueles que o escutam, mecanismo retórico que lhe permite avançar na sua argumentação, como se satisfizesse a curiosidade do auditório⁴⁴.

Como em Almeida Garrett, a frequente utilização do pronome pessoal "nós" na prosa saramaguiana pressupõe uma certa cumplicidade entre o leitor e o narrador. Surgem, também, algumas perguntas formuladas pelo narrador que podem ir ao encontro de eventuais pensamentos do leitor.

O discurso indirecto livre, ausente dos *Sermões* de António Vieira, é outro dos mecanismos que amalgama vários patamares da narrativa e que é frequente em JS e Raul Brandão.

O registo coloquial é constantemente utilizado pelos autores em questão. Diminutivos, provérbios e palavras de teor oral entrecruzam-se com um discurso mais erudito e, por vezes, sentencioso quando os autores inserem na narrativa afirmações semelhantes a máximas irrefutáveis que contrastam com uma certa leveza inerente à linguagem coloquial.

Para além das rupturas semânticas, encontramos nas obras estudadas rupturas rítmicas que se devem à alternância de frases longas com frases curtas, a enumerações, por vezes vertiginosas, e a repetições de palavras ou de estruturas fráscas que realçam fragmentos textuais.

A ironia, a intertextualidade e a digressão, apesar de serem solicitadas pelos quatro autores em apreço, avultam na obra de Almeida Garrett e na de JS, devido à regularidade e eficiência com que são utilizadas. De salientar a intertextualidade que ambos estabelecem com a sua própria obra,

⁴⁴ Tendo sido elaborados para serem ditos, é natural que os sermões de Vieira contenham mais marcas de uma possível interacção com um sujeito exterior ao discurso.

intertextualidade menos vulgar que, também, atenua os limites entre ficção e realidade⁴⁵.

Focámos vários elementos de ordem geral que estabelecem um elo entre Saramago e o passado literário português. Regressaremos a alguns pormenores desta temática aquando da análise comparativa que constitui a segunda parte do nosso trabalho.

Para além destes aspectos de ordem estrutural que aproximam JS de figuras emblemáticas do passado literário português, existem elementos relativos ao conteúdo que têm um efeito semelhante. Em António Vieira, encontramos a arte de persuadir através de uma argumentação sólida que se vai construindo gradualmente, apoiando-se em diversas figuras de estilo e num ritmo pouco linear. A elaboração de um percurso argumentativo consistente que se desenvolve com base em vários planos narrativos é uma característica que aproxima JS de António Vieira.

A sátira bem-humorada, sem vestígios de desespero, que se espraia por intermédio de uma ironia mordaz e de uma capacidade de explorar vários assuntos em poucos parágrafos associa JS às *Viagens na minha Terra* de Almeida Garrett. O recurso à ironia e à digressão resulta, em ambos os autores, numa crítica abrangente.

Em *Húmus* de Raul Brandão, encontramos uma atmosfera asfixiante, um espaço habitado por sentimentos de desorientação no qual a condição humana ganha contornos de tragédia sem remissão possível. Conclusões idênticas são, amiúde, perceptíveis nas obras que constituem o nosso *corpus*, nomeadamente em *Ensaio sobre a Cegueira*, romance em que múltiplos episódios retratam a face mais vil e degradante da humanidade.

⁴⁵ “Já me disseram que eu tinha o génio frade; que não podia fazer conto, drama, romance sem lhe meter o meu fradinho. // O *Camões* tem um frade, Frei José Índio; // A *Dona Branca* três, Frei Soeiro, Frei Lopo e São Frei Gil – faz quatro; (...). // E aqui tenho eu às costas nada menos de quinze frades e quarto. Com este Frei Dinis, é um convento inteiro.”, in Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1994 (8ª edição), p. 94.

“Na verdade, uma tal revelação só poderia ser obra de quem, ademais de saber ler nos lábios, habilidade relativamente comum, fosse também capaz de prever o que eles vão pronunciar quando a boca ainda apenas começou a entreabrir-se. Tão raro é este mágico dom como aquele outro, noutra lugar falado, de ver o interior do corpo através do saco de pele que os envolve.”, José Saramago, *A Caverna*, Lisboa, Caminho, 2000, p. 133.

C. TEMÁTICAS

O papel do homem na sociedade que integra e a sua interacção com a mesma representam o núcleo das narrativas saramaguianas, apesar de ter havido uma viragem significativa na forma como o autor aborda esta temática.

As obras anteriores a *Ensaio sobre a Cegueira* estão estreitamente ligadas à História, nomeadamente à História de Portugal, exceptuando *Evangelho segundo Jesus Cristo*, na qual o autor alarga o seu campo de reflexão a uma narrativa marcante da História mundial. A partir de *Ensaio sobre a Cegueira*, JS detém-se em problemáticas atinentes à condição humana, ao nosso modo de viver, às diversas questões que a idade contemporânea suscita, às respostas possíveis num tempo para o qual o escritor olha com preocupação.

Dou-me conta que, com este romance [*A Caverna*], fecho a trilogia iniciada com *Ensaio sobre a Cegueira* e *Todos os Nomes*. Aparentemente, os temas dos três livros não têm nada em comum: no primeiro, é a cegueira da razão; no seguinte, é a procura do outro, e o último insiste sobre a imobilidade do espírito num mundo onde a única mobilidade é de ordem tecnológica. Mas, no fundo, há algo em comum: que maneira é esta de viver? O que estamos nós a fazer? Mas é se calhar uma reflexão de velho homem que já sou. (Saramago in Gaudemar, AA.VV. (a), 1998)

Encontramos, em filigrana, nas palavras de JS a temática fim de século já evocada nesta síntese⁴⁶. De facto, defrontamo-nos, nos três romances mencionados, com reflexões e assuntos que se focalizam no Homem e no seu papel num mundo inquietante em que os valores se desvanecem e a desorientação aparenta, por momentos, ser irreversível. Existe neles um pessimismo virulento, mas, igualmente, situações e personagens que contrastam com o desalento circundante, concretizando o "sentimento de esperança" (Vila Maior 2001:50) que irrompe no habitual desencanto finissecular.

Apesar da obra saramaguiana conhecer inflexões temáticas e estilísticas a partir de *Ensaio sobre a Cegueira*, consideramos que a substância das suas características tem permanecido inalterável. Aos romances de teor mais

⁴⁶ Ver pp. 28-30.

universal corresponde uma linguagem mais sóbria, contudo, verifica-se ainda uma sintaxe específica que foge às normas linguísticas mais comuns e que implica uma leitura compassada. O vocabulário continua a oscilar entre palavras eruditas e outras de cariz familiar, numa associação de tons que já assinalámos como característica do pós-modernismo e da escrita de JS. Mantém-se também a pontuação peculiar que obriga a uma leitura atenta a uma subtil cadência desvinculada de apoios tipográficos.

D. INDÍCIOS DE CONSAGRAÇÃO

Antes de nos centrarmos na obra de JS, evocámos os factores que permitem a um autor alcançar um reconhecimento durável. Trata-se, nos parágrafos que se seguem, de deslindar no percurso de JS, as marcas do elevado grau de consagração de que beneficia o escritor em Portugal. Mencionaremos, também, alguns indícios do prestígio alcançado pelo autor no estrangeiro para sustentar a nossa reflexão.

Os prémios concedidos a JS constituem o sinal mais concreto da posição que este ocupa no espaço literário nacional e internacional. Apesar de serem, por vezes, também atribuídos por razões outras que literárias, a realidade é que os mais conceituados, promovem a credibilidade e visibilidade dos autores galardoados de maneira mais eficiente que qualquer outro veículo de consagração literária. De salientar, que antes da atribuição do Prémio Camões (1995) ou do Prémio Nobel (1998)⁴⁷, o trabalho de JS já beneficiava de elevada consideração, sintoma disso são os vários prémios, nacionais e internacionais, concedidos ao autor antes destas duas datas marcantes, como por exemplo⁴⁸: Prémio Cidade de Lisboa (1980) por *Levantado do Chão*; Prémio da Crítica do Centro Português da Associação Internacional de Críticos

⁴⁷ Ao receber o Prémio Nobel de Literatura, José Saramago provocou alguma euforia nacional que se concretizou nas homenagens e inúmeros artigos que lhe foram dedicados na altura. De notar que após a atribuição deste prémio três revistas do meio cultural português consagraram um número especial ao autor e à sua obra: AA.VV., "José Saramago: Prémio Nobel", *Revista Camões*, nº3, Outubro-Dezembro de 1998; AA.VV., "José Saramago: o ano de 1998", *Colóquio/Letras*, nº151/152, Janeiro-Junho de 1999; AA.VV., "Ler Saramago", *Vértice*, nº91, Julho-Setembro de 1999. É, também, significativo que a revista "Bola Magazine" tenha reservado algumas páginas ao escritor, em Novembro de 1998, sob forma de uma entrevista intitulada "Vamos lá falar de futebol."

⁴⁸ Ver, a este propósito, Aguilera (2008), *site* da Fundação José Saramago e *site* da Editorial Caminho.

Literários (1984); Prémio D. Dinis (1986) por *O Ano da Morte de Ricardo Reis*; Prémio Pen Club Português, em 1982, por *Memorial do Convento* e, em 1984, por *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, romance distinguido, também, com o Prémio Grinzane-Cavour (Itália), em 1987, e, em 1993, com o Prémio *Independent Foreign Fiction*. Em 1992, JS recebe o Grande Prémio APE por *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e, em 1993, o Grande Prémio do Teatro APE/SEC por *In Nomine Dei*. Nesse mesmo ano, é distinguido com o Prémio Vida Literária da APE e, em 1995, com o Prémio de Consagração da Sociedade Portuguesa de Escritores. As condecorações concedidas pelo governo português – em 1985 torna-se Comendador da Ordem Militar de Santiago de Espada- e pelo governo francês – em 1991 torna-se Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras Francesas confirmam o prestígio de que afeire JS a partir da década de 80.

Importa, aqui, lembrar a polémica em torno de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, episódio relevante para o espaço literário português em geral, para o percurso de JS em particular. Em 1992, o então subsecretário de Estado da Cultura, Sousa Lara, retira o romance da lista de obras candidatas ao Prémio Literário Europeu, instituído em Maio de 1989. Este episódio, só por si, teria sido, sem dúvida, motivo de polémica, mas o facto de que este ocorra num momento em que já existia uma viva insatisfação perante as linhas orientadoras do governo em matéria de política cultural amplia a sua repercussão. Como relembra João Pedro George⁴⁹, pouco tempo antes da decisão controversa de Sousa Lara, havia sido criada a Frente Nacional para a Defesa da Cultura, "um movimento de oposição à política da SEC [Secretaria de Estado da Cultura] e que congregou diversos intelectuais e personalidades ligados à cultura nacional" (George 2002:193). JS pertence a este grupo e participa activamente nas várias iniciativas que o mesmo promove no sentido de manifestar a sua discordância para com as medidas do governo relacionadas com a cultura. É neste contexto de forte tensão entre o governo e um conjunto alargado de cidadãos do universo cultural português que surge a decisão de Sousa Lara porque, no seu entender, o romance "era profundamente polémic[o], pois ataca princípios que têm a ver com o

⁴⁹ Ver capítulo dedicado ao "caso Saramago" in George 2002: 192-203.

património religioso dos cristãos e, portanto, longe de unir os Portugueses, desunia-os naquilo que é o seu património espiritual" (Sousa Lara in Aguilera 2008:114). O descontentamento já existente articula-se, a partir daí, com a defesa da liberdade de expressão fortemente abalada pela decisão tomada pelo subsecretário de Estado da Cultura, dando lugar a reacções de alarme aquém e além fronteiras.

Deste episódio destacamos duas principais consequências: o sucesso editorial de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* em Portugal, mas também no estrangeiro, e a saída de Portugal de JS que, desde então, vive em Lanzarote. Ao afastar-se geograficamente do país, JS levanta dúvidas quanto ao seu sentimento patriótico, como se o episódio protagonizado por Sousa Lara tivesse resultado numa rejeição das suas raízes, ilações que escritor rejeita firmemente quando com elas é confrontado:

Vamos lá ver...Portugal não me fez mal nenhum! Não confundamos as coisas. [...]. No que respeita ao governo, aquele que está pode ser substituído por outro e o que me aconteceu foi com um governo de um partido que já não está [...] – mas o que aconteceu foi que eu pedi o favor de fazerem qualquer coisa porque aquilo não podia ser e não se fez nada. Discutiu-se um pouco mas nada se fez e eu resolvi ir-me embora. Desde então tenho vindo com muita frequência a Lisboa e, por isso, não há nenhuma reconciliação com o país porque não existe corte algum. Seria absurdo! (Silva 2009:142)

Em 2004, o então primeiro-ministro, Durão Barroso, condena publicamente a decisão tomada por Sousa Lara em 1992, o que levará JS a declarar: "o assunto está encerrado" (*Expresso* on-line, 15 de Abril de 2004). A controvérsia resolve-se, assim, oficialmente doze anos depois do seu início, mas mantém-se viva enquanto facto histórico-literário pertinente para uma melhor compreensão do espaço literário português e da posição de JS no mesmo, já que a censura de *O Evangelho* indicia a visibilidade pública já alcançada pelo autor em 1992 ao mesmo tempo que a amplifica.

No que concerne o reconhecimento académico, uma pesquisa efectuada no catálogo da Biblioteca Nacional em Julho de 2009 revela-nos que a obra de JS

deu lugar, em território nacional, a 19 teses de mestrado e duas de doutoramento⁵⁰. O *site* do Observatório da Ciência e Tecnologia indica-nos que na data referida estão em curso duas teses de doutoramento sobre a obra do autor: a de Mirian Ringel com o título provisório *Trajectória poética na obra de José Saramago* e a que estamos a realizar. As teses de doutoramento concluídas, *A construção da memória da nação em José Saramago e Gore Vidal* (2002), de Andriana Alves de Paula Martins e *Olhares cruzados: a problemática da leitura em José Saramago e Philippe Sollers* (2005), de Maria Odete Santos Jubilado, são posteriores à atribuição do Prémio Nobel a JS. Relativamente às teses de mestrado, oito antecedem a consagração sueca, quatro das quais apresentadas antes do autor receber, em 1995, o Prémio Camões.

Os resultados da nossa pesquisa levam-nos a concordar com a observação de João Céu e Silva:

Aliás, se enumerarmos a lista de trabalhos sobre José Saramago veremos que a sua extensão externa supera em muito a quantidade nacional, de onde se destaca mais a cobertura jornalística, [...], do que a ensaística ou a investigação. (2009:278)

É oportuno salientar a tese de doutoramento de José Bañón, arquitecto e professor na Universidade de Sevilha, *Pensamento Arquitectónico na Obra de José Saramago* (1999), que dá origem ao ensaio homónimo publicado pela Caminho em 2004. O projecto de Bañón, ao convocar a obra saramaguiana como fundamento de reflexões, *a priori*, alheias à literatura confirma a sua amplitude e consagração:

Pensamento Arquitectónico na Obra de José Saramago é uma tentativa de argumentar aquilo que neste título se anuncia: a justificação da existência de um certo tipo de pensamento que, por se ocupar em reflectir sobre a arquitectura, se denomina arquitectónico e a demonstração positiva de que este reside na obra do escritor escolhido. (Bañón 2004:16)

⁵⁰ Alertamos para o facto de que efectuámos uma consulta demorada da base de dados da Biblioteca Nacional e, caso a instituição apresente lacunas nos seus registos, estas influem directamente sobre os resultados apresentados.

Relativamente à concessão do título académico doutor *honoris causa*, dos 33 que distinguiram o autor, quatro são anteriores a 1998 – Universidade de Turim (1991), Universidade de Sevilha (1991), Universidade de Manchester (1995) e Universidade de Castilha-la-Mancha (1997). Em Portugal, o título foi atribuído pela Universidade de Évora (1999) e pela Universidade de Coimbra (2004). Verifica-se que o Prémio Nobel suscitou um aumento considerável do número de doutoramentos *honoris causa* concedidos a JS, apesar de, em território nacional, esta distinção só ter sido atribuída por duas vezes.

O reconhecimento académico nacional revela-se moderado, mas associado a outras manifestações de consagração, colocam o autor numa posição central do espaço literário que, com os anos, se tem vindo a consolidar. O facto de que JS tenha sido presidente da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Autores de 1985 a 1994 e de ter integrado vários júris de prémios literários reforçam este estatuto. Desde 1998, *Memorial do Convento* consta do programa de Português do 12º ano, sendo possível escolher entre o romance de JS e *Aparição* de Vergílio Ferreira para um estudo mais demorado. Os professores optavam, na generalidade pela obra de Vergílio Ferreira, mas a partir do ano lectivo de 2006/2007, *Memorial do Convento* torna-se leitura obrigatória. A inserção de uma obra nos programas escolares é um dos indícios mais notórios do processo de canonização de um escritor que vai ao encontro da homenagem feita a JS pela Fundação Círculo de Leitores ao instituir, em 1999, um prémio literário com o seu nome. O Prémio José Saramago é atribuído bienalmente a um autor de língua portuguesa com idade inferior a 35 anos. O valor monetário do prémio, 25000 €, coloca-o no grupo de prémios mais compensatórios financeiramente.

O estatuto alcançado pelo escritor no espaço literário português faz com que a publicação dos seus livros seja sempre alvo de curiosidade e represente um acontecimento fortemente mediatizado. Internacionalmente, são as traduções que melhor demonstram o prestígio da obra de JS, mas não é demais relembrar que "mesmo antes da consagração máxima trazida pelo Nobel,

Saramago era já o autor português contemporâneo mais traduzido, com livros editados em todo o mundo, da América do Norte à China"^{51/52}.

A consagração adquirida leva JS a transpor as fronteiras do campo literário: o seu nome foi atribuído a várias ruas de diversas localidades portuguesas, a algumas bibliotecas municipais (de Loures, de Beja e de Odemira, por exemplo), a uma ponte sobre o rio Caia e à Escola Secundária de Mafra que, a partir de 30 de Outubro de 1998, passou a chamar-se Escola Secundária José Saramago⁵³.

De maior relevância é o facto dos textos de JS servirem de fundamento a outras manifestações artísticas, tais como a ópera, o cinema e o teatro. Azio Corghi compôs duas óperas com base em dois textos de JS, *Blimunda* (1990), a partir do romance *Memorial do Convento*, e *Divara* (1993) baseado em *In Domine Dei*. Mas, como anota Grazielle Seminara, "o catálogo das composições de Corghi contém outros trabalhos inspirados na produção literária de Saramago. O romance *Evangelho segundo Jesus Cristo* é a fonte das cantatas *La morte di Lazzaro* (1995) e *Cruci-verba* (2001) [...] [e o] poema musical ...*Sotto l'ombra che il bambino solleva* (1999), composto a partir de [...] *O Ano de 1993*" (in Saramago 2005:104). Verifica-se assim uma forte ligação entre a obra de Azio Corghi e a do escritor português que atinge o seu ponto culminante quando JS escreve um libreto, *Don Giovanni ou O dissoluto absolvido*, a pedido do compositor⁵⁴.

A ópera foi encomendada a Corghi pelo Teatro alla Scala de Milão em 2003 e concebida por Saramago em resposta a uma solicitação precisa do músico. A própria génese de *O dissoluto absolvido* decorreu, por isso, na base de um diálogo cerrado entre escritor e compositor. (Seminara in Saramago 2005:106)

Apesar de Saramago ter assumido os seus "velhos medos às versões e adaptações de obras literárias [...] ao cinema" (Saramago 1994:160), em 2002,

⁵¹ In www.iplb.pt (página consultada a 23 de Junho de 2006).

⁵² Para termos uma ideia deste facto, basta lermos algumas páginas dos *Cadernos de Lanzarote*, todos eles anteriores a 1998 (1993-1997).

⁵³ O pedido foi efectuado em Janeiro de 1998, mas só a atribuição do Prémio Nobel ao escritor acelerou o processo e aniquilou a polémica gerada entre a escola e a Câmara Municipal de Mafra.

⁵⁴ A ópera estreou a 18 de Março de 2006 no Teatro S. Carlos.

Jangada de Pedra passa a ser também um filme, realizado pelo francês George Sluizer, cujo elenco conta com actores portugueses e espanhóis. *Ensaio sobre a Cegueira* deu lugar a algumas adaptações cuja mais retumbante é a adaptação teatral, realizada pela companhia de teatro O Bando com dramaturgia e encenação de João Brites, cuja primeira representação ocorre no Teatro Nacional de São João a 6 de Maio de 2004. Espectáculo ambicioso que transmite os alertas brutais contidos no livro cuja banda sonora, composta por João Salgueiro, é editada com o título "Ensaio sobre a Cegueira, um Requiem pela Humanidade". Em Abril de 2004, a Associação Vo'Arte propõe "Cidade Nua", espectáculo inspirado em metáforas do romance em questão, que também foi objecto de adaptações teatrais no Brasil e em Itália. No *JL* de 8 de Novembro de 2006, JS dá algumas informações sobre a adaptação cinematográfica do romance em questão por Fernando Meirelles⁵⁵. *Blindness* estreou mundialmente no 61º Festival de Cannes, em Maio de 2008, onde inaugurou a projecção dos filmes em competição. De 14 de Setembro a 10 de Outubro de 2004 esteve em cena no Teatro Municipal de São Luiz a peça de teatro *O Evangelho*, baseada em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. *Memorial do Convento* é uma das obras mais inspiradoras de JS. Entre as várias adaptações artísticas, salientamos ainda *Baltasar e Blimunda*, espectáculo musical que associa excertos textuais do romance saramaguiano à música de Domenico Scarlatti, compositor dos séculos XVII-XVIII, e se deve à iniciativa da filandesa Lisbeth Ladefort que explica, assim, a origem do projecto:

Eu não li todos os livros do Saramago – mas li muitos – e há alguns anos ao ler a história de *Baltasar* e de *Blimunda* senti uma luz a acender-se em mim e pensei que se pudesse levar essa luz ao público finlandês seria importante.
(in Silva 2009:313)

O resultado do entusiasmo e empenho de Lisbeth Ladefort, *Baltasar e Blimunda*, estreia em Helsínquia em Março de 2007, em Madrid a 16 de

⁵⁵ "As filmagens devem começar em Junho de 2007 e terminar em Setembro. [...]. Trata-se de uma produção canadiana, brasileira, japonesa e inglesa." (Saramago in Vasconcelos 2006:9)

Novembro de 2007, em Lisboa a 18 de Novembro do mesmo ano e, em Lanzarote a 13 de Janeiro de 2008.

O Teatro Nacional D. Maria II, a partir de uma primeira versão de 1999, apresenta, de 5 de Janeiro a 28 de Junho de 2008, uma peça baseada em *Memorial do Convento* cuja adaptação dramaturgica é de Filomena Oliveira e Miguel Real.

De mencionar também a transformação de algumas poesias do escritor em temas musicais em *As Canções Possíveis – Manuel Freire canta José Saramago* (1ª edição em 1998) e *Nesta Esquina do Tempo* (2007) do cantor castelhano Luís Pastor, e o trabalho de Agostinho Santos, artista plástico, que começa a inspirar-se na obra de JS em 1995 e realiza, de 16 de Dezembro de 2006 a 30 de Abril de 2007, uma exposição no Museu Nacional da Imprensa intitulada “José Saramago segundo Agostinho Santos: Pintura e Desenho” com aproximadamente duzentas obras.

São, assim, múltiplos os elementos que assinalam e reforçam a consagração de JS. Nos últimos anos, a concretização de três projectos de teor diverso constituem, no nosso entender, marcas inegáveis do prestígio consistente alcançado pelo Nobel português. A Fundação José Saramago, a exposição “A Consistência dos Sonhos” e a estátua do escritor em Azinhaga, associadas a muitos outros indícios de reconhecimento – alguns deles por nós evidenciados –, representam de modo bastante concreto a pertença de JS ao grupo dos autores canónicos nacional e internacionalmente.

A Fundação José Saramago foi criada em Junho de 2007, tendo sido reconhecida, em Janeiro de 2008, pelo governo português que, em Julho de 2008, concede à fundação, por um período de dez anos, a Casa dos Bicos. Mediante um *site* regularmente actualizado e muito diversificado, a Fundação José Saramago divulga notícias relacionadas com o autor, mas também sobre temáticas e iniciativas às quais este não está directamente vinculado. Numa entrevista conduzida por Pilar del Rio, o escritor evoca assim a sua fundação:

A Fundação existe porque tem uma função imediata, que é a da defesa da integridade da obra do autor, não a promoção da obra, que está nas mãos dos seus editores [...]. (2008:43)

E tenta, de alguma forma, ser agitadora do meio literário em Portugal. [...]. Ora, nós propusemo-nos organizar a recuperação desses autores, recuperação pelo menos emocional. (ibid.)

A actuação no plano dos direitos humanos, no meio ambiente, uma acção cultural que, não tenho dúvidas nenhuma, irá enriquecendo à medida que o tempo passe, é o que desejaria que acontecesse. (ibid.:44)

Simultaneamente à criação do *site* da Fundação José Saramago, o escritor inicia a sua participação na *blogosfera*, em Setembro de 2008, com *O Caderno de Saramago*, aproximando-se, assim, dos seus leitores e da sociedade em geral mediante "uma maneira de comunicar diferente"⁵⁶:

Por mim mesmo, nunca me teria proposto essa aventura, completamente nova nos meus hábitos de trabalho. A sugestão foi tua [de Pilar del Rio]. O curioso foi ter percebido, logo às primeiras palavras, que estava a escrever em algo surpreendente, na página infinita da Internet, como logo lhe chamei, e que essa escrita era uma maneira de comunicar diferente da que os livros proporcionam, diferente também de escrever artigos e publicá-los na imprensa. O ser humano é realmente complicado. Tantas vezes me tinham pedido que colaborasse em jornais e revistas, o que evidentemente me seria pago, e agora estou a ocupar parte do meu tempo a escrever textos grátis. Enfim, é bom... (ibid.)

"A Consistência dos Sonhos", exposição realizada pela Fundação César Manrique e inaugurada em Lanzarote a 23 de Novembro de 2007, reúne o essencial da vida e obra de JS numa homenagem que celebra o escritor, ao mesmo tempo que revela elementos do seu percurso até então ignorados.

Juntamente com o acervo central de dados estritamente biográficos, incorporei alusões e esboços de poemas, contos, romances incompletos,

⁵⁶ JS dá por terminada esta sua participação no espaço virtual a 31 de Agosto de 2009 num *post* intitulado "Despedida". Excerto: "Adeus, portanto. Até outro dia? Sinceramente, não creio. Comecei outro livro e quero dedicar-lhe todo o meu tempo." E o *post scriptum* a esta despedida anuncia possíveis regressos: "Pensando melhor, não há que ser tão radical. Se alguma vez sentir necessidade de comentar ou opinar sobre algo, virei bater à porta do *Caderno*, que é o lugar onde mais a gosto poderei expressar-me." <http://caderno.josesaramago.org/2009/08/31/despedida/>
Pontualmente, JS utilizará o *Caderno* para dar opiniões sobre temas diversos.

peças de teatros, cartas trocadas com colegas e materiais preparatórios, todos inéditos e desconhecidos até à inauguração da exposição, que permitiu saber da sua existência e trazê-los à luz. (Aguilera 2008:10)

A exposição que, depois de Lanzarote, esteve patente no Palácio da Ajuda, em Lisboa, de 24 de Abril a 27 de Julho de 2008, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, de 29 de Novembro do mesmo ano a 15 de Fevereiro de 2009, devendo, ulteriormente, ser apresentada em Madrid, é um marco oportuno de uma consagração há tantos anos manifesta.

Em Junho de 2009, é inaugurada, em Azinhaga, a estátua de JS, da autoria do escultor ribatejano Armando Ferreira, símbolo notório do prestígio alcançado pelo escritor a nível mundial.

O panorama conciso dos elementos que assinalam a consagração de JS privilegiou as manifestações de reconhecimento nacionais sem, no entanto, descuidar totalmente as internacionais que servem de confirmação pertinente das primeiras. Não foi nosso propósito elaborar uma lista exaustiva das distinções e outros indícios de consagração marcantes do percurso saramaguiano, mas tentámos seleccionar aqueles que evidenciam a amplitude e importância da obra e do autor no espaço literário português, mas também internacional, já que, como adianta Aguilera, JS na década de 90 "e na seguinte desenvolverá uma incansável actividade como conferencista por todo o mundo. As sessões de lançamento dos seus livros transformam-se em actos multitudinários e a sua presença nos meios de comunicação nacionais e internacionais é vastíssima. Saramago, sem o ter projectado, transforma-se numa espécie de consciência do mundo. [...]. A sua notoriedade pública não pára de crescer. Forja-se a imagem de um dos intelectuais de esquerda comprometidos de maior influência." (2008:111)

Antes do Prémio Nobel, JS já era um autor determinante da literatura portuguesa e da sua internacionalização, prestígio que o galardão sueco acentuou. A atribuição do Nobel a um escritor português mergulhou Portugal numa euforia que Carlos Reis resume, no nosso entender, acertadamente, num artigo publicado no JL a 16 de Dezembro de 1998:

A vida, em suma, para a literatura portuguesa nem acabou nesse dia 8 de Outubro, em que soubemos da notícia do Nobel, nem no dia 10 de Dezembro, em que vimos a cerimónia. E o estado de graça que esses dois meses de certa forma constituíram mais não foi que isso mesmo: um estado de graça. Que tenhamos podido tê-lo e vivê-lo é um privilégio, que só os tais espíritos bem-pensantes não entenderão como tal. Privilégio que é, contudo, efémero.

Efémero para todos os portugueses que vivem esse momento intensamente, mas não para o escritor que, a partir de Outubro de 1998, multiplica as suas já numerosas conferências e viagens, manifestando uma atenção activa e participativa no mundo que habita e que o consagrou. Foi a literatura que alargou o alcance das suas mais diversas opiniões, mas JS relembra, com frequência, que é o seu dever de cidadão que o impele a falar:

¿Qué compromiso debemos tener con la sociedad? Dejemos la Literatura tranquila, en su lugar. El compromiso no es lo de escritores, ni de médicos, ni de ingenieros, es, sencillamente, de ciudadanos, y ciudadanos somos todos, incluidos los políticos.⁵⁷

Como escritor e como cidadão, JS destaca-se nacional e internacionalmente, ocupando uma posição de grande relevância na sociedade contemporânea.

⁵⁷Conferência de José Saramago no âmbito do "Ciclo Literatura y compromiso social". Página consultada a 23 de Junho de 2006 sem data nem local da conferência.

SEGUNDA PARTE

Análise comparativa

Antes de iniciarmos a apresentação dos resultados da análise comparativa, consideramos útil apresentar de forma mais pormenorizada o enquadramento metodológico no qual se inscreve a nossa investigação. O facto de propormos uma síntese teórica como preâmbulo à segunda parte do nosso trabalho não é aleatório, já que nela se regista a importância dos dados empíricos – reunidos mediante o estudo comparativo – e da caracterização do espaço literário alvo – terceira parte do nosso trabalho – para uma descrição consistente do processo tradutivo.

A autonomia relativamente recente dos Estudos de Tradução (TS⁵⁸) e a diversidade de aspectos que encerram implicam uma revisão frequente dos seus objectivos e características. Consoante a formação e os interesses dos investigadores, aspectos mais ou menos específicos são estudados, o que constitui uma disciplina cuja variedade de questões é estimulante, mas pode tornar-se contraproducente e dificultar o seu desenvolvimento.

Da diversidade das áreas que constituem os TS, surge a necessidade, aquando de uma investigação, de delimitar o enquadramento teórico e metodológico no qual aquela se inscreve. Partiremos do esquema de James Holmes que, em 1972, representou um verdadeiro impulso para a concretização dos TS enquanto disciplina autónoma e serviu de base para ulteriores reflexões, nomeadamente para as de Gideon Toury responsável pelo desenvolvimento dos Descriptive Translation Studies (DTS), orientação principal do presente estudo. Como veremos, o trabalho de Andrew Chesterman pode servir de complemento ao do investigador israelita, nomeadamente a definição de um conjunto de normas que, associadas às de Toury nos podem ser úteis. Terminaremos a primeira parte da síntese com uma reflexão sobre um dos objectivos dos TS para o qual gostaríamos de contribuir: a elaboração de leis que se apliquem ao maior número possível de traduções. Depois de evocarmos brevemente a aproximação dos TS da sociologia e a pertinência de utilizarmos pontualmente as reflexões de alguns sociólogos,

⁵⁸ Utilizamos a sigla "TS" (Translation Studies) por ser a forma mais comum de evocar a disciplina em questão seja qual for o idioma utilizado.

nomeadamente as de Pierre Bourdieu e Pascale Casanova, convocamos para esta síntese dois artigos⁵⁹ cujo conteúdo assenta em perspectivas globalizantes dos TS. O recurso a estes dois contributos permite-nos cumprir a principal finalidade desta síntese: apresentar sumariamente o enquadramento teórico e metodológico que sustém o nosso trabalho sem ignorar algumas das principais reflexões desenvolvidas no âmbito dos TS que levam a uma utilização mais eficaz da perspectiva por nós adoptada.

Como escreveu Anthony Pym, "maps are peculiar instruments of power" (1998:3) e, de facto, o "map" apresentado por James Holmes (JH), em 1972, no terceiro Congresso de Linguística Aplicada em Copenhaga⁶⁰, representou a orientação necessária para que a disciplina se autonomizasse e congregasse estudiosos cujas reflexões têm vindo a reforçar a presença dos TS no seio das ciências humanas e sociais.

A expressão touryana "division of labour" (1995:9) caracteriza sintética e acertadamente o contributo mais visível e útil do modelo de JH. Ao dividir a disciplina em diferentes áreas de estudo (Toury 1995:10), JH proporciona aos TS uma classificação operacional que favorecerá a autonomização e institucionalização da disciplina. O modelo de 1972 retém a nossa atenção porque, para além de representar uma orientação sólida para trabalhos ulteriores, também aparece como a plataforma a partir da qual se desenvolveram os DTS.

What is missing, in other words, is not isolated attempts reflecting excellent intuitions and supplying fine insights (which many of the existing studies certainly do), but a systematic branch proceeding from clear assumptions and armed with a methodology and research techniques made as explicit as possible and justified within Translation Studies itself. (Toury 1995:3)

Os objectivos de Gideon Toury (GT), em *DTS and Beyond* (1995), ficam claros na citação transcrita: o investigador tenciona dotar os TS de instrumentos metodológicos consistentes. Tal como JH, GT reserva um lugar central aos

⁵⁹ Delabastita (2003) e Chesterman /Arrojo (2000).

⁶⁰ Toury 1995:7.

estudos descritivos⁶¹, no entanto discorda da autonomia estanque que, no esquema de 1972, individualiza as três áreas que os constituem.

Thus, it is certainly true that three approaches – function-, process- and product-oriented – are not just possible, but justified too, and that each one of them delimits a legitimate field of study of its own. To regard the three fields as autonomous, however, is a sure recipe for reducing individual studies to superficial descriptions [...]. (Toury 1995:11)

GT efectua, então, uma reflexão sustentada que culmina num diagrama explícito quanto aos seus propósitos (1995:13): salientar que um estudo descritivo carece de pertinência se separar terminantemente "the product", "the process" e "the function":

Thus, there is no real point in a product-oriented study without taking into account questions pertaining to the determining force of its intended function and to the strategies governed by the norms of establishing a "proper" product. Similarly, there is little point in a process-oriented study whatever type, unless the cultural-semiotic conditions under which it occurs are incorporated into it. (1995:13)

GT prossegue a apreciação crítica do legado teórico e metodológico de JH, concentrando-se na relação existente entre os DTS e a teoria da tradução. Mais uma vez, o investigador apõe ao esquema inicial setas que introduzem dinâmica e reciprocidade entre os vários componentes (1995:15). O último diagrama (1995:18) proposto por GT que ilustra "the relations between Translation Studies and its applied extensions" caracteriza-se, igualmente, pela articulação dinâmica dos diferentes itens que constituem, de forma mais estática, o modelo de 1972.

As modificações sugeridas por GT são pertinentes no sentido de cumprir os objectivos anunciados na página 15:

⁶¹ "Descriptive studies will be taken as a focal point and pivot, both as an activity and a scientific branch – in full keeping with Holmes' own way of reasoning, I should presume." (Toury 1995:10)

[...] Translation Studies is called for to tackle fully and systematically⁶² three types of issues which differ in scope and level:

- (1) all that translation CAN, in principle, involve;
- (2) what it DOES involve, under various sets of circumstances, along with the REASONS for that involvement, and
- (3) what it is LIKELY to involve, under one or another array of specified conditions.

Destacamos da revisão touryana a dinâmica acrescentada ao modelo de JH e o reforço da posição nuclear ocupada pelos DTS que, nas palavras de GT, ocupam, no interior dos TS, "a pivotal position" (1995:7), nomeadamente porque os estudos descritivos reúnem conclusões que podem sustentar, o domínio da "translation theory" e o das "applied extensions of Translation Studies" (1995:16). Os diagramas elaborados e a reflexão a eles associada esboçam circuitos metodológicos abrangentes e dinâmicos que têm nos DTS uma passagem fundamental para que os TS se desenvolvam na sua globalidade e mantenham uma certa coesão entre (e apesar de) as diferentes áreas que encerram.

Tendo em conta os contornos da nossa investigação interessa-nos, agora, expor de forma mais demorada as propostas metodológicas que orientam a concretização de estudos no âmbito dos DTS.

Ao afirmar que "translations are facts of target cultures; on occasion facts of special status, sometimes even constituting identifiable (sub)systems of their own, but of the target culture in any event" (1995:29), GT encaminha os TS para investigações que têm como ponto de partida a cultura alvo e se alicerçam sobre a equivalência metodologicamente necessária entre o texto de partida (TP) e o texto de chegada (TC)⁶³.

Anotamos, de forma concisa, as principais mudanças atinentes ao estudo da tradução propostas por GT. O investigador:

⁶² Sublinhado nosso.

⁶³ "Methodologically, this means that a descriptive study would always proceed from the assumption that equivalence does exist between an assumed translation and its assumed source. What remains to be uncovered is only the way this postulate was actually realized, e.g., in terms of the balance between what was kept invariant and what was transformed." (1995:86)

- (1) delinea um método de análise descritivo que se afasta dos prescritivos até então maioritários;
- (2) considera que os textos traduzidos pertencem à cultura alvo, retirando assim, predominância à cultura de partida e ao TP no estudo da tradução e das suas diversas implicações;
- (3) propõe um aproveitamento inovador do conceito de equivalência: já não se trata de averiguar se existe equivalência entre o TP e o TC, mas de definir a equivalência metodologicamente assumida e identificar as possíveis causas das suas principais características.

No centro destas alterações teóricas e metodológicas, e, como um dos alicerces das mesmas, encontra-se o conceito de norma:

Norms are the key concept and focal point in any attempt to account for the social relevance activities, because their existence, and the wide range of situations they apply to [...], are the main factors ensuring the establishment and retention of social order. (1995:55)

GT parte de um conceito de norma que se aplica ao comportamento social num sentido lato: as actividades humanas são condicionadas por padrões de conduta que, independentemente de não terem estatuto legal, são caucionados pelos grupos sociais que definem. As normas operam transversalmente na sociedade como reguladores dos actos individuais, daí que seja relevante, no âmbito da nossa investigação, procurar reunir, a partir de regularidades detectadas no processo tradutivo, as normas que orientam o trabalho do tradutor. O caminho inverso também é pertinente, ou seja, o conhecimento das normas de um espaço literário específico auxilia a elaboração de hipóteses de trabalho relativas ao tipo de equivalência predominante numa determinada tradução. O conceito de norma utilizado no âmbito dos DTS revela-se, assim, necessário para uma caracterização fundamentada da tradução e das relações sistémicas por ela suscitadas.

Ilustramos a importância das normas no processo tradutivo através de observações que apontam para a tendência nítida do tradutor em aderir, no decurso do seu trabalho, a normas vigentes no seu espaço cultural.

In a vast number of cases, however, the translator's activity is not subject to any reward structure that can justify a risk-taking disposition. (Pym 2007 (a):14)

That is, translators belong to the subset of "competent professionals" if they are acknowledged to do so by other members of their culture (or perhaps, more specifically, by members who are themselves acknowledged by yet other members as having the ability to make this evaluation). In other words, translator competence (on this view) is defined socially, not linguistically, [...]. Power relationships in society are thus also involved, inevitably. (Chesterman 1997:74)

However, any deviation from "normative" modes of behaviour is liable to be negatively sanctioned, if only by detracting from the product's acceptability, as a translation, or even as a target-language text. Most translators are quite reluctant to pay such a price and therefore the tendency is normally to adhere to prevalent norms. (Toury 1995:163)

Translators are interested in getting their work published. This will be accomplished much more easily if it is not in conflict with standards for acceptable behaviour in the target culture: with that culture's ideology. [...]. Translation will also be published, sold, and read more easily if they correspond or can be made to correspond to the dominant concept of literature in the target culture. (Lefevere 1992:87)

Nestes excertos fica clara a importância de vectores sociais na elaboração de uma tradução e, por conseguinte, a pertinência do recurso ao conceito de norma na abordagem empírica de uma tradução. De sublinhar ainda que as normas são diversas e operam a vários níveis do processo tradutivo, e que o tradutor as respeita com o intuito de evitar sanções e obter benefícios do espaço cultural que abriga a sua actividade profissional.

A frase de Andrew Chesterman (AC) que transcrevemos de seguida resume acertadamente as prováveis motivações do trabalho do tradutor e serve também para expor *grossa modo* as etapas da nossa investigação:

If the objective of strategies is to conform to norms, what then is the objective of norms? In a nutshell I think the answer is: to promote certain values. (1997:172)

Adoptando como principal orientação metodológica e teórica os DTS, contamos identificar regularidades no *corpus* de traduções por nós definido, levantar hipóteses quanto às normas que lhes dão origem e, posteriormente, identificar os possíveis valores que os tradutores, através do seu trabalho, pretendem salvaguardar.

Uma das confirmações explícitas da relevância dos estudos de GT, nomeadamente da reflexão demorada sobre o conceito de norma, é a utilização que dela fará, quanto a nós de forma acertada, AC. A sua proposta (1997:64-70) representa uma continuidade assumida da reflexão de GT⁶⁴, no entanto, AC também evidencia rapidamente a principal diferença que o distancia do seu antecessor.

The norms that interest me here are those that come into play after a client has commissioned a translation⁶⁵, those that guide the translator's work itself. (1997:63)

AC exclui, assim, do seu foco de reflexão as normas que regem a selecção de um texto para tradução designadas "preliminary norms" por GT⁶⁶, o que no nosso entender, reduz algumas das abstracções presentes na classificação de GT. A proposta de AC, para além de uma terminologia mais explícita, propõe um conjunto de normas fortemente centradas no trabalho concreto que é o acto de traduzir, nas diferentes relações que este implica e nas questões sobre as quais o tradutor tem de reflectir. Emblemáticas disto são as sub-divisões das "professional norms"⁶⁷ que se inscrevem na realidade imediata do tradutor,

⁶⁴ Ver a apresentação prévia que Andrew Chesterman faz das normas do investigador israelita (1997: 63-64).

⁶⁵ Sublinhado nosso.

⁶⁶ As normas de Andrew Chesterman (1997:64-70) dividem-se em dois grandes grupos: as "expectancy norms" e as "professional norms". Estas cobrem a área definida pelas "initial norms" e as "operational norms" de Gideon Toury.

⁶⁷ As "professional norms" subdividem-se em três grupos: (a) a "accountability norm", norma ética segundo a qual o tradutor deverá demonstrar honestidade para com todas as partes envolvidas no processo de tradução: o autor, o leitor, o próprio tradutor e aquele para quem trabalha; (b) a "communication norm": norma social que implica que o tradutor exerça a sua actividade de forma a assegurar a melhor

enquanto que as "matricial norms" de GT estão mais ligadas ao texto. Finalmente, a classificação de AC destaca alguns elementos vagamente sugeridos por GT: a forte dinâmica existente entre as "expectancy norms" e as "professional norms", ou seja, o papel preponderante das expectativas dos leitores nas opções do tradutor e vice-versa.

Pelas razões evocadas, as normas elaboradas por AC são um complemento oportuno à proposta de GT. As diferenças apontadas não implicam que prescindamos das normas touryanas que, de teor mais abstracto, permitem uma aplicação mais alargada e são o alicerce ideal para identificar normas mais específicas. Para além do mais, as "preliminary norms", ausentes do trabalho de AC, são essenciais para caracterizar, em termos sistémicos, um determinado processo de tradução.

As normas são um tema de indagação recorrente no âmbito dos TS, mas, no nosso entender, estas duas propostas são as mais consistentes, completam-se e permitem realizar uma análise descritiva pormenorizada. Associadas ao esquema de Lambert e van Gorp (1985:43), facultam o conhecimento das opções significativas do tradutor que possibilita a caracterização dos sistemas literários envolvidos num determinado processo tradutivo tal como a relação que entre eles se estabelece.

O modelo de Lambert et van Gorp, sobre o qual se alicerçam inúmeros trabalhos foi criticado por vários estudiosos, inclusive pelos seus autores que estiveram sempre conscientes da dificuldade que representa ter em consideração todos os elementos que constituem a sua proposta metodológica.

Our attempt to build up a synthetic commentary may well appear utopian, since it is impossible to summarize all relationships involved in the activity of translation. We are fully aware of this. Indeed, the scholar, as well as the translator, has to establish priorities. (Lambert/van Gorp 1985:47)

A citação escolhida oferece uma solução às limitações apontadas: "the scholar, as well as the translator, has to establish priorities". A palavra-chave

comunicação entre as partes envolvidas no processo tradutivo; (c) a "relation norm": norma linguística, consoante a qual as opções do tradutor devem ter em conta o tipo de texto, as exigências do cliente, as intenções do escritor e as necessidades dos presumíveis leitores. (1997: 68-69)

desta afirmação é "priorities": o esquema em questão pretende cobrir a totalidade das relações sistémicas implicadas num processo tradutivo, mas o investigador tem de efectuar escolhas, ou seja, tratar demoradamente algumas dessas relações sem, no entanto, ignorar por completo as que, por diferentes razões, não pode analisar de forma aprofundada.

No presente estudo, interessa-nos sobretudo caracterizar a recepção francesa de três romances de José Saramago e, simultaneamente, auxiliar a consolidação dos instrumentos teóricos e metodológicos utilizados.

Pretendemos também que as nossas conclusões contribuam para a discussão sobre as leis de tradução teoricamente muito debatidas no âmbito dos TS, mas que continuam a necessitar de confirmação empírica. Como GT acreditamos que:

[...], unlike the directives which now dominate the field, the questions for laws would have to take into full consideration regularities of actual behaviour obtained by an evergrowing (and ever more variegated) series of studies into well-defined corpuses (see also Baker 1993). This, in fact, is the main justification for my insistence on the vital role of descriptive-explanatory inquiries into translation in the evolution of the discipline, and on the pivotal position of DTS as a distinct branch. (1995:265)

Uma das finalidades da pesquisa em TS é identificar recorrências que se apliquem ao processo tradutivo em geral para que se torne possível definir a tradução e as suas implicações de forma abrangente e global.

Já em 1985, num artigo publicado em *Les Tours de Babel* (Jorge (coord.) 1997:15-63), Berman propunha as "tendências deformantes"⁶⁸ que reproduzimos em nota por estas conterem em substância algo do que será ulteriormente apresentado sobre esta temática. Apesar do propósito de Berman, no estudo em questão, ser marcadamente prescritivo, o que queremos destacar é a tentativa, recorrente nos TS, de formular princípios teóricos que se ajustam à maioria das traduções.

⁶⁸ A racionalização, a clarificação, o alongamento, o enobrecimento, o empobrecimento qualitativo, o empobrecimento quantitativo, a homogeneização, a destruição dos ritmos, a destruição das redes significantes subjacentes, a destruição dos sistematismos, a destruição ou a exotização das redes vernáculas da fala, a destruição das locuções, o apagamento das superposições de línguas.

Toury propôs duas leis relacionadas com a tradução em geral (1995:259-279): "the law of growing standardization" e "the law of interference". As leis propostas por GT são descritivas e visam dar conta de tendências que se podem verificar através do estudo de textos traduzidos, mas que carecem ainda de sustento empírico. A primeira lei apresenta de forma resumida o facto de nas traduções nos depararmos frequentemente com a reprodução das "habitual options offered by a target repertoire" em detrimento das características do TP (Toury 1995:268). A segunda lei alerta-nos para a interferência do texto de partida no trabalho do tradutor, o que como afirma AC anuncia uma contradição com "the law of growing standardization":

Interestingly, this law seems to run counter to the law of interference: whereas interference points to the dominance of the source language, the law of growing standardization points to the dominance of the target language system at the expense of specifically source-texts features. (1997:72)

É evidente que as duas leis formuladas por GT têm incidências distintas, senão opostas, todavia, não nos parece irrelevante salientar que, de uma forma ou de outra, o TP condiciona igualmente a concretização do TC. Estas duas leis são suficientemente abrangentes para que a partir delas se possam definir outras relativas à globalidade do processo tradutivo que depende mormente da cultura alvo, mas se inicia na selecção de um TP.

Depois de apresentar e discutir as leis que designará como "translation laws" (1997:70-73), AC propõe outro conjunto de leis: as "normative laws" (1997:73-74). Mais uma vez, o investigador parte do trabalho de GT para sugerir um complemento teórico e metodológico útil. Ao propor uma categoria de leis que incide unicamente sobre "the behaviour of translators who conform to translation norms, and who actually set the professional norms" (1997:73), AC aproxima-se do trabalho concreto dos tradutores profissionais, formula uma interligação consistente entre as normas e as "normative laws", e proporciona um instrumento de trabalho aos investigadores que completa adequadamente as propostas teóricas existentes sobre esta temática.

Neste âmbito, é necessário também ter em conta o trabalho de Mona Baker (MB) cujo essencial do percurso científico se desenvolveu na área dos *corpora* linguísticos como auxílio de uma abordagem eficiente da tradução, nomeadamente para, a partir do material acumulado em suporte informático, definir regularidades significativas. Na década de 90, MB (1996) propõe os seguintes universais de tradução: "explicitation", "simplification", "normalization/conservatism" e "leveling out" cujas definições na *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (1998:288-291) se encontram associadas a outras propostas semelhantes, designadamente às leis de GT que já eram objecto de reflexão do investigador antes de lhes ser dedicado um capítulo em *DTS and Beyond*.

Neste momento da nossa exposição parece-nos oportuno convocar um artigo de Anthony Pym (AP) que se detém nas leis de GT, colocando-as em paralelo com os universais de MB: "On Toury's laws of how translators translate" (2007).

AP inicia a sua reflexão evocando as várias formulações que GT em *DTS and Beyond* faz das leis antes de chegar a uma versão definitiva. Depois desta introdução, apresenta os universais de MB e salienta, no nosso entender, uma das vantagens da proposta da investigadora:

What in Toury is an intellectual process becomes in Baker a readily understandable and reproducible product. Toury takes 13 pages to describe two laws; Baker needs just five pages for four universals – there can be no doubt where the greater cost-benefit lies. (2007 (a):6)

De facto, o carácter simples e directo da formulação de MB, facilita o acesso e, conseqüentemente, a divulgação dos seus universais. Parece-nos benéfico tê-los em conta porque delimitam e tornam mais concretas ideias contidas nas leis de GT, nomeadamente na primeira, como o assinala e demonstra AP numa sustentada reflexão (ibid.:7) da qual conclui que: (1) os quatro universais correspondem à "law of standardization"; (2) MB não propõe nenhum universal de tradução que remeta para a "law of interference"⁶⁹. Na

⁶⁹ AP deduz que MB opta por limitar a incidência dos seus universais a um campo de investigação que se coaduna com a metodologia, alicerçada nos *corpora*, que tem vindo a desenvolver (ibid.:10).

esteira de AP⁷⁰, julgamos que a "law of interference" é necessária para obter resultados abrangentes e fundamentados do estudo descritivo e sistémico das traduções.

Em suma, consideramos que os universais de MB podem ser úteis como complemento da "law of standardization", mas não dispensam o recurso às leis formuladas por GT.

Os elementos teóricos e metodológicos até agora apresentados são aqueles sobre os quais se alicerça a nossa investigação. Na segunda parte da presente síntese que, agora, iniciamos trata-se sobretudo de alargar a nossa reflexão a uma tendência que se tem vindo a acentuar nos TS e que, sem entrar em conflito com as nossas opções metodológicas, poderá, pontualmente, esclarecê-las e completá-las.

Trata-se da aproximação dos TS da sociologia que, na esteira de José Lambert, consideramos natural dado que os objectivos e princípios gerais sobre os quais assenta a teoria do polissistema apresentam pontos de contacto com os que foram formulados por Pierre Bourdieu (PB) na década de 70.

PS theory does not have the monopoly on such a "relational" or "functional" approach to cultural phenomena, but probably no theoretical approach – besides Bourdieu's – has made this more explicit. (Delabastita (ed.) 2006: 113)

Como nota Hermans (1999), vários investigadores utilizam o trabalho de PB para desenvolverem novos modelos de análise.

Os trabalhos de Gouanvic e Simeoni são emblemáticos desta realidade: o primeiro apreende os textos traduzidos como produtos culturais que, possuindo um valor simbólico e material, estão submetidos a uma lógica semelhante à que caracteriza os mercados económicos; o segundo, ao defender que aprender a traduzir significa especializar-se num determinado *habitus* social

⁷⁰ "There is just one problem with this magnificent all-embracing explanation: the linguistic features are not universal to all kinds of translation. As in Baker, that view is only explaining the "standardization" part of translation processes. It fails to account for interference as the other aspect of what happens in translation." (ibid.:11)

(Hermans 1999:134), faz do papel desempenhado pelo tradutor o núcleo das suas análises.

O artigo "The pivotal status of the translator's habitus" (1998) de Daniel Simeoni (DS), citado por Hermans, é uma reflexão consistente sobre a pertinência do recurso ao conceito de *habitus* de PB, que sem entrar em conflito com a nossa orientação metodológica, representa um passo em direcção do agente cultural responsável pela tradução. O investigador sugere que, através do conceito de PB, se pondere a função do próprio tradutor na elaboração e manutenção das normas que condicionam o seu trabalho:

Norms do prevail, but translators govern norms as much as their behaviour is governed by them. (1998:24)

Chesterman já havia consignado uma opinião semelhante⁷¹ sem a ligar ao conceito de *habitus* que, quanto a nós, é apropriado para abordagem de alguns aspectos do processo tradutivo, nomeadamente quando se trata de indagar as causas das decisões tomadas pelo tradutor.

Como demonstra a introdução ao volume intitulado *Sociocultural Aspects and Interpreting* (2006:1-25), AP é um dos estudiosos que, paralelamente ao seu trabalho sobre a história da tradução, tem tentado redireccionar o foco dos TS, insistindo na importância de um olhar sociológico que deixe de ter o texto como centro e se focalize no principal agente do processo tradutivo: o tradutor.

No texto em questão, AP salienta o facto de que muitos dos estudos publicados a partir dos anos 70 sobre tradução têm uma vertente sociológica, no entanto, lamenta que estes se mantenham demasiado interligados a análises textuais. AP reivindica um acréscimo da atenção concedida aos tradutores que evite análises binárias e tenha em conta tanto elementos culturais como sociais.

As ideias, aqui, apresentadas entram em total consonância com a posição adoptada por AP em *Method in Translation History* (1998):

⁷¹ "Professionals are the people who are largely responsible for the original establishment of the expectancy norms, in fact, for the products of their work naturally become the yardsticks by which subsequent translations are assessed by the receiving society. Their translation behaviour, in other words, is accepted to be norm-setting." (1997:67)

In other words, translation history should address problems of social causation. This seems straightforward until you realize that narrowly empirical methods – the kind we find in many systemic descriptive approaches – are fundamentally unable to model social causation. (ix)

[...] the central object of historical knowledge should not be the text of the translation, nor its contextual system, nor even its linguistic features. The central object should be the human translator, since only humans have the kind of responsibility appropriate to social causation. [...]. To understand why translations happened, we have to look at the people involved. (ix)

As a general working hypothesis, then, translators tend to be intercultural, although far more research must be done before we can hope to give this term "intercultural" a precise programmatic meaning. (x)⁷²

Comecemos pela última citação que coloca a interculturalidade do tradutor como hipótese de trabalho. Teoricamente, compreendemos a sugestão de AP e não julgamos totalmente inadequado considerar que "le traducteur est interculturel" (1997:14), no entanto, para além desta hipótese de trabalho carecer de fundamentação empírica, defendemos, na esteira de GT, que o trabalho do tradutor é maioritariamente regido pela cultura na qual se desenvolve, ou seja, pela cultura de chegada. Salvo raras exceções, é nesse espaço que o tradutor se forma e exerce a sua actividade profissional, logo, são as suas regras, leia-se normas, que o condicionam. Apesar do tradutor conhecer muito bem a cultura de partida e poder ser influenciado⁷³ por ela, isso não invalida que é na e para a cultura alvo que o tradutor trabalha.

Quanto aos dois primeiros excertos em que AP consigna a sua desconfiança relativamente aos estudos sistémicos, recorreremos às palavras de José Lambert (JL) que, sem rejeitar peremptoriamente as observações de AP, lhes contrapõe uma argumentação, no nosso entender, certa:

⁷² Já em *Pour une Éthique du Traducteur* (1997) que retoma o essencial de um seminário ocorrido em 1994, AP afirma: " [...] le traducteur est interculturel dans le sens où l'espace du traduire – le travail du traducteur – se situe dans les intersections qui se tissent entre les cultures et non dans le sein d'une culture unique. Il s'agit, bien entendu, d'une hypothèse de travail, d'un modèle, d'une suite de questions que soulève l'observation des faits empiriques." (14)

⁷³ Veja-se a "law of interference" de GT (1995:274-279).

Pym réagit – sans doute non sans pertinence – contre une certaine dépersonnalisation de l'approche systémique (et institutionnelle) [...], mais en perdant de vue que l'individualité est, elle aussi, une impasse, sauf lorsqu'elle ouvre à la fois sur les principes collectifs et institutionnels et sur les perspectives individuelles. (in Lopes (org): 2002:12)

Em nota de rodapé (ibid.), JL lembra que os seus estudos "montrent que la démarche systémique n'est en rien incompatible avec l'attention à la personnalité du traducteur"⁷⁴ e, como o temos vindo a assinalar, pensamos que pode esclarecer alguns aspectos de uma investigação desenvolvida no âmbito dos DTS, todavia, no nosso entender, trata-se de uma perspectiva a utilizar pontualmente e não como principal linha metodológica.

O recurso a outras disciplinas por parte dos investigadores em TS não é raro (Delabastita 2003:15-16) e as reflexões desenvolvidas na área da sociologia são frequentemente solicitadas para reforçar as suas posições teóricas e metodológicas. Pierre Bourdieu (PB) e Pascale Casanova (PC) são dois dos sociólogos cujos estudos, nomeadamente *Les Règles de l'Art: Genèse et Structure du Champ Littéraire* (1998) e *La République Mondiale des Lettres* (1999), podem completar teorias e metodologias elaboradas no âmbito dos TS. Relativamente ao nosso trabalho, julgamos pertinente ter em conta as reflexões de PB sobre o campo literário, "le marché des biens symboliques" e o conceito de *habitus* já aqui mencionado, tal como as de PC atinentes à formação do espaço literário mundial e às instâncias de consagração a este associadas.

Nas páginas de Dirk Delabastita (DD) anteriormente citadas, encontramos uma extensa lista das disciplinas que auxiliam, frequentemente, os investigadores em TS. A constatação que precede a listagem mencionada revela a diversidade de abordagens que suscita o estudo da tradução.

The plethora of theories and methodologies in Translation Studies arises from the fact that its practitioners come from a variety of disciplinary

⁷⁴ GT em *DTS and Beyond*, propõe uma reflexão sobre o tradutor ("Excursus C: A bilingual speaker becomes a translator: a tentative developmental model", 241-258), área que, na opinião do investigador israelita "still awaits same dedicated research work" (1995:113).

backgrounds and continue applying the principles and procedures of their original specialism. (Delabastita 2003:14)

Interessa-nos, agora, alargar a nossa reflexão no sentido de compreendermos os desenvolvimentos recentes da disciplina como um todo e identificar as principais questões que esta levanta na sua globalidade. Uma leitura atenta do artigo de DD, "Translation Studies for the 21st century: trends and perspectives" (2003), ajudar-nos-á a cumprir esses propósitos.

Numa perspectiva parcialmente optimista dos TS⁷⁵, DD aponta para dois focos de fragilidade: um reconhecimento institucional pouco consolidado e a diversificação dos estudos que podem ameaçar a coesão da área (ibid.:7). A reflexão inicia-se, assim, com dois problemas que o investigador transforma imediatamente em desafios (ibid.:8), dois dos quais servem de elementos estruturantes do seu artigo e da nossa reflexão.

Os alertas que DD consigna quer sob a forma de fragilidades da área, quer sob forma de desafios, são quanto a nós, pertinentes, todavia, pensamos que actualmente, a institucionalização da disciplina e a sua coesão ainda não constituem um problema, ou seja, no nosso entender, devemos estar atentos a estas questões, mas ter em mente que:

(1) a disciplina beneficia da acção de diversas instâncias consagradoras que reafirmam e consolidam regularmente a sua institucionalização como, por exemplo, a existência de : (a) metodologias e teorias consistentes sustentadas por um número crescente de estudos empíricos, (b) publicações científicas periódicas, (c) um espaço editorial consequente, (d) vários grupos de investigação academicamente reconhecidos ou (e) debates regulares entre diferentes vertentes dos TS;

(2) a proliferação de conteúdos e de metodologias pode também ser sinal de vitalidade e curiosidade intelectual dinâmica. Na nossa opinião, a importância dos TS no seio das ciências humanas e sociais também provém da sua facilidade em promover linhas de reflexão e investigação muito divergentes.

⁷⁵ "Translation studies is sometimes said to be [sublinhado nosso] one of the academic success stories of the last two decades." (ibid.:7)

Não devemos – nem podemos – rejeitar totalmente os alertas de DD, posto que, caso não estejamos atentos⁷⁶, a disciplina poderá fragmentar-se excessivamente e, por conseguinte, perder o reconhecimento institucional alcançado. Todavia, é legítimo atribuir a uma ramificação construtiva dos TS o enriquecimento da percepção que, actualmente, temos do conceito de tradução. O diagrama 1 (ibid.:22) evidencia de forma nítida que a definição da tradução anteriormente adoptada deixou de ser suficiente para caracterizar um processo cuja amplitude e complexidade aumentam através da variedade de estudos sobre ele levados a cabo. DD vê neste facto "a deeply ironic paradox" (ibid.:9):

Indeed, the more Translation Studies is coming into its own, the more its central object – translation – gets eroded and dispersed. The harder we look at translation, the softer our analytical focus appears to be getting and the more the specificity of our object seems to be dissolving. Translation Studies had to be invented, apparently to show how blurred and how elusive a concept translation really is. (ibid.:9)

Quanto a nós, existe, sobretudo, uma variedade de abordagens teóricas e metodológicas que vão, na grande maioria, sustentando produtivamente o conceito de tradução, ou seja, o objecto de estudo que é a tradução pode parecer instável devido à sua complexidade, mas compreendemos cada vez melhor as suas diversas facetas e implicações.

Consideramos que a opção de DD de colocar no início do seu artigo (ibid.:10) uma definição datada e limitativa do conceito de tradução, e de retomar separadamente cada ponto para o ajustar à actualidade funciona como um alerta, esclarecido e esclarecedor, no sentido de evitarmos perspectivas demasiado simplistas do processo que aqui nos ocupa.

Gostaríamos de nos deter na reflexão de DD (ibid.:10-11) sobre a ideia, hoje, desactualizada de que "translation involves the rewriting of a source text".

⁷⁶ "Estar atentos" significa por exemplo: definir de forma precisa os objectivos de investigações que consolidem instrumentos teóricos e metodológicos; promover debates constantes entre as diversas áreas dos TS para reforçar regularmente a coesão da disciplina; situarmo-nos numa área dos TS definida sem ignorarmos os restantes trabalhos que favorecem o desenvolvimento da disciplina sob outras perspectivas etc.

Concordamos que não existe qualquer fundamento para aceitar uma visão tão limitada do que é uma tradução, mas também nos parece necessário admitir que o texto continua a ter uma função primordial nos TS e questionarmos o porquê de tal proeminência.

A complexidade do conceito de tradução apela a estudos mais abrangentes que ultrapassem considerações linguísticas, no entanto, quanto a nós, o texto continua a ser um bom ponto de partida para, de seguida, passarmos a reflexões de outra ordem. Isso deve-se ao facto de o texto, nomeadamente o texto literário, ser uma base de dados estável que permite, a partir de análises mais pormenorizadas, levantar hipóteses e, conseqüentemente, identificar tendências. Para além do mais, um texto é, não raro, de fácil acesso e, a maior parte das vezes, o seu percurso desde a cultura de partida até à cultura de chegada pode ser reconstituído. Nas últimas décadas tem-se desvalorizado a análise comparativa, mas o que comprovam muitas reflexões teóricas e metodológicas é que esta continua a ser uma plataforma segura para o desenvolvimento dos TS. Em suma, é válido defender que a tradução implica muito mais do que "the rewriting of a source text", mas considerá-la, na esteira de André Lefevere⁷⁷, uma forma de reescrita pode constituir um bom início de reflexão e de orientação metodológica.

A proliferação de estudos, para além de ampliar a nossa percepção do conceito de tradução, promove abordagens distintas que explicitam, sob diversos ângulos, o que implica a tradução. É, no nosso entender, sintomático da curiosidade intelectual suscitada pela tradução que duas das principais formas de apreender um objecto de estudo em ciências humanas e sociais – a empírica e a pós-moderna – estejam amplamente representadas nos TS.

DD propõe uma reflexão consistente sobre as características de ambas as posições no âmbito dos TS e ilustra-a, no final do artigo (ibid.:23), com um diagrama sintético e eficiente. Através deste, é possível situar de forma imediata e clara a área dos TS em que realizamos uma investigação, o que faz do diagrama em questão um instrumento eficaz para que a disciplina mantenha uma classificação clara e benéfica para o seu desenvolvimento.

⁷⁷ "«Translation», then, is one of the many forms in which works of literature are "rewritten", one of many «rewritings»." (Bassnett /Lefevere (ed.) 1995:10)

Julgamos que a reflexão levada a cabo neste estudo é de grande utilidade para os investigadores, mas não podemos deixar de mencionar que os desafios lançados por DD no início deste seu trabalho prometiam, no nosso entender, uma reflexão mais interventiva e menos descritiva. DD caracteriza acertadamente a disciplina e identifica as suas fragilidades, mas a sua reflexão carece, quanto a nós, de propostas no sentido de evitar os problemas que aponta. Aliás, é disto significativo que o investigador liste inúmeros elementos que diferenciam a abordagem empírica da pós-moderna e que encontre unicamente a utopia como plataforma comum às duas perspectivas (ibid.:21): uma utopia epistemológica para a abordagem empírica e a utopia ética para a abordagem pós-moderna.

O teor descritivo do estudo revela-se também na pouca relevância (ibid.:18) dada ao artigo de Andrew Chesterman (AC) e Rosemary Arrojo (RA) (Chesterman/ Arrojo 2000) no qual os dois investigadores sugerem pontos de contacto entre abordagens distintas e lançam um debate esclarecedor.

O artigo RA e AC é sintomático do receio que paira sobre os TS de que a disciplina devido a teorias tão diversas careça de autonomia e legitimidade científica. Numa tentativa de fomentar a coesão entre as suas perspectivas⁷⁸, os investigadores iniciam o seu estudo pela apresentação de uma lista de trinta teses (ibid.:152-156) que constituem o seu terreno comum.

As teses elaboradas por AC e RA também representam uma síntese oportuna dos vários factores a ter em conta quando se realiza uma investigação em TS. Destacamos alguns elementos que, no âmbito do nosso trabalho, nos parecem significativos. Depois de afirmarem que os TS procuram compreender o "phenomenon of translation, however this is defined and practised." (tese 1) (ibid.:152), os autores alertam para o facto de que uma definição está sempre ligada a uma teoria e que, por essa razão, a definição do conceito de tradução está submetida a revisões frequentes. Na prática, o investigador deve escolher eficientemente a definição de tradução que sustém as suas reflexões⁷⁹. Nas teses 4-9, AC e RA anotam os vários tipos de estudos exequíveis em torno do

⁷⁸ O trabalho de Chesterman inscreve-se numa abordagem empírica e o de Arrojo numa abordagem pós-moderna.

⁷⁹ No âmbito do nosso trabalho partimos da definição de Toury, retomada posteriormente por outros investigadores, nomeadamente por Andrew Chesterman: "[...] a translation is any text that is accepted in the target culture as being a translation. Alternatively, we might say that a translation is any text which falls within the accepted range of deviance defined by the target-culture norms." (1997:59).

conceito de tradução, o que representa uma organização eficaz da diversidade de questões possíveis no âmbito dos TS. Do segundo grupo de teses, salientamos a listagem não exaustiva de factores que podem condicionar as características de uma tradução (tese 17) (ibid.:154), a referência ao conceito de norma como método para entender "why translations (in a given culture/ period etc.) are as they are" (tese 18) (ibid.:154) e a seguinte constatação: "there are patterns of translatorial behaviour, manifested as observable patterns in translations themselves" (tese 20) (ibid.:155) que podem ser estudados e contribuir para a elaboração de leis (tese 21) (ibid.:155). Não devemos, no entanto esquecer que: "every translation is thus in some sense unique and cannot be fully explained by reference to any other translation." (tese 19) (ibid.:154). É também por essa razão que, no nosso entender, para alcançarmos conclusões pertinentes, é oportuno multiplicar os estudos descritivos e sistémicos.

Finalmente, os autores reúnem nas últimas teses elementos relacionados com os possíveis efeitos de uma tradução. Destacamos as teses 23, 24 e 25⁸⁰ que, através do início de frase "Like the originals, translations can [...]", colocam o texto traduzido no mesmo patamar que um texto original pertencente à cultura de chegada.

Apesar de, na esteira de Gentzler⁸¹, julgarmos que as teses enumeradas não são inéditas no âmbito dos TS, a iniciativa parece-nos consistente e produtiva pelas seguintes razões:

- (1) reúne princípios teóricos e metodológicos que pela sua amplitude podem auxiliar diferentes tipos de investigações;
- (2) apresenta de forma sintética e clara⁸² o "shared ground" existente entre duas abordagens comumente consideradas antagónicas, o que abre um espaço de diálogo e colaboração entre elas que julgamos proveitoso;

⁸⁰ "Like originals, translations can change the state of mind of the reader." (tese 23); "Like originals, translations can affect the subsequent behaviour of the reader" (tese 24); "Like originals, translations can affect whole cultures, [...]" (tese 25) (Chesterman/ Arrojo:155).

⁸¹ "What strikes me by the method and the rhetoric is not what they reveal – these theses, with only slight modification, have been generated before by Translation Studies scholars in the 1970s in Belgium, Holland and Israel." (in AA.VV. (b) 2001:160)

⁸² Destacamos a organização das referidas teses em três partes distintas ("What is Translation?"; "Why is This (Kind of) Translation Like This?"; "What Consequences Do Translation Have?"), o que salienta que as perspectivas convocadas convergem a diversos níveis.

(3) suscita um debate em que participam vários investigadores, demonstrando, assim, um interesse partilhado em esclarecer as questões levantadas pelo estudo da tradução.

As posições críticas subsequentes ao artigo desvalorizam⁸³, na sua maioria, o projecto dos investigadores, mas, apesar de RA e AC revelarem as suas divergências pelos comentários individuais às teses comuns enunciadas no artigo inaugural do debate e de, no final do mesmo (AA.VV. 2002), proporem separadamente as suas conclusões, julgamos que a tentativa não foi vã, já que permite a cada estudioso situar-se para além da sua área específica de estudo e questionar-se sobre o seu contributo para a disciplina na sua complexidade e globalidade. Consideramos que se trata de uma reflexão que deveria ser feita periodicamente, senão em conjunto, pelo menos individualmente para que o "shared ground" comum às diferentes ramificações dos TS beneficie dos estudos individuais que se vão realizando em torno da tradução. O presente trabalho está a ser elaborado também com esse intuito.

⁸³ Ver por exemplo Anthony Pym (in AA.VV. 2000:337-341), Daniel Simeoni (in *ibid*:337-341); Rakefet Sela-Sheffy (in *ibid*.:345-355); Brian Mossop (in AA.VV. (b) 2001:158-159)

Marta e Marçal entreolharam-se duvidosos, e ele disse com cautela, Se eu me encontrasse no seu lugar e sabendo como o Centro funciona, não estaria tão confiante, Lembra-te de que foi ele próprio quem admitiu a possibilidade de me dar a resposta hoje, Ainda assim, podiam ter sido apenas palavras da boca para fora, das que se dizem sem lhes dar demasiada importância, Não se trata de estar confiante ou não, quando o poder de decidir está nas mãos doutras pessoas, quando movê-las num sentido ou noutro não depende de nós, a única coisa que resta é aguardar. Não tiveram de esperar muito tempo, o telefone tocou quando Marta levantava a mesa. Cipriano Algor precipitou-se, agarrou o auscultador com uma mão que tremia, disse, Olaria Algor, do outro lado alguém, secretária ou telefonista, perguntou, É o senhor Cipriano Algor, Eu próprio, Um momento, vou ligá-lo ao senhor chefe do departamento, durante um arrastadíssimo minuto o oleiro teve de escutar a música de violinos que preenchia com maníaca insistência estas esperas, ia olhando a filha, mas era como se não a visse, o genro, mas era como se ali não estivesse, de súbito a música cessou, a ligação tinha sido feita, Bons dias, senhor Algor, disse o chefe do departamento de compras, Bons dias, senhor, agora mesmo dizia eu à minha filha, e ao meu genro, é o seu dia de folga, que o senhor chefe do departamento, havendo prometido, não deixaria de telefonar hoje, Das promessas cumpridas convém falar muito para fazer esquecer as outras vezes que não se cumpriram, Sim senhor, Estive a estudar a sua proposta, considere os diversos factores, tanto os positivos como os negativos, Desculpe que o interrompa, creio ter ouvido falar de factores negativos, Não negativos no sentido rigoroso do termo, direi antes factores que, sendo em princípio neutros, poderão vir a representar uma influência negativa, Tenho certa dificuldade em entender, se não se importa que lhe diga, Estou a referir-me ao facto de a sua olaria não ter qualquer experiência conhecida no fabrico dos produtos que propõe, [...].

José Saramago, *A Caverna*, pp.128-129

Marta et Marçal échangèrent des regards dubitatifs et Marçal lui dit en prenant des gants, À votre place, et sachant comme le Centre fonctionne, je ne m'y fierais pas trop, Rappelle-toi que c'est lui-même qui a dit qu'il pourrait me donner une réponse aujourd'hui, N'empêche, ce sont peut-être juste des paroles en l'air, qu'on dit sans y prendre garde, Il ne s'agit pas de s'y fier ou non, quand le pouvoir de décision est

entre des mains étrangères, quand les mouvements de ces mains ne dépendent pas de nous, il ne reste plus qu'à attendre. Ils n'eurent pas à attendre longtemps, le téléphone sonna alors que Marta débarrassait la table. Cipriano Algor se précipita, saisit le combiné d'une main tremblante en disant, Poterie Algor, à l'autre bout du fil quelqu'un, la secrétaire ou la téléphoniste, demanda, C'est monsieur Algor, Lui-même, Un moment, je vous passe monsieur le chef du département. Pendant une interminable minute le potier dut écouter la musique de violons qui remplissait les attentes avec une insistance maniaque, il regardait sa fille, mais c'était comme s'il ne la voyait pas, son gendre, mais c'était comme s'il n'était pas là, soudain la musique cessa, la communication avait été établie, Bonjour, monsieur Algor, dit le chef du département des achats, Bonjour, il y a à peine un instant je disais à ma fille et mon gendre, c'est son jour de repos, que puisque vous aviez promis de téléphoner aujourd'hui vous le feriez sûrement, Il faut beaucoup parler des promesses tenues pour faire oublier celles qui ne l'ont pas été, Oui, monsieur, J'ai étudié votre proposition, j'ai pris en considération les différents facteurs, positifs ou négatifs, Excusez-moi de vous interrompre, je crois vous avoir entendu parler de facteurs négatifs, Pas négatifs à proprement parler, je dirais plutôt des facteurs qui étant en principe neutres pourraient éventuellement avoir une influence négative, J'ai quelque difficulté à comprendre, si je puis me permettre de le dire, Je veux parler du fait que votre poterie n'a aucune expérience avérée dans la fabrication des produits que vous proposez [...].

José Saramago, *La Caverne*, traduction de Geneviève Leibrich, pp. 127-128

Os dois fragmentos colocados em paralelo pretendem dar a entender, independentemente da orientação metodológica adoptada no presente trabalho, as diferenças existentes entre os textos de partida (TP) e os textos de chegada (TC) que constituem o nosso *corpus*. Para que as referidas divergências sejam mais perceptíveis, transcrevemos, de seguida, os mesmos excertos com anotações que as destacam e indicam a que categoria pertencem⁸⁴ de forma a mostrar concretamente a pertinência da análise comparativa realizada.

⁸⁴ Para conhecer os critérios que orientaram a classificação utilizada no âmbito da presente análise comparativa ver p. 100.

Marta e Marçal entreolharam-se duvidosos, (P)⁸⁵ e **ele (M) disse com cautela (L), Se eu me encontrasse (SP)** no seu lugar e sabendo como o Centro funciona, não estaria tão confiante, Lembra-te de que foi ele próprio quem admitiu a **possibilidade (M)** de me dar a resposta hoje, Ainda assim, podiam ter sido apenas **palavras da boca para fora (L)**, das que se dizem sem lhes dar demasiada importância, Não se trata de estar confiante ou não, quando o poder de **decidir (M)** está nas mãos doutras pessoas, quando movê-las num sentido ou noutro não depende de nós, a única coisa que resta é aguardar. Não tiveram de esperar muito tempo, o telefone tocou quando Marta levantava a mesa. Cipriano Algor precipitou-se, agarrou o auscultador com uma mão **que tremia (M), disse (M)**, Olaria Algor, do outro lado alguém, (AP) secretária ou (AP) telefonista, perguntou, É o senhor Cipriano Algor, Eu próprio, Um momento, vou ligá-lo ao senhor chefe do departamento, (P) durante um **arrastadíssimo (L)** minuto o oleiro teve de escutar a música de violinos que preenchia [com **maníaca (S) insistência] (S)** estas esperas, **ia olhando (AP, M) a (M) filha**, mas era como se não a visse, o (M) genro, mas era como se ali não estivesse, de súbito a música cessou, a **ligação (L) tinha sido feita (L)**, Bons dias, senhor Algor, disse o chefe do departamento de compras, Bons dias, **senhor (SP)**, agora mesmo dizia eu à minha filha, e ao meu genro, é o seu dia de folga, que **o senhor chefe do departamento (M)**, [havendo prometido] (M), não deixaria **de telefonar (S) hoje (S)**, **Das promessas cumpridas (M)** convém falar muito para fazer esquecer as **outras vezes (SP)** que não se **cumpriram (SP)**, Sim senhor, **Estive a (SP)** estudar a sua proposta, **considerarei (AP)** os diversos factores, **tanto os (SP)** positivos como **os (SP)** negativos, Desculpe que o interrompa, creio ter ouvido falar de factores negativos, Não negativos **no sentido rigoroso do termo (L)**, direi antes factores que, (P) sendo em princípio neutros, (P) **poderão (M) vir a (M)** representar uma influência negativa, Tenho certa dificuldade em entender, se (M) **não se importa (L) que lhe diga (M)**, **Estou (L) a referir-me (L)** ao facto de a sua olaria não ter qualquer experiência conhecida no fabrico dos produtos que propõe, [...].

⁸⁵ As indicações entre parênteses correspondem às categorias delineadas no âmbito da presente análise comparativa: sintaxe (S), pontuação (P), morfossintaxe (M), léxico (L), supressão (SP) e acrescento de palavras (AP).

Marta et Marçal échangèrent des regards dubitatifs (P) et **Marçal (M)** lui dit **en prenant des gants (L)**, (SP) À votre place, et sachant comme le Centre fonctionne, je ne m'y fierais pas trop, Rappelle-toi que c'est lui-même qui a dit qu'il **pourrait (M)** me donner une réponse aujourd'hui, N'empêche, ce sont peut-être juste **des paroles en l'air (L)**, qu'on dit sans y prendre garde, Il ne s'agit pas de s'y fier ou non, quand le pouvoir de **décision (M)** est entre des mains étrangères, quand **les mouvements (M)** de ces mains ne dépendent pas de nous, il ne reste plus qu'à attendre. Ils n'eurent pas à attendre longtemps, le téléphone sonna alors que Marta débarrassait la table. Cipriano Algor se précipita, saisit le combiné d'une main **tremblante (M) en disant (M)**, Poterie Algor, à l'autre bout du fil quelqu'un, **la (AP) secrétaire ou la (AP) téléphoniste**, demanda, C'est monsieur Algor, Lui-même, Un moment, je vous passe monsieur le chef du département. (P) Pendant une **interminable (L)** minute le potier dut écouter la musique de violons qui remplissait les attentes [**avec une insistance maniaque (S)**] (S), il **regardait (AP, M) sa (M) fille**, mais c'était comme s'il ne la voyait pas, **son (M) gendre**, mais c'était comme s'il n'était pas là, soudain la musique cessa, la **communication (L)** avait été **établie (L)**, Bonjour, monsieur Algor, dit le chef du département des achats, Bonjour (SP), il y a à peine un instant je disais à ma fille et mon gendre, c'est son jour de repos, que [**puisque vous (M) aviez promis] de téléphoner (S) aujourd'hui (S)** vous le feriez sûrement, Il faut beaucoup parler **des promesses tenues (S)** pour faire oublier celles (SP) qui ne l'ont pas été (SP), Oui, monsieur, J'ai (SP) étudié votre proposition, **j'ai pris en considération (AP)** les différents facteurs, (SP) positifs ou (SP) négatifs, Excusez-moi de vous interrompre, je crois vous avoir entendu parler de facteurs négatifs, Pas négatifs à **proprement parler (L)**, je dirais plutôt des facteurs qui (P) étant en principe neutres (P) **pourraient (M) éventuellement (M)** avoir une influence négative, J'ai quelque difficulté à comprendre, si **je (M) puis me permettre (L) de le dire (M)**, Je **veux (L) parler (L)** du fait que votre poterie n'a aucune expérience avérée dans la fabrication des produits que vous proposez [...].

A diversidade e quantidade de alterações observadas em breves estudos comparativos como aquele aqui reproduzido reforçaram o propósito de elaborar um estudo mais aprofundado baseado na comparação de três romances de José Saramago (JS) e respectivas traduções. Sendo difícil e pouco proveitoso ter em conta a totalidade das obras referidas, procedemos a um trabalho de

selecção de amostras textuais que se iniciou com o estudo da obra de JS à luz da produção literária portuguesa que lhe é contemporânea⁸⁶. Esta etapa permitiu-nos identificar singularidades da prosa do autor português que serviram de critério para a escolha de fragmentos pertinentes no âmbito do nosso estudo. Para além dos excertos escolhidos terem de ser representativos da escrita de JS, preocupou-nos, igualmente, que estes fossem emblemáticos das opções de Geneviève Leibrich (GL). Por essa razão, efectuámos breves análises comparativas com o intuito de verificar a pertinência do material textual seleccionado.

Depois do trabalho de caracterização da escrita de JS e de uma primeira abordagem comparativa reunimos os seguintes excertos, associados às traduções francesas correspondentes, para um estudo sistemático e pormenorizado:

Ensaio sobre a Cegueira: 11-98; 133-158; 211-230; 257-310 (184 páginas)

Todos os Nomes: 11-113; 127-136; 151-163; 213-231; 245-279 (175 páginas)

A Caverna: 11-103; 85-103; 121-134; 193-206; 223-243; 297-350 (199 páginas)

Iniciámos, de seguida, o estudo comparativo com o propósito de identificar regularidades que nos permitissem descrever a tradução francesa de três romances de JS. Começámos por comparar segmentos extensos para entendermos os contornos do trabalho de GL a um nível geral e, consoante a relevância das alterações encontradas, reduzimos a incidência da nossa análise a fragmentos mais breves como verificaremos nos exemplos ulteriormente transcritos.

All comparisons require that there be a common ground against which variation may be noted, a constant that underlies and makes possible the variables that are identified; this is known as the *tertium comparationis* (TC). In CA [contrastive analysis] and translation, this *tertium comparationis* is not readily identifiable. (Mona Baker (ed.) 1998:47)

⁸⁶ Ver primeira parte do nosso trabalho.

Como fica claro na citação precedente, o *tertium comparationis*, apesar de necessário quando se efectua uma comparação, não é de fácil definição. No nosso caso, o conhecimento da língua de partida (LP) e da língua de chegada (LC) associado à consulta frequente de três gramáticas, duas de língua portuguesa⁸⁷ e uma de língua francesa⁸⁸, permitiram a construção de termos de comparação baseados nos hábitos linguísticos portugueses e franceses. Efectuámos, assim, uma dupla comparação: a primeira entre o TP e o TC, e a segunda entre os textos em questão e as normas dos espaços linguísticos que integram. O objectivo deste método de análise é: detectar diferenças significativas entre o TP e o TC, e entender também em que medida estes reproduzem – ou se desviam de – as normas linguísticas vigentes na cultura a que pertencem.

Depois de identificadas as diferenças significativas, dividimos a exposição em seis secções – sintaxe, pontuação, morfossintaxe, léxico, supressão e acrescento de palavras – e associámos a cada uma delas um excerto emblemático das modificações em causa. Ulteriormente, introduzimos nesta classificação sub-categorias definidas com base em dois critérios principais: o número de ocorrências semelhantes encontradas nas páginas analisadas e o impacto daquelas sobre o modo como a informação é transmitida. Procurámos, assim, mostrar a partir de exemplos breves de que forma o trabalho de GL, em contextos diferentes e de distintas maneiras, apresenta princípios recorrentes. Observámos, então, de forma concreta os efeitos do processo tradutivo sobre traços característicos do texto original e sobre a recepção da mensagem.

A partir do estudo comparativo, foram elaboradas duas tabelas distintas⁸⁹: a primeira que mantém as categorias principais como critério de classificação e a segunda que lista as sub-categorias tratadas consoante o número de ocorrências para que se perceba de forma imediata as alterações dominantes por categoria e na totalidade. Estamos consciente que, apesar destes resultados serem reveladores, a sua leitura deve ser efectuada com alguma prudência dado que a quantidade de ocorrências não revela o impacto das mesmas sobre o texto: por exemplo, a supressão de vírgulas é muito comum,

⁸⁷ Cunha/Lindley Cintra:2002

Mateus et al.:2003

⁸⁸ Grevisse:1993

⁸⁹ Ver anexos I e II.

mas, por vezes, menos relevante do que a deslocação de um complemento adverbial. Para além do mais, o efeito de uma opção tomada pela tradutora depende da frase na qual se integra a modificação, por essa razão julgámos pertinente recorrer, quando necessário, a excertos mais alargados.

Até agora temo-nos referido às modificações que ocorrem aquando do processo tradutivo utilizando termos relativamente neutros, tais como "alterações", "diferenças" ou "divergências" entre outros. Interessa-nos neste momento introduzir um conceito que pela sua especificidade caracteriza de forma mais precisa as opções do tradutor.

Strategies, in the sense I shall use the term, are thus forms of explicitly *textual* manipulation. They are directly observable from the translation product itself, in comparison with the source text. (Chesterman 1997:89)

A definição de Andrew Chesterman (AC) salienta dois aspectos pouco nítidos noutras designações por nós utilizadas: a existência de opções e de metas inerentes ao trabalho do tradutor, sendo as primeiras tomadas em função das segundas, ou seja, "the objective of strategies is to conform to norms" (ibid.:172).

No estudo citado, depois de uma breve reflexão sobre o conceito em questão, AC propõe uma classificação (ibid.:92-112) clara e abrangente das estratégias possíveis e prováveis atinentes ao trabalho do tradutor. Apesar da pertinência da proposta de AC, não a utilizámos de forma sistemática por esta não reflectir nem as características da escrita de JS⁹⁰ nem as do processo tradutivo de GL. Por outro lado, pareceu-nos necessária uma classificação que incidisse sobre pormenores das opções de GL de modo a confirmar pelo detalhe estratégias mais amplas. No entanto, recorreremos pontualmente à terminologia de AC para designar e clarificar alguns dos nossos resultados, posto que, pela sua abrangência, as estratégias do investigador coincidem com várias ocorrências pertinentes no âmbito do presente trabalho.

⁹⁰ De notar que nenhuma das estratégias de AC reenvia para a comparação da pontuação do TP e do TC, categoria que, no presente estudo, é muito relevante devido à sua importância na prosa de JS.



As conclusões alcançadas aquando da análise comparativa serão reforçadas pelo recurso a excertos de outros romances portugueses traduzidos por GL com o propósito de averiguar se o seu trabalho apresenta características semelhantes independentemente do autor traduzido. Confrontaremos estes resultados com as características da escrita de JS, consignadas na primeira parte do nosso estudo, que propiciam a intertextualidade da sua obra com o presente e passado literário portugueses. Poderemos, assim, discernir se a tradução interfere nos vínculos intertextuais fomentados pelos romances originais.

Contamos no final do percurso aqui delineado: (1) determinar se a equivalência existente entre o TP e o TC é "source-oriented" ou "target-oriented"⁹¹; (2) levantar hipóteses quanto às normas que condicionam o processo tradutivo em questão, recorrendo, principalmente, aos estudos de Gideon Toury (1995) e de Andrew Chesterman (1997) sobre o conceito de norma (3) entender se o trabalho de GL reproduz leis de tradução mais abrangentes propostas por vários estudiosos.

I. Considerações preliminares

Antes de apresentarmos os resultados da análise comparativa efectuada, interessa-nos, na esteira do "synthetic scheme for translation description" proposto por Lambert et van Gorp (1985:52-53), referir alguns elementos relativos aos títulos e às capas⁹² das traduções francesas que integram o *corpus* do presente estudo. De notar que durante a nossa análise só identificámos uma ocorrência que se poderia inscrever na categoria *macro level*: a divisão de um parágrafo do TP em dois aquando da tradução. Desta forma, GL separa claramente um resumo alargado do fim-de-semana do Sr. José dos acontecimentos que marcaram a manhã de segunda-feira:

⁹¹ "The central question then becomes that of equivalence: what kind of equivalence can be observed between both communication schemes, or between the particular parameters in them? Is the translation in question target-oriented (i.e. acceptable) or source-oriented (i.e. adequate)? This basic priority is examined in terms of *dominant* norms, for there is reason to believe that no translational activity is completely coherent with respect to the dilemma «acceptable» versus «adequate»." (Lambert/van Gorp 1985:45-46)

⁹² Denominados «preliminary data» na terminologia de Lambert e van Gorp (1985:52).

- Com estes pensamentos, e outros de teor céptico similar, chegou o Sr. José a segunda-feira bastante recomposto dos tremendos esforços cometidos e, apesar da inevitável tensão nervosa causada por um querer e um temer em permanente conflito, decidido a enfrentar-se com outras excursões nocturnas e outras temerárias ascensões. O dia, porém, azedou-se logo de manhã. O subchefe a cargo de quem estava a responsabilidade do economato [...]. (TN, 32)
- Avec ces pensées à l'esprit et d'autres, pareillement empreintes de scepticisme, monsieur José arriva à lundi relativement remis de ses effroyables efforts et, malgré l'inévitable tension nerveuse causée par des désirs et des craintes en conflit permanent, bien décidé à affronter d'autres excursions nocturnes et d'autres ascensions téméraires.
Toutefois, la journée se gâta dès le matin. Le sous-chef chargé de l'intendance [...]. (TN, 31)

Numa segunda parte deste capítulo prévio propomos uma breve reflexão sobre alguns passos do texto de partida (TP) que não têm um correspondente directo na língua de chegada e reduzem, assim, o leque de opções da tradutora.

A. TÍTULOS E CAPAS

Nos três romances que constituem o nosso *corpus*, os títulos "Todos os Nomes" e "A Caverna" são traduzidos literalmente: "Tous les Noms" e "La Caverne". Só o título "Ensaio sobre a Cegueira" sofre alterações aquando da tradução francesa, tornando-se "L'Aveuglement", à semelhança do que acontece, por exemplo, na tradução inglesa ("Blindness"), italiana ("Cecità") e sueca ("Blindheten"). Os tradutores⁹³ tencionam, quanto a nós, simplificar a primeira impressão que o leitor recebe da obra, recorrendo a um título mais curto, desprovido do termo correspondente a "ensaio" susceptível de criar uma indefinição quanto ao género da obra e comprometer as suas vendas. A complexidade do romance que se caracteriza por uma acentuada vertente

⁹³ Existe uma forte probabilidade de que os editores participem na escolha do título de uma publicação.

ensaística é espelhada no título português⁹⁴ e omitida na sua tradução francesa em abono de uma economia de palavras e de informação que facilita a divulgação do "sujet de conversation" que é o título:

Le titre s'adresse à beaucoup plus de gens, qui par une voie ou par une autre le reçoivent et le transmettent, et par là participent à sa circulation. Car, si le texte est un objet de lecture, le titre, comme d'ailleurs le nom de l'auteur, est un objet de circulation – ou, si l'on préfère, un sujet de conversation. (Genette 2002:79)

Para além do mais, um título constituído por uma única palavra vai no sentido do que Genette afirma ser uma tendência comum do público que habitualmente reduz os títulos longos⁹⁵. Por estas razões, consideramos que a simplificação do título de JS pretende sobretudo tornar o produto cultural que é o livro mais atractivo para os seus potenciais leitores e intensificar a sua difusão.

Relativamente às capas dos romances traduzidos, notamos que uma certa sobriedade idêntica à das publicações originais é mantida na "collection Cadre Vert" de Le Seuil. No entanto, há que destacar as diferenças existentes entre a sobrecapa de *Todos os Nomes* e a de *Tous les Noms*: a imagem de um arquivo antigo e discreto da edição portuguesa contrasta com a imagem escolhida pela editora francesa que apresenta um imponente arquivo moderno no interior do qual se encontra um indivíduo que aparenta olhar para uma gaveta aberta. A capa francesa é mais atractiva pelas suas cores, pela modernidade do arquivo apresentado e pelo mistério que dela emerge.

De referir também as edições de bolso ("collection Points", Le Seuil) que sucederam às mencionadas no precedente parágrafo. As capas de *L'Aveuglement* e de *Tous les Noms*⁹⁶, que se devem ao ilustrador François Roca, apresentam desenhos de traço moderno que sugerem a substância da

⁹⁴ "O título, no seu primeiro termo, alude ao aspecto ensaístico do livro, para no termo seguinte explicitar o assunto em debate. Sumariza portanto com perfeição as duas faces do romance. Título intrigante, pois contém uma espécie de contradição, a nível do género literário: reúne na denominação o ensaio e a ficção." (Berrini 1998:190)

⁹⁵ "Car le principal agent de la dérive titulaire n'est probablement ni l'auteur ni l'éditeur, mais le public, et plus précisément le public posthume, encore et fort bien nommé la postérité. Son travail – ou, en l'occurrence sa paresse – va généralement dans le sens d'un raccourcissement, d'une véritable érosion du titre." (Genette 2002:74)

⁹⁶ A capa de *La Caverne* retoma a sóbria fotografia que consta da sobrecapa da edição "collection Cadre Vert".

intriga: na capa de *L'Aveuglement*, uma mulher de vestido amarelo, cujo olhar angustiado parece fitar o leitor, destaca-se de um grupo de homens vestidos com fatos sombrios que usam óculos escuros e utilizam uma bengala branca para se orientarem; na capa de *Tous les Noms*, um indivíduo está dentro de uma gaveta de um arquivo e espreita com curiosidade em redor. As duas capas em questão são passíveis de despertar o interesse dos eventuais leitores e revelam-se mais audaciosas do que as das edições portuguesas ou da "collection Cadre Vert".

O primeiro contacto que se estabelece com um livro é feita por intermédio da sua capa e, conseqüentemente, do seu título, por essa razão torná-los apelativos pode contribuir para que uma determinada obra seja um sucesso editorial.

Consideramos que as modificações evocadas têm como principal objectivo incrementar as vendas das obras em questão, fomentando a amplitude e heterogeneidade do público visado. No que diz respeito às edições de bolso, o preço de venda da obra contribui em larga medida para alcançar um público alvo mais alargado – como por exemplo um público jovem –, o que se coaduna com a modernidade das imagens escolhidas.

Desenha-se já a, ainda remota, hipótese de que o trabalho efectuado aquando da importação francesa dos três romances de JS tem como meta principal a adesão do maior número possível de leitores.

B. LEQUE DE OPÇÕES REDUZIDO

Antes de abordar os resultados da análise efectuada, é importante relembrar que o tradutor se encontra perante dois sistemas linguísticos distintos e que, ao longo do seu trabalho, se depara com palavras, frases, tempos verbais para os quais não encontra correspondência directa na língua de chegada. Apesar de não se verificar uma grande distância entre a língua francesa e a língua portuguesa, existem casos em que as opções da tradutora são reduzidas: a anteposição do verbo (1)⁹⁷ ou do adjectivo (2), alguns verbos de operação

⁹⁷ As indicações entre parênteses correspondem aos exemplos transcritos.

Des petits bruits domestiques parvenaient jusqu'à la chambre, sa femme ne tarderait pas à venir voir s'il dormait toujours, ce serait bientôt l'heure de partir à l'hôpital. (A, 37)

- (4) Já **vai sendo** tempo de aprenderes, dissera, mas depois arrependeu-se, [...]. (C, 32)

Il **est** temps que tu apprennes, avait-il dit, mais ensuite il avait regretté ses paroles, [...]. (C, 32)

- (5) Ah, pois, amanhã bate-nos aí à porta a dizer que foi distração, a pedir desculpa, e a saber se estás **melhorzinho**. (EC, 20)

Ah oui, demain il frappera à notre porte pour dire qu'il a fait ça par distraction, pour s'excuser, pour prendre de tes nouvelles. (A, 20)

O Sr. José estendeu a mão trémula, recebeu o retrato a preto e branco de uma menina de oito ou nove anos, um **rostinho** que devia ser pálido, [...]. (TN, 66)

Monsieur José tendit une main tremblante et reçut la photo en noir et blanc d'une fillette de huit ou neuf ans, un **petit visage** qui devait être pâle, [...]. (TN, 64)

- (6) [...], podia ter como **certíssima** uma resposta negativa se alguma vez chegasse a requerer a ansiada dispensa. (TN, 78)

[...] il pouvait être assuré de se heurter à une réponse négative s'il s'avisait un jour de solliciter la dispense convoitée. (TN, 76)

[...], ao contrário da atenção escrupulosa com que havia tratado o forno, fê-lo com **pouquíssimo** zelo, [...]. (C, 43)

[...] à la différence de l'attention scrupuleuse qu'il avait prodiguée au four, il le fit avec **très peu** de zèle, [...]. (C, 43)

- (7) [...], quantas coisas a **fazer** as vezes de bilhas e quartões. (C, 27)

[...], combien d'objets **faisant** office de cruches ou de dame-jeannes. (C, 27)

Se nesse momento alguém lhe pedisse que dissesse o que tinha visto e ouvido entre os gestos de **ligar** e **apagar** o aparelho, [...]. (C, 52)

Si quelqu'un lui avait demandé de dire ce qu'il avait vu et entendu entre le **branchement et le débranchement** de l'appareil, [...].⁹⁹ (C, 52)

(8) “Não se mexeu, só disse **ao** marido, [...]”¹⁰⁰ (EC, 65)

“Elle ne bougea pas, elle se contenta de dire à **son** mari, [...]” (A, 63)

“Deve ser **o** filho, [...]” (TN, 45)

“Ce doit être **son** enfant, [...]” (TN, 44)

As situações em que o leque de escolhas de GL aparenta ser reduzido não devem, quanto a nós, ser ignoradas, mas não permitem por si só caracterizar objectivamente o trabalho da tradutora de JS. De facto, só as alterações resultantes de uma opção clara de GL são susceptíveis de definir de maneira sustentada se existem metas concretas que norteiam o seu trabalho e, em caso de resposta afirmativa, procurar quais as suas causas e efeitos. No entanto, através dos exemplos transcritos, constatamos que, apesar de não existirem equivalentes franceses para algumas das ocorrências, nomeadamente para os superlativos, os diminutivos, alguns infinitivos ou verbos de operação aspectual, a tradutora pode optar por ignorar a particularidade da língua de partida ou traduzi-la com elementos familiares para o leitor francês. Em suma, nestes casos, acaba por haver uma decisão por parte de GL. Consoante o contexto, a anteposição do verbo ou do adjectivo são possíveis em francês, mas acontece frequentemente que a tradutora opte por manter a ordem mais comum (9). Mais significativos são os passos em que JS opta, aparentemente¹⁰¹, por uma sintaxe normativa e GL escolhe o caminho inverso. Mais uma vez, é ao nível da posição do sujeito e do adjectivo que este procedimento é mais notável (10).

(9) De uma das caixas derramava-se **um líquido branco** [...]. (EC, 91)

Un liquide blanc s'écoulait de l'une des caisses [...]. (A, 87)

⁹⁹ Em francês a utilização de infinitivos com valor de substantivos é extremamente rara.

¹⁰⁰ Em português, o artigo é, muitas vezes, suficiente para significar a relação de pertença contrariamente ao que acontece na língua francesa.

¹⁰¹ Por vezes, trata-se simplesmente de contrariar as excepções à regra mais comum [ver exemplo (10), p.109 (“do dia primeiro”).]

[...], quando o corpo se encontrar liberto das brutidões egoístas que resultam da **simples, porém imperiosa**, necessidade de manter-se. (EC, 87)

[...], dès que son corps se sentira délivré de la violence égoïste qui résulte de la nécessité **simple mais impérieuse** de rester en vie. (A, 84)

(10) [...], numa girândola **ofuscante e vertiginosa**. (EC, 32)

[...], sur une **éblouissante et vertigineuse** girandole. (A, 32)

[...] por onde se acede à enorme sala rectangular onde **os funcionários** trabalham, (...). (TN, p.12)

[...] par où l'on accède à l'immense salle rectangulaire où travaillent **les employés**, [...]. (TN, p.12)

[...], fala-se sempre do dia **primeiro**, quando a primeira noite é que deveria contar, [...].¹⁰² (TN, 28)

[...], on parle toujours du **premier** jour, alors que c'est la première nuit qui devrait compter, [...]. (TN, 26)

Na realidade, GL contraria a ordem mais habitual unicamente quando isso não provoca nenhum efeito de estranheza ao leitor ou quando a inversão dos elementos corresponde à sequência mais natural no sistema linguístico francês: as raras inversões verbo-sujeito ocorrem no contexto específico de uma subordinada e os adjectivos só precedem o substantivo quando a sua anteposição não afecta a fluidez do discurso. Dos dados até agora mencionados, surge uma primeira hipótese: as opções de GL são maioritariamente orientadas pelas normas que regem o sistema linguístico francês e não pelo texto original.

Apesar dos elementos evocados significarem uma redução do leque de escolhas da tradutora devido às características do sistema linguístico francês é, no nosso entender, necessário que estes integrem a exposição por categorias da análise comparativa porque, por um lado, em muitos dos casos, GL acaba por poder optar entre o facto de ignorar ou não uma ocorrência do texto

¹⁰² Em português, é mais usual a anteposição deste adjectivo, mas esta ordem reforça o valor semântico da expressão “dia primeiro” duplamente acentuado pela formação do quiasmo com o grupo nominal “a primeira noite”.

saramaguiano, por outro, os elementos referidos são pertinentes quando se trata de perceber as diferenças entre o original e a respectiva tradução, e, conseqüentemente, definir qual o tipo de equivalência existente entre o texto de partida (TP) e o texto de chegada (TC).

II. Sintaxe

Uma das principais características do estilo de JS é a forma como este organiza os elementos da frase, afastando-se muitas vezes da ordem mais comum e normativa. Tal procedimento tem diferentes conseqüências: aproximação do registo oral como se a narrativa se construísse ao ritmo de um pensamento; destaque de elementos devido à posição pouco habitual que ocupam; mensagem, por vezes, complexa e de recepção difícil, o que implica uma leitura muito atenta. As alterações sintácticas aquando da tradução incidem, assim, sobre traços significativos do texto saramaguiano.

O estudo do trabalho de GL a este nível estende-se por várias categorias que se prendem com a deslocação de complementos adverbiais, do adjectivo, do sujeito, de frases simples ou subordinadas e de complementos de objecto. A partir do confronto do TP e do TC, segundo estes parâmetros, poderemos avaliar se a sintaxe saramaguiana sofre alguma alteração significativa aquando da tradução francesa. Sendo uma das características da prosa de JS, qualquer modificação sintáctica aparece como susceptível de despojar a tradução francesa de traços distintivos da escrita do autor português.

Reproduzimos um excerto longo para que se perceba o impacto que a tradução pode ter no aspecto em questão e passaremos, de seguida, a exemplos breves que nos permitem analisar de forma pormenorizada as subcategorias mencionadas.

TN 101

Doía-lhe um tanto a cabeça, mas não parecia que o **resfriamento** se tivesse agravado. **Entre os panos do cortinado coava-se uma lâmina finíssima de luz cinzenta**, o que queria dizer que, ao contrário do que lhe havia parecido, não tinham sido fechados **completamente**. Ninguém deve ter dado por isso, pensou, e tinha

razão, **deslumbrante a mais não poder ser é a luz das estrelas**, e não só a maior parte dela se vai perder no espaço, como basta **uma simples névoa** para tapar aos nossos olhos a luz que sobejou. **Um vizinho do outro lado da rua, mesmo que** tivesse vindo espreitar à janela, a ver como estava o tempo, pensaria que **era uma cintilação da própria chuva aquele fio luminoso que ondulava entre as gotas que deslizavam pela vidraça**.

TN 98, 99

Il avait un léger mal de tête mais **son refroidissement** ne semblait pas s'être aggravé. **Un très mince rai de lumière grise se coulait entre les pans des tentures**, ce qui voulait dire que, contrairement à ce qu'il avait cru, elles n'étaient pas **complètement** tirées. Personne n'a dû s'en apercevoir, pensa-t-il, et il avait raison, **la lumière des étoiles est on ne peut plus éblouissante**, pourtant la plus grande partie se perd dans l'espace, **une simple brume** suffit à cacher à nos yeux la lueur qui en a subsisté. Même si un voisin de l'autre côté de la rue avait regardé par la fenêtre pour voir quel temps il faisait, il aurait pensé que **ce filet lumineux ondulant entre les gouttes qui glissaient le long de la vitre était une scintillation de la pluie elle-même**.

A. DESLOCAÇÃO DO COMPLEMENTO ADVERBIAL

O complemento adverbial é um elemento gramatical bastante móvel e apresenta-se como o eixo de organizações sintácticas inesperadas, posto que a sua colocação incide sobre os restantes elementos da frase, interferindo, desta forma, na recepção da mensagem.

O afastamento de constituintes frásicos habitualmente próximos é frequente nos romances originais e deve-se, muitas vezes, à posição pouco comum do complemento adverbial. Os exemplos EC (95, 92) e C (18, 18) são disto emblemáticos: no primeiro os complementos adverbiais separam os verbos dos complementos directos, no segundo é o sujeito que é distanciado do verbo. Tal procedimento dificulta a recepção da mensagem e exige uma leitura mais lenta e atenta. GL, ao optar pela ordem mais comum, facilita a apreensão da mensagem e elimina a estranheza resultante de uma sintaxe pouco habitual. Outra das consequências da mobilidade do complemento adverbial saramaguiano é o destaque que, assim, é dado a certas partes do relato,

nomeadamente ao complemento em questão. Fica patente no exemplo TN (36,36) que o estado de espírito da personagem é a informação realçada na frase saramaguiana enquanto a tradutora, ao preferir uma organização frásica mais usual, evita qualquer tipo de ênfase.

No exemplo TN (60, 58), a posição do complemento adverbial permite ao escritor português criar um momento de *suspense* denso que se termina com a palavra final "a credencial", introduzida como uma verdadeira revelação. Na tradução francesa, o facto de GL colocar o complemento adverbial imediatamente depois do verbo neutraliza o impacto da palavra "autorisation".

As alterações, ao nível do complemento adverbial, têm como efeitos principais uma compreensão facilitada da mensagem, a neutralização de alguns destaques saramaguianos, mas também a fluidez da frase em francês como se verifica no exemplo C (328, 326) em que a manutenção da sintaxe original implicaria uma construção pouco fluente em língua francesa.

- Avisos como aquele de Abandonar o edifício [...], ou Os internados enterrarão **sem formalidades** o cadáver na cerca, tomavam agora, **graças à dura experiência da vida, mestra suprema de todas as disciplinas**, pleno sentido, [...]. (EC, 95)
- Des avertissements tels qu'Abandonner l'édifice [...], ou Les internés enterreront le cadavre près de la clôture **sans formalités**, revêtaient maintenant tout leur sens **grâce à la dure expérience de la vie, maîtresse suprême de toutes les disciplines** [...]. (A, 92)
- **De má vontade**, reuniu os seis verbetes e levantou-se da cadeira. (TN, 36)
- Il rassembla les six fiches à **contrecœur** et se leva de la chaise. (TN, 36)
- Tirou o sobrecristo do bolso, abriu-o e extraiu lá de dentro, **com uma lentidão que deveria parecer ameaçadora**, a credencial, [...]. (TN, p.60)
- Il sortit l'enveloppe de sa poche, l'ouvrit **avec une lenteur qui se voulait menaçante** il en retira l'autorisation, [...]. (TN, p.58)
- [...], e vai ver que Marta, **quando chegar a altura**, estará de acordo comigo. (C, 18)
- [...], et vous verrez que **le moment venu** Marta sera d'accord avec moi. (C, 18)

- **Talvez vá à cozinha** beber água, pensou. (C, 328)
- Il va **peut-être** boire de l'eau **dans la cuisine**, pensa-t-elle. (C, 326)
- **Num terraplano à direita** encontravam-se duas pequenas escavadoras, Marçal estava sentado num escabelo, [...]. (C, 330)
- Deux petites excavatrices étaient garées **à droite sur un terre-plein**. Marçal était assis sur un escabeau, [...] (C, 328)

B. ADJECTIVO¹⁰³ – SUBSTANTIVO → SUBSTANTIVO – ADJECTIVO

Como fica claro nas tabelas colocadas em anexo, é habitual que os adjetivos antepostos nos romances originais mudem de posição aquando da tradução. Sendo a colocação depois do substantivo a ordem mais comum, a anteposição tem como consequência directa o realce da informação transportada pelo adjectivo. Ao propor, frequentemente, a sequência menos comum "adjectivo-substantivo", JS dota o adjectivo de uma forte expressividade e contraria a habitual proeminência do substantivo:

No grupo nominal resultante da atribuição em justaposição imediata, o papel nuclear pertence ao substantivo, que arrasta consigo o epíteto como elemento marginal, [...]. (Fonseca 1993: 9)

L'épithète exprime une prédication secondaire ou acquise ne faisant pas l'objet principal de la phrase. (Grévisse 1997:492)

Ao optar por uma sequência habitual, GL neutraliza o destaque do adjectivo que, ao ser muitas vezes solicitado pelo autor, se torna um traço distintivo da sua prosa. De realçar, também, a propensão do escritor português para a coordenação de adjectivos antepostos.

¹⁰³ Referimo-nos aos adjectivo, comumente denominado "epíteto", ligado "*sem intermediário*, ao substantivo, a que pode vir posposto ou anteposto. Formam ambos um conjunto significativo, marcado pela *unidade de acento e entoação* e pela *identidade de função sintáctica*." (Cunha/ Lindley Cintra 2002: 263)

A adjectivação saramaguiana pela sua singularidade e pela relevância que tem na narrativa liga o autor ao passado literário português, nomeadamente a Almeida Garrett cuja escrita está marcada pela novidade com que utiliza os adjectivos. Verificamos, através dos exemplos seleccionados, que GL para além de evitar a anteposição dos adjectivos, opta, amiúde, por desfazer a coordenação saramaguiana, apresentando, assim, uma estrutura menos fragmentada, de ritmo trabalhado no sentido da fluidez.

- Mas a ansiedade de uns quantos cegos menos esclarecidos veio complicar o que em **normais** circunstâncias teria sido cómodo, [...]. [...]. Acresce que alguns ocupantes da segunda camarata, com mais do que **censurável** desonestidade, quiseram fazer crer que eram em maior número do que o que eram de facto. [...]. A mulher do médico apercebeu-se do **condenável** acto, mas achou prudente não denunciar o abuso. (EC, 93)
- Mais l'impatience anxieuse de plusieurs aveugles mal informés vint compliquer ce qui eût été commode dans des circonstances **normales**, [...]. [...]. En outre, certains occupants du deuxième dortoir, avec une malhonnêteté **plus que répréhensible**, essayèrent de faire croire qu'ils étaient plus nombreux qu'ils ne l'étaient en réalité. [...]. La femme du médecin s'aperçut de cette conduite **condamnable** mais jugea prudent de ne pas dénoncer cet abus. (A, 90)
- Assim, de cama em cama, as notícias iam lentamente dando a volta à camarata, desfiguradas de cada vez que passavam de um receptor ao receptor seguinte, **diminuída ou agravada** desta maneira a importância das informações, consoante o grau pessoal de optimismo e pessimismo próprio de cada emissor. (EC, 150)
- Ainsi, lit après lit, faisaient-elles lentement le tour de la chambrée, dénaturées un peu plus à chaque passage d'un récepteur à un autre, l'importance de l'information étant ainsi **amoindrie ou enflée** en fonction du degré d'optimisme ou de pessimisme propre à chaque émetteur. (A, 144)
- [...], o que, transportado para a **presente** situação, significa que, contrariamente às **primeiras e inquietantes** previsões, a concentração dos alimentos em uma única entidade rateadora e distribuidora tinha, afinal, os seus aspectos positivos, [...] (EC, 151)
- [...], ce qui, extrapolé à la situation **présente**, signifie que, contrairement aux **premières** prévisions **inquiétantes**, la concentration des aliments entre les mains

d'une seule entité dispensatrice et distributrice avait finalement des aspects positifs, [...] (A, 145)

- [...] os ponteiros já só marcavam horas, minutos e segundos, tinham-se convertido novamente em **autênticos, funcionais e obedientes** ponteiros de relógio, [...] (C, 92)
- [...] les aiguilles ne marquaient plus que les heures, les minutes et les secondes, elles s'étaient transformées en **authentiques** aiguilles de montre, **fonctionnelles et dociles**, [...] (C, 93)
- Tocou a **fina e inconfundível** aspereza dos barros cozidos. (C, 202)
- Il rencontra la **fine** rugosité **caractéristique** de la terre cuite. (C, 199)

B'. SUBSTANTIVO – ADJECTIVO → ADJECTIVO –SUBSTANTIVO

As regras portuguesas e francesas são claras quanto à posição do adjectivo: este coloca-se depois do substantivo, salvo algumas excepções¹⁰⁴. Como podemos verificar nos exemplos transcritos, JS desvia-se dos hábitos linguísticos portugueses ao colocar em posição pós-nominal adjectivos que na linguagem comum são habitualmente antepostos. Os fragmentos TN (28, 26) e C (84, 85) são os mais eloquentes deste ponto de vista, já que "primeiro" e "próprio" são epítetos que normativamente precedem o nome que qualificam. Ao colocá-los em posição pós-nominal, JS enfatiza a informação por eles transportada e, através de uma sequência inovadora, concede ao adjectivo uma plasticidade semântica difícil de alcançar quando este se mantém numa posição mais comum.

GL opta por inscrever a tradução destes segmentos numa sintaxe sem surpresas que vai ao encontro das regras enunciadas por Grévisse e proporciona ao leitor uma mensagem que confirma os seus hábitos linguísticos.

¹⁰⁴ Ver Cunha/Lindley Cintra 2002:268-270 e Grévisse 1997:498-505

- [...], fala-se sempre do dia **primeiro**, quando a primeira noite é que deveria contar, [...].¹⁰⁵ (TN, 28)
- [...], on parle toujours du **premier** jour, alors que c'est la première nuit qui devrait compter, [...]. (TN, 26)
- Deve ser o filho, um sussurro **doce** de embalo feminino, [...]. (TN, 45)
- Ce doit être son enfant, un **doux** murmure de bercement féminin, [...]. (TN 44)
- [...] a respirar o cheiro pungente dos papéis **velhos** [...]. (TN, 263)
- [...] à respirer l'odeur âcre des **vieux** papiers [...]. (TN, 255)
- [...], os ossos **próprios** e alheios, [...]. (C, 84)
- [...], ses **propres** ossements et ceux d'autrui, [...]. (C, 85)

C. VERBO – SUJEITO → SUJEITO – VERBO

A alteração aqui assinalada é uma das mais frequentes e de maior importância quando consideramos as divergências entre o texto original e a sua tradução. Apesar da sintaxe portuguesa admitir a posição pré-verbal do sujeito¹⁰⁶, na prática esta mantém um carácter inovador e dota o sujeito de relevância semântica.

JS opta frequentemente por antepor o verbo ao seu sujeito, instalando, assim, novidade e estranheza no desenrolar da narrativa, e conseguindo, também, através desse mecanismo, deslocar a relevância informacional. Em francês, as construções que admitem a inversão mencionada são raras¹⁰⁷, ou seja, a

¹⁰⁵ Em português, é mais usual a anteposição deste adjectivo, mas esta ordem reforça o valor semântico da expressão “dia primeiro” duplamente acentuado pela formação do quiasmo com o grupo nominal “a primeira noite”.

¹⁰⁶ Como se sabe, o português é uma língua em que existe inversão “livre” de sujeito.” (Mateus et al. 2003:445)

¹⁰⁷ “Le sujet précède ordinairement le verbe, aussi bien dans les phrases que dans les propositions.” (Grévisse 1997:316); “On fait simplement observer ici que l'inversion du sujet donne des effets assez peu naturels quand il est court et que le syntagme prédicatif est particulièrement long:” (ibid.:317); “L'inversion du sujet peut aussi amener des amphibologies.” (ibid.).

Recorremos também, neste caso a uma gramática escolar que enuncia claramente os casos em que a inversão é considerada possível e mostra que se trata de um conjunto bem definido de regras: “Généralement devant le verbe, le sujet peut être inversé: (a) dans l'interrogation et dans l'exclamation; (b) après un adverbe ou un complément circonstanciel; (c) dans une subordonnée, relative complétive, circonstancielle; (d) après un attribut lancé en tête, par effet de style; (d) après un verbe lancé en tête

tradutora não dispõe de um leque de opções semelhante ao do autor português que faz dele uma aproveitamento regular e significativo. Trata-se de um traço característico da prosa saramaguiana pouco representado na tradução francesa, dado que GL evita reproduzi-lo, mesmo quando este não interfere com as normas sintáticas da língua francesa como se verifica nos fragmentos EC (11,11), EC (36,35), EC (261,255), TN (93,90), TN (246, 238), C (29, 30), C (37,37) e C (317,316).

O fragmento C (29,30) difere um pouco dos restantes, já que GL para manter uma estrutura idêntica à do TP e evitar a posição pós-verbal do sujeito, opta por uma alteração lexical e morfossintáctica (terminava→sortir) que implica que o sujeito do verbo "terminar" no TP ("povoação") se transforme em complemento do infinitivo nominalizado "sortir"¹⁰⁸. Evita-se, assim, a sequência verbo-sujeito através de uma frase estruturalmente semelhante à do TP.

Nos exemplos transcritos, o TC aparece subordinado às normas gramaticais mais comuns, causando, contrariamente ao TP, poucas surpresas que realcem semântica e sintacticamente componentes narrativas.

- Na passeadeira de peões surgiu o **desenho do homem verde**. (EC, 11)
- **La silhouette de l'homme vert** apparut au passage clouté. (A, 11)
- [...], mas que, se atentarmos nas circunvoluções do espírito humano, onde não existem **caminhos curtos e rectos**, [...]. (EC, 36)
- [...] mais qui, si nous prenons en considération les circonvolutions de l'esprit humain où **les chemins courts et rectilignes** n'existent pas, [...]. (A, 35)
- [...], mas podemos ter por certo que na hora de levantar-se o acampamento não se levantarão **alguns destes míseros**, [...]. (EC, 212)
- [...], mais nous pouvons être certains qu'au moment de lever le camp **certaines de ces malheureux** ne se relèveront pas, [...]. (A, 205)
- [...], ao redor há sofás que chegam para todos, neste, aqui, sentam-se o **médico e a mulher**, mais o velho da venda preta, [...]. (EC, 261)

(style administratif, énoncés, propositions intercalées, indicatifs et subjonctifs expressifs)." (Hamon 1983:175)

¹⁰⁸ "Sortir ne s'emploie plus comme nom que dans la formule *au sortir de...* servant de complément adverbial: [...]." (Grévisse 1993:255)

- [...], entourée de canapés en nombre suffisant pour tous, **le médecin et sa femme** s'assoient sur celui-ci, avec le vieillard au bandeau noir, [...]. (A, 255)
- [...], e viu que, entre os móveis apinhados de um lado e do outro, havia sido deixado **um corredor** que ia até à porta. (TN, 93)
- [...], et il vit qu'entre les meubles entassés d'un côté et de l'autre **un corridor** avait été aménagé et menait à la porte. (TN, 90)
- Atirou-se para cima da cama **o pobre homem**, [...]. (TN, 156)
- **Le pauvre homme** se jeta sur son lit, [...]. (TN, 152)
- [...], o cão foi rodear as ovelhas obrigando-as a mover-se em direcção a uma ponte por onde passavam silenciosamente **automóveis** com letreiros de lâmpadas a acender e a apagar [...]. (TN, 246)
- [...], le chien rassemble les brebis et les obligea à se diriger vers un pont sur lequel **des automobiles** passaient en silence, avec des écriteaux constitués d'ampoules qui s'allumaient et s'éteignaient [...]. (TN, 238)
- A estrada fazia uma curva larga onde terminava **a povoação**, [...]. (C, 29)
- La route décrivait une large courbe au sortir du village, [...]. (C, 30)
- [...], o som do maço deixou subitamente de parecer que subia do chão, vinha de onde tinha de vir, do recanto escuro da olaria onde se guardava **a argila extraída da barreira**. (C, 37)
- [...], le bruit de la masse cessa soudain de paraître monter du sol, il venait d'où il devait venir, du recoin obscur de la poterie où **l'argile extraite de la glaisière** était entreposée. (C, 37)
- Acordou sentencioso **o meu querido pai**, [...]. (C, 204)
- **Mon cher papa** s'est réveillé bien sentencieux, [...]. (C, 200)
- Os guardas aproximaram-se do quadro em que se encontravam estabelecidos **os turnos da vigilância**, [...]. (C, 317)
- Les gardes s'approchèrent du tableau sur lequel **les tours de surveillance** étaient indiqués, [...]. (C, 316)

- Marçal não é mais medroso do que o comum das pessoas, mas não lhe agrada nada a **perspectiva de passar quatro horas metido num buraco, em absoluto silêncio, sabendo o que tem atrás de si.** (C, 327)
- Marçal n'est pas plus craintif que d'autres, mais **la perspective de passer quatre heures enfoui dans un trou, au milieu d'un silence absolu, sachant ce qui se cache derrière lui,** ne l'enchanté guère. (C, 325)

C'. SUJEITO -VERBO → VERBO - SUJEITO

Interessante e algo inesperado é a sequência contrária à anteriormente analisada, mas a leitura dos exemplos seleccionados permite entender que as opções de GL dependem mais uma vez, não do texto original, mas da sintaxe¹⁰⁹ francesa que, por exemplo, após uma relativa admite a inversão do sujeito. Estas ocorrências, menos frequentes, coadunam-se com a norma linguística francesa e também podem indiciar uma certa preocupação por parte da tradutora de compensar as inversões verbo-sujeito ignoradas por contrariarem a fluência da narrativa.

- [...] por onde se acede à enorme sala rectangular onde **os funcionários trabalham,** [...] (TN, 12)
- [...] par où l'on accède à l'immense salle rectangulaire où **travaillent les employés,** [...]. (TN, 12)
- O prédio, apesar de antigo, tem elevador, com o que ao Sr. José estão a pesar as pernas nunca mais conseguiria atingir o sexto andar **onde a professora de matemática vivia.** (TN, 269)
- Bien que l'immeuble soit ancien, il est équipé d'un ascenseur, autrement, avec ses jambes lourdes, monsieur José n'aurait jamais réussi à atteindre le sixième étage **où habitait le professeur de mathématiques.** (TN, 264)
- [...], Que estupidez, é evidente que estou a descer, para isso é que **as escadas servem** quando não estão a servir para subir, [...]. (C, 324)

¹⁰⁹ Ver nota 107, p. 116.

- [...], Quelle bêtise, évidemment que je descends, c'est à ça que **servent les escaliers** quand ils ne servent pas à monter, [...]. (C, 323)
- [...], basta ver que aquilo que o Centro lhe pagou pelas estatuetas, mesmo que lhe apertem o cinto até ao último furo, não chegará para mais de dois meses, e que a diferença entre o que a **empregada de balcão Isaura Madruga ganha** na loja e o zero deve ser praticamente outro zero. (C, 345)
- [...], car ce que le Centre a payé à Cipriano Algor pour les statuettes suffira tout juste pour deux mois, même si tous deux se serrent la ceinture jusqu'au dernier trou, et ce que **gagne la vendeuse de magasin Isaura Madruga** et zéro doit être pratiquement égal à un autre zéro. (C, 342)

D. DESLOCAÇÃO DE FRASES SIMPLES OU SUBORDINADAS [≠ SUBORDINADAS ADVERBIAIS]

A deslocação de frases simples ou subordinadas tem efeitos idênticos aos já mencionados. Nos exemplos EC (74, 72) e TN (248, 240), JS opta por colocar o segundo termo de coordenação, respectivamente "ou a coloração das mucosas e dos pigmentos" e "e levantas os olhos cá para cima" numa posição que dificulta a recepção da mensagem.

No exemplo C (203, 200), GL opta por colocar a relativa o mais próxima possível do antecedente, o que, apesar de não ter grandes consequências no acesso ao significado, confirma o pendor da tradutora para manter sintacticamente coesos os elementos semanticamente ligados.

Finalmente, o fragmento EC (258, 252) ilustra a forma como a colocação de uma frase simples pode dar relevância a uma parte da informação: no texto original "com uma ideia clara do que era preciso fazer" surge como a parte essencial do relato e como tal acentua a determinação da personagem. As opções sintáticas de GL neutralizam um pouco a força resoluta que sobressai na narrativa portuguesa e, subsequentemente, a esperança inabalável que define a personagem.

- Não tinha sequer olhos para notar uma palidez, para observar um rubor da circulação periférica, quantas vezes, sem necessidade de mais minuciosos exames, esses sinais exteriores equivaliam a uma história clínica completa, **ou a**

coloração das mucosas e dos pigmentos, com altíssima probabilidade de acerto, Desta não escapas. (EC, 74)

- Il n'avait même pas d'yeux pour remarquer une pâleur, pour observer une rougeur de la circulation périphérique, **ou la coloration des muqueuses et des pigments**, que de fois, sans nécessiter d'exams plus minutieux, ces signes extérieurs équivalaient à une histoire clinique complète, permettant un diagnostic approprié, Cette fois tu n'en réchapperas pas. (A, 72)
- Com uma ideia clara do que era preciso fazer, **voltou aos seus companheiros**. (EC, 258).
- **Elle revint vers ses compagnons** avec une idée claire de ce qu'elle devait faire. (A, 252)
- [...] a grande diferença que há entre nós é que tu só me dás atenção quando precisas de conselhos **e levantas os olhos cá para cima**, ao passo que eu levo o tempo todo a olhar para ti, [...].(TN, 248)
- [...] la grande différence entre toi et moi c'est que toi tu ne fais attention à moi **et tu ne lèves les yeux vers moi** que lorsque tu as besoin de moi alors que moi je passe tout le temps à te regarder, [...]. (TN, 240)
- Como está esse, perguntou Marta, alheia ao debate sobre géneros **que tem vindo a travar-se**, [...]. (C, 203)
- Comment est cette statuette-là, demanda Marta, étrangère au débat **qui s'était instauré** sur le problème du genre, [...]. (C, 200)

E. APROXIMAÇÃO DO SUJEITO DO VERBO

Como já constatámos, GL tende a manter próximos os termos frásicos habitualmente coesos semântica e sintacticamente. Os exemplos em que o sujeito e o verbo estão afastados no TP, e que GL traduz aproximando-os são disso sintomáticos.

Mais uma vez, através deste mecanismo, JS solicita uma leitura atenta, demorada e independente da sintaxe convencional. No texto original, o afastamento do sujeito do verbo origina uma cadência peculiar, constituída por pausas que adiam o conhecimento da totalidade da informação. Esta

organização sintáctica menos comum assemelha a narrativa à reprodução imediata do fluxo da consciência: o relato avança ao ritmo do pensamento sem que uma ordem esclarecedora dos seus elementos seja primordial. GL, ao aproximar o sujeito do verbo, torna a sequência narrativa mais clara ao mesmo tempo que confere à frase um ritmo mais fluente.

- [...], **o cego**, para não passar pela angústia de arrastar-se de um assento ao outro, com a alavanca da caixa de velocidades e o volante a atrapalhá-lo, **teve de sair** primeiro. (EC, 13)
- [...] et pour ne pas devoir se transporter péniblement d'un siège à l'autre, avec le levier de changement de vitesse et le volant en travers de son chemin, **l'aveugle dut sortir** en premier. (A, 13)
- Ainda assim, enquanto naquele dia esperavam as chamadas do ministério e do hospital, **a mulher do médico**, com um espírito de providência semelhante ao que leva as pessoas sensatas a resolverem em vida os seus assuntos, para que não venha a dar-se, depois da morte, a aborrecida necessidade de recorrer a arrumações violentas, **lavou** a loiça, fez a cama, ordenou a casa de banho, [...]. (EC, 257)
- Malgré tout, ce jour-là, pendant qu'ils attendaient les appels téléphoniques du ministère et de l'hôpital, et avec un esprit de prévoyance semblable à celui qui pousse les personnes sensées à mettre leurs affaires en ordre de leur vivant afin qu'il ne soit pas nécessaire après leur mort de recourir odieusement à des nettoyages brutaux, **la femme du médecin lava** la vaisselle, fit le lit, rangea la salle de bains, [...]. (A, 251)
- Porém, **os seus olhos**, se o verbo não é de todo impróprio nesta oração, **sentiram** grande pena dele, [...]. (TN, 107)
- Toutefois **ses yeux se montrèrent** compatissants envers lui, pour autant que cette expression ne soit pas complètement impropre dans cette phrase, [...]. (TN, 104)
- Contudo, de dez em dez dias, é sempre ele quem se encarrega de ir buscar Marçal Gacho ao trabalho para passar com a família as quarenta horas de folga a que tem direito, e **quem**, depois, com louça ou sem louça na caixa da furgoneta pontualmente o **reconduz** às suas responsabilidades e obrigações de guarda interno. (C, 12)

- Mais tous les dix jours, pour que Marçal Gacho puisse passer en famille les quarante heures de repos auxquelles il a droit, c'est toujours lui qui va le chercher au travail et **qui le ramène** ensuite ponctuellement à ses responsabilités et devoirs de garde, avec ou sans faïence à l'arrière de la fourgonnette. (C, 12)
- [...], começando pela urgente substituição do velho forno, remanescente arcaico de uma vida artesanal **que** nem sequer como ruína de museu ao ar livre **mereceria** ser conservado. (C, 193)
- [...], à commencer par le remplacement urgent du vieux four, vestige archaïque d'une vie artisanale **qui** ne **méritait** même pas d'être conservé en tant que ruine dans un musée en plein air. (C, 190)

F. APROXIMAÇÃO DO COMPLEMENTO DE OBJECTO DO VERBO

A deslocação do complemento de objecto, directo ou indirecto, tem uma incidência semelhante à observada no caso do afastamento do sujeito do verbo. De facto, trata-se de elementos que, por norma, estão próximos do verbo e, quando isso não acontece, a informação é adiada, o que lhe concede relevo suplementar. A sequência é, através deste procedimento, trabalhada no sentido de suscitar encadeamentos pouco comuns e significativos. Ao optar por uma sintaxe mais tradicional, GL neutraliza os focos semânticos e rítmicos de JS.

(a) Directo

- E vira, por trás das janelas fechadas do corredor que seguia ao longo da ala reservada aos suspeitos de contágio, mais baixas deste lado da cerca, **rostos atemorizados**, de pessoas à espera da sua hora, do momento inevitável em que teriam de dizer às outras Ceguei, [...]. (EC, 83)
- Et derrière les fenêtres fermées du corridor le long de l'aile réservée aux suspects de contamination qui étaient plus basses de ce côté de la clôture, **elle avait entrevu les visages terrorisés** de personnes qui attendaient leur heure, le moment inéluctable où elles devraient dire aux autres, Je suis aveugle, [...]. (A, 80)

- O Sr. José olhou para trás, donde estava só conseguia alcançar com a vista, por cima das obras altas dos monumentos fúnebres, **a cumeeira distante do telhado do edifício administrativo**, [...]. (TN, 230)
- Monsieur José regarda derrière lui, il apercevait seulement **le faitage distant du bâtiment administratif** s'élevant au-dessus des monuments funéraires les plus hauts. (TN, 224)

(b) Indirecto

- **A este modo de entender o carácter relativo da fama** não assentaria mal, cremos, o qualificativo de dinâmico, [...]. (TN, 29)
- À notre avis, le qualificatif de dynamique ne messierait pas à **cette conception de la nature relative de la célébrité**, [...]. (TN, 28)

G. COMPLEMENTO DE OBJECTO – VERBO → VERBO – COMPLEMENTO DE OBJECTO

Mais notável do que os exemplos anteriores, no que diz respeito aos destaques criados por escolhas de ordem sintáctica, é a inversão de uma sequência estabelecida de que a anteposição do complemento de objecto é emblemática. Nestas estruturas, torna-se óbvio que o autor procura destacar o complemento de objecto, fazendo com que este seja o eixo a partir do qual se transmite a informação. Devido à originalidade da sua posição, o complemento beneficia de uma forte preponderância atenuada pela tradutora quando opta por uma sintaxe mais convencional.

- **Ao ladrão do automóvel** levou-o um polícia a casa. (EC, 35)
- Un policier ramena **le voleur d'automobiles** chez lui. (A, 34)
- **Dor** não senti, quando abri os olhos estava cega, [...]. (EC, 59)
- Non, je n'ai pas senti **de douleur**, quand j'ai ouvert les yeux j'étais aveugle, [...]. (A, 59)
- De facto, **algumas destas utilidades** foi o Sr. José encontrar, mas estava tudo arrumado debaixo de um alpendre encostado à parede, [...]. (TN, 87)

- Effectivement, monsieur José découvrit **plusieurs de ces objets utiles** mais ils étaient tous remisés sous un appentis adossé au mur, [...]. (TN, 86)

Para terminar, apresentamos excertos em que a tradutora, com o auxílio de outras modificações, altera significativamente a sintaxe original, criando, a partir de uma espécie de caos semântico propositado e relevante, uma sequência mais imediata e operacional em termos de eficiência comunicativa.

- [...], Qual é o andar, perguntou, Terceiro, respondeu o primeiro cego, não andava com a memória tão afracada quanto havia parecido, umas coisas esquecem, é a vida, outras lembram, por exemplo, recordar-se de quando, já cego, por esta porta tinha entrado, Em que andar mora, perguntou-lhe o homem que ainda não tinha roubado o automóvel, Terceiro, respondeu, [...]. (EC, 274)
- [...], Quel étage, demanda-t-elle, Le troisième, répondit le premier aveugle, il n'avait pas la mémoire aussi étioyée qu'on eût pu le croire, il y a certaines choses qu'on oublie, c'est la vie, d'autres dont on se souvient, par exemple le fait que lorsqu'il avait franchi cette porte, déjà aveugle, l'homme qui ne lui avait pas encore volé l'automobile lui avait demandé, À quel étage habitez-vous, Au troisième, avait-il répondu, [...]. (A, 268)
- As vetustas pedras, [...], continuavam a ser objecto de intensos debates e polémicas em que, perdida definitivamente, na maior parte dos casos, a esperança de saber quem tinha sido posto debaixo delas, apenas se discutia, como uma questão vital, a datação provável dos túmulos. (TN, 225)
- Les pierres vétustes, [...], continuaient à faire l'objet de débats enflammés et de polémiques où le seul sujet discuté, comme s'il était vital, était la datation probable des tombes, puisque dans la plupart des cas l'espoir de savoir qui gisait dedans était définitivement perdu. (TN, 219)
- [...], mas o risco deste acto não seria menor, pois da relação de ligações telefónicas, todos os meses enviada pela central e verificada, número a número, pelo conservador, forçosamente constaria a clandestina comunicação, [...]. (TN, 249)

- [...], mais ce serait risqué aussi car la communication clandestine figurerait obligatoirement sur le relevé envoyé tous les mois par le central téléphonique et vérifié numéro para numéro par le conservateur, [...]. (TN, 241)
- Evidentemente, não são os artigos expostos o que mais interessa a Cipriano Algor, aliás, comprar não é assunto da sua responsabilidade e competência, para isso lá está quem o dinheiro ganha, isto é, o genro, [...]. (C, 309)
- Ce ne sont évidemment pas les objets exposés qui intéressent le plus Cipriano Algor, d'ailleurs acheter ne relève ni de sa responsabilité ni de sa compétence, celui qui gagne l'argent est là pour ça, c'est-à-dire son gendre [...]. (C, 307)
- Dois minutos depois reconhecia que, reflectindo bem, tão suspeito deveria ser estar parado à espera em frente da casa como ir, com ademanos de falsa naturalidade, perguntar ao primeiro vizinho se, por casualidade, tinha dado pela saída de Isaura. (C, 340)
- Deux minutes plus tard il reconnaissait que, tout bien réfléchi, être arrêté et attendre devant sa porte était aussi suspect que prendre un air faussement dégagé et naturel pour aller demander au premier voisin venu si par hasard il avait vu Isaura sortir. (C, 337)

As alterações sintácticas, aquando da tradução, são das modificações mais notáveis e de maior impacto sobre a narrativa. A preferência de GL por uma sintaxe mais convencional influencia, como vimos ao longo da apresentação de exemplos, a recepção da mensagem, o seu ritmo e a sua relevância. Subsequentemente, a percepção de uma situação romanesca e das atitudes das personagens, pode, também, ser alterada.

III. Pontuação

TN 217

Da mesma maneira que a Conservatória do Registo Civil, ainda que a correspondente informação, por deplorável esquecimento, não tenha sido dada na altura própria, a divisa não escrita deste Cemitério Geral é Todos os Nomes, embora deva reconhecer-se que, na realidade, à Conservatória é que estas três palavras assentam como uma

luva, porquanto é nela que todos os nomes efectivamente se encontram, tanto os dos mortos como os dos vivos, ao passo que o Cemitério, pela sua própria natureza de último destino e último depósito, terá de contentar-se sempre com os nomes dos finados.

TN 211

Comme pour le Conservatoire de l'Etat civil, encore que cette information n'ait pas été fournie à temps en raison d'un oubli regrettable, la devise non écrite de ce Cimetière général est Tous les Noms. Nous devons cependant reconnaître qu'en réalité c'est au Conservatoire que ces trois mots vont comme un gant puisque c'est là que se trouvent effectivement tous les noms ceux des morts comme ceux des vivants, tandis que le Cimetière, à cause de sa nature même d'ultime destination et de dernier entrepôt, devra toujours se contenter des seuls noms des défunts.

A pontuação é uma ferramenta que JS utiliza de forma original e que lhe permite imprimir aos seus textos ritmos diversos e, por vezes, surpreendentes. Para além do mais, tal instrumento auxilia o controlo da cadência a que uma mensagem será assimilada pelo leitor, sendo muitas vezes privilegiada a lentidão, posto que o escritor opta raramente por uma pontuação esclarecedora. O autor prefere pontuar os seus textos com base nas pausas respiratórias do discurso oral, desviando-se frequentemente da limpidez discursiva originada por uma pontuação normativa.

A. SUPRESSÃO DE VÍRGULAS

Como verificamos nas tabelas anexadas a este trabalho, a supressão de vírgulas é a modificação mais frequente efectuada pela tradutora francesa de JS. Depreende-se desta contagem que os romances franceses apresentam um ritmo mais fluente que se coaduna melhor com as características do código escrito. As supressões de vírgulas que, no texto original, enquadram subordinadas adverbiais, se encontram colocadas antes de uma conjunção de coordenação ou precedem uma subordinada relativa, são as mais notáveis.

Com base nas regras de pontuação portuguesas e francesas, ambas idênticas, podemos afirmar que nem JS nem GL recorrem à vírgula de maneira rigorosa e

constante. Todavia, denota-se, por parte de GL, uma maior proximidade da norma, particularmente quando evita colocar vírgulas antes das conjunções de coordenação “et” e “ou”¹¹⁰ [TN (90, 88), TN (91, 89), C (87, 88) e C (132, 131)]. De notar que a tradutora elimina, por vezes, a vírgula colocada por JS antes da conjunção “mas”, transgredindo de certa forma¹¹¹, as regras de pontuação [EC (216, 209) e EC (226, 219)].

No que diz respeito aos complementos adverbiais (subordinada, locução ou advérbio), as regras aconselham a separação destes por vírgulas, sobretudo quando iniciam a frase¹¹². GL elimina frequentemente as vírgulas que os delimitam no interior de uma proposição [EC (73, 71), EC (302, 295), TN (93, 90) e C (348, 346)], mas mantém ou introduz aquelas que os seguem em princípio de frase¹¹³.

De realçar a aversão de GL pelas vírgulas que precedem subordinadas relativas, sejam estas determinativas ou explicativas, apesar da norma aconselhar a introdução de uma vírgula antes de uma relativa explicativa¹¹⁴ [EC (88,85), TN (91, 89) e C (58, 58)].

A eliminação de inúmeras vírgulas enfraquece o ritmo marcado característico de inúmeros passos dos romances de JS, ao mesmo tempo que reduz a densidade semântica de alguns elementos destacados pelo escritor através da pontuação [EC (211, 204), EC (229, 222), EC (299, 292) e TN (16,16)].

Introduzimos, também, fragmentos emblemáticos da originalidade saramaguiana em termos de pontuação. Ao colocar vírgulas entre elementos semanticamente interligados como, por exemplo, o sintagma nominal e o complemento do nome [EC (83, 80) e EC (97,94)], o verbo e um complemento de objecto [EC (229, 222)] ou o verbo e o seu atributo [TN (90,89)], JS afasta-se explicitamente da norma. GL costuma evitar tais peculiaridades saramaguianas, recorrendo a uma pontuação mais normativa.

¹¹⁰ “La virgule se met généralement entre les éléments coordonnés par une autre conjonction que *et, ou, ni* [...]” (Grévisse 1997:157)

¹¹¹ “Lorsque les éléments unis par *mais* sont brefs, la virgule peut manquer [...]” (Grévisse 1997:158)

¹¹² “Lorsque le complément adverbial est placé en tête de la phrase ou de la proposition, il est souvent suivi d'une virgule, surtout s'il a la forme d'une proposition: [...]” (Grévisse 1997:160)

¹¹³ Ver pp. 132-134, “Introdução de vírgulas”, exemplos EC (58, 58), TN (74, 73) e C (28, 29).

¹¹⁴ “On sépare par une virgule tout élément ayant une valeur purement explicative. C'est le cas notamment: - de l'apposition et de l'épithète détachées; - de la relative non déterminative; - de certaines propositions adverbiales [...]” (Grévisse 1997:159-160)

- Apertados na coxia estreita, os cegos, aos poucos, iam-se desbordando para os espaços entre os catres, [...]. (EC, 73)
- Comprimés dans la travée étroite, les aveugles débordaient peu à peu dans les espaces entre les grabats, [...] (A, 71)
- E vira, por trás das janelas fechadas do corredor que seguia ao longo da ala reservada aos suspeitos de contágio, mais baixas deste lado da cerca, rostos atemorizados, de pessoas à espera da sua hora, [...]. (EC, 83)
- Et derrière les fenêtres fermées du corridor le long de l'aile réservée aux suspects de contamination qui étaient plus basses de ce côté de la clôture, elle avait entrevu les visages terrorisés de personnes qui attendaient leur heure, [...]. (A, 80)
- Os dois soldados da escolta, que esperavam no patamar, reagiram exemplarmente perante o perigo. (EC, 88)
- Les deux soldats de l'escorte qui attendaient sur le perron réagirent de manière exemplaire face au danger. (A, 85)
- Agora havia um silêncio dorido, de hospital, quando os doentes dormem, e sofrem dormindo. (EC, 97)
- Il régnait maintenant un silence douloureux d'hôpital, quand les malades dorment et souffrent dans leur sommeil. (A, 94)
- [...], é que não há comparação entre viver num labirinto racional, como é, por definição, um manicómio, e aventurar-se, sem mão de guia nem trela de cão, no labirinto dementado da cidade, onde a memória para nada servirá, pois apenas será capaz de mostrar a imagem dos lugares e não os caminhos para lá chegar. (EC, 211)
- [...], et c'est parce qu'il n'y a aucune comparaison entre vivre dans un labyrinthe rationnel, comme l'est par définition un hospice de fous et s'aventurer sans la main d'un guide ou sans laisse de chien dans le labyrinthe dément de la ville où la mémoire ne sera d'aucun secours puisqu'elle sera tout juste capable de montrer l'image des lieux et non le chemin pour y parvenir. (A, 204)

- [...], fecharam-se, trancaram as portas, mas o que não puderam foi fazer desaparecer o cheiro da comida, [...]. (EC, 216)
- [...], qui se sont enfermées, qui ont verrouillé les portes mais qui n'ont pas pu faire disparaître l'odeur de nourriture, [...]. (A, 209)
- Os cães rodearam-na, farejaram os sacos, mas sem convicção [...]. (EC, 226)
- Les chiens l'ont entourée, ils flairaient les sacs mais sans conviction, [...]. (A, 219)
- Por momentos haviam-se esquecido dos outros, mas agora era preciso saber, de todos eles, o que se tinha passado com as suas chaves, [...]. (EC, 229)
- Pendant quelques instants ils avaient oublié les autres, mais maintenant il fallait savoir ce que chacun avait fait de ses clés, [...]. (A, 222)
- As portas estavam abertas de par em par, foi o que lhes valeu, um guarda-vento, mesmo que fosse dos mais singelos, teria sido, nesta ocasião, um obstáculo difícil de transpor. (EC, 299)
- Les portes étaient grandes ouvertes, circonstance que les sauva, car même un simple paravent aurait été en cette occasion un obstacle difficile à franchir. (A, 292)
- [...], a subir aos altares e a atar os panos, com dois nós, para que não deslacem e caiam, [...]. (EC, 302)
- [...], grimper sur les autels et attacher les linges avec deux nœuds pour qu'ils ne se défassent pas et ne tombent pas, [...]. (A, 295)
- Ao princípio esses processos excitam, nos funcionários, a curiosidade profissional, mas não tarda muito que comecem a despertar neles impaciências, [...]. (TN, 16)
- Au début, ces dossiers titillent la curiosité professionnelle des employés mais très vite ils commencent à éveiller en eux des impatiences, [...]. (TN, 16)
- [...], a fim de não vir a ser prejudicada a desejada aderência da banha, ou do que restava dela, [...]. (TN, 90)
- [...], pour ne pas compromettre l'adhérence du saindoux ou de ce qui en restait, [...]. (TN, 88)

- [...], levou o braço atrás e desferiu um golpe seco que felizmente resultou, surdo, abafado, como o disparo de uma arma munida de silenciador. (TN, 90)
- [...], leva le bras derrière lui et assena un coup sec qui heureusement fut sourd, étouffé, comme le tir d'une arme munie d'un silencieux. (TN, 89)
- [...], abriu-a de par em par, e, agarrando-se ao peitoril, com a ajuda aflita dos pés, que tinham deixado de encontrar pontos de apoio, conseguiu içar-se, [...]. (TN, 91)
- [...], il ouvrit la fenêtre toute grande et, se cramponnant à la croisée et avec l'aide anxieuse de ses pieds qui ne trouvaient plus de point d'appui, il réussit à se hisser, [...]. (TN, 89)
- [...], e viu que, entre os móveis apinhados de um lado e do outro, havia sido deixado um corredor que ia até à porta. (TN, 93)
- [...], e il vit qu'entre les meubles entassés d'un côté et de l'autre un corridor avait été aménagé et menait à la porte. (TN, 90)
- O cão Achado, agora que já tem um nome não deveríamos usar outro com ele, quer o de cão, que pela força do hábito ainda se veio meter adiante, quer os de animal ou bicho, que servem para tudo quanto não faça parte dos reinos mineral e vegetal, [...]. (C, 58)
- Ce chien Trouvé, maintenant qu'il a un nom, nous ne devrions pas lui en donner d'autres, pas même celui de chien que nous avons employé, poussés par la force de l'habitude, ni les mots animal ou bête qui servent à désigner tout ce qui ne fait pas partie du règne minéral ou végétal, [...]. (C, 58)
- Um cão mais idoso, e por essa razão, supondo que a idade está obrigada a suportar culpas duplicadas, [...]. (C, 87)
- Un chien plus âgé et donc, à supposer que l'âge doive assumer des fautes doubles, [...]. (C, 88)
- [...], quando o certo é que coube nele o universo, e muito mais lá caberia, por exemplo, dois universos. (C, 132)
- [...] alors qu'on sait que l'univers y a tenu et que bien davantage y tiendrait, par exemple deux univers. (C, 131)

- [...], na eira havia, aqui e além, pequenas poças de água, e a amoreira-preta, para sempre agarrada à terra, ainda gotejava. (C, 348)
- [...], il y avait ici et là des petites flaques sur le terre-plein et le mûrier noir, cramponné à tout jamais à la terre, gouttait encore. (C, 346)

B. INTRODUÇÃO DE VÍRGULAS

A introdução de vírgulas é menos frequente do que a supressão das mesmas. No entanto, ocorre por uma questão de clareza discursiva¹¹⁵ [TN (11,11), TN (13, 13), C (11,11), C (81, 81) e C (201, 198)¹¹⁶], mas também por respeito às regras de pontuação, tais como as que prevêm o recurso à vírgula quando o complemento adverbial se encontra em início de frase¹¹⁷ [EC (58,58), TN (74,73), C (28,29) e C (56,56)]; quando um termo se repete numa frase [C (69, 69)]¹¹⁸ ou para separar "[les] mots mis en apostrophe"¹¹⁹ [TN (128,124)].

- Ao princípio a água veio suja, foi preciso esperar que aclarasse. (EC, 58)
- Au début, l'eau qui coula était sale, ils durent attendre qu'elle devienne claire. (A, 58)
- [...], como o demonstram certos eflúvios aromáticos que de vez em quando, subtilmente, perpassam na atmosfera da Conservatória Geral e que os narizes mais finos identificam como um perfume composto de metade rosa e metade crisântemo. (TN, 11)

¹¹⁵ Nomeadamente no que diz respeito à vírgula antes da conjunção de coordenação "e" que, na opinião de Maurice Grévisse, deve ser "utilisée si le dernier terme est précédé d'une pause, ce qui arrive notamment: quand on veut le mettre en évidence; - pour la clarté, quand les termes coordonnés sont longs et complexes; - quand leur construction est fort dissemblable (par ex. si ce sont des phrases à sujets différents ou à modes différents); - quand le dernier élément contient un terme qui lui est propre (et qui, sans la virgule, serait rapporté aussi aux autres éléments); - quand il y a plusieurs coordinations distinctes." (1997:158)

¹¹⁶ A vírgula é utilizada para separar explicitamente a narração do discurso directo. De notar que em C (56, 56), uma vírgula de função semelhante no TP é eliminada no TC, o que aparece como uma excepção no trabalho de GL que tende a clarificar a informação original.

¹¹⁷ Ver nota 112, p. 128.

¹¹⁸ "a) La virgule s'emploie obligatoirement entre les termes coordonnés sans conjonction (mots, syntagmes, propositions) [...]. 2. Une coordination particulière est celle qui unit des mots répétés pour marquer l'insistance [...]." (Grévisse 1997:157, a), 2)

¹¹⁹ Grévisse 1997:161.

- [...], comme le prouvent certains effluves aromatiques qui traversent de temps en temps, subtilement, l'atmosphère du Conservatoire général, et qui pour les nez les plus fins est un parfum composé pour moitié de rose et pour moitié de chrysanthème. (TN, 11)
- Estão divididos, estrutural e basicamente, ou, se quisermos usar palavras simples, obedecendo à lei da natureza, em duas grandes áreas, a dos arquivos e ficheiros de mortos e a dos ficheiros e arquivos de vivos. (TN, 13)
- Ils sont divisés en deux grands domaines, structurellement et fondamentalement, ou, pour employer des mots simples, en respectant la loi de la nature, il y a donc les archives et les fichiers des morts, et les archives et les fichiers des vivants. (TN, 13)
- Se tivesse aqui um mapa da cidade já poderia assinalar os cinco primeiros pontos de passagem averiguados, [...]. (TN, 74)
- S'il avait eu chez lui un plan de la ville, il aurait pu y indiquer les cinq premiers points vérifiés, [...]. (TN, 73)
- Sim senhor, fizeram-lhe efeito, Sim senhor, [...]. (TN, 128)
- Oui, monsieur, Vous ont-ils fait de l'effet, Oui, monsieur, [...]. (TN, 124)
- Como já se terá reparado, tanto um como outro levam colados ao nome próprio uns apelidos insólitos cuja origem, significado e motivo desconhecem. (C, 11)
- Comme on l'aura déjà remarqué, l'un comme l'autre portent, accolé à leur prénom, un nom de famille insolite dont ils ignorent l'origine, le sens et la raison. (C, 11)
- Depois da Cintura Verde o oleiro tomou por uma estrada secundária, [...]. (C, 28)
- Après la Ceinture Verte, le potier s'engagea sur une route secondaire, [...]. (C, 29)
- Quando Cipriano Algor se aproximar finalmente do cão verá que nunca mais poderá repetir, É preto, [...]. (C, 56)
- Quand Cipriano Algor s'approchera enfin du chien, il verra qu'il ne pourra plus jamais répéter Il est noir, [...]. (C, 56)

- Se o Centro vai deixar de comprar-nos umas, é mais do que duvidoso que queira comprar outras, Talvez não, talvez talvez, [...]. (C, 69)
- Si le Centre cesse de nous acheter un article, il est plus douteux qu'il veuille en acheter un autre, Peut-être pas, peut-être, peut-être, [...]. (C, 69)
- Marta fez três séries de desenhos, a primeira totalmente fiel aos originais, a segunda desafogada de acessórios, a terceira limpa de pormenores supérfluos. (C, 81)
- Marta fit trois séries de dessins, la première, parfaitement fidèle aux originaux, la deuxième, dépouillée de tout accessoire, la troisième, débarrassée des détails superflus. (C, 81)
- [...], ao passo que os cães, e este em particular, não estão à espera de que se lhes diga Ficas aí a olhar pelo lume, poderemos ter a certeza de que, enquanto as brasas não se extinguirem, eles irão permanecer de olhos abertos. (C, 201)
- [...], tandis que les chiens, et celui-ci en particulier, n'attendent pas qu'on leur dise, Toi, tu restes ici à surveiller le feu, nous pouvons être sûrs que tant que les braises ne seront pas éteintes, un chien gardera l'œil ouvert. (C, 198)

C. VÍRGULA → CONJUNÇÃO “E”

Como podemos constatar nas contagens em anexo, esta modificação é pouco frequente, no entanto, é emblemática da tendência de GL para estruturar a informação de forma mais tradicional, nomeadamente quando JS opta pelo ritmo marcado e vivo do assíndeto.

- Agarrou desta vez na candeia e foi à cozinha, voltou com o garrafão, a luz entrava por ele, fazia cintilar a jóia que tinha dentro. (EC, 264)
- Cette fois, elle prit la lampe et alla dans la cuisine, d'où elle revint avec la bonbonne, la lumière traversait le verre et faisait étinceler le joyau qu'il contenait. (A, 258)

- E nós também saímos, disse para a mulher o que tinha sido primeiro cego, pode ser que o escritor já veja, que esteja a pensar em voltar para a casa dele, [...]. (EC, 309)
- Et sortons nous aussi, dit à sa femme celui qui avait été le premier aveugle, il se peut que l'écrivain voie et qu'il envisage de retourner chez lui, [...]. (A, 302)
- Escrevo amanhã, disse, mas esta nova urgência era quase tão premente como a de comer, por isso foi buscar o caderno. (TN, 136)
- J'écrirai demain, dit-il, mais cette nouvelle urgence était presque aussi pressante que l'envie de manger et il alla donc chercher son cahier. (TN, 132)
- Depois, deu uns passos na direcção da casa, parou como distraída. (C, 230)
- Puis elle fit quelques pas en direction de la maison et s'arrêta, comme distraite. (C, 226)

C'. CONJUNÇÃO "E" → VÍRGULA

A situação oposta à anteriormente apresentada é rara e só acontece quando a conjunção de coordenação, sem ter um efeito esclarecedor, pode prejudicar a fluidez da sequência como em EC (87, 84) e C (85, 86) onde a tradutora prefere ignorar as suas repetições ou em TN (75, 74) em que a conjunção de coordenação é deslocada para uma parte da frase na qual, ao substituir o advérbio "então", é mais eficiente do ponto de vista estrutural.

- A mulher do médico, por exemplo, é extraordinário como ela consegue movimentar-se e orientar-se por este verdadeiro quebra-cabeças de salas, devãos e corredores, como sabe virar uma esquina no ponto exacto, [...]. (EC, 87)
- La femme du médecin, par exemple, c'est extraordinaire comme elle parvient à se déplacer et à s'orienter dans ce véritable casse-têtes de salles, de recoins, de corridors, comme elle sait prendre un angle à l'endroit exact, [...]. (A, 84)

- Entrei no prédio, subi a escada até ao segundo andar e escutei à porta da casa onde a mulher desconhecida nasceu, então ouvi o choro de uma criança de berço, [...]. (TN, 75)
- Je suis entré dans l'immeuble, j'ai gravi l'escalier jusqu'au deuxième étage, j'ai écouté à la porte de l'appartement où la femme inconnue était née et j'ai entendu les pleurs d'un nouveau-né, [...]. (TN, 74)
- Marta, que saíra para o terreiro conversando com o pai e o acompanhava à furgoneta, tinha na mão o sobrescrito com os desenhos e a proposta, e embora o cão Achado não tenha ideias claras sobre o que são e para que servem sobrescritos, propostas e desenhos, [...]. (C, 85)
- Marta qui était sortie sur le terre-plein en bavardant avec son père, l'accompagnait à la fourgonnette, tenant à la main une enveloppe contenant les dessins et la proposition, et si le chien Trouvé n'a pas d'idée précise sur ce que sont les enveloppes, les propositions, les dessins, [...]. (C, 86)

D. VÍRGULA → PONTO FINAL

A substituição de vírgulas por pontos finais ocorre para organizar claramente o discurso e facilitar o acesso à mensagem por parte do leitor, separando fases distintas da narrativa [TN (108, 105), C (195, 192) e C (326, 324)] ou os diálogos da narração [TN (245, 237) e C (301, 298)].

Os fragmentos TN (108, 105) e C (195, 192) ilustram uma das particularidades da escrita saramaguiana que consiste em propor digressões a partir de episódios narrativos pontuais. O autor português mistura a narração às reflexões que esta proporciona numa sequência sem pausas que alertem o leitor para a mudança de nível discursivo que se opera subtilmente. As ocorrências em que GL prefere separar explicitamente o relato da digressão que dele resulta confirmam a sua preocupação em clarificar sequências do TP de recepção menos imediata, ao mesmo tempo que atenua traços distintivos da escrita de JS. Um mecanismo idêntico é aplicado nos restantes exemplos em que o pendor de JS para encadear registos e níveis discursivos é objecto de modificações esclarecedoras aquando da tradução.

- [...], ficou estendido, assim, de bruços, a camisa e a cara assentes na poeira que cobria o soalho, as pernas penduradas para os degraus, por quantos sofrimentos têm de passar as pessoas que saíram da tranquilidade dos seus lares para se meterem em loucas aventuras. (TN, 108)
- [...], il resta couché contre l'escalier, chemise et visage collés à la poussière sur le sol, jambes cramponnées aux marches. Que de souffrances doivent subir les gens qui quittent la quiétude de leur foyer pour se lancer dans des aventures insensées. (TN, 106)
- [...], a voz continuava a chamar, Estou aqui, estou aqui, o Sr. José olhava naquela direcção e só via focinhos levantados de animais, [...]. (TN, 245)
- [...] la voix continuait à proclamer avec insistance, Je suis ici, je suis ici. Monsieur José regardait dans cette direction et ne voyait que les museaux levés des bêtes, [...]. (TN, 237)
- [...], se eu entrei no forno foi apenas porque, a frase teve de interromper-se, de facto Cipriano Algor não sabia por que ali estava, nem é de estranhar, se tantas vezes isso nos acontece quando nos encontramos despertos, não saber por que fazemos ou fizemos isto ou aquilo [...]. (C, 195)
- [...], si je suis entré dans le four c'est juste parce que, il dut interrompre sa phrase car en fait il ne savait pas pourquoi il était là-dedans. Ce n'est pas étonnant, il arrive très souvent quand on est éveillé de ne pas savoir pourquoi on fait ceci ou cela, [...].
- Cipriano Algor e Isaura tinham-se levantado, ela chorava de alegria e mágoa, ele balbuciava, Voltarei, voltarei, é realmente uma pena que a porta da rua não se abra de par em par [...]. (C, 301)
- Cipriano Algor et Isaura Madruga s'étaient levés, elle pleurait de joie et de douleur, il balbutiait, Je reviendrai, je reviendrai. Il est vraiment dommage que la porte donnant sur la rue ne s'ouvre pas toute grande [...]. (C, 298)
- O café foi feito, passado para uma chávena, bebido, tudo indica que por agora não vai haver mais palavras entre eles, parece, como Cipriano Algor tem pensado

algumas vezes, [...], que a casa, esta onde agora vivem, tem o dom maligno de fazer calar as pessoas. (C, 326)

- Le café fut fait, servi dans une tasse, bu. Tout paraît indiquer que pour l'instant ils n'échangeront pas d'autres paroles. Il semble, comme Cipriano Algor l'a parfois pensé, [...], que l'appartement où ils vivent à présent ait le don pernicieux de faire taire ses occupants. (C, 324)

E. PONTO FINAL → VÍRGULA

Os excertos transcritos mostram que GL opta por manter uma certa coerência relativamente à pontuação quando JS introduz longas pausas pouco comuns nos seus romances. No exemplo EC (273,267), contrariando os seus hábitos, JS coloca um ponto final entre duas frases provenientes da mesma personagem, opção que pode surpreender o leitor familiarizado com os seus diálogos comumente entrecortados por vírgulas. Algo semelhante ocorre no fragmento EC (299,291) no qual JS opta por terminar uma pergunta com um ponto final. Nos dois casos, GL substitui o ponto final por uma vírgula, sinal de pontuação versátil nos romances saramaguianos que remete para a entoação mais adequada ao contexto. Em TN (216, 210), a escolha da vírgula por parte de GL inscreve-se visivelmente no respeito das regras de pontuação que desaconselham uma pausa tão marcada entre uma subordinada relativa e o seu antecedente. Para além do mais, o corte tão nítido entre estes dois elementos frásicos não beneficia a clareza deste longo e denso fragmento. Em C (193,190) também são a coesão e a fluência do raciocínio apresentado que aparentemente orientam a substituição de um ponto final por uma vírgula aquando da tradução.

- [...], Foi aqui que ceguei, na esquina onde está o semáforo, É mesmo nessa esquina que nos encontramos, Aqui, Exactamente aqui. Não quero nem lembrar-me do que passei, fechado no carro sem poder ver, [...]. (EC, 273)
- [...], C'est ici que je suis devenu aveugle, au carrefour où il y a le feu rouge, C'est justement à ce carrefour que nous nous sommes rencontrés, Ici, Ici même, Je ne

veux pas me souvenir de ce moment affreux quand j'étais enfermé dans la voiture sans rien voir, [...]. (A, 267)

- Continuarías a viver para sustentares as outras cinco que lá estão, A pergunta é por quanto tempo. Não será muito mais, quando se acabar tudo teremos de ir por esses campos à procura de comida, [...]. (EC, 299)
- Tu continuerais à vivre pour nourrir les cinq autres bouches, Pendant combien de temps encore, voilà toute la question, Ça ne sera plus très long, quand toute la nourriture sera finie nous devrons aller en chercher dans les champs, [...]. (A, 291)
- [...], é bem possível que algum ouvinte deste relato, dos atentos e vigilantes, [...] se declare radicalmente contrário à existência [...] de cemitérios tão desgovernados e delirantes como este, que chega ao ponto de se passear, quase ombro a ombro, pelos lugares que os vivos haviam destinado a seu exclusivo uso, isto é, as casas, [...], os becos, as avenidas. Que, embora percebendo como irresistível a necessidade de crescimento do Cemitério Geral, [...], consideram que o espaço destinado ao repouso final deveria continuar a cingir-se a limites estritos e a obedecer a regras estritas. (TN, 216)
- [...], il se peut qu'un lecteur attentif et vigilant, [...] se déclare radicalement opposé à l'existence [...] de cimetières aussi incohérents et délirants que celui-ci, qui en arrive presque à frôler épaule contre épaule les endroits que les vivants ont destinés à leur usage exclusif, tels que maisons, [...], impasses, avenues, et qui, tout en comprenant que le Cimetière général a inévitablement besoin de s'agrandir [...], estime que l'espace destiné au repos final devrait continuer à s'en tenir à des limites strictes et obéir à des règles rigoureuses. (TN, 210)
- Uma vez que se trata de um sonho, não há que estranhar este último ponto. Estranhável, sim, por muitas liberdades e exageros que a lógica onírica autorize ao sonhador, [...]. (C, 193)
- Puisqu'il s'agit d'un rêve ce dernier détail n'a rien de surprenant, ce qui est étonnant en revanche, malgré les licences et les exagérations que la logique permet au rêveur, [...]. (C, 190)

Como verificámos neste sub-capítulo, a pontuação também é um campo no qual GL introduz variadas modificações, sendo a mais notável a supressão de

vírgulas que altera acentuadamente o ritmo original, amiúde, muito marcado. Também percebemos que nem JS nem GL utilizam a pontuação de forma estritamente normativa, no entanto, a tradutora mostra um forte pendor para o uso eficiente e esclarecedor dos sinais de pontuação e, apesar de, nesta matéria, não se restringir às propostas normativas, apresenta um maior respeito das regras do que o autor português.

Apesar de GL ter uma tendência para respeitar a norma, transcrevemos um exemplo que demonstra que a tradutora segue, por vezes, a audácia saramaguiana.

- [...], até alcançar a porta. Que não estava fechada à chave. (TN, 94)
- [...] jusqu'à la porte. Qui n'était pas fermée à clé. (TN, 91)

IV. Morfossintaxe

EC 144

A diferença é essa, a arma, Mas os cartuchos não **duram** sempre, Nada dura sempre, contudo, neste caso, talvez fosse de **desejar** que **sim**, Porquê, Se os cartuchos **vierem a acabar**, será porque alguém os **disparou**, e nós já temos mortos de sobra, Estamos numa situação insustentável, É insustentável desde que aqui entrámos, e apesar disso **vamo-nos aguentando**, O senhor doutor é optimista, Optimista não sou, mas não posso imaginar nada pior do que o que estamos a viver, Pois eu estou desconfiado de que não há **limites** para o mau, para o mal, Talvez tenha razão, disse o médico, e depois, como se estivesse a falar consigo mesmo, Alguma coisa **vai ter** de suceder aqui, conclusão esta **que comporta** uma certa contradição, ou há afinal **algo** pior do que isto, ou daqui para diante **tudo vai melhorar**, ainda que **pela amostra** o não pareça.

A 138, 139

L'arme fait tout la différence, Oui, mais les cartouches ne **dureront** pas toujours, Rien ne dure toujours, pourtant, dans ce cas-ci, il serait peut-être **souhaitable qu'elles durent**, Pourquoi, Parce que si les cartouches **manquent**, ce sera parce que quelqu'un les **aura tirées**, et nous avons déjà assez de morts comme ça, Nous

sommes dans une situation intenable, Elle est intenable depuis que nous sommes arrivés ici, pourtant nous la **supportons**, Vous êtes optimiste, docteur, Je ne suis pas optimiste, mais je ne peux rien imaginer de pire que ce que nous vivons, Eh bien moi je crains fort qu'il n'y ait pas de **limite** à la méchanceté, au mal, Vous avez peut-être raison, dit le médecin, puis, comme s'il parlait à lui-même, Il **faudra** bien que quelque chose se passe ici, conclusion **entachée** d'une certaine contradiction, **car** ou finalement il y a **des situations** pires que celle-ci, ou bien désormais **les choses s'amélioreront**, encore que **cela** ne semble pas être **le cas**.

Como se verificará, a morfossintaxe é a categoria deste estudo que contém o maior número de sub-capítulos. Julgámos pertinente apresentar um leque alargado das divergências morfossintáticas porque, quer seja pela sua recorrência, quer seja pelo seu impacto sobre o texto, estas são significativas do trabalho elaborado pela tradutora francesa de JS. Veremos que as opções de GL em matéria de morfossintaxe têm inúmeros efeitos, mais ou menos discretos, sobre a narrativa. Trata-se de um domínio que, para além de confirmar algumas das conclusões intermédias que temos vindo a assinalar, suscita novas reflexões para uma apreensão consistente da tradução francesa dos romances que constituem o nosso *corpus*.

A. ALTERAÇÃO DE TEMPOS VERBAIS

A alteração de tempos verbais efectuada por GL tem efeitos vários sobre a informação transmitida. Seleccionámos exemplos emblemáticos para que se perceba de forma concreta os impactos mais significativos que as opções da tradutora, em matéria de tempos verbais, têm sobre o texto. Abordaremos separadamente a alteração "presente do indicativo → futuro" por esta ser muito frequente e significativa.

(a) Modificações diversas

Em EC (64, 62), salienta-se a gravidade da situação que se vive no manicómio. No original os efeitos da miséria dominante já se revelou. O verbo "lembrar" no pretérito perfeito significa que os indivíduos se esqueceram de algo

fundamental nas relações sociais: a apresentação. No texto francês, tal facto aparece como um risco futuro que ainda não ocorreu: "nous ne penserons même pas". A gravidade da situação vê-se, assim, diluída, como que adiada no TC no qual o pior parece ainda não ter acontecido.

Ao utilizar o presente do indicativo no exemplo C (16, 16), GL reforça o teor universal da frase em questão. Os tempos utilizados por JS – pretérito imperfeito e pretérito perfeito – colocam a experiência relatada no passado, enquanto que o tempo escolhido por GL é mais abrangente e salienta a atemporalidade deste comentário sobre a condição humana.

Nos exemplos TN (38, 37), C (28, 28) e C (99, 100), GL opta por recorrer a tempos verbais que distanciam a acção da sua enunciação e afastam, contrariamente aos do TP, o narrador e o leitor da cena relatada. No texto português, o narrador aparece como um observador imediato que partilha com o leitor as acções e pensamentos da personagem, o que é menos nítido na tradução devido à barreira mais espessa que os tempos escolhidos por GL introduzem entre o universo da personagem e os que lhe são adjacentes.

Por vezes, GL altera o tempo verbal com o intuito de manter uma certa coerência com os tempos que precedem como o ilustra o exemplo EC (211, 204). No texto original, o pretérito perfeito "ficou" contrasta fortemente com os restantes verbos, todos eles no presente do indicativo. Tal contraste provoca um efeito de estranheza, um abrandar da leitura e, talvez, um regresso ao início da frase para entender o porquê deste tempo verbal inesperado. O verbo "ficar", destacado no texto original, devido às suas características e ao contexto que integra, espelha como que uma petrificação da personagem que o presente do indicativo francês sugere palidamente. Outra leitura possível da alternância entre o passado e o presente será o propósito do escritor de introduzir numa frase mais abrangente, a focalização sobre a situação romanesca. No TC, esta alternância algo abrupta é ignorada e a introdução do grupo de cegos de *L'Aveuglement* faz-se de maneira mais fluente. Já no exemplo EC (310, 303), a alteração verbal modifica, em parte, uma das derradeiras e mais significativas mensagens da obra. No original, o presente indica um fenómeno abrangente, anunciando que a cegueira mental se mantém depois de terminada a cegueira física. O imperfeito do texto francês tende a colocar a cegueira no passado, apesar do presente do indicativo do

verbo "voir" contrariar um pouco esta ideia. Existe, em francês, uma espécie de ambiguidade ausente do texto português no qual é mais evidente que a cegueira permanece mesmo se no final do romance todos recuperam a visão. No fragmento TN (270, 263), a escolha do "plus-que-parfait" por parte de GL coloca esta espécie de epítáfio num tempo passado, denso e indefinido, tornando-o, assim, mais fluente e solene do que o TP. Para além da cadência menos abrupta, GL propõe uma coesão verbal mais nítida do que o original no qual o mais-que-perfeito composto "havia estado casado" quebra a sequência de verbos no pretérito perfeito simples.

- [...], tão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos, nem nos **lembrámos** sequer de dizer-nos como nos chamamos, e para quê, para que iriam servir-nos os nomes, nenhum cão reconhece outro cão, ou se lhe dá a conhecer, pelos nomes que lhes foram postos, é pelo cheiro que identifica e se dá a identificar, nós aqui somos como uma outra raça de cães, [...]. (EC, 64)
- [...], nous sommes si loin du monde que nous ne tarderons pas à ne plus savoir qui nous sommes, nous ne **penserons** même pas à nous dire mutuellement comment nous nous appelons, et à quoi bon, à quoi nous serviraient nos noms, les chiens ne se connaissent pas, ou s'il se font connaître ce n'est pas au nom qui leur a été donné mais à l'odeur qu'ils identifient les autres chiens et s'en font identifier, ici nous sommes comme une autre race de chiens, [...]. (A, 62)
- Diz-se a um cego, Estás livre, abre-se-lhe a porta que o separava do mundo, Vai, estás livre, tornamos a dizer-lhe, e ele não vai, **ficou** ali parado no meio da rua, ele e os outros estão assustados, não sabem para onde ir, [...]. (EC, 211)
- L'on dit à un aveugle, Tu es libre, la porte qui le séparait du monde s'ouvre, Va, tu es libre, lui dit-on de nouveau, et il ne bouge pas, il **reste** immobile au milieu de la rue, lui et tous les autres, ils sont effrayés, ils ne savent pas où aller, [...]. (A, 204)
- Penso que não cegámos, penso que **estamos** cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem. (EC, 310)
- Je pense que nous ne sommes pas devenus aveugles, je pense que nous **étions** aveugles, Des aveugles qui voient, Des aveugles qui, voyant, ne voient pas. (A, 303)

- Se alguém **entrasse** em casa neste momento e de chofre **perguntasse**, [...]. (TN, 38)
- Si quelqu'un **était entré** chez lui à cet instant et lui **avait demandé** à brûle-pourpoint, [...]. (TN, 37)
- Foi aqui que **viveu** uma mulher que **se suicidou** por motivos desconhecidos, que havia estado casada e **se divorciou**, que poderia ter ido morar com os pais depois do divórcio, [...]. (TN, 270)
- Ici **avait vécu** une femme qui **s'était suicidée** pour des raisons inconnues, qui avait été mariée et **avait divorcé**, qui aurait pu aller habiter chez ses parents après son divorce, [...]. (TN, 263)
- No entanto, tal como sucede nas vidas, quando **julgávamos** que também nos tinham levado tudo por diante e depois **reparámos** que afinal nos ficara alguma coisa, [...]. (C, 16)
- Toutefois, comme dans la vie, quand nous **croyons** que tout a été balayé aussi devant nous et que nous nous **rendons** compte ensuite qu'il nous reste tout de même quelque chose, [...]. (C, 16)
- [...], imagine-se o que **seria** hoje, no estado de ânimo em que **vai**, se **se pusesse** a contemplar este deserto. (C, 28)
- On peut imaginer ce qu'il **aurait ressenti** aujourd'hui, dans l'état d'esprit où il **se trouvait**, s'il **s'était mis** à contempler ce désert. (C, 28)
- [...], há muito tempo que não **usa** as portas do público, seja para olhar, seja para comprar, as compras sempre as **faz** Marçal por causa dos descontos a que **tem** direito como empregado, [...]. (C, 99)
- [...] cela faisait longtemps qu'il n'**utilisait** pas les portes destinées au public, que ce fût pour regarder ou pour acheter, c'était toujours Marçal qui **faisait** les courses à cause des rabais auxquels il **avait** droit en tant qu'employé [...]. (C, 100)

(b) Presente → Futuro

Acontece frequentemente que GL substitua o presente com valor de futuro pelo futuro simples. Para além desta modificação afastar o texto da oralidade que

sobressai, por este meio, no TP, também hierarquiza as acções de forma mais nítida, facilitando assim a leitura e subsequente organização do relato.

- Telefonas aos pais, **dizes** que falas em nome da Conservatória, **pedes** que te dêem a direcção, Isso não **faço**, Amanhã **vais** a casa da mulher, não sou capaz de imaginar que conversa será a vossa, mas ao menos tirarás daí o sentido, Provavelmente não quererei falar-lhe quando a tiver diante, Sendo assim, por que é que a procuras, por que é que andas a investigar-lhe a vida, Também ando a juntar papéis sobre o bispo e nem por isso estou interessado em falar algum dia com ele, [...]. (TN, 82)
- En téléphonant à ses parents, tu **diras** que tu le fais au nom du Conservatoire, tu leur **demanderas** de te donner l'adresse, Je ne **ferai** pas ça, Demain tu **iras** voir la femme, je suis incapable d'imaginer votre conversation, mais au moins tu t'ôteras cette obsession de l'esprit, Je ne voudrai probablement pas lui parler quand elle sera en face de moi, Alors, pourquoi la cherches-tu, pourquoi enquêtes-tu sur sa vie, Je rassemble aussi des articles sur l'évêque et je n'ai pas envie pour autant d'avoir une conversation avec lui, [...]. (TN, 81)
- **Vens** ver-me de vez em quando, Pai, por favor, estou a falar a sério, Eu também, minha filha. (C, 32)
- Tu **viendras** de temps en temps me voir, Père, je vous en prie, je parle sérieusement, Moi aussi, ma fille. (C, 32)

B. ARTIGO → DETERMINANTE POSSESSIVO

Apesar de neste caso a escolha da tradutora ser limitada, julgamos pertinente ter em consideração esta ocorrência que salienta uma diferença importante entre a língua de chegada e a língua de partida em que a utilização do artigo com valor de possessivo é habitual. GL poderia ter optado por seguir o texto original e deixar surgir, assim, características da língua portuguesa nas suas traduções, mas afastar-se-ia da norma francesa e do que é natural para o leitor do sistema literário alvo.

- A mulher desafivelou o relógio, fez o mesmo ao do marido, tirou os brincos, um pequeno anel de rubis, o fio de ouro que trazia ao pescoço, a aliança do casamento, a do marido, não deram grande trabalho a retirar, [...]. (EC, 143)
- La femme détacha sa montre, fit de même pour celle de son mari, retire ses boucles d'oreilles, une petite bague avec un rubis, la chaînette en or qu'elle portait au cou, son alliance, celle de son mari, qui ne furent pas difficiles d'enlever, [...]. (A, 137)

C. ADJECTIVO/ VERBO/ OUTRAS CLASSES GRAMATICAIS → ADVÉRBIO/ LOCUÇÃO ADVERBIAL

A transposição¹²⁰, aqui assinalada, incide de diferentes formas sobre o tecido narrativo. Uma das mais significativas é ilustrada pelo exemplo EC (12, 12): ao substituir o adjectivo por um advérbio, GL atenua a personificação dos carros muito marcada no original pelo termo "frenéticos" e apresenta uma estrutura semântica e sintacticamente mais convencional. É frequente, como veremos ao longo do estudo, GL evitar algumas figuras de estilo, nomeadamente hipálages, que, como no caso referido, deslocam qualidades humanas para seres inanimados. A alteração morfossintáctica é um dos meios para garantir uma linguagem mais directa, menos figurada. De notar ainda que o adjectivo do TP é utilizado de forma adverbial¹²¹ e que o advérbio escolhido por GL, termo "invariável, impede a possibilidade de concordância, justamente o elo que prendia o adjectivo ao sujeito, e, com isso, faz aflorar com toda a nitidez o modo por que se processa a acção indicada pelo verbo"¹²² «klaxonner». A tradutora escolhe a classe gramatical que, tendo em conta o contexto, é a mais eficiente e susceptível de concretizar uma mensagem clara e sem rodeios interpretativos.

Como fica exemplificado em EC (151, 145) e TN (262, 254), é comum verbos de operação aspectual e semiauxiliares serem substituídos por complementos adverbiais que favorecem a fluência sintáctica sem alterar notavelmente o

¹²⁰ Neste capítulo, o termo "transposição" remete para uma das estratégias sintácticas de Andrew Chesterman, "G3: Transposition": " I use this term (from Vinay and Darbelnet) to mean any change of word-class, e.g. from noun to verb, adjective to adverb. Normally, this strategy obviously involves structural changes as well, but it is often useful to isolate the word-class change as being of interest in itself." (Chesterman 1997:95)

¹²¹ Ver Cunha/Lindley Cintra 2002:266

¹²² Ibid.

significado original. Por outro lado, alguns verbos de operação aspectual não têm correspondente directo em francês e o recurso ao advérbio surge como uma das traduções mais frequentes [C (96, 98) e C (194, 191)].

Nos restantes exemplos [TN (218, 212), C (73, 74) e C (298, 296)], verificamos que esta alteração morfossintáctica, amiúde, associada a outras, dá origem a uma frase fluida e clara para o receptor da tradução francesa. De destacar, em C (73,74), que a opção de GL também lhe permite evitar a coordenação de adjectivos anteposta que como observámos anteriormente¹²³ é frequentemente desmantelada pela tradutora, e em C (298, 296), a substituição do segmento "somos velhos conhecidos" por "nous nous connaissons depuis longtemps" atenua a antropomorfização do cão Achado.

- [...], enquanto os carros atrás dele buzina**m frenéticos**. (EC, 12)
- [...] pendant que les voitures derrière klaxonnent **frénétiquement**. (A, 12)
- A continuarem assim as coisas, acabaremos, uma vez mais, por **ter de** chegar à conclusão de que mesmo nos males piores é possível achar-se uma porção de bem suficiente para que os levemos, aos ditos males, com paciência, [...]. (EC, 151)
- Si ça continue comme ça, nous finirons une fois de plus par aboutir **nécessairement** à la conclusion que les pires maux renferment une part suffisante de bien qui permet de les endurer avec patience, [...]. (A, 145)
- A necessidade burocrática de proceder a algumas verificações, o esclarecimento de discrepâncias, o confronto de dados, a dilucidação de diferenças, obrigam a deslocar-se, com **relativa frequência**, os funcionários da Conservatória ao Cemitério, quase sempre auxiliares de escrita, [...]. (TN, 218)
- La nécessité bureaucratique de procéder à certaines vérifications, à l'élucidation de divergences, à la comparaison de données, oblige les fonctionnaires du Conservatoire à se déplacer **relativement souvent** jusqu'au Cimetière, ce sont presque toujours les préposés aux écritures, [...]. (TN, 212)

¹²³ Ver pp. 114-115.

- O cartão de identidade que me acredita como funcionário da Conservatória Geral **deverá** ser mais do que suficiente, concluiu o Sr. José, no fim de contas só vou confirmar um dado concreto, objectivo, factual, [...]. (TN, 262)
- La carte d'identité qui m'accrédite en tant qu'employé du Conservatoire général sera **certainement** plus que suffisante, conclut monsieur José, Finalement, je veux juste confirmer une donnée concrète, objective, factuelle, [...]. (TN, 254)
- Marçal Gacho não é pessoa de **frequentes** e **aturadas** leituras, em todo o caso, quando aparece na olaria com um livro de presente para Marta, tem de se reconhecer que foi capaz de perceber a diferença entre o que é bom e o que não passou de medíocre, ainda que seja certo que sobre estes escorregadios conceitos de bom e de medíocre nunca nos hão-de faltar motivos sobre que discorrer e discrepar. (C, 73)
- Bien que Marçal Gacho ne soit pas homme à lire **souvent** ni **longtemps**, il faut reconnaître que lorsqu'il revient à la poterie avec un livre pour l'offrir à Marta il s'est montré capable de distinguer un bon livre d'un médiocre, encore que ces concepts volatils de bon et de médiocre soient à la vérité éminemment discutables. (C, 74)
- O chefe do departamento **tornou a** juntar os desenhos, pô-los de lado com um gesto ausente, e, depois de olhar uma vez mais o registo, terminou a frase, [...]. (C, 96)
- Le chef du département rassembla à **nouveau** les dessins, les mit de côté d'un air absent, puis après un dernier coup d'œil sur le registre il termina sa phrase, [...]. (C, 98)
- Viesses donde viesses, **passarás a** fazer companhia ao que está lá fora, disse Cipriano Algor, [...]. (C, 194)
- D'où que tu viennes, tu tiendras **désormais** compagnie au banc qui est dehors, dit Cipriano Algor, [...]. (C, 191)
- [...], O Achado é como se fosse da família, somos **velhos** conhecidos. (C, 298)
- [...], C'est comme si Trouvé faisait partie de la famille, nous nous connaissons **depuis longtemps**, [...]. (C, 296)

Com menos frequência do que o caso anteriormente assinalado também acontece que o advérbio seja substituído por palavras de outras classes gramaticais. Expomos, de seguida, os efeitos principais que tais opções têm sobre o texto.

O verbo surge, por vezes, como termo correspondente ao advérbio original. Em EC (65,63), é visível que a escolha do verbo por parte de GL favorece um encadeamento menos marcado ritmicamente. A frase portuguesa distingue-se por uma cadência forte e regular, o que acentua a emoção provocada pela chegada anunciada. Da tradução depreendem-se emoções idênticas, mas, devido a um compasso mais neutro, aparecem como que um pouco diluídas.

Nos exemplos TN (15, 15) e C (69, 69), os advérbios escolhidos pelo autor português são pontos fulcrais da sequência, posto que, pelas suas características semânticas e rítmicas, conferem densidade à informação que transportam. Na tradução francesa essa informação, ao ser distribuída por vários termos, perde algum do impacto original. Para além do mais, a opção de GL elimina a cadência marcada imposta pelos advérbios portugueses e responsável por um abrandamento rítmico que se insinua no desenrolar do relato.

Em EC (144, 138), o advérbio é substituído por um sintagma nominal¹²⁴, o que tem duas consequências principais: a explicitação de uma informação que em JS se mantém vaga e uma menor proximidade do leitor da cena relatada em comparação com a sequência original na qual o deíctico "ali" reforça o entrecruzar de experiências e vozes inaugurado pelo sujeito "nós".

Apesar de não ser a ocorrência mais comum, o advérbio pode ser substituído por uma conjunção de coordenação [EC (145, 139)]. Neste caso procura-se uma estrutura nítida da informação que não deixa margem para a ambiguidade inerente ao advérbio "certamente".

No exemplo EC (36, 35), a transformação de um verbo em perífrase verbal (acenar → faire un signe de la tête) dá origem à substituição do advérbio por

¹²⁴ Apesar de se tratar de um complemento adverbial, consideramos a alteração suficientemente significativa para ser mencionada nesta secção.

um adjetivo. A tradutora obtém, assim, uma fluidez rítmica que ficaria comprometida pela tradução do advérbio original.

Em C (94, 95), uma fórmula um pouco retorcida e de cunho oral em que o advérbio aufere de grande protagonismo é substituída por uma expressão francesa mais cuidada, sem realces morsfossintácticos e de compreensão imediata.

- Ela acenou **afirmativamente**, mas, estando cega, imagine-se, pensou que o polícia poderia não ter visto o gesto e murmurou, [...]. (EC, 36)
- Elle fit un signe de tête **affirmatif**, mais étant aveugle, vous imaginez un peu, elle pensa que l'agent n'avait peut-être pas vu son geste et elle murmura, [...]. (A, 35)
- Não se mexeu, **só** disse ao marido, Estão a chegar. (EC, 65)
- Elle ne bougea pas, elle se **contenta** de dire à son mari, Ils arrivent. (A, 63)
- Quando olhou outra vez na direcção da porta, os dois homens já haviam desaparecido na sombra do corredor, a caminho da terceira camarata lado esquerdo, aonde tinham ordem de ir pagar a comida. A de hoje, a de amanhã também, talvez a de toda a semana, E depois, a pergunta não tinha resposta, tudo quanto possuíamos vai **ali**. (EC, 144)
- Quand elle regarde de nouveau en direction de la porte, les deux hommes avaient disparu dans l'ombre du couloir, en route vers le troisième dortoir côté gauche où ils avaient reçu l'ordre d'aller payer la nourriture. Celle d'aujourd'hui, celle de demain aussi, peut-être celle de toute la semaine, Et après, la question n'avait pas de réponse, tout ce que nous possédions est **dans ce sac**. (A, 138)
- Quantos serão, a mulher falara-lhe de uns dez, mas não era de excluir que fossem bastantes mais, **certamente** nem todos estavam no átrio quando tinham ido deitar a mão à comida. (EC, 145)
- Combien peuvent-ils bien être, sa femme lui avait parlé d'une dizaine, mais il n'était pas à exclure qu'ils fussent plus nombreux, **car** tous n'étaient pas dans le vestibule au moment où ils étaient allés chercher la nourriture. (A, 139)
- [...], acabou por produzir no ser humano, **reflexamente**, por diferentes e às vezes contraditórios caminhos, o efeito paradoxal duma sublimação intelectual do temor natural de morrer. (TN, 15)

- [...], finit par produire chez l'être humain, par une **action réflexe** et selon des voies diverses et parfois contradictoires, l'effet paradoxal d'une sublimation intellectuelle de la terreur naturelle de mourir. (TN, 15)
- O mesmo direi eu, mas se o nosso cão se perdeu para poder ser achado, como **inteligentemente** explicou Isaura Estudiosa, também estas nossas mãos perdidas, a sua e a minha, poderão, quem sabe, voltar a ser achadas pelo barro, É uma aventura que vai acabar mal, Também acabou mal o que não era aventura. (C, 69)
- Je peux dire la même chose, mais si notre chien s'est perdu afin de pouvoir être trouvé, comme Isaura Estudiosa l'a expliqué **avec beaucoup d'intelligence**, nos mains perdues elles aussi, la vôtre et la mienne, pourront peut-être de nouveau être trouvées par la glaise, C'est une aventure qui tournera mal, Ce qui n'était pas une aventura a également mal tourné. (C, 69)
- [...] em geral, não tem outra utilidade no organigrama e na prática que servir de antepara a quem **hierarquicamente** estiver por cima. (C, 94)
- [...] dont la seule utilité sur l'organigramme et dans la pratique est généralement de servir de tampon à son supérieur **hiérarchique**. (C, 95)

D. ALTERAÇÃO DO SUJEITO

Um dos procedimentos frequentemente utilizados por GL no decorrer da tradução dos romances que constituem o nosso *corpus* é propor um sujeito diferente do escolhido por JS. Esta alteração permite-lhe construir frases de características semelhantes às que temos vindo a observar no âmbito do seu trabalho.

Em EC (97, 93), a inexistência de um verbo em francês que reúna as características do original pode ser a causa primeira da alteração do sujeito. De realçar a substituição do futuro próximo pelo futuro simples que, associada à escolha de outro sujeito, permite manter um compasso idêntico ao da frase saramaguiana.

Amiúde, a alteração do sujeito permite eliminar personificações do romance original. Nos fragmentos EC (269, 263), TN (262, 253), C (39, 39) e C (94, 95) verificamos que, nas frases originais, os sujeitos são inanimados e incapazes

Em TN (251, 243), a substituição do verbo por uma conjunção de coordenação torna mais fluido o encadeamento das duas frases e permite à tradutora especificar "o encargo" em questão sem que a frase sofra grandes alterações rítmicas.

- [...], enquanto o homem que estava com ela tentava escapulir-se **enfiando** atabalhoadamente as calças, moderava, de certa maneira, o dramatismo óbvio da situação. (EC, 35)
- [...], pendant que l'homme qui était avec elle tentait de s'esquiver **après avoir enfilé** tant bien que mal son pantalon, tempéraient un peu le tragique évident de la situation. (A, 34)
- [...], pelo meio vagueavam os cegos, a maior parte deles de gatas, varrendo com as mãos o chão imundo, **esperando** encontrar ainda algo que se pudesse aproveitar, [...]. (EC, 219)
- [...], les aveugles erraient au milieu, la plupart à quatre pattes, balayant le sol immonde de la main **dans l'espoir** d'y trouver encore quelque chose d'utilisable, [...]. (A, 212)
- Não posso compreender por que tardou tanto tempo a dar-me a direcção da escola, **sabendo** que qualquer informação, por insignificante que parecesse, seria de vital importância para mim, [...]. (TN, 65)
- Je n'arrive pas à comprendre pourquoi vous avez mis tellement de temps à me fournir l'adresse de l'école, **alors que vous saviez** que tout renseignement, pour insignifiant qu'il paraisse, serait pour moi d'une importance vitale, [...]. (TN, 64)
- Estava deitado de costas, **olhando** o tecto, à espera de que lhe perguntasse, Por que estás tu a olhar para mim, [...]. (TN, 246)
- Couché, **il regardait** le plafond, attendant que celui-ci lui demande, Pourquoi me regardes-tu, [...]. (TN, 238)
- [...], o que significaria a quase segura probabilidade de que o delito não viesse a ser descoberto, **tendo em conta** que a nenhum dos subchefes agrada o encargo, [...]. (TN, 251)
- [...], ce qui voulait dire presque certainement que le délit ne serait pas découvert, **car** aucun des sous-chefs n'aime à éplucher des relevés, [...]. (TN, 243)

- Não estou preocupado, respondeu o genro, **disfarçando mal** a inquietação, Bem sei, era uma maneira de falar, disse Cipriano Algor. (C, 13)
- Je ne me fais pas de bile, répondit son gendre, **qui avait du mal à dissimuler** son inquiétude, Je sais, c'était une façon de parler, dit Cipriano Algor. (C, 13)
- **Vendo** as coisas por esse lado, tem razão, Foi o que eu disse, precisamente por essas palavras, Disse-o a quem. Cipriano Algor não respondeu. (C, 67)
- **Si on regarde** les choses sous cet angle, vous avez raison, C'est exactement ce que j'ai dit, avec ces mêmes mots, À qui. Cipriano Algor ne répondit pas. (C, 67)
- [...] uma alvorada primaveral de suave luz, um tanque de jardim com cisnes brancos **vogando**, se o fosse não teria o Achado começado, de repente, a ganir lastimeiro, [...]. (C, 86)
- [...] une aurore printanière baignée de lumière douce, un bassin dans un jardin **où voguent** des cygnes blancs, s'il en était ainsi Trouvé ne se serait pas mis soudain à glapir plaintivement, [...]. (C, 87)

G. SUBORDINADA RELATIVA → PARTICÍPIO PASSADO/ ADJECTIVO/ DETERMINANTE...

Os participios passados [EC, (87, 84), TN (221, 215) e C (14, 14)] e os adjectivos [EC, (50, 49) e EC (87, 84)] são notoriamente as opções mais comuns de GL quando se trata de eliminar uma relativa. Estas formas de apresentar a ideia contida na relativa suprimem o abrandamento que esta representa, já que a sequência francesa se apresenta como um bloco único, sem fragmentações. A tradutora de JS tende a favorecer a clareza da mensagem e a fluidez da frase, despojando-a de elementos semanticamente pouco relevantes que sobrecarregam a sua estrutura.

O mesmo acontece nos exemplos C (73, 73) e C (75, 75), mas, nestes casos, são os determinantes possessivos que absorvem os significados das relativas e dotam as sequências de uma coesão mais fluente.

- Dito isto, pedimos a atenção de todos para as instruções **que se seguem**, primeiro, as luzes manter-se-ão acesas, será inútil qualquer tentativa de manipular os interruptores, não funcionam, [...]. (EC, 50)
- Cela dit, nous vous invitons à prêter attention aux instructions **suivantes**, premièrement, les lumières devront toujours rester allumées, toute tentative de manipulation des interrupteurs sera inutile, ils ne fonctionnent pas, [...]. (A, 49)
- Por sua vez, temerosos de uma súbita cegueira **que pudesse** resultar da proximidade imediata dos cegos **que esperavam** no átrio, os contagiados da ala esquerda não se atreveram a sair, [...]. (EC, 87)
- Pour leur part, craignant une cécité subite **susceptible** de résulter de la proximité immédiate des aveugles **postés** dans le vestibule, les contaminés de l'aile gauche n'osèrent pas sortir, [...]. (A, 84)
- De todo o modo, era inédito que um funcionário da Conservatória aparecesse por ali em serviço precisamente numa tarde de sábado, quando se supunha que estivesse a disfrutar o semanal lazer com a família, em passeio ao campo, ou ocupado nos arranjos domésticos **que se guardam** para quando haja tempo, ou apenas preguiçando, ou, ainda, perguntando-se para que serve o descanso quando não sabemos que fazer com ele. (TN, 221)
- En tout cas on n'avait jamais vu un fonctionnaire du Conservatoire se présenter pour des raisons de service un samedi après-midi où il était censé jouir de son repos hebdomadaire avec sa famille, se promener à la campagne ou s'adonner à ces tâches domestiques **réservées** aux jours chômés, ou simplement paresser ou encore se demander à quoi servent les loisirs quand on ne sait pas quoi en faire. (TN, 215)
- Conhecesse-a Marçal Gacho, que talvez fizesse valer perante o sogro o peso da autoridade **que a farda lhe conferia**, conhecesse-a Cipriano Algor, que talvez passasse a falar ao genro com menos irónica condescendência. (C, 14)
- Si Marçal avait connu la raison, peut-être se serait-il prévalu devant son beau-père de l'autorité **conférée par l'uniforme**, et si Cipriano l'avait apprise, peut-être se serait-il mis à parler à son gendre avec moins de condescendance ironique. (C, 14)

- Estava a pensar em passar uma vista de olhos pelos livros ilustrados **que aí temos**, por exemplo, aquela enciclopédia velha comprada pelo teu avô, [...]. (C, 73)
- J'étais en train de me dire que j'irai jeter un coup d'oeil sur **nos** livres illustrés, par exemple cette vieille encyclopédie achetée par ton grand-père, [...]. (C, 73)
- Encontraram muitos mais, mas esses não convinham aos fins **que tinham em vista**, [...]. (C, 75)
- Ils découvrirent bien d'autres personnages, mais qui ne convenaient pas à **leurs besoins**, [...]. (C, 75)

G'. INFINITIVO/ SUBSTANTIVO/ ADJECTIVO... → SUBORDINADA RELATIVA

São várias as sequências do texto português que podem dar origem a uma relativa na tradução francesa. Destacamos as mais frequentes e, no nosso entender, mais significativas.

Os adjectivos e participios passados com valor de adjectivo são frequentemente substituídos na tradução por relativas. Os exemplos EC (11,11), EC (141,135), EC (258, 252), TN (56,54), TN (215, 209), C (13,13) e C (27, 27) ilustram diversas circunstâncias em que a escolha da relativa por parte da tradutora tem consequências directas no relato. Os adjectivos e participios passados condensam a informação e apresentam uma qualidade estática de um determinado objecto, enquanto que a relativa ao introduzir um verbo, integra uma acção e um sujeito, não raro subentendido no texto original, como se verifica em EC (141, 135) e C (27,27). De notar, também, que o recurso à relativa facilita, amiúde, a transformação da voz passiva em voz activa como se observa nos fragmentos EC (141, 135), TN (56,54) e C (27, 27).

Em TN (215, 209), a relativa aparece como a melhor forma de traduzir uma sequência muito particular e de difícil transposição em francês. Posto que a substituição de adjectivos e participios passados por uma relativa implica sempre a introdução de um verbo, deparamo-nos, no TC, com uma estrutura menos elíptica e, subsequentemente, mais clara do que a original.

No exemplo C (13,13), a justaposição de frases simples transforma-se, na tradução, numa sequência menos abrupta devido à introdução de uma relativa

com a conseqüente transformação do adjectivo "inquieto" em verbo. A ordem dos elementos também é alterada, o que contribui para uma frase mais fluida sintáctica e semanticamente.

Em TN (56, 54), a substituição do sintagma nominal "de ensino" por "qui leur sont enseignées" tem um efeito esclarecedor: a informação é apresentada de forma mais pormenorizada, o que aumenta nitidamente a eficácia comunicativa da sequência. Já em EC (216, 209) a relativa traduz uma expressão idiomática portuguesa de difícil tradução em francês. Nos fragmentos EC (41, 40), EC (301, 294) e C (49, 50), encontramos situações semelhantes: os infinitivos que representam um problema de tradução, são traduzidos por relativas. De notar que, em EC (41, 40), a tradutora elimina o verbo de operação aspectual cuja tradução comprometeria a fluidez alcançada.

- O primeiro carro da fila do meio está parado, deve haver ali um problema mecânico qualquer, o acelerador **solto**, a alavanca da caixa de velocidades que se encravou, [...]. (EC, 11)
- La première voiture de la file du milieu est arrêtée, elle doit avoir un problème mécanique quelconque, l'accélérateur **qui a lâché**, le levier de changement de vitesse qui s'est coincé, [...]. (A, 11)
- O relato do médico foi breve mas completo, sem rodeios, sem palavras a mais, sem redundâncias, e feito com uma segura clínica que, tendo em conta a situação, **chegou a surpreender** o director, [...]. (EC, 41)
- Le récit du médecin fut bref mais exhaustif, sans détours, sans mots superflus, sans redondances, et présenté avec une sécheresse clinique **qui surprit** le directeur, vu les circonstances, [...]. (A, 40)
- Sim, uns paus **arrancados** das árvores, se ainda ficaram alguns ramos à altura do braço, [...]. (EC, 141)
- Oui, des branches **que nous arracherions** aux arbres, s'il en reste encore quelques-unes à hauteur de bras, [...]. (A, 135)
- [...] o mais certo, supondo que tínhamos conseguido dar com ela, é estar já ocupada por outro grupo que também não tinha podido encontrar a sua casa, somos uma espécie de nora **às voltas**, [...]. (EC, 216)

- [...] le plus probable, à supposer que nous la retrouvions, c'est qu'elle sera déjà occupée par un autre groupe qui lui non plus n'aura pas retrouvé sa maison, nous sommes comme une espèce de noria **qui tourne sans arrêt**, [...]. (A, 209)
- [...], não me esqueço que já me viste pior que nua, o meu marido é que tem a memória **fraca**, [...]. (EC, 258)
- [...], je n'oublie pas que tu m'as vue pire que nue, mon mari a vraiment la mémoire **qui flanche**, [...]. (A, 252)
- [...], e **estava** além uma mulher **a ensinar** a filha a ler, e as duas tinham os olhos tapados, [...]. (EC, 301)
- [...], il y avait là-bas une femme **qui apprenait** à lire à sa fille et toutes deux avaient les yeux bandés, [...]. (A, 294)
- [...] e comprou um grosso caderno de folhas pautadas, dos **usados** pelos estudantes para apontar as matérias **de ensino** à medida que julgam que as vão aprendendo. (TN, 56)
- [...] et acheta un épais cahier avec des feuilles réglées comme ceux **qui utilisent** les étudiants pour prendre des notes à mesure qu'ils croient apprendre les matières **qui leur sont enseignées**. (TN, 54)
- Ficou dito acima que o Cemitério cresceu, não, claro está, por obra e graça de uma virtude reprodutora **intrínseca** sua, [...]. (TN, 215)
- Il a déjà été dit que le Cimetière s'était agrandi, non pas, évidemment, par l'œuvre et par la grâce d'une vertu reproductrice **qui lui serait inhérente**, [...]. (TN, 209)
- [...], mas é nervoso, da raça dos desassossegados de nascença, **sempre inquieto com a passagem do tempo**, mesmo se o tem de sobra, [...]. (C, 13)
- [...], mais nerveux, de la race des inquiets de nature, **que le passage du temps anguisse toujours**, même s'il en a à revendre, [...]. (C, 13)
- Mau foi ter-lhe voltado outra vez à lembrança, quando dois quilómetros adiante penetrou na Cintura Industrial, o bruto revés comercial **sofrido**. (C, 27)
- Quand il pénétra dans la Ceinture Industrielle deux kilomètres plus loin, le revers commercial brutal **dont il avait été la victime** lui revint malheureusement en mémoire. (C, 27)

- A chuva tinha voltado a cair, era o mesmo enganador chove-não-molha, a mesma poeirinha de água a **bailar e a confundir** as distâncias, [...]. (C, 49)
- La pluie s'était remise à tomber, de nouveau cette pluie trompeuse qui ne mouille pas, cette poussière d'eau **qui danse et brouille** les distances, [...]. (C, 50)

H. PLURAL → SINGULAR

A passagem do plural para o singular implica, frequentemente, uma universalização do que é relatado como se pode observar em EC (215, 208) onde o singular reenvia imediatamente a uma generalidade sem que seja necessário sobrecarregar a frase com o plural. Já em EC (49, 49) o plural de "população" no original torna o substantivo mais abrangente e a epidemia mais ameaçadora. GL prefere o uso mais comum de "population" e, ao salvaguardar um hábito linguístico, reduz, numa certa medida, a amplitude do perigo em questão. O fragmento EC (41,40) é semelhante: "pessimismo", por se tratar de uma realidade abstracta não contável, utiliza-se comumente no singular. Ao colocar o substantivo no plural, JS salienta a diversidade de situações que podem originar o pessimismo e intensifica-o. GL prefere referir-se ao pessimismo em geral e manter a utilização mais rotineira do termo.

- Compreendo o seu estado de espírito, mas devemos defender-nos de **pessimismos** que podem vir a verificar-se infundados, [...]. (EC, 41)
- Je comprends votre état d'esprit, mais nous devons nous garder d'un **pessimisme** qui pourrait s'avérer infondé, [...]. (A, 40)
- [...], proteger por todos os meios **as populações** na crise que estamos a atravessar, [...]. (EC, 49)
- [...], qui est de protéger **la population** par tous les moyens possibles dans la crise que nous traversons [...]. (A, 49)
- Bons dias, perdera-se o costume de dar os bons dias, não só porque **dias de cegos**, propriamente falando, nunca seriam bons, mas também porque ninguém poderia estar inteiramente certo de que **os dias** não fossem **tardes** ou **noites**, [...]. (EC, 215)

- Bonjour, l'habitude de dire bonjour s'était perdue, non seulement parce qu'un jour d'aveugle, au sens propre du mot, n'était jamais bon, mais aussi parce que l'on ne pouvait jamais être entièrement sûr que le jour n'était pas le soir ou la nuit, [...]. (A, 208)

H'. SINGULAR → PLURAL

A transposição do singular para o plural surge, sobretudo, como resposta à busca de clareza discursiva e de respeito das normas morfossintáticas. Acontece também que outras alterações na frase tenham por consequência a escolha do plural em vez do singular que consta do original como podemos verificar no fragmento TN (84, 82): ao colocar o sintagma nominal "janela aberta" no plural, GL aproxima-se da realidade e acentua a existência de um número desconhecido de janelas. JS opta pelo singular que evoca uma situação de ordem geral. A escolha do plural por parte da tradutora deve-se, em certa medida, à dificuldade de tradução causada pela expressão oral "não vai para estar de janela aberta". Para ultrapassar este obstáculo, GL recorre ao adjetivo "propice" que associado ao plural "aux fenêtres ouvertes" resulta numa sequência francesa fluente.

Em EC (141, 135), ao optar pelo plural, GL mantém uma sequência de ritmo idêntico ao original ao mesmo tempo que salvaguarda a coerência semântica. O singular do texto original dá mais ênfase ao insulto popular, nomeadamente através do artigo indefinido "uma" que inicia o ritmo binário prolongado pelos termos seguintes "puta" e "cega". GL privilegia a precisão da informação, JS a sua virulência popular.

Em TN (250, 242), a palavra "estatística" no singular apresenta o processo em questão como uma entidade vaga e pouco credível, enquanto que o plural o torna mais concreto. De notar que a ironia resultante da repetição do termo "estatística" se mantém na tradução.

Em EC (304, 297), a inexistência, em francês, da expressão no singular implica a introdução do plural. Em EC (149, 143) e C (193, 190), a situação é semelhante, posto que a busca de fluência parece estar na origem da escolha

do plural. De realçar que, em C (193, 190), uma tradução literal implicaria a repetição de sons – “**de l'activité de la poterie**” – habitualmente evitada por GL.

- [...], Eu não dou o que me pertence a esses filhos de **uma puta cega**, [...]. (EC, 141)
- [...], Moi je ne donnerai pas ce qui m'appartient à ces fils de **putes aveugles**, [...]. (A, 135)
- O velho da venda preta tinha entendido que o rádio portátil, tanto pela fragilidade da sua estrutura como **pela informação conhecida** sobre o tempo da sua vida útil, se encontrava excluído da lista de valores [...]. (EC, 149)
- Le vieillard au bandeau noir avait considéré que la radio portable, tant à cause de sa fragilité structurelle qu'en raison **des informations connues** sur sa durée de vie utile, était exclue de la liste des objets de valeur [...]. (A, 143)
- [...], inventarem tais patranhas só para poderem roubar à **pobre gente** uns restos de comidas indecifráveis. (EC, 304).
- [...], inventer des blagues pareilles simplement pour pouvoir voler à des **pauvres gens** quelques restes de nourriture indéchiffrables. (A, 297)
- [...], mormente se o tempo não vai para estar de **janela aberta**, os vizinhos recolhem-se ao interior do lar, [...]. (TN, 84)
- [...] surtout si le temps n'est pas propice aux **fenêtres ouvertes**, les gens se terrent chez eux [...]. (TN, 82)
- [...], queria saber as razões por que a nossa filha se suicidou, alegou que era para **a estatística**, Para **a estatística**, Sim senhor, para **a estatística**, pelo menos foi o que ele nos disse, [...]. (TN, 250)
- [...], il voulait savoir pourquoi notre fille s'est suicidée, il a dit que c'était pour **les statistiques**, Pour **les statistiques**, Oui, monsieur, pour **les statistiques**, en tout cas c'est ce qu'il nous a dit, [...]. (TN, 242)
- Sentia-se feliz por ter podido convencer a filha e o genro de que o repentino crescimento **da actividade** da olaria exigia mudanças radicais nos processos de elaboração [...]. (C, 193)

- Il était tout content d'avoir pu convaincre sa fille et son gendre que l'augmentation subite **des activités** de la poterie exigeait des changements radicaux dans les procédés d'élaboration [...]. (C, 190)

I. ADJECTIVO → SUBSTANTIVO

A alteração agora apresentada persegue objetivos semelhantes aos já evocados: clareza linguística e eficiência comunicativa continuam a orientar as opções de GL.

Em EC (40, 39), o adjectivo marca uma pausa acentuada pela pontuação. No TC, devido à substituição do adjectivo por um substantivo e à introdução de uma preposição, a frase apresenta-se menos fragmentada e o estado de espírito da personagem menos destacado do que no TP.

Nos fragmentos EC (267, 261) e TN (154, 150), a substituição do adjectivo por um nome fomenta uma discreta mudança de registo, colocando a frase num registo mais cuidado, ao mesmo tempo que origina sequências mais comuns para o leitor francês. Para além do mais, em EC (267, 261), quebra-se a sucessão de fonemas [s] por intermédio da preposição "en".

Por uma questão de norma linguística, GL inverte por vezes a categoria gramatical dos termos utilizados no TP como podemos constatar nos fragmentos TN (231, 225) e C (28, 28). No primeiro exemplo, a inversão dá lugar a um sintagma nominal mais comum, de compreensão mais imediata do que o original; no segundo, elimina-se um segmento metafórico pouco comum, "gigantes fabris", que personifica e acentua o poder crescente e ameaçador das indústrias. Algo semelhante ocorre nos exemplos C (102, 104a) e C (102, 104b): os adjectivos saramaguianos personificam os substantivos que qualificam, contrariamente à tradução em que se opta por um registo mais prosaico, evitando hipálages inesperadas.

- Depois, como se acabasse de descobrir algo que estivesse obrigado a saber desde muito antes, murmurou, **triste**, É desta massa que nós somos feitos, metade de indiferença e metade de ruindade. (EC, 40)

- Puis, comme s'il découvrait quelque chose qu'il aurait dû savoir depuis longtemps, il murmura **avec tristesse**, Nous sommes pétris de cette pâte-là, moitié indifférence, moitié malveillance. (A, 39)
- Estavas a sonhar com a casa porque te sentias **segura** e tranquila, é natural, depois de tudo por que passámos, [...]. (EC, 267)
- Tu as rêvé de la maison parce que tu te sentais **en sécurité** et tranquille, c'est naturel après tout ce par quoi nous sommes passés, [...]. (A, 261)
- Temos razões para pensar que ainda seja **viva**, [...]. (TN, 154)
- Nous avons de bonnes raisons de croire qu'elle est toujours **en vie**, [...]. (TN, 150)
- Ali, as sepulturas ainda não tinham pedras gravadas com nomes a cobri-las nem **adornos escultóricos**, [...]. (TN, 231)
- Là, les sépultures n'étaient pas encore couvertes de pierres gravées de noms ni de **sculptures ornementales**, [...]. (TN, 225)
- Na orla da Cintura Industrial havia umas quantas modestas manufacturas que não se percebia como tinham podido sobreviver à gula de espaço e à múltipla variedade de produção dos modernos **gigantes fabris**, [...]. (C, 28)
- Quelques modestes manufactures s'élevaient à la frange de la Ceinture Industrielle. On se demandait comme elles avaient pu survivre aux appétits d'espace et à la grande variété des produits fabriqués par les **usines géantes**, [...]. (C, 28)
- O gesto **contrariado** de Cipriano Algor, logo a seguir a ter pronunciado estas palavras, [...]. (C, 102a)
- Le geste de **contrariété** de Cipriano Algor, une fois ces paroles prononcées, [...]. (C, 104a)
- [...], a mesma palavra e o mesmo momento, que, olhadas de um ângulo diferente, a uma luz diferente, passam a determinar dúvidas e perplexidades, sinais **inquietaos**, uma insólita palpitação, por isso a Cipriano Algor falhou de repente o gosto de pensar em Isaura Estudiosa, [...]. (C, 102b)
- [...], le même mot et le même moment qui, vus sous un angle différent, sous une lumière autre, donnent naissance à des doutes et des perplexités, à des signes

d'inquiétude, à des palpitations insolites, ce qui explique que tout à coup Cipriano Algor n'éprouva plus de plaisir à penser à Isaura Estudiosa [...]. (C, 104b)

I'. SUBSTANTIVO → ADJECTIVO

A transposição¹²⁶ do substantivo para o adjetivo tem consequências idênticas às mencionadas no ponto anterior: a maior parte das vezes, as incidências semânticas são mínimas, mas trata-se de apresentar uma mensagem clara que se coadune com a norma linguística francesa. Todos os excertos aqui transcritos confirmam que as modificações efectuadas por GL sustentam uma fluidez frásica inalcançável através de uma tradução literal.

- Bons dias, meu amor, ainda se saudavam com palavras de **carinho** depois de tantos anos de casados, [...]. (EC, 38)
- Bonjour, mon amour, ils se saluaient encore avec des mots **affectueux** après tant d'années de mariage, [...]. (A, 37)
- Quem está aí, não gritou como as sentinelas **de verdade** Quem vem lá, [...]. (EC, 156)
- Qui est là, il ne cria pas comme les **vraies** sentinelles, Qui va là, [...]. (A, 150)
- [...], se eu achasse que valia tanto como um só dos que ali tenho guardados, ou como qualquer destes cinco de menos **fama**, não teria começado a fazer a minha colecção. (TN, 38)
- [...], si je pensais que je vaux autant qu'une seule des personnes que j'ai rangées là-dedans ou que l'une quelconque de ces cinq personnalités moins **célèbres**, je n'aurais pas commencé à monter ma collection, [...]. (TN, 38)
- [...], imagino que a vida de **casados**, a vida em comum, será assim como uma espécie de lente de aumentar, [...]. (TN, 247)
- [...], j' imagine que la vie **conjugale**, la vie commune, est comme une espèce de verre grossissant, [...]. (TN, 239)

¹²⁶ Ver nota 120, p.146.

- [...] começou a retirar as cinzas, à **mistura** com pequenos troços de carvão não consumidos. (C, 201)
- [...] il entreprit d'enlever les cendres **mêlées** de petits fragments de charbon non consumés. (C, 198)
- [...], mais ou menos limpos das cinzas, mas sem a **benfeitoria** suplementar do sopro vital. (C, 202)
- [...], plus ou moins débarrassés de leurs cendres, mais sans l'apport **bienfaisant** du souffle vital. (C, 199)

J. VERBO → SUBSTANTIVO/ VERBO + SUBSTANTIVO

Como se constata através dos exemplos seleccionados a alteração em questão associa-se, amiúde, a outras modificações sintácticas ou morfossintácticas.

No fragmento EC (227, 221), a transformação dos verbos originais em substantivos implica a introdução do verbo "s'annoncer" que altera o ritmo do texto original caracterizado pela proximidade de dois verbos de dimensão semelhante no imperfeito. Este início de frase elíptico e o termo "bucha", ambos de teor popular, contrastam, no TP, com a procura ulterior de um "falar elevado", contraste menos perceptível na tradução.

Em TN (15, 15), a substituição do adjectivo "desesperado" pelo substantivo "désespoir", integrado numa expressão idiomática, implica a alteração da classe gramatical dos termos que sucedem (recurso→recourir; ingerir→ingestion). A frase é fluida para o leitor francês sem qualquer vestígio da hipálage saramaguiana que transpõe o desespero da personagem para o recurso.

No último exemplo aqui transcrito trata-se, novamente, de proporcionar uma leitura tranquila ao público alvo, propósito reforçado pela substituição de um pronome por um sintagma nominal ["ces mains"].

- Nem tudo **cheirava** ao que **continha**, mas o perfume de uma bucha de pão duro já seria, falando elevadamente, a própria essência da vida. (EC, 227)

- Leur **contenu** ne s'annonçait pas toujours par une **odeur**, mais le parfum d'un croûton de pain rassis serait déjà l'essence même de la vie, pour employer un langage noble. (A, 221)
- Foi descoberto, quase por milagre, ao cabo de uma semana, faminto, sedento, exausto, delirante, só sobreviveu graças ao desesperado recurso de **ingerir** enormes quantidades de papéis velhos que, não precisando de ser mastigados porque se desfaziam na boca, não duravam no estômago nem alimentavam. (TN, 15)
- Il fut découvert presque par miracle une semaine plus tard, affamé, assoiffé, épuisé, délirant, ayant survécu uniquement parce que en désespoir de cause il avait recouru à l'**ingestion** d'énormes quantités de vieux papiers qu'il n'était pas nécessaire de mastiquer car ils se défaisaient dans la bouche, mais qui ne dureraient pas dans l'estomac et ne nourrissaient pas. (TN, 15)
- Não se trata de estar confiante ou não, quando o poder de **decidir** está nas mãos de outras pessoas, quando **movê-las** num sentido ou noutro não depende de nós, a única coisa que resta é aguardar. (C, 129)
- Il ne s'agit pas de s'y fier ou non, quand le pouvoir de **décision** est entre des mains étrangères, quand les **mouvements** de ces mains ne dépendent pas de nous, il ne reste plus qu'à attendre. (C, 128)

J'. SUBSTANTIVO → VERBO

Os exemplos transcritos, nesta secção, confirmam que GL persegue sob vertentes diversas objectivos idênticos: criar uma sequência fluente semântica e sintacticamente para o leitor francês. O fragmento TN (68, 67) é um caso um pouco diferente, dado que a inexistência de um termo francês correspondente a "paradeiro" está na origem das transformações que ocorrem na frase: introdução de uma relativa e recurso a um verbo cujo significado reproduz o do substantivo original. As restantes modificações aqui assinaladas são totalmente opcionais e, associadas a outras, favorecem a fluidez do texto, alteram ligeiramente o ritmo sem interferirem de forma notável no aspecto semântico da mensagem.

- [...] e que, pelos vistos, se manifestava sem a prévia **existência** de actividades patológicas anteriores de carácter inflamatório, infeccioso ou degenerativo, como pudera verificar no cego que o fora procurar ao consultório, [...]. (EC, 37)
- [...] et qui se manifestait apparemment sans qu'**existassent** préalablement des activités pathologiques de nature inflammatoire, infectieuse ou dégénérative, comme il avait pu le vérifier chez l'aveugle venu le consulter [...]. (A, 36)
- A sua primeira acção, se pretendia averiguar o **paradeiro** da mulher desconhecida, devia ter sido essa, em menos de um minuto ficaria a saber onde encontrá-la, [...]. (TN, 68)
- Sa première démarche, s'il voulait savoir où **demeurait** la femme inconnue, aurait dû être celle-là, en moins d'une minute il aurait su où la trouver, [...]. (TN, 67)
- [...], quando prometera à filha e ao genro que iria viver com eles se Marçal fosse promovido, uma vez que a mudança de ambos para o Centro tornaria impossível manter em **funcionamento** a olaria. (C, 196)
- [...], quand il avait promis à sa fille et à son gendre d'aller vivre avec eux si Marçal obtenait sa promotion, dès lors que leur installation à tous dans le Centre ne permettrait plus à la poterie de continuer à **fonctionner**. (C, 193)

K. ADJECTIVO¹²⁷ → VERBO/ SUBORDINADA RELATIVA

A tradutora toma, amiúde, os adjetivos, ou participios passados de função equivalente, como ponto de partida para substituições que resultam em sequências comuns para o público alvo.

Em EC (270, 265), o adjetivo escolhido pelo escritor português é de difícil tradução. Ao optar pelo gerúndio associado a um adjetivo, GL apresenta uma perífrase verbal rotineira em francês e afasta-se um pouco do registo marcadamente oral do termo escolhido por JS.

No fragmento EC (277, 272), a substituição do participio passado pelo verbo "se chevaucher", integrado numa relativa, e a do complemento de lugar "em um e outro pontos" pelo complemento de tempo "parfois" resultam numa informação mais límpida e eficiente do que a proposta original.

¹²⁷ Ou participios passados com valor de adjetivos.

Os adjectivos coordenados e antepostos são frequentes nos romances portugueses que constituem o nosso *corpus*. É habitual GL propor construções diferentes e suprimir, assim, o impacto que a coordenação de adjectivos pode ter na frase. O exemplo TN (94, 91) é emblemático deste mecanismo: ao escolher um verbo associado a um advérbio e ao substituir uma coordenação por uma subordinação, GL propõe uma organização sintáctica mais vincada e neutraliza o foco da frase original na qual a anteposição de dois adjectivos enfatiza o substantivo "ruído".

Em TN (221, 215), as alterações morfossintácticas são diversas posto que a tradutora opta por uma coordenação de infinitivos para traduzir as acções que no original são apresentadas sob outras formas: um substantivo ("passeio"), um adjectivo ("ocupado") e um gerúndio ("prequiçando"). A sequência criada por GL liga de forma lógica e coesa o verbo inicial ("il était censé") às actividades que se seguem. A informação aparece mais ordenada, estruturalmente clara e cuidada.

Em C (303, 300), a mensagem saramaguiana é mais uma vez clarificada através das opções da tradutora francesa: a substituição do advérbio "humanamente" por um substantivo e dos adjectivos, "experimentável" e "sensível", por verbos possibilitam a presença de acções e de um sujeito concretos que favorecem a compreensão da frase.

- Quando entrou na sala de estar, enxuto, **cheiroso**, a mulher do médico disse, Já temos um homem limpo e barbeado, [...]. (EC, 270)
- Quando il entra au salon, séché, **sentant bon**, la femme du médecin dit, Voici un homme propre et rasé, [...]. (A, 265)
- [...], olhando a folha de papel, onde, na meia luz da sala, se distinguiam as linhas apertadas, **sobrepostas** em um e outro pontos, [...]. (EC, 277)
- [...] en regardant la feuille de papier où on distinguait dans la semi-obscurité qui régnait dans la pièce des lignes très serrées **qui se chevauchaient** parfois, [...]. (A, 272)
- [...], caso em que teria de arrombá-la sem os utensílios adequados e com o **consequente e inevitável** ruído. (TN, 94)

- [...], auquel cas il lui faudrait l'enfoncer sans disposer des instruments appropriés, avec tout le fracas qui **s'ensuivrait inévitablement**. (TN, 91)
- [...], quando se supunha que estivesse a disfrutar o semanal lazer com a família, em passeio ao campo, ou **ocupado** nos arranjos domésticos que se guardam para quando haja tempo, ou apenas preguiçando, [...]. (TN, 221)
- [...] où il était censé jouir de son repos hebdomadaire avec sa famille, se promener à la campagne ou **s'adonner** à ces tâches domestiques réservées aux jours chômés, ou simplement paresser, [...]. (TN, 215)
- A expressão vocabular humana não sabe ainda, e provavelmente não o saberá nunca, conhecer, reconhecer, e comunicar, tudo quanto é humanamente **experimentável e sensível**. (C, 303)
- Le vocabulaire humain ne sait pas encore, et ne saura sans doute jamais, connaître, reconnaître et communiquer tout ce que les hommes **éprouvent et ressentent**. (C, 300)

K'. VERBO → ADJECTIVO/ "ÊTRE" + ADJECTIVO

Iniciamos esta exposição com um fragmento português muito peculiar do ponto de vista rítmico [EC (64, 63)], nomeadamente devido à pontuação entre o substantivo e o adjectivo, e à dimensão da forma verbal "ardia" que repete o ritmo marcado pelos termos que a precedem. A tradução francesa devido à ausência de vírgulas, à introdução do verbo "être" e à subsequente coordenação de adjectivos apresenta uma cadência mais suave que retira ênfase ao segmento em questão.

Em TN (63, 61), a substituição do verbo "saber" pelo adjectivo "savante", auxiliada pela tradução de "muito" por "bien" e a deslocação de "madame" para o final da frase resultam numa expressão francesa corrente desprovida de qualquer estranheza para o público alvo.

A frase portuguesa do exemplo C (99, 101), devido à proximidade de uma relativa e de uma completiva, é mais tortuosa semântica e estruturalmente do que a sua tradução na qual, ao substituir os verbos por um substantivo e por um adjectivo, GL transcreve a mensagem de forma mais directa e cuidada.

- A pele, seca, **ardia**. (EC, 64)
- La peau était sèche et **brûlante**. (A, 63)
- A senhora **sabe** muito, É natural, vivi muito, Cinquenta anos tenho eu já, e à sua vista não sei nada, [...]. (TN, 63)
- Vous êtes bien **savante**, madame, C'est naturel, j'ai beaucoup vécu, J'ai déjà cinquante ans et à côté de vous je ne sais rien, [...]. (TN, 61)
- [...], e nesse caso não teríamos nós de arriscar-nos em aventuras de palhaços, bobos e mandarins, que **não sabemos no que irão dar**. (C, 99)
- [...], et dans ce cas nous n'aurions plus à nous lancer dans des aventures de clowns, de bouffons et de mandarins à **l'issue incertaine**. (C, 101)

L. MUDANÇA DE CATEGORIA DE FRASE

A mudança de categoria de frase é uma das alterações mais abrangentes de que dispõe a tradutora para efectuar o seu trabalho e seguir algumas das prioridades que fomos assinalando ao longo deste estudo. Como se verifica na contagem não é o recurso mais solicitado, mas, quando utilizado, pode surtir grande efeito.

(a) Várias categorias

Reunimos, nesta secção, todas as alterações de categoria de frase cuja escassez não invalida o impacto que têm sobre o texto e, por isso, são significativas.

Em EC (48, 47), a subordinada relativa vê-se transformada numa oração final que evidencia a função da corda em questão. A estrutura é mais clara e a informação mais eficiente.

A coordenação saramaguiana, em EC (257, 251), funciona como uma espécie de remate suave que enfatiza o bem-estar proporcionado pela chegada dos cegos à casa do médico. A repetição de "cheiro" e de "casa" favorece esta

cadência lenta que se coaduna com a intensidade do momento. Ao substituir a frase coordenada por uma relativa, ao recorrer a um sinónimo – “appartement” – e a um pronome – “celle” – para evitar repetições, GL reduz a emotividade patente e tranquila do romance original.

Através da substituição da relativa por uma coordenação, da pontuação e da tradução do verbo “aproximar-se” pelo verbo “accoster” seguido do complemento directo “le potier”, a sequência francesa do exemplo C (25,25) alcança uma limpidez estrutural e semântica superior à da frase original.

Em C (333, 331), a justaposição escolhida por JS dá lugar a um ritmo marcado que se coaduna com o resultado surpreendente e emotivo da busca de Cipriano Algor. Para além do mais é plausível adiantar que a elipse do complemento directo do verbo “compreender” catalisa um mistério proveniente da percepção de algo indizível. A tradução preenche esse vazio, recorrendo a uma completiva que fixa e limita a abrangência do pensamento do oleiro.

Apesar da mudança de categoria de frase ter, muitas vezes, por objectivo uma estrutura mais clara e acessível, acontece, embora raramente, que nos deparemos com a situação inversa como o ilustra o fragmento C (349,346): GL traduz a coordenação adversativa por uma relativa menos precisa do ponto de vista informativo. A adversativa aproxima o relato do discurso oral e o narrador da cena que se desenrola devido ao subtil escárnio proveniente da expressão “mas enganava-se” que funciona como um *clin d'oeil* ao leitor. Assim, apesar desta modificação aparecer como uma excepção à regra, é também uma forma de GL propor uma frase cuidada e focada na personagem.

- Entraram na camarata aos tropeções, apalpando o ar, aqui não havia corda **que os guiasse**, teriam de aprender à custa das próprias dores, [...]. (EC, 48)
- Ils entrèrent dans le dortoir en se bousculant et en palpant l'air, ici il n'y avait pas de corde **pour les guider**, ils devraient apprendre à leurs dépens, en souffrant, [...]. (A, 47)
- Foi portanto a uma espécie de paraíso que chegaram os sete peregrinos, e tão forte foi esta impressão, a que, sem demasiada ofensa do rigor do termo, poderíamos chamar transcendental, que se detiveram à entrada, como tolhidos

pelo inesperado cheiro da casa, **e era simplesmente o cheiro duma casa fechada**, [...]. (EC, 257)

- Ce fut donc dans une espèce de paradis qu'arrivèrent les sept pèlerins, et cette impression fut si forte que nous pourrions l'appeler transcendante, sans trop pécher contre la rigueur du vocabulaire, elle fut si forte qu'ils s'arrêtèrent à l'entrée, comme paralysés par l'odeur inattendue de l'appartement, **qui était simplement celle d'une maison fermée**, [...]. (A, 251)
- [...] e já ia vencida meia hora quando finalmente se aproximou um homem sujo e mal-encarado **que perguntou ao oleiro**, [...]. (C, 25)
- [...] et une demi-heure s'achevait quand enfin un homme sale, à la mine patibulaire, accosta le potier **et lui demanda**, [...]. (C, 25)
- Não havia mais que fazer ali, Cipriano Algor tinha compreendido. (C, 333)
- Cipriano Algor avait compris **que plus rien ne le retenait là**. (C, 331)
- Quer levá-los de recordação, disse Marçal, **mas enganava-se**, [...]. (C, 349)
- Il veut les emporter en souvenir, dit Marçal, **qui se trompait**. (C, 346)

(b) Negativa → Afirmativa

O exemplo mais significativo dos seleccionados nesta secção é o C (41,41) no qual a repetição do verbo "valer" e da negativa a ele associada enfatizam a observação acutilante sobre o prazo de validade das palavras. Ao eliminar as negativas através do recurso ao adjectivo "inúteis" e ao verbo "perder", evitando, assim, a repetição verbal, GL reduz o ímpeto formal com que JS apresenta e realça a complexidade deste pensamento. A limpidez e o registo cuidado prevalecem na frase francesa.

No exemplo EC (145, 139), a frase negativa de JS apresenta-nos uma informação enviesada que a tradução francesa pelo recurso a uma afirmativa e ao advérbio "soigneusement" transforma numa frase eficaz e directa do ponto de vista comunicativo. O fragmento C (230, 226) é semelhante relativamente à eficácia que a opção de GL representa em termos de clareza estrutural e semântica. Para além do mais, "avoir la conscience tranquille" é uma

expressão idiomática muito comum em francês e em português, embora JS tenha optado por uma sequência mais original ao animizar acentuadamente a consciência. Não é raro, como já ficou referido, GL atenuar a linguagem figurada, amiúde, solicitada pelo autor português.

- Percebeu que era uma cama atravessada, ali posta a fazer as vezes de um balcão de negócio, Estão organizados, pensou, **isto não nasceu de um improviso**. (EC, 145)
- Il comprit que c'était un lit placé en travers qui faisait office de comptoir, Ils sont bien organisés, pensa-t-il, **tout ça a été soigneusement préparé**. (A, 139)
- A vida é assim, está cheia de palavras que **não valem a pena**, ou que valeram e já **não valem**, cada uma que ainda fomos dizendo tirará o lugar a outra mais merecedora, que o seria não tanto por si mesma, mas pelas consequências de tê-la dito. (C, 41)
- La vie est remplie de paroles **inutiles**, ou qui eurent leur utilité, mais qui l'**ont perdue**, chaque mot que nous disons prend la place d'un autre plus valable, ou qui le serait, pas tellement en soi, mais en raison des conséquences de son énonciation. (C, 41)
- Não tinha motivos para fugir, **não** o acusava a consciência de ter feito algum mal. (C, 230)
- Il n'avait aucune raison de s'enfuir, il avait la conscience tranquille. (C, 226)

(b') Afirmativa → Negativa

Como podemos verificar nos exemplos que se seguem, GL opta por transformar uma frase afirmativa em negativa quando tal modificação favorece a fluência e a compreensão da sequência francesa: em todos os fragmentos transcritos, uma tradução mais literal denunciaria a origem estrangeira da obra em questão, o que não se verifica devido às modificações elaboradas. De notar, em TN (257, 250), o obstáculo que representa a tradução do verbo de operação aspectual "chegar a" que GL ultrapassa por intermédio da negativa

"ne...jamais" associada ao comparativo "aussi...que", mantendo, assim, o significado original e propondo uma sequência fluida em língua francesa.

- **Tem isto seu inconveniente**, já que as excitantes fragrâncias vão viajando à altura do nariz dos cães, [...]. (EC, 225)
- **Ce qui n'est pas sans inconvénient**, car les arômes excitants voyagent à la hauteur du nez des chiens, [...]. (A, 218)
- Pelo contrário, **se alguma vez cheguei a ver a minha filha contente foi** quando se separou, Não se dava bem com o marido, [...]. (TN, 257)
- Au contraire, **je n'ai jamais vu ma fille aussi contente que** lorsqu'elle s'est séparée de son mari, Elle ne s'entendait pas avec lui, [...]. (TN, 250)
- [...], ou nem é preciso fazer de conta, dar é dar, **dispensa** explicações, [...]. (C, 51)
- [...], d'ailleurs point n'est besoin de faire comme si, donner c'est donner, **ça ne nécessite pas** d'explications, [...]. (C, 51)

(c) Activa → Passiva

A passagem da frase activa para a passiva tem como consequência primeira a alteração do sujeito, o que origina modificações estruturais e, por vezes, semânticas como se verifica nos excertos seleccionados.

O fragmento EC (16, 16) mostra-nos como a opção de GL, ao implicar uma mudança de sujeito, contorna a relevância dada ao elemento perturbador no original. No texto saramaguiano o sangue aparece humanizado, actuante e destacado pela função de sujeito que ocupa na sequência. A frase passiva desloca a acção para a personagem e coloca o sangue num papel secundário. No exemplo EC (287, 280), a passiva associada à substituição do verbo "dever" pelo complemento adverbial "sans doute" permite à tradutora apresentar uma estrutura mais fluida e coesa com os elementos precedentes. A opção pela frase passiva possibilita, por vezes, a eliminação de orações relativas como vemos nos fragmentos TN (84,82) e C (21,21). Os segmentos

franceses, despojados do subtil desvio rítmico inerente a qualquer subordinada, apresentam uma maior fluidez do que as frases originais.

No exemplo TN (270, 262), a inversão do sujeito no romance original representa uma dificuldade em termos de tradução que GL contorna, recorrendo à voz passiva. A tradutora mantém, assim, uma ordem sintáctica semelhante à do texto português sem comprometer a recepção da mensagem. No fragmento C (299, 296), o carácter telegráfico e algo abrupto da frase saramaguiana é alterado pelo recurso à passiva que, pela sua extensão, suaviza a cadência original.

- **O sangue, pegajoso ao tacto, perturbou-o**, pensou que devia ser porque não podia vê-lo, o seu sangue tornara-se numa viscosidade sem cor, [...]. (EC, 16)
- **Il fut troublé par le sang, poisseux au toucher**, et pensa que c'était parce qu'il ne pouvait pas le voir. Son sang était devenu une viscosité dépourvue de couleur, [...]. (A, 16)
- [...], deram pelo aparecimento dos cegos nas varandas circundantes, não muitos, não em todas, **devia tê-los atraído o ruído da enxada**, mesmo estando a terra mole é inevitável, [...]. (EC, 287)
- [...], ne se rendirent compte que des aveugles étaient apparus sur les balcons avoisinants, pas très nombreux, pas sur tous, **attirés sans doute par le bruit de la pioche**, même quand la terre est molle c'est inévitable, [...]. (A, 280)
- A escola era um edifício comprido, de dois andares e águas-furtadas, **que uma grade alta separava da rua**. (TN, 84)
- L'école était un long bâtiment de deux étages avec des mansardes **et séparé de la rue par une haute grille**. (TN, 82)
- Chegariam a ter olhos de gato se **não os alcançasse primeiro a idade de reforma**. (TN, 270)
- Ils finiraient par avoir des yeux de chat s'ils **n'étaient pas d'abord atteints par l'âge de la retraite**. (TN, 262)
- Passados poucos momentos um camião desceu uma rampa e foi parar no sítio **que a furgoneta tinha deixado livre**. (C, 21)

- Au bout de quelques instants un camion descendit la rampe et prit la place **libérée par la fourgonnette**. (C, 21)
- Agora mesmo, como calcula não podemos levar o cão, **no Centro não admitem animais**, Eu fico com ele, [...]. (C, 299)
- A l'instant même, comme vous imaginez nous ne pouvons pas emmener le chien, **les animaux ne sont pas admis dans le Centre**, Je le garderai, [...]. (C, 296)

(c') Passiva → Activa

O mecanismo inverso ao anteriormente evocado persegue objectivos idênticos aos que foram sendo anotados: quando a voz activa favorece a clareza semântica e estrutural, GL prefere-a à passiva original.

Para além da fluência que resulta, amiúde, das opções de GL, no fragmento EC (73, 71), a substituição da voz passiva pela activa tem outro efeito predominante: a deslocação do foco informativo que em francês se centra no emissor da mensagem – "la voix sèche du haut-parleur" –, enquanto que no TP é a recepção que é destacada: "ouviu-se". De notar que a alteração morfosintáctica só surte este efeito porque está associada a uma substituição lexical (ouvir → retentir) sem a qual não seria possível transformar a passiva pronominal em activa, mantendo um significado idêntico.

Os fragmentos C (14, 14) e C (321, 319) confirmam que a substituição da voz passiva pela voz activa, não raro associada a outras alterações, resulta numa estrutura mais fluente e numa mensagem mais imediata.

- Então **ouviu-se** a voz seca do altifalante. (EC, 73)
- La voix sèche du haut-parleur **retentit**. (A, 71)
- Felizmente, apesar dos temores e dos avisos, **nunca tinham sido mandados parar pela polícia, (...)**. (C, 14)
- Heureusement, malgré leurs craintes et les avertissements, **la police ne les avait jamais arrêtés**. (C, 14)

- [...], se tinha ordens para não falar e as cumpria, **devia era ser felicitado por isso**, não submetê-lo às variadas e impúdicas modalidades de chantagem sentimental em que as famílias são exímias, [...]. (C, 321)
- [...], il avait l'ordre de ne pas parler et il obéissait, **il faudrait plutôt l'en féliciter et ne pas le soumettre aux diverses et impudiques modalités du chantage sentimental auxquelles les familles excellent**, [...]. (C, 319)

A reflexão sobre algumas das mais significativas alterações morfossintáticas reforça os elementos que temos vindo a reunir sobre o trabalho efectuado por GL aquando da tradução dos romances que constituem o nosso *corpus*: com incidências mais ou menos óbvias sobre a estrutura e o significado textuais, a tradutora procura, através dos diferentes mecanismos de que dispõe, criar um discurso claro, próximo dos hábitos linguísticos franceses e, com frequência, mais formal do que o romance original.

V. Léxico

C 314

Mas ondas não há, claro, **Pois aí é que** se engana, tem lá no interior um mecanismo que produz uma ondulação **igualzinha** à do mar, **Não me digas, Digo**, As coisas que os homens são capazes de inventar, Sim, disse Marçal, é **um bocado** triste. Cipriano Algor levantou-se, deu duas voltas por ali, **pediu** um livro à filha e **quando ia a entrar** no seu quarto **disse**, **Estive** lá em baixo, o chão já não vibra, e não se ouve o ruído das escavadoras, e Marçal **respondeu**, Devem ter terminado o trabalho.

C 311

Mais il n'y a pas de vagues, évidemment, **Eh bien là**, vous vous trompez, un mécanisme produit une ondulation **tout à fait pareille** à celle de la mer, **Pas possible**, **Mais si**, **C'est fou** ce que les hommes sont capables d'inventer, Oui, dit Marçal, c'est **un peu** triste. Cipriano Algor se leva, tournicota un peu dans l'appartement, **emprunta** un livre à sa fille et, **sur le point d'entrer** dans sa chambre, **déclara**, **Je suis allé en bas**, le sol ne vibre plus et on n'entend plus le bruit des excavatrices. Marçal **rétorqua**, Les travaux sont sans doute terminés.

O léxico saramaguiano é muito diversificado: o autor utiliza palavras, expressões de registos diferentes, criando contrastes que expõem ideias e acções de forma inesperada e pouco linear. Para além do mais, o escritor recorre frequentemente a metáforas, personificações e outras figuras de estilo que vivificam a narrativa e enriquecem a percepção do que é relatado. A tradução francesa é mais comedida como se verifica na reflexão que agora se inicia.

A. ESCOLHA DE PALAVRAS SEMANTICAMENTE MAIS PRECISAS¹²⁸

Colocámos nesta categoria as modificações lexicais que tornam a tradução francesa mais clara e de imediata compreensão, nomeadamente os casos em que GL elimina as figuras de estilo saramaguianas para que a informação seja transmitida de forma mais eficiente. Nos exemplos C (58, 58), C (128, 127a) e C (128, 127b), notamos que GL escolhe os termos adequados para evocar a anatomia canina, enquanto que JS utiliza o vocabulário relativo ao corpo humano. Ao utilizar o léxico próprio ao reino animal, a tradutora eleva o nível de língua do relato.

As figuras de estilo são recorrentes na prosa saramaguiana. Amiúde, GL prefere eliminá-las ou retirar-lhes visibilidade. Acontece, nomeadamente, com as personificações, muitas vezes evitadas através do recurso a termos mais concretos e prosaicos. São emblemáticos deste procedimento os exemplos EC (304, 297), TN (261, 253), C (73, 73), C (133, 133), C (203, 200) e C (238, 234). Na terminologia de AC, trata-se de uma estratégia denominada "trope change" que apresenta quatro possibilidades: (a) "ST trope x → TT trope x"; (b) "ST trope x → TT trope y"; (c) "ST trope x → TT trope ∅" e (d) "ST trope ∅ → TT trope x" (1997:105-107). Os casos mais frequentes nas traduções em questão são o (a) e o (c), observando-se uma maior tendência para a eliminação da linguagem figurada¹²⁹.

¹²⁸ As ocorrências apresentadas neste capítulo e no seguinte poderiam servir de ilustração a várias estratégias assinaladas por Andrew Chesterman, nomeadamente às estratégias semânticas "abstraction change" ["a different selection of abstraction level may either move from abstract to more concret or from concrete to more abstract" (1997:103)] e "trope change" (ver texto *supra*).

¹²⁹ Relembramos aqui o fragmento TN (214, 208) (ver p. 154), ocorrência rara em que GL introduz uma metáfora inexistente no original.

Nos fragmentos TN (129, 125) e TN (229, 223), deparamo-nos, no TP, com uma linguagem metafórica e popular da qual não resta qualquer vestígio na tradução que consiste numa versão mais cuidada da mensagem saramaguiana. Para fechar esta parte relacionada com as figuras de estilo, destacamos ainda os fragmentos TN (263, 254) e C (99, 101) em que os termos utilizados no original, por serem excessivos, introduzem uma certa ironia no relato. Na tradução, as escolhas lexicais amortecem fortemente o carácter irónico da sequência.

Existem, nos romances analisados, ocorrências em que JS implica subtilmente o narrador e o leitor no relato como se estes pertencessem ao cenário fictício que abriga o desenrolar da história. Uma forma de obter este efeito é através de deícticos como se verifica nos exemplos EC (271, 266), TN (95, 92) e C (330, 328). Ao substituir os deícticos por termos que não têm por ponto de referência o tempo ou local da acção, GL evita qualquer entrecruzar ambíguo entre o universo da ficção, o da narração e o da leitura.

No fragmento TN (216, 210), deparamo-nos com uma frase significativa devido aos inúmeros cortes de que é alvo aquando da tradução, mas é a substituição da palavra "ouvinte" pelo termo "lecteur" que queremos aqui realçar: a modificação deixa patente a busca de precisão comunicativa por parte de GL que opta pelo termo mais adequado ao receptor da enunciação escrita que é o romance. Em C (98, 99), GL também utiliza termos diferentes dos originais fazendo assim com que o momento da despedida não se confunda com uma chegada como é possível no texto português. A alteração lexical é, neste exemplo, solicitada para adaptar estritamente o discurso à circunstância em questão e impedir uma compreensão hesitante. Em C (243, 239), as escolhas lexicais de GL também contornam de forma nítida a ambiguidade subjacente à sequência original na qual a atribuição da mesma frase a duas vozes distintas instala alguma confusão e requer uma leitura atenta.

Finalmente, é comum GL substituir uma conjunção de coordenação por outra de significado mais estruturante como se constata no exemplo TN (112, 110).

- Havia multidões de cegos nas ruas, aproveitavam a aberta para procurar alimentos e satisfazer por aí as necessidades excretórias a que o pouco comer e o pouco beber ainda obrigavam. (EC, 271)

- Il y avait des masses d'aveugles dans les rues qui profitaient de l'éclaircie pour chercher de la nourriture et satisfaire **dehors** les besoins excrétoires auxquels le peu d'aliments et de boissons obligeait encore. (A, 266)
- [...], sendo de notar, contudo, que a mulher do médico, talvez por se **lhe recusarem as palavras**, [...]. (EC, 304)
- [...] mais il faut tout de même faire remarquer que la femme du médecin, peut-être parce que les mots lui **manquaient**, [...]. (A, 297)
- [...], querer deixar-se ficar tranquilamente durante o que ainda falta desta noite e todo o dia de **amanhã**, [...]. (TN, 95)
- [...], il veut demeurer tranquillement sur place pendant ce qui reste encore de la nuit et tout le jour **suivant**, [...]. (TN, 92)
- [...], Este não pareço eu, pensou, e provavelmente nunca o havia sido tanto. (TN, 112)
- [...], On ne dirait pas que c'est moi, pensa-t-il, **or sans doute n'avait-il jamais été** autant lui-même. (TN, 110)
- [...], É o melhor chefe de Conservatória, Não há no mundo outro igual, **Partiu-se a forma depois de o terem feito**, [...]. (TN, 129)
- [...], C'est le meilleur chef que le Conservatoire ait jamais eu, Il n'a pas son pareil au monde, **Il n'y aura jamais personne comme lui**, [...]. (TN, 125)
- [...], se quisermos regressar a comparações botânicas, a floresta não estaria a deixar ver as árvores, é bem possível que algum **ouvinte** deste relato, dos atentos e vigilantes, não tendo perdido o sentido de uma exigência normativa herdada de processos mentais determinados sobretudo pela lógica aquisitiva dos conhecimentos, é bem possível que tal **ouvinte** se declare radicalmente contrário à existência e ainda mais à generalização de cemitérios tão desgovernados e delirantes como este, [...]. (TN, 216)
- [...], pour en revenir aux comparaisons botaniques, la forêt cacherait les arbres, il se peut qu'un **lecteur** attentif et vigilant, exigeant et doté d'un esprit logique se déclare radicalement opposé à l'existence et surtout à la généralisation de cimetières aussi incohérents et délirants que celui-ci, [...]. (TN, 210)

- Estava o Sr. José **baloçando** nesta perplexidade quando lhe veio à lembrança a sua aventura no colégio, [...]. (TN, 229)
- Perplexe, monsieur José **hésitait** quand il se souvint de son aventure dans le collège, [...]. (TN, 223)
- Esta **ameaçadora** perspectiva, porém, não foi bastante para diminuir-lhe a firmeza da decisão. (TN, 261)
- Pourtant cette perspective **inquiétante** ne réussit pas à entamer la fermeté de sa décision. (TN, 253)
- [...] seria perigoso **exibi-la**, tome-se em conta que um director de colégio, por dever de cargo, tem de ser pessoa instruída e informada, de muitas leituras, [...]. (TN, 263)
- [...], il ne serait pas dangereux de **la montrer** dans la mesure où, à cause de ses fonctions, un directeur de collège se doit d'être instruit et informé, d'avoir beaucoup lu. (TN, 254)
- Foi só neste momento que reparou que o animal não levava coleira e que o pêlo não era só cinzento, estava sujo de lama e de detritos vegetais, sobretudo **as pernas** e o ventre, [...]. (C, 58)
- C'est alors qu'il s'aperçut que l'animal ne portait pas de collier et que son poil n'était pas seulement gris, il était sale de boue et de débris végétaux, surtout **les pattes** et le ventre, [...]. (C, 58)
- De pessoas populares, e num sítio como este, apartado da civilização, não haveria que esperar excessos de sapiência, mas, ainda assim, podem contar-se por duas ou três centenas os livros arrumados nas prateleiras, **velhos** uns quantos, **na meia-idade** outros, e estes são a maioria, os restantes mais ou menos recentes, embora só alguns deles recentíssimos. (C, 73)
- Chez des gens du peuple et dans un tel endroit, aussi à l'écart de la civilisation, on ne saurait s'attendre à trouver des trésors d'érudition. Pourtant on peut quand même évaluer à deux ou trois cents le nombre des livres rangés sur les étagères, certains très **anciens**, d'autres **moins** et ceux-là sont la majorité, les autres étant plus ou moins récents, et quelques-uns, très rares, tout à fait nouveaux. (C, 73)

- **Boa tarde**, Senhor Cipriano, **Boa tarde**, senhor. (C, 98)
- **Au revoir**, monsieur Cipriano, **Au revoir**, monsieur. (C, 99)
- [...], talvez o encarregado do sector, estimulado pelo parecer do **abalizado** especialista, viesse a recomendar ao departamento de compras a aquisição urgente de uma centena de bilhas, [...]. (C, 99)
- [...], peut-être que le préposé au rayon, encouragé par l'opinion de cet homme qui **visiblement était un spécialiste**, irait recommander au département des achats l'acquisition de toute urgence d'une centaine de cruches [...]. (C, 101)
- Que queres, mas o Achado não respondeu, só arfava e abria a **boca**, como se sorrisse à inabilidade da questão. (C, 128a)
- Que veux-tu, mais Trouvé ne répondit pas, il se bornait à haleter et à ouvrir la **gueule**, comme s'il souriait à l'inanité de la question. (C, 127a)
- [...], a culpa foi do tragalhadanças do Achado, que não vê onde põe os **pés**. (C, 128b)
- [...], c'est la faute de ce grand escogriffe de Trouvé qui ne voit pas où il met les **pattes**. (C, 127b)
- Não obstante a **sedutora** profundidade de ambos os temas, [...]. (C, 133)
- Malgré la profondeur **attirante** de ces deux sujets, [...]. (C, 133)
- [...], com excepção do assírio de barbas, que **apareceu** com uma mancha negra nas costas, [...]. (C, 203)
- [...], à l'exception de l'assyrien barbu qui **avait** une tache noire dans le dos, [...]. (C, 200)
- [...], agora só tinham de deixar o forno arrefecer a **seu gosto**, sem pressas, paulatinamente, **como quem vai pelo seu próprio pé**. (C, 238)
- [...], maintenant il fallait juste laisser refroidir le four à **son rythme**, peu à peu, sans le presser, **à la cadence de la marche à pied**. (C, 234)
- Estará ali uns minutos a pensar, talvez para agradecer, talvez a perguntar, **Por que foi que apareceste**, talvez a ouvir perguntar, **Por que foi que apareceste**,

depois levantará a cabeça e olhará em redor como a procurar alguém. Com este sol, hora de almoçar, não será provável. (C, 243)

- Il y restera quelques minutes, plongé dans ses réflexions, peut-être remerçant, peut-être demandant. **Pourquoi m'es-tu apparue**, peut-être entendant demander, **Pourquoi es-tu venu**, puis il relèvera la tête et regardera autour de lui comme s'il cherchait quelqu'un. Avec ce soleil et à l'heure du déjeuner, c'est peu probable. (C, 239)
- [...], desceu a rampa seguinte, um patamar mais, aí parou. **Lá adiante**, dois focos colocados num extremo e no outro, [...]. (C, 330)
- [...], déboucha sur un autre palier et là il s'arrêta. **Devant lui**, deux projecteurs installés de part et d'autre, [...]. (C, 328)

A'. ESCOLHA DE PALAVRAS SEMANTICAMENTE MENOS PRECISAS

As alterações que pertencem a esta categoria são menos frequentes e têm um impacto menor sobre o relato do que as anotadas na secção anterior, todavia, os seus efeitos são semelhantes aos que têm vindo a ser observados.

Em EC (274, 269), EC (288, 281) e C (307, 304), JS escolhe termos muito específicos e menos utilizados na linguagem comum. GL prefere utilizar palavras mais rotineiras de compreensão imediata para o leitor comum.

Os exemplos que se seguem apresentam uma pequena diferença com o original que não tem qualquer incidência semântica, mas representam, no nosso entender, exceções à regra no *modus operandi* da tradutora que preferencialmente coloca a sua tradução num registo mais elevado do que o original: a substituição dos verbos "comentar" (TN, 94), "argumentar" (TN 218) por "se dire" (TN, 91) e "dire" (TN, 211), verbos mais comuns e abrangentes, afasta-se um pouco das opções a que nos habituou GL. No entanto, tendo em conta os contextos, é legítimo adiantar que a tradutora persegue uma certa coerência de tom, ao privilegiar e reforçar, através da sua escolha, a banalidade que se depreende das situações em questão. Em TN (100, 97), TN (259, 251a), TN (259, 251b) e C (125, 124), deparamo-nos com casos idênticos em que o léxico escolhido por GL é menos específico e se enquadra num registo oral. Estas opções de GL inscrevem-se na estratégia semântica de

Chesterman denominada "hyponymy" (1997:102-103) que se divide em três categorias distintas: (a) "ST superordinate → TT hyponym", (b) ST hyponym → TT superordinate" e (c) "ST hyponym x → TT hyponym y (of the same superordinate)", ou seja, o tradutor pode, no que diz respeito ao léxico, escolher termos mais abrangentes –"superordinate"–, mais específicos –"hyponym"– ou de amplitude idêntica aos utilizados no TP. Como se verifica na contagem em anexo, existe uma propensão da tradutora de JS em recorrer a uma linguagem mais precisa, no entanto, nos exemplos integrados nesta categoria é o contrário que ocorre. A coerência de tom e o fácil acesso à informação por parte do leitor são duas das causas mais plausíveis das alterações aqui apresentadas.

De estranhar, também, a opção de GL, em TN (102,99), quando opta pela conjunção de coordenação "et" menos estruturante do que o "mas" do texto original. Habitualmente, as alterações da tradutora visam estruturar a informação de forma mais nítida do que o que acontece nos romances saramaguianos. É razoável deduzir que tal opção provém do facto de GL querer evitar a repetição fonética que resultaria da proximidade do advérbio "moins" da conjunção "mais".

Os fragmentos TN (159, 155) e C (327, 326) ilustram a propensão da tradutora para se manter numa linguagem comedida que, nestes casos, modera o excesso original catalisador de uma subtil ironia.

- [...], a falta que faz a electricidade a quem não é cego, ou a luz do sol, ou um **coto** de vela, [...]. (EC, 274)
- [...], pour qui n'est pas aveugle l'électricité manque cruellement, ou la lumière du soleil, ou un **bout** de chandelle, [...]. (A, 269)
- Finalmente, arrancou uma rama da roseira que crescia num canto do quintal e foi plantá-la na base do **moimento**, do lado da cabeça. (EC, 288)
- Enfin, elle arracha une branche au rosier qui poussait dans un coin du potager et elle planta dans le **rectangle de terre tassée**, du côté de la tête. (A, 281)
- [...], olham casualmente para fora e vêem um buraco rectangular negro na parede do colégio, talvez **comentem**, [...]. (TN, 94)

- [...], aperçoivent un trou rectangulaire noir dans le mur du collège et **se disent** peut-être, [...]. (TN, 91)
- [...], para logo se encolher de modo a **caber** todo debaixo da manta. (TN, 100)
- [...] puis se recroquevilla de façon à **être** tout entier sous la couverture. (TN, 97)
- [...], as cuecas e as meias estavam aceitavelmente secas, as calças bastante menos, **mas** o casaco e a gabardina, esses ainda tinham para muitas horas. (TN, 102)
- [...], le caleçon et les chaussettes étaient raisonnablement secs, le pantalon beaucoup moins, **et** le veston et la gabardine en avaient encore pour de longues heures. (TN, 99)
- Este é um daqueles casos em que os tectos nada podem fazer para ajudar as pessoas **aflitas**, têm de limitar-se a esperar lá em cima que a tormenta passe, que a alma se desafogue, que o corpo se canse. (TN, 159)
- C'était un de ces cas où les plafonds ne peuvent rien pour aider les personnes **malheureuses**, ils doivent se contenter d'attendre là-haut que la tempête passe, que l'âme se soulage, que le corps se fatigue. (TN, 155)
- Esta evidência matemática, porém, não é suficiente para reduzir ao silêncio os curadores do Cemitério Geral, que, perante o que chamam a sua aparente inferioridade numérica, costumam encolher os ombros e **argumentar**, [...]. (TN, 218)
- Cette évidence mathématique n'est toutefois pas suffisante pour réduire au silence les curateurs du Cimetière général qui, devant ce qu'ils appellent leur infériorité numérique apparente, haussent les épaules et **disent**, [...]. (TN, 211)
- Mas devia haver papéis escritos, **anotações**, apontamentos, sempre os há, [...]. (TN, 259a)
- Mais il devait y avoir des papiers, des **écrits**, des notes, il y en a toujours, [...]. (TN, 251a)
- [...], agora desculpe-me, tenho outros **assuntos** a **resolver**, [...]. (TN, 259b)
- [...], maintenant vous voudrez bien m'excuser mais j'ai autre **chose à faire**, [...]. (TN, 251b)

- [...], e vi que não é fácil, que é até impossível, **satisfazer** ao mesmo tempo as duas **obrigações**, [...]. (C, 125)
- [...], j'ai vu qu'il n'était pas facile, qu'il était même impossible de **faire** les deux **choses** à la fois, [...]. (C, 124)
- [...] representar perante si mesmo o papel do sujeito que periodicamente vai visitar a **amásia** e **regressa** de lá sem mais sentimentais recordações que as de uma tarde ou uma noite passadas a agitar o corpo e a sacudir os sentidos, [...]. (C, 307)
- [...] jouer à ses propres yeux le rôle du quidam qui rend périodiquement visite à sa **maîtresse** et qui **sort** de chez elle sans autres souvenirs sentimentaux que ceux d'une soirée ou d'une nuit passées à se secouer le corps et à ébranler ses sens [...]. (C, 304)
- [...] quantas vezes sucedeu armarem-se por dá cá aquela palha uns mistérios **terríveis**, [...]. (C, 327)
- [...] les gens font souvent **grand** mystère de rien du tout, [...]. (C, 326)

B. EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

As expressões idiomáticas são ocorrências relevantes quando se efectua uma análise comparativa de textos originais e das respectivas traduções porque nos permitem avaliar rapidamente se o grau de estranheza que o tradutor decide integrar no texto que elabora é significativo. O recurso a este "tipo de estruturas aumenta o valor argumentativo dos enunciados e desencadeia noções como partilha e convivência, acentuando o êxito da comunicação e tecendo relações mais profundas entre os intervenientes"¹³⁰ e, no âmbito deste estudo, o paralelo entre as expressões idiomáticas do TP e as do TC revela-se útil para perceber que tipo de equivalência é privilegiado pelo tradutor.

¹³⁰ Jorge/ Jorge 1997:12

(a) Adaptação

A análise efectuada revela que GL evita a tradução literal das expressões idiomáticas portuguesas e procura sempre substituí-las pelas sequências francesas correspondentes. Os exemplos seleccionados demonstram que, muitas vezes, as expressões idiomáticas diferem tanto que a sua tradução literal denunciaria imediatamente a origem estrangeira do texto, ao mesmo tempo que impediria uma boa recepção da mensagem por parte de um leitor pouco familiarizado com a língua portuguesa. A estratégia pragmática "cultural filtering" de Chesterman sintetiza acertadamente o procedimento em questão:

This strategy is also referred to as naturalization, domestication or adaptation; it describes the way in which SL items, particularly culture specific items, are translated as TL cultural or functional equivalents, so that they conform to TL norms. The opposite procedure, whereby such items are not adapted in this way but e.g. borrowed or transferred directly, is thus exoticization, foreignization or estrangement [...]. (Chesterman 1997:108)

O trabalho de GL relativamente às expressões idiomáticas, ou aos provérbios, como veremos ulteriormente, caracteriza-se pela procura de sequências que signifiquem para o leitor francês o que as originais significam para o leitor português, ou seja, existe uma forte preferência pela adaptação¹³¹ dos segmentos culturalmente marcados que permite a reprodução de um significado, mas também de uma "convivência"¹³² entre o emissor e o receptor da mensagem.

- Entrou na farmácia a comprar o medicamento que o médico tinha receitado, decidiu **não se dar por achada** quando o empregado que a atendia falou do injusto que é andarem certos olhos cobertos por vidros escuros, [...]. (EC, 31)

¹³¹ Acontece que GL traduza expressões idiomáticas portuguesas recorrendo a uma linguagem não figurada e mais formal. Integrámos esses exemplos (TN 220,214; TN 252, 244; TN 253, 245; C 86, 87; C 195, 192) em "alteração do registo linguístico" (p.201) porque são emblemáticos da eliminação do teor oral de alguns passos saramaguianos aquando da tradução francesa.

¹³² Jorge/ Jorge 1997:12

- Elle entra dans une pharmacie acheter le médicament prescrit par le médecin, décida de **faire la sourde oreille** quand l'employé qui la servait déclara qu'il était bien injuste que certains yeux fussent cachés par des verres sombres, [...]. (A, 31)
- Como está, senhor doutor, é o que dizemos quando não queremos **dar parte de fraco**, dissemos, Bem, e **estávamos a morrer**, a isto chama o vulgo **fazer das tripas coração**, fenómeno de conversão visceral que só na espécie humana tem sido observada. (EC, 41)
- Comment allez-vous, docteur, c'est ce qu'on répond quand on ne veut pas **avouer qu'on va mal**, on dit, Bien, même si **on est à l'article de la mort**, c'est ce que le vulgaire appelle **faire contre mauvaise fortune bon cœur**, phénomène de conversion viscérale observé uniquement chez l'espèce humaine. (A, 40)
- [...], O chefe, pensou o Sr. José, sentindo as pernas a fraquejarem-lhe, **escapei à justa, por uma unha negra** [...]. (TN, 253)
- [...], C'est le chef, pensa monsieur José qui sentait ses jambes céder, **je l'ai échappé belle, il s'en est fallu d'un cheveu**. (TN, 245)
- [...], Estou cansado de discussões, **farto até à ponta dos cabelos**, [...]. (C, 304)
- [...], Je suis fatigué de ces discussions, **j'en ai plein le dos**, [...]. (C, 301)
- Não diga disparates e **deixe-se de dar voltas à nora**, [...]. (C, 344)
- Ne dites pas de bêtises et **cessez de tourner autour du pot**, [...]. (C, 341)

(b) Introdução

Vimos anteriormente a forma como a tradutora transpõe as expressões idiomáticas portuguesas para o universo linguístico francês. Sucede, também, que GL traduza frases despojadas de elementos figurados por expressões idiomáticas francesas. Tal procedimento, como se verifica nos exemplos escolhidos, imerge o texto na cultura francesa, afasta o leitor da consciência de que está perante um romance traduzido e acentua a carga oral dos segmentos sobre os quais incide.

Destacamos o fragmento C (334, 333) em que existe uma deslocação da veia popular da frase "tens ali um grande homem", traduzida de forma neutra – "tu

as un mari formidable" – para a expressão "se faire du mauvais sang". Tendo em conta a totalidade da frase, o teor popular é idêntico, mas está distribuído de forma diferente.

- [...] retorcendo-se com a angústia de tenesmos que tinham prometido muito e afinal **não resolviam nada**, [...]. (EC, 159)
- [...] de se contorsionner dans l'angoisse de ténésmes éminemment prometteurs mais qui **s'en allaient en eau de boudin**, [...]. (A, 153)
- [...], em compensação contou o episódio do cego que havia espetado o vidro no joelho, todos riram **com gosto**, [...]. (EC, 228)
- [...], en revanche elle relate l'épisode de l'aveugle qui s'était planté un éclat de verre dans le genou, tous rirent **de bon cœur**, [...]. (A, 221)
- [...], fez a cama, ordenou a casa de banho, não ficou o que se chama **uma perfeição**, [...]. (EC, 257)
- [...], fit le lit, rangea la salle de bains, ce ne fut pas comme on dit, d'une **propreté nickel**, [...]. (A, 251)
- [...], as ruas deviam estar **cheias** de gente, [...]. (EC, 309)
- [...], les rues devaient être **noires** de monde, [...]. (A, 302)
- [...], como se quisesse reter os pensamentos ou, pelo contrário, impedi-los de **continuarem a pensar**. (EC, 268)
- [...] comme s'il voulait retenir ses pensées ou, au contraire, les empêcher de **prendre racine**. (A, 262)
- Tornou a descer para tomar outros dois comprimidos, subiu **fazendo já das fraquezas forças**, e retomou o trabalho. (TN, 113)
- Il redescendit pour avaler deux autres comprimés, remonta **en faisant contre mauvaise fortune bon cœur** et se remit au travail. (TN, 111)
- [...], Está **um tempo infame** [...]. (TN, 127)
- [...], Il fait **un temps de chien** [...]. (TN, 123)

- [...], quem sabe, até poderá suceder que o conservador se encontre de férias nessa altura, ou **esteja doente em casa**, [...]. (TN, 251)
- [...] peut-être, qui sait, le conservateur serait en vacances à ce moment-là ou **cloué chez lui par la maladie** [...]. (TN, 243)
- [...], temos de abandoná-los **imediatamente** para dar atenção ao que Marta acabou de dizer, [...]. (C, 133)
- [...], nous devons les abandonner **sur-le-champ** pour prêter attention à ce que Marta vient de dire, [...]. (C, 133)
- [...], Se a ocasião chegar direi, agora sou como o Marçal, **uma boca fechada**. (C, 324)
- [...], Si l'occasion se présente je t'en parlerai, pour l'instant je fais comme Marçal, **motus et bouche cousue**. (C, 322)
- [...], Como está o Marçal, perguntou, Está bem, **não te preocupes**, tens ali um grande homem, [...]. (C, 334)
- [...], Comment va Marçal, demanda-t-elle, Bien, **ne te fais pas de mauvais sang**, tu as un mari formidable, [...]. (C, 333)
- Depois Marta disse, **Deu-me uma grande alegria**, [...]. (C, 344)
- Puis Marta dit, **Ça me fait chaud au cœur**, [...]. (C, 341)

B'. PROVÉRBIOS

A tradução de provérbios rege-se por princípios muito semelhantes à das expressões idiomáticas anteriormente assinaladas¹³³: GL prefere utilizar um provérbio francês que corresponda ao original em vez de se arriscar a uma tradução literal que poderia resultar numa incompreensão parcial, senão total, da mensagem que se pretende transmitir. Apresentamos, no entanto, dois provérbios traduzidos literalmente, depois de expormos as ocorrências mais

¹³³ Ver pp. 193-194.

comuns em que a tradutora recorre a sequências provenientes do universo linguístico francês.

De lembrar que, do mesmo modo que as expressões idiomáticas, os provérbios facultam a aproximação do leitor aos emissores – narrador ou personagens – destas estruturas fixas que lhe são familiares. Para além do mais, como adianta Ana Lopes, "sendo considerado fruto de antiga sabedoria, o provérbio impõe-se como argumento de autoridade" (1992:12) e tem uma função relevante no discurso que integra.

(a) Provérbio francês

Destacamos alguns dos exemplos transcritos que apresentam particularidades interessantes.

Em EC (213, 206), JS propõe um provérbio da sua invenção baseado num provérbio existente – "água mole em pedra dura, tanto bate até que fura" – e que entra em consonância com o incêndio que destruiu o manicómio onde viveram os cegos. GL recorre a um provérbio tradicional francês de significado idêntico sem introduzir qualquer alteração. Perde-se, assim, a audácia saramaguiana de explorar criativamente a memória colectiva, inspirando-se dela e adaptando-a a uma situação particular. De forma menos nítida, o autor português impõe algumas modificações nos fragmentos EC (283, 276b) e TN (214, 208). Nestes casos, JS prefere tempos verbais que se integrem de forma mais natural no relato prescindindo da generalização, sempre reforçada pelo presente do indicativo, própria dos provérbios. GL mantém os provérbios tradicionais.

Em EC (273, 267b), a escolha do provérbio por parte de GL é surpreendente posto que o seu significado se afasta do provérbio original. No entanto, adapta-se à situação em que os cegos, liderados pela mulher do médico, aproveitam o caminho para acumular reservas de alimentos, embora o percurso até à casa do primeiro cego ainda seja longo.

No fragmento EC (283, 276a), GL opta pelo provérbio correspondente ao original, mas o jogo de palavras saramaguiano, a alusão sombriamente cómica ao tema do romance perde-se nesta escolha da tradutora.

Finalmente, julgamos ser muito significativo o trabalho de adaptação que consta do exemplo C (243, 239): GL escolhe o provérbio francês correspondente ao português, mas para manter um desenvolvimento narrativo semelhante ao original acrescenta a relativa " qui montre le bout de la queue" ao adágio popular.

- [...], ao princípio nem conseguia chegar ao chão esbraseado, transformava-se logo em vapor, porém com a continuação, já se sabe, **água mole em brasa viva tanto dá até que se apaga**, a rima que a ponha outro. (EC, 213)
- [...], au début elle ne réussissait même pas à toucher le sol brûlant, elle se transformait aussitôt en vapeur, mais en s'acharnant, on le sait, **petite pluie abat grand vent**, que quelqu'un d'autre trouve donc la rime. (A, 206)
- **Guarda o que não presta, encontrarás o que é preciso**, dissera-lhe uma avó, no fim de contas a água em que os pusesse de molho também serviria para cozê-los, e a que restasse da cozedura teria deixado de ser água para tornar-se caldo. (EC, 273a)
- **Il faut toujours garder une poire pour la soif**, lui avait dit sa grand-mère, en fin de compte l'eau où tu les mettras à tremper servira aussi à les cuire, et ce qui restera de l'eau de cuisson ne sera plus de l'eau mais du bouillon. (A, 267a)
- **Para casa, nem que seja uma pedra**, dissera aquela mesma avó da mulher do médico, só não pensou em acrescentar, Mesmo que seja preciso dar a volta ao mundo, [...]. (EC, 273b)
- **Il ne faut pas mettre tous ses œufs dans le même panier**, avait dit cette même grand-mère de la femme du médecin, qui ne pensa pas à ajouter, Quand bien même pour cela il faudrait faire le tour du monde, [...]. (A, 267b)
- [...], se quer que lhe dê um último conselho acolha-se ao dito antigo, tinham razão os que diziam que a **paciência é boa para a vista**, [...]. (EC, 283a)
- [...], si vous voulez que je vous donne un dernier conseil, remettez-vous au vieux dicton qui dit qu'**il faut prendre son mal en patience**, [...]. (A, 276a)
- É uma grande verdade a que diz que **o pior cego foi aquele que não quis ver**, [...]. (EC, 283b)

- C'est une bien grande vérité que de dire qu'il n'y a **pire aveugle que celui qui ne veut pas voir**, [...]. (A, 276b)
- [...], andando a sabedoria popular a dizer, desde que o mundo é mundo, **que o coração não sente o que os olhos não vejam**. (TN, 214)
- [...] car depuis que le monde est monde la sagesse populaire affirme que **loin des yeux loin du cœur**. (TN, 208)
- [...], é certo e garantido que nos responderão, com maus modos, que **cada um sabe de si e só Deus sabe de todos**. (TN, 220)
- [...], il y a gros à parier qu'ils nous rétorqueront d'un ton hargneux que **charbonnier est maître en sa maison**. (TN, 214)
- A palavras loucas, orelhas moucas, [...]. (C, 200)
- À sottie demande point de réponse, [...]. (C, 197)
- [...], Marta insiste em querer pintá-los, argumenta que **eu não poderei estar, ao mesmo tempo, a dizer a missa e a tocar o sino**, não o disse por estas palavras, mas o sentido era o mesmo, [...]. (C, 236)
- [...], Marta insiste pour le faire, elle prétend **que je ne pourrai pas être à la fois au four et au moulin**, elle ne l'a pas dit exactement dans ces termes, mais le sens est le même, [...]. (C, 233)
- Um amador de provérbios (...), diria que anda aqui **gato escondido com o rabo de fora**. Com desculpa do inconveniente e desrespeitoso da comparação, diremos que a cauda do felino, no caso em exame, é a falecida Justa, e que para encontrar o que falta do gato não seria preciso mais do que dar a volta à esquina. (C, 243)
- Un amateur de proverbes, (...), dirait qu'il y a **anguille sous roche qui montre le bout de la queue**. Nous excusant de cette comparaison inconvenante et irrespectueuse nous dirons qu'en l'occurrence la queue du poisson est son épouse morte et que, pour découvrir le reste de l'anguille, il suffirait de tourner le coin de la rue. (C, 239)

(b) Tradução literal

A tradução literal de provérbios é rara e tem como consequência directa a perda da tonalidade popular que estes, tanto pelo ritmo como pela vertente elíptica da mensagem, transportam consigo. No fragmento TN (134,130), a adversativa que limita a abrangência do saber popular tem um impacto maior no texto português porque prossegue o ritmo e o estilo lacónico inerente ao provérbio, o que não ocorre na tradução francesa que apresenta uma frase mais neutra do ponto de vista rítmico e semântico.

Transcrevemos o exemplo C (224, 220), um pouco diferente, em que JS tira partido do provérbio "não há duas sem três e à terceira é de vez", adaptando-o ao seu relato e introduzindo, assim, uma nota popular reforçada pela rima que, apesar das alterações, permanece. O teor popular do segmento vê-se amortecido no TC pela ausência de rima, mas também pela utilização de uma linguagem menos elíptica.

- [...], **Corpo deitado aguenta muita fome, Mas não pode aguentá-la toda**, [...]. (TN, 134)
- [...], **Quand on est couché, on supporte mieux la faim, Mais on ne peut pas la supporter indéfiniment**, [...]. (TN, 130)
- [...], o segredo era não aquecer o forno nem de mais nem de menos, nem tanto nem tão pouco, e, **sendo esta conta de três, deveria ser de vez**. (C, 224)
- [...], le secret consistant à ne chauffer le four ni trop ni trop peu et **comme on en était à trois essais, cette fois tout devrait bien marcher**. (C, 220)

C. ALTERAÇÃO DO REGISTO LINGUÍSTICO

(a) Mais formal

Como demonstra a contagem e também alguns exemplos já assinalados, o processo tradutivo aqui analisado tende a favorecer uma linguagem mais formal do que a dos romances originais.



Uma faceta marcadamente oral atravessa os romances saramaguianos e vários são os meios solicitados para que esta seja regularmente reforçada: repetições de palavras e de estruturas, elipses, organizações sintácticas peculiares, expressões idiomáticas e provérbios são os mais significativos. Destacamos, neste capítulo, algumas ocorrências em que o léxico utilizado por GL anula visivelmente o teor oral inerente à frase original, colocando o relato num registo que remete para as normas do discurso escrito. Separamos os fragmentos relativos à eliminação de repetições dos restantes por serem numerosos e emblemáticos desta categoria.

Modificações diversas

JS recorre muitas vezes ao verbo de operação aspectual "estar a" que GL, amiúde, ignora, evitando, desta forma, o registo oral que a tradução literal "être en train de" implicaria [TN (108, 105)]. De notar, no exemplo referido, a subsequente utilização de "se moquer" que repõe alguma da oralidade anteriormente eliminada.

As expressões portuguesas de cariz popular dos exemplos TN (220, 214), TN (252, 244), TN (253, 245), TN (267,259), C (86, 87) e C (195, 192) ganham em formalidade aquando da tradução francesa devido à escolha de termos e expressões efectuada por GL¹³⁴. Destacamos o exemplo TN (267, 259) no qual, depois de uma conversa entre o director da escola e o Sr. José sobre um ladrão que andou pelo estabelecimento sem nada levar, JS introduz uma alusão muito disfarçada à infracção do funcionário público que o leitor pode decifrar: "Senhor director, não lhe roubo mais tempo, [...]." GL elimina este jogo de palavras, reduz a amplitude semântica da frase e omite o *clin d'oeil* dirigido ao leitor, por instantes, cúmplice do Sr. José.

Finalmente, o fragmento TN (277, 270) mostra que a mudança do registo linguístico pode ter um impacto directo sobre a forma como se percebe uma personagem. De facto, as alterações linguísticas fazem do Sr. José um homem mais educado na tradução francesa. O mesmo acontece em C (22,22)

¹³⁴ Trata-se de expressões idiomáticas que GL opta por não traduzir e que colocámos nesta categoria porque a opção da tradutora reduz o teor oral de algumas passagens romanescas.

em que a alteração do pronome pessoal (tu→vous) faz do empregado em questão uma pessoa mais delicada do que o do romance original.

- O Sr. José **está a ser** ridículo, mas não se importa, [...]. (TN, 108)
- Monsieur José **se comporte** de manière ridicule mais il s'en moque, [...]. (TN, 105)
- E, ainda que o pormenor não seja de especial importância para a compreensão global do relato, **vem a talhe de foice** explicar que uma das características mais marcantes da personalidade destes guias [...]. (TN, 220)
- Et bien que ce détail n'ait pas une importance majeure pour la compréhension globale du récit, **il convient** d'expliquer qu'une des caractéristiques les plus marquantes de la personnalité de ces guides, [...]. (TN, 214)
- [...], a ponto de lhe passar pela cabeça **dar um murro** no vidro e **mandar ao diabo as consequências**. (TN, 252)
- [...], et eu envie de **fracasser** la vitre **sans se soucier des conséquences**. (TN, 244)
- [...] já o Sr. José estava em casa, ofegando, **como se o coração lhe tivesse subido à boca**. (TN, 253)
- [...] monsieur José était de nouveau chez lui, haletant, **le cœur battant**. (TN, 245)
- Senhor director, **não lhe roubo mais tempo**, agradeço-lhe a atenção que se dignou prestar ao infeliz assunto que me trouxe cá, [...]. (TN, 267)
- Monsieur le directeur, **votre temps est précieux**, je vous remercie d'avoir prêté attention à la triste affaire qui m'a amené ici, [...]. (TN, 259)
- Não aceitará, Não senhor, não aceitarei, Porquê, **se posso perguntar**, [...]. (TN, 277)
- Vous ne l'accepterez pas, Non, monsieur, je ne l'accepterai pas, Et pourquoi, **si vous me permettez de vous poser la question**, [...]. (TN, 270)
- Como era habitual, um empregado aproximou-se para auxiliar a descarga, mas o subchefe da recepção chamou-o e ordenou, **Descarrega** metade do que aí vier, **verifica** pela guia. (C, 22)

- Comme à l'accoutumée, un employé s'approcha pour aider à décharger, mais le sous-chef de la réception l'appela et lui dit, **Déchargez** la moitié de la marchandise, **vérifiez** sur le bordereau. (C, 22)
- Ideias aventurosas como esta, que o cérebro humano, grosso modo, é mais ou menos capaz de conceber, mas que logo tem uma enorme dificuldade em **trocar por miúdos**, são o pão nosso de cada dia nas diferentes nações caninas, [...]. (C, 86)
- Des idées aussi aventureuses que celle-ci et que le cerveau humain est plus ou moins capable de concevoir, mais qu'il a ensuite un mal fou à **décomposer dans leur éléments constitutifs**, sont le pain quotidien des différentes nations canines, [...]. (C, 87)
- [...], seria levantar-se simplesmente do banco de pedra e ir lá fora perguntar ao genro que **diabo de conversa era aquela**, [...]. (C, 195)
- [...], serait de se lever simplement du banc de pierre et de sortir du four pour demander à son **gendre ce qu'il avait voulu dire**, [...]. (C, 192)

Eliminação de repetições

A eliminação de repetições é uma das ocorrências mais sintomáticas da procura, por parte de GL, de um registo linguístico mais cuidado. Se a clareza da mensagem não for comprometida, a tradutora prefere utilizar sinónimos que evitem a coexistência de palavras semelhantes, ou mesmo iguais, na mesma frase.

Em TN (15,15), TN (153, 149), C (129, 128) e C (234, 230), vemos como a repetição de palavras de mesma raiz etimológica e, subsequentemente, de sonoridade semelhante são eliminadas pela tradutora. Em TN (15, 15) e TN (153, 149), tais repetições implicam um pleonismo que a tradutora elimina no primeiro exemplo, mas mantém no segundo. Em C (129, 128), a eliminação de "cumpriram" atenua o destaque dado ao compromisso nesta frase, mas, por outro lado, permite à tradutora manter um ritmo semelhante ao original. Em C (88, 89), os adjectivos "inesperado" e "inexplicável" suscitam uma repetição fonética que GL também prefere suprimir ao traduzir "inesperado" por "subite".

A recorrência de um verbo conjugado em tempos distintos cria um jogo de palavras que destaca o verbo em questão e a sequência a que pertence. GL privilegia a clareza inerente a um registo escrito normativo ao evitar tais variações como podemos ver nos exemplos TN (103, 100) e TN (251, 243).

Em TN (97, 94), deparamo-nos com a eliminação de uma repetição semântica, ou pleonasma, posto que o verbo "suceder" pressupõe o fragmento "umas às outras" que JS anota, colocando assim alguma ênfase sobre o número de salas do colégio. Acresce que a repetição de termos introduz no relato um rasgo de oralidade ausente do TC.

A repetição de palavras associa-se, por vezes, a uma recorrência estrutural que cria um ritmo peculiar, como um breve refrão que enfatiza a informação assim transmitida. Os fragmentos TN (100, 97) e C (101, 103) ilustram a forma como JS introduz, por vezes, nas suas frases uma melodia que entra em consonância com a repetição de termos, espelhando, assim, estruturalmente a repetição semântica. GL evita ambas as repetições e apresenta uma mensagem menos marcada semântica e ritmicamente.

Finalmente, os fragmentos TN (228, 222) e C (100, 102) apresentam exemplos em que a eliminação da repetição origina uma mensagem mais comedida. De facto, nas frases originais, a repetição de "além" acentua a distância e a de "centenas" e "janelas", na segunda frase, multiplica a quantidade evocada pela expressão "crivada de janelas". A opção da tradutora retira alguma intensidade às informações transmitidas.

- É mais do que certo e sabido que a morte, quer por incompetência de origem quer por má-fé adquirida na experiência, não escolhe as suas vítimas consoante a duração das **vidas** que **viveram**, procedimento este, aliás, entre parêntesis se diga, [...]. (TN, 15)
- On sait très bien que la mort, par incompetence foncière ou mauvaise foi née de l'expérience, ne choisit pas ses victimes en fonction de la durée de leur vie, procéda qui, soit dit entre parenthèses [...]. (TN, 15)
- As salas de aula sucediam-se **umas às outras**, ao longo dos corredores que davam a volta ao colégio, [...]. (TN, 97)

- Les salles de classe se succédaient le long de corridors qui faisaient le tour du collège, [...]. (TN, 94)
- [...], à espera de um pouco de misericordioso calor que o transportasse à misericórdia do sono. **Tardou** um, **tardou** o outro, [...]. (TN, 100)
- [...] en attendant qu'un peu de chaleur miséricordieuse le mène vers un sommeil miséricordieux. La chaleur mit du temps, le sommeil aussi, [...]. (TN, 97)
- [...], nas escolas do seu tempo não se viam destes aperfeiçoamentos atléticos, nem ele os teria desejado para si, **sendo, como havia sido então e hoje continuava a ser**, o que geralmente se chama uma fraca figura. (TN, 103)
- [...] de son temps les écoles n'étaient pas équipées de toutes ses commodités athlétiques, d'ailleurs il n'en aurait pas voulu car à l'époque, tout comme aujourd'hui, il **était** d'une constitution chétive, comme on dit généralement. (TN, 100)
- [...], o resultado **de olhar com tais olhos** é pôr logo de pé atrás até a mais ingénua das criaturas, provavelmente por causa disso é que a curiosidade do farmacêutico nunca se dá por satisfeita, quanto mais quer saber menos lhe contam. (TN, 153)
- [...], **le regard de ces yeux** mettrait sur ses gardes la créature la plus ingénue, et voilà probablement pourquoi la curiosité du pharmacien n'est jamais satisfaite, plus il veut savoir les choses, moins on lui en dit. (TN, 149)
- Quase a tocar o horizonte, **além, além, além**, o Sr. José vê umas luzes que se vão deslocando devagar, [...]. (TN, 228)
- Presque à l'horizon, là-bas, très loin, monsieur José voit des lumières se déplacer lentement, [...]. (TN, 222)
- Pensa mesmo que tem uma fórmula capaz de dissipar logo de entrada qualquer desconfiança, que será **dizer**, como já está **dizendo**, sentado na cadeira do chefe, [...]. (TN, 251)
- Il pense même détenir une formule capable de dissiper toute méfiance dès l'abord et qui consistera à **dire**, comme il est déjà en train de **le faire**, assis sur la chaise du chef, [...]. (TN, 243)

- [...], é o que mais lhe está desassossegando o espírito, aquele impulso, realmente **inesperado e inexplicável**, ao passar junto à entrada da rua onde mora Isaura Estudiosa, [...]. (C, 88)
- [...], est celle qui lui tourmente le plus l'esprit, cette impulsion **subite et inexplicable** en passant devant l'entrée de la rue où habite Isaura Estudiosa [...]. (C, 89)
- Ao contrário dessas fachadas lisas, a frente virada para este lado está crivada de janelas, **centenas e centenas de janelas, milhares de janelas**, sempre fechadas por causa do condicionamento da atmosfera interna. (C, 100)
- À la différence de ces façades aveugles, celle qui est tournée vers ce côté-ci est criblée de fenêtres, toujours fermées à cause de la climatisation à l'intérieur. (C, 102)
- [...], salvo erro, omissão ou confusão, um volume de nove milhões cento e trinta e cinco mil metros cúbicos, **mais palmo menos palmo, mais ponto menos vírgula**. (C, 101)
- [...], sauf erreur, omission ou confusion, un volume de neuf millions cent trente-cinq mille mètres cubes, **à quelques décimètres ou virgules près**. (C, 103)
- Das promessas cumpridas convém falar muito para fazer esquecer as outras vezes que não se **cumpriram**, [...]. (C, 129)
- Il faut beaucoup parler des promesses tenues pour faire oublier celles qui ne l'ont pas été, [...]. (C, 128)
- [...], Pensei que a Isaura não se importaria de tomar conta do **Achado**, acho até que seria para ela uma grande alegria, [...]. (C, 234)
- [...], Je me suis dit que ça ne dérangerait pas trop Isaura de s'occuper de **Trouvé**, **je pense** même que ce serait une grande joie pour elle, [...]. (C, 230)

(b) Menos formal

Em geral, a linguagem das obras saramaguianas aqui analisadas é mais oral, mais abrupta, mais "desarrumada", menos ligada às normas do registo escrito do que a das respectivas traduções francesas. Mas acontece, pouco

frequentemente, como se verifica na contagem em anexo, que GL utilize palavras próprias do registo familiar para traduzir sequências relativamente neutras. Tais ocorrências introduzem expressões típicas de um francês mais popular e compensam, numa certa medida, a propensão marcada de GL para elevar o registo linguístico dos romances originais. A introdução de tais sequências propicia a imersão do TC na cultura alvo e vai ao encontro do que é familiar para o leitor francês em matéria de linguagem marcadamente oral.

- [...], o primeiro cego já disse à mulher, em voz sussurrada, que um dos internados é o patife que lhes **levou** o carro, [...]. (EC, 67)
- [...], le premier aveugle a déjà confié à sa femme dans un chuchotement que l'un des internés est le gredin qui leur a **chipé** leur voiture, [...]. (A, 65)
- Esta está-se a armar em esperta, comentou um dos do grupo, se lhe deres um tiro é uma boca a menos a comer, Visse-a eu, e já tinha uma bala na **barriga**. (EC, 140)
- Celle-là fait la maligne, dit l'un des aveugles du groupe, mais si tu lui tires dessus ça fera une bouche en moins, Si je la voyais, elle aurait déjà une balle dans le **bide**. (A, 134)
- [...], venha quando quiser, hoje **não saímos de casa**. (TN, 251)
- [...], venez quand vous voudrez, **nous ne bougerons pas de chez nous** de toute la journée. (TN, 243)
- [...] ainda tentou **fazer-se desentendido**, disse que havia de encontrar uma maneira, [...]. (TN, 81)
- [...] il tenta encore de **faire la sourde oreille**, dit qu'il trouverait bien un moyen [...]. (TN, 79)¹³⁵

D. DIMINUTIVOS

O sistema linguístico francês não dispõe de uma variedade tão extensa de sufixos que possibilitem a construção de diminutivos como a língua

¹³⁵ Este exemplo também poderia ter sido integrado na categoria "introdução de expressões idiomáticas" (p.195), emblemático do raro acréscimo de oralidade nos textos traduzidos por GL.

portuguesa¹³⁶. Por essa razão, o fragmento TN (265, 257) é uma exceção à forma habitual como são traduzidos os diminutivos saramaguianos.

Perante este obstáculo de tradução, GL pode compensar a inexistência de diminutivo¹³⁷, recorrendo a termos franceses de significado semelhante ou ignorar o diminutivo português¹³⁸, apresentando uma tradução que neutraliza totalmente todos os efeitos por este transportados.

Verificamos que o diminutivo pode introduzir no relato duas vertentes semânticas principais: a depreciativa ou irónica, e a afectiva ou familiar. O diminutivo é um instrumento lexical bastante rico porque tem simultaneamente efeitos semânticos e rítmicos sobre o texto que integra. Nesta situação específica, a tradução não consegue ser mais do que aproximativa e beneficia o significado primeiro do diminutivo, posto que a sua sonoridade e as suas conotações resistem raramente à passagem para a língua francesa. O adjectivo "petit" [TN (159, 155) e C (194, 191)] é, amiúde, convocado quando se trata de traduzir substantivos neste grau, apesar deste procedimento salientar principalmente o significado mais directo do diminutivo que é reduzir as dimensões de um objecto ou a relevância de um assunto ou situação.

Os fragmentos EC (274, 268) e TN (276, 268) mostram que, por vezes, a tradução se centra noutros aspectos semânticos, menos óbvios, do diminutivo: ao escolher expressões tipicamente francesas para substituir este termo de tradução difícil, GL privilegia a carga popular que lhe é inerente. Trata-se de uma tradução que coloca os segmentos em questão no universo linguístico francês sem ignorar totalmente a função semântica do diminutivo original.

A tradutora opta comumente por traduzir os diminutivos originais com os meios de que dispõe, todavia, nesta transposição para o francês a vertente afectiva [TN (276, 268) e C (194, 191)] e o efeito irónico [EC (274, 268) e TN (159, 155)] vêm-se atenuados, nomeadamente devido à ausência da sonoridade peculiar do sufixo "-inho".

Quando GL opta por ignorar os diminutivos saramaguianos, a tradução francesa afasta-se obviamente do original português.

¹³⁶ "Ao contrário de outras línguas, como o francês, o inglês e o japonês, que dão primazia ao diminutivo analítico ou perifrástico, formado respectivamente com os adjectivos *petit*, *little* e *cholto*, não só com sentidos denotativos mas também conotativos, o português serve-se essencialmente do diminutivo sintético, recorrendo sobretudo à sufixação." (Novais 2002:7)

¹³⁷ Ver categoria "sim".

¹³⁸ Ver categoria "não".

Em EC (13,13) o aspecto depreciativo introduzido pelo diminutivo "mulherzinha" é fortemente reduzido pelo recurso ao substantivo "femme" em francês. Algo semelhante ocorre no exemplo TN (223, 216) em que o carácter irrisório do passeio do Sr. José reforçado, no romance original, pelo diminutivo está ausente do TC.

Os fragmentos EC (20, 20), TN (131, 127) e TN (273, 266) têm em comum a infantilização da personagem em questão, todavia, o diminutivo que consta destas frases convoca efeitos suplementares: em EC (20, 20) a ironia subjacente ao diminutivo reforça o sarcasmo da mulher do primeiro cego que não acredita que o ladrão de automóveis tenha um rasgo de boa vontade; em TN (131, 127), o diminutivo, associado ao determinante possessivo "nossa", introduz uma vertente marcadamente cómica; finalmente, em TN (273, 266), a tradução de "deitadinho" por "couché" diminui o sentimento de reconforto inocente que domina a cena.

(a) Sim

- [...], evitou-se ter de recorrer ao que o primeiro cego estava a gabar-se de ser capaz de conseguir, reconhecer a porta pela magia do tacto, como se levasse a varinha de condão da **bengalinha**, [...]. (EC, 274)
- [...], ç'aura évité de devoir recourir à ce dont le premier aveugle se vantait, reconnaître la porte grâce à la magie du toucher, comme s'il avait la baguette magique de **la fameuse canne blanche**, [...]. (A, 268)
- Comeu a omeleta devagar, em **pedacinhos** geometricamente talhados, fazendo-a render o mais possível, apenas para ocupar o tempo, não por deleite gastronómico. (TN, 159)
- Il mangea l'omelette lentement après l'avoir coupée géométriquement en **petits carrés**, pour la faire durer aussi longtemps que possible, juste pour tuer le temps, pas par plaisir gastronomique. (TN, 155)
- [...], como poderia então imaginar que a **rapariguinha** que ele andava a procurar viria a ensinar matemática precisamente no colégio em que havia estudado. (TN, 265)

- [...], comment aurait-il pu imaginer que la **fillette** qu'il cherchait enseignerait un jour les mathématiques précisément dans le collège où elle avait été élève. (TN, 257)
- Deu volta à esquina, lá estava a sua casa, **baixinha**, quase uma ruína, encostada à alta parede do edifício, que parecia prestes a esmagá-la. (TN, 276)
- Il tourna le coin de la rue, sa maison était là, **toute tassée**, presque une ruine, collée au haut mur de l'édifice qui semblait prêt à l'écraser. (TN, 268)
- [...], com as pranchas de secagem debaixo da amoreira-preta, e a bela **araganzinha** do meio-dia soprando. (C, 194)
- [...] avec les planches de séchage sous le mûrier noir et le souffle de la jolie **petite brise** de midi. (C, 191)

(b) Não

- Se calhar a **mulherzinha** tinha razão, pode ser coisa de nervos, os nervos são o diabo, [...]. (EC, 13)
- Si ça se trouve la **femme** avait raison, c'est peut-être bien une question de nerfs et les nerfs sont une chose diabolique, [...]. (A, 13)
- Ah, pois, amanhã, bate-nos aí à porta a dizer que foi uma distracção, a pedir desculpa, e a **saber se estás melhorzinho**. (EC, 20)
- Ah oui, demain il frappera à notre porte pour dire qu'il a fait ça para distraction, pour s'excuser, pour **prendre de tes nouvelles**. (A, 20)
- [...], Sirva-se antes que arrefeça, mas primeiro vamos à nossa **injecçãozinha**. (TN, 131)
- [...], Servez-vous avant que ça ne refroidisse, mais je vais d'abord vous faire votre **piqûre**. (TN, 127)
- [...], Veio-me agora uma ideia, aproveitar um bocado da tarde para dar um **passeiozinho** pelo Cemitério, [...]. (TN, 223)
- [...], Tiens, je viens de penser que j'aimerais bien profiter de cet après-midi pour **me promener** un peu dans le Cimetière, [...]. (TN, 216)

- Não estou em casa, dirá ela, e se, durante a noite, **deitadinho** na sua cama, [...]. (TN, 273)
- Je suis absente, dira-t-elle, et si pendant la nuit, **couché** dans son lit [...]. (TN, 266)

E. SUPERLATIVOS

A tradução de superlativos sintéticos apresenta dificuldades idênticas à dos diminutivos, dado que não existem, na língua francesa, superlativos deste tipo. Perante este obstáculo, GL tem sempre a escolha entre recorrer a termos que se aproximem do significado do superlativo ou utilizar o adjectivo correspondente francês no grau normal. A contagem efectuada mostra que a primeira possibilidade é a mais solicitada, no entanto, como para o diminutivo, a tradutora não dispõe de instrumentos lexicais para reproduzir a sonoridade peculiar do superlativo sintético que enfatiza formalmente qualquer significado por ele transportado. Assim, o foco semântico e rítmico que representa o superlativo sintético, nos romances originais, ver-se-á sempre um pouco neutralizado devido às características da língua francesa.

A opção mais comum para traduzir o superlativo sintético é o recurso ao advérbio "très" que reproduz uma intensidade semelhante à do sufixo "-íssimo" [EC, 264, 258] e C (133, 133)]. A alternativa a esta tradução comum é a utilização de outros termos de significado idêntico [TN (103, 100), C (123, 122) e C (202, 199)].

As ocorrências em que GL traduz o superlativo por um adjectivo francês isolado [TN (78, 76) e C (129, 128)] apresentam uma frase francesa despojada do excesso semântico característico da sequência original e activado pelo sufixo "-íssimo".

(a) Sim

- [...], foi buscar os copos, os melhores que tinham, de cristal **finíssimo**, [...]. (EC, 264)
- [...], alla chercher les verres, les plus beaux qu'elle avait, de cristal **très fin**, [...]. (A, 258)

- Então o pensamento do Sr. José ganhou asas, precipitou-se **velocíssimo** atrás da comida, [...]. (TN, 103)
- Alors la pensée de monsieur José s'envola à tire-d'aile, se précipita à **toute vitesse** vers la nourriture, [...]. (TN, 100)
- [...], Por enquanto não falaremos disto ao meu pai, ele ficaria **contentíssimo**, [...]. (C, 123)
- [...], Pour l'instant nous n'en parlerons pas à mon père, il serait **ravi**, [...]. (C, 122)
- Quando imponderáveis, as brancas partículas pegavam-se-lhes aos dedos, algumas, **levíssimas**, aspiradas pela respiração, [...]. (C, 202)
- Presque impalpables, les particules blanches lui collaient aux doigts, certaines, **ultra légères**, aspirées par sa respiration, [...]. (C, 199)
- [...], é muito trabalho para duas pessoas e **pouquíssimo** tempo para o fazer. (C, 133)
- [...], c'est beaucoup de travail pour deux personnes et **très peu** de temps pour l'exécuter. (C, 133)

(b) Não

- [...], pelo caminho que ia, podia ter como **certíssima** uma resposta negativa se alguma vez chegasse a requerer a ansiada dispensa. (TN, 78)
- [...] qu'au train où il allait il pouvait **être assuré** de se heurter à une réponse négative s'il s'avisait un jour de solliciter la dispense convoitée. (TN, 76)
- [...], durante um **arrastadíssimo** minuto o oleiro teve de escutar a música de violinos que preenchia com maníaca insistência estas esperas, [...]. (C, 129)
- [...]. Pendant une **interminable** minute le potier dut écouter la musique de violons qui remplissait les attentes avec une insistance maniaque, [...]. (C, 128)

Mediante o léxico utilizado, a tradutora consegue, com frequência, diminuir a carga oral dos romances saramaguianos, mas também aproximá-los do universo linguístico do público alvo, nomeadamente pelo recurso a expressões

idiomáticas e provérbios franceses. O léxico, como as categorias anteriores, permite a GL preservar um estilo claro e susceptível de contribuir para a inserção dos romances na cultura alvo.

VI. Supressão de palavras¹³⁹

C 74, 75

Já encontraram no caminho um académico com bicórnio de plumas, espadim e bofes na camisa, **já** encontraram um palhaço e um equilibrista, **já encontraram** um esqueleto de gadanha e passaram adiante, **já** encontraram uma amazona a cavalo e um almirante sem barco, **já** encontraram um toureiro e um homem de blusa, **já encontraram** um pugilista e o adversário dele, **já encontraram** um carabineiro e um cardeal, **já encontraram** um caçador e o seu cão, **já** encontraram um marinheiro de folga e um magistrado, um bobo e um romano de toga, **já encontraram** um derviche e uma alabardeiro, **já encontraram** um guarda-fiscal e o escriba sentado, **já encontraram** um carteiro e um faquir, **também encontraram** um gladiador e um hoplita, uma enfermeira e um malabarista, um lorde e um menestrel, **encontraram** um esgrimista e um apicultor, um mineiro e um pescador, um bombeiro e um flautista, encontraram dois fantoches, **encontraram** um barqueiro, **encontraram** um cavador, encontraram um santo e uma santa, **encontraram** um demónio, **encontraram** a santíssima trindade, encontraram soldados e militares de todas as graduações, **encontraram** um escafandrista e um patinador, viram uma sentinela e um lenhador, **viram** um sapateiro de óculos, **encontraram** um que tocava tambor e outro que **tocava** corneta, **encontraram** uma velha de capote e lenço, **encontraram** um velho de cachimbo, **encontraram** uma vénus e um apolo, **encontraram** um cavalheiro de chapéu alto, **encontraram** um bispo mitrado, **encontraram** uma cariátide e um atlante, **encontraram** um lanceiro montado e outro a pé, **encontraram** um árabe de turbante, **encontraram** um mandarim chinês, **encontraram** um aviador, **encontraram** um condottiero e um padeiro, **encontraram** um mosqueteiro, **encontraram** uma criada de avental e um esquimó, **encontraram** um assírio de barbas, **encontraram** um agulheiro dos caminhos-de-ferro, **encontraram** um jardineiro, encontraram um homem nu com os músculos à mostra e o mapa dos sistemas nervoso e circulatório, também

¹³⁹ Esta categoria remete para a "semantic strategy 6: distribution change": "this is a change in distribution of the "same" semantic components over more items (expansion) or fewer items (compression)" (Chesterman 1997:104).

encontraram uma mulher nua, porém esta tapava o púbis com a mão direita e os seios com a mão esquerda.

C 75

Chemin faisant, ils ont déjà découvert un académicien coiffé d'un bicorne à plumes, avec une épée de cérémonie et une chemise ornée de plissés, ils ont découvert en clown et un équilibriste, un squelette armé d'une faux, en continuant à feuilleter ils ont trouvé une amazone à cheval et un amiral sans navire, ils ont trouvé un toréador et un homme vêtu d'une blouse, un pugiliste et son adversaire, un carabinier et un cardinal, un chasseur et son chien, ils ont trouvé un marin en permission et un magistrat, un bouffon et un romain en toge, un derviche et un hallebardier, un douanier et un scribe assis, un facteur et un fakir, un gladiateur et un hoplite, une infirmière et un jongleur, un lord et un ménestrel, un escrimeur et un apiculteur, un mineur et un pêcheur, un pompier et un flûtiste, ils ont découvert deux pantins, un batelier, un piocheur, ils ont trouvé un saint et une sainte, un démon, la très sainte trinité, ils ont trouvé des soldats et des militaires de tous les grades, un scaphandrier et un patineur, ils ont vu une sentinelle et un bûcheron, un cordonnier avec des lunettes, ils ont trouvé un homme qui jouait du tambour et un autre du cornet, une vieille femme avec un manteau à capuchon et un foulard, un vieillard avec une pipe, une vénus et un apollon, un homme coiffé d'un haut-de-forme, un évêque avec sa mitre, une cariatide et un atlante, un lancier à cheval et un autre à pied, un arabe avec un turban, un mandarin chinois, un aviateur, un condottiere et un boulanger, un mousquetaire, une servante en tablier et un esquimau, un assyrien barbu, un aiguilleur des chemins de fer, un jardinier, ils ont découvert un homme nu exhibant ses muscles et une carte des systèmes nerveux et circulatoire, et aussi une femme nue, mais elle se cachait le pubis avec la main droite et les seins avec la main gauche.

O excerto seleccionado para abrir este capítulo é emblemático da reflexão que agora iniciamos. Um dos traços peculiares da escrita de JS é o facto deste, por vezes, utilizar longas frases para transmitir informações simples. O autor reinventa, assim, formas de apresentar a realidade, utilizando frases extensas e menos comuns que tornam mais densa a mensagem, abrandam a leitura e, amiúde, aproximam o discurso do registo oral.

A supressão de palavras é um recurso frequentemente utilizado por GL para despojar o discurso saramaguiano de elementos considerados acessórios do ponto de vista semântico e tornar a informação mais clara e directa. Ao reduzir

a um menor número de vocábulos muitas das frases saramaguianas, GL também atenua as marcas de discurso oral habituais em JS e modifica a cadência frásica original.

Como se verifica na exposição ulterior, a eliminação de palavras atinge diferentes classes gramaticais.

A. CONDENSAÇÃO DA MENSAGEM ORIGINAL¹⁴⁰

(a) Perífrase verbal → Verbo

A condensação de uma perífrase verbal saramaguiana num verbo único é um mecanismo de tradução frequente. GL opta, assim, por verbos mais directos que evitam o desmembramento da acção em vários termos e a apresentam de uma forma mais habitual. O ritmo frásico é, por vezes, alterado, mas também ocorre que, como no fragmento C (334, 332), a condensação seja compensada pelo acrescento de palavras necessárias a uma maior fluidez semântica e sintáctica da frase francesa.

- Saíram dois hóspedes, um casal idoso, ela **passou para dentro**, premiu o botão do terceiro andar, trezentos e doze era o número que a esperava, é aqui, bateu discretamente à porta, [...]. (EC, 33)
- Il en sortit un couple âgé, elle **entra**, appuya sur le bouton du troisième étage, le numéro de la chambre qu'elle cherchait était le trois cent douze, c'est ici, elle frappa discrètement à la porte, [...]. (A, 33)
- Por um instante, primeiro pensou a mulher que o seu homem havia sido apanhado em flagrante delito e que o polícia **estava ali para passar busca à casa**, ideia esta, por outro lado, e por muito paradoxal que pareça, bastante tranquilizadora, considerando que o marido só roubava automóveis, objectos que, pelo seu tamanho, não podem ser escondidos debaixo da cama. (EC, 35)

¹⁴⁰ Examinamos, posteriormente (p.239), o mecanismo oposto, denominado, no âmbito do nosso trabalho "dilatação da mensagem original". Entendemos que em língua portuguesa os termos "condensação" e "dilatação" transmitem de forma mais precisa os dispositivos em análise e, por essa razão, não traduzimos literalmente a terminologia proposta por Chesterman – "compression" e "expansion" – (1997:104).

- Un instant, la femme pensa que son homme avait été pris en flagrant délit et que le policier **venait perquisitionner** chez eux, idée finalement assez rassurante, pour paradoxal que cela paraisse, puisque son mari volait uniquement des voitures, objets qui ne peuvent être dissimulés sous un lit, vu leurs dimensions. (A, 34)
- Até logo, pai, **fez uma pausa**, [...]. (C, 334)
- À tout à l'heure, père, Marçal **s'interrompit**, [...]. (C, 332)

(b) Outras alterações

Incluimos nesta categoria, propositadamente ampla e de contornos pouco rígidos, ocorrências em que, aquando da tradução, vários termos são eliminados, dando assim origem a frases francesas mais curtas e despojadas do que as originais. Ao ignorarem os rodeios saramaguianos, estas reduzem a carga oral característica de alguns segmentos do TP e alteram o ritmo frásico, tornando-o, amiúde, mais lento. O facto de JS escolher sequências enviesadas funciona também como uma forma de destacar a informação que GL tende a apresentar de maneira mais comum e torna, assim, menos significativa.

Nas opções aqui tratadas, é manifesta a aplicação da estratégia "distribution change" no sentido de comprimir a informação¹⁴¹.

Em EC (27, 27a), a expressão saramaguiana "daí para o futuro" abre um espaço temporal mais amplo que o advérbio "désormais" neutraliza e torna mais vago. No fragmento EC (27, 27b), as palavras escolhidas pelo escritor português tornam a busca de "todo o cuidado" mais patente e decisiva, nomeadamente devido à presença do adjectivo "todo" que salienta a atenção da personagem.

A tradução de "de um instante para o outro" (EC 28, 28) pelo advérbio "subitement" insere a sequência num registo de língua mais cuidado e eficiente.

Em EC (37, 36a), "para o sentir mais próximo" detalha a acção da mulher do médico e convoca uma forte vertente afectiva atenuada pelo verbo escolhido por GL. No exemplo EC (37, 36b), GL condensa mais uma vez num verbo uma

¹⁴¹ Ver nota 139, p.214.

expressão alargada de JS e retira, assim, uma certa oralidade à frase. Os fragmentos EC (287, 280), C (201, 198), C (303, 301) e C (348, 346) são idênticos, posto que GL reduz a um único verbo os segmentos mais extensos de JS e neutraliza a oralidade por estes transportada. Destacamos o fragmento C (201, 198) em que GL elimina a comparação ao aglutinar o significado de "rodopiar" ao de "como um espojinho"; e o C (348, 346), emblemático de uma certa tendência de JS em apresentar como que definições de uma acção ou objecto, criando assim sequências pormenorizadas cujo conteúdo é possível transmitir de forma mais directa como demonstra a tradução de GL.

Os fragmentos EC (294, 287), TN (94, 91), TN (130, 126) e TN (268, 261) são os mais emblemáticos da forma como JS consegue enviar a informação e tornar o seu acesso menos imediato. Destacamos o fragmento EC (294, 287) em que a expressão "a cada hora que ia passando" acentua a passagem do tempo devido à associação do verbo "ir" ao gerúndio que abranda o ritmo e espelha formalmente a realidade evocada. Instala-se, no relato, uma espécie de angústia abrangente e incontornável reforçada pelo sintagma nominal "as horas nocturnas". É plausível também discernir nestes rodeios saramaguianos vestígios de poesia que contrastam com o assunto evocado ("o lixo parecia multiplicar-se"). GL prefere uma tradução mais directa despojada da profundidade temporal e algo poética saramaguiana. No exemplo TN (130, 126) as repetições saramaguianas e o comentário "foi o que disse" evidenciam a surpresa do Sr. José, indirectamente evocada pelo narrador, perante as palavras tão inesperadas do seu chefe. As modificações introduzidas pela tradutora reduzem a intensidade da estupefacção original e, no que concerne a caracterização do chefe, apresentam a sua atitude como natural e não excepcional.

- [...], Não é preciso, não é preciso, dissera o coitado, e daí para o futuro não seria capaz de dar um passo sem ajuda. (EC, 27a)
- [...], Ce n'est pas nécessaire, ce n'est pas nécessaire, avait dit le malheureux, désormais dans l'incapacité de faire le moindre pas sans aide. (A, 27a)
- Usava de todo o cuidado em obedecer aos semáforos, [...]. (EC, 27b)
- Il s'attachait à obéir aux feux de circulation, [...]. (A, 27b)

- Queres saber, tive hoje um caso estranhíssimo, um homem que perdeu totalmente a visão **de um instante para o outro**, o exame não mostrou qualquer lesão perceptível nem indícios de malformações de nascença, [...]. (EC, 28)
- Figure-toi que j'ai eu aujourd'hui un cas des plus bizarres, un homme qui a perdu complètement la vue **subitement**, l'examen n'a révélé ni lésion perceptible ni indices de malformations de naissance, [...]. (A, 28)
- Teve a coragem de se deitar sem acordar a mulher, nem sequer quando ela, murmurando meio adormecida, se moveu na cama para **o sentir mais próximo**. (EC, 37a)
- Il eut le courage de se coucher sans réveiller sa femme, pas même quand celle-ci, murmurant à moitié endormie, remua dans le lit pour **se rapprocher** de lui. (A, 36a)
- [...] nada mais nada menos que um tipo de cegueira desconhecido até agora, **com todo o aspecto de ser** altamente contagioso, [...]. (EC, 37b)
- [...] en un type de cécité inconnue jusqu'à présent, ni plus ni moins, qui **semblait** être hautement contagieuse [...]. (A, 36b)
- Ressuscitará, o caso não era para tanto, embora o dicionário **esteja aí para afirmar**, prometer ou insinuar que se trata de perfeitos e exactos sinónimos. (EC, 287)
- Elle ressuscitera, le jeu n'en valait pas la chandelle, même si le dictionnaire **affirme**, promet ou insinue qu'il s'agit là de synonymes exacts et parfaits. (A, 280)
- O aspecto das ruas piorava a cada hora que ia passando. O lixo parecia multiplicar-se durante **as horas nocturnas**, [...]. (EC, 294)
- L'aspect des rues empirait **d'heure en heure**. Les ordures semblaient se multiplier pendant **la nuit**. (A, 287)
- Fiado de que o resto do mundo **usa o espírito que tem de uma maneira tão dedutora como a sua própria**, [...]. (TN, 94)
- Persuadé que le reste du monde **a l'esprit aussi déductif que lui**, [...]. (TN, 91)

- Não sei como hei-de agradecer, o chefe virou-lhe as costas, **ao mesmo tempo que pronunciava uma palavra, uma simples palavra**, Trate-se, **foi o que disse** num tom **que tinha tanto de** condescendente como de imperativo, [...]. (TN, 130)
- Je ne sais comment vous remercier, le chef lui tourna le dos et **dit simplement**, Soignez-vous, d'un ton mi-condescendant mi-impérieux. (TN, 126)
- **Embora o seu aspecto não se distinga do que têm habitualmente as pessoas honestas**, o certo é que nunca poderá haver sobre o que se vê garantias firmes, as aparências enganam muito, [...]. (TN, 268)
- **Bien qu'il n'eût pas l'air particulièrement malhonnête**, on ne peut jamais avoir de garantias fermes sur ce que l'on voit, les apparences sont fort trompeuses, [...]. (TN, 261)
- E se acabou por ser oleira, foi por força de uma consciente e manifesta vocação de modeladora, embora também tenha influído na sua decisão **o facto de não haver na família** irmãos rapazes que continuassem a tradição familiar, [...]. (C, 52)
- Et si elle a fini par devenir potière, c'est à cause d'une vocation consciente et manifeste de modeleuse, encore qu'ait influé aussi sur sa décision **l'absence de frères** susceptibles de continuer la tradition familiale, [...]. (C, 52)
- Explica-te, não **tenho cabeça para** te acompanhar, disse o pai, [...]. (C, 72)
- Explique, je ne te suis pas, dit le père, [...]. (C, 72)
- Uma súbita viração rasteira fez **rodopiar, como um espojinho**, as cinzas da superfície da cova. (C, 201)
- Une brise subite à ras de terre fit **tourbillonner** les cendres à la surface da la fosse. (C, 198)
- [...], contudo não lhe **saiu nada que fosse da sua lavra**, limitou-se a repetir, com um pequeno aditamento retórico, a frase do genro, [...]. (C, 303)
- [...], mais il **n'inventa** rien, il se contenta de répéter la phrase de son gendre avec un petit ornement rhétorique, [...]. (C, 301)
- [...], com o Achado ao meio, e quando Marçal ia **pôr o carro em movimento**, Cipriano Algo disse bruscamente, Espera. (C, 348)

- [...] avec le chien au milieu, et Marçal allait **démarrer** quand Cipriano Algor, dit brusquement, Attends. (C, 346)

(c) Construções de clivagem¹⁴²

As construções de clivagem são frequentemente eliminadas da tradução francesa. Julgamos que isso se deve, sobretudo, ao facto de esta construção se inscrever num registo informal, amiúde, evitado pela tradutora.

As frases portuguesas dos exemplos transcritos apresentam um acesso à mensagem mais retorcido, como que adiado. Para além do mais, esta construção destaca o fragmento sobre o qual é aplicada, denominado "constituente clivado" (Mateus et al. 2003:687). Ao ignorar este mecanismo enfático, GL propõe estruturas mais claras, mensagens mais imediatas sem realces semânticos nem rítmicos.

Salientamos o exemplo C (311, 308), em que existe uma espécie de compensação rítmica e semântica com a introdução do verbo "préférer".

- [...], fecharam-se, trancaram as portas, mas **o que não puderam foi** fazer desaparecer o cheiro da comida, [...]. (EC, 216)
- [...], qui se sont enfermées, qui ont verrouillé les portes mais qui n'ont pas pu faire disparaître l'odeur de nourriture, [...]. (A, 209)
- As horas foram passando, a manhã deu lugar à tarde, **o que o Sr. José conseguiu engolir ao almoço foi** quase nada, [...]. (TN, 162)
- Les heures passèrent, le matin céda le pas à l'après-midi, monsieur José n'avait presque rien avalé au déjeuner, [...]. (TN, 159)
- [...], claro que eu podia tê-lo detido para interrogatório, mas **o que fiz foi** dar-lhes bons conselhos, usar a psicologia, [...]. (C, 311)
- [...], j'aurais pu l'arrêter, évidemment, et le soumettre à un interrogatoire, mais j'ai préféré lui donner de bons conseils, faire montre de psychologie, [...]. (C, 308)

¹⁴² Para uma apresentação detalhada destas estruturas ver Mateus et al. 2003: 685-694.

B. VERBO

Os verbos de operação aspectual e os que aparecem associados a um gerúndio são os mais frequentemente eliminados.

O gerúndio, integrado numa locução verbal, é muito solicitado por JS para dilatar acções e cobrir espaços temporais indefinidos. Amiúde, auxiliado pelo verbo "ir", o gerúndio apresenta uma acção de duração prolongada que se desenvolve de forma gradual. É frequente, GL substituir estas locuções por verbos únicos [EC (79, 77), TN (155, 151), TN (262, 254) e C (204,201)] que tornam a acção mais pontual e menos densa.

As construções referidas apresentam alguma dificuldade para a tradutora posto que não existem correspondentes directos em francês. Todavia, uma das ocorrências mais comuns é a não tradução do verbo de operação aspectual "estar a" para o qual existe uma tradução directa: "être en train de". Como se verifica nos fragmentos C (19, 19) e C (29, 29), esta opção pode incidir sobre o significado da sequência: nas frases originais deparamo-nos com processos em curso, enquanto que na tradução aparece a possibilidade destes já estarem terminados. GL evita utilizar a expressão francesa correspondente que inscreveria a frase no registo oral e afasta-se, assim, da mensagem original. De notar que a tradução literal de "estar a" acontece, mas é extremamente rara.

Os verbos de operação aspectual podem ou não integrar a tradução francesa, como se observa no fragmento TN (14, 14): o primeiro, "vir a", é ignorado tal como a voz passiva de "decidir". Já o verbo "passar a" é traduzido pelo advérbio "désormais", apesar da passiva ser também, aqui, substituída pela voz activa. Destas modificações resulta uma mensagem directa alicerçada em acções mais concretas e pontuais do que as originais.

Em TN (155,151), os verbos de operação aspectual "ir" e "vir" associados ao gerúndio, para além de dilatarem a acção de forma indefinida, imprimem um movimento à morte e ao nascimento, ausente do TC, que tem como ponto de referência as personagens do relato, o narrador e o leitor.

Em C (204, 201), a eliminação do verbo de operação aspectual associa-se à alteração do sujeito (eu → eles) que permite a manutenção de um ritmo idêntico ao do TP.

Finalmente os fragmentos TN (269, 261) e C (42, 42) demonstram que os verbos que não acrescentam um valor semântico indispensável à frase são suprimidos, no entanto o verbo "parar" do primeiro exemplo sublinha o medo do Sr. José e o verbo "murmurar" do segundo sugere um misto de resignação e vergonha, emoções atenuadas no TC.

- Assombrava-o o espírito lógico que **estava descobrindo na sua pessoa**, a rapidez e o acerto dos raciocínios, via-se a si mesmo diferente, outro homem, [...]. (EC, 79)
- Il s'étonnait de l'esprit logique qu'il **se découvrait**, de la rapidité et de la justesse de ses raisonnements, il se trouvait différent, un autre homme, [...]. (A, 77)
- Salvo que **venha a ser decidido** algum dia separar os mortos dos vivos, construindo noutra local uma nova Conservatória para recolha exclusiva dos defuntos, não há remédio para a situação, como se viu quando um dos subchefes, em hora infeliz, teve a lembrança de propor que a arrumação do arquivo dos mortos **passasse a ser feita** ao contrário, mais para lá os remotos, mais para cá os de fresca data, em ordem a facilitar, burocráticas palavras suas, o acesso aos defuntos contemporâneos, [...]. (TN, 14)
- Sauf si l'on **décidait** un beau jour de séparer les morts des vivants et si l'on construisait ailleurs un nouveau conservatoire pour y accueillir exclusivement les défunts, la situation est sans remède, comme on le constata quand un des sous-chefs eut l'idée de proposer, à un moment malencontreux, que le rangement des archives des morts **se fasse désormais** à l'envers, les morts les plus anciens plus loin, ceux de fraîche date plus près, de façon à faciliter, comme il le dit dans son langage bureaucratique, l'accès aux défunts contemporains [...]. (TN, 14)
- [...], o sistema de forças que rege desde o princípio dos tempos a Conservatória Geral, lá onde tudo esteve, está e há-de **continuar a estar** para sempre ligado a tudo, aquilo que ainda é vivo àquilo que já está morto, aquilo que **vai morrendo** àquilo que **vem nascendo**, todos os seres a todos os seres, [...]. (TN, 155)
- [...],le système de forces qui régit le Conservatoire général depuis le début des temps, où tout a toujours été, est, et **restera** à tout jamais lié à tout, ce qui est encore vivant à ce qui est déjà mort, ce qui **meurt** à ce qui **naît**, tous les êtres à tous les êtres, [...]. (TN, 151)

- Enquanto fazia a barba, ponderou se seria preferível começar por ir à casa da mulher desconhecida, ou ao colégio, mas acabou por inclinar-se para o colégio, este homem pertence à multidão dos que sempre **vão deixando** o mais importante para depois. (TN, 262)
- Pendant qu'il se rasait, il se demanda s'il serait préférable d'aller d'abord dans l'appartement de la femme inconnue ou bien au collège et il finit par pencher pour le collège, étant de ceux, innombrables, qui **laissent** toujours le plus important pour plus tard. (TN, 254).
- Antes de virar a última esquina **parou**, respirou fundo, Não sou medroso, [...]. (TN, 269)
- Avant de tourner le dernier coin, il respira profondément, Je ne suis pas peureux, [...]. (TN, 261)
- [...], e poderá até suceder que já **esteja a ser escavado** o grande fosso onde serão abertos os cavoucos e implantados os fundamentos da nova construção. (C, 19)
- [...] et peut-être même que la grande tranchée pour les fondations et le soubassement de la nouvelle construction **sera déjà creusée**. (C, 19)
- [...], a filha devia de **estar a acabar de preparar** o almoço, [...]. (C, 29)
- [...], sa fille devait **avoir fini de préparer** le déjeuner, [...]. (C, 29)
- Mas esta noite não era igual às outras, por isso **teve de acrescentar**, Seria muito melhor que não tivesse acordado, **murmurou**, ao menos, enquanto dormi, fui um oleiro com trabalho, [...]. (C, 42)
- Mais ce soir-là était différent des autres, il ajouta donc, J'aurais mieux fait de ne pas me réveiller, au moins pendant que je dormais j'étais un potier avec du travail, [...]. (C, 42)
- [...], Ainda bem, gosto das suas sentenças, **vou aprendendo** com elas, [...]. (C, 204)
- [...], Heureusement, car j'aime vos sentences, elles m'**apprennent** beaucoup, [...]. (C, 201)

C. ADVÉRBIO

Através dos exemplos seleccionados podemos observar quais as principais funções dos advérbios eliminados por GL. Um dos efeitos mais significativos é a aproximação do narrador e, subsequentemente, do leitor da situação relatada: em EC (11,11), o "já" ausente da tradução imprime um efeito de relato em directo como se o narrador observasse atentamente a cena que descreve e transmitisse de forma pormenorizada os resultados da sua observação; em EC (152, 145), um resultado idêntico é obtido através do advérbio "agora", deíctico que favorece a aproximação do narrador e do leitor à situação descrita. O advérbio "ali", em TN (219, 213), também pertence a esta categoria de eliminações em que, na tradução francesa, se perde a mistura de referências entre o tempo da história, da narração e aquele que abriga o leitor do romance. O advérbio insiste, por vezes, sobre uma ideia contida noutros elementos da frase como é o caso do advérbio "já" em EC (14, 14), TN (105, 102) e C (227, 223) cuja presença estrutura de forma mais nítida o tempo do romance sem, no entanto, acrescentar qualquer informação ao relato. A tradutora opta por eliminar este elemento que pode ser considerado acessório à compreensão da narrativa e seria, nalguns casos, de difícil tradução em francês. O mesmo acontece com o advérbio "aparentemente" (TN 105, 102) redundante com a locução verbal "devia ser".

Os advérbios preteridos por GL podem, também, favorecer a intensidade semântica e a oralidade de uma sequência como podemos constatar nos fragmentos EC (11,11) ("tão") e EC (14, 14) ("cá").

- Os peões **já** acabaram de passar, mas o sinal de caminho livre para os carros vai tardar ainda alguns segundos, há quem sustente que esta demora, aparentemente **tão** insignificante, [...]. (EC, 11)
- Les piétons étaient passés, mais le feu annonçant la voie libre pour les voitures se fera encore attendre pendant quelques secondes et d'aucuns affirment que ce retard, en apparence insignifiant, [...]. (A, 11)
- **Já** dentro do prédio, o cego disse, Muito obrigado, desculpe o transtorno que lhe causei, agora eu **cá** me arranjo [...]. (EC, 14)

- Dans l'immeuble l'aveugle dit, Merci beaucoup, veuillez excuser le dérangement que je vous ai causé, maintenant je me débrouillerai, [...]. (A, 14)
- **Agora**, com os olhos fitos na tesoura pendurada na parede, a mulher do médico estava a perguntar-se a si mesma, [...]. (EC, 152)
- Les yeux fixés sur les ciseaux suspendus au mur, la femme du médecin se demandait, [...]. (A, 145)
- [...], outro servia de arrecadação ao que parecia material escolar **já** fora de uso, e os dois restantes continham, enfim, o que, **aparentemente**, devia ser, arrumado em caixas nas grandes prateleiras, o arquivo histórico da escola. (TN, 105)
- [...], une autre servait de débarras à ce qui semblait être du matériel scolaire hors d'usage, et les deux dernières contenaient enfin ce qui devait être les archives historiques de l'école, rangées dans des boîtes sur de grandes étagères. (TN, 102)
- Estes homens, que trabalham aos pares, esperam **ali** sentados, em silêncio, que venham os cortejos fúnebres, [...]. (TN 219)
- Ces hommes, qui travaillent deux par deux, attendent assis et en silence l'arrivée des cortèges funèbres, [...]. (TN, 213)
- É certo que a Cipriano Algor **já** tanto lhe faz. (C, 227)
- À vrai dire, Cipriano Algor s'en moque éperdument. (C, 223)

D. FRASE SIMPLES/ COMPLEMENTO/ SINTAGMA NOMINAL...

Reunimos neste capítulo as eliminações de segmentos gramaticais que vão da supressão de um complemento de objecto à totalidade de uma frase simples ou subordinada. Mais uma vez o propósito da tradutora parece ser aliviar o relato de elementos que não acrescentam qualquer informação relevante. No entanto, como se verifica através dos exemplos seleccionados os fragmentos ignorados têm efeitos do ponto de vista rítmico e inserem detalhes mais ou menos preponderantes relacionados com a situação que se desenrola. Em EC (44, 43), o complemento adverbial "do banco da frente", que não acrescenta nenhuma informação pertinente ao relato e se limita a especificar o que o substantivo "condutor" pressupõe, é eliminado.

O exemplo EC (55, 54) ilustra a maneira como as eliminações de GL podem reduzir a ênfase dada a certos elementos. O complemento indirecto "a mim" permite ao escritor português salientar a irritação da personagem e o pleonasma "a vista dos olhos" vai num sentido semelhante: acentuar a ira do ladrão de automóveis e a oralidade da sequência. As opções de GL suavizam um pouco a cólera sem a eliminarem e tornam o discurso em questão mais cuidado.

No exemplo TN (109, 106), a tradução ignora uma frase completa que acentua a lentidão do movimento, a atenção dada à busca, o pormenor da evolução do relato e adia, assim, a informação principal relativa ao que ilumina a lanterna do Sr. José.

Em TN (127, 123), a frase suprimida pela tradutora francesa salienta o nervosismo da personagem e, como um comentário murmurado, estabelece uma certa cumplicidade entre o narrador e o leitor, ambos conhecedores da angústia do Sr. José.

A importância do "caderno de apontamentos" onde o Sr. José anota a evolução da sua pesquisa torna-se patente em TN (136, 132) devido ao facto de que a personagem mesmo estando "prestes a cair de sono", não resiste a "esta nova urgência tão premente". Na tradução francesa, a ausência de uma frase não elimina, mas atenua a relevância da escrita na aventura inédita do funcionário da Conservatória Geral.

A longa enumeração saramaguiana, em TN (216, 210), introduz na narrativa uma sucessão de elementos e acelera o ritmo. Uma parte deste acúmulo dos "lugares dos vivos" será eliminada por GL, no nosso entender, porque o léxico francês, ao impedir a variação a partir da palavra "parque", obriga a tradutora a recorrer a termos que especifiquem os diferentes tipos de parques presentes no original. A supressão de algumas palavras funciona, assim, como uma espécie de compensação que resulta num parágrafo de dimensões e ritmo idênticos.

Em C (83, 83), o comentário metatextual que alerta o leitor para o significado instável dos adjectivos "infuso", "mágico" e "sobrenatural" não consta da tradução francesa. Este aparte que salienta a dificuldade que existe em definir exactamente certas palavras, tem características do discurso oral e cria a ilusão de um diálogo entre o narrador e o leitor. Algo semelhante sucede no

fragmento C (310, 307) onde a ligação narrador-leitor, concretizada na frase "como se recordarão", é ignorada pela tradutora que suprime, assim, um indício do saber partilhado e consolidado ao longo da narrativa.

- O condutor da ambulância protestou **do banco da frente**, Só posso levá-lo a ele, [...]. (EC, 44)
- Le chauffeur de l'ambulance protesta, Je peux seulement emmener le monsieur, [...]. (EC, 43)
- Se julgas que não te vai suceder nada, estás muito enganado, roubei-te o carro, sim, fui eu que o roubei, mas tu **a mim** roubaste-me a vista **dos olhos**, a saber qual de nós foi o mais ladrão, [...]. (EC, 55)
- Si tu crois que tu vas t'en sortir comme ça, tu te trompes lourdement, je t'ai volé ta voiture, oui, c'est moi qui te l'ai volée, mais toi tu m'as volé la vue, va savoir qui de nous deux est le pire voleur, [...]. (A, 54)
- [...], conseguiu sacar outra vez a lanterna que havia guardado no bolso traseiro das calças. **Acendeu-a e passeou a luz pelo chão à sua frente**. Havia papéis espalhados, caixas de cartão, algumas delas rebentadas, tudo coberto de pó. (TN, 109)
- [...], réussit à sortir de nouveau la lampe qu'il avait fourrée dans la poche arrière de son pantalon. Il découvrit des papiers épars, des boîtes en carton, certaines crevées, le tout recouvert de poussière. (TN, 106)
- [...], e o médico respondeu, Dei-lhe três dias de baixa, é só uma gripe. **Naquele momento não era só uma gripe**. Tapado até ao nariz, o Sr. José tremia como se estivesse com um ataque de sezões, [...]. (TN, 127)
- [...], et le médecin répondit, Je lui ai donné trois jours de congé, c'est juste une grippe. Enfoui sous le drap jusqu'au nez, monsieur José tremblait comme s'il était en proie à un accès de paludisme [...]. (TN, 123)
- Sim, foi o que me valeu, repetiu, como se precisasse de convencer-se do que acabara de dizer. Já reconfortado, depois de ter passado pelo cubículo que servia de casa de banho, **acolheu-se à cama**. **Estava prestes a cair no sono quando se lembrou do caderno de apontamentos em que narrara os primeiros passos da**

- sua busca. Escrevo amanhã, disse, mas esta nova urgência era quase tão premente como a de comer, por isso foi buscar o caderno. (TN, 136)
- Oui, c'est ce qui m'a sauvé répéta-t-il, comme s'il avait besoin de se convaincre lui-même. Ragaillard, après être passé dans le réduit qui lui servait de salle de bains, il se souvint du cahier où il avait consigné les premières étapes de sa recherche. J'écrirai demain, dit-il, mais cette nouvelle urgence était presque aussi pressante que l'envie de manger et il alla donc chercher son cahier. (TN, 132)
 - [...], separados ainda por uns três metros e formando um corredor irregular, mais estreito em cada dia **que passa**, que une as duas paredes laterais. (TN, 171)
 - [...], encore séparés par quelque trois cent mètres et formant le corridor irrégulier, chaque jour plus étroit, qui unit les deux murs latéraux. (TN, 166)
 - [...], pelos lugares que os vivos haviam destinado a seu exclusivo uso, isto é, as casas, **as ruas, as praças, os jardins e outros logradouros**, os teatros e os cinemas, os cafés e os restaurantes, os hospitais, os manicômios, as esquadras de polícia, os parques infantis, os desportivos, os de feiras e exposições, os de estacionamento, os grandes armazéns, as lojas pequenas, as travessas, os becos, as avenidas. (TN, 216)
 - [...] les endroits que les vivants ont destinés à leur usage exclusif, tels que maisons, théâtres et cinémas, cafés et restaurants, hôpitaux, asiles de fous, commissariats de police, parcs pour enfants, terrains de sports, surfaces réservées aux foires et aux expositions, aires de stationnement, grands magasins, petites boutiques, ruelles, impasses, avenues, [...]. (TN, 210)
 - O que no cérebro possa ser percebido como conhecimento infuso, mágico ou sobrenatural, **seja o que for que signifiquem sobrenatural, mágico e infuso**, foram os dedos e os seus pequenos cérebros que lho ensinaram. (C, 83)
 - Ce que peut être perçu dans le cerveau comme étant une connaissance infuse, magique ou surnaturelle, eh bien ce sont les doigts et leurs petits cerveaux qui le lui ont transmis. (C, 83)
 - Por cima deste, **como se recordarão**, ainda assenta um universo de mais catorze. (C, 310)
 - Un univers d'encore quatorze s'élève au-dessus de celui-là. (C, 307)

E. CONJUNÇÃO

A contagem em anexo mostra-nos que é mais frequente a tradutora acrescentar conjunções do que suprimi-las. Este procedimento coaduna-se com a tendência geral do trabalho de GL que privilegia uma informação mais clara e, conseqüentemente, mais estruturada. No entanto, sucede que a tradutora elimine conjunções estruturantes como se constata nos exemplos EC (40, 39), EC (157, 151) e TN (103, 100). Em EC (40, 39), a eliminação da conjunção associada à ausência da preposição "de" na tradução francesa resulta numa frase de cadência marcada que se insere no registo elíptico próprio da sabedoria popular. Contrariamente ao que é habitual, a frase francesa, ao dispensar certos termos de ligação, amplia a oralidade incipiente do fragmento original.

Em EC (157, 151), a adversativa é eliminada aquando da tradução, deixando unicamente o advérbio de tempo como estruturante da acção que se desenrola. Tal eliminação compensa, de uma certa forma, acrescentos anteriores ("de la tête").

Em TN (103, 100), a eliminação de "como" parece dever-se ao facto da conjunção não acrescentar valor semântico à frase e à preocupação de salvaguardar uma cadência semelhante à do texto português.

Nos fragmentos TN (250, 242), C (101, 102) e C (124, 123), a repetição da conjunção no texto original sublinha uma ideia que aparece neutralizada na tradução francesa. Em TN (250, 242), à afirmação do Sr. José "não tenho saída nenhuma" segue-se uma negação da mesma na qual se defende que existe uma solução "cómoda" e "definitiva". A repetição da conjunção serve como ênfase de uma ideia que contraria o pensamento inicial do funcionário público. Na tradução francesa, a ausência de conjunções torna a contra-argumentação menos incisiva. Em C (101, 102), a repetição de "ou" acelera o ritmo e sublinha a diversidade evocada, imprimindo ao relato uma oralidade comovida fortemente atenuada na tradução francesa. Em C (124, 123), temos um caso idêntico: as inúmeras possibilidades vêm-se destacadas pela repetição da conjunção "se" e a ansiedade da personagem, que precede o conhecimento da

resposta aguardada, é, no texto português, mais patente do que na tradução despojada da conjunção e da sua repetição.

- [...], É desta massa que nós somos feitos, metade de indiferença e metade de ruindade. (EC, 40)
- [...], Nous sommes pétris de cette pâte-là, moitié indifférence, moitié malveillance. (A, 39)
- Ainda cabeceou durante uns momentos, **mas** depois deixou-se ir no rio do sono, [...]. (EC, 157)
- Il dodelina de la tête pendant quelques instants, puis s'abandonna au fleuve du sommeil, [...]. (A, 151)
- Ainda que, **como** sabemos, se trate de pessoa fácil de contentar em questões de alimentação, com algo teria de adormecer o apetite até ao regresso a casa, [...]. (TN, 103)
- Encore qu'il fût, nous le savons, une personne facile à contenter en matière d'alimentation, il lui faudrait trouver à endormir son appétit jusqu'à son retour chez lui. (TN, 100)
- O Sr. José murmurou, Estou perdido, não tenho saída nenhuma. Sim, tê-la-ia, e cómoda, e definitiva, se renunciasse a ir a casa dos pais da mulher desconhecida, [...]. (TN, 250)
- Monsieur José murmura, Je suis perdu, je n'ai aucune échappatoire. Si, il en aurait une, commode, définitive, s'il renonçait à aller voir les parents de la femme inconnue, [...]. (TN, 242)
- É sabido que quando ignoramos a altura exacta de um edifício, mas queremos dar uma ideia aproximada do seu tamanho, dizemos que tem um determinado número de andares, que podem ser dois, **ou** cinco, **ou** quinze, **ou** vinte, **ou** trinta, e por aí fora, menos ou mais que estes números, de um a infinito. (C, 101)
- On sait que lorsqu'on ignore la hauteur exacte d'un édifice, mais qu'on veut en donner une idée approximative, on dit qu'il a un nombre déterminé d'étages, deux, cinq, quinze, vingt ou trente, ainsi de suite, bref un nombre inférieur ou supérieur aux chiffres qui vont de l'un à l'infini. (C, 102)

- Dormira mal a pensar se receberia hoje a resposta do chefe do departamento de compras, e que resposta seria ela, **se** positiva, **se** negativa, **se** reticente, **se** dilatária, [...]. (C, 124)
- Il avait mal dormi, se demandant s'il recevrait aujourd'hui la réponse du chef du département des achats, et quelle serait cette réponse, positive, négative, réticente, dilatoire, [...]. (C, 123)

F. PREPOSIÇÃO

Uma preposição tem como função principal ligar dois termos de uma frase, mas pode também introduzir traços de oralidade numa sequência. É o que acontece nos fragmentos EC (85, 82) e C (313, 310) [preposição "a"]. A eliminação da preposição, associada ou não a outras modificações, atenua o tom familiar original.

A maior parte das preposições são eliminadas devido à supressão do substantivo, artigo ou pronome ao qual estão associadas como verificamos nos fragmentos C (299, 296) e C (313, 310) ["deles"]. Estes dois exemplos apresentam, no texto original, redundâncias que GL prefere eliminar. No fragmento C (308, 305), GL elimina "das águas livres" referência pertinente para o leitor português, mas talvez ambígua para quem desconheça o aqueduto em questão.

O exemplo EC (283, 276) é emblemático de um procedimento muito comum no trabalho de GL que consiste em eliminar as preposições quando estas não acrescentam qualquer valor semântico e a sua ausência não cria qualquer ambiguidade.

- [...], agora dá meia volta que eu torno a guiar-te, não quero que fiques **para** aí como uma burra à nora, às voltas, [...]. (EC, 85)
- [...], maintenant fais demi-tour, je vais de nouveau te guider, je ne veux pas que tu restes là à tourner comme une bourrique autour d'une noria [...]. (A, 82)
- Avançou sozinho, **com** os braços estendidos, tocou a caixa das lentes [...]. (EC, 283)

- Il avança seul, les bras tendus, il toucha la boîte qui contenait les lentilles, [...]. (A, 276)
- [...], a sua vinda à minha casa **de** propósito para me trazer um cântaro novo, [...]. (C, 299)
- [...], votre visite chez moi pour m'apporter une cruche neuve, [...]. (C, 296)
- [...], um templo de karnak, um aqueduto **das** águas livres que funciona vinte e quatro horas do dia, um convento de mafra, uma torre dos clérigos, [...]. (C, 308)
- [...], un temple de karnak, un aqueduc fonctionnant vingt-quatre heures sur vingt-quatre, un couvent de mafra, une tour des clérigos, [...]. (C, 305)
- [...], segundo julguei perceber, iam ali de vez em quando, e pelo menos cinco **deles** deviam ser veteranos, a um ouvi mesmo dizer Isto é como uma droga, [...]. (C, 313)
- [...], d'autres venaient là de temps en temps et au moins cinq, d'après ce que j'ai cru comprendre, devaient être habitués, j'ai même entendu quelqu'un dire, C'est comme une drogue, [...]. (C, 310)

G. SUBSTANTIVO

A eliminação de substantivos segue a lógica que tem vindo a ser observada na categoria "supressão de palavras": se o significado de um substantivo presente no original acrescentar pouco valor semântico ou repetir uma ideia dedutível dos termos constituintes da sequência que integra, é comum que a tradutora opte pela sua supressão. Esta categoria está muitas vezes associada à precedente, já que é comum que a eliminação de um substantivo implique a de uma preposição.

- [...], esta sincera preocupação mostra como são afinal infundados os preconceitos dos que negam a **possibilidade** da existência dos sentimentos fortes, [...]. (EC, 212)
- [...], et cette préoccupation sincère montre combien sont dépourvus de fondement les préjugés de ceux qui nient l'existence de sentiments forts, [...]. (A, 206)

- Buscou num dos sacos de **plástico** uma caixa de fósforos [...]. (EC, 260)
- Elle chercha une boîte d'allumettes dans un des sacs, [...]. (A, 254)
- É certo que não passa um dia sem que entrem papéis novos na Conservatória, dos indivíduos de sexo masculino e de **sexo** feminino que lá fora vão nascendo, [...]. (TN, 11)
- Car pas un jour ne passe sans que de nouveaux papiers entrent au Conservatoire, concernant les individus de sexe masculin et féminin qui naissent au-dehors, [...]. (TN, 11)
- A disposição dos **lugares** na sala acata naturalmente as precedências hierárquicas, [...]. (TN, 12)
- L'aménagement de la salle respecte naturellement l'ordre des présences hiérarchiques, [...]. (TN, 12)
- O assunto que trazia era da competência exclusiva do chefe do departamento de compras, não para ser negociado com **empregados** subalternos [...]. (C, 93)
- L'affaire qui l'amenait relevait exclusivement de la compétence du chef des achats et n'était surtout pas à négocier avec des subalternes [...]. (C, 95)
- [...], Serve de chamariz para ficarmos a saber quem são as **pessoas** curiosas que moram no Centro. (C, 311)
- [...], Elle sert d'appau et nous permet de savoir qui sont les curieux parmi les habitants du Centre. (C, 308)

H. PRONOME

A eliminação de pronomes ocorre em dois contextos principais: quando o pronome insiste numa informação contida noutros termos da frase [EC (14, 14) e C (76, 76)] e quando a tradutora introduz modificações na sequência saramaguiana que implicam a supressão do pronome como, por exemplo, a substituição de relativas por um particípio passado [TN (12, 12)] ou a escolha de uma preposição diferente da original [EC (278, 273)]. No fragmento C (76, 76), GL opta por recorrer duas vezes a um sintagma nominal mais explícito,

"chaque jour" [= "lhe" na segunda ocorrência], e elimina os pronomes repetitivos "nós" e "[a] ele", o que proporciona um ritmo semelhante ao original.

O fragmento C (98, 100) é representativo da forma como GL pode reduzir a oralidade característica da prosa saramaguiana: sem que o conteúdo informativo seja alterado, a supressão do pronome demonstrativo "esse" e do advérbio "aí" absorve parte da carga oral que acentua, no TP, a informalidade da conversa.

O fragmento TN (271, 263) é um pouco diferente dado que em português seria incorrecto terminar uma frase pela preposição "com". A eliminação do pronome inscreve a frase num universo familiar ao leitor francês.

- [...], duas mulheres da vizinhança olharam curiosas a cena, vai ali aquele vizinho levado pelo braço, mas nenhuma **delas** teve a ideia de perguntar, Entrou-lhe alguma coisa para os olhos, não lhes ocorreu, e tão-pouco ele lhes poderia responder, Sim, entrou-me um mar de leite. (EC, 14)
- [...], deux femmes du voisinage regardaient la scène avec curiosité, Tiens, voilà un voisin qu'on conduit en le tenant par le bras, mais aucune n'eut l'idée de demander, Il vous est entré quelque chose dans les yeux, l'idée ne leur traversa pas l'esprit, et il ne pourra donc pas leur répondre, Oui, il m'est entré une mer de lait. (A, 14)
- No quarto de dormir havia uma pequena mesa, sobre **ela** um candeeiro apagado. (EC, 278)
- Dans la chambre à coucher il y avait une petite table avec une lampe éteinte. (A, 273)
- A primeira linha de mesas, paralela ao balcão, é ocupada pelos oito auxiliares de escrita a **quem** compete atender o público. (TN, 12)
- La première rangée de tables, parallèle au comptoir, est occupée par huit préposés aux écritures chargés d'accueillir le public. (TN, 12)
- [...] as razões da vida e da morte da mulher que se sentava nesta cadeira, que acendia este candeeiro, que segurava este lápis e escrevia com **ele**. (TN, 271)
- [...] les raisons de la vie et de la mort de la femme qui s'asseyait sur cette chaise, qui allumait cette lampe, qui tenait ce crayon et écrivait avec. (TN, 263)

- [...], Um facto é o que o dia traz, outro facto é o que nós, por nós próprios, lhe levamos a ele, [...]. (C, 76)
- [...], Une chose est ce que chaque jour apporte, autre chose ce que nous-mêmes apportons à chaque jour, [...]. (C, 76)
- Combine aí com o subchefe, **esse** que o mandou entrar, o plano de retirada das suas louças, [...]. (C, 98)
- Mettez-vous d'accord avec le sous-chef qui vous a fait entrer le plan d'enlèvement de vos faïences, [...]. (C, 100)

I. ADJECTIVO/ DETERMINANTE

Quando JS utiliza determinantes ou adjetivos para sublinhar uma ideia existente na sequência independentemente deles, a tradutora opta, com frequência, por suprimi-los. Os exemplos EC (221, 215), TN (226, 220), TN (270, 263), C (123, 122) e C (307, 304) são emblemáticos deste procedimento. Os fragmentos EC (296, 288) e C (16, 16) são representativos da tendência de GL para eliminar repetições que, neste caso, permitem uma individualização marcada dos elementos constituintes do segmento e a concretização de uma ladainha incipiente que tem nos determinantes o seu refrão.

Em TN (152, 148), os determinantes auxiliam o desvio de uma situação imaginada pelo Sr. José para o patamar dos acontecimentos romanescos, como se esta proviesse de uma observação atenta e não de um devaneio do espírito inquieto da personagem. Para além do mais, os demonstrativos também diminuem a distância entre a personagem, o narrador e o leitor. Na tradução a ausência de "este" e "esta", deícticos, atenua a ênfase dada no texto português à fusão entre a imaginação e a realidade do Sr. José; entre a história, a narração e a leitura.

- [...], E como encontrarei depois a escada, um desequilíbrio súbito obrigou-a a baixar-se para não cair **desamparada**, [...]. (EC, 221)
- [...], Comment retrouverai-je ensuite l'escalier, un vertige subit l'obligea à se baisser pour ne pas tomber, [...]. (A, 215)

- Proclamavam-se ali os princípios fundamentais dos grandes sistemas organizados, a propriedade privada, [...], o pensamento convexo, o côncavo, o plano, o vertical, o inclinado, o concentrado, o disperso, o fugido, a ablação das cordas vocais, a morte da palavra. (EC, 296)
- L'on proclamait les principes fondamentaux des grands systèmes organisés, la propriété privée, [...], la pensée convexe, la pensée concave, plane, verticale, inclinée, concentrée, dispersée, fuyante, l'ablation des cordes vocales, la mort de la parole. (A, 288)
- Um quarto de hora depois saiu o pai, segue na direção contrária, por isso não acompanha a filha quando ela vai para o colégio, salvo se simplesmente **este** pai e **esta** filha não gostam de andar juntos e dão este pretexto, ou não o deram sequer, mais terá sido uma espécie de arranjo tácito entre os dois, para evitar que os vizinhos notassem a mútua indiferença. (TN, 152)
- Un quart d'heure plus tard le père sortit, prit la direction opposée, voilà pourquoi il n'accompagne pas sa fille quand celle-ci va à l'école, sauf si tout simplement père et fille n'aiment pas cheminer ensemble et ils donnent ce prétexte, ou alors ils ne le donnent même pas, ç'aura été une sorte d'arrangement tacite entre eux deux pour éviter que les voisins ne remarquent leur indifférence mutuelle. (TN, 148)
- [...], o que confirma a presunção de que este traço de carácter [o sarcasmo] seja tido por indispensável para aceder às suas altas e **respectivas** funções, a par, obviamente, dos **competentes** conhecimentos práticos e teóricos de técnica arquivística. (TN, 226)
- [...], ce qui confirme l'hypothèse que ce trait de caractère est indispensable pour accéder à leurs hautes fonctions, de même, que la connaissance pratique et théorique des techniques d'archivage. (TN, 220)
- O Sr. José deu uma volta pelas restantes divisões do apartamento, que se limitavam a uma sala de estar **mobilada** com os sofás do costume [...]. (TN, 270)
- Monsieur José fit un tour dans les autres pièces de l'appartement qui se composait d'une salle de séjour avec les canapés habituels [...]. (TN, 263)
- [...], essas implacáveis lâminas curvas que, sem dó nem piedade, levam tudo por diante, a casa antiga, a raiz nova, o muro que amparava, o lugar de uma sombra que nunca mais voltará a estar. (C, 16)

- [...], ces implacables lames incurvées qui poussent tout devant elles sans compassion ni pitié, vieille maison, jeune racine, mur qui abritait, refuge d'une ombre qui jamais plus ne reviendra. (C, 16)
- O seu último pensamento **consciente** foi para perguntar-se se Marta lhe teria falado realmente da asa do cântaro, [...]. (C, 123)
- Sa dernière pensée fut de se demander si Marta lui avait réellement parlé d'une anse de cruche. (C, 122)
- Também tem ao seu dispor os parques e jardins **públicos** da cidade onde se costumam reunir homens de idade pelas tardes, [...]. (C, 307)
- Il a aussi à sa disposition les parcs et les jardins de la ville où les hommes âgés ont l'habitude de se réunir l'après-midi, [...]. (C, 304)

A eliminação de algumas palavras corresponde frequentemente a uma clarificação estrutural e semântica como foi observado. Deste procedimento resulta, amiúde, um texto límpido sem obstáculos que dificultem a recepção da mensagem. A prosa mais despojada e directa do TC, comparativamente ao TP, é assim preservada.

VII. Acrescento de palavras¹⁴³

EC 300, 293

Segura-me, a igreja está cheia, quase que não se encontra um palmo de chão (AP) livre, em verdade se poderia dizer que não há aqui uma (AP) pedra onde descansar a cabeça, (AP) valeu (AP) uma vez mais o cão das lágrimas, com dois rosnidos e duas investidas, tudo sem maldade, abriu um espaço onde se foi deixar cair a mulher do médico, rendendo o corpo ao desmaio, fechados enfim por completo os olhos. O marido tomou-lhe o pulso, está firme e regular, só um pouco longínquo, depois fez um esforço para levantá-la, não é boa esta posição, é preciso fazer voltar rapidamente o sangue ao cérebro, (AP) aumentar a irrigação cerebral, o melhor de tudo seria sentá-

¹⁴³ Ver nota 139, p.214.

la, (AP) pôr-lhe a cabeça entre os joelhos, e **confiar** (AP) na natureza e na força da gravidade.

A 293

Soutiens-moi, l'église est bondée, il n'y a quasiment pas un empan de sol **qui soit** libre, en vérité on pourrait dire qu'ici il n'y a pas une **seule** pierre où reposer sa tête, **mais** une fois de plus le chien des larmes **se montra d'un grand secours**, avec deux grognements et deux bourrades, le tout sans méchanceté, il ouvrit un espace où la femme du médecin se laissa tomber, son corps s'abandonna à l'évanouissement, ses yeux **étaient** enfin complètement clos. Son mari lui prit le pouls, il est ferme et régulier, juste un peu lointain, puis il s'efforça de la soulever, cette position n'est pas bonne, il faut que le sang retourne rapidement au cerveau, **il fallait** augmenter l'irrigation cérébrale, le mieux serait encore de l'asseoir, **de** lui mettre la tête entre les genoux et de **faire confiance** à la nature et à la force de la gravité.

JS utiliza diversas vezes redundâncias ou perífrases, mas também propõe ao seu leitor frases elípticas que requerem a sua atenção e colaboração activa. Em muitas dessas circunstâncias, a tradutora francesa "preenche" os espaços com elementos que especificam e clarificam a informação.

Este procedimento saramaguiano de alicerçar o relato em breves sugestões contrasta notoriamente com o ponto anterior em que se observou que o excesso de palavras pode dificultar a recepção da mensagem. Algo semelhante ocorre no caso em análise: ao reduzir a informação a alguns elementos essenciais, JS abranda a leitura e introduz ambiguidade no seu relato. GL, mediante o acrescento de palavras, facilita mais ou menos notavelmente, a apreensão de certos momentos romanescos, mantendo uma linguagem relativamente sóbria sem excessos nem omissões destabilizantes.

A. DILATAÇÃO DA MENSAGEM ORIGINAL¹⁴⁴

(a) Modificações diversas

Habitualmente, o aumento do número de palavras de uma sequência tem por efeito principal uma maior clareza da mensagem transmitida. Se a informação

¹⁴⁴ Ver nota 140, p. 216.

original é apresentada de forma elíptica, a tradutora opta por acrescentar termos que, por vezes, associados, a outras modificações, tornam a frase mais eficiente do ponto de vista comunicativo. A secção "dilação da mensagem original" abriga fragmentos cujas alterações não se limitam ao acrescento de uma única palavra, mas são mais abrangentes e influenciam notoriamente o ritmo, a dimensão e a compreensão das frases, assim, modificadas.

Todos os excertos seleccionados realçam o efeito esclarecedor subjacente a esta categoria de modificações. Destacamos alguns para ilustrar esta e outras finalidades deste procedimento tradutivo.

Em EC (26, 26), TN (80, 78) e C (122, 121), as frases originais apresentam expressões pouco comuns e breves que se destacam pela sua densidade semântica. A tradução francesa através do recurso a termos adicionais facilita a compreensão da mensagem ao mesmo tempo que contorna a singularidade expressiva saramaguiana.

Em EC (263, 257) e TN (56, 54), as expressões portuguesas de cariz familiar são traduzidas por frases mais extensas que são definições fiéis e pormenorizadas dos termos escolhidos por JS. Maior eficiência comunicativa, ritmo menos marcado e registo linguístico mais cuidado são os resultados desta alteração emblemática da estratégia semântica "paraphrase"¹⁴⁵ como grande parte dos exemplos pertencentes a este capítulo.

Os romances saramaguianos mostram que o autor português, por vezes, justapõe frases simples sem especificar qualquer ligação entre elas. Tais construções, para além de tornarem a compreensão da mensagem menos imediata, imprimem um ritmo vincado à frase, efeitos que se esbatem quando GL preenche as elipses do TP como se verifica nos fragmentos EC (221, 214) e C (225, 221).

Finalmente, assinalamos ocorrências em que aumento de palavras está associado à supressão de outras, ou seja, casos de compensação linguística que permitem à tradutora manter um ritmo idêntico ao da sequência saramaguiana. Os exemplos TN (157, 153) e C (196, 193) são emblemáticos deste procedimento: no primeiro fragmento, GL suprime uma informação

¹⁴⁵ "The paraphrase strategy results in a TT version that can be described as loose, free, in some contexts even undertranslated. Semantic components at the lexeme level tend to be disregarded, in favour of the pragmatic sense of some higher unit such as a whole clause." (Chesterman 1997:104)

redundante ("de costas") para acrescentar uma mais pertinente ("sur son lit"); no segundo a dificuldade de traduzir o verbo "ansiar" literalmente implica a associação do complemento adverbial "avec tant d'impatience" ao verbo "attendre" e, para manter um ritmo semelhante ao do TP, a eliminação do complemento adverbial "há tanto tempo".

- **Plebeiramente** concluindo, como não se cansa de ensinar-nos o provérbio antigo, o cego, julgando que se benzia, partiu o nariz. (EC, 26)
- Pour conclure **sur une note plébéienne**, comme ne se lasse pas de nous l'enseigner le proverbe ancien, en fuyant le loup l'aveugle a rencontré la louve. (A, 26)
- Em todo o caso, um médico tem a obrigação de saber o que diz, para isso está a faculdade, e se este aqui, além de se ter declarado cego, admite abertamente ter sido contagiado, quem é agora a mulher para duvidar, **por muito de médico que fosse**. (EC, 39)
- En tout état de cause, un médecin a l'obligation de savoir ce qu'il dit, les facultés **de médecine** existent pour cela, et si ce médecin-ci se déclare aveugle et reconnaît ouvertement qu'il a été contaminé, qui est cette femme pour en douter, **malgré tous les rudiments de médecine qu'elle possède**. (A, 38)
- Já não chove, disse a mulher do médico, Já não chove, repetiu o homem **para dentro**. (EC, 216)
- Il ne pleut plus, dit la femme du médecin, Il ne pleut plus, répéta l'homme **en s'adressant à ceux qui étaient à l'intérieur du magasin**. (A, 209)
- O corredor continuava deserto, era uma sorte, por causa do nervosismo, **da descoberta que fizera**, tinha-se esquecido de fechar a porta. (EC, 221)
- Le corridor était toujours désert, c'était une chance, car à cause de l'agitation **dont elle avait été la proie après sa découverte** elle avait oublié de fermer la porte. (A, 214)
- Cega na escuridão, foi à casa de banho, às apalpadelas levantou a tampa do autoclismo, não podia ver se realmente haveria água, havia, disseram-lho os dedos, buscou um copo, mergulhou-o, com todo o cuidado o encheu, a civilização tinha regressado às primitivas fontes **de chafurdo**. (EC, 263)

- Aveugle dans l'obscurité, elle alla dans la salle de bains, souleva à tâtons le couvercle du réservoir, elle ne pouvait voir s'il y avait vraiment de l'eau, mais ses doigts lui disaient que oui, elle chercha un verre, le plongea, le remplit soigneusement, la civilisation était retournée aux fontaines primitives **dans lesquelles pour les remplir il faut plonger les récipients.** (A, 257)
- Tentei ainda duas vezes, **E continuavam lá,** Sim. (EC, 276)
- J'ai essayé encore deux fois, **Et ces gens occupent toujours votre appartement à l'heure actuelle,** Oui, [...]. (A, 270)
- Vinte e cinco anos de quotidiana prática caligráfica sob a vigilância de oficiais zelosos e subchefes exigentes tinham-lhe valido um domínio pleno das falanges, do pulso e **da chave de mão,** [...]. (TN, 56)
- Vingt-cinq ans de pratique calligraphique quotidienne sous la vigilance d'officiers **d'administration** zélés et de sous-chefs exigeants lui avaient valu une pleine maîtrise de ses phalanges, de son poignet, **de la pince constituée par la pince et par l'index,** [...]. (TN, 54)
- Para o Sr. José, o restante deste dia foi como um penoso calvário, forçado de trabalhos, **angustiado de pensamentos.** (TN, 80)
- Pour monsieur José le reste de la journée fut un calvaire éprouvant, il **était** accablé de travail, **assailli de pensées angoissantes.** (TN, 78)
- Agora, deitado **de costas,** com as mãos cruzadas atrás da cabeça, [...]. (TN, 157)
- Couché à présent, **sur son lit,** mains croisées derrière la tête, [...]. (TN, 153)
- [...], **Não me interprete mal,** o que quis dizer é que qualquer que seja a missão de que nos encarreguem e em que considere ser necessário levar credencial, **é esse o estilo,** [...]. (TN, 255)
- [...], **Ne vous méprenez pas sur le sens de mes paroles,** j'ai simplement voulu dire que quelle que soit la mission dont on nous charge et pour laquelle une autorisation est jugée nécessaire, **celle-ci est toujours rédigée dans ce style,** [...]. (TN, 248)
- Depois de dois anos de casamento, Marta julga conhecer bem o marido que lhe calhou nesse jogo de pôr e tirar a que quase sempre se reduz a vida conjugal,

- dedica-lhe todo o seu afecto de esposa, não teria mesmo relutância, supondo que o interesse do relato exigisse **aprofundar a sua intimidade**, em usar extrema veemência ao responder que o ama, [...]. (C, 40)
- Au bout de deux ans de mariage, Marta croit bien connaître le mari qui lui a échoué en partage dans ce jeu de concessions mutuelles auquel se réduit presque toujours la vie conjugale, elle lui voue toute son affection d'épouse, elle n'hésiterait même pas, à supposer que l'intérêt du récit exigeât **une étude plus en profondeur de son intimité**, à user de véhémence extrême pour répondre qu'elle l'aime, [...]. (C, 40)
 - Se nem sequer nos lembramos do que sofremos **no trânsito do nascimento**, É aí, provavelmente, que perdemos aquela primeira de todas as memórias, Estás a devanear, dá-me um beijo. (C, 122)
 - Mais nous ne nous souvenons même pas de ce que nous avons souffert **pendant que nous étions en train de naître**, C'est à ce moment-là, probablement, que nous perdons ce premier souvenir entre tous, Tu divagues, donne-moi un baiser. (C, 121)
 - Trago-lhe aquela boa notícia por que **ansiávamos** há tanto tempo, disse a voz dele, [...]. (C, 196)
 - Je vous apporte la bonne nouvelle que nous **attendions tous avec tant d'impatience**, dit sa voix, [...]. (C, 193)
 - [...], aviso-o, porém, de que não faz parte das extravagâncias do Centro, **se algumas tem**, mandar representantes e coroas de flores aos funerais dos seus ex-fornecedores. (C, 198)
 - [...], je vous avertis toutefois qu'envoyer des représentants et des couronnes de fleurs à l'enterrement de ses ex-fournisseurs ne fait pas partie des extravagances du Centre, **si tant est qu'il se livre à pareilles pratiques**. (C, 195)
 - [...], pela primeira vez na história das diversas criações do universo mundo ficou o próprio criador a conhecer os tormentos que nos aguardam na vida eterna, **por eterna ser, não por ser vida**. (C, 225)
 - [...], pour la première fois dans l'histoire des diverses créations de l'univers-monde le créateur lui-même éprouva les tourments qui nous attendent dans la vie

éternelle, **non pas parce qu'elle est vie, mais parce qu'elle est éternelle.** (C, 221)

(b) Verbo – Perífrase verbal

Separámos esta subcategoria dos restantes exemplos por ser frequente um verbo do TP ser traduzido por uma perífrase verbal no TC. Esta modificação provém de duas causas principais: a inexistência em francês de um verbo único que corresponda ao verbo original ou o facto da perífrase ser mais comum para o público alvo.

- Não é preciso, não se **incomode**, disse, eu fico bem, e repetiu enquanto ia fechando a porta lentamente, Não é preciso, não é preciso. (EC, 15)
- Ce n'est pas nécessaire, ne **vous donnez pas cette peine**, dit-il, je me débrouillerai, et il répéta en refermant lentement la porte, Ce n'est pas nécessaire. (A, 15)
- [...], Sentimo-los mais porque estamos lavados, disse a mulher do primeiro cego, e o marido **concordou**, embora **suspeitasse** de que tinha apanhado um resfriamento com o banho de água fria. (EC, 271)
- Nous sentons plus ces odeurs parce que nous sommes propres, dit la femme du premier aveugle, et son mari **fut d'accord**, bien qu'il **eût l'impression** d'avoir attrapé un refroidissement à cause du bain d'eau froide. (A, 266)
- [...], e depois, munidos da respectiva guia de marcha, preenchida pelo auxiliar de escrita a quem calhou o defunto, **metem-se** num dos carros de serviço que esperam no parque de estacionamento, [...]. (TN, 219)
- [...], puis, munis de leur feuille de route dûment remplie par le préposé aux écritures à qui le défunt échoit, ils **prennent place** dans un des véhicules de service garés dans le parc de stationnement [...]. (TN, 213)
- O Sr. José **respirou** de alívio, tinha, enfim, o caminho aberto para entrar na matéria, [...]. (TN, 257)
- Monsieur José **poussa un soupir** de soulagement, il pouvait enfin aborder le vif du sujet, [...]. (TN, 249)

- Nesta altura o pensamento de Cipriano Algor tentou desviar-se para Marta, parecia que a ia **responsabilizar** outra vez pelas fantasias que lhe andavam a dar volta à cabeça [...]. (C, 88)
- La pensée de Cipriano Algor tenta alors de se porter sur Marta qu'elle semblait de nouveau vouloir **rendre responsable** des idées folles qui lui trottaient dans la tête, [...]. (C, 90)
- Não te sentes bem, perguntou o pai, **assomando-se** à porta, [...]. (C, 323)
- Tu ne te sens pas bien, demanda son père **en passant la tête par** l'encadrement de la porte, [...]. (C, 322)

B. FRASE SIMPLES/ COMPLEMENTO/ SINTAGMA NOMINAL...

Os fragmentos aqui reunidos apresentam modificações de efeitos semelhantes aos anteriormente evocados.

Em EC (147,142), a resposta dada pelo médico no TC é mais clara e segura, apesar das dúvidas assinaladas posteriormente. O segmento "j'en serais capable" acentua a determinação tal como a angústia da personagem.

Nos excertos EC (282, 275), TN (15,15), TN (154, 150) e C (133, 133), a introdução de relativas desloca a sequência para um registo linguístico mais cuidado sem elipses semânticas habituais no discurso oral. Para além do mais, a relativa introduzida, em EC (282, 275), funciona como uma definição pormenorizada da palavra "ficheiro" que consta do original.

Os diálogos de JS são, por vezes, de compreensão difícil, posto que as falas se sucedem sem que a tipografia auxilie o leitor. A introdução de "dit la femme", em TN (256, 248), informa-nos directamente de que personagem provém a frase em questão e encadeia-se logicamente com os movimentos ulteriores da mãe da mulher desconhecida.

No exemplo C (130, 130), a fórmula elíptica e oral de JS torna-se mais compreensível devido ao recurso a uma comparação por parte de GL.

Finalmente, em C (313, 311), JS opta por um verbo de elocução que contém a reacção de Marçal às palavras de Cipriano Algor. A tradutora substituiu este

verbo por um mais comum e associa-o ao complemento adverbial "d'un ton dubitatif" para manter presente a incredulidade da personagem.

- [...], Vamos supor que realmente conseguia tirar-lhe a arma, o que não acredito é que fosse capaz de a usar, Se tivesse a certeza de que poderia resolver a situação, sim, Mas não tem a certeza, Não, de facto não tenho, Então vale mais que as armas estejam do lado deles, pelo menos enquanto não nos atacarem com elas, [...]. (EC, 147)
- [...], A supposer que vous ayez vraiment réussi à lui arracher son arme, je ne crois pas que vous seriez capable de l'utiliser, Si j'avais la certitude que cela nous permette de sortir de cette situation, oui, **j'en serais capable**, Mais vous n'en avez pas la certitude, Non, en effet, je ne l'ai pas, Alors il vaut mieux que les armes soient dans leur camp à eux, en tout cas aussi longtemps qu'ils ne s'en serviront pas pour nous attaquer, [...]. (A, 141)
- Está tudo revolvido, papéis pelo chão, as gavetas do ficheiro foram levadas, Devem ter sido os do ministério, para não perderem tempo a procurar, [...]. (EC, 282)
- Tout est sens dessus dessous, il y a des papiers par terre, les tiroirs des casiers où tu rangeais tes fiches ont été emportés, C'est sans doute les gens du ministère, pour ne pas perdre de temps à chercher, [...]. (A, 275)
- O chefe da Conservatória Geral, [...], decidiu fazer vista grossa aos estragos, oficialmente atribuídos aos ratos, [...]. (TN, 15)
- Le chef du Conservatoire général, [...], décida de fermer les yeux sur les ravages, **qui furent** officiellement attribués aux souris, [...]. (TN, 15)
- [...], Pode ser que não lhe interesse, respondeu, mas é a obrigação da escola fazer tudo para que o diploma seja entregue [...]. (TN, 154)
- [...], Peut-être que cela ne l'intéresse pas, répondit-il, mais l'école a l'obligation de faire tout **ce qui est en son pouvoir** pour que le diplôme lui soit remis, [...]. (TN, 150)
- [...], Quer um copo de água, perguntou a mulher, Se não é muito incómodo, Ora essa, a mulher levantou-se e saiu, [...]. (TN, 256)

- [...], Voulez-vous un verre d'eau, demanda la femme, Si cela ne vous dérange pas trop, Pensez-vous, **dit la femme**, qui se leva et quitta la pièce. (TN, 248)
- A razão é que há coisas que só podem ser ditas para baixo, [...]. (C, 130)
- La raison c'est qu'il y a des choses qui ne peuvent être dites qu'à **plus bas que soi**, [...]. (C, 130)
- Tão raro é este mágico dom como aquele outro, noutra lugar falado, de ver o interior dos corpos através do saco de pele que os envolve. (C, 133)
- Ce don magique est aussi rare que cet autre **dont il a été** parlé ailleurs **et qui consiste** à voir l'intérieur des corps à travers le sac de peau qui les entoure. (C, 133)
- Um sol no vestiário, **duvidou Marçal**, [...]. (C, 313)
- Le soleil dans le vestiaire, **s'exclama Marçal d'un ton dubitatif**, [...]. (C, 311)

C. VERBO

A solicitação indirecta de uma colaboração mais activa do leitor e a contribuição para uma cadência acelerada são dois dos principais efeitos da ausência de verbo no texto português.

Os exemplos seleccionados revelam a tendência da tradutora para tornar patente uma informação subentendida no TP. O ritmo suaviza-se e a frase traduzida insere-se num registo de linguagem mais cuidado do que a original. De notar, no fragmento EC (97, 93), a pequena alteração semântica que ocorre devido à introdução do verbo "empêcher": no TP fica claro que as calças já "roçaram o chão nojento", enquanto que no TC o verbo acrescentado sugere que a intervenção da personagem impede que tal aconteça. A trágica situação vivida pelo médico é levemente amortecida em francês.

- Sentiu-se infeliz, desgraçado a mais não poder, ali com as pernas arqueadas, amparando as calças que roçavam no chão nojento, cego, cego, cego, e, sem poder dominar-se, começou a chorar silenciosamente. (EC, 97)

- Il se sentit malheureux, on ne peut plus misérable, jambes arquées, retenant son pantalon pour **l'empêcher** de frôler le sol immonde, aveugle, aveugle, aveugle, et incapable de se dominer il se mit à pleurer silencieusement. (A, 93)
- Por detrás do portão havia uma luz, sobre ela a silhueta negra de um soldado. (EC, 154)
- Derrière le portail il y avait une lumière contre laquelle **se détachait** la silhouette noire d'un soldat. (A, 148)
- As pessoas famosas da sua coleção, por onde quer que andem, têm sempre um jornal ou uma revista a seguir-lhes a pista e a fungar-lhes o cheiro para mais uma fotografia, para mais uma pergunta, [...]. (TN, 55)
- Il y a toujours un journal ou une revue pour suivre à la trace les personnages célèbres de sa collection, où qu'elles aillent, pour leur **soutirer** une photo de plus, pour leur **poser** une question supplémentaire, [...]. (TN, 54)
- [...], o Sr. José assistia com prazer, quase com entusiasmo, ao exercício de capacidades inventivas que nunca imaginara ter, tão seguro de si que não se deixou atrapalhar pela pergunta do farmacêutico, [...]. (TN, 154)
- [...], monsieur José assistait avec plaisir, presque avec enthousiasme, à l'envol d'une inventivité qu'il ne se connaissait pas, il **était** si sûr de lui qu'il ne se laissa pas désarçonner par la question du pharmacien, [...]. (TN, 150)
- Sentia-se exausto, todo o dia a andar de um lado para outro, emoções todo o dia, agora este choque para rematar. (TN, 275)
- Il se sentait épuisé, il **avait passé** toute la journée à galoper d'un endroit à l'autre, il **avait eu** des émotions toute la journée, et maintenant ce choc pour couronner le tout. (TN, 267)
- Subiam à rua quando o dia aclarava para tomar um café, pão e algum conduto, uma aguardente nas manhãs húmidas e frias, depois deixavam-se ficar por ali, praticando uns com os outros, até dez minutos antes de se abrirem as portas, [...]. (C, 19)
- Ils montaient dans la rue quand il commençait à faire jour pour boire un café, **manger** un sandwich, **avalier** une eau-de-vie quand le matin **était** humide et froid,

puis ils restaient là à bavarder tous ensemble jusqu'à dix minutes avant l'ouverture des portes. (C, 19)

- Observo-lhe que está a repetir palavras que ouviu de mim ontem, [...]. (C, 130)
- Je vous ferez remarquer que vous répétez une formule que vous m'avez entendu **employer** hier, [...]. (C, 130)
- [...] às vezes não são suficientes as lágrimas que já chorámos, temos de pedir-lhes por favor que continuem. (C, 348)
- [...], parfois les larmes versées ne suffisent pas, il faut les implorer de bien vouloir continuer à **couler**. (C, 345)

D. PRONOME

Observamos nos fragmentos escolhidos para ilustrar esta secção que, para além de clarificar uma mensagem, a introdução de um pronome pode ter outros efeitos na sequência que integra.

No fragmento EC (75, 74), para evitar uma informação parcial e uma sequência pouco comum em língua francesa, GL prefere recorrer à repetição do pronome "elle".

Em EC (90, 87), a tradução francesa é mais explícita e tranquilizante porque o pronome "nous" enfatiza a segurança em que se encontra o grupo em questão. O acrescento do pronome e de outros termos, dilui o compasso sincopado do texto saramaguiano proveniente da justaposição de frases curtas.

A expressão saramaguiana "pode informar", em TN (222, 216), é mais abrupta do que a frase em língua francesa. Através da introdução do pronome pessoal "lui" e da substituição do verbo "informar" pela perífrase "donner ce renseignement", GL suaviza a frase, eliminando alguma da sua formalidade burocrática.

Em C (84, 85), é a dificuldade que representa a tradução do adjectivo "alheios" em francês que implica o recurso ao pronome "ceux" e à preposição "de".

No exemplo C (347, 344), a introdução do pronome tónico "eux" dá ênfase ao facto de que Marçal não foi o único a despedir-se. Esta forma de destacar um sujeito é muito comum em língua francesa.

- O diálogo interior pareceu querer recomeçar, Era, Não era, Era, Não era, mas o Sr. José não lhe deu ouvidos desta vez, [...]. (EC, 75)
- Le dialogue intérieur sembla vouloir reprendre, C'était **elle**, Ce n'était pas **elle**, C'était **elle**, Ce n'était pas **elle**, mais cette fois monsieur José n'y prêta pas oreille [...]. (A, 74)
- Estão mortos, não podem fazer nada, disse alguém, a intenção era tranquilizar-se a si mesmo e aos outros, [...]. (EC, 90)
- Ils sont morts, ils ne peuvent rien **nous** faire, dit une personne dans l'intention de se rassurer elle-même et de rassurer les autres, [...]. (A, 87)
- A mulher do médico olhou em redor, o que ainda houvesse de aproveitável estava a ser disputado no meio de socos, [...]. (EC, 219)
- La femme du médecin regarda autour d'**elle**, ce qu'il y avait encore de mangeable était disputé avec des coups, [...]. (A, 213)
- [...], não teve dúvidas de que tinha dito, Pode informar. (TN, 222)
- [...] il eut la certitude qu'il avait dit, Vous pouvez **lui** donner ce renseignement. (TN, 216)
- O que este barro esconde e mostra é o trânsito do ser no tempo e a sua passagem pelos espaços, os sinais dos dedos, [...] os ossos próprios e alheios, os caminhos que eternamente se bifurcam e se vão distanciando e perdendo uns dos outros. (C, 84)
- Ce que cette glaise cache et montre, c'est le cheminement de l'être dans le temps et son parcours dans les espaces, les marques des doigts, [...] ses propres ossements et **ceux** d'autrui, les chemins qui éternellement bifurquent, s'éloignent les uns des autres et se perdent de vue. (C, 85)
- [...], e Marçal respondeu, Não sei se foi o melhor ou o pior, fiz o que devia ser feito, e não fui o único, também se demitiram outros dois colegas, [...]. (C, 347)
- [...], et Marçal répondit, Je ne sais pas si c'est le mieux ou le pire, j'ai fait ce qu'il fallait faire et je n'ai pas été le seul, deux autres collègues ont **eux** aussi démissionné, [...]. (C, 344)

E. ADVÉRBIO

Em EC (11, 11) e TN (102, 99), o advérbio "bien" é visivelmente acrescentado pelo seu valor expressivo e não pelo seu valor semântico. O advérbio "bien" é frequentemente introduzido por GL em sequências idênticas, dando lugar a construções habituais no universo linguístico francês.

Em EC (306, 299), deparamo-nos com uma compensação: no TP a frase clivada "É o que deverias fazer" reforça o conselho da personagem, mas GL prefere suprimi-la e acrescentar um advérbio de significado idêntico que fomenta a aproximação do texto ao público alvo.

Em TN (269, 261), o advérbio "toujours" reforça a ideia transmitida pelo verbo "pouvoir" no futuro do indicativo através de uma fórmula muito comum em língua francesa. GL mantém, assim, uma construção idêntica à original, aproximando subtilmente o relato dos hábitos linguísticos dos leitores franceses.

Em C (85, 86), a introdução do advérbio "aussi" aproxima o cão dos donos e faz do animal um dos proprietários da casa. Na frase saramaguiana, existe uma ambiguidade: a leitura de uma forte arrogância por parte de um animal de estimação, que se outorga sem reservas os bens dos seus donos, é plausível. Esta hesitação interpretativa entre afecto e prepotência vê-se desfeita pela opção de GL que antecipa, assim, a digressão sobre o sentimento de propriedade canino com que se prossegue o relato.

Em C (347, 345), em vez de utilizar o participio passado "venue" que se aproximaria sintáctica e semanticamente da sequência original, GL prefere recorrer ao advérbio "là" que do ponto de vista informativo é mais eficiente.

- [...], o acelerador solto, a alavanca da caixa de velocidades que se encravou, ou uma avaria do sistema hidráulico, blocagem dos travões, falha do circuito eléctrico, [...]. (EC, 11)
- [...], l'accélérateur qui a lâché, le levier de changement de vitesse qui s'est coincé, ou **bien** une défaillance du système hydraulique, un blocage des freins, une interruption électrique, [...]. (A, 11)

- [...] Vi tudo escuro, julguei que tinha adormecido, e afinal não, estou acordado, É o que deverias fazer, dormir, não pensar nisso. (EC, 306)
- [...], J'ai vu tout sombre, j'ai cru que je m'étais endormi, mais non, je suis éveillé, Tu devrais dormir, **justement**, ne plus penser à ça. (A, 299)
- Pela lógica, teria [posto médico] de estar instalado no rés-do-chão, [...]. Acertou. (TN, 102)
- Logiquement, il [le service médical] devrait être installé au rez-de-chaussée, [...]. Il avait **bien** deviné. (TN, 99)
- [...], se o prédio tem porteira e ela é das que põem o nariz de fora ao menor ruído, que explicação dará, poderá dizer que está ali com autorização dos pais da senhora que se suicidou, [...]. (TN, 269)
- [...], car quelle explication donnera-t-il s'il y a une concierge dans l'immeuble et si elle est du genre à mettre le nez dehors au moindre bruit, il pourra **toujours** dire qu'il est là avec l'autorisation des parents de la dame qui s'est suicidée, [...]. (TN, 261)
- Apesar de estar aqui há poucos dias, não tem dúvidas de que a casa dos donos é a sua casa, mas o seu sentido de propriedade, por incipiente, ainda não o autoriza a dizer, olhando em redor, Tudo isto é meu. Aliás, um cão, seja qual for o tamanho, a raça e o carácter, jamais se atreveria a pronunciar palavras tão brutalmente possessivas, [...]. (C, 85)
- Bien qu'il soit ici que depuis peu, il ne doute pas que la maison de ses maîtres soit **aussi** la sienne, mais son sens encore rudimentaire de la propriété ne l'autorise pas à dire, quand il regarde autour de lui, Tout ça m'appartient. D'ailleurs, un chien, quels que soient sa taille, sa race et son caractère, ne se hasarderait jamais à prononcer des paroles aussi brutalement possessives, [...]. (C, 86)
- [...], e mesmo assim sinto-me como se tivesse vindo à experiência, [...]. (C, 347)
- [...] et je me sens comme si j'étais là à l'essai, [...]. (C, 345)

F. SUBSTANTIVO

A introdução de substantivos favorece, amiúde, a precisão de uma mensagem sem alterar significativamente o seu conteúdo.

Em EC (93, 90), o substantivo "impatience" introduzido por GL define de forma mais específica o sentimento que predomina num grupo de cegos enquanto se desenrola a distribuição de comida. O substantivo escolhido pela tradutora é menos vago do que "ansiedade" cujo significado é transposto para o adjectivo "anxieuse", e coaduna-se com a situação pontual que está a ser relatada.

No fragmento EC (146, 140), apesar de se deduzir do contexto que as caixas contêm alimentos, a frase francesa contorna uma possível ambiguidade semântica ao acrescentar o complemento do nome "de nourriture". Os fragmentos TN (12, 12) e TN (275, 268) reproduzem ocorrências idênticas.

Em C (77, 77), a frase original é toda ela mais elíptica do que a sua tradução como o comprova, desde o início, a substituição do imperativo "vamos" pela fórmula sem verbo, mas mais explícita "au travail". O acrescento do determinante possessivo "nos" enfatiza o empenho carinhoso de Cipriano Algor neste trabalho e a introdução do substantivo "personnages" lembra quais os objectos da escolha em questão.

Finalmente, em C (88, 89), deparamo-nos com a introdução do nome da personagem, "Isaura", evocado anteriormente e, aqui, lembrado, favorecendo, assim, uma melhor compreensão da narrativa. O acrescento do substantivo "mois" confirma que GL prefere a repetição à eventualidade de uma recepção parcial da mensagem. Para além do mais, a tradutora elimina alguns elementos da frase original e compensa, numa certa medida, esta opção pela recorrência do substantivo.

- Mas a ansiedade de uns quantos cegos menos esclarecidos veio a complicar o que em normais circunstâncias teria sido cómodo, [...]. (EC, 93)
- Mais l'**impatience** anxieuse de plusieurs aveugles mal informés vint compliquer ce qui eût été commode dans des circonstances normales, [...]. (A, 90)
- No fim, foram colocadas três caixas em cima da cama, Levam isso, disse, o da pistola. (EC, 146)

- A la fin, trois caisses **de nourriture** furent posées sur le lit, Prenez ça, dit l'homme au pistolet. (A, 140)
- Estas pertencem aos oficiais. (TN, 12)
- Celles-ci appartiennent aux officiers **d'administration**. (TN, 12)
- Antes que a mãe da criança tivesse tempo de responder, uma voz de homem perguntou de dentro, [...]. (TN, 275)
- Avant que la mère du bébé ait le temps de répondre, une voix d'homme demanda de l'intérieur **de l'appartement**, [...]. (TN, 268)
- Vamos então, disse, eu escolho um, tu escolhes outro, até termos seis, mas atenção levando sempre em conta a facilidade do trabalho [...]. (C, 77)
- Alors, au travail, dit-il, j'en choisis un, tu en choisis un autre, jusqu'à ce que nous ayons nos six **personnages**, mais attention, en prenant toujours en considération la facilité du travail [...]. (C, 77)
- Era apenas mais uma viúva na povoação, outra mulher para andar vestida de luto carregado durante seis meses, a que outros seis de luto aliviado se haveriam de seguir, [...]. (C, 88)
- **Isaura** était juste une veuve de plus dans ce village, une femme de plus à porter le grand deuil pendant six mois, puis le demi-deuil pendant les six **mois** suivants, [...]. (C, 89)

G. DETERMINANTE

Os determinantes são elementos gramaticais discretos cujos efeitos são mais rítmicos e sintáticos do que propriamente semânticos, apesar da sua introdução também poder funcionar como ênfase de determinadas informações.

Em EC (11, 11), a introdução dos determinantes inscreve a sequência no registo escrito devido a uma enumeração sem elipses morfossintáticas que reforça a coerência e coesão estruturais. Algo semelhante ocorre no exemplo C (129, 128) no qual a telegráfica frase saramaguiana é traduzida numa linguagem mais cuidada devido à introdução do determinante "la".

Em TN (87, 85), o recurso a "aucun" reforça a mensagem da frase original, tal como sucede em TN (271, 264) em que o determinante associado à preposição ("d'autres") salienta a informação contida no advérbio "encore": algumas gavetas já foram revistadas, outras terão de o ser.

A precisão é a função primordial do demonstrativo "ces" [C (304, 301)] que especifica as discussões a que se refere a personagem.

- [...], o acelerador solto, a alavanca da caixa de velocidades que se encravou, ou uma avaria do sistema hidráulico, blocagem dos travões, falha do circuito eléctrico, [...]. (EC, 11)
- [...], l'accélérateur qui a lâché, le levier de changement de vitesse qui s'est coincé, ou bien une défaillance du système hydraulique, **un** blocage des freins, **une** interruption électrique, [...]. (A, 11)
- Convencera-se de que não havia guarda dentro, em primeiro lugar pela ausência de luz, [...]. (TN, 87)
- Il était convaincu qu'il n'y avait **aucun** garde à l'intérieur, tout d'abord à cause de l'absence de lumière, [...]. (TN, 85)
- O Sr. José diz a si mesmo que ainda há gavetas para examinar, as da cómoda, onde se costumam guardar as roupas mais íntimas [...]. (TN, 271)
- Monsieur José se dit qu'il y a encore d'**autres** tiroirs à examiner, ceux de la commode où d'habitude on range le linge de corps, [...]. (TN, 264)
- [...], do outro lado alguém, secretária ou telefonista, perguntou, [...]. (C, 129)
- [...], à l'autre bout du fil quelqu'un, **la** secrétaire ou **la** téléphoniste, demanda, [...]. (C, 128)
- [...], Estou cansado de discussões, farto até à ponta dos cabelos, [...]. (C, 304)
- [...] Je suis fatigué de **ces** discussions, j'en ai plein le dos, [...]. (C, 301)

H. CONJUNÇÃO "ET"

O acrescento da conjunção "et" tem, sobretudo, efeitos estruturais como se observa nos fragmentos transcritos. A introdução desta conjunção, tal como a

de outras, inscreve-se na estratégia sintáctica denominada "cohesion change"¹⁴⁶, porque reforça a coesão entre diferentes elementos de uma determinada frase.

Em EC (139, 133), temos uma longa enumeração de verbos de ritmo mais lento no TC devido à introdução de duas conjunções de coordenação que, ao abrandarem a cadência frásica, também, salientam a relação causa-efeito existente entre algumas das acções mencionadas. Os fragmentos TN (64, 62) e TN (230, 224) apresentam situações idênticas. No segundo destes exemplos, a eliminação do advérbio "já" é compensada pela introdução da conjunção "et" que sublinha de forma mais acentuada a relação entre o cair da noite e o sentimento de desorientação do Sr. José.

Em C (42, 42), a conjunção "et" associada à expressão "pis encore" destaca o argumento que se segue. Para além do mais, é muito comum, em francês e em português, encontrarmos a conjunção associada a esta expressão.

No fragmento C (71, 72), as duas conjunções de coordenação estruturam a frase ao estabelecerem conexões entre elementos de categoria idêntica: a primeira permite a GL de tornar coesa a qualificação do substantivo "processo" e a segunda coordena as duas relativas. Ambas as conjunções servem de pontos de orientação para uma leitura mais fluente.

- [...], perda de todo a orientação tropeçavam uns nos outros, caíam, levantavam-se, tornavam a cair, alguns nem o tentavam, desistiam, deixavam-se ficar prostrados no chão, exaustos, míseros, torcidos de dores, com a cara no lajedo. (EC, 139)
- [...], ils avaient complètement perdu le sens de l'orientation et trébuchaient les uns sur les autres, tombaient, se relevaient, tombaient de nouveau, certains n'essayaient même pas de se relever, ils renonçaient et restaient prostrés par terre, épuisés, malheureux, tordus de douleurs, la figure sur les dalles. (A, 133)
- [...], e quando as decisões são tão graves como esta parece ter sido, não surpreenderia até que alguém tivesse pensado que é preciso ser-se cego para comportar-se desta maneira, o silêncio ainda é o melhor aplauso. (EC, 292)

¹⁴⁶ "A cohesion change is something that affects intra-textual reference, ellipsis, substitution, pronominalization and repetition, or the use of connectors of various kinds." (Chesterman 1997:98)

- [...], et quand les décisions sont aussi graves que celle-ci semble l'être, il ne serait pas surprenant que quelqu'un eût même pensé qu'il faut être aveugle pour se comporter ainsi, **et le silence est encore le meilleur applaudissement.** (A, 285)
- [...], O mais comum no casamento é ver-se o homem ou a mulher, ou ambos, cada um por seu lado, a querer destruir esse terceiro que eles são, esse que resiste, esse que quer sobreviver seja como for, [...]. (TN, 64)
- [...], D'habitude, dans le mariage, l'homme ou la femme, ou tous les deux, chacun de son côté, s'ingénient à détruire cette tierce personne qu'ils constituent, laquelle résiste **et s'efforce de survivre à tout prix,** [...]. (TN, 62)
- Quando chegou enfim ao departamento dos suicidas, já com o céu peneirando as cinzas ainda brancas do crepúsculo, pensou que se havia enganado de orientação, ou que o mapa estava mal desenhado. (TN, 230)
- Quand il arriva enfin à la zone des suicidés, le ciel se mouchetait des cendres encore blanches du crépuscule **et il crut s'être trompé de direction ou que le plan était mal dessiné.** (TN, 224)
- [...], filha desnaturada, diriam de mim os vizinhos, pior do que isso, diria eu de mim mesma, [...]. (C, 42)
- [...], quelle fille dénaturée, diraient de moi les voisins, **et pis encore, je le dirais de moi-même,** [...]. (C, 42)
- [...], o princípio é um processo lentíssimo, demorado, que exige tempo e paciência para se perceber em que direcção quer ir, que tenteia o caminho como um cego, [...]. (C, 71)
- [...], le commencement est un processus très lent **et très long qui exige du temps et de la patience, de façon à pouvoir découvrir dans quelle direction il veut s'engager et qui tâtonne comme un aveugle,** [...]. (C, 72)

H'. CONJUNÇÃO (OUTRAS)

O acrescento de conjunções, como verificámos anteriormente, tende a estruturar frases saramaguianas que se distinguem pela justaposição de elementos sem conexões nítidas entre eles. Os fragmentos que se seguem

mostram que a conjunção acrescentada, para além de abrandar o ritmo, promove a clareza semântica ao tornar concreta a ligação morfossintáctica existente entre as várias componentes da frase.

Destacamos o exemplo C (301, 298) em que o acrescento de uma conjunção de coordenação associado ao de uma frase clivada enfatiza o sentimento de incompreensão que paira sobre a despedida de Isaura e Cipriano.

- [...], Esse, sim, comerá do que os outros derem, é justo o que alguém disse, de cada um segundo as suas possibilidades, a cada um segundo as suas necessidades. (EC, 142)
- [...], Celui-là, en revanche mangera de ce que les autres donneront, **car** comme a dit très justement quelqu'un, à chacun selon ses possibilités, à chacun selon ses besoins. (A, 136)
- [...], nessa altura já não a surpreenderá descobrir como, chegada a ocasião, até os bons podem tornar-se duros e prepotentes, [...]. (TN, 58)
- [...], alors il ne sera plus surpris de découvrir comment, **si** l'occasion se présente, même les bons peuvent devenir durs et arrogants, [...]. (TN, 56)
- [...], essa palavra piquete, julga ele, é a gazua que lhe abrirá todas as portas , e afinal não parecia ir fora de razão, do lado de lá estão a responder-lhe que sim senhor, venha quando quiser, [...]. (TN, 251)
- [...], il croit que ces mots, service de garde, sont le passe-partout qui lui ouvrira toutes les portes, et finalement ce n'était pas si extravagant que cela, apparemment, **car** à l'autre bout on lui répond, Mais oui, monsieur, venez quand vous voudrez, [...]. (TN, 243)
- [...], leva a camisa sobriamente fechada, sem gravata. (C, 11)
- [...], avec une chemise au col sobrement fermé, **mais** sans cravate. (C, 11)
- [...], poderia ser interpretado malevolamente como uma falta de respeito, e até dar ocasião, no caso de famosos vivos, ou de mortos famosos com herdeiros interessados e vigilantes, a ruinosos processos judiciais por ofensas, danos morais e abuso de imagem. (C, 76)
- [...] pourrait être interprété avec malveillance comme constituant un manque de respect et même donner lieu, dans le cas de vivants célèbres ou de morts

célèbres, **mais** dotés d'héritiers intéressés et vigilants, à de ruineux procès pour injure, préjudice moral et abus d'image. (C, 76)

- Assim nos despedimos, perguntou Isaura, [...]. (C, 301)
- C'est **donc** ainsi que nous nous disons adieu, demanda Isaura, [...]. (C, 298)

I. PREPOSIÇÃO

Os efeitos subjacentes à introdução de preposições não diferem dos que têm vindo a ser mencionados, sendo a estruturação da mensagem e a coesão de certos elementos os mais notáveis.

A preposição repetida em EC (137, 131) tem um efeito esclarecedor ao permitir uma exposição clara da forma como se orientam os cegos aquando da distribuição de alimentos.

Em EC (217, 210), a alteração de tempos verbais (presente: "dão"→ imperfeito: "étaient"), a eliminação do advérbio "sempre", a introdução da conjunção de coordenação "mais" e da preposição "avec" favorecem a clareza semântica e sintáctica. A frase francesa caracteriza-se, assim, por uma linguagem mais formal e explícita do que a da sequência original.

O acréscimo de preposições aparece muitas vezes associado ao de substantivos que preenchem elipses saramaguianas como se verifica no fragmento TN (70, 70). De notar que a introdução do complemento do nome "des yeux" é compensada ritmicamente pela eliminação do complemento adverbial "de lá".

No exemplo TN (107, 105), a introdução de preposições associa-se à de artigos definidos para concretizar a ligação destes à perífrase verbal "acquérir une connaissance". Acresce que o complemento adverbial de tempo "de noite" do TP, que levanta alguma incerteza quanto à função gramatical dos elementos seguintes, passa a complemento do nome no TC, o que resulta numa maior coesão e estabilidade semântica dos constituintes frásicos. Estas opções de GL aproximam, mais uma vez, o relato do registo escrito, tal como acontece em C (227, 223) em que a preposição "entre" coloca o fragmento traduzido num nível de língua mais cuidado do que o original.

Finalmente, em C (302, 299), a frase saramaguiana é toda ela mais elíptica e menos clara do que a respectiva tradução, nomeadamente devido a uma certa ambiguidade quanto ao sujeito do verbo "resignar-se". Na frase em língua francesa, o recurso ao verbo impessoal "falloir" e a introdução da preposição "devant" tornam o acesso à mensagem mais imediato.

- [...], com a experiência haviam estabelecido ali um modo bastante cómodo de fazer a distribuição, começavam por levar a comida toda para o fundo da camarata, [...], e aí é que iam buscar, aos dois de cada vez, principiando pelas camas mais perto da entrada, um direito um esquerdo, dois direito dois esquerdo, e assim sucessivamente, sem zangas nem atropelos, [...]. (EC, 137)
- [...], fort de leur expérience ils avaient établi un mode de distribution assez commode, ils commençaient par apporter toute la nourriture au fond du dortoir [...], et ils allaient la chercher là, deux par deux, en commençant par les lits les plus près de l'entrée, un à droite, un à gauche, deux à droite, deux à gauche, et ainsi de suite, sans bousculade ni prise de bec, [...]. (EC, 131)
- [...], duas das mulheres levavam casacos compridos de peles, guarda-chuvas é que não se viam, provavelmente pelo incómodo que dão, sempre as varetas a ameaçar os olhos. (EC, 217)
- [...], deux femmes étaient vêtues de longs manteaux de fourrure, mais on ne voyait pas de parapluie, sans doute parce qu'ils étaient malcommodes avec leurs baleines qui vous menaçaient les yeux. (A, 210)
- [...], o Sr. José esticando e virando o pescoço, a mulher seguindo-lhe de lá o movimento, ela porventura a perguntar-se, Quem será este, ele a responder-se , É ela. (TN, 70)
- [...], monsieur José étirant et tournant le cou, la femme suivant son mouvement **des** yeux, se demandant peut-être, Qui est ce type, lui se répondant à lui-même, C'est elle. (TN, 70)
- [...], o Sr. José, depois dos anos de Conservatória Geral que leva, adquiriu um conhecimento de noite, sombra, escuro e treva que acabou por compensar a sua timidez natural [...]. (TN, 107)

- [...], monsieur José, après toutes ces années passées au Conservatoire général, a acquis une connaissance de la nuit, de l'ombre, de l'obscurité et des ténèbres qui a fini par contrebalancer sa timidité naturelle [...]. (TN, 105)
- Quanto a imaginar como é possível juntarem-se em uma pessoa sentimentos tão contrapostos como, no caso que temos vindo a apreciar, [...] é uma tarefa que muitas vezes foi empreendida no passado e em que cada uma delas se resignou, como um horizonte que se vai incessantemente deslocando, [...]. (C, 302)
- Quant à imaginer comment peuvent se conjoindre en une même personne comme nous venons de le voir des sentiments aussi opposés [...] voilà une tâche qui a souvent été entreprise dans le passé et à chaque fois il a fallu se résigner, comme devant un horizon qui sans cesse se déplace, [...]. (C, 299)
- [...], isto é, seiscentos bonecos de origens, características e situações diferentes, três deles, o bobo, o palhaço e a enfermeira, [...]. (C, 227)
- [...], c'est-à-dire six cents figurines d'origines, caractéristiques et situations sociales différentes, trois d'entre elles, le bouffon, le clown et l'infirmière, [...]. (C, 223)

J. ADJECTIVO

A introdução de adjetivos é outra das formas de que dispõe GL para que algumas frases saramaguianas integrem, aquando da tradução francesa, um registo linguístico mais explícito e formal.

No fragmento TN (265, 257), a tradutora recorre a dois adjetivos que especificam a informação transmitida, no TP, através de variações temporais sobre o verbo “ser”.

Em C (43, 43), a densidade semântica do adjetivo “arrastadas” de difícil tradução em língua francesa, implica o recurso a dois adjetivos por parte de GL.

Em C (232, 228), o adjetivo “propres” enfatiza uma informação já contida no possessivo “ses”. Para além disso, a associação destes dois termos é frequente em francês como em português. Algo semelhante ocorre no exemplo TN (34, 33), em que a introdução do adjetivo “bon” resulta numa sequência muito comum no universo linguístico francês.

Os adjectivos acrescentados nos fragmentos EC (67,65) e EC (155, 149) não têm um efeito semântico notável, mas permitem à tradutora dotar a sequência de uma clareza própria do registo escrito. No exemplo EC (155, 149), a passagem a uma sequência mais formal é consolidada pela introdução do verbo “être” ausente do texto original.

- É contudo certo que nem todas estas afinidades se tornarão explícitas e conhecidas, seja por falta de ocasião, seja porque nem se imaginou que pudessem existir, [...]. (EC, 67)
- Il est néanmoins certain que ces affinités ne deviendront pas toutes explicites ni du domaine public, soit faute d'une occasion **appropriée**, soit que personne n'imaginât l'existence de ces affinités, [...]. (A, 65)
- Também aqui há cegos a dormirem no chão, mais do que na ala direita. (EC, 155)
- Ici aussi des aveugles dorment à même le sol, ils sont plus **nombreux** que dans l'aile droite. (A, 149)
- [...], e que ele, como funcionário consciente, tinha o dever estrito de respeitar e fazer render. (TN, 34)
- [...], et que lui, en **bon** fonctionnaire consciencieux, avait le strict devoir de respecter et d'utiliser aussi parcimonieusement que possible. (TN, 33)
- Como professores, nada, mas com as pessoas que eles são ou foram, Explique-se, por favor, Andamos a trabalhar numa investigação sobre o fenómeno do suicídio, [...]. (TN, 265)
- En tant que professeurs, rien, mais en tant que personnes, oui, qu'elles soient **vivantes** ou **mortes**, Expliquez-vous, je vous prie, Nous faisons un travail de recherche sur le suicide, [...]. (TN, 257)
- Ocupou as suas arrastadas horas em pequenos trabalhos, alguns deles desnecessários, como foi o de inspeccionar e limpar meticulosamente o forno, de alto a baixo, por dentro e por fora, junta a junta, tijolo a tijolo, como se estivesse a prepará-lo para a maior cozedura da sua história. (C, 43)
- Il occupa ses **longues**, ses interminables heures à des petits travaux, certains inutiles, du genre inspecter et nettoyer méticuleusement le four, de haut en bas, à

l'intérieur et à l'extérieur, joint par joint, brique par brique, comme s'il le préparait pour la plus grande cuisson de son histoire. (C, 43)

- Nenhum dos dois tinha apetite, cada qual por seus motivos. [...]. (C, 232)
- Aucun des deux n'avait d'appétit, chacun pour ses **propres** raisons, [...]. (C, 228)

Verificámos, nesta secção, que GL evita, com frequência, os atalhos semânticos saramaguianos, mantendo, assim, uma coerência no seu modo de traduzir que, como observámos ao longo dos capítulos anteriores, privilegia a eficiência comunicativa.

VIII. Conclusões

No estudo comparativo pormenorizado de três romances saramaguianos e respectivas traduções, observámos regularidades que indiciam fortemente que estamos perante traduções "target-oriented". Pretendemos confirmar essa hipótese, que se tem vindo a consolidar, mediante uma breve síntese dos efeitos mais significativos das opções da tradutora francesa. Confrontaremos, de seguida, estes resultados com os de análises comparativas de pequenos excertos de outros romances traduzidos por GL para entender se as escolhas efectuadas nas obras examinadas são pontuais ou representativas do seu *modus operandis*. Procuraremos também perceber se as modificações propostas pela tradutora francesa atenuam ou omitem traços característicos da escrita de JS no sentido de comprometerem a intertextualidade dos romances do autor com o presente e/ou com o passado literário português. Mencionaremos, sob forma de hipóteses, as normas que podem ter norteado o trabalho de GL e colocaremos as conclusões deste capítulo numa perspectiva mais alargada, ao observarmos se estas se coadunam com as leis de tradução e estudos afins que têm vindo a emergir no âmbito dos TS.

As alterações efectuadas por GL têm por causas e efeitos principais factores atinentes à cultura em que o seu trabalho é realizado. Dos resultados provenientes da análise comparativa, dois destacam-se pela sua abrangência

e pelo facto de catalisarem os restantes: (1) elaboração de uma mensagem cuja recepção seja simples, directa e imediata para o público alvo, (2) e que vá ao encontro das normas linguísticas francesas.

Estes dois tópicos são os eixos em torno dos quais se organiza a tradução e dos quais dependem as demais transformações que sintetizamos, agora, em três categorias: alterações ao nível (a) do discurso, (b) da narrativa (c) e da dinâmica narrador-leitor-personagens.

Os efeitos mais óbvios são os que ocorrem ao nível do discurso e é também a partir destes que as categorias assinaladas são sustentadas. O estudo efectuado revela que GL privilegia o discurso claro, normativo, fluido, ritmicamente pouco marcado e pertencendo a um registo linguístico formal. Tais ocorrências reiteradas de forma a indicarem a existência de uma estratégia¹⁴⁷ afastam, mais ou menos notoriamente, as traduções francesas do estilo dos romances originais que exibem, amiúde, um pensamento que se constrói, um “ritmo que é sempre lento, reiterativo, prolongado, progredindo em vagas expressivas longas e espreiadas, em fluxos e refluxos, com avanços e recuos semânticos, autocorreções, interrogações, hipóteses” (Seixo 1999:152). Convém notar que o ritmo da prosa saramaguiana nem sempre é lento e que, por momentos, se pode tornar rápido, impetuoso e susceptível de provocar contrastes sintomáticos com a lentidão assinalada por Maria Alzira Seixo. No entanto, a frase de JS assemelha-se sempre a uma busca interminável marcada por uma cadência significativa que surpreende o leitor e lhe dificulta o acesso a mensagens que se distanciam, constantemente, das regras do código escrito. A tradução francesa de GL simplifica o discurso saramaguiano, tornando-o mais eficaz do ponto de vista comunicativo.

A coerência e coesão discursivas são também emblemáticas das traduções de GL que, ao evitar causar grandes surpresas ao leitor francês, se afasta de traços característicos da escrita de JS cujo aproveitamento narrativo das rupturas semânticas e sintácticas é notório. É também comum que a tradutora evite a linguagem figurada muito utilizada no TP, preferindo a transparência da linguagem corrente sem rodeios metafóricos. Devido a uma propensão para

¹⁴⁷ "Strategies, in the sense I shall use the term, are thus forms of explicitly *textual* manipulation. They are directly observable from the translation product itself, in comparison with the source text." (Chesterman 1997:89)

um discurso que se inscreva no registo escrito, sucede frequentemente que GL se afaste da carga oral bastante expressiva nalgumas passagens saramaguianas ou que, pelo menos, tenda a reduzi-la a proporções menos ostensivas.

Os mecanismos narrativos mencionados, e frequentemente solicitados por JS, salientam momentos específicos do relato, sentimentos, objectos, pensamentos, emoções, contrastes cuja proeminência é omitida ou atenuada aquando da tradução devido a opções normativas de GL. Acontece que sejam, assim, modificados os contornos da narrativa e até mesmo das personagens que a sustentam.

Mais raras, mas não menos significativas são as ocorrências em que a tradutora amortece a cumplicidade desenhada no TP entre o narrador, o leitor e, ocasionalmente, a personagem, ou seja, o entrelaçar do tempo da narração, da narrativa e da leitura, da qual os casos de metatextualidade são emblemáticos. Trata-se de evitar ambiguidades como se verifica também a outros níveis das traduções de GL.

Todas as modificações que têm vindo a ser apontadas propiciam a clareza discursiva e, numa perspectiva mais abrangente, correspondem a estratégias cujo efeito mais imediato é facilitar a recepção francesa dos três romances de JS.

A questão que agora se impõe é se as estratégias, reunidas mediante o estudo comparativo, caracterizam a generalidade do trabalho de GL. Para esclarecermos esta problemática, recorreremos a obras assaz diferentes cujos principais pontos comuns são: pertencerem à literatura portuguesa contemporânea e terem sido traduzidos por GL.

Transcrevemos os excertos escolhidos para sustentar este passo do nosso estudo e, para que se entenda de forma imediata a quantidade e o teor das alterações introduzidas aquando da tradução francesa, assinalamos as modificações mais significativas e a categoria a que pertencem.

(1) O Homem Duplicado (2002), pp. 118-119.

Tertuliano Máximo Afonso manifestou o desejo de falar com o senhor Daniel Santa-Clara, o homem da voz irritada respondeu que não morava ali ninguém com esse nome, e a conversa parecia não poder avançar muito mais, não valia a pena repisar a curiosa coincidência dos apelidos nem a possível casualidade de uma relação familiar que encaminhasse o interessado ao seu destino, em casos destes as perguntas e as respostas repetem-se, são as mesmas de sempre, Fulano está, Fulano não mora aqui, mas desta vez surgiu uma novidade, e foi ela ter-se recordado o homem das cordas vocais destemperadas de que havia mais ou menos uma semana outra pessoa tinha telefonado a fazer idêntica pergunta, Suponho que não terá sido o senhor, pelo menos a voz não se parece, tenho muito bom ouvido para distinguir vozes, Não, não fui eu, disse Tertuliano Máximo Afonso, subitamente perturbado, e essa pessoa era quem, um homem, ou uma mulher, Era um homem, claro. Sim, um homem, que cabeça a sua, pois não se está mesmo a ver que por muitas diferenças que possam existir entre as vozes de dois homens, muitas mais as haveria entre uma voz feminina e uma voz masculina, Ainda que, acrescentou o interlocutor à informação, agora que o penso, houve um momento em que me pareceu que se esforçava para disfarçá-la.

(1') L'autre comme moi (2005/2006), pp. 128-129.

Tertuliano Máximo Afonso manifesta le désir de parler à monsieur Daniel Santa-Clara, l'homme à la voix irritée répondit que personne (S)¹⁴⁸ de ce nom n'habitait là (P) et la conversation ne semblait guère pouvoir avancer plus loin (L), inutile (M) de revenir (L) sur la coïncidence curieuse (S) des noms, (P) ni sur (SP) l'éventualité d'un lien (L) de famille (M) qui conduirait (M) l'intéressé à son but (L), [dans ce genre de situations] (L) (SP) questions et (SP) réponses se répètent, elles sont (SP) toujours (S) les mêmes, Untel est-il là, Untel n'habite pas ici, mais cette fois il y eut (L) un élément (AP) nouveau (M), (SP) [l'homme aux cordes vocales éraillées (L)] (S) se souvint (M) qu'il y avait plus ou moins une semaine quelqu'un (M) d'autre (M) avait téléphoné

¹⁴⁸Para as indicações entre parênteses ver nota 85, p.97.

[et posé] (M) la même (M) question, Je suppose que ce n'était (M) pas vous (M), en tout cas (L) [la voix semble différente (AP)] (M), [j'ai l'ouïe fine] (L) [et je distingue bien les voix] (M), Non, ce n'était (M) pas moi, dit Tertuliano Máximo Afonso, soudain troublé, et c'était qui [cette personne] (S), un homme, (SP) une femme, (SP) Un homme, évidemment. Oui, un homme, [où avait-il donc la tête] (L), car (SP) il y a beau (L) y (SP) avoir beaucoup de différences entre deux (S) voix d'hommes, il y en aurait [bien davantage] (L) (S) encore (AP) entre une voix de femme (M) et une voix d'homme (M). Encore que, ajouta l'interlocuteur (SP), maintenant que j'y pense, j'ai eu l'impression (AP) [à un certain moment] (S) qu'il essayait de déguiser sa voix (M).

(2) Ensaio sobre a Lucidez (2004), p. 209.

Bons dias, rapazes, saudou em tom cordial, espero que tenham descansado, Sim senhor, disse um, Sim senhor, disse outro, Vamos lá então ao pequeno-almoço, depois tratem de arranjar-se, talvez ainda consigamos apanhar o tipo na cama, seria divertido, a propósito, que dia é hoje, sábado, hoje é sábado, ninguém madruga ao sábado, vão ver que nos aparece à porta como vocês estão agora, de roupão e pijama, a chinelar pelo corredor, e em consequência com as defesas baixas, psicologicamente diminuído, depressa, depressa, quem é o valente que se apresenta como voluntário para preparar o pequeno-almoço, Eu, disse o segundo auxiliar, sabendo muito bem que não havia ali um terceiro auxiliar disponível.

(2') La Lucidité (2006/2007), p. 232.

Bonjour, les gars, s'écria-t-il (L) d'un ton jovial (L), j'espère que vous avez bien (AP) dormi, Oui, (P) monsieur, dit l'un, Oui, (P) monsieur, dit l'autre, Alors (S) , prenons (L) (SP) le petit déjeuner, ensuite vous tâcherez (M) [de vous rendre présentables] (AP), nous réussirons (M) [peut-être encore] (S) à cueillir (L) ce type dans son (M) lit, ça serait amusant, à propos, [quel jour sommes-nous aujourd'hui] (L), ah oui (AP), samedi, aujourd'hui c'est samedi (P) et (AP) personne ne se lève tôt (AP) le samedi, vous (SP) verrez (M) qu'il se présentera (M) à la porte comme vous (SP) [en ce moment] (AC), en pyjama (S) et robe de chambre, [traînant la savate] (M) (AP) dans le corridor,

et donc (SP) psychologiquement diminué, [ses défenses au plus bas] (S), vite, vite, quel (M) est le courageux qui s'offre à préparer le petit-déjeuner, Moi, dit le deuxième auxiliaire (P) [qui savait] (M) très bien qu'il n'y en (M) avait pas de troisième disponible.

(3) A ordem natural das coisas (1992), pp. 99-100.

O meu irmão teima que voa em Alcântara como voava lá em África, na mina de Joanesburgo, e o médico da Caixa, quando o consultei por causa dos rins e lhe levantei o problema,

Isto é uma maçada, senhor doutor, às vezes agarra numa pá a querer furar a alcatifa da sala e a meter-se terra adentro como uma toupeira,

disse-me a poisar o martelinho de dar pancadas nos joelhos e o estetoscópio de ouvir as lágrimas do coração,

Não se inquiete, Dona Orquídea, é a arteriosclerose a trabalhá-lo, julgar que é pássaro é o menos, já lhe passou pela cabeça o sarilho que era se ele se cuidasse hipopótamo, sempre na banheira, a engolir molhos de nabiça?,

e eu, preocupada com a casa que a reforma não dá para tapetes,

Se fosse só isso, a mania dos buracos, vá que não vá, mesmo que o apanhe no quintal, à noite, de capacete, a cavar junto à nogueira, a questão é que não deixa dormir a vizinhança a bater com o ancinho no soalho, todos os meses temos o senhorio a garantir que não quer que um inquilino faça um poço tão grande que lhe caia de repente do outro lado do planeta,

e o doutor, a passar-me a receita dos comprimidos, [...].

(3') L'ordre naturel des choses (1994/1999), p. 110.

Mon frère s'obstine à dire (AP) qu'il vole à Alcântra comme il volait là-bas en Afrique, dans la mine de Johannesburg, mais (L) le médecin de la Caisse, quand je l'ai consulté à cause de mes (M) reins et que (AP) j' (SP) ai soulevé le problème,

C'est très (AP) agaçant (M), (SP) docteur, parfois il empoigne une bêche [et veut (M)] (M) percer la moquette du salon [pour s'enfoncer] (M) dans la terre comme une taupe,

[et posant (M)] (M) le petit marteau (L) [avec lequel il donne] (M) des coups sur les genoux et le stéthoscope [avec lequel il écoute] (M) les larmes du cœur, [le médecin (AP) (SP) a dit] (S),

Ne vous inquiétez pas, Dona Orquídea, c'est l'artériosclérose [qui le travaille] (M), se prendre pour un oiseau [n'est pas bien grave] (L), vous imaginez le chambard (L) (SP) s'il [s'avisait d'être] (AP) un (AP) hippopotame, pataugeant (AP) à toute heure (AP) dans la baignoire (P) et (AP) engloutissant (M) des botte de navets? (P)

et je m'inquiétais (M) pour la maison car [la pension de] (SP) retraite [ne me permet pas d'acheter (AP) des tapis] (L),

S'il (M) [n'avait que] (M) [la manie des trous] (M), ça irait encore (L), même si je le surprends (L) [la nuit] (S) dans le jardin, casqué (M), en train de creuser à côté (L) du noyer, mais (AP) l'ennui (L) c'est qu'il empêche (M) les voisins (S) de dormir en tapant (M) sur le plancher (S) avec le râteau, tous les mois le propriétaire vient (M) (L) nous annoncer (L) qu'il ne veut pas d'un locataire (M) qui (AP) creuse (L) un puits si profond qu'il (SP) tombe soudain de l'autre côté de la planète,

et le docteur, me tendant (M) sa (M) prescription (SP), [...].

(4) A morte de Carlos Gardel (1994), p.271.

NUNO

E ENTÃO um sábado,
quando entrei no carro em Benfica com o saco da camisola interior, do
pijama e da escova de dentes, o meu pai disse sem me olhar

- Mudei de
apartamento Nuno

e em vez de
seguirmos por Monsanto voltou, sem falar mais comigo, na direcção do rio, e
ao passarmos o Cais das Colunas, onde começavam os guindastes e os
pássaros do Tejo, procurou-me no espelho do automóvel

- Está lá uma pessoa
comigo

e eu a pensar, furioso,
Se calhar é o Helder, se calhar a minha mãe e o meu pai combinaram-se
para me abandonar, de maneira que me enrolei no assento para que não
notasse a zanga, tão dobrado que não via água nem prédios, só o céu que
reflectia as ondas e o piar das gaivotas, e não me doía nada nem me
custava respirar mas as máquinas a que me ligaram iam-me sugando o
sangue, e a minha tia

- Claro que o miúdo
melhora, Álvaro, repara no ecrã, o coração está óptimo [...].

(4) La mort de Carlos Gardel (1995/2005), p.291.

"NUNO

(SP) ALORS, (P) un samedi, quand je suis monté (L) dans la voiture à Benfica avec le sac [qui contenait] (AP) (M) mon (M) tricot de corps, mon (M) pyjama et ma (M) brosse à dents, mon père a dit sans me regarder

- J'ai déménagé (SP), (P) Nuno

et au lieu [de prendre la direction] (AP) (M) de Monsanto, (P) il a tourné [vers le fleuve (P)] (S) sans plus [m'adresser la parole (P)] (AP) et [quand nous avons dépassé] (M) le quai des Colonnes (P) où commençaient les grues et les oiseaux du Tage, il m'a cherché dans le miroir de la voiture

- J'habite (M) (L) avec quelqu'un (M)

et j'ai pensé (M), furieux, [Si ça se trouve] (L) c'est Helder, [si ça se trouve] (L) ma mère et mon père [se sont mis d'accord] (AP) pour m'abandonner, alors (SP) je me suis pelotonné sur le siège pour qu'il ne s'aperçoive pas de ma (M) colère, si recroquevillé que je ne voyais ni (AP) l'eau ni les immeubles, juste le ciel où (L) se reflétaient (M) les vagues et le piaillage des mouettes, et je n'avais mal nulle part et (M) je ne [faisais aucun effort] (AP) pour respirer mais les machines auxquelles j'étais relié (M) me pompaient (SP) le sang, et ma tante

- Bien sûr que le gamin [va (AP) se remettre] (M), Alvaro, regarde [un peu] (AP) l'écran, son (M) cœur est [en parfait état] (AP) [...].

(5) O Jardim sem Limites (1995), p.241.

Sentámo-nos no Café Atlântico e pedimos bicas. Duas, três, quatro bicas e várias águas. Mas não demorou muito que Eduardo Lanuit não entrasse no interior da casota do quintal onde se encontrava a condensação do seu mundo, e aí ficasse algum tempo, sem saber onde colocar o cheque proveniente de lugar nenhum. Aquele papel azurado de linhas brancas imitando vagas, contendo assinaturas falsas e designações inexistentes, parecia-lhe ter adquirido uma dimensão extravagante. Envolvido com a

realidade social, onde tudo era cruamente positivo e exacto, nem se lembrava de nada mais extraordinário, disse ele.

Para Eduardo Lanuit era com se um pedaço de sudário dos velhos cemitérios que havia visitado se tivesse libertado das pedras em forma de cheque, para lhe vir dizer algum segredo de que ele precisasse. Como se fosse a mensagem saída da boca dum fantasma comunicador. Tinha pegado na lupa, examinando de todos os lados, e naturalmente que poderia ter feito esforços para esclarecer o caso. Mas que traria o esclarecimento? A descoberta de que havia uma rede de falsários, semelhantes às figuras públicas que dispunha pela parede, conforme o tipo de crimes? A prova de que aquelas cinco pessoas graves que viajavam na limusine, à procura dos seus mortos não passavam dum bando de patifes, idênticos aos construtores civis que iria denunciar? E para que iria saber isso? Para que queria essa hipotética verdade? Que faria com ela? De repente, imaginar essa série de actos burladores, fora do seu espaço geográfico, afigurava-se-lhe qualquer coisa de trágico que não conseguia vencer.

(5') Le Jardin sans Limites (1998), p.222.

Nous nous assîmes au café Atlântico et nous commandâmes (L) des cafés noirs. Deux, trois, quatre noirs et plusieurs eaux minérales (AP). Mais Eduardo Lanuit entra (M) (M) bientôt (SP) (S) dans (SP) la cabane au fond (AP) du potager qui (L) abritait (L) un (M) concentré (L) de son univers (L). (P) (SP) (SP) Il passa (M) un certain temps (P) à (L) se demander (L) où mettre le chèque [qui ne provenait] (M) de nulle part. Ce bout (AP) de papier bleuté avec (L) ses (AP) lignes blanches imitant des vagues, ses (M) fausses (S) signatures et ses (AP) désignations imaginaires (L) avait pris (M), [lui semblait-il] (S), des (M) proportions (M) (L) extravagantes (M). Absorbé par (L) la réalité sociale (P) où tout était brutalement (L) positif et exact, il ne se souvenait (SP) pas d'[avoir jamais vu] (AP) quelque chose d'aussi (L) extraordinaire, dit-il.

Pour Eduardo Lanuit, (P) c'était comme si un morceau de suaire des vieux cimetières qu'il avait visités s'était libéré des pierres tombales (AP) en forme de chèque (P) pour venir lui raconter (L) un secret dont [il avait besoin] (AP). Comme si le message (M) était sorti (M) de la bouche d'un fantôme loquace (L). Il avait pris sa (M) loupe [pour examiner] (M) le papier (AP) [sous toutes

les coutures] (L). (P) (SP) Il aurait pu évidemment (L) (S) faire un effort (M) pour élucider (L) l'affaire. Mais à quoi cela (M) (S) mènerait (L)-il? A (AP) la découverte d'(SP) un réseau de faussaires (P) ressemblant (M) aux figures publiques qu'il rangeait (L) sur le mur (P) selon la catégorie de leur (AP) crime (M)? A (AP) la preuve que ces cinq personnes sérieuses (L) qui voyageaient en limousine (P) à la recherche de leurs morts n'étaient (L) qu'une bande d'escrocs, semblables (L) aux entrepreneurs de bâtiments qu'il allait (M) dénoncer? [Et à quoi bon] (SP) (L)? [A quoi bon] (SP) (L) connaître (AP) cette vérité hypothétique (S)? Qu'en (SP) ferait-il? Imaginer cette série d'actes trompeurs (P) en dehors de leur contexte (L) géographique (P) lui semblait soudain (S) irrémédiablement (M) (SP) tragique.

(6) Combateremos a sombra (2007), p.310.

Sim, aquela situação tinha de ser ultrapassada.

Era Domingo Gordo. A tasca acabava de abrir a porta, o pequeno estabelecimento ainda estava deserto. Rossiana e Osvaldo comiam sem falar, não se olhavam. Segunda noite em branco era muita coisa. Mas o que fazer? Como fazer? – Em frente, uma brisa rasteira arrastava objectos leves que voavam por ali, paravam, de novo voavam. Ela tinha a *Nikon* com ela, apontava-a só com uma das mãos, rodava sobre os objectos, mas no jargão de Rossiana, só aparentemente voavam, por isso não a disparava. Quando se virava, os dentes brancos pareciam mais brancos pela sombra dos óculos escuros. – "Sim, Osvaldo, eu queria tentar fazer um TUDO O QUE VOA naquela zona de Cuíto-Cuanavale. Neste momento, claro que não é uma prioridade, a prioridade é safar-me. Mas até julgo que numa situação destas, o pretexto da ida ao Cuíto se transformou numa via possível de me desembaraçar deste impasse. Pode compreender-me? – Repare que tenho os vistos em ordem, eles trataram de tudo, só faltam as passagens. O rapaz que fotografou o miúdo despido na janela é agora um matador poderoso, e neste caso, tornou-se meu cúmplice inexplicável, por enquanto, claro, por enquanto. Dum momento para o outro, as coisas podem mudar..." Encontravam-se diante da janela da tasca, de novo virados para o mar alterado. As ondas às voltas, medianas, sem cor, sem espuma. Ela mantinha a *Nikon* suspensa na mão – "De repente, ele pode ser encostado à parede.

Posso não passar de uma aposta, entre eles. O que acha desta situação?" – De regresso, o murete socado pela invernia indicava o caminho. Havia salitre pela parede fronteiriça da Casa da Praia. Osvaldo Campos tinha parado sobre o portal que dava acesso ao lugar do jardim. Ela despiu o casaco almofadado, baixou-se diante do psicanalista, depois sentou-se sobre os calcanhares, esfregou os dedos nas calças como se os limpasse por se ter assoado neles, e disparou a câmara vinte vezes sobre Osvaldo Campos, dizendo que se destinava a um TUDO O QUE VOA especialíssimo. E depois entraram na Casa da Praia.

(6') Nous combattons l'ombre (2008), p.279.

Oui, cette situation devait être surmontée.

C'était dimanche de carnaval. La gargote venait d'ouvrir ses (M) (M) portes (M), le petit établissement était encore (S) désert. Rossiana et Osvaldo mangeaient sans parler (P) ni (M) se regarder (M). Une (AP) deuxième nuit blanche [n'était pas chose négligeable] (M) (L). Mais que faire? Et (AP) comment le (AP) faire? Devant eux (AP), une brise [au ras du sol] (M) (AP) emportait (L) des objets légers qui voletaient (L) (SP), s'arrêtaient, reprenaient (M) leur envol (M). Elle avait le Nikon avec elle, elle le braquait d'une seule (M) main (M), le (AP) promenait (L) sur les objets, mais ceux-ci (AP), (P) dans le jargon de Rossiana, ne volaient [qu'en apparence] (M) (AP) (S), et (AP) elle ne prenait donc (SP) (S) pas de photos (AP). Quand elle se retournait, ses (M) dents blanches paraissaient encore (AP) plus blanches à cause (AP) de l'ombre de ses (M) lunettes foncées. "Oui, Osvaldo, j'aimerais (L) essayer de faire un TOUT CE QUI VOLE dans la région de Cuito-Canavale. Bien sûr que ce n'est pas une priorité [en ce moment] (S), la priorité c'est de me barrer d'ici (AP). Mais, [vu la situation] (SP) (M) (S), je pense (SP) que le prétexte du voyage (L) à Cuito s'est transformé en une (SP) possibilité (M) de me sortir (L) de cette impasse. Vous (SP) me comprenez? [Dites-vous bien] (L) que mes visas sont (L) (M) en ordre, ils se sont occupés de tout, il me manque juste [le billet d'avion] (L) (M). Le garçon qui a photographié le gamin nu à (L) la fenêtre est maintenant un tueur puissant (P) et (SP) [pour l'instant, [seulement] (AP) pour l'instant, [évidemment] (S),] (S) il est inexplicablement (M) (S) devenu mon complice.

Mais (AP) tout (M) peut changer [d'une minute à l'autre] (L) (S)..." Ils se trouvaient devant la fenêtre de la gargote (P) et (AP) faisaient de nouveau (S) face à (AP) (M) la mer changeante. Les vagues, de taille (AP) moyenne, incolores (SP), sans écume, [étaient agitées (AP) (M)] (S). Rossiana (M) [avait toujours] (AP) le Nikon (SP) à la main. "Cisco (M) peut (AP) soudain (S) surgir (AP), (SP) appuyé au mur. Je ne suis [peut-être] (M) (S) qu'un pari (P) entre eux. Que pensez-vous de cette situation?" [Quand ils revinrent] (M), le muret malmené par [le mauvais temps d'hiver] (AP) leur (AP) indiqua (M) le chemin. [La façade (M) de la maison sur la plage était envahie (L) par le salpêtre.] (M) Osvaldo Campos s'était adossé (L) au portail donnant (M) accès au (SP) jardin. Rossiana (M) se défit (L) de sa (M) veste molletonnée, se baissa (SP), (SP) s'assit sur ses (M) talons, frotta ses (M) doigts sur son (M) pantalon comme si (SP) elle [venait de] (AP) se moucher dans [ses phalanges] (M) (P) et actionna (L) le déclencheur (L) vingt fois en visant (M) Osvaldo Campos, disant que c'était (L) pour un TOUT CE QUI VOLE très particulier (L). (SP) Ils entrèrent ensuite (S) dans la maison sur la plage.

(7) Equador (2003), pp. 95-96.

A decisão de partir não fora tomada de repente, sob um impulso. Tinha-a tomado aos poucos, insensivelmente, como se no fundo, desde o princípio, desde aquela tarde em Vila Viçosa, o destino lhe tivesse escapado das mãos e já não fosse a sua vontade que o comandava. Mais tarde, sentira que, de facto, fora vítima de uma cilada, em que todos pareciam conjurados para o empurrar para ali, onde estava: tinham sido as palavras do Rei, secundadas pelo conde de Arnosó; os argumentos do João, fazendo-o sentir-se envergonhado se dissesse que não ao Rei; a proposta de compra da Insular, tão extraordinariamente caída do céu, justamente naquela altura. Fora-se sentindo cercado, empurrado, cada vez mais fechado dentro de um círculo de circunstâncias, de onde já não havia fuga, pelo menos honrosa. Tinha sido desafiado o seu espírito de aventura e de descoberta, o seu sentimento de dever patriótico e de serviço de uma causa nobre, a sua coerência de ideias e de carácter e, acima de tudo e como dissera o João, a necessidade de marcar, pela grandeza de um gesto, inesperado e altruísta, a legitimação de uma vida até então apenas confortável e ociosa. Fora assim que tinha sido cercado.

Mas Matilde acabara por pesar também muito nessa decisão, ou nessa não-decisão, e isso era a parte menos nobre das coisas. Perante a sua própria consciência, Luís Bernardo reconhecia friamente que S.Tomé lhe dava a possibilidade de fugir dignamente de Matilde. Sim, porque ele tinha querido fugir dela e não tinha outra forma de o fazer decentemente sem ser aquela.

(7') Equador (2005/2007), pp.101-102.

La décision de partir ne fut pas prise soudainement, sous l'empire d' (AP) une impulsion. Il l'avait prise progressivement (L), insensiblement, comme si au fond, depuis le début, depuis cet après-midi à Vila Viçosa, le destin lui avait échappé des mains et que désormais (AP) ce n'était plus sa volonté qui le commandait. Plus tard, il sentit qu'(P)en fait (P) il avait été la victime d'un guet-apens, vers lequel tous semblaient s'être (AP) unis (L) pour le pousser là (P) où il se trouvait maintenant (AP). (P) Ç'avaient été les paroles du roi, appuyées (L) par le comte d'Arnos; les arguments de João, le faisant se sentir honteux de dire (M) non au roi; la proposition d'achat de l'Insulaire, si extraordinairement tombée du ciel, juste à ce moment-là. Il [s'était senti] (M) assiégé, poussé, de plus en plus (L) enfermé dans un cercle de circonstances (P) d'où il (M) ne pouvait (L) plus (AP) s'enfuir (M), du moins honorablement (M). Ç' (M) avait été un défi (M) à (AP) son esprit d'aventure et [à son goût] (AP) des (M) découvertes (M), [à son sens] (AP) du devoir patriotique et [à son sentiment] (S) de servir (M) une cause noble, à la (M) cohérence de ses (AP) idées et de son (AP) caractère et (P) par-dessus tout, (P) (SP) comme l'avait dit João, le besoin de donner (L), par la grandeur d'un geste (P) inattendu et altruiste, une légitimation à une vie jusque-là simplement confortable et oisive. C'est (M) ainsi qu'il avait été cerné [de tous côtés] (AP).

Mais Matilde avait fini elle (AP) aussi (S) par peser beaucoup sur cette décision, ou cette non-décision, et c'était la partie la moins noble de [toute cette affaire] (AP) (L). [Seul à seul] (L) avec sa (SP) conscience, Luís Bernardo reconnaissait froidement que S. Tomé lui permettait (SP) de fuir dignement Matilde. Oui, car il avait voulu la fuir et il n'avait pas d'autre façon [que celle-là] (S) de le faire décentement.

Escolhemos propositadamente excertos de obras de autores cuja escrita é distinta para percebermos se as tendências assinaladas aquando da análise do nosso *corpus* se verificam em contextos substancialmente diferentes. A leitura dos parágrafos seleccionados e das respectivas traduções confirma o pendor da tradutora francesa para fomentar a clareza discursiva através de uma diversidade de modificações, ou na terminologia já por nós adoptada, de estratégias. Estas alterações vão ao encontro das anteriormente consignadas e assentam nas duas metas então mencionadas: (1) uma recepção facilitada dos textos (2) e o respeito das normas linguísticas francesas.

Do ponto de vista da sintaxe, as opções de GL inscrevem-se na norma linguística e assemelham-se às assinaladas aquando da análise comparativa dos três romances de JS: a tradutora evita a posição pré-nominal do adjectivo e a inversão do sujeito, tal como o aproveitamento inesperado da mobilidade dos complementos adverbiais. A pontuação é utilizada de forma esclarecedora e normativa. A morfossintaxe revela-se, nos excertos transcritos, uma categoria que abriga variadas modificações propícias à fluência e transparência da tradução francesa. No léxico, repete-se a propensão da tradutora para um registo mais formal e para a imersão do texto na cultura alvo mediante o recurso a sequências comuns do universo linguístico francês. Por intermédio da supressão de palavras, GL despoja os textos que traduz de alguns elementos menos relevantes semanticamente e através da operação inversa – acrescento de palavras – esclarece mensagens parciais e aproxima o texto da cultura no âmbito da qual exerce a sua actividade profissional.

De notar que nas traduções dos excertos das obras de António Lobo Antunes se verifica uma modificação de ordem tipográfica, já que GL reduz significativamente o espaço que antecede algumas frases do autor português e suprime, assim, uma das particularidades, com implicações rítmicas, mas também semânticas, dos romances em questão: a disposição inabitual do texto desenha uma cadência lenta feita de longos silêncios onde cabem emoções e pensamentos indizíveis, ou seja, de um vazio repleto de possíveis que a tradutora prefere limitar.

O estudo de breves excertos de romances traduzidos por GL remete para as conclusões da análise comparativa do nosso *corpus*. Confirma-se, assim, uma coerência de métodos e objectivos no trabalho de GL que resultam em

traduções essencialmente "target-oriented" ou, deslocando um pouco a perspectiva e recorrendo a uma terminologia mais abrangente, em "traductions-consécration" (Casanova 2002:9):

[...] on pourra montrer que l'enjeu de la traduction diffère et que sous cet unique vocable se dissimule en réalité une série d'"opérations-fonctions" tout à fait distinctes les unes des autres: elle peut être notamment "traduction-accumulation" – lorsque, par une stratégie collective, les espaces littéraires nationaux dominés cherchent à importer du capital littéraire; ou bien "traduction-consécration" – lorsque les consacrans dominants importent un texte venu d'un espace littéraire dominé. (Casanova 2002:9)

De facto, conhecida a preponderância internacional do sistema literário francês, é legítimo adiantar, sem prejuízo de uma reflexão ulterior mais aprofundada, que as traduções de GL visam reproduzir e reforçar um conjunto de normas que salvaguardam a consagração alcançada pela literatura francesa. Assim, na esteira de Judith Woodsworth, julgamos oportuno deduzir que as traduções de GL podem funcionar como "one of the strategies in the promotion of national identity" (1996:212), mas voltaremos a esta temática posteriormente quando tivermos um conhecimento mais aprofundado do espaço literário francês.

Depois de anotadas e confirmadas as principais estratégias utilizadas por GL para realizar o seu trabalho, pretendemos analisar as consequências que estas têm na escrita de JS e, subsequentemente, na intertextualidade que as obras do autor estabelecem com outros textos literários portugueses.

Ficou claro que as opções da tradutora incidem sobre traços característicos da escrita de JS, nomeadamente sobre a sintaxe, a oralidade e o ritmo que oscila entre impetuosidade e lentidão. GL tende a homogeneizar os diferentes contrastes que caracterizam o discurso do escritor português e prescinde, com frequência, de realces semânticos e estruturais que tornam a informação romanesca mais densa e menos imediata. O contraste, nomeadamente de registos linguísticos, é uma das características do pós-modernismo avesso à homogeneidade discursiva que as opções de GL, de teor mais formal,

propiciam. Acresce que a tradutora também evita a proximidade leitor-narrador-personagem que certas passagens dos textos originais promovem e, ao separar nitidamente o tempo da narrativa dos demais, atenua a vertente pós-moderna de certos passos saramaguianos, principalmente quando elimina segmentos metatextuais.

Existem, assim, nas traduções analisadas desvios pontuais da linha pós-moderna que caracteriza traços da escrita saramaguiana, no entanto, a eliminação de ocorrências que concretizam a ligação de JS ao passado literário português, designadamente aos autores seleccionados no âmbito deste trabalho, é mais notória e frequente.

Na primeira parte deste estudo, anotámos os elementos que ligavam JS a três escritores conceituados da literatura portuguesa¹⁴⁹. Trata-se agora de perceber se as traduções levadas a cabo por GL reproduzem esses elementos ou se, pelo contrário, os esbatem. Para estabelecermos este paralelo concentrámo-nos nalguns sermões de António Vieira, em *Viagens na minha Terra*, de Almeida Garrett e *Húmus*, de Raul Brandão.

[...] aquilo a que eu aspiro é traduzir uma simultaneidade, é dizer tudo ao mesmo tempo. (Saramago in Reis 1998 (a):99)

E ele [leitor] só pode entender o texto se estiver "dentro" dele, se funcionar como alguém que está a colaborar na finalização de que o livro necessita, que é a sua leitura. [...]. De certo modo pode dizer-se assim: os meus romances apresentam-se com as costuras à vista. (ibid.:101)

A procura de simultaneidade e de colaboração do leitor são características que fazem eco às obras do passado literário português aqui convocado. Os autores conseguem, por diferentes meios, criar discursos onde se entrecruzam referências diversas que juntam, numa única frase, o tempo da narração e o da narrativa, e fazem do leitor um participante do que está a ser relatado. Uma das formas de obter este efeito é o recurso à metatextualidade, muito solicitada por Vieira e Garrett e menos perceptível no discurso impetuosamente descontínuo

¹⁴⁹ Ver pp. 57-60.

de Brandão. No entanto, existem em *Húmus* algumas passagens emblemáticas deste procedimento como se constata nos exemplos transcritos.

As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há-de ser o estilo da pregação; muito distinto e muito claro. (Vieira 1984:56)

"Fecharão os ouvidos à verdade, e abri-los-ão às fábulas." *Fábula* tem duas significações: quer dizer fingimento e quer dizer comédia; e tudo são muitas pregações deste tempo. (ibid.:68)

Vamos à descrição da estalagem; e acabemos com tanta digressão. Não pode ser clássica, está visto, a tal descrição. – Seja romântica. – Também não pode ser. Por que não? (Garrett 1994:46)

Vamos usando destas palavras que herdámos, sem meter louvados na herança; não suceda descobrirmos que estamos mais pobres do que se cuidava...Vamos repetindo frases, que nos formularam nossos antepassados, sem as analisar com muito rigor; não suceda vermos claro de mais que temos passado a vida a mentir... (ibid.: 202)

Todas as palavras que se empregam têm, além da significação banal, uma significação que cada um pesa e calcula, – e outra significação superior. Há palavras que requerem pausa e silêncio, e há palavras que é preciso afundar logo noutras palavras. (Brandão 2000:66)

O tabique caiu, e contemplo a vida. Mas entre mim e mim interpõe-se um muro. O drama não tem personagens nem gestos, nem regras, nem leis. Não tem acção. Passa-se no silêncio, despercebido, entre mim e mim. É um debate perpétuo. (ibid.:99)

Destacamos o último exemplo de Raul Brandão onde nalgumas linhas o autor sintetiza a substância do relato avesso a qualificativos que é *Húmus*. JS também utiliza a metatextualidade como forma de instalar uma cumplicidade improvável entre o narrador e o leitor, e de patentear algumas observações. GL contorna, por vezes, essas ocorrências.

Outra forma de entrelaçar tons e registos é a introdução de sequências que interpelam directamente o leitor, fazendo com que este seja integrado no relato em questão. Nos sermões de Vieira é mais natural que assim seja, posto que se trata de textos escritos com o intuito de serem partilhados com um auditório, mas é interessante perceber a forma como o pregador implica activamente o ouvinte no seu discurso, não raro mediante perguntas enunciadas como provenientes do público a partir das quais o orador constrói a sua argumentação. Em Raul Brandão, esta cumplicidade é mais discreta e revela-se sobretudo na frequente utilização do pronome "nós" e, mais raramente, do "tu" que faz do leitor um aliado da experiência relatada. É na obra de Almeida Garrett que a procura de contacto com o leitor é mais frequente, amigável e impregnada de um respeito excessivo que se torna por vezes cómico.

Mas dir-me-eis: Padre, os pregadores de hoje não pregam do Evangelho, não pregam das Sagradas Escrituras? Pois como não pregam a palavra de Deus? – Esse é o mal. (Vieira:65)

Acabou-se o Evangelho, e eu tenho acabado o sermão. Mas vejo que me estão caluniando e arguindo, porque não provei o que prometi. (ibid.:127)

Atrás das palavras com que te iludes, de que te sustentas, das palavras mágicas, sinto uma coisa descabelada e frenética, o espanto, a mixórdia a dor, as forças monstruosas e cegas. (Brandão:67)

Este é nosso sonho, esta é nossa vida oculta, nossa vida de desespero, nosso desgrenhado e imenso, doirado e imenso, amargo e imenso. Bem sei que isto dói. Bem sei que isto me custa a encontrar e a reconhecer nesta noite de luar e espanto. Bem sei que isto de ser homem é duma grande responsabilidade. Tem prós e contras terríveis. Também sei que o que nos separa dos bichos não é a inteligência: a inteligência é o menos. (ibid:171)

Sim, leitor benévolo, e por esta ocasião te vou explicar como nós hoje em dia fazemos a nossa literatura. Já me não importa guardar segredo; depois desta desgraça não me importa já nada. Saberás, pois, ó leitor, como nós outros fazemos o que te fazemos ler. (Garrett:53)

Lá voltaremos ao nosso vale, amigo leitor, e lá concluiremos, como é de razão, a história da menina dos rouxinóis. Por agora, almocemos, que é tarde, e terminemos os nossos estudos arqueológicos em Marvila de Santarém. (ibid.:204)

Nos excertos transcritos é notória a oralidade que, amiúde, contrasta com sequências mais eruditas propostas pelos autores. A carga oral das obras em questão entra em consonância com a que encontramos nos romances de JS e que GL por vezes dissolve, recorrendo a um registo mais formal.

Em António Vieira alguns diminutivos, as perguntas directas ao auditório, o tom proverbial de determinados segmentos e as repetições são emblemáticos da informalidade que impregna muitas passagens dos seus sermões.

À vista deste exemplo, peixes, tomais todos na memória esta sentença: Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer e o que tem. Quem pode nadar e quer voar, tempo virá em que não voe nem nade. (Vieira:100)

Este segmento assume particular relevância porque Vieira introduz um provérbio popular e depois apresenta uma adaptação do mesmo para corroborar um conselho anterior: "Peixes, contente-se cada um com o seu elemento" (100). Séculos mais tarde também Saramago porá a sabedoria popular ao serviço da sua narrativa.

Numa tentativa de intensificar a sua argumentação e, conseqüentemente, de convencer o seu público, Vieira recorre, amiúde, a vários tipos de repetições:

O sermão há-de ser de uma só cor, há-de ter um só objecto, um só assunto, uma só matéria. (58)

Em Garrett as marcas do discurso oral são idênticas: diminutivos, provérbios e termos provenientes de um registo coloquial. Destacamos dois segmentos emblemáticos, realçando a ironia do primeiro e o ritmo frenético do segundo:

Há umas certas boquinhas, gravezinhas e espremidinhas pela doutorice, que são a mais aborrecidinha coisa e mais pequinha que Deus permite fazer às suas criaturas fêmeas. (86)

Comemos, conversámos, tomámos chá, tornámos a conversar e tornámos a comer. Vieram visitas, falou-se política, falou-se literatura, falou-se de Santarém sobretudo, das suas ruínas, da sua grandeza antiga, da sua desgraça presente. Enfim, fomo-nos deitar. (158)

Em *Húmus*, o tom de confiança, que convoca o leitor como testemunha de um discurso desconexo, imerge a obra numa espécie de espontaneidade própria da linguagem oral reforçada pela presença de alguns segmentos de cunho informal e de inúmeras repetições.

Cumprir o dever minucioso e exigir o dever minucioso. Com ele dominaste-te e dominaste-a, gastaste-te e gastaste-a esqueceste a vida e a ti própria te esqueceste. Com uma palavra e mais nada. Arreganha os dentes se queres ao teu próprio fantasma... [...]. Custa a entrar na cachimónia que a côdea para a manteres, o vestido que cortaste ao teu próprio vestido para a vestires, as noites de discussão interminável, tu e o dever – tudo fosse irrisório e inútil. Mas foi. (150)

Como JS, os autores aqui evocados recorrem frequentemente a figuras de estilo que, para além de poderem acentuar a presença do registo oral, também permitem aos escritores evidenciarem aspectos dos seus textos e apresentar perspectivas inovadoras das temáticas abordadas. Para António Vieira trata-se, sobretudo, de um recurso argumentativo que, através da novidade expressiva, propõe ao seu público formas variadas de assimilar as palavras pregadas:

Para quem lavra com Deus, até o sair é semear, porque também das passadas colhe o fruto. Entre os semeadores de Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão; os que semeiam sem sair, são os que se contentam com pregar na Pátria. Todos terão sua razão mas tudo tem sua conta. (41)

Em Garrett, também, o uso recorrente de figuras de estilo – metáforas, comparações, hipálages, ironia etc. – tornam as suas críticas mais acutilantes e a sua prosa mais expressiva.

- É a literatura, que é uma hipócrita; tem religião nos versos, caridade nos romances, fé nos artigos de jornal – como os que dão esmolas para pôr no *Diário*; que amparam órfãs na *Gazeta*, e sustentam viúvas nos cartazes dos teatros. (46)

A velha gemeu profundamente e, por um jeito de antiga reminiscência, levou as mãos aos olhos, como se os tapasse para não ver. Então disse com desconsoladas lágrimas na voz: [...]. (118)

A hipálage do segundo exemplo e a posição pré-nominal do adjectivo que a constitui – "desconsoladas lágrimas" – remetem para procedimentos muito solicitados por JS e pouco reproduzidos na tradução francesa.

Raul Brandão também se distingue pelo aproveitamento da linguagem figurada que reforça a vertente onírica da sua obra e contribui para criar uma atmosfera romanesca de contornos fantasmagóricos.

É o doido que em nós prega e nos deixa aturdidos. [...]. Diz-me coisas que nunca ouvi, isola-me num vale apertado e cismático, longe de toda a terra, arrasta-me e desespera-me. Desaparece como um cão vadio, e quando volta, com lama de todos os caminhos, folhas de todas as florestas, reflexos de todos os enxurros, vem exausto, mudo e feliz. (70)

Temos vindo a verificar ao longo do presente estudo que JS explora singularmente os recursos sintácticos da língua portuguesa. Os autores aqui em estudo já utilizavam a sintaxe para aumentar a expressividade da sua escrita. O adjectivo é usualmente um elemento que permite aos quatro autores propor uma sintaxe inesperada, mas a posição do verbo e dos complementos também proporciona organizações frásicas inabituais.

Dos três autores que constituem o padrão literário, Almeida Garrett é aquele que explora de forma mais recorrente e significativa as potencialidades do adjectivo:

[...] em Garrett, e na prosa que se lhe seguem o adjectivo solta-se dessa dependência compreensiva e ganha uma capacidade de textualização desvinculada do sentido que lhe é imposto pelo nome. (Verdelho in AA.VV. (a), II, 2003:36)

São inúmeras as passagens de *Viagens na minha Terra* nas quais encontramos adjectivos antepostos e/ou coordenados. Diversas vezes, a coordenação resulta surpreendente, posto que o escritor escolhe adjectivos menos comuns, que raramente aparecem associados ou que entram em dissonância com o nome por eles qualificado.

Os olhos de Joaninha eram verdes... não daquele verde descorado e traidor da raça felina, não daquele verde mau e destingido, que não é senão azul imperfeito, não; eram verdes-verdes, puros e brilhantes como esmeraldas do mais subido quilate. (87)

A anteposição do adjectivo, tal como a sua coordenação e enumeração também se encontram em Vieira e Brandão com efeitos expressivos idênticos, amiúde, mais comedidos em Vieira, mas nem sempre.

Que diferente é o estilo violento e tirânico que hoje se usa! Ver vir os tristes passos da Escritura, como quem vem ao martírio; uns vêm acarretados, outros vêm arrastados, outros vêm estirados, outros vêm torcidos, outros vêm despedaçados; só atados não vêm! (Vieira:55)

O quintal escorre sonho como a alma de Gabiru. Atrevem-se e acordam as coisas apodrecidas, e velhas pedras iludidas põem-se a cantar nesse pio triste dos sapos, que sai da fealdade como uma inútil queixa de desventura. A noite côncava e branca – gelada – cobre indiferentemente tudo isto. (Brandão:73)

Para além de um aproveitamento original do adjectivo, encontramos nas obras em estudo ocorrências em que os autores se desviam da sintaxe normativa, mormente em *Húmus* cujo discurso descontínuo se aparenta ao fluir

espontâneo da consciência e assenta – não só, mas também – no recurso eficiente a uma sintaxe menos comum.

Boa razão é também esta. (Vieira:54)

De alguns animais de menos força e indústria se conta que vão seguindo de longe aos leões na caça, para se sustentarem do que a eles sobeja. O mesmo fazem estes pegadores, tão seguros ao perto como aqueles ao longe; porque o peixe grande não pode dobrar a cabeça, nem voltar a boca sobre os que traz às costas, e assim lhes sustenta o peso e mais a fome. (ibid.: 97)

Que viaje à roda do seu quarto quem está à beira dos Alpes, de Inverno em Turim, que é quase tão frio como S. Petersburgo – entende-se. (Garrett:35)

Foi sempre ambiciosa a minha pena: pobre e soberba, quer assunto mais largo. (ibid.)

Mas uma criança era a que ele tinha deixado, uma criança a brincar, a colher as boninas, a correr atrás das borboletas do vale... (ibid.:131)

Desapareceu a morte e eis-me aqui preso a esta criatura de olhos tristes fitos em mim. Para sempre! Até as coisas mais belas se transformam em absurdo e me pesam como chumbo. Pesa-me a tua amizade, pesa-me o teu amor – para sempre. (Brandão:92)

Entre a árvore, o céu e a terra há um compromisso de ternura. (ibid.:118)

A alternância de ritmos entre lentidão e impetuosidade que se alicerça, com frequência, na justaposição de frases longas com frases curtas ou de uma pontuação muito marcada, que convoca emotividade e vivacidade, é uma constante dos textos aqui em apreço.

Nas outras artes tudo é arte: na música tudo se faz por compasso, na arquitectura tudo se faz por regra, na aritmética tudo se faz por conta, na

geometria tudo se faz por medida. O semear não é assim. É uma arte sem arte caia onde cair. (Vieira:54)

Come-o [um homem] o meirinho, come-o o carcereiro, come-o o escrivão, come-o o solicitador, come-o o advogado, come-o o inquiridor, come-o a testemunha, come-o o julgador, e ainda não está sentenciado, já está comido. São piores os homens que os corvos. (ibid.:89)

Oh! Que existências que eram aquelas quatro! Esse frade, essa velha e essas duas crianças! E a maior parte da gente, que é *gente*, vive assim...E querem, querem-na assim mesmo, a vida; têm-lhe apego! Oh! que enigma é o homem! (Garrett:116)

Não foi, porém senão relâmpago: sumiu-se, apagou-se logo. Aqueles olhos ficaram mortais, mudos, fixos, envidraçados, como os dum homem que acabou de expirar e a quem não cerraram ainda as pálpebras. (ibid.:183)

Na natureza os últimos dias de outono que se despedem de nós com saudade, o oiro húmido, o último sol nas folhas molhadas; as noites cheias de estrelas, em que se adivinham outras estrelas ainda; a ternura que não tem existência real, a sensação que passou por nós num segundo, sem deixar vestígios; e as horas que criámos, esquecidos e penetrados um do outro, ao pé do lume, já sumidas também na voragem. Nada - tudo. (Brandão:135)

As características do padrão literário assinaladas estabelecem paralelos entre as obras dos autores do passado literário português e a obra de JS, designadamente os romances que constituem o nosso *corpus*. A fusão dos tempos da narrativa, da narração e da leitura através da metatextualidade, da cumplicidade narrador-leitor, do registo oral, que contrasta com passagens mais eruditas, são características comuns a JS e ao padrão literário que, como observámos, aparecem esbatidas na tradução. A linguagem figurada solicitada por JS é, amiúde, evitada por GL, tal como o recurso a uma sintaxe inusitada e surpreendente. Finalmente, a tradutora francesa procura ritmos mais fluentes depurados das rupturas que a sintaxe e as repetições saramaguianas introduzem.

A tradução francesa não exclui totalmente os traços que interligam o autor contemporâneo aos seus antepassados literários, mas atenua os ecos destas obras maiores da literatura portuguesa na prosa saramaguiana. Um dos exemplos mais emblemáticos desta constatação é o aproveitamento "garretiano" que JS faz do adjectivo e que GL, inúmeras vezes, traduz, recorrendo a estruturas semânticas e sintácticas menos inesperadas.

O fio condutor que liga JS ao passado literário português aparece, assim, amortecido nas traduções francesas devido à homogeneização de uma escrita cujos contrastes, para além de a caracterizarem e vivificarem, fazem eco a palavras, repetições, ironias, estruturas e angústias marcantes da literatura portuguesa.

Depois de confirmadas e ilustradas as tendências relevantes do trabalho de GL, pretendemos agora anotar as normas que poderão estar na origem dos mecanismos tradutivos privilegiados pela tradutora francesa.

Ficou claro ao longo das reflexões anteriores que o objectivo predominante no trabalho de GL é promover uma boa recepção dos três romances de JS aqui em análise. À recepção facilitada subjazem a busca de um sucesso editorial e o intuito de "promover a identidade nacional" (Woodsworth 1996:212), metas abrangentes que implicam outras mais específicas: aproximar os textos traduzidos de discursos que possibilitem uma maior adesão do público alvo assenta na reprodução de modelos vigentes na cultura alvo – literários e, no caso do nosso estudo comparativo, sobretudo linguísticos – e propicia, simultaneamente, o reforço dos mesmos.

Queremos agora perceber, à luz das classificações complementares¹⁵⁰ de Toury e de Chesterman, a que normas respondem as opções de GL para cumprir o que parecem, neste estágio da investigação, ser os seus principais objectivos. Tendo em conta a matéria até aqui reunida, existe uma categoria de normas que sobressai no trabalho de GL: "the expectancy norms" que "are established by the expectations of readers of a translation (of this type) should be like" (Chesterman 1997:64). A ressonância destas normas nos textos traduzidos propicia uma recepção alargada dos romances de JS. As principais

¹⁵⁰ Ver pp. 78-81.

"expectancy norms" para as quais aponta a análise comparativa são as que se prendem com os hábitos linguísticos dos leitores franceses, dado que é a esse nível que grande parte das modificações de GL opera. Sendo a literatura francesa internacionalmente dominante, é plausível desde já adiantar que as traduções francesas tendem a reforçar essa proeminência e que as expectativas dos leitores se alicerçam num estatuto pouco interventivo das obras estrangeiras. O trabalho de GL coaduna-se com esta hipótese à qual regressaremos posteriormente.

É nessa tentativa de satisfazer as "expectancy norms" e, desse modo, cativar o leitor francês que parecem aglomerar-se as diferentes opções constituintes do processo tradutivo levado a cabo por GL. É também em articulação com essas normas dominantes que, tendo em conta o estudo comparativo elaborado, operam aquelas que passamos agora a assinalar.

Começamos por reflectir sobre os resultados da análise comparativa à luz das normas de Gideon Toury cuja abrangência nos permite focar aspectos de ordem geral.

O trabalho de comparação efectuado anuncia desde os primeiros segmentos analisados que estamos perante traduções essencialmente "target-oriented". Esta hipótese ganha consistência à medida que reunimos fragmentos indicadores do predomínio desta inclinação no trabalho de GL. Assim, julgamos oportuno, a partir dos dados apresentados, adiantar que "the initial norm" actuante no trabalho de tradução em análise assenta na opção da tradutora "[to] subject herself to the norms active in the target culture" (1995:56), nomeadamente as normas linguísticas como o estudo comparativo o demonstrou.

É mais difícil, neste estágio, lançarmos hipóteses relativamente às "preliminary norms" inerentes ao trabalho de GL, posto que ainda não reunimos dados suficientes para abordar de forma consistente esta temática, no entanto é-nos possível consignar que a "directness of translation" não intervém no âmbito do nosso estudo e que a escolha dos romances saramaguianos para tradução ("translation policy") se deve possivelmente à sólida consagração internacional de que JS já beneficiava antes de lhe ser atribuído o Prémio Nobel. Acresce que os três romances saramaguianos em estudo são alegorias universais que, ao inspeccionarem facetas recônditas da condição humana, são susceptíveis

de interpelar um leque alargado de leitores e converterem-se, assim, num sucesso editorial.

No estudo efectuado, raras são as ocorrências que remetem para as "matricial norms", já que as alterações efectuadas por GL ocorrem sobretudo ao nível da frase. No entanto, verificámos algumas eliminações de frases e a divisão de um parágrafo original em dois franceses que proporcionam clareza e fluência ao texto. A segunda categoria das "operational norms", "the textual-linguistic norms", aparece como a mais solicitada pelo trabalho de GL, já que o estudo comparativo revelou de forma patente que aquele obedece, tendencialmente, às normas linguísticas francesas.

Andrew Chesterman apresenta duas categorias de normas: as, já evocadas, "expectancy norms" e as "professional norms", determinadas pelas primeiras, que regem "the translation process itself" (1997:67). Das três normas constituintes da segunda categoria, e em consonância com o que tem vindo a ser concluído do estudo comparativo, a "communication norm" distingue-se no trabalho de GL. De facto, todas as alterações efectuadas pela tradutora francesa promovem uma comunicação eficiente com o público alvo. A hegemonia desta norma nas traduções em estudo implica, por vezes, desvios da "accountability norm", ou seja, a tendência para a concretização de traduções despojadas de obstáculos semânticos e/ou sintácticos interfere, mais ou menos notoriamente consoante os casos, no que poderiam ter sido os propósitos¹⁵¹ do autor português ao sugerir mensagens mais herméticas. No nosso entender, e tendo em conta a definição de Andrew Chesterman¹⁵², as distintas "lealdades" preconizadas pela "accountability norm" podem entrar em conflito e, quando tal sucede, GL tende a privilegiar aquelas que favorecem a recepção francesa dos romances em detrimento de "the demands of loyalty with the regard to the original writer" (1997:67). O mesmo acontece com "the relation norm"¹⁵³, por vezes, preterida em abono da "communication norm". No

¹⁵¹ Por exemplo, e entre outros, o intuito de propiciar uma leitura atenta, de realçar uma informação, ou de criar uma sequência ambígua que interpele o leitor.

¹⁵² "A translator should act in such a way that the demands of loyalty are appropriately met with regard to the original writer, the commissioner of the translation, the translator himself or herself, the prospective readership and any other relevant parties." (1997:68)

¹⁵³ "A translator should act in such a way that an appropriate relation of relevant similarity is established and maintained between the source text and the target text." (1997:69)

estudo comparativo, consignámos algumas dissemelhanças entre o TP e o TC que comprometem uma presença homogénea desta norma no trabalho de GL. Consideramos que a função da "accountability norm" e da "relation norm" nas opções da tradutora francesa é determinada pela preponderância das "expectancy norms" e, subseqüentemente, da "communication norm", ou seja, aquelas também condicionam o processo tradutivo em estudo, mas unicamente na medida em que não afectam as que influenciam de forma mais imediata a recepção das traduções na cultura alvo.

Antes de passarmos à terceira etapa do nosso trabalho que reunirá elementos susceptíveis de esclarecer alguns aspectos das tendências características do trabalho de GL, pretendemos olhar para os resultados da análise comparativa mediante as leis de tradução de Gideon Toury e outras propostas similares.

Os aspectos representativos das traduções de GL que temos vindo a focar coadunam-se com as diferentes propostas atinentes a generalidades do processo tradutivo¹⁵⁴. De facto, verificámos nas opções da tradutora francesa um pendor acentuado para reproduzir os universais de Mona Baker, tal como as "tendências deformantes" de Berman. As modificações emblemáticas do trabalho de GL também espelham as leis mais abrangentes de Gideon Toury, dado que reproduzem as "habitual options offered by [the] target repertoire"¹⁵⁵ (1995:268) e incluem, de modo menos frequente, elementos reveladores de uma certa interferência do TP com o TC¹⁵⁶.

A partir do trabalho de Gideon Toury, Andrew Chesterman propõe um conjunto de leis denominadas "normative laws" que como o próprio nome indica assentam na tendência dos tradutores profissionais em respeitarem as normas de tradução já aqui evocadas: "the expectancy norms" e "the professional norms" ("the accountability", "the communication" e "the relation norm"). Como anotámos anteriormente, o trabalho de GL não entra em contradição marcada com nenhuma das normas mencionadas, todavia, observa-se uma atenção mais acentuada para com "the expectancy norms" e "the communication norm" na qual se inscrevem os mecanismos de tradução que facultam uma leitura

¹⁵⁴ Ver pp. 82-85.

¹⁵⁵ Como o prevê "the law of growing standardization".

¹⁵⁶ Relembramos aqui a sequência emblemática em que a tradutora acrescenta elementos a um provérbio francês para reproduzir o aproveitamento que JS faz de um provérbio português. Ver p.200, C (243, 239).

acessível e sem surpresas. Por essa razão, e posto que as leis de Chesterman são muito específicas, devemos distinguir entre as que predominam no trabalho de GL e as restantes muitas vezes ignoradas em abono das primeiras. As leis "the professional translators tend to conform to expectancy norms" (1997:76) e "to the communication norm" (1997:77) são as que se deduzem de forma mais imediata e nítida do trabalho da tradutora francesa de JS.

A distinção efectuada relativamente às leis de Chesterman não compromete o facto de que, no geral, as traduções de GL corroboram as tendências consideradas comuns à maioria dos processos tradutivos e apontadas distintamente por diversos estudiosos com o intuito de perspectivar a tradução a partir das suas características predominantes e recorrentes.

Observámos, neste capítulo, a diversidade de dispositivos, leia-se estratégias, que remetem para um conjunto de normas e de leis também elas identificadas. Na seguinte etapa da nossa investigação, pretendemos consolidar a pertinência dos elementos até aqui consignados mediante a indagação dos valores subjacentes ao trabalho de GL e de outros factores que o influenciam.

If the objective of strategies is to conform to norms, what then is the objective of norms? In a nutshell I think the answer is: to promote certain values.
(Chesterman 1997:172)

TERCEIRA PARTE

Espaço literário francês: 1980-2002

Aspectos relevantes para a recepção do nosso *corpus* em França

O trabalho de análise comparativa permitiu-nos concluir que Geneviève Leibrich (GL) tende a propor traduções das obras de José Saramago (JS) e de outros autores portugueses que facilitam a recepção francesa dos mesmos. Entendemos que essas opções resultam do propósito de salvaguardar valores como o sugere a frase sintética e, quanto a nós certa, de Chesterman que fecha o capítulo precedente.

Preocupa-nos, agora, evidenciar quais os principais valores que GL tenta preservar e consolidar através dos dispositivos tradutivos anteriormente consignados. Para tal, é necessário ter uma visão alargada do sistema literário francês nos anos em que as traduções de JS são elaboradas e publicadas. As tendências mais significativas da ficção literária francesa contemporânea, as relações luso-francesas e o exame de aspectos estruturantes do espaço literário francês são as principais etapas que nos conduzirão a um melhor conhecimento da recepção de JS em França.

I. Produção ficcional

Propomos uma classificação da ficção literária francesa, publicada entre 1980 e 2002, para perceber se esta influenciou o trabalho de GL, mas também para verificar se existem pontos de contacto entre a narrativa francesa e a portuguesa no período por nós definido. Nesta etapa do nosso trabalho, para além da leitura de um vasto leque de obras de ficção contemporânea, recorreremos, sobretudo, às seguintes histórias da literatura francesa: Éliane Tonnet-Lacroix, *La Littérature Française et Francophone de 1945 à l'An 2000* (2003); Dominique Viart et Bruno Vercier, *La Littérature Française au Présent* (2005); Bruno Blanckeman et. al. (dir.), *Le Roman Français au Tourant du XXe siècle* (2004); Patrick Berthier et Michel Jarrety (dir.), *Histoire de la France Littéraire – Modernité – XIXe – XXe siècle* (2006); Jean-Yves Tadié (dir.), *La Littérature Française: dynamique & histoire*, I et II (2007); Michèle Touret, *Histoire de la Littérature Française du XXe siècle*, I (2000) et II (2008). Estes estudos apresentam propósitos e metodologias que evidenciam uma abordagem semelhante da história da literatura francesa. Os autores elaboram

panoramas da literatura mais recente, fundamentando-se sobre uma visão abrangente da vida literária francesa que estabelece conexões entre as obras publicadas e aspectos relevantes do contexto literário, cultural e histórico.

Notre choix étant de constamment lire les œuvres, thèmes et formes, en relation dialectique avec la conjoncture historique et intellectuelle, nous avons écarté tout développement biographique autonome pour privilégier la relation de l'œuvre et du moment sur toute considération personnelle de l'auteur. (Touret 2000:11)

[...] dans ce parcours diachronique chacune des trois parties commencera par une présentation de la situation générale du climat intellectuel et moral de la période, ainsi que de l'état où se trouve l'institution littéraire, c'est-à-dire en somme des conditions dans lesquelles va pouvoir s'exercer la création elle-même. (Tonnet-Lacroix 2003:6)

[...] notre propos n'est pas de livrer un "palmarès", ni de construire un Panthéon avant l'heure. Nous avons voulu décrire et comprendre la littérature en train de se faire, celle qui a commencé de naître au début des années 1980 et qui continue d'évoluer autour des mêmes enjeux. (Viar/Vercier 2005:7)

On ne comprend une réalité particulière qu'à partir d'une totalité qui la porte. On ne peut comprendre une succession d'évènements littéraires qu'en se représentant l'ensemble de la vie littéraire, dans ses institutions, son imagination, la variété de ses incarnations. (Tadié (dir.) 2007:11)

Trata-se, sobretudo, de salientar os diversos vectores que sustentam a produção literária francesa contemporânea, evitando cronologias rígidas e redutoras, ou seja, privilegiando a dinâmica do espaço literário francês. Mediante reflexões que oscilam entre o geral e o particular, os estudiosos em questão propõem um olhar renovado sobre a história da literatura que promove uma observação atenta da complexidade da vida literária francesa do período em questão.

En effet, la particularité, et l'intérêt, de l'histoire de la littérature est qu'elle rend compte d'une pratique collective, sans quoi il n'y a pas de littérature, mais qu'elle ne peut le faire qu'en s'appliquant à des œuvres singulières, qui résistent à la réduction au collectif, sans quoi il n'y a pas non plus de littérature, qui est création et non reproduction du déjà dit: [...]. (Touret 2000:10)

L'œuvre particulière en effet n'est pas un fait isolé mais appartient à un ensemble qui lui confère son sens et auquel réciproquement elle donne sens. (Tonnet-Lacroix 2003:8)

Discours neuf? Du moins se propose-t-il comme objet l'extrême contemporain tout en maintenant le cap des exigences contradictoires telles que: inventorier des familles littéraires et inventer des recoupements convaincants, mais insister sur la singularité des voix; introduire des périodisations (...), mais ne pas figer des œuvres et des trajectoires à l'évidence inachevées [...]. (Blanckeman et al. 2004:8)

Alicerçamos a delimitação do espaço temporal referido em dois critérios: a data de publicação das traduções que constituem o nosso *corpus* (*L'Aveuglement*, 1997; *Tous les Noms*, 1999; *La Caverne*, 2002) e as inflexões da ficção francesa que surgem a partir dos anos 80, anos que todos os especialistas apresentam como de mudança, utilizando muitas vezes o termo "crise" para os evocar.

Da visão pessimista e "sans appel" de Frédéric Badré que desconfia fortemente da literatura francesa contemporânea, sublinhando a sua vertente comercial¹⁵⁷ e considerando que "les écrivains et les éditeurs sont aussi les acteurs, impuissants, de la décomposition du champ littéraire" (Badré 2003:15) a uma perspectiva mais otimista que realça a oportunidade que se esconde por trás de uma crise incontestável

¹⁵⁷ "Les livres sont promus aujourd'hui selon des critères qui n'ont rien à voir avec leur effectivité littéraire. [...]. On attend d'eux qu'ils aient un impact médiatique, un point, c'est tout." (Badré 2003:14)

[Que la crise soit là, à quoi bon le nier ou le démentir? Mais à quoi bon nier aussi que cette crise peut être salutaire, à condition d'en profiter pour cerner les enjeux des vrais problèmes. (Baetens/Viart 1999:12)],

a década de 80 aparece em todas as obras dedicadas à literatura francesa contemporânea como o palco de alterações várias que exigem ponderação e reflexão quando se trata de caracterizar a ficção desse período.

É difícil elaborar um panorama de um período literário tão recente, posto que as inovações são numerosas e que as publicações atingem níveis nunca antes conhecidos devido aos vectores comerciais cada vez mais incisivos do mercado editorial. É complexo perceber num campo tão vasto de propostas quais os nomes e as obras que marcarão de forma perene a literatura francesa do fim do século XX e do início do XXI¹⁵⁸, contudo, é possível discernir características relevantes que concretizam um movimento geral, tal como definir algumas categorias de inovações consistentes.

Os estudiosos que se dedicam à ficção francesa contemporânea afirmam que os anos 80 representam um corte notável com os anos marcados pelo estruturalismo e o Nouveau Roman¹⁵⁹ que procuraram eliminar do texto elementos característicos do romance tradicional tais como o sujeito, a história, concentrando-se quase exclusivamente na matéria textual. Durante os anos 70 e, sobretudo, a partir dos anos 80 ocorre o que foi acertadamente definido como "un renouement" da literatura "avec le réel" (Viart/Vercier 2005:207).

Este regresso da literatura a aspectos concretos da realidade verifica-se no interesse renovado pela História – nomeadamente pela Segunda Guerra Mundial – no aparecimento de inúmeros relatos biográficos e autobiográficos, que tentam explicar o presente através de antepassados reais ou simbólicos, no reaproveitamento de géneros literários fortemente codificados, na atenção dada ao quotidiano, à banalidade, a mundos íntimos, mas, por vezes, tão comuns, no olhar sobre o corpo e o desejo feminino sem lirismo nem sentimentalismo, na propensão para expor situações em que o desespero e a perda de valores dominam numa tentativa de alertar o leitor para a desorientação da sociedade contemporânea.

¹⁵⁸ "Il serait en tout cas prématuré de dresser un panthéon de la fin du siècle. Le public, l'école, l'université n'ont pas encore fait leur choix." (Tadié (dir.) 2007 (b): 800)

¹⁵⁹ Ver, por exemplo, Tadié (dir.) 2007 (b): 788.

As categorias enumeradas constituem, quanto a nós, as vertentes marcantes da literatura francesa no período que nos ocupa, aquelas que reúnem as principais modificações que os escritores, através dos seus projectos estéticos pessoais, impõem no contexto literário a que pertencem. Trata-se agora de reflectir de forma mais pormenorizada sobre as tendências assinaladas, com base em excertos textuais delas emblemáticos.

No período por nós definido, várias obras assentam sobre um regresso ao passado influente no devir das sociedades que partilham autores e leitores. Dos relatos que se prendem com a história da humanidade aos que se focam em universos mais íntimos, a memória é convocada para examinar, sob ângulos diversos, momentos críticos da condição humana.

A Segunda Guerra Mundial e, sobretudo, o Holocausto são as temáticas mais solicitadas pela ficção em exame. Vários escritores alicerçam as suas obras nesse período histórico e procuram, por diferentes caminhos, salvaguardar a memória do horror e homenagear as suas vítimas. Do relato na primeira pessoa, testemunho directo da loucura humana, ao olhar oblíquo, mas incisivo e inquiridor, dos que nasceram depois da guerra, a literatura francesa da época em estudo demonstra uma preocupação renovada com o ser humano e a sua História.

Patrick Modiano, nascido em 1945, é um representante emblemático de uma dedicação atenta ao tema da Ocupação desde o seu primeiro romance *Place de l'Étoile* (1969) que deu lugar a alguma controvérsia devido à complexidade da personagem principal, judeu francês anti-semita, nascido depois da guerra e marcado pelo passado que não viveu.

A obra de Modiano distingue-se pela insistência em relembrar acontecimentos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, em salientar as consequências sobre o mundo actual de realidades tão sombrias e em evitar o esquecimento dos anónimos que sucumbiram à cegueira de um poder descontrolado.

Dora Bruder (1997) é um romance ilustrativo do trabalho do autor e das preocupações que sustentam a sua ficção, designadamente da forma inovadora como este apresenta segmentos de um passado anónimo, misturando-os com retalhos da sua própria biografia. É essa proximidade entre ficção e realidade, esse entrecruzar de dois patamares que torna *Dora Bruder*,

vítima do Holocausto, uma entidade mais consistente, fonte de reflexões sobre os sofrimentos incutidos pelo poder nazi que influenciam notoriamente o presente do narrador. Para além do momento histórico sem precedentes, o lugar, o tempo, a memória e o presente são também convocados nesta homenagem que levanta questões cruciais intrínsecas à condição humana. Trata-se de uma investigação, iniciada a partir de um artigo de jornal, em que o narrador tenta reunir o maior número de elementos relativos à vida de Dora Bruder, deportada para Auschwitz em 1942¹⁶⁰. São sobretudo os locais, percorridos por Dora Bruder e pelo narrador em épocas distintas, que fixam a urgência em investigar o percurso desta mulher desconhecida. Apesar das modificações que o tempo trouxe aos lugares evocados, eles permanecem e surgem como testemunhos dos tempos que o narrador se propõe apresentar:

On se dit qu'au moins les lieux gardent une légère empreinte des personnes qui les ont habités. Empreinte: marque en creux ou en relief. Pour Ernest et Cécile Bruder, pour Dora, je dirai: en creux. J'ai ressenti une impression d'absence et de vide, chaque fois que je me suis trouvé dans un endroit où ils avaient vécu. (Modiano 1997/1999¹⁶¹:29)

O relato avança entrelaçando factos e possibilidades de uma vida anónima com as experiências e impressões de um narrador atento à memória dos locais que vai descrevendo. Desenham-se assim fragmentos de vida e a importância de uma investigação longa e complexa que confirma a tenacidade de um narrador empenhado em evitar o esquecimento.

J'ai mis quatre ans avant de découvrir la date exacte de sa naissance: le 25 février 1926. Et deux ans ont encore été nécessaires pour connaître le lieu de cette naissance: Paris, XII^e arrondissement. Mais je suis patient. Je peux attendre des heures sous la pluie. (ibid.:14)

Em *La Cliente* (1998), Pierre Assouline também evoca este momento histórico através de uma investigação que obceca o espírito do narrador, transforma a

¹⁶⁰ De notar que vários momentos desta busca obsessiva relembram o percurso do Sr. José em *Todos os Nomes* de José Saramago.

¹⁶¹ Ver nota 6, p. 18.

sua vida e o leva a engendrar um plano meticuloso para tornar insuportável a existência de Cécile Armand-Cavelli, florista que denunciou uma família judia, provocando assim a deportação e morte de alguns dos seus elementos.

Plus que jamais, j'étais décidé à ne pas lâcher ma proie. (Assouline 1998/2000:124)

À medida que se vai informando sobre a vida da delatora, o narrador descobre que também esta foi humilhada, maltratada e que a sua denúncia repousou sobre uma chantagem da qual dependia a vida do seu irmão. O narrador percebe, então, que por trás de um acto hediondo e injustificável, podem esconder-se outros que explicam o, *a priori*, inexplicável:

En l'écoutant [Chifflet, inspecteur de police qui a forcé la cliente à la dénonciation anonyme], j'avais l'impression de découvrir pour la première fois la vie souterraine d'une inconnue. Au fur e à mesure de son récit, je me rendais compte que l'on est incapable de situer la faille par laquelle tous ses secrets s'engouffrent jusqu'à se mêler à son sang et irriguer son esprit. (ibid.:163)

Apresenta-se, assim, uma outra face da realidade. Depois de um ódio perverso, o narrador adopta uma visão mais moderada resultante do conhecimento do passado da florista, mas também da vontade de esquecimento que habita os familiares das vítimas em memória das quais agiu obsessivamente.

Je l'accablai de questions plus précises les unes que les autres, et tentai de le retenir par la manche. Ma frénésie était déplacée. Le vieux fourreur se dégagea doucement de mon emprise. En le regardant s'éloigner sans un mot, je me dis que ce devait être cela, la sagesse. Être capable d'expliquer le Mal et se taire.

Puis il rentra dans son magasin et reprit sa place.

Alors seulement je compris qu'il avait toujours su la vérité. (ibid.:187)

À semelhança de *Dora Bruder*, *La Cliente* constrói-se consoante os elementos que o investigador vai reunindo. A intriga desenha-se gradualmente ao ritmo das diligências de um narrador muito implicado no percurso que se propôs fazer, sustentando o seu relato de uma emotividade, por vezes, exacerbada, que confirma a importância do compromisso assumido: lutar contra o esquecimento de crimes outrora perpetrados.

A visita de um inspector das finanças para listar os bens de uma família em vista de serem penhorados é o pretexto escolhido por Lydie Salvaire em *La Compagnie des Spectres* (1997) para apresentar os traumas procedentes da Segunda Guerra Mundial.

Louisiane, a narradora de dezoito anos, vive com a mãe e suporta, desde sempre, o seu desequilíbrio psicológico assente na necessidade de contar repetidamente os factos que vivenciou, de procurar culpados e de se vingar daqueles que provocaram a morte do seu irmão. Apesar da loucura friamente apontada pela narradora, os discursos desenfreados da mãe, repletos de ironia e de humor sombrio, apresentam uma perspectiva original do período em questão. A descrição de Darnand, protótipo do poder nazi, é emblemática da obliquidade crua com que a mulher denuncia os pilares do regime totalitário:

Mal policé et brutal dans ces manières. Résultats scolaires médiocres. Darnand utilise peu de mots abstraits. Écrivain favori: néant. Musicien préféré: néant. Darnand demeure sceptique face aux choses de l'art derrière lesquelles se dissimule trop souvent: le Juif. Il n'en dira pas plus. Inaptitude totale à comprendre les beautés de la philosophie et de la métaphysique. À l'âge adulte rencontre énormes difficultés à apprendre par cœur des mots tels que *Kriegsverwaltungschef* ou *Oberkriegsverwaltungsrat*. Contourne la difficulté en hurlant *Heil* chaque fois qu'il croise un de ces titres remarquables. (Salvaire 1997:35)

Verdadeiros requisitórios contra os bastidores de um poder inumano, as longas e consistentes exposições da mãe encontram na filha uma ouvinte cansada de memórias e revoltas infundáveis. Sofrendo ela próprias frustrações devido a uma mãe presa no seu passado, a narradora manifesta, amiúde, a sua incompreensão de forma cruel:



J'aurais voulu disparaître. Ou supprimer ma mère, une fois pour toutes. Un instant je jouai avec l'idée irréaliste de lui injecter une dose d'héroïne, tandis qu'en même temps et à toute vitesse j'envisageais des tactiques qui me permettraient un enrichissement fulgurant. (ibid.:117)

La Compagnie des Spectres lança um olhar cirúrgico sobre um passado doloroso e sobre um presente por ele contaminado. No final, a cumplicidade entre mãe e filha, poucas vezes concretizada ao longo do relato, revela-se forte e insubstituível numa agressão conjunta ao inspector que de ouvinte distraído passa a vítima de uma raiva visceral partilhada por duas gerações que pouco parecia unir.

Avant d'ouvrir la porte, maman, doctement, déclara, citant Marcus Caton, Il faut faire avec le méchant comme avec l'ouragan marin, Et sur ces belles paroles, nous le jetâmes dehors. Dans l'ouragan. (ibid.:187)

Nas obras até agora evocadas existe uma necessidade de salvaguardar no presente memórias dolorosas da humanidade. Frédéric Tristan em *Les Égarés* (1983), situando o seu romance nos anos que precedem a Segunda Guerra Mundial, mistura angústias individuais com acontecimentos históricos alarmantes que uma das personagens, através do seu estatuto de escritor conceituado¹⁶², tenta, em vão, remediar.

L'Allemagne est atteinte de ce type de maladie contagieuse et, pour l'heure, nul ne paraît s'apercevoir de la perversité de son état. Parlons clair: le chancelier Hitler et le Parti national-socialiste, sous prétexte de remettre de l'ordre à l'intérieur du pays, font subir aux citoyens allemands une pression politique intolérable. (Tristan 1983:233)

¹⁶² Jonathan Absalon Varlet cujo pseudónimo é Chesterfield não é escritor, mas apenas aquele que se mostra ao mundo para que o verdadeiro escritor, Cyril Pumpermarker, possa continuar a escrever solitariamente. As identidades trocadas, que supõem um vazio e uma busca existencial, são outro dos temas preponderantes do romance em questão. A desorientação histórica encontra um eco nestas personagens em desequilíbrio constante.

A Segunda Guerra Mundial deu lugar a inúmeras publicações, nomeadamente dos que viveram a deportação e que, mais cedo ou mais tarde, sentiram a necessidade de sobre ela escrever. David Rousset, *Les Jours de notre Mort*, e Robert Antelme, *L'Espèce Humaine*, publicam os seus testemunhos em 1947, mas existem narrativas, paradigmáticas da transformação do horror vivido em escrita, que surgem mais tarde, tais como as obras de Elie Wiesel¹⁶³ ou do espanhol Jorge Semprun¹⁶⁴.

Jorge Semprun escolhe frequentemente a língua francesa para escrever as suas memórias que fazem dele uma testemunha emblemática deste capítulo negro da História. *Le Grand Voyage*, publicado em 1963, é o primeiro romance no qual aborda esta temática que continuou a explorar em textos ulteriores.

L'Écriture ou la Vie (1994) é uma obra em que se apresentam acontecimentos, emoções e questões na sua maioria provenientes da vida em Buchenwald, campo de concentração para o qual Semprun foi deportado por razões políticas. O relato não é regido por uma cronologia rigorosa, mas por uma selecção pessoal do que importa e do que ecoa em episódios diversos da vida do narrador. Trata-se de contar, aproximar sentimentos, emoções, atitudes numa espécie de confissão que não rejeita a repetição de um episódio para o desenvolver ou apresentar à luz de outras situações. Numa exposição pouco convencional de um passado atroz, uma questão atravessa o projecto do escritor: como escrever sobre uma experiência tão brutal?

Car je ne veux pas d'un simple témoignage. D'emblée, je veux éviter, m'éviter, l'énumération des souffrances et des horreurs. D'autres s'y essaieront de toute façon...D'un autre côté, je suis incapable, aujourd'hui, d'imaginer une structure romanesque, à la troisième personne. Je ne souhaite même pas m'engager dans cette voie. Il me faut donc un "je" de la narration, nourri de mon expérience mais la dépassant, capable d'y insérer de l'imaginaire, de la fiction. Une fiction qui serait aussi éclairante que la vérité, certes. Qui aiderait la réalité à paraître réelle, la vérité à être vraisemblable. Cet obstacle-là, je parviendrai à le surmonter un jour ou l'autre. (Semprun 1994/1996:217)

¹⁶³ Sendo as primeiras *La Nuit* (1958), *L'Aube* (1960), *Le Jour* (1961) e *Le Chant des Morts* (1966).

¹⁶⁴ Elie Wiesel é um autor de origem romena que se tornou cidadão americano em 1963. No entanto, a maior parte da sua obra está escrita em francês, por essa razão consideramos legítimo integrá-lo neste panorama. A situação é idêntica no que concerne Jorge Semprun.

Esta reflexão sobre a linguagem, sobre a palavra e a estrutura do seu relato reforçam o absurdo do que Semprun se propõe contar.

Do sofrimento, por vezes, tão fraternal vivido no campo de concentração à incompreensão daqueles que o recebem aquando da libertação, passando pelas estratégias de sobrevivência depois de Buchewald, Jorge Semprun percorre uma gama variada de sentimentos intensos, ressaltando que uma generosidade consistente pode irromper num contexto brutalmente inumano.

Maurice Halbwachs aussi, je l'avais pris dans mes bras, le dernier dimanche. Il était allongé dans la litière du milieu du châlit à trois niveaux, juste à hauteur de ma poitrine. J'ai glissé mes bras sous ses épaules, je me suis penché sur son visage, pour lui parler au plus près, le plus doucement possible. Je venais de lui réciter le poème de Baudelaire, comme on récite la prière des agonisants. (ibid.:60)

As obras dedicadas à Segunda Guerra Mundial, nomeadamente à deportação ilustram o regresso da literatura à História e a uma função socialmente interventiva desvalorizada pelos escritores das décadas anteriores. Apesar de ser um dos representantes do Nouveau Roman, Claude Simon propõe, em *L'Acacia* (1989), uma perspectiva na qual a história individual acompanha e esclarece momentos significantes da história colectiva. Estendendo-se por doze capítulos, intitulados consoante o espaço temporal que cobrem, o romance assenta sobretudo no entrecruzar da história provável do pai que Simon nunca conheceu e de episódios da sua própria vida, ambas marcadas pela participação numa guerra: o pai na primeira, o filho na segunda. O relato é feito na terceira pessoa do singular, o que permite uma visão distanciada e muitas vezes hipotética, nomeadamente no que concerne o percurso do pai desconhecido. Mediante um romance cuja estrutura se assemelha à de uma

sinfonia¹⁶⁵, o leitor descobre gradualmente os bastidores pouco divulgados da História oficial¹⁶⁶.

Amiúde estudado como um "récit de filiation" (Viart et al. 1999:115), *L'Acacia* ultrapassa, no entanto, em densidade e amplitude os romances pertencentes a esta categoria, na qual habitualmente se agrupam relatos feitos por um narrador que, através da sua história familiar, procura e revela a sua própria identidade. Trata-se de indagações individuais nas quais, também, se descobrem homenagens a anónimos e retratos de espaços, com frequência, rurais, emblemáticos de uma determinada época.

Les Vies Minuscules (1984) de Pierre Michon, *La Place* (1983) de Annie Ernaux e *Les Champs d'Honneur* (1990) de Jean Rouaud são obras representativas desta tendência da ficção francesa contemporânea.

Pierre Michon propõe ao leitor oito histórias de vida que se cruzaram com a sua e que lhe permitem falar de si: "Mais parlant de lui, c'est de moi que je parle" (Michon 1984/1996:19). Alguns episódios são construídos a partir de hipóteses utilizadas para completar os espaços vazios que a memória ou o conhecimento dos factos não permite preencher. O narrador alerta o leitor para o carácter aproximativo de alguns passos dos seus relatos, concretizando assim uma cumplicidade com esse seu confidente ocasional: "L'hypothèse la plus romanesque – et, j'aimerais le croire, la plus probable – m'a été soufflée par ma grand-mère." (ibid.:29); "Il faut alors imaginer qu'un jour, [...]" (ibid.:42); "Je me souviens peu de la soirée, [...]. Sans doute allâmes-nous, Eugène et moi, boire le dernier petit coup, et sans doute Clara, [...]" (ibid.:85).

As memórias reconstituídas pelo narrador, que podemos rapidamente identificar com o escritor Pierre Michon, levam-nos a conhecer fragmentos de uma vida marcada pelo álcool, o desespero e a desorientação psicológica. O autor apresenta alguns episódios concretos e significativos da sua existência tais como os anos passados num internato ("Vies des frères Barkroot"), a estadia numa clínica psiquiátrica ("Vie de Georges Bandy") ou ainda a angústia

¹⁶⁵ "L'Acacia harmonise ces pluralités selon le principe même du mouvement symphonique qui tend à intégrer ses thèmes dans un accord. L'entrelacs musical des phrases établit une étrange filiation: je suis le fils de mes parents autant que d'une guerre, d'un vignoble, d'un voyage, d'une étreinte, d'une histoire avant moi commencée, développée ailleurs et de moi-même enfin." Patrick Longuet, "Postface", in Claude Simon 1989/2003:386.

¹⁶⁶ Pensamos em José Saramago e no empenho que frequentemente demonstra, na sua obra, em dar voz aos anónimos e em sugerir alternativas à História comumente conhecida.

suscitada pela vida literária parisiense, confidenciada a partir de um episódio protagonizado por um analfabeto ("Vie du père Foucault"):

Moi aussi, j'avais hypostasié le savoir et la lettre en catégories mythologiques, dont j'étais exclu: j'étais l'analphabète esseulé au pied d'un Olympe où tous les autres, Grands Auteurs et Lecteurs difficiles, lisaient et forgeaient en se jouant d'inégalables pages; et la langue divine était interdite à mon savoir. (ibid.157)

Expôr-se numa tentativa de compreensão, ao mesmo tempo que salvaguarda vestígios de vidas passadas e anónimas, eis os propósitos principais de Pierre Michon em *Les Vies Minuscules*:

[...] qui, si je n'en prenais ici acte, se souviendrait d'André Dufourneau, [...]?
(ibid. 32)

O romance de Jean Rouaud, *Les Champs d'Honneur*, transporta-nos para um mundo rural em que o narrador, observador metódico, apresenta um retrato da sua família, baseado em personalidades e momentos emblemáticos, que se rege pelas inflexões de uma memória pessoal desvinculada da cronologia tradicional. Estamos perante textos que surgem como imagens aleatoriamente capturadas que, na passagem da memória para a escrita, se completam e esclarecem.

A frase de Rouaud é densa e muitas vezes transportada por um impulso lírico que enaltece os episódios convocados e as pessoas que os protagonizam:

Les yeux clos, sans ses lunettes à monture de métal doré, ses cheveux blancs écrasés par un filet de nuit, elle paraissait ce jour-là une autre, presque étrangère, comme si au cours des heures nocturnes on avait procédé à une substitution – notre petite tante qui ne pouvait mourir (comment l'aurait-elle pu, avec cet âge sans âge et de si hautes protections?) ayant été remplacée, après sa dormition, par une vulgaire mortelle aux traits voisins. (Rouaud 1990:112).

O projecto de Annie Ernaux em *La Place* enquadra-se na categoria "récits de filiation", no entanto, há que sublinhar a originalidade da sua escrita que se caracteriza pela escolha de frases simples e directas, nas quais a emoção pode ser adivinhada pelo leitor, dado a densidade do que é apresentado, mas nunca é exposta de forma clara. Relatam-se factos, sugerem-se possibilidades de explicação de um percurso sem que os sentimentos sejam convocados. O afastamento da narradora do meio familiar devido ao curso universitário, os conflitos, com o pai nomeadamente, que as divergências de centros de interesse provocam e a necessidade de reivindicar as suas origens no momento em que sente que as traiu definitivamente estruturam o relato de Annie Ernaux:

J'ai fini de mettre au jour l'héritage que j'ai dû déposer au seuil du monde bourgeois et cultivé quand j'y suis entrée. (Ernaux 1983/1986:111)

Nathalie Sarraute, escritora emblemática do Nouveau Roman, também se deixa seduzir pela escrita autobiográfica reabilitada na década de 80, mas, como o sugere acertadamente Éliane Tonnet-Lacroix, de forma original e, provavelmente, com o intuito de questionar e pôr em causa este tipo de relato:

La narration est fragmentée et elle s'accompagne d'un dialogue entre l'auteur et son double, assez critique, grâce auquel l'écrivain traduit sa méfiance pour ce type de récit. (Tonnet-Lacroix 2003:277)

Contrariamente aos relatos anteriores não se trata exclusivamente de um "récit de filiation" mas de um texto autobiográfico em que duas vozes dialogam, reconstituindo, gradualmente, a infância de Nathalie Sarraute e os primórdios da sua escrita:

- Et cette ressemblance [avec Balzac] m'apportait une certitude, une sécurité...Mais je dois avouer que mes textes étaient pour moi plus délectables.

En relisant une dernière fois "Mon premier chagrin"...j'en connaissais par cœur des passages...je l'ai trouvé parfait, tout lisse et net et rond...

- Tu avais besoin de cette netteté, de cette rondeur lisse, il te fallait que rien ne dépasse. (Sarraute 1983/1995:214)

L'Amant (1984) e *Écrire* (1993), de Marguerite Duras, *L'Amour des Commencements* (1986), de Pontalis e *À l'Ami qui ne m'A pas Sauvé la Vie* (1990), de Hervé Guibert, são obras emblemáticas do recurso a factos pertencentes à vida do escritor que faz do seu percurso matéria literária numa espécie de confiança em que o leitor deslinda, para além dos episódios autobiográficos, questões cruciais inerentes à condição humana. Mediante escritas diferentes, estes autores submetem ao leitor fragmentos da sua existência, das suas forças e fragilidades que explicam as pessoas que vamos sendo. Apesar da vida familiar e de momentos históricos poderem, também aqui, ser convocados, é o indivíduo que é central.

Jamais parler. Jamais besoin de parler. Tout reste, muet, loin. C'est une famille en pierre, pétrifiée dans une épaisseur sans accès aucun. Chaque jour nous essayons de nous tuer, de tuer. Non seulement on ne se parle pas mais on ne se regarde pas. Du moment qu'on est vu, on ne peut pas regarder. Regarder c'est avoir un mouvement de curiosité vers, envers, c'est déchoir. (Duras 1984/1985:53)

Je ne sais pas ce que c'est qu'un livre. Personne ne le sait. Mais on sait quand il y en a un. Et quand il n'y a rien, on le sait comme on sait qu'on est, pas encore mort. (Duras 1993/1995:34)

Et c'est maintenant, écrivant ce livre-ci, qu'une analogie s'impose: dans la langue que parlait, d'une année sur l'autre, le lycée comme dans celle qui se figurait, aussi d'une année sur l'autre, par les rituels de l'été, j'étais moi-même comme un mot, une syllabe, comme un signe, célébrant à ma manière, de ma place d'enfant silencieux, l'excellence de ces langues-là. (Pontalis 1986/1994:98)

[...] je compris, [...], que Muzil allait mourir, incessamment sous peu, et cette certitude me défigura dans le regard des passants qui me croisaient, ma face en bouillie s'écoulait dans mes pleurs et volait en morceaux dans mes cris, j'étais fou de douleur, j'étais le *Cri* de Munch. (Guibert 1990/1993:109)

Interessou-nos através das obras até aqui expostas realçar a importância da memória como dispositivo narrativo, como pretexto a reflexões que ultrapassam os episódios relatados. No entanto, devemos consignar que, na maior parte destes textos, também se verifica uma procura de ordem substancialmente literária que induz os autores a transgredir códigos tradicionais e a questionar o suporte linguístico utilizado. Para além da História e da condição humana, também a tradição literária é posta em perspectiva mediante escritas individuais que reflectem preocupações colectivas. De facto, a autobiografia, a biografia e a História são, desde há muito, terrenos propícios à criação literária que os escritores da década de 80 renovam consoante os seus desígnios.

Nas autobiografias e biografias salientamos a cronologia muito pessoal adoptada pelos autores, mas também, quando os factos escasseiam, o recurso assumido à ficção, ou ainda o entrelaçar de várias vidas que se esclarecem mutuamente.

Das obras que se baseiam em temáticas históricas, *Dora Bruder* e *La Cliente*, ao assentarem numa estrutura que reenvia ao romance policial, são emblemáticas de um aproveitamento peculiar de códigos cada vez menos estanques.

A década de 80 caracteriza-se por uma revisão das estruturas narrativas e pela conseqüente indeterminação das obras consoante critérios rigorosos de classificação.

Les voies empruntées par nombre de romanciers contemporains ont certes de quoi désorienter. En masquant les frontières génériques, en se dérochant aux appartenances, en contestant la nouveauté à tout prix, en piégeant les clichés du jour, ils rendent flous les pactes de lecture. (Blackeman/Millois (dir.) 2004:6)

A obra de Pascal Quignard, nomeadamente, *Les Petits Traités* (1990) e *Les Abîmes* (2002), ilustra a indefinição genérica para a qual tende a literatura contemporânea. Mediante fragmentos de dimensões diversas, o autor propõe reflexões sustentadas por uma erudição minuciosa nas quais cabem

referências a vidas e obras de várias épocas, tal como episódios autobiográficos. Resultam deste entrecruzar de elementos díspares, pequenos ou extensos "tratados" como é o caso de "Liber" (Quignard 1990/1997:311) que se inicia da seguinte forma: "Le terme livre ne peut être défini. Objet sans essence. Petit bâtiment qui n'est pas universel" e se estende da página 311 à 447, aproximando gradualmente o leitor da definição do livro que ao princípio se afirmou não existir.

Les Petits Traités e *Les Abîmes* exploram tonalidades distintas: a ensaística, a erudita, a biográfica e a autobiográfica. Quignard recorre, assim, a diferentes códigos, deixando, amiúde, imiscuir-se na sua obra uma certa poesia, nomeadamente em fragmentos muito curtos que abrem ou encerram espaços alargados de reflexão:

Les chevaux, les cauchemars et les livres reculent quand on les regarde en face. (Quignard 1990/1997:440)

O escritor propõe também frases acutilantes que encerram nalgumas palavras problemáticas humanas essenciais e que se aparentam a máximas que as suas reflexões tendem a confirmar:

On a beau fermer les livres, quitter les femmes, changer de ville, renoncer aux métiers, gravir des montagnes, traverser les mers, franchir les frontières, monter dans des avions, on ne sort pas de son rêve. (Quignard 2002/2005: 159)

As obras de Quignard aqui evocadas são, assim, repositórios de pensamentos variados e densos em que o outro é frequentemente convocado, em que os diferentes espaços e tempos da humanidade se cruzam para que se perceba, sob diferentes ângulos, um pouco mais da condição humana. A escrita, a leitura, a língua, as palavras são temáticas cuja recorrência nos textos em questão sublinham a função essencial que vão tendo no desenvolvimento das civilizações.

"Liber manet, homines praeterierunt", dit Jérôme (*Ep. Ad Demetriad. CXXX, 19*). Le révérend père Evaristo Paulo Arns traduit curieusement: "Le livre reste quand les hommes sont déjà passés."

Dans une admonition aux moines, Jérôme écrivait: "Numquam de manu et oculis tuis recedat liber...", "Que le livre ne s'éloigne jamais de ta main et de tes yeux!" (Quignard 1990/1997:370)

A intertextualidade é um recurso frequente, como um eco que confirma ou uma homenagem que a escrita materializa:

"Un livre est pour moi une manière spéciale de vivre", écrivit G. Flaubert (Correspondance, IVe, p.359). (ibid.:347)

De citar também nesta categoria a colecção "L'un et l'autre", criada em 1989 por Jean-Bertrand Pontalis, na qual são publicadas ficções biográficas, denominação que revela directamente a indeterminação genérica sobre a qual estes textos repousam. *Rimbaud le Fils* (1991) de Pierre Michon e *L'Autre Hémisphère du Temps* (1995) de Gérard Macé são textos emblemáticos desta colecção:

Des vies, mais telles que la mémoire les invente, que notre imagination les recrée, qu'une passion les anime. Des récits subjectifs, à mille lieues de la biographie traditionnelle.¹⁶⁷ (Viart/Vercier 2005:103)

Esta indefinição observa-se igualmente nas obras que se apropriam, para as transgredir, as propriedades do romance policial, género literário considerado menor, mas de grande sucesso comercial.

Philippe Sollers, em *Studio* (1997), reúne biografia e autobiografia num relato que assenta na estrutura do romance policial, ou mais precisamente do romance de espionagem. O narrador, que gradualmente se revela ser um espião muito peculiar, tem na literatura o seu principal campo de acção e em Arthur Rimbaud o tema de investigação predilecto, apresentando-o, por vezes,

¹⁶⁷ Não podemos deixar de pensar em *Amadeo* (1984) de Mário Cláudio biografia ficcionada de características semelhantes.

como uma espécie de *alter ego* que lhe permite expor-se de forma oblíqua e detalhada.

O quotidiano e os amores deste agente secreto misturam-se a fragmentos da vida e da obra de Arthur Rimbaud sobretudo, mas também de Hölderlin, dando lugar a um conjunto denso e esclarecedor em que a literatura e a identidade do narrador, que podemos através de alguns indícios associar ao autor, aparecem como matérias de investigação. Estamos perante a distorção de uma estrutura literária amplamente conhecida, alterada em nome de pesquisas menos prosaicas, mais abstractas e sem fim à vista.

- Bon, dit Stein, votre couverture a l'air solide. Continuez à dormir. Pour l'extérieur, soyez tantôt phobique et tantôt léger; tantôt de droite et tantôt de gauche; dragueur sans suite, mais intéressé par la chose, sans quoi où irions-nous; brillant mais sans profondeur. Je vous envie vos vacances. Vous écrivez?
- Un peu.
- Pas sur la période récente?
- Non, non, Rimbaud.
- Rimbaud? (Sollers 1997/1999:148)

Jean Échenoz também cria enredos que reinventam os códigos próprios do romance policial, de espionagem ou de aventura:

Mes premiers projets étaient en quelque sorte des tentatives d'appropriation d'un genre littéraire: le roman policier, le roman d'aventures ou le roman d'espionnage. [...] C'était à la fois un jeu et un hommage à des genres soi-disant mineurs – mais surtout pas des parodies, en aucun cas. Ensuite, lorsque j'ai cessé de travailler sur le genre, je me suis senti du coup un peu plus libre d'explorer d'autres pistes, tout en gardant un attachement à une forme de roman qu'on pourrait appeler roman d'action. Ou, plutôt, roman à double action: l'action que l'on raconte et l'action que l'on instille dans la façon de raconter, dans le mouvement de chaque phrase.... (Jean Échenoz, in "Entretien réalisé le 29 octobre 1999", Échenoz 1999/2001:243)

Apesar do autor defender que não existe qualquer mecanismo paródico no aproveitamento que faz dos géneros considerados menores, o protagonista de *Lac* aparece-nos como uma caricatura do verdadeiro espião, o que quebra terminantemente a carga heróica geralmente associada a este tipo de personagem. O arcaico instrumento de escuta utilizado por Frédérik Chopin é, sem dúvida, sintomático da vacuidade da sua missão:

Chopin perçut le craquement léger de la croisée, et peu après les sons ambiants tout différents – souffle du vent, chant des oiseaux, silence de l'altitude – vinrent confirmer ses craintes: évadées de chez Veber dès qu'il avait ouvert la fenêtre, les mouches émettaient à présent en direct depuis le parc. Jurant doucement entre ses dents, Chopin ôta ses écouteurs, rangea son matériel et descendit au bar prendre un verre comme tout le monde. (Échenoz 1989/2008:101)

A irrisão subjaz ao desenrolar da investigação de Chopin até ao momento em que o narrador nos revela que aquele era um simples instrumento de diversão para que o verdadeiro espião, Oswald Clair, pudesse executar a sua missão. Acrescentemos a estes dados a relação efémera que Chopin mantém com Suzy, mulher de Oswald Clair, e percebemos que o protagonista de *Lac* reveste todos os traços de um anti-herói moderno.

Je m'en vais, obra que vale ao seu autor o Prix Goncourt em 1999, também explora as características do romance policial numa estrutura mais complexa do que a de *Lac*. Em *Je m'en vais*, o escritor intercala elementos espaciotemporais distintos para restituir, de forma detalhada, os diferentes vectores da intriga.

Changeons un instant d'horizon, si vous le voulez bien, en compagnie de l'homme qui répond au nom de Baumgartner. Aujourd'hui vendredi 22 juin, pendant que Ferrer piétine dans la banquise, Baumgartner porte un complet croisé de laine vierge anthracite, une chemise ardoise et une cravate fer. (Échenoz 1999/2001:79)

Uma ida ao pólo Norte para recuperar antiguidades valiosas, o roubo das mesmas, a procura do culpado, a exposição do plano do assaltante e a sua

concretização, são as principais facetas desta narrativa que se termina com uma negociação entre o protagonista Félix Ferrer, proprietário de uma galeria, e o seu antigo informador, Delahaye, responsável pelo assalto. A esta intriga policial não falta um pouco de romance dado que Ferrer aparece como um protótipo do sedutor compulsivo cujas múltiplas conquistas não conseguem satisfazer. A irrisão é uma constante no relato de Échenoz. Eis os instantes iniciais do reencontro de Félix Ferrer com Delahaye:

[...] en somme il était habillé comme Ferrer aurait toujours souhaité, à la galerie, qu'il le fût. Seul accroc dans le tableau quand Delahaye se laisse tomber dans un fauteuil et que les revers de son pantalon haussèrent: les élastiques de ses chaussettes semblaient hypotendus. Vous êtes très bien, comme ça, dit Ferrer. Vous les trouvez où, vos vêtements? Je n'avais plus rien à me mettre, répondit Delahaye, j'ai dû m'acheter quelques petites choses ici. On trouve des trucs pas mal du tout dans le quartier du centre, vous n'imaginez pas comme c'est moins cher qu'en France. (ibid.:205)

A vítima e o assaltante trocam palavras sobre vestuário antes do momento tenso em que o primeiro ameaça o segundo de morte, trazendo, assim, ao relato uma cena típica do romance policial fortemente adulterada.

L'Absolue Perfection du Crime (2001) é outro exemplo de romance que ilustra a tendência para a subversão de géneros codificados. O narrador, e personagem principal, pertence a um grupo de criminosos cujo funcionamento se aparenta ao da Máfia, mas numa versão caricatural assente, desde o início, na personagem de "l'oncle". O narrador, que denominará o seu grupo "máfia de province" (Viel 2001/2006:55), é um indivíduo pouco corajoso que teme o assalto programado, dando a entender, desde logo, o fracasso que dele resultará e esvaziando o relato do *suspense* inerente a uma intriga policial.

Marin et moi surtout, on feignait de nous satisfaire du jour passé, de nos tâches réparties, et je feignais d'y croire un peu plus, à ce que le doute minait, creusait, taraudait par le fond, dans cette entreprise débile, le nettoyage du casino, parce qu'on aurait dû renoncer à tout, à l'oncle, à Lucho, à tout, dès le départ. (Viel 2001/2006:61)

O relato abunda em referências cinematográficas, nomeadamente na distribuição dos papéis que cada um deve representar no dia do assalto (ibid.:81-83) e na reconstituição do acto criminoso (ibid.:85-107), mas sobretudo nas cenas finais em que o narrador, depois de ter cumprido a sua pena, procura, para se vingar, Lucho e Marin, dois cúmplices que escaparam à prisão (ibid.:144-175). Nesses capítulos, uma personagem orientada pelo ódio e extremamente determinada surge, contrastando substancialmente com a personalidade frágil a que nos tinha habituado. Depois da localização das vítimas do ajuste de contas, iniciam-se inúmeras perseguições idênticas às que sustentam romances, filmes e séries policiais. *L'Absolue Perfection du Crime* termina na morte dos ex-cúmplices e na indiferença cínica de um narrador metamorfoseado:

J'ai repris l'escalier, tranquillement, et je ne me suis pas retourné. (ibid.:175)

A indiferença tranquila, com a qual se termina *L'Absolue Perfection du Crime*, caracteriza também algumas das obras que propõem um olhar renovado sobre o indivíduo e o seu quotidiano, explorando situações consideradas pouco literárias.

Os romances denominados, por alguns estudiosos, "minimalistes" ou "impassibles"¹⁶⁸, publicados pelas Éditions de Minuit, constituem o primeiro grupo desta categoria onde a banalidade é protagonista. As situações mais comezinhas, das quais se depreende uma angústia controlada, mas tenaz, tornam-se pretexto a novas perspectivas sobre a contemporaneidade. Tudo conta, ou seja, tudo parece valer-se. Tudo importa, isto é, nada importa; como sugere, quanto a nós acertadamente, Jacques Poirier:

Le pas grand-chose donne ainsi l'impression qu'il détient le secret du monde; ou plutôt, maintenant que les dieux se sont retirés, c'est dans le minuscule

¹⁶⁸ "Certains pratiquent le récit de manière "déceptive", en coupant court aux émotions ou aux possibilités d'interprétation, ce qui va dans le sens de l'ancien Nouveau Roman. C'est la tendance des "minimalistes" de Minuit. Le roman "impassible" semble devenir alors un roman impossible." (Tonnet-Lacroix 2003:291)

que l'homme se voit contraint de rechercher la solution de l'énigme.
(Blanckeman et.al. (dir.) 2004:380)

O escritor belga Jean-Philippe Toussaint, que publica a sua obra nas Éditions de Minuit, é representativo desta tendência em que o insignificante catalisa reflexões e narrativas próprias das mais improváveis aventuras. Da atenção excessiva dada pelo narrador a pormenores do seu quotidiano, deriva um humor sombrio, espelho de um desalento muito contemporâneo.

Je propose, de façon sous-jacente, sans l'exprimer théoriquement, une littérature centrée sur l'insignifiant, sur le banal, le prosaïque, le "pas intéressant", le "pas édifiant", sur les temps morts, les événements en marge, qui normalement ne sont pas du domaine de la littérature, qui n'ont pas l'habitude d'être traités dans les livres. (J.-P. Toussaint, in "Entretien réalisé par Laurent Dumoulin le 13 mars 2007", Toussaint 1988/2007:136)

La Salle de Bain (1985), *L'Appareil-Photo* (1988) e *La Télévision* (1997) são obras emblemáticas das palavras do autor. Nos três romances, os narradores concentram-se numa espécie de vazio produtivo de relatos que avançam sem sobressaltos nem acontecimentos notáveis. Humor e angústia tranquila avultam desta apreensão pouco comum do real em que o detalhe ocupa a vida e o pensamento do protagonista, e em que acontecimentos, *a priori*, mais importantes são assinalados sem qualquer comentário reflexivo.

No primeiro romance, o narrador encontra na casa de banho o local ideal para meditar e se desprender do mundo:

Je restais allongé dans la baignoire tout l'après-midi, et je méditais là tranquillement, les yeux fermés, avec le sentiment de pertinence miraculeuse que procure la pensée qu'il n'est nul besoin d'exprimer. (Toussaint 1985/2005:130)

Em *L'Appareil-Photo*, a fotografia necessária para se inscrever numa escola de condução é o pretexto para seguirmos um narrador cujo espírito acolhe matérias diversas com o intuito de atingir algo essencial:

La pensée, me semblait-il, est un flux auquel il est bon de foutre la paix pour qu'il puisse s'épanouir dans l'ignorance de son propre écoulement et continuer d'affleurer naturellement en d'innombrables et merveilleuses ramifications qui finissent par converger mystérieusement vers un point immobile et fuyant. (Toussaint 1988/2007:32)

Do pensamento explorado até ao ínfimo pormenor, provém uma ironia sintomática de um desânimo vivido sem dramas.

J'avais, c'est entendu, arrêté de regarder la télévision, mais ce n'était pas pour autant que j'allais devoir me livrer à toutes sortes de contorsions absurdes dans la vie quotidienne. Je dirais même, sans faire dès à présent l'inventaire exhaustif de toutes les petites exceptions que je pensais pouvoir m'autoriser sans déroger le moins du monde à la règle que je m'étais fixée (façon toute mienne, d'ailleurs, de tempérer quelque peu le jansénisme des règles que je me fixais par un coulant dans leurs applications), que si, dans les mois ou les années à venir, devait avoir lieu quelque grand évènement sportif, rare et de dimension exceptionnelle, je pense par exemple aux Jeux olympiques, à la finale du cent mètres des Jeux olympiques, je voyais mal pourquoi, au nom de je ne sais quel purisme étroit, intransigeant et abstrait, j'allais devoir me priver de ces dix malheureuses secondes de retransmission (que dis-je, moins de dix secondes!). (Toussaint 1997/2002:129)

Mon Grand Appartement (1999) de Christian Oster assemelha-se em vários pontos aos romances precedentes, sobretudo no que diz respeito às características e preocupações de um narrador cujo pensamento amplifica o vazio da sua existência e apresenta, amiúde, situações banais como verdadeiras epopeias:

J'eus un petit problème avec mes chaussettes. Les pieds, probablement, constituent la partie du corps la moins aisée à sécher, sans doute parce que l'homme, quand il est empêché de s'asseoir – comme c'était mon cas dans cette cabine, dont j'avais encombré le petit banc de mes affaires, que je ne voulais pas mouiller en les déposant au sol, qui l'était déjà, lui, mouillé –, parce que l'homme, dis-je, n'accède à leur plante, avec sa serviette, que

l'une après l'autre, au prix d'une difficile station sur une jambe. [...]. Mais ce ne fut pas avec ce pied-là que j'eus le plus de mal. (Oster 1999/2007:102)

O amor repentino do narrador por uma mulher grávida que conhece numa piscina municipal traduz a vontade pouco firme de um indivíduo que, ao perder as chaves do seu apartamento e a sua preciosa pasta, inicia uma vida orientada pelo imediato.

Neste romance, grandes decisões como viver com alguém ou perfilhar uma criança são tomadas rápida e inconsequentemente. Verifica-se uma inversão da escala de valores tradicional: o trivial é sobrevalorizado, enquanto que aspectos fundamentais da vida humana são alvo de uma ligeireza excessiva e cómica. Uma ironia em permanência activa, através de um narrador que oscila entre passividade e entusiasmos sem fundamento, obscurece a vertente humorística e resulta numa visão desencantada da sociedade contemporânea.

Non, dis-je donc. Je ne fréquente pas cette piscine. Je n'en fréquente aucune. Je n'aime pas tellement les piscines. Mais, je ne sais pas si c'est possible, j'aimerais vous aimer, vous, d'ailleurs c'est fait, dis-je, j'aime déjà vous aimer, mais ajoutai-je afin d'être bien compris, je n'aime pas tant que ça les piscines. (ibid.:111)

Nos romances de Jean Échenoz, já evocados, deparamo-nos com personagens semelhantes às de Toussaint ou Oster, subordinadas a um vazio existencial latente. A angústia não é tema de análise, mas paira sobre as situações que se vão apresentando como características do presente.

Donc, ne pouvant rester longtemps seul, il va chercher un peu partout. Mais chacun sait qu'on ne trouve personne quand on cherche, mieux vaut ne pas avoir l'air de chercher, se comporter comme si de rien n'était. (Échenoz 1999/2001:57)

A estas conclusões substancialmente negativas, outros escritores opõem perspectivas mais optimistas em que os pequenos prazeres humanos são trabalhados textualmente com intuito de os tornar centrais e essenciais. Em registos muito diferentes, Philippe Delerm e Christian Bobin são

representativos desta valorização do quotidiano que impele o leitor a ter em conta o que é considerado insignificante, o detalhe, o quase imperceptível.

La Première Gorgée de Bière et autres plaisirs minuscules (1997) é um volume constituído por 34 relatos que versam sobre episódios comuns renovados por uma escrita que salienta os aspectos fascinantes do trivial, fonte de pequenos grandes prazeres. "L'autoroute de nuit" é sintomático da forma como a perspectiva e as sensações do narrador transformam uma situação banal numa espécie de aventura insólita. Mediante as comparações e o léxico utilizado, a viagem nocturna de carro converte-se em percurso espacial no qual perpassam imagens de um mistério habitualmente ausente de cenários tão conhecidos.

Cafétéria dix kilomètres. On va s'arrêter. Déjà on aperçoit la cathédrale de lumière toute plate au loin, et de plus en plus large, comme le port s'avance à la fin d'un voyage en bateau. Super + 98. Le vent est frais. Cet assentiment mécanique du bec verseur, le ronronnement du compteur. Puis la cafétéria, une épaisseur vaguement poisseuse, comme dans toutes les gares, tous les havres nocturnes. Espresso – supplément sucre. C'est l'idée du café qui compte, pas le goût. Chaleur, amertume. Quelques pas gourds, le regard vague, quelques silhouettes croisées, mais pas de mots. Et puis le vaisseau retrouvé, la coque où l'on se moule. Le sommeil est passé. Tant mieux si l'aube reste loin. (Delerm 1997:34)

A escrita de Christian Bobin, apesar de se deter em aspectos comuns da realidade, é diferente da de Delerm. Os seus textos concedem uma grande parte ao lirismo, a algo etéreo que assenta no quotidiano para o transcender e sugerir caminhos de bem-estar emocional.

Le réel immédiat devant lequel on s'émerveille est donné comme voie vers l'ailleurs, révélation à laquelle il convient de se préparer. (Viat/Vercier 2005:337)

"Émerveillement" é, no nosso entender, a atitude mais premente nos textos de Bobin suportados por um ritmo lento que reflecte impressões e emoções de forma pausada e, amiúde, quase solene. Perante situações diversas da vida,

das mais felizes às mais adversas, "s'émerveiller" será a proposta constante do autor que procura nos pormenores quotidianos, e através da escrita, formas de alcançar alguma magia redentora.

Tout est donné, offert. Chaque degré de l'abîme est compté. Pure contemplation, pure douleur.

Je regarde le beau temps par la fenêtre. Cette candeur du soleil.

Je pense à vous, dont je ne sais rien. (Bobin 1985/1995:42)

No extremo oposto, o detalhe do quotidiano transmitido por uma escrita reduzida ao essencial sem marcas de afecto nem de emoção também caracteriza alguma da ficção deste período, nomeadamente a de Annie Ernaux e a de Emmanuèle Bernheim. Nestas histórias individuais, ecoam experiências colectivas em que o detalhe se torna significativo e eloquente.

Em *La Place* a contenção da narradora revela, muitas vezes, emoções complexas e dolorosas:

Je pensais qu'il ne pouvait plus rien pour moi. Ses mots et ses idées n'avaient pas cours dans les salles de français ou de philo, les séjours à canapé de velours rouge des amies de classe. L'été, par la fenêtre ouverte de ma chambre, j'entendais le bruit de sa bêche aplatissant régulièrement la terre retournée.

J'écris peut-être parce qu'on n'avait plus rien à se dire. (Ernaux 1983/1986:84)

A intensidade de sentimentos não confessados anuncia-se, em *Le Couple* de Bernheim, através do detalhe do comportamento dos protagonistas:

Loïc reviendrait. Hélène enfouit son visage dans la doublure de lainage du blouson. Elle respira son odeur. Dans les poches, elle trouva une paire de gants plissés aux jointures, un paquet de chewing-gums et un kleenex encore humide.

Le lendemain, elle mettrait le blouson de Loïc. Elle le porterait jusqu'à ce qu'il vienne le reprendre. (Bernheim 1987/1994:44)

À sobriedade destes excertos, opõe-se, no período em questão, uma escrita em que o corpo, o desejo, a sexualidade se tornam protagonistas. Sem preconceitos nem pudores, algumas autoras reivindicam o direito de explorarem temáticas mais íntimas numa linguagem, amiúde, crua e despojada de qualquer lirismo, contrastando fortemente com a literatura feminina habitual. Numa espécie de provocação angustiada, estas escritoras propõem histórias em que a ficção se confunde com a autobiografia para expor aspectos da condição feminina, até então, raramente abordados.

De Marie Darrieussecq, cujo romance *Truismes* (1996) conta a história de uma mulher gradualmente metamorfoseada em porca e protagonista de uma série de aventuras que funcionam como críticas aciduladas do mundo contemporâneo, a Catherine Millet que em *La Vie Sexuelle de Catherine M.* (2001) expõe a sua vida sexual nos mais ínfimos pormenores, estamos perante autoras cujas obras têm um forte impacto mediático e um grande sucesso comercial, causando debates acesos quanto ao seu teor literário. Escolhemos *L'Inceste* (1999) de Christine Angot para apresentarmos de forma mais detalhada alguns dos aspectos que caracterizam esta tendência.

Escrito na primeira pessoa do singular, o relato em questão aborda um episódio específico da vida da narradora que inicia esta espécie de confidência com a seguinte frase: "J'ai été homosexuelle pendant trois mois" (Angot 1999/2001:11). Percebemos rapidamente que a narradora reenvia à escritora Christine Angot, mediante vários indícios explícitos espalhados pelo texto, nomeadamente referências a obras anteriores da autora. Trata-se de um texto de classificação difícil, apesar de se apresentar como a transcrição espontânea de episódios autobiográficos, nomeadamente uma paixão homossexual e, em segundo plano, uma relação incestuosa.

Poderíamos aproximar este relato da autobiografia ou das ficções autobiográficas tratadas anteriormente, mas, neste caso específico, importamos a linguagem utilizada pela autora e a forma pouco comum que escolheu para tratar temas tão delicados. As problemáticas de *L'Inceste* são dissecadas mediante discursos brutais, sintomáticos de uma desorientação profunda que a

própria escrita traduz. O desenrolar sem filtros de uma consciência, a cronologia essencialmente emocional, a inserção de cartas de amor (enviadas e recebidas), de textos de outros escritores ou da própria autora fazem de *L'Inceste* um texto compósito, dominado por uma voz que se lamenta, acusa e busca a origem do desespero.

Maintenant: mettre en ordre non plus comment, mais pourquoi, les erreurs que j'ai commises, les choses dont je ne me remettrai jamais, "passe à autre chose" je ne passerai jamais à autre chose, les causes, la souffrance dans ce qu'elle a eu de plus indéracinable, je vais être polie, car ça rend très, très polie finalement. Ça vous enlève toute agressivité, toute haine véritable, la haine qu'on manifeste, parfois c'est du toc, elle est fausse, c'est une haine fausse. C'est une feinte. (Angot 1999/2001:145-146)

Sem margem para raciocínios consensuais, assim se apresenta esta obra de Christine Angot que faz eco a outros textos do mesmo período.

Como escrevemos na parte relativa à literatura portuguesa, citando Fernando Pinto do Amaral¹⁶⁹, talvez se trate de "um fenómeno [...] mais sociológico do que estritamente literário dos anos 90", contudo, é um facto que muitas autoras¹⁷⁰ optam por dar uma atenção invulgar ao corpo e à sexualidade femininos. Fenómeno sociológico ou literário? Quanto a nós, seria necessário um estudo minucioso de cada obra para obter uma resposta consistente. No entanto, estes textos seduzem, cativam e vendem, e, por essa razão, não podem ser ignorados quando se trata de descrever o panorama literário francês no espaço temporal por nós definido. Para além do mais, encerram uma angústia emblemática das sociedades actuais e intrínseca a grande parte da ficção contemporânea, nomeadamente às obras que ilustram a próxima categoria.

Nos finais de século pairam sobre a humanidade medos ancestrais difusos, com frequência, explorados e intensificados por diversos suportes artísticos, nomeadamente pela literatura. Os últimos anos do século XX estão marcados

¹⁶⁹ Ver p. 34.

¹⁷⁰ Guillaume Bridet cita uma longa e significativa lista, em Blanckeman et al. (dir.) 2004:439, que demonstra a importância senão qualitativa pelo menos quantitativa da tendência aqui evocada.

por um questionamento sobre o ser humano e os seus valores que resulta num olhar desiludido sobre o mundo. Muitos escritores reflectem sobre este desânimo comum, escrevendo obras que constataam, amplificam e alertam para a vertente desumana da sociedade a que pertencem.

A obra de Michel Houellebecq, fonte de inúmeras e aceras polémicas, aniquila qualquer possibilidade de optimismo relativo à condição humana, caracterizando-se por um cinismo sem concessões. Numa linguagem pouco inovadora, mas provocadora, Houellebecq retrata um ser humano sem esperanças nem expectativas que procura no outro um vestígio de felicidade, mas que raramente encontra e, quando encontra, conclui estar perante uma pausa efémera da sua angústia. O capitalismo e a globalização são temas que sustentam a descrição do fracasso da humanidade como grandes responsáveis pelo desalento no qual (sobre)vivem os indivíduos contemporâneos.

Aux antipodes des mystiques en quête de réconciliation et des hédonistes indifférents à l'état réel du monde, des écrivains ont entrepris d'en sonder les noirceurs. Ils pratiquent aussi bien le pamphlet que le roman, mais souvent avec une ambiguïté dans leur propre position dont les valeurs demeurent latentes, tant l'emporte la négativité de ce qu'ils dénoncent. (Viar/Vercier 2005:348)

Em *Extension du Domaine de la Lutte* (1994), um narrador cínico e sarcástico traça um retrato da sociedade sem margem para bons sentimentos. Uma indiferença acutilante acompanha o relato deste indivíduo desencantado:

Ainsi, peu à peu, s'établit la certitude de la limitation du monde. Le désir lui-même disparaît; il ne reste que l'amertume, la jalousie et la peur. Surtout, il reste l'amertume; une immense, une inconcevable amertume. Aucune civilisation, aucune époque n'ont été capables de développer chez leurs sujets une telle quantité d'amertume. De ce point de vue-là, nous vivons des moments sans précédent. S'il fallait résumer l'état mental contemporain par un mot, c'est sans aucun doute celui que je choisirais: l'amertume. (Houellebecq 1994/1997:148)

Em *Les Particules Élémentaires* (1998), os percursos de dois irmãos, Bruno, que procura na sexualidade desenfreada algum ânimo e Michel, que tem uma vida amorosa triste e vazia, servem de pretexto para uma exposição crua de uma sociedade deprimida e deprimente. A partir do seu desespero e das observações de um mundo desorientado, Michel elabora reflexões que resultam na substituição da espécie humana por seres fundamentalmente diferentes. O livro termina com as palavras de um narrador proveniente da comunidade criada após vários anos de pesquisas, narrador que lança um olhar condescendente sobre a humanidade que o concebeu:

Mais au-delà du strict plan historique, l'ambition ultime de cet ouvrage est de saluer cette espèce infortunée et courageuse qui nous a créés. Cette espèce douloureuse et vile, à peine différente du singe, qui portait cependant en elle tant d'aspirations nobles. Cette espèce torturée, contradictoire, individualiste et querelleuse, d'un égoïsme illimité, parfois capable d'explosions de violence inouïes, mais qui ne cessa jamais pourtant de croire à la bonté et à l'amour. [...]. Au moment où ses derniers représentants vont s'éteindre, nous estimons légitime de rendre à l'humanité ce dernier hommage; hommage qui, lui aussi, finira par s'effacer et se perdre dans les sables du temps; il est cependant nécessaire que cet hommage, au moins une fois, ait été accompli. Ce livre est dédié à l'homme. (Houellebecq 1998/2000:317)

Em *Plateforme* (2001), o narrador parte para a Tailândia em busca de exotismo e aí conhece um intervalo na angústia de viver através de um amor correspondido. A felicidade, em que a sexualidade livre e sem preconceitos tem um papel preponderante, termina abruptamente com a morte de Valérie. O narrador regressa ao vazio que considera comum a muitos seres humanos:

Je n'avais plus vraiment de vie; j'avais eu une vie, pendant quelques mois, ce n'était déjà pas si mal, tout le monde ne pouvait pas en dire autant. L'absence d'envie de vivre, hélas, ne suffit pas pour avoir envie de mourir. (Houellebecq 2001/2002:339)

Quant à l'amour, il m'est difficile d'en parler. J'en suis maintenant convaincu: pour moi, Valérie n'aura été qu'une exception radieuse. (ibid.:349)

A constatação final que sintetiza a estadia na Tailândia salienta um dos temas fundamentais de *Plateforme*: a crítica do mundo ocidental cujo poder e dinheiro subvertem as características exóticas de lugares submetidos às exigências do turismo lucrativo.

Jusqu'au bout je resterai un enfant de l'Europe, du souci et de la honte; je n'ai aucun message d'espérance à délivrer. Pour l'Occident je n'éprouve pas de haine, tout au plus un immense mépris. Je sais seulement que, tous autant que nous sommes, nous puons l'égoïsme, le masochisme et la mort. Nous avons créé un système dans lequel il est devenu simplement impossible de vivre; et, de plus, nous continuons à l'exporter. (ibid.)

De forma diferente, menos desencantada, outros autores apresentam através dos seus textos um retrato pouco animador da condição humana contemporânea, em que dominam a desorientação, o desalento e ambições, muitas vezes, indeterminadas.

As obras de Volodine podem integrar pelas suas características a "escrita fim de século", nomeadamente *Des Anges Mineurs* (1999), conjunto de quarenta e nove "narrats"¹⁷¹ que, como acertadamente se anota na contracapa do volume, "dessinent le portrait d'une humanité qui s'étirole" (Volodine 1999/2001). Grande parte destes textos tem por cenário paisagens cinzentas, pouco animadoras, das quais sobressaem a degradação e uma profunda angústia humana. As personagens podem ser de uma crueldade extrema e o amor ou a luta política não alteram o desespero inerente a estas histórias que se completam num conjunto de ecos e terminam sempre numa visão pouco feliz da humanidade.

Dans le quartier situé le plus à l'ouest après la rue des Prairies, il y a des caves où des hommes s'enferment avec des chiens et les mangent. Dans le quartier qui le jouxte au nord-est, la pègre contrôle une maison où on peut apprendre à tuer des gens avec un marteau ou une flèche empoisonnée. Plus au nord-ouest encore, des rues désertes se croisent sur des kilomètres carrés, sans que jamais âme qui vive n'y erre. (Volodine 1999/2001:163)

¹⁷¹ Denominação que consta da obra em estudo e traduz a dificuldade em classificar estes fragmentos de realidades disfóricas.

Num registo de um pessimismo menos denso, Richard Millet, em *Coeur Blanc* (1994), reúne onze relatos que também consideramos emblemáticos da escrita em análise.

A vida amorosa e sexual das personagens está no centro da maioria destas narrativas, em que o desejo e os sentimentos aparecem como breves interrupções de uma existência sem rumo nem ânimo. A morte, o desaparecimento, a separação irrompem, amiúde, em relações ou momentos que transportavam alguma esperança. A tristeza conclui cada um dos fragmentos de vida apresentados, eliminando as frágeis possibilidades de alegria que inesperadamente vão surgindo.

Transcrevemos excertos emblemáticos do tipo de personagens que sustentam *Coeur Blanc*: o primeiro provém de "Bérénice", o segundo e terceiro de "Octavian" e o último de "La Mort du Petit Roger".

Je le répète, j'étais alors très seul, quasi désespéré, mais ne voulais pas le voir. Je m'attachais à Bérénice parce qu'elle voulait savoir ce que je pensais de son journal et que je ne pouvais lui mentir; elle était même la première femme à qui je désirais ne pas mentir. (Millet 1994/2008:68)

Et le dimanche suivant, quand je l'aperçus à la sortie de la grand-messe à laquelle j'assistais par désœuvrement, mon cœur bondit. (ibid.:139)

Qu'attendais-je, au juste? J'aurais alors été incapable de le dire. Seule m'importait – de façon quasi superstitieuse – la pureté de mon attente, chaque fin d'après-midi, dans la pénombre froide de l'église où ne pénétraient pas les premiers souffles du printemps et où elle finit par retourner. (ibid.:145)

Beuveries qui furent pendant vingt ans son unique distraction: on ne lui connut ni amitiés, ni amours, ni passion hormis celle du travail bien fait. (ibid.:217)

A angústia, por vezes, próxima do desespero que associámos à "escrita fim de século", é uma característica transversal da literatura do período tratado. De facto, na maioria das obras citadas existe, mais ou menos implicitamente, um

desânimo que se procura ultrapassar, muitas vezes, repetindo comportamentos que acentuam o vazio latente. O amor, ou mais habitualmente o prazer sexual, surge, de modo recorrente, como remédio a um mal existencial profundamente enraizado. A escrita aparece, amiúde, como um instrumento ideal de indagação numa sociedade dominada pela ausência de valores consistentes. A metaficção é frequentemente solicitada pelos autores contemporâneos para salientarem a importância e a dificuldade de escrever num mundo desesperante. Este dispositivo narrativo tem por consequências directas a suspensão da ilusão romanesca e a concessão de um papel mais activo ao leitor, cúmplice de um narrador confidente que, não raro, esmiúça as suas angústias.

Antes de transcrevermos alguns excertos de obras já aqui evocadas, detemo-nos numa obra paradigmática do discurso metaficcional: *L'Adversaire* (2000) d'Emmanuel Carrère que nos conta a história verídica de Jean-Claude Romand, mitómano e assassino dos pais, da mulher e dos filhos. Este crime horrendo serve de pretexto para uma pesquisa minuciosa, que causa problemas de ordem moral ao narrador, sobre o pior lado do ser humano. Os episódios da vida de Jean-Claude Romand entrelaçam-se com a angústia de um escritor que se questiona, incessantemente, quanto à pertinência e à legitimidade do seu projecto.

J'avais cru en avoir fini avec ces histoires de folie, d'enfermement, de gel. Pas forcément me mettre à l'émerveillement franciscain avec laudés à la beauté du monde et au chant du rossignol, mais tout de même être délivré de ça. Et je me retrouvais choisi (c'est emphatique, je sais, mais je ne vois pas le moyen de le dire autrement) par cette histoire atroce, entré en résonance avec l'homme qui avait fait ça. J'avais peur. Peur et honte. Honte devant mes fils que leur père écrive là-dessus. Était-il encore temps de fuir? Ou était-ce ma vocation particulière d'essayer de comprendre ça, de le regarder en face? (Carrère 2000/2001:46)

Em *L'Écriture ou la Vie* de Semprun, são introduzidas várias observações provenientes da instância narrativa que aproximam leitor e narrador, tais como

precisões atinentes ao relato, reflexões anteriores à redacção do romance ou considerações próprias de um indivíduo bilingue.

Ce gamin blond aux yeux bleus. (Attention: je fabule. Je n'ai pas pu voir la couleur de ses yeux à ce moment-là. Plus tard seulement, lorsqu'il fut mort. Mais il m'avait tout l'air d'avoir des yeux bleus.) (Semprun 1994/1996:49)

Il ne me semblait pas insensé de concevoir une forme narrative structurée autour de quelques morceaux de Mozart et de Louis Armstrong, afin de débusquer la vérité de notre expérience.

Mais mon projet s'avérait irréalisable, du moins dans l'immédiat et dans sa totalité systématique. La mémoire de Buchenwald était trop dense, trop impitoyable, pour que je parvienne à atteindre d'emblée à une forme littéraire aussi épurée, aussi abstraite. (ibid.:210)

J'ai répété ce mot dans mon silence intime: *agosto*. L'eau me venait à la bouche, de tourner ce mot sous ma langue. Il y avait peut-être deux mots pour chacune des réalités de ce monde. J'ai essayé, dans une sorte de fièvre. Il y avait en effet "août" et *agosto*, "blessure" et *herida*, "lundi" et *lunes*. [...]. Il y avait toujours deux mots pour chaque objet, chaque couleur, chaque sentiment. (ibid.:282)

Dos discursos metaficcionalis com que nos deparámos, aquando das leituras relativas ao período literário aqui tratado, os de Christine Angot e os de Hervé Guibert são dos mais angustiados:

Toujours m'appuyer sur des choses annexes, faire des rapprochements, depuis que j'écris, il y a toujours eu d'autres voix, d'autres textes, d'autres choses, un autre angle sous lequel j'essaie de me montrer. Moi et autre chose, toujours. Il faut que je compte sur moi maintenant, le plus proche, le plus réel, pas grand-chose, avec l'inceste je ne peux pas me sentir grand-chose, le corps, la vie, le lieu où je vis, la comédie que je me joue, dans mes angoisses mes crises de larmes, mes coups de fil, mon intelligence, etc., toutes mes limites, être juste sur ma limite, m'appuyer dessus, comme à la rampe qui monte chez l'avocat. Que tout le monde la voie, ma nullité, mon

rien, mon minimum d'être humain, le tout petit écrivain que je suis. (Angot 1999/2001:81)

Ce livre qui raconte ma fatigue me la fait oublier, et en même temps chaque phrase arrachée à mon cerveau, menacé par l'intrusion du virus dès que la petite ceinture lymphatique aura cédé, ne me donne que davantage envie de fermer les paupières. (Guibert 1990/1993:70)

Os comentários que o narrador de *Je m'en vais* faz sobre a vida sentimental da personagem principal, Félix Ferrer, introduzem traços de cumplicidade bem-humorada com o leitor.

Il se trouverait alors supérieurement sans plus de femme du tout mais on le connaît, cela ne saurait durer. Ça ne devrait pas tarder. (Échenoz 1999/2001:103)

Et tiens, qu'est-ce qu'on disait, deux jours n'ont pas passé qu'en voilà déjà une. (ibid.:104)

Frequentemente utilizada pelos escritores contemporâneos, a metaficção é parte integrante de uma reflexão geral sobre a literatura e as suas possibilidades. Julgamos, na esteira de Viart e Vercier, que esta não visa "«bloquer» la mécanique romanesque mais [...] la faire fonctionner en dévoilant les coulisses" (Viart/Vercier 2005:385).

Como anotámos em páginas anteriores¹⁷², o recurso à metaficção pertence ao conjunto de elementos consensuais que qualificam o pós-modernismo literário, corrente estética problemática e de definição instável. Nos estudos consultados para a elaboração do panorama da ficção francesa contemporânea, verificámos uma certa prudência na utilização do termo "pós-moderno"¹⁷³, discutida noutras publicações¹⁷⁴, no entanto, mediante as leituras

¹⁷² Ver primeira parte do nosso trabalho.

¹⁷³ "D'ailleurs le "postmoderne" est une notion floue et fuyante, [...], que l'on hésite souvent à définir comme prolongement du moderne ou rupture avec lui."(Tonnet-Lacroix 2003:16); "Les réécritures parodiques, la littérature au second degré, truffée d'allusions critiques destinées à prouver que l'on n'est pas dupe de ce que l'on écrit, connurent un certain succès. Plus, sans doute, à l'étranger [...] qu'en France où la notion de postmodernité s'applique assez mal." (Viart/Vercier 2005:17); "Mais le post-moderne,

efectuadas, concluímos que as obras em análise encerram características próprias da definição mais comum do pós-modernismo literário tais como: o recurso a discursos metaficcionais, o aproveitamento renovador de géneros literários codificados, a utilização de factos históricos numa tentativa de entendimento desvinculado da História oficial, a junção de vários registos linguísticos e a ironia como forma de denunciar realidades angustiantes.

À luz de estudos sobre o pós-modernismo, é legítimo apontar uma tendência pós-moderna activa na literatura francesa contemporânea. Não pretendemos reduzir a ficção francesa contemporânea a uma corrente estética – como, aliás, o demonstra a classificação apresentada –, mas ressaltar que aquela, com as suas especificidades, se associa a movimentos literários de nível mundial, nomeadamente às inflexões identificadas na literatura portuguesa do mesmo período.

Observamos, então, que o contexto literário no qual se integram as traduções francesas dos romances de JS apresenta semelhanças com o português, isto é, conhece renovações dos mecanismos narrativos idênticas aos da literatura nacional.

Interessa realçar que, contrariamente ao que poderíamos inferir, as opções de tradução de GL regem-se por normas mais convencionais do que a ficção francesa do período em que são traduzidos *Ensaio sobre a Cegueira*, *Todos os Nomes* e *A Caverna*. De facto, o trabalho de GL parece reenviar a um

emprunté à l'architecture, n'est lui-même pas mieux défini que le moderne, dont il ne diffère d'ailleurs souvent que par le nom." (Dominique Combe, in Berthier/Jarrety 2006:433); "Après les expérimentations extrêmes des années 1960 et 1970, il n'en reste pas moins vrai que la fin de siècle, parfois qualifiée de "postmoderne", a réagi contre la volonté moderne d'aller toujours de l'avant, [...]." (Tadié (b) 2007:784) (sublinhado nosso).

¹⁷⁴ "In French literature or art, "postmodernist" is not an active term: artists hardly ever use it to describe their praxis, critics do not use it in their discussions of contemporary art. [...]. The reason for this neglect of the term postmodernism is simple: for domestic use the term "modern" is quite sufficient to describe the same phenomena that are elsewhere called postmodern, which is illustrated by Jean-Paul Aron's decision to call his attack on the development of French thinking between 1945 and 1984, *Les Modernes*." Geert Lernout, "Postmodernism in France", in Bertens/Fokkema (ed.) 1997:353.

A opinião d'Antoine Compagnon que reproduzimos de seguida coincide com a de Geert Lernout e constitui, no nosso entender, um boa explicação para a utilização muito comedida do termo "postmoderne" em França, não invalidando no entanto o facto que nesse país existam movimentos artísticos semelhantes aos que, internacionalmente, são denominados "postmodernes".

"Seconde explication: on n'a pas eu besoin du postmoderne en France parce que la modernité au sens français, c'est-à-dire baudelairien et nietzschéen, a été postmoderne depuis toujours. [...]. En France, la modernité a toujours été antibourgeoise, c'est-à-dire sceptique à l'égard du progrès comme moteur de la société. Si un postmoderne, c'est un non-conformiste du moderne, les modernes français – les vrais modernes – sont tous des postmodernes, non dupes de la modernité comme pensée unique.", Antoine Compagnon, "Postmodernes, antimodernes ou ultramodernes?", in AA.VV. (a) 2005 :27.

aproveitamento mais tradicional da língua francesa que encontramos nalgumas obras do período por nós definido¹⁷⁵, mas que não são representativas das recentes inovações literárias.

Com base nas conclusões retiradas da análise comparativa efectuada, podemos adiantar que, apesar de no trabalho de GL, se verificar uma tendência para aumentar a legibilidade da prosa saramaguiana, as temáticas e traços relevantes da escrita do autor português persistem nas traduções francesas. Em suma, as opções de GL não eliminam os pontos de intersecção fundamentais que existem entre a obra de JS e a produção ficcional francesa de igual período.

Na segunda parte do nosso trabalho, analisámos pormenorizadamente de que forma as traduções francesas de GL contribuem para a inserção de três romances de JS no espaço literário francês. Queremos, agora, salientar que os temas e os dispositivos narrativos saramaguianos, ao estarem em consonância com os que predominam na ficção francesa contemporânea, tendem a promover a adesão dos leitores franceses aos romances que constituem o nosso *corpus*. De facto, os traços dominantes de *L'Aveuglement*, *Tous les Noms* e *La Caverne* remetem para a "escrita fim de século", nomeadamente devido às tensões e angústias que os sustentam. As traduções francesas estudadas reúnem, assim, elementos que facilitam a sua integração no contexto literário francês: o trabalho de GL torna a escrita saramaguiana mais acessível e as temáticas dos romances entram em consonância com as que predominam na ficção francesa contemporânea.

Os três romances de JS, que aqui nos ocupam, contêm todos traços típicos da "escrita fim de século", dado que existe uma angústia dominante em todos eles. Em *L'Aveuglement* e *La Caverne*, desenham-se situações que realçam a subversão dos valores humanos devido à supremacia do dinheiro e à ânsia pelo poder. Em *Tous les Noms*, a investigação levada a cabo pelo Sr. José alicerça-se numa revisão dos códigos do romance policial e sugere um vazio existencial tenaz, elementos característicos da ficção francesa contemporânea. De notar que, a um nível estrutural, também encontramos semelhanças entre as obras francesas estudadas e o nosso *corpus*, nomeadamente na mistura

¹⁷⁵ Nos romances de Robert Sabatier, de Henri Troyat, Michel Déon ou François Nourissier, por exemplo.

muito livre de diferentes tipos de discursos e na consequente originalidade formal de inúmeros diálogos:

[...] (et à un moment on entendit une valise cogner contre les parois du couloir, s'approcher, puis quelqu'un fit brutalement coulisser la porte du compartiment, chercha en tâtonnant le commutateur, renonça, en même temps qu'une voix sèche, dure, disait Qui êtes-vous qu'est-ce que vous faites là les premières sont réservées aux officiers sortez d'ici!, l'autre garçon disant sans se lever Sans blague?, la voix sèche répétant Qui êtes-vous montrez-moi vos papiers où allez-vous?, l'autre garçon répondant toujours sans se lever On va tous au même endroit: au casse-pipe, la voix sèche disant Sortez tout de suite d'ici ou..., le garçon disant Ou quoi? [...]) [...]. (Simon 1989/2003:167)

Or voici qu'elle appelle en fin d'après-midi, sous un prétexte comme un autre, une histoire de papiers de Sécurité sociale que Delahaye aurait peut-être pu laisser à la galerie, pas moyen de mettre la main dessus, et est-ce que par hasard. Hélas je crois bien que non, dit Ferrer, il ne laissait jamais rien de personnel ici. Ah que c'est contrariant, dit Martine Delahaye. Est-ce que je pourrais quand même passer vous voir, histoire de prendre un verre, ça me ferait plaisir d'évoquer des souvenirs. (Échenoz 1999/2001:110)

En fait, me disais-je, rien ne me choque. Quoique tout me blesse. C'est ainsi. Que deviens-tu? lui dis-je, manière de faire évoluer un sujet dont je ne tenais pas, sur la longueur, à occuper le centre. Tu as des enfants?
Deux, dit-elle, et j'observai un silence. Et un mari, ajouta-t-elle. Jaloux. C'est compliqué. Est-ce qu'on peut se voir?
Se voir? dis-je.
Oui, dit-elle. Se rencontrer.
Ça doit être possible, dis-je.
Tu es marié?
Hein? dis-je. Qu'est-ce que tu dis? La communication est mauvaise.
(Oster 1999/2007:52)

J'avais dit à Andrei, une fois, qu'avec l'argent je décrocherais enfin, et que je partirais. Mais pour aller où, m'avait-il demandé sans même attendre de

réponse, tellement dans sa question se tenait l'évidence du vide, c'est vrai, pour aller où. (Viel 2001/2006:114)

Os dispositivos narrativos recorrentes na ficção francesa contemporânea sustentam a literatura portuguesa de igual período, nomeadamente os romances saramaguianos nos quais já havíamos observado uma tendência pós-moderna. Assim, também é possível detectar na edição parisiense das obras de JS um reforço das principais tendências da ficção francesa das últimas décadas.

Podemos, provisoriamente, concluir que a recepção francesa dos três romances saramaguianos não conhece obstáculos significativos, no entanto, é necessário examinarmos outros factores susceptíveis de condicionar a inserção do nosso *corpus* no espaço literário francês.

II. Relações culturais luso-francesas

Interessa-nos, neste momento, abordar a recepção saramaguiana sob uma perspectiva mais lata em que temos em conta as relações culturais luso-francesas.

Devido à sua história literária e política, como o demonstra de forma muito fundamentada Pascal Casanova em *La République des Lettres*, a literatura francesa beneficia, a nível internacional, de uma notoriedade sólida enquanto literatura dominante e consagrante. Assim, Paris tornou-se, ao longo dos anos, uma cidade a partir da qual os escritores obtêm reconhecimento internacional. E, apesar de se escrever muito sobre a perda de supremacia da cultura francesa, o espaço literário francês continua, de facto, a ser um dos mais prestigiados, como se pode verificar através dos números do "Index Translationum" (Unesco) relativos à tradução: o francês é a segunda língua mais traduzida a seguir ao inglês, e a terceira língua para a qual se traduz depois do alemão e do espanhol (castelhano). Apesar de outras capitais terem conquistado prestígio no panorama literário internacional, a importância de Paris neste domínio ainda é bastante significativa.

As traduções francesas dos romances de JS, por integrarem um espaço literário dominante que, como concluímos da análise comparativa efectuada, condiciona o trabalho da tradutora, acabam por ocupar uma posição central e visam, principalmente, consolidar aspectos estruturais da literatura alvo.

[...], pour les grandes langues "cibles" [...], c'est-à-dire lorsque la traduction est l'importation au centre de textes littéraires écrits dans de petites langues ou dans des littératures peu valorisées, la translation linguistique et littéraire est une façon d'annexer, de détourner des œuvres au profit des ressources centrales:[...]. (Casanova 1999:190)

Concordamos com a observação de Casanova e pensamos que a tradução da obra de Saramago em particular, e da literatura portuguesa em geral, resulta num reforço "des ressources centrales". Contudo, é também notável que a presença da literatura portuguesa no mundo, e nomeadamente em Paris, se modificou substancialmente nas últimas décadas, o que teve sem dúvida consequências na recepção dos romances em análise. Importa, por essa razão, lançar um olhar alargado sobre a evolução das relações culturais luso-francesas que, ao longo dos séculos, se desenvolveram de forma quase unilateral, resultando numa forte presença da cultura francesa em Portugal.

Os estudiosos que se debruçaram sobre as relações culturais entre Portugal e França¹⁷⁶ assinalam o século XVIII como aquele em que emerge na sociedade portuguesa um fascínio duradouro e abrangente pela cultura francesa, sendo o desígnio de emancipar o país do domínio espanhol umas das causas primeiras dessa propensão. Contudo, importa anotar sucintamente focos anteriores da presença francesa em terras lusas.

Na Idade Média, vários elementos estreitam as relações entre os dois países, nomeadamente a presença, em Portugal, das ordens religiosas de Cluny e de Cister que estendem a sua influência a diversos domínios culturais, mas também políticos¹⁷⁷. José de Azevedo Ferreira acrescenta, no artigo citado em nota, que depois da conquista de Lisboa, D. Afonso Henriques "repartiu as

¹⁷⁶ Ver por exemplo Álvaro Manuel Machado (1984), António Ferreira de Brito (1993) ou Marie-Noëlle Ciccía (2003).

¹⁷⁷ Ver a este propósito José de Azevedo Ferreira (in AA.VV. 1983:29-40) e José Mattoso (ibid:40-58).

terras, desde Lisboa a Santarém, pelos cruzados que o auxiliaram nessa empresa, entre os quais havia núcleos de população francesa." (p.33), o que favorece os intercâmbios entre os dois povos. Resultado idêntico advém dos vários matrimónios entre elementos das duas cortes como, por exemplo, o de D. Afonso Henriques, em 1150, com D. Mafalda da corte de Savoie e o de D. Sancho I, em 1178, com uma princesa de Provence, D. Dulce.

No reinado de D. Sancho I, a aproximação entre os dois países prossegue mediante duas principais vias: o recurso a franceses para a povoação do território e, mais significativo da importância que a cultura francesa já tinha então, a atribuição de bolsas a estudiosos portugueses para desenvolverem o seu trabalho em França. Estão, assim, reunidas as condições para que a cultura francesa entronque na cultura lusa, nomeadamente através do convívio directo entre oriundos dos dois territórios. Que a formação de D. Dinis seja conduzida por "mestres franceses" (Machado 1984:21) confirma a penetração da cultura francesa em Portugal e significa que "a França a nível da própria educação começa a intervir directamente na estrutura mental portuguesa" (ibid.).

Nos focos da presença da cultura francesa no Portugal medieval, vislumbramos os primórdios de um contexto propício a intercâmbios mais significativos, nomeadamente do ponto de vista literário-cultural.

No século XVI, podemos salientar vestígios da literatura francesa, designadamente em textos de Garcia de Resende ou no romance cortês nacional, e, no século XVII, é plausível aproximar os sermões de António Vieira dos do seu contemporâneo Bossuet; mas a tradução de *L'Art Poétique* de Boileau, por D. Francisco Xavier Menezes, comte de Ericeira, em 1697, é considerada o marco inicial de um período em que de modo significativa a cultura e a literatura francesas se tornam fulcrais na sociedade portuguesa.

A ligação à França que, desde então, oscilará entre francofilia e francofobia, sendo ambas indícios da predominância da cultura francesa em Portugal, reforça-se no século XVIII, apoiando-se primeiramente na rejeição do domínio espanhol, dado que, como um eco cultural da Restauração de 1640, se procura um afastamento do teatro barroco através do recurso aos clássicos franceses.

Au sein de cette rénovation littéraire voulue par les courants arcadiens et néoclassiques, la littérature classique française est désormais édifíée en tant que modèle à imiter, dans un prolongement de la littérature gréco-latine. (Ana Clara Santos, in Santos (coord.) 2005:290)

Detemo-nos, brevemente, sobre a adesão portuguesa aos princípios estéticos do teatro francês do século XVII, por esta ser fundamental no desenvolvimento da presença literário-cultural francesa em Portugal.

A controvérsia que opõe os defensores do teatro espanhol aos do teatro francês, protagonizada pelo Marquês de Valença e um anónimo – provavelmente Alexandre de Gusmão –, inicia-se em 1739 e perdura dez anos, confirmando, assim, a importância que o classicismo francês começa a granjear em detrimento do barroco espanhol, até então, dominante nas salas de teatro portuguesas.

De notar que a primeira representação de Molière em Portugal havia ocorrido dois anos antes do início da "querelle do Cid", em 1737¹⁷⁸, o que, juntamente com a contenda assinalada, configura "[les] prémices des nouvelles tendances esthétiques dans le domaine théâtral portugais" (ibid.:291). Contudo, só em 1768, Molière será novamente representado nos palcos portugueses numa tradução de *Tartuffe, Tartuffo ou o Hypocrita* (1768), da responsabilidade de Manuel de Sousa, membro da Arcádia Lusitana, grupo que se destaca quando se procura definir os contornos da influência francesa na segunda metade do século XVIII português. A Arcádia Lusitana é criada em 1756 com o intuito de delinear uma estética neoclássica portuguesa e tem no classicismo francês um dos seus principais modelos. Molière é referência destacada pelo grupo antes de se tornarem mais frequentes as representações das suas peças, sendo verosimilmente a censura, reformada em 1768, a principal responsável pela recepção prudente da obra do dramaturgo francês.

Manuel de Figueiredo é dos árcades que mais contribui para a divulgação do teatro francês em geral, do de Molière em particular, ao preconizar uma renovação da estética teatral portuguesa, tendo em consideração as exigências do regime austero implementado pelo Marquês de Pombal, ministro

¹⁷⁸ Representação privada da peça *George Dandin ou le Mari Confondu*, peça traduzida por Alexandre Gusmão e adaptada ao contexto social português.

de D. José I. Assim, "sa propre entreprise théâtrale est foncièrement tournée vers la recherche de la réforme sociale en matière de moralité et de décence, et l'entière dépendance du monarque et de son ministre" (Ciccia 2003:242). Manuel de Figueiredo divulga, então, vários autores franceses – Corneille, Racine, Quinault e Molière, por exemplo –, tendo como intuito principal a formação moral da sociedade portuguesa e unindo-se aos desígnios do regime vigente:

Pour une grande part c'est la politique pombaline sous le règne de Joseph Ier qui place la réforme des mœurs au rang des réformes indispensables. Luís António Verney se fait théoricien principal de cette réforme de la société. Or, les comédies d'un Molière correspondent souvent à l'optique d'un Verney: sous couvert de drôlerie, et tout en restant très populaires, elles ne sont jamais dénuées de morale ou de critique des travers sociaux. (ibid.:544)

De notar que Verney se destaca no âmbito das relações luso-francesas por propor, em *O Verdadeiro Método de Estudar* (1746), uma reforma educativa que se alicerça sobre o pensamento dos filósofos das Luzes, nomeadamente o de Voltaire. Reúnem-se, assim, em torno de D. João V e, posteriormente, de D. José I personalidades que introduzem o pensamento francês sob diversas formas, apesar da rígida censura que condiciona os pensadores e criadores da época.

O árcade Filinto Elísio – Francisco Manuel do Nascimento – conhece a austeridade da censura ao ser perseguido pela Inquisição, o que o leva, em 1778, a exilar-se em Paris, cidade onde vive até à sua morte, em 1819. Devido à sua condição de exilado, às leituras e traduções efectuadas, Filinto Elísio é uma figura determinante para a recepção, em Portugal, da literatura e pensamento franceses do século XVIII, estruturantes na constituição do programa liberal do século XIX português:

De modo directo ou indirecto Filinto Elísio é um bom exemplo que comprova a importância das traduções na formação de um novo patamar ideológico, de uma nova mentalidade que, uns tempos depois, terá consumação prática com a Revolução Liberal. (Fernando Moreira, in Santos (coord.) 2005:283)

Importa também citar o papel desempenhado pela Marquesa de Alorna que, tendo vivido em Paris, frequenta o salão de Madame Necker e conhece Madame de Staël. Apesar de divulgar acriticamente os autores franceses que marcaram o Romantismo a nível internacional (Machado 1984:36), a Marquesa de Alorna não deixa, na nossa opinião, de ser uma personalidade relevante no âmbito das relações luso-francesas, especialmente no que concerne a formação da estética romântica em Portugal.

Do período comumente denominado pré-Romantismo, destacamos ainda a figura de Manuel Maria Barbosa du Bocage cuja poesia e traduções – Bernardin de Saint-Pierre e Delille, por exemplo – preparam o advento do Romantismo português e veiculam os ideais da Revolução Francesa:

Com efeito, Bocage é um nome incontornável da Nova Arcádia e, no plano social, é uma personagem catalizadora dos movimentos e das mudanças da época. O nome de Bocage é de menção obrigatória quando nos referimos aos ecos da Revolução Francesa entre nós. (Castilho 2005:1)

Convém, aqui, sublinhar que a tendência para traduzir em função das normas vigentes, que verificámos na análise comparativa anteriormente apresentada, era muito mais vincada nos séculos agora em exame, ou seja, os tradutores afastavam-se nitidamente do texto de partida para satisfazer as expectativas do seu público. É necessário ter esta realidade em conta quando se reflecte sobre a recepção da literatura francesa em Portugal, já que as divergências entre os textos originais e as suas traduções, que podem – e devem – ser objecto de estudos individuais, permitem alcançar uma imagem mais *nuancée* do que a síntese necessária no âmbito do nosso trabalho.

Durante o Romantismo a atenção dada à cultura francesa no sentido lato acentua-se. Os percursos de Almeida Garrett e Alexandre Herculano atestam esse facto. Exilados em Inglaterra e, posteriormente, em França, ambos desenvolvem a sua estética literária, mas também a sua ideologia política, com base em leituras de obras francesas. *Camões* (1825) e o volume de poesia *D. Branca* (1826), de Almeida Garrett, escritos e publicados em França, acusam influências de vários escritores franceses tais como Chateaubriand, Lamartine ou Vigny. Na obra de Alexandre Herculano, salientamos *A Voz do Profeta*

(1836), em que a influência de *Paroles d'un Croyant* (1834) de Lammenais é notória, e *Cartas sobre a História de Portugal* (1842) que, desde o título, assumem como modelo *Lettres sur l'Histoire de la France* (1827) de Augustin Thierry. Herculano também traduziu vários autores franceses, entre os quais, Millevoye, Béranger, Delavigne e Lamartine (Rocha in AA.VV. 1983:375).

Convém, no entanto, anotar que a omnipresença da cultura francesa na sociedade portuguesa do século XIX desperta sentimentos de aversão, nomeadamente em Alexandre Herculano que, à semelhança de vultos ulteriores da literatura nacional, procura emancipar Portugal do que considera uma dependência excessiva. O estudo de Álvaro Manuel Machado *Imagens de França e modelos literários franceses n'O Panorama* (2004) ilustra esta vertente da recepção francesa do século XIX a partir de uma rápida análise de artigos provenientes da revista literária fundada por Herculano em 1837:

Concluindo, pode dizer-se que, estando *O Panorama* no centro da difusão do nosso primeiro romantismo e, por consequência, da sua relação com romantismos estrangeiros, em particular os europeus, pôs em questão o "francesismo" que se instalara na cultura portuguesa, sobretudo desde o século XVIII. De certo modo, o nacionalismo literário, conotado com a revolução liberal da primeira geração romântica, desencadeou todo um processo contraditório, bastante complexo, de atracção e repulsa pela imagem da França, que a nível histórico-cultural, quer a nível propriamente literário. (Machado 2004:199)

Apesar de existirem focos de resistência – reveladores na nossa opinião de um fascínio exacerbado e abrangente –, a cultura francesa predomina na sociedade portuguesa do século XIX, culminando na admiração entusiástica de um grupo de estudantes, posteriormente, denominado Geração de 70. Este grupo, formado em Coimbra e recriado, ulteriormente, em Lisboa reúne-se para debater ideias do foro político, mas também cultural, com o desígnio de impulsionar a renovação da sociedade portuguesa. Tais discussões ganham contornos mais interventivos nas Conferências do Casino inauguradas em 1871, mas rapidamente interrompidas "sob a alegação de que sustentavam

doutrinas contrárias à religião e às instituições do Estado, o que ofendia as leis do reino e o Código Fundamental da Monarquia" (Aparecido 1994:76).

O pensamento do grupo liderado por Antero de Quental alicerça-se em leituras francesas, nomeadamente de Michelet, mas sobretudo nas propostas revolucionárias de Proudhon que proporcionam ao grupo bases teóricas sobre as quais assentar o seu projecto de remodelação da sociedade portuguesa. Assim, *Idée Générale de la Révolution au XIXe* (1851) e *De la Justice dans la Révolution et dans l'Église* (1858) são obras determinantes para a formação do pensamento ideológico da Geração de 70. De notar que é também por intermédio de Proudhon que o grupo conhece a filosofia de Hegel.

Tendo participado, desde o início, na formação do pensamento que caracteriza a Geração de 70, Eça de Queirós desenvolve uma relação conflituosa com a cultura francesa que espelha a preponderância da mesma no seu percurso. O confronto da imagem elogiosa de Paris em *O Primo Basílio* (1878) e *Os Maias* (1888) com a pintura negativa da capital francesa em *A Cidade e as Serras* (1901), desenha uma oscilação do pensamento queirosiano relativamente à hegemonia francesa, oscilação que ganha contornos mais incisivos no texto "O Francesismo" (1899), no qual o escritor inscreve uma viva aversão pela cultura que admite tê-lo formado:

Em lugar de ser culpado da nossa desnacionalização, eu fui uma das melancólicas obras dela. Apenas nasci, apenas dei os primeiros passos, ainda com sapatinhos de croché, eu comecei a respirar a França. Em torno de mim só havia França. (Queirós 197?: 388)

Texto ambivalente e esclarecedor, "O Francesismo" ao mesmo tempo que enumera múltiplas razões para que a sociedade portuguesa se liberte da sua exacerbada francofilia, consigna a abrangência da mesma: da educação às ideologias políticas, passando pela literatura, a gastronomia e o vestuário, nas palavras de Eça de Queirós, a França monopoliza a criatividade, o gosto e o pensamento portugueses:

Esta geração cresceu, entrou em política, nos negócios, nas letras, e por toda a parte levou o seu francesismo de educação, espalhou-o nos livros,

nas leis, nas indústrias, nos costumes, e tornou este velho Portugal de D.João VI uma cópia da França, malfeita e grosseira. (ibid.:398)

No início do século XX, a influência da cultura francesa permanece activa, nomeadamente através da literatura, mas como alerta Arnaldo Saraiva, ecoando as palavras queirosianas, "o peso da França em Portugal não se fazia sentir apenas nos domínios da literatura ou da cultura, e [...], então como hoje, a cultura e a literatura até podiam funcionar como a capa envernizada de produtos comerciais e políticos" (1983:546). François Castex, citado por Saraiva, sintetizou, posteriormente, a omnipresença francesa:

[...] neste começar de século XX, Portugal vive à hora de Paris. Na vida quotidiana, que a leitura da imprensa nos levou a reviver, deparámos com esta influência francesa em todos os domínios. Assim, ao abrir o seu jornal pela manhã, um português podia aí ver um grande restaurante propor-lhe uma ementa toda redigida em francês. Lia igualmente todos os dias anúncios que exaltavam a qualidade e a elegância dos artigos de Paris, e os comerciantes nunca se esqueciam de avisar os seus clientes eventuais da chegada das "últimas novidades de Paris". (ibid.)

No decorrer do século XX, mantém-se o fascínio português pela França¹⁷⁹. Artistas como Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, Raul Leal, António Ferro ou Amadeo de Souza Cardoso viveram em Paris, um dos destinos predilectos dos portugueses que pelas mais diversas razões se afastam da sua pátria.

No seu artigo "Portugal-França ou a comunicação assimétrica", Eduardo Lourenço convoca José Régio e Miguel Torga como representativos dos sentimentos ambíguos que a cultura francesa suscita. Régio encara-a como prejudicial ao desenvolvimento da cultura portuguesa:

Em última análise, Régio pensava que o mistério da nossa escassa irradiação fora das nossas fronteiras não se devia a qualquer ausência de

¹⁷⁹ Basta consultar estudos como, por exemplo, o de Andrée Rocha (in AA.VV. 1983:373-382) ou o de Urbano Tavares Rodrigues (in AA.VV. 1988:155-167) para entender a amplitude da presença francesa em Portugal ao longo dos séculos.

talento ou génio mas tão só à existência de culturas hegemónicas, como a francesa. (Lourenço in AA.VV. 1983:23)

Miguel Torga queixa-se "da indiferença ou incompreensão da França a nosso respeito" (ibid.) e nalgumas observações ataca com virulência a literatura francesa, revelando uma forte aversão na qual, como afirma Eduardo Lourenço, entrevemos uma "estrutura de amor-ódio suscitada pela singular relação mútua das nossas culturas" (ibid.:25).

Já não sei por onde lhe hei-de pegar. Está tão seca, tão vazia de conteúdo humano, tão falha de naturalidade esta literatura francesa, que se atira uma biblioteca abaixo e não se encontra uma página que encha alma e o plexo solar. (Torga 1999, 1:214)

Apesar da hegemonia da cultura francesa nas relações em exame, surgem e desenvolvem-se, ao longo dos tempos, focos da presença portuguesa em França, nomeadamente da sua literatura.

Como o anota Adrien Roig na sua comunicação "Historique de l'enseignement de la littérature portugaise en France" (1986:21-36), desde o século XVI publicam-se em França obras portuguesas cuja temática principal são os Descobrimentos. No início do século XVIII, mantém-se o predomínio das publicações relativas à História, mas a tradução de *Os Lusíadas* em 1735, reeditado em 1768, tem como consequência directa um acréscimo do interesse pela literatura portuguesa.

A publicação em 1808 por Sané de *Poésie Lyrique Portugaise, ou Choix des Odes de Francisco Manoel* "désirant faire connaître la belle langue de Camões" (Roig 1986:23) é emblemática da importância de *Os Lusíadas* na pequena, mas significativa inflexão das relações luso-francesas no século XVIII. Almeida Garret e vários autores de teatro português são traduzidos no decorrer do século XIX e a história da literatura portuguesa é objecto de análises e publicações. Mas é no século XX que pequenos núcleos de cultura portuguesa em França se desenvolvem e consolidam no sentido de uma presença mais activa.

Um dos factores que contribui para esta realidade é o ensino do português e da sua literatura¹⁸⁰ que se inicia, em 1919, na Faculdade de Letras da Universidade de Paris, com o curso de Literatura Portuguesa a cargo do Professor Georges Le Gentil, e se estende gradualmente a outras universidades francesas.

Na década de 70, a criação do CAPES (certificat d'aptitude au professorat de l'enseignement du second degré) (1970) e da "agrégation de portugais" (1973) representam um verdadeiro impulso para a extensão do interesse francês pela língua portuguesa e a sua literatura. No ano de 1973, é também criada a ADEPB (Association pour le Développement des Etudes Portugaises et Brésiliennes) que, em 1976, amplia os seus objectivos e passa a denominar-se ADEPBA (Association pour le Développement de Etudes Portugaises, Brésiliennes, d'Afrique et d'Asie lusophones). Como consta do *site* da associação, esta

œuvre pour le développement de l'enseignement du portugais et pour une meilleure connaissance des pays lusophones. Elle donne son appui à ceux qui défendent le plurilinguisme en Europe et cherche à faire mieux connaître la langue et la culture portugaises. Elle mène ses actions grâce à des subventions publiques et privées allouées par des organismes français, brésiliens, portugais et aux cotisations des adhérents.
(www.adepba.fr/qui.htm)

A ADEPBA tem um papel predominante na divulgação das culturas e línguas lusófonas através do apoio ao ensino do português, da organização de colóquios e de diversas publicações.

Devemos também assinalar, neste âmbito, o empenho do Centre Culturel Calouste Gulbenkian, fundado em Paris em 1965, em promover a cultura portuguesa através de exposições, concertos, conferências e publicações várias. Acresce que esta instituição possui "une bibliothèque spécialisée [qui] constitue le plus important centre de documentation, en France et en Europe,

¹⁸⁰ Consultar a este propósito as actas do colóquio que teve lugar em Paris de 21 a 23 de Novembro de 1985: *L'Enseignement et l'Expansion de la Littérature Portugaise en France* (1986).

sur le Portugal et le monde lusophone" (www.gulbenkian-paris.org/france/accueil_presa.htm).

Na década de 80, surgem modificações determinantes para um maior equilíbrio no intercâmbio cultural luso-francês. Concordamos com a análise feita pela maioria dos especialistas que se dedicaram a esta questão: o fim da ditadura salazarista e a entrada na CEE propiciam uma curiosidade renovada por Portugal e pela sua cultura, mas é a divulgação alargada de Fernando Pessoa que, a partir dos anos 80, dinamiza notoriamente a recepção francesa de autores portugueses. As primeiras traduções francesas da sua poesia são publicadas em periódicos nos anos 30 e devem-se a Pierre Hourcade. A partir desse momento, ocorrem publicações esporádicas, muitas delas promovidas pelo entusiasmo de Armand Guibert¹⁸¹, grande divulgador da obra de Pessoa em França. No entanto, é na década de 80 que o poeta português beneficia de um forte interesse no espaço literário francês: o cinquentenário da sua morte (1985) e o centenário do seu nascimento (1988) não deixam os editores franceses indiferentes e muitas obras pessoais são, então, publicadas. As editoras La Différence e Christian Bourgois dão à estampa a sua obra completa e alguns periódicos consagram-lhe números especiais.

Neste contexto cada vez mais favorável à difusão da literatura portuguesa, Michel Chandeigne inaugura, em 1986, a "Librairie Portugaise" e, em 1992, associado a Anne Lima, a editora Chandeigne, que, desde então, se tornaram referências em matéria de divulgação da literatura e cultura portuguesas em França. O título de uma entrevista feita ao editor é sintomático do trabalho realizado por este francês: "Michel Chandeigne: o nosso homem em Paris" (Marques 2005:26).

De assinalar ainda a associação Cap Magellan, fundada em Paris em 1991, cujos objectivos e actividades assentam numa propagação sólida e regular da cultura portuguesa.

¹⁸¹ Destacamos algumas das publicações da poesia de Fernando Pessoa em França que se devem ao empenho de Armand Guibert: *Ode Maritime*, traduit du portugais et préfacé par Armand Guibert, Paris, Éditions Caractères, "Planètes", 1955; *Fernando Pessoa*, Choix de textes, traduit du portugais et préfacé par Armand Guibert, Paris, Éditions Seghers, "Poètes d'aujourd'hui" n°73, 1960; *Le Gardeur de Troupeaux et les autres poèmes d'Alberto Caetano*, traduit du portugais et présenté par Armand Guibert, Paris, Gallimard, "Blanche", 1960; *Poésies d'Alvaro de Campos*, traduit et préfacé par Armand Guibert, Paris, "Poésie du monde entier", 1968.

Todos os elementos consignados participam numa inserção cada vez mais significativa do mundo português em França onde, a partir da década de 80, inúmeros autores são traduzidos, como o afirma Robert Bréchon num número do *Magazine Littéraire* dedicado à literatura portuguesa: "En France, on a publié en vingt ans plus d'auteurs portugais qu'auparavant en trois siècles." (AA.VV. 2000:23).

O reconhecimento gradual da literatura portuguesa culmina, em 2000, no Salon du Livre de Paris em que Portugal é o país convidado. Este evento representa uma verdadeira consagração para os escritores portugueses e tem como consequência directa uma visibilidade acrescida das suas obras, nomeadamente através da publicação de artigos em diversos periódicos. Os franceses têm nesse acontecimento a oportunidade de conhecer melhor uma literatura que progressivamente obteve um estatuto internacional estável e cada vez mais sólido. Destacamos das publicações relacionadas com o Salon du Livre, o suplemento do jornal "Le Monde", "Le Monde des Livres" (17 de Março de 2000), e o número 385 do *Magazine Littéraire* (Março de 2000), já referido, ambos dedicados à cultura portuguesa em geral, à literatura em particular.

O suplemento de "Le Monde" inicia-se significativamente com um texto de Eduardo Lourenço, intitulado "Allégresse portugaise". O autor dissimula por trás deste título o conteúdo do seu artigo, no qual expõe os dilemas de uma cultura que tem na obra de Fernando Pessoa a fonte de uma revitalização problemática:

D'un coup, grâce à Fernando Pessoa, une culture de l'ombre s'est trouvée éclaboussée de soleil; rayonnement excessif, autre espèce d'obscurité, dans la mesure où, à juste titre, on prenait Pessoa pour une exception: il est devenu un mythe à part entière, et sa lumière (même noire) est comme l'enseigne à l'abri de laquelle on pouvait loger l'ensemble de la culture portugaise. (AA.VV. 2000:1)

Para além deste artigo ilustrativo da irradiação da obra de Fernando Pessoa, a primeira página do suplemento anuncia-nos que este não se compõe unicamente de textos sobre literatura. De facto, "Le Monde des Livres"

apresenta um panorama alargado da cultura portuguesa, sugerindo reflexões sobre outros domínios tais como o cinema, o teatro, a história e o pensamento portugueses. São os nomes mais conceituados dos diferentes sectores que sustentam estes artigos, apesar de ser notável o intuito de apresentar de forma abrangente as áreas em questão. Assim, por exemplo, na página dedicada ao teatro (VIII) depois de um "petit tour sur les tréteaux lisboètes", Jean-Louis Perrier propõe um artigo sobre Luís Miguel Cintra, quanto a ele, "la principale figure du théâtre et du cinéma portugais" e termina este panorama com uma breve entrevista ao fundador do Teatro da Cornucópia.

Na página IX, encontramos duas contribuições em que se sintetiza, na primeira, as relações entre Portugal e Espanha, na segunda, as relações entre Portugal e o Brasil. O artigo "Au regard de l'Espagne", de Ramon Chao, alerta para a forte presença espanhola na economia portuguesa, apesar de se finalizar numa nota positiva: " [...] : le Portugal fait partie d'un tout ibérique. Mais face à son grand frère siamois, il affirme une culture qui, à partir de racines communes, a toujours su trouver son originalité et sa richesse." Em "Brésil, une lointaine affection" de Luiz Felipe de Alecanstre, o olhar sobre a supremacia espanhola é categórico:

Nous assisterons alors à un retour à la géopolitique des Habsbourg d'Espagne: comme au XVIIe siècle, les lusophones d'Europe et d'Amérique devront aussi devenir hispanophones. Les plus vulnérables seront sans doute les Portugais, menacés d'être aspirés par l'hégémonie espagnole dans la Péninsule Ibérique. Si tel était le cas, dans quelques décennies un historien brésilien pourra alors écrire: "*au début du XXIe siècle, lorsque nous avons perdu le Portugal une deuxième fois*".

Exceptuando estes alertas menos positivos, o suplemento literário do "Le Monde" apresenta diferentes facetas da cultura portuguesa de forma elogiosa, acentuando a sua vitalidade e originalidade. Num artigo dedicado à edição portuguesa utilizam-se palavras tais como "frénésie" e "euphorie" para qualificar a actividade deste sector revigorado, também, pela atribuição do prémio Nobel a JS em 1998:

La bonne santé de l'économie et l'attribution du prix Nobel de littérature à un écrivain portugais rendent les éditeurs portugais presque euphoriques. (XII)

O suplemento dá destaque a nomes consagrados da literatura portuguesa, tais como Eça de Queirós, Mário Cesariny, Sophia de Mello Breyner, Mário de Carvalho, Lídia Jorge, Eduardo Lourenço, JS e António Lobo Antunes, desvendando um pouco mais da vida e obra destes autores com uma sólida carreira internacional. Manuel Maria Carrilho, então ministro da cultura, e Michel Chandeigne, enquanto editor de literatura portuguesa, nomeadamente da colecção "Magellane", também contribuem para esclarecer alguns temas a que estão profissionalmente ligados.

"Le Monde des Livres" reúne um conjunto de textos, muitos deles da autoria de especialistas das matérias tratadas, que, para além de informarem seriamente o público menos familiarizado com a cultura portuguesa, fornecem elementos de reflexão àqueles que nutrem por ela um interesse constante.

O *Magazine Littéraire* também dedica um número ao país convidado do Salon du Livre de Paris de 2000. Com o título "Écrivains du Portugal", a capa deste periódico contém informações significativas. A imagem escolhida para ilustrar este número sobrepõe quatro figuras emblemáticas da literatura portuguesa: Fernando Pessoa, JS, António Tabucchi¹⁸² e António Lobo Antunes. Como fundo desenhou-se um azulejo, elemento típico das terras portuguesas. Uma lista de nomes anuncia parte do conteúdo da publicação, ao mesmo tempo que nos permite deduzir quais os escritores que, em 2000, já tinham conquistado o público francês: Camões, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, JS, António Lobo Antunes, Lídia Jorge, António Tabucchi e Mário de Carvalho são os que respondem ao título "Écrivains du Portugal".

As 48 páginas do *Magazine Littéraire* propõem um panorama consistente da literatura portuguesa, nomeadamente através da síntese histórica de Robert Bréchon, "Une littérature à découvrir" (23-28) e do "Dictionnaire des auteurs" (32-39), que apresenta uma biografia sucinta de autores portugueses consagrados internacionalmente em diversos graus. De salientar que as obras

¹⁸² Pode parecer estranho que um escritor italiano integre esta ilustração, no entanto, julgamos que se deve ao facto do autor ter dedicado parte da sua vida ao estudo e divulgação da literatura portuguesa. Para além do mais, a sua obra alicerça-se, amiúde, em realidades portuguesas e o seu romance *Requiem* foi escrito directamente em português.

destes autores traduzidas em francês são também noticiadas, o que funciona como um bom meio de divulgação de textos portugueses menos conhecidos em França.

Os escritores que merecem um lugar de destaque nesta publicação não causam surpresa: Pessoa é o escritor ao qual mais páginas são dedicadas, seguido de JS e de António Lobo Antunes. Dos dois últimos, para além das respectivas entrevistas, publicam-se textos inéditos.

Lídia Jorge e António Tabucchi também são objecto de artigos individuais; Manuel Maria Carrilho concede uma entrevista cuja temática é a filosofia portuguesa e Nuno Júdice assina um artigo sobre a vitalidade da poesia nacional.

As duas publicações aqui apresentadas e o Salon du Livre de Paris confirmam e reforçam a expansão internacional, na qual a França colabora activamente, da literatura portuguesa.

De salientar que as letras portuguesas já tinham sido destacadas noutras publicações como, por exemplo, numa sequência cronológica: *Synthèses* nº145-146, "Portugal. Le monde des Lusíades." (juin-juillet 1958); *Esprit* nº7-8, "Poètes portugais" (juillet-août 1967); *Europe* nº660, "Littérature du Portugal" (avril 1984) *Critique* nº495-496, "L'épopée lusitanienne" (août-septembre 1988); *Nouvelle Revue Française* nº522-523, "Ouvertures portugaises" (juillet-août 1996); *Atelier du Roman* nº13, hiver 1997-98, "Le roman via le Portugal" (1997) e *Prétexte* nº18-19, "Spécial Portugal" (été-automne 1998). Em 2000, *Europe* nº851, "Voix du Portugal", (janvier-février) e *Poésie 2000* nº81, "Sept poètes portugais d'aujourd'hui" (janvier-février). Posteriores ao ano 2000 são as seguintes publicações: *Arsenal* nº6, "Du Portugal" (2002); *Bacchanales* nº31, "Anthologie bilingue de la jeune poésie portugaise" (octobre 2003) ou ainda a *Siècle 21* nº6, "Panorama de la littérature portugaise contemporaine" (2005).

Desta amostra deduz-se que a literatura portuguesa é, com alguma regularidade, temática central de vários periódicos franceses e que tanto a poesia como a prosa são objecto de reflexão. Aquando da consulta dos conteúdos das publicações mencionadas, verifica-se um maior interesse pela literatura contemporânea.

Escolhemos a revista *Prétexte* (été-automne 1998) para uma análise mais detalhada por ser, na nossa opinião, paradigmática de uma difusão consistente da literatura portuguesa no espaço literário francês.

A publicação em questão recebeu apoio financeiro do Instituto Camões e da Fundação Calouste Gulbenkian, o que confirma o papel activo destas duas entidades na divulgação, nomeadamente em França, da literatura portuguesa. Dividindo-se em quatro partes principais – "La prose", "La poésie", "Entretiens" e "Traductions inédites" –, este volume expõe diversas facetas da literatura portuguesa, mas também lança questões sobre a sua recepção em França, nomeadamente nos "entretiens" com, entre outros, Carlos Batista, Robert Bréchon e Michel Chandeigne.

Através das categorias mencionadas, a *Prétexte* detém-se sobretudo nos autores mais consagrados, não deixando, no entanto, de citar um ou outro escritor menos conhecido internacionalmente, como, por exemplo, Fernando Namora ou o poeta António Franco Alexandre.

A revista propõe também uma selecção de textos de escritores, tais como Nuno Júdice, Adília Lopes, António Lobo Antunes, David Mourão-Ferreira, JS e Miguel Torga, dando assim uma amostra da literatura portuguesa susceptível de alcançar um público diversificado. De sublinhar a escolha exclusiva de autores do século XX que vai ao encontro de uma tendência característica da totalidade desta publicação, mas também, de forma mais geral, da presença da literatura portuguesa em França.

Dos "entretiens" que integram este número, destacamos dois elementos recorrentes quando se evoca a recepção da literatura portuguesa: a viragem notável ocorrida na década de 80 e o papel inegável da obra de Fernando Pessoa na maior atenção concedida aos escritores portugueses:

Malgré tout, la littérature portugaise a trouvé une place notable chez nous, essentiellement grâce à la découverte de Fernando Pessoa par le grand public. (Michel Chandeigne, 67)

Fernando Pessoa et l'attachement de plus en plus de Français au Portugal en général, et à la ville de Lisbonne en particulier, restent les deux grands "moteurs" de la reconnaissance de la culture portugaise en France. (ibid.)

D'une part, le dialogue entre le Portugal et la France a connu un essor considérable en France dans les années 80, avec la traduction régulière d'auteurs portugais contemporains: [...]. (Nuno Júdice, 81)

De facto, o poeta português beneficia de um reconhecimento notável em França onde, a partir da década de 80, a sua obra tem sido regularmente publicada. Sintoma dessa consagração, é o facto de que as revistas *Europe* e *Magazine Littéraire* lhe tenham dedicado números especiais¹⁸³.

Detemo-nos de forma mais demorada sobre o dossier Fernando Pessoa elaborado pelo *Magazine Littéraire* para entendermos melhor o papel do escritor na internacionalização da literatura portuguesa.

O poeta português é apresentado de forma pormenorizada nas 50 páginas (14-64) que lhe são consagradas. Os textos que compõem este número devem-se todos a autores que se dedicaram a um melhor conhecimento da obra de Fernando Pessoa e à sua divulgação: Teresa Rita Lopes, Robert Bréchon, Joaquim Vital ou José Gil são alguns dos nomes que contribuíram para a elaboração deste dossier, o que desde logo anuncia a amplitude das reflexões propostas. Sobressai do conjunto de artigos atinentes ao universo pessoano que estamos perante uma obra complexa, multifacetada¹⁸⁴ e determinante para um melhor conhecimento do ser humano. Universal, genial¹⁸⁵ e autor de inúmeros textos que se têm vindo a revelar gradualmente¹⁸⁶, Fernando Pessoa aparece nesta publicação como um escritor cuja leitura é imprescindível e fascinante.

La soudaineté, l'intensité, la nature de l'attraction que provoque la poésie de Pessoa en font, je crois, un cas unique. Comme si on ne pouvait aimer

¹⁸³ *Europe*, "Fernando Pessoa", n°710-711, juin-juillet, 1988.

Magazine Littéraire, "Fernando Pessoa", n°291, septembre, 1991.

¹⁸⁴ "[...] même lorsque le contenu des malles sera épuisé [...], l'œuvre de Pessoa conservera une mobilité et une fluidité permanentes, attirantes pour le lecteur et désespérantes pour les critiques." (José Blanco, 49)

¹⁸⁵ "[...] il était comme Shakespeare, avant tout une "grande âme", une conscience sans limites." (Robert Bréchon, 36)

¹⁸⁶ "Comme le Petit Poucet du conte de notre enfance, Pessoa a laissé miette à miette les textes qu'il a vécus et écrits. Les retrouver et reconstituer le chemin qu'ils indiquent est le plus grand des défis." (Teresa Rita Lopes, 30)

Pessoa qu'en se laissant happer par lui. Sa poésie est une épidémie – elle contamine. (José Gil, 54)

A "chronologie" relativa à vida do poeta, apresentada em início de dossier, contém elementos atinentes ao meio artístico e político portugueses que dão a conhecer acontecimentos e personalidades marcantes do Portugal de então.

No final desta publicação (64), anuncia-se "le plus grand festival jamais consacré à la culture portugaise en dehors de ses frontières" que teve lugar na Bélgica de fim de Setembro a 29 de Dezembro de 1991 e cujo programa (exposições, concertos, cinema, fotografia, conferências...) abrange diversas áreas da cultura portuguesa.

O nº 291 do *Magazine Littéraire* representa um trabalho consistente sobre uma figura central da literatura portuguesa e também acolhe considerações desvinculadas do poeta, o que seguramente reforçou o interesse de muitos leitores franceses por Portugal e pela sua cultura.

Para além dos periódicos já mencionados, existem muitas outras publicações que favorecem um melhor conhecimento da literatura portuguesa em França como podemos constatar na bibliografia publicada pela Librairie Compagnie (www.librairie-compagnie.fr) num dossier intitulado "Les écrivains d'expression portugaise". Este divide-se em três partes – "Bibliographie générale", "Anthologies/Revue" e "Dictionnaire des auteurs" – e representa um instrumento de trabalho bastante útil quando se pretende saber o que se publicou em França relativamente à literatura portuguesa até Junho de 2005¹⁸⁷. Quando examinamos a "bibliographie générale", os contornos da recepção da literatura portuguesa que temos vindo a anotar confirmam-se: antes da década de 80, encontramos na "bibliographie générale" onze referências, duas do século XIX e as restantes do século XX, sendo quatro da década de 70 e as outras de 1964, 1951, 1949 e 1935. De salientar que a maior parte destas publicações se concentram num domínio específico da literatura portuguesa como por exemplo o teatro¹⁸⁸, um período¹⁸⁹ ou um género¹⁹⁰ literários.

¹⁸⁷ Data em que o dossier em questão é integrado no *site* da Librairie Compagnie.

¹⁸⁸ Henry Lyonnet, *Le Théâtre au Portugal*, Paris, Éditions Paul Ollendorff, 1898; Claude-Henri Frèches, *Le Théâtre néo-latin au Portugal (1550-1745)*, Paris, Éditions Nizet, 1964.

¹⁸⁹ José-Augusto França, *Le Romantisme au Portugal*, Paris, Éditions Klincksieck, "Signes de l'art", nº11, 1975.

Destacamos a história da literatura portuguesa de Arthur Loiseau¹⁹¹ que foi a primeira a ser elaborada e publicada em França. Só em 1951 será lançada outra obra francesa de temática idêntica: *La Littérature Portugaise* (Armand Colin) de George Le Gentil, reeditada em 1995 pelas Éditions Chandeigne¹⁹².

Na década de 80 (8), 90 (9) e nos cinco primeiros anos de 2000 (6), o número de publicações aumenta, notando-se um interesse acentuado pela literatura mais recente, apesar de serem também publicados estudos sobre temáticas de séculos distantes¹⁹³.

No que diz respeito à publicação de antologias e revistas, repetem-se as inflexões assinaladas. Encontramos cinco referências para o século XIX, oito de 1900 a 1980 – das quais quatro na década de 70 –, vinte sete referências para a década de 80, vinte e uma para a de 90 e treze de 2000 a 2005.

Da lista que reúne antologias e revistas, destacamos duas características, no nosso entender, relevantes para entender a recepção da literatura portuguesa em França: uma forte presença da poesia nestas publicações e um interesse marcado pelos autores do século XX. Salientamos a *Anthologie de la Poésie Portugaise du Xlle au XXe* publicada pela Gallimard em 1971, ano em que a literatura portuguesa ainda não beneficiava de um forte reconhecimento internacional. Nomes como Sá da Miranda, Bernardim Ribeiro, D. Dinis, Almeida Garrett integram este volume, sendo, no entanto, o número de poetas do século XX mais elevado.

A última secção do dossier em exame, "Dictionnaire des auteurs"¹⁹⁴, apresenta um leque variado de escritores emblemáticos da prosa e da poesia portuguesas, ao mesmo tempo que confirma conclusões anteriores: é a partir dos anos 80 que a divulgação da literatura portuguesa, assente sobretudo na

¹⁹⁰ AA.VV., *Le Roman Portugais Contemporain*, Actes du Colloque de Paris (24-27 octobre 1979), Paris, Fondation Caluste Gulbenkian, 1979.

¹⁹¹ Arthur Loiseau, *Histoire de la Littérature Portugaise de ses origines jusqu'à nos jours*, Paris, Éditions Ernest Thorin, 1886.

¹⁹² O trabalho de Georges Le Gentil estende-se do século XII aos anos 30. Da edição Chandeigne, constam seis capítulos redigidos por Robert Bréchon que prolongam este panorama da literatura portuguesa até ao ano de 1995.

¹⁹³ Álvaro Manuel Machado, *Les Romantismes au Portugal. Modèles Étrangers et Orientations Nationales*, Paris, Centre Culturel Portugais/ Fondation Caluste Gulbenkian, 1986; *Critique* n° 495-496, "L'épopée lusitanienne", août-septembre 1988.

¹⁹⁴ "Ce dictionnaire regroupe les auteurs littéraires portugais dont la production (roman, nouvelle, récit, pièce de théâtre, poésie, autobiographie, critique littéraire, essai) a bénéficié au moins d'une traduction en français, soit sous forme de livre, soit dans une anthologie ou dans une revue." (www.librairie-compagnie.fr, " Les écrivains d'expression portugaise")

publicação de textos contemporâneos, se desenvolve em França. De salientar que algumas obras maiores das letras portuguesas só serão traduzidas a partir dessa década: *Amor de Perdição* (1862) de Camilo Castelo Branco é publicada em França em 1984, *A Crónica do Senhor Rei Dom Pedro I* (1443) de Fernão Lopes em 1985, excertos de *Só* (1892) de António Nobre em 1994, *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870) de Ramalho Ortigão e Eça de Queirós em 1991. A obra queirosiana, exceptuando *A Relíquia*¹⁹⁵ e *Os Maias*¹⁹⁶, também só se torna acessível ao público francês a partir dos anos 80. Raul Brandão¹⁹⁷, Herberto Helder e Vergílio Ferreira¹⁹⁸ são também exemplos de autores publicados tardiamente em França. Todavia, algumas obras portuguesas anteriores à década de 80 usufruíram de uma atenção imediata: é o caso de *Lili s'est corrigée* (1905), *Ne désertons pas notre village* (1905), *Les Femmes Portugaises* (1906) e de alguns contos, integrados numa antologia de contos portugueses¹⁹⁹, da autoria de Ana de Castro Osório; de *A Selva* (1930) de Ferreira de Castro, publicada em 1938 graças ao interesse e subsequente tradução de Blaise Cendrars e de *Novas Cartas Portuguesas* (1972), texto publicado por Le Seuil em 1974. Por se tratar de uma obra significativa no intercâmbio luso-francês, detemo-nos nos dois motivos que consideramos terem sido determinantes para que *Nouvelles Lettres Portugaises* surgisse dois anos após o texto original: a intertextualidade com *Lettres Portugaises* (1669) e a polémica suscitada pela obra devido aos seus ataques virulentos contra o poder patriarcal.

As *Lettres Portugaises*²⁰⁰ que constituem um elo entre o espaço literário francês e o espaço literário português sustentam e estruturam, mediante citações directas ou diferentes tipos de alusões, as cartas de Maria Isabel

¹⁹⁵ *La Relique*, roman traduit par Georges Raeders, préface de Valéry Larbaud, Paris, Éditions Soriot, "Maîtres étrangers", 1941.

¹⁹⁶ *Une Famille Portugaise*, roman traduit par Paul Teyssier, Paris, Club des Bibliophiles de France, "La Comédie Universelle", 1955.

¹⁹⁷ *Húmus* (1917) e *O Doido e a Morte* (1923) serão publicados em França em 1992 e 2000 respectivamente.

¹⁹⁸ A totalidade da obra de Vergílio Ferreira disponível em língua francesa, exceptuando um ou outro excerto e *Alegria Breve* (1965), romance publicado pela Gallimard em 1969, foi publicada a partir de 1988 – *Pour Toujours* – e sobretudo na década de 90. O mesmo se verifica com a publicação francesa da obra de Herberto Helder que acontece sobretudo nos anos 90. Existem muitos casos semelhantes aos aqui citados. Sugerimos a consulta do dossier da Librairie Compagnie, tal como o documento elaborado pelo Instituto Camões sobre as traduções de obras portuguesas em França (www.instituto-camoes.pt) que, apesar de apresentar algumas lacunas, permite confirmar determinadas informações.

¹⁹⁹ *Contes Portugais*, traduit du portugais par Henri Faure, Paris, Librairie d'éducation nationale, 1905.

²⁰⁰ A primeira edição portuguesa da obra data de 1810.

Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. Apesar de, após inúmeros estudos, a autoria da obra do século XVII se ter fixado no francês Guilleragues²⁰¹, permanece, até aos nossos dias, um certo mistério de importância significativa quando se evocam as relações culturais luso-francesas. A intertextualidade apontada é um factor que justifica o interesse de Le Seuil pela obra em questão, contudo, a censura e o subsequente processo judicial de que foram alvo as "Três Marias" são, no nosso entender, factos determinantes para a rápida inserção de *Novas Cartas Portuguesas* no espaço literário francês, já que a polémica gerada em torno da obra ultrapassou fronteiras e granjeou o apoio de diversos movimentos feministas internacionais, entre os quais o "das francesas lideradas pela escritora Simone de Beauvoir" (Colepicolo 2007:6). Aliás, Maria Teresa Horta afirma numa entrevista:

Percebemos que as coisas estavam a tornar-se perigosas e fizemos passar o livro para fora. Mandámos para a Simone de Beauvoir, para a Marguerite Duras e para a Florence Rochefort e desenvolveu-se um grande entusiasmo e solidariedade à nossa volta. (Pires 2008:66)

Novas Cartas Portuguesas representa, em Portugal, mas também no estrangeiro, um marco decisivo na ascensão do feminismo, na esteira do trabalho explicitamente iniciado por Simone de Beauvoir em 1949 com *Le Deuxième Sexe*:

En écho à Simone de Beauvoir, les "trois Marias" procèdent à un examen détaillé de la violence qui caractérise la société patriarcale, [...]. (Besse 2007:6)

Na entrevista, já aqui citada, Maria Teresa Horta realça a importância de *Le Deuxième Sexe* na sua formação enquanto cidadã e da relevância de Maio de 68 no advento de *Novas Cartas Portuguesas*:

²⁰¹"Depois de várias polémicas, é hoje aceite como seguro que o autor destas *Cartas* foi Guilleragues, bom conhecedor da alma feminina e da história de Mariana Alcoforado que viveu efectivamente no convento de Beja." (Besse 2006:17)

O *Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, não tinha sido autorizado a atravessar a fronteira da ditadura, mas Maria Teresa leu-o aos 15 anos, na biblioteca do pai de uma amiga, com um dicionário de francês ao lado. «Mudou a minha vida, hoje não seria quem sou se não o tivesse lido.» (Pires op.cit: 68)

E sim, se me pergunta se os acontecimentos do Maio de 68 influenciaram as *Novas Cartas Portuguesas*, digo-lhe que está lá o espírito, tínhamos notícias por amigos que estavam em França ou por jornais estrangeiros que acabavam por nos chegar. (ibid.)

As "Três Marias" materializam em português ideais internacionais fortemente ancorados na sociedade francesa, suscitando, assim, o rápido interesse de Le Seuil e estreitando as relações literárias e sóciopolíticas entre Portugal e França.

Retomando a análise das traduções francesas de obras portuguesas, com base no "Dictionnaire des auteurs", interessa ainda sublinhar que a poesia portuguesa está bem representada no espaço literário francês tanto quantitativa como qualitativamente, apesar da prosa constituir o segmento editorial mais importante.

Recorremos às estatísticas do "Index Translationum" publicado no *site* da Unesco para percebermos se estas confirmam os elementos até aqui reunidos e, de facto, verificámos que na década de 70 a tradução literária em França aumenta nitidamente, tendo a partir daí crescido com alguns momentos de estagnação e de retrocesso pouco significativos. Esta abertura do espaço literário francês coincide com o aumento da tradução de obras portuguesas: as estatísticas indicam um maior número a partir do final da década de 70 que se reforça daí em diante, atingindo uma certa constância interrompida por dois picos de crescimento notórios em 1998, ano da atribuição do Nobel a JS, e em 2000, ano em que Portugal é o país convidado do Salon du Livre de Paris.

Com o intuito de avaliar a presença da literatura portuguesa no contexto académico francês, efectuámos uma pesquisa no catálogo Sudoc²⁰² que

²⁰² www.sudoc.abes.fr (pesquisa efectuada em Abril de 2009).

abrange a totalidade das bibliotecas universitárias de França²⁰³. Encontrámos 38 teses de doutoramento que versam sobre literatura portuguesa. As temáticas de estudo são muito diversificadas, não existindo nenhum autor nem obra que sobressaia verdadeiramente, porém, verifica-se que a pesquisa académica tende a concentrar-se em períodos e autores menos recentes, contrariando a generalidade da recepção literária em exame, o que não é surpreendente, posto que os interesses dos investigadores não obedecem a tendências editoriais. As universidades de Paris 3 e de Rennes 2 são as que registam mais teses de doutoramento sobre literatura portuguesa. A tese mais antiga consignada nesta plataforma data de 1927²⁰⁴ e a mais recente de 2007²⁰⁵. O número de teses relativas à literatura portuguesa aumenta a partir da década de 90 (13), reforçando-se, ulteriormente, com 16 teses de 2000 a 2009²⁰⁶.

Observa-se, assim, um desenvolvimento do interesse académico em França pela literatura portuguesa que se coaduna com o que temos vindo a verificar. Trata-se de uma inflexão moderada, mas concreta e visível.

Para sustentar um pouco mais a nossa análise da recepção da literatura portuguesa em França, consultámos o *Magazine Littéraire*²⁰⁷. Ao tomarmos conhecimento dos números publicados desde 1980 até 2008, pretendemos observar se se verifica um interesse significativo pela literatura portuguesa a partir dos anos em que, do ponto de vista editorial, esta começa a impor-se em França. Para além dos números especiais já aqui citados²⁰⁸, queremos

²⁰³ "L'ABES [agence bibliographique de l'enseignement supérieur] est responsable de la mise à disposition des bibliothèques des établissements d'enseignement supérieur du Système universitaire de documentation, catalogue collectif dans lequel elles ont l'obligation de signaler les thèses soutenues dans leur établissement. Le Sudoc joue donc le rôle de bibliographie nationale de thèses en France." (www.abes.fr).

²⁰⁴ Félix Walter, *La Littérature Portugaise en Angleterre à l'Époque Romantique*, Thèse de doctorat soutenue à la Faculté de Lettres de l'Université de Paris, 1927.

²⁰⁵ Maria Adelaide da Silva Cristóvão, *La Moira Enchantée au Portugal: mémoires d'un récit mythique*, Thèse de doctorat en Langues, littératures et civilisations romanes présentée à l'Université de Paris 10, 2007.

²⁰⁶ Nas restantes décadas, partindo da de 20, os resultados são os seguintes: 20 (1), 30 (1), 40 (2), 50 (0), 60 (1), 70 (3) e 80 (2),

²⁰⁷ Estamos consciente de que o *Magazine Littéraire* é propriedade da editora Grasset desde 1970, o que pode influenciar a escolha dos conteúdos publicados, no entanto é um periódico cuja análise é pertinente, no âmbito do nosso trabalho, por tratar exclusivamente de assuntos literários e por, devido à sua longevidade, ter alcançado crédito junto de um vasto leitorado.

²⁰⁸ O número dedicado a Fernando Pessoa em Setembro de 1991 e aquele que foi publicado em Março de 2000 quando do Salon du Livre de Paris.

caracterizar a presença da literatura nacional no periódico francês, mediante o número de artigos publicados e as temáticas dos mesmos.

Observamos um interesse pela literatura portuguesa, mas não muito acentuado como se poderia depreender da inflexão da década de 80 que temos vindo a ilustrar.

Alain Bosquet é o cronista que mais atenção dá às letras portuguesas. Integrada numa rubrica intitulada "Lettres étrangères" e, posteriormente, "Domaine étranger", a crónica de Bosquet propõe análises elogiosas de obras portuguesas, prosa e poesia, na sua maioria de autores contemporâneos, tais como, entre outros, Maria Judite de Carvalho (nº271, novembre 1989; nº322, juin 1994), Vergílio Ferreira (nº306, janvier 1993) ou José Saramago (nº241, avril 1987). De salientar, todavia, algumas crónicas consagradas a escritores menos recentes como, por exemplo, as dedicadas a Fernão Mendes Pinto (nº286, mars 1991) ou a Eça de Queirós (nº290, juillet-août 1991) aquando da publicação de *Pérégrination*²⁰⁹, *202, Champs Élysées*²¹⁰ e *Le Mystère de la Route de Sintra*²¹¹ pela editora La Différence.

Nos números consultados, Fernando Pessoa continua a ser a figura proeminente da literatura portuguesa, seguido de nomes como JS, António Lobo Antunes e Lídia Jorge que se tornam mais presentes na década de 90, nomeadamente através de artigos que noticiam as publicações francesas das suas obras. Surgem também breves informações sobre a literatura portuguesa nas rubricas "globe-writers" ou "la revue des revues", mas não com grande frequência. De salientar que António Tabucchi aparece como um verdadeiro embaixador das letras lusas, já que nos artigos atinentes à sua obra ou nas entrevistas que concede ao *Magazine Littéraire*, Portugal e os seus autores estão sempre presentes:

L'ombre de Pessoa rôde dans le dernier livre de Tabucchi. Un "roman de formation à l'envers" où les Italiens ont vu une métaphore de leur propre passé. (Bénichou 1995:84)

²⁰⁹ Fernão Mendes Pinto, *Pérégrination*, traduction de Robert Viale, Paris, La Différence, "Outre-mers", 1991. De salientar que esta obra já havia sido, anteriormente, objecto de várias traduções.

²¹⁰ José Maria Eça de Queirós, *202, Champs-Élysées*, traduit par Marie-Hélène Piwnik, Paris, La Différence, "Littérature étrangère", 1991.

²¹¹ José Maria Eça de Queirós, *Le Mystère de la Route de Sintra*, traduit par Simone Biberfeld, Paris, La Différence, "Littérature étrangère", 1991.

Des années plus tard, un hasard pour le moins objectif a mis sur son chemin une silhouette frêle aux noms d'emprunt – Ricardo Reis, Alvaro de Campos, Bernardo Soares, tutti quanti -, le spectre en nœud papillon de l'un des écrivains les plus secrets du siècle, et des plus grands: Fernando Pessoa. Du propre aveu de Tabucchi, ce fut une révélation; (sic) qui aiguilla sa vie. (Liedekerke 1997:154)

Em 1994, Lisboa é a capital europeia da cultura, ocasião que o *Magazine Littéraire* de Maio aproveita para dedicar algumas páginas a Portugal, nomeadamente à sua literatura, páginas nas quais descobrimos um artigo sobre Luís de Camões (Cadet 1994(a):76) e, sob o título "Actualités portugaises" (Cadet 1994 (b):77), informações respeitantes a "Lisbonne capitale culturelle", o anúncio da "quatrième édition du Printemps portugais", em Bordeaux, e uma lista das últimas publicações de obras portuguesas em França.

Concluimos da consulta do *Magazine Littéraire* que a literatura portuguesa é alvo de alguns artigos e breves comunicados, porém, inclusive nos números dos últimos anos, não alcança o espaço concedido a outras literaturas tais como a americana, a inglesa, a espanhola, a italiana ou até mesmo a japonesa. Existem, todavia, dois factores que devemos anotar: à medida que os anos avançam, os artigos sobre literatura portuguesa aumentam e, com o passar do tempo, nota-se o afastamento gradual da figura de Fernando Pessoa, ou seja, mais autores são apresentados de forma autónoma sem alusões à figura do poeta. Finalmente, confirma-se a maior atenção dada aos autores contemporâneos²¹². Anotamos aqui, o vivo interesse por Gonçalo M. Tavares que sobressai num dos últimos números consultados e que, julgamos, poder vir a reforçar-se.

²¹² De notar que, em 1993, as edições Gallimard publicam, na colecção Folio, uma antologia das literaturas europeias em três volumes (1453-1789; 1789-1900 e 1900-1993) e que a presença dos autores portugueses vai diminuindo a cada volume. No primeiro encontramos sete escritores (Mariana Alcoforado, Luís Vaz de Camões, António José Silva, Fernão Mendes Pinho, Pêro Vaz Caminha, Gil Vicente e António Vieira), no segundo cinco (Manuel Maria Barbosa du Bocage, Camilo Castello (sic) Branco, José Maria Eça de Queirós e Antero de Quental), no último quatro (José Cardoso Pires, Fernando Pessoa, José Saramago e Jorge de Sena). Estranhamente, nesta antologia a tendência é oposta ao que é comum na recepção da literatura portuguesa em França e é dado um espaço mais importante a autores portugueses menos recentes. Trata-se de uma excepção que nos parece interessante ter em conta para evitar uma visão redutora e unívoca.

Rarement œuvre romanesque a possédé autant de densité. En cela, le poète et le romancier Gonçalo M. Tavares est une révélation. (Fillipetti 2008:33)

Apesar de não ser notável na consulta do *Magazine Littéraire*, a totalidade dos elementos até aqui reunidos evidenciam um desenvolvimento consistente da presença da literatura portuguesa em França que, em 2005, permite a Michel Chandeigne a seguinte afirmação:

Acho que há um grande reconhecimento da literatura portuguesa em França. Talvez mais do que da literatura espanhola. Graças a Pessoa, claro. Mas também através dos romancistas como António Lobo Antunes e José Saramago, mas igualmente nomes como os de Lídia Jorge ou Maria Judite de Carvalho. E poetas... (in Marques 2005:29)

Estabeleceu-se, assim, gradualmente um equilíbrio nas relações luso-francesas para o qual contribuíram, no nosso entender, diversos factores, tais como a diminuição, em Portugal, do acentuado interesse pela cultura francesa, nomeadamente pela sua literatura, nos anos 60

[L'influence et la présence française dans la culture portugaise est un fait qui date du XVIIIe siècle et qui s'est prolongé jusqu'à notre siècle. [...] Dans l'après-guerre, la plupart des auteurs les plus connus et traduits au Portugal étaient français – Gide, Mauriac, Sartre, Camus, Malraux, entre autres. Aujourd'hui, la France n'occupe plus cette place, et cela vient déjà des années 60, avec l'importance grandissante du cinéma et du roman nord-américain (Faulkner, Hemingway, Dos Passos), suivi de près par le roman d'Amérique Latine. (Nuno Júdice, in AA.VV. 1998 (a):80)];

a projecção internacional da literatura portuguesa, a partir da década de 80, principalmente devido ao final da ditadura, à entrada de Portugal na CEE (1986) e ao reconhecimento que atinge, então, a obra de Fernando Pessoa; a abertura notável do espaço literário francês à literatura estrangeira

[Par ailleurs, en France, on est depuis une vingtaine d'années en quête de nouveauté littéraires étrangères, après avoir considéré pendant longtemps que la littérature venant de l'extérieur était secondaire. Dans les années soixante-dix, le reflux de la création française a engendré un nombre de découvertes extraordinaires. [...]. La littérature portugaise s'insère de la même manière dans ce flot de découvertes de littératures étrangères qui a compensé le creux de la littérature nationale. (Pierre Légliose-Costa, in *ibid.*:85-86)];

e o declínio da cultura francesa a nível internacional veementemente declarada na capa do *Time* de 3 de Dezembro de 2007 onde um semblante triste de Marcel Marceau, associado ao título "The Death of French Culture", anuncia um polémico artigo de Donald Morrison:

Effet boomerang de ce "déclinisme" qui sévit chez nous depuis quinze ans ou problème plus fondamental d'épuisement de nos formes, voire de notre "esprit"? Fin novembre, *Time* procédait, sous la plume de Donald Morrison, à un enterrement en règle de notre culture. [...]. Reste le constat: la France a bel et bien perdu sa prééminence culturelle de jadis. (Patrice Bollon, in AA.VV. 2008:22) ²¹³

Os elementos enumerados resultam num contexto favorável para que a presença da literatura portuguesa em França se torne mais dinâmica a partir da década de 80, década em que um grande número de obras portuguesas se tornam acessíveis aos leitores franceses, nomeadamente as de JS cuja publicação se inicia em 1987 com *Le Dieu Manchot*.

²¹³ Ver também a este propósito Compagnon/ Morrison 2008:12-15.

III. Espaço literário francês e recepção de JS: outros aspectos

A. CRÍTICA LITERÁRIA E UNIVERSO EDITORIAL: GENERALIDADES

O período em que o autor português é introduzido no espaço literário francês coincide com modificações em vários campos atinentes à literatura – tais como a edição, a crítica, o estatuto do escritor etc. – patentes a nível internacional, posto que se trata de fenómenos directa ou indirectamente ligados à economia globalizante.

Interessa-nos perceber se estas mudanças influenciaram a recepção de JS em França, principalmente das obras que constituem o nosso *corpus*. Para isso, depois de algumas considerações de ordem geral, passaremos à caracterização da editora francesa de JS, Le Seuil, de maneira a determinar se a publicação da sua obra tem decorrido de forma regular e consistente.

A economia mundial sofreu, nas últimas décadas, mudanças profundas que se repercutem em inúmeras áreas, nomeadamente na literatura e na sua divulgação. Como anota Michèle Touret:

Avec le développement de la société de consommation à partir des années 1960 [...], la littérature est aussi devenue une branche de l'industrie des loisirs. [...]. Avec l'avènement de la société du spectacle des années 1970 [...], l'"iconophilie", ou culte des images, le dispute à la "logophilie", ou primauté du verbe. L'écrivain n'existe socialement que s'il est vu: [...]. (Touret 2008:426)

No nosso entender, as duas viragens apontadas, que têm vindo a acentuar-se, estão na base dos novos contornos que definem o espaço literário francês.

Nas últimas décadas, a comunicação social tornou-se um meio de divulgação literária poderoso e a televisão o suporte que mais influencia os potenciais leitores. A crítica literária acessível a um vasto público tende a uniformizar-se e a fundamentar-se em valores comerciais, ignorando, muitas vezes, obras literariamente consistentes susceptíveis de interessarem um leitorado mais restrito. Desenvolveu-se, assim, uma crítica pouco exigente cujo objectivo é a

venda de um produto e não a reflexão sustentada sobre uma obra de arte. O aumento de livros publicados e as mudanças ocorridas no mundo da edição, sobre as quais reflectiremos ulteriormente, banalizaram o conceito de literatura e o estatuto do escritor, ao mesmo tempo que tornaram impossível uma presença efectiva de todas as obras nas livrarias, mas também na comunicação social. Assim, grande parte dos livros publicados não chegam ao conhecimento dos potenciais leitores e, amiúde, os que chegam distinguem-se mais pelo seu valor comercial do que pelo seu valor literário.

Quanto à crítica universitária, para além de ter por alvo um leitorado reduzido, também apresenta algumas dificuldades em renovar-se e em elaborar propostas teóricas consistentes para definir a literatura mais recente:

Or, la critique contemporaine n'est guère conceptualisante: elle ne propose pas de notions ni de catégories nouvelles susceptibles de *nommer* cette période de la littérature dans sa généralité. Aucun terme ne s'impose qui permette d'identifier véritablement la littérature qui se déploie depuis le début des années 80 et que l'on continue d'appeler simplement "contemporaine".
(Viarl et al. 2004:22)

A crítica literária contemporânea divide-se, assim, em dois pólos principais que nas últimas décadas não têm sido muito eficientes numa divulgação séria e regular da literatura: a universitária, lida por um grupo reduzido de pessoas, e a mediática que tende a ser superficial e homogénea.

A volubilidade das reflexões sobre o que se publica tornou-se alvo de preocupação e debate como o comprovam alguns alertas provenientes de quem está atento ao espaço literário francês.

Pierre Jourde, autor de *La Littérature sans Estomac* (2002), é um dos estudiosos que mais manifesta o seu descontentamento relativamente à vertente comercial própria de alguns sucessos editoriais contemporâneos tais como, por exemplo, os livros de Christine Angot ou Frédéric Beigbeder. A sua opinião sobre a crítica também se revela virulenta e preocupada:

[...] on déverse des éloges dithyrambiques sur les amis et les puissants, on fait passer des navets pour des chefs-d'œuvre. Critique molle, grise,

désengagée, prudente, respectueuse, tournant dans les mêmes petits cercles. Qui dénoncera les fausses valeurs? Qui défendra les œuvres vraiment originales, au moment où elles risquent d'être noyées dans l'industrialisation de l'édition? (Pierre Jourde, in AA.VV. 2005 (b):27)

A crítica literária divulgada massivamente tende a ser consensual, superficial e, muitas vezes, semelhante ao discurso publicitário, fundamentando-se em aspectos comerciais e esvaziando-se cada vez mais de critérios estéticos.

A Internet tem vindo também a impor-se como espaço de reflexão e debate literários. Apesar de, para os mais conservadores, aparecer como uma plataforma que não favorece o discurso pertinente sobre literatura, no nosso entender, representa uma alternativa à homogeneização para a qual se inclina a crítica literária contemporânea. De salientar que, se a Internet armazena informação literária de qualidade desigual e, muitas vezes, desprovida de interesse, também disponibiliza reflexões que possibilitam um entendimento amplo e rigoroso do espaço literário contemporâneo.

Cependant, une fois repérée les pépites de cet infini gisement, l'errance du néophyte devient une navigation pleine d'excellentes surprises. L'une des meilleures est la redécouverte d'un genre éteint à la télévision: l'interview vidéo de romancier de plus de trois minutes. (Brocas 2008:10)

Atualmente, é necessário contar com a Internet como um dos suportes mais abrangentes e populares da divulgação literária. Aliás, os *media*, as editoras e alguns escritores renderam-se a esta evidência ao elaborarem *sites* e *blogs* que difundem, virtualmente, temáticas literárias. Em suma, o espaço virtual permite a divulgação de informação pouco fiável, mas, quando aproveitado criteriosamente, constitui um instrumento útil e enriquecedor.

Apesar dos inúmeros suportes susceptíveis de alojarem a crítica literária, esta é, de um ponto vista geral, cada vez menos escrupulosa e pouco credível. Devido ao elevado número de publicações, os fundamentos básicos do espaço literário tais como a obra, o escritor e a crítica tendem a banalizar-se. A globalização atingiu o mundo editorial, uniformizando a produção e fazendo com que sob a palavra "literatura" se agrupem textos literariamente

insignificantes, desvalorizando-se, assim, um domínio artístico cada vez mais associado a práticas de escrita de teor comercial.

Observa-se uma hegemonia crescente do que, na esteira de Dominique Viart, denominamos "littérature consentante car elle *consent* à l'état du monde, qu'elle résume à la loi du marché et qu'elle exploite à son profit: elle sait ce qui *va marcher*, susciter les articles et les émissions radio-télévisées. À cet égard, elle tient plus du *commerce* que de l'artisanat." (Viart et al. 2005:9)

Neste contexto, os prémios literários, verdadeiras instâncias de consagração, também se tornaram polémicos, tendo vindo a substituir-se os critérios estéticos, que deveriam fundamentar a sua atribuição, por valores assentes em estratégias publicitárias cada vez mais agressivas.

A transformação das políticas editoriais encerram algumas explicações para o que temos vindo a anotar. Os contornos de um mercado competitivo atingiram a edição literária, impondo uma lógica empresarial a um universo anteriormente associado a valores culturais que privilegiava critérios estéticos na elaboração dos seus catálogos. Nos últimos anos, as editoras têm sido integradas em grupos financeiramente poderosos que tendem a convertê-las em núcleos geridos, sobretudo, em função de benefícios económicos. Os riscos que estas alterações representam para a literatura em geral são apontados por vários estudiosos, sendo a uniformização dos mais temidos, dado que a tendência em transformar o livro numa mercadoria sem valor simbólico amplifica o número de publicações desprovidas de criatividade e de valor literário.

Éliane Tonnet-Lacroix salienta, no nosso entender acertadamente, que "le nombre des titres publiés s'accroît, mais les tirages moyens baissent parce que les ventes stagnent. La crise de l'édition serait donc davantage une crise de la lecture, liée à la crise de la culture" (2003:264). De facto, verifica-se uma forte propensão do leitorado para a aquisição de textos menos exigentes que repetem esquemas narrativos simples e de compreensão imediata. De relembrar que estas publicações são suportadas por mecanismos publicitários tentaculares, meticulosamente concebidos para cativar um grande número de leitores. Concordamos com a observação de Éliane Tonnet-Lacroix, todavia, não podemos ignorar que os leitores sofrem a influência de um marketing editorial cada vez mais estratégico e agressivo. Para além disso, os grandes

grupos que têm vindo a absorver casas de edição são, na sua maioria, detentores de órgãos de comunicação social que utilizam para promover as suas publicações, reduzindo, assim, o espaço de difusão para obras de elevado valor literário susceptíveis de interessarem um público restrito.

[...] la fabrication homogénéisée et stérilisée des best-sellers serait réservée aux groupes qui pourraient assurer à leurs auteurs des publicités télévisuelles, des articles dans leurs journaux, des émissions dans leurs radios, des signatures dans leurs librairies, sans oublier l'adaptation cinématographique dans leurs studios. (Vigne/Yvert 2008:13)

A vertente excessivamente comercial do universo editorial suscita críticas veementes, como, por exemplo, as de Frédéric Badré que prevê a predominância de critérios financeiros na selecção das obras publicáveis:

Les comités de lecture des conglomerats industriels planétaires seront bientôt constitués uniquement de gestionnaires chargés d'évaluer la portée commerciale des manuscrits. Les contenus sont consensuels. Le langage est celui de la communication. L'écrivain se voit réduit au rôle peu glorieux de technicien du produit calibré. (Badré 2003:15)

Compreendemos os receios e alertas de Frédéric Badré, no entanto, associamo-nos a opiniões mais moderadas que conseguem vislumbrar nas mudanças do mundo editorial alguns aspectos positivos como é o caso da jornalista Laurence Santatonios:

Je ne nie pas que la production ait doublé en dix ans, que 100 millions de livres se retrouvent chaque année broyés sous les pilons, que la concentration de l'édition et de la distribution favorise les ouvrages faciles et vite faits, au détriment des livres de fond et de création littéraire qui ont besoin de temps pour vivre. D'accord. Mais pourquoi ne dit-on pas que le livre est aussi un modèle de longévité? Que des milliers d'œuvres littéraires oubliées ou méconnues sont régulièrement rééditées par des éditeurs exigeants? Qu'il n'y a jamais eu autant de bibliothèques? Qu'un étudiant peut trouver aujourd'hui à moins de 10 euros en format Poche le "classique" qu'il

cherche, de Platon à Thomas Mann, en passant par Rabelais, Zola ou Yourcenar? (in AA.VV. 2005: 27)

Julgamos que é necessário ter consciência dos efeitos que a concentração editorial pode ter sobre a divulgação e, até mesmo, sobre a criação literárias, mas recusamos um olhar exclusivamente alarmista e, na esteira de Laurence Santanonios, consideramos importante evitar discursos demasiado pessimistas, sublinhando alguns aspectos positivos que resultam das mudanças que têm vindo a incidir sobre a edição literária.

Lembramos também o papel das pequenas editoras que representam, apesar da sua fragilidade económica, uma alternativa aos grandes grupos editoriais e tendem a privilegiar aspectos literários em detrimento dos comerciais. Pierre Bourdieu transcreve, no seu artigo "Une révolution conservatrice dans l'édition" as palavras da responsável por uma pequena editora localizada no sul de França, quanto a nós, muito emblemáticas do trabalho desenvolvido por estes núcleos que fazem a diferença no mundo editorial contemporâneo:

"On ne peut pas faire un coup, on n'a pas les moyens. On est vertueux par obligation" [...]. [...]: pour survivre dans un milieu éditorial qu'elle "déteste", elle tente de dénicher des auteurs qui conviennent "à ce qu'[elle] atten[d] de la littérature", elle se méfie des rapports de lecture, lit elle-même un "maximum de manuscrits", "refuse toujours de voir les auteurs avant d'avoir lu les textes", se dit "très maniaque sur les traductions", etc. (Bourdieu 1999: 11)

Verifica-se nas palavras citadas a falta de capacidade financeira das pequenas editoras para publicar *best-sellers*, mas também a exigência e meticulosidade com que é efectuada a escolha dos manuscritos a publicar. No nosso entender, os pequenos editores distinguem-se pela defesa activa de valores literários, posto que perseguem metas alicerçadas num conhecimento da literatura do qual carecem muitos responsáveis dos grandes grupos editoriais "[qui] ne sont pas des plus compétents en matière littéraire et imposent à l'édition le modèle de l'*entertainment*" (ibid.:22).

Os pequenos editores aparecem, assim, por diversas razões, como o refúgio oportuno de uma literatura exigente.

B. LE SEUIL

O universo editorial francês tal como o internacional sofreu conseqüentes alterações nas últimas décadas. Interessa-nos, agora, à luz das reflexões anteriores, caracterizar a editora que publica JS em França: Le Seuil. Pretendemos entender qual o seu estatuto no espaço literário francês, já que o perfil de uma editora se estende aos autores que publica e é um dos primeiros indícios a orientar o leitorado quanto ao valor literário de uma obra.

As editoras são cada vez mais consideradas empresas que buscam um lucro fácil, todavia, não deixam de transportar com elas um capital simbólico acumulado ao longo dos anos. Por essa razão, julgamos relevante caracterizar Le Seuil através da sua história e, posteriormente, avaliar se a concentração do universo editorial afectou os fundamentos sobre os quais se desenvolveu.

Le Seuil tem a sua origem no propósito de um padre católico de renovar a fé que, no seu entender, sofre de desistência por parte dos fiéis nos anos 30. Jean Plaquevent será rapidamente apoiado por inúmeras pessoas que se reconhecem na sua vontade de defender a religião católica. O primeiro proprietário de Le Seuil, empresa constituída em 1934, será Henri Sjöberg, mas Paul Flamand e Jean Bardet, que se tornam dirigentes de Le Seuil em 1937, são os homens que fazem da comunidade religiosa inicial, uma editora de renome. No início, as publicações propostas por Le Seuil são de teor religioso e só depois do final da guerra, em 1945, Bardet e Flamand abraçam plenamente o desafio de serem editores:

"Nous ne connaissions pas le métier, nous ne connaissions personne à Paris, et nous n'avions pas d'argent. Et nous voulions faire de l'édition" expliquent Bardet et Flamand dans un entretien de 1956, fondateur de l'image du *Seuil* et surtitré par André Parinaud: «*Le Seuil* le plus jeune des "Grands"». (Serry 2005:82)

A situação em que se encontram Bardet e Flamand no início do seu percurso editorial não é das mais favoráveis à constituição de uma casa de sucesso duradouro. Sem capital financeiro, sem capital simbólico, o projecto destes autodidactas beneficia da colaboração de Emmanuel Mounier, nomeadamente através da sua revista *Esprit*.

Avec sa revue *Esprit*, sa notoriété et ses réseaux, le philosophe renforce le Seuil. D'autant plus qu'à sa reprise, en décembre 1944, le périodique rencontre une large audience. [...]. *Esprit*, Emmanuel Mounier et ses proches, adossés aux Éditions du Seuil, affirment une voie catholique et, plus largement, spiritualiste durant ces années de reconstruction de la France et de l'Europe. (Serry 2008:24)

Nos primeiros anos pós-guerra, Le Seuil ainda se caracteriza por uma forte presença de publicações religiosas e "ce n'est que dans les années 1960 que la maison de la rue Jacob commence à s'imposer par ses romans." (Serry 2008:38).

Como evidencia Hervé Serry no seu artigo "Constituer un catalogue littéraire – la place des traductions dans l'histoire des Éditions du Seuil" (2002), a editora recorre à literatura estrangeira para alcançar uma estabilidade na qual assenta o seu subsequente desenvolvimento. O êxito de *Le Petit Monde de Don Camillo*²¹⁴, em 1951, representa o impulso de que necessitava Le Seuil para empreender um crescimento gradual e consistente. As obras traduzidas permitem à editora constituir um catálogo de valor literário sólido, ao mesmo tempo que lhe proporcionam um lugar importante na atribuição de prémios, já que como anota Hervé Serry "entre 1950 et 1976, les auteurs du Seuil reçoivent le prix pour le meilleur livre étranger à dix reprises" (2002:77).

A expansão do sector "literatura estrangeira" coincide com o crescimento do interesse da editora pelo romance que tardou a impor-se como categoria relevante. Hervé Serry avança dois factores que explicam a dificuldade da empresa em conceder um espaço significativo ao romance: (1) "les essais et les documents éclipsent les discussions sur le littéraire" (in Bessard-Banquy (dir.) 2006: 171); (2) "l'engagement à gauche de la maison repousse des auteurs qui ne songent «qu'à l'art du roman»" (ibid.). Efectivamente, a

²¹⁴ Lawrence Venuti dedica um capítulo de *The Scandals of Translation* (1998), intitulado "The Bestseller" (pp.127-157), à recepção anglo-americana de *The Little World of Don Camillo*, realçando o sucesso que a obra de Guareschi, à semelhança do que aconteceu noutros países, teve nos Estados-Unidos.

At the same time Guareschi's books were being translated into twenty-seven languages worldwide, achieving similar success in other Western European nations (the first *Don Camillo* sold 800000 in France) [...]. The global figure for the sale of Guareschi's books was estimated to be 20 million in 1957, [...] (Venuti 1998:128).

fundação de Le Seuil deve-se a um grupo que procurava renovar a fé católica, mas também lançar o debate sobre a actualidade, logo não é surpreendente que tenha havido uma propensão para publicações relativas às ciências humanas em detrimento dos romances. As características muito vincadas de uma editora de esquerda e de alicerces religiosos também explicam o desenvolvimento tardio do segmento romanesco nas publicações Le Seuil. Nos anos 80, graças a colecções como "Cadre Rouge" (1958)²¹⁵, "Cadre Vert" (1958) e "Fiction & Cie" (1974), Le Seuil adquire consistência no domínio da ficção romanesca, sem deixar de ser uma referência na área das ciências humanas e sociais, nomeadamente através da colecção de bolso "Points Essais" (1970).

Avec les éditeurs "historiques" du Seuil, Jean Cayrol, François-Régis Bastide et plusieurs autres, puis la relève que symbolise le dynamisme de Jean-Marc Roberts dans les années 1980, avec la reconnaissance qu'est parvenue à acquérir la collection de Denis Roche, "Fiction & Cie", les Editions du Seuil se sont définitivement installées sur le terrain romanesque. (Serry 2008:112)

Várias colecções diversificam e consolidam o catálogo de Le Seuil, tais como, por exemplo, "Points Romains" (1980), "Point Virgule" (1981), "Seuil Policiers" (1992) ou "L'oeuvre photographique" (1993).

Le Seuil tornou-se gradualmente uma empresa de referência que, aquando da sua compra pelo grupo La Martinière, reúne um importante capital financeiro e simbólico, colocando-se no grupo das editoras francesas de maior prestígio.

Para grande surpresa de todos os intervenientes no espaço literário francês, em Janeiro de 2004, La Martinière compra Le Seuil, empresa emblemática de rigor, independência e qualidade literária. A fusão de dois grupos editoriais tão distintos deu lugar a apreensões e desconfianças, nomeadamente por parte dos editores distribuídos por Le Seuil e de um grande número de livreiros que, conjuntamente, assinam um texto, desprovido de data, mas cujo conteúdo permite situá-lo em 2004, pouco tempo depois da compra em questão. Trata-se de uma carta aberta que revela uma grande preocupação e uma atenção particular às declarações do novo patrão de Le Seuil, Hervé de La Martinière,

²¹⁵ Colocamos entre parênteses os anos de lançamento das colecções mencionadas.

cujo teor pressupõe um modo de gestão que, no entender dos assinantes, pode comprometer a edição em geral, a literatura em particular.

Ces déclarations nous inquiètent quant à l'avenir de nos livres qui n'existent qu'à travers la péréquation, quant au sort que l'on réservera à la librairie de création, maillon essentiel de notre profession, et quant à nos auteurs qui sont la fierté de nos catalogues. (AA.VV. 2004)

A carga simbólica associada à editora Le Seuil, mas também o percurso profissional de Hervé de La Martinière estão na base das vivas reacções das quais o excerto transcrito é emblemático.

Hervé de La Martinière é um autodidacta que, depois de ter trabalhado em editoras como a Hachette e a Nathan, decide, em 1992, abrir a sua própria empresa que conhece um fulgurante sucesso, nomeadamente graças ao livro do fotógrafo Yann Arthus-Bertrand, *La Terre Vue du Ciel* (1999), do qual se venderam, em 21 países, mais de três milhões de exemplares.

O editor que havia iniciado o seu percurso empresarial com cinco empregados e um catálogo que se estendia por quatro áreas – a fotografia, o património, a arte e os passatempos – tornou-se gradualmente uma referência na edição de livros ilustrados. A aquisição de editoras nacionais e internacionais – norte-americanas e alemãs designadamente – contribuiu para diversificar e alargar rapidamente o seu catálogo, tal como o capital financeiro do grupo. Em 2009, num momento em que a sua empresa enfrenta algumas dificuldades, Hervé de La Martinière afirma "que le groupe qu'il a créé en 1992 réalise un chiffre d'affaires annuel de "près de 250 millions d'euros" et emploie près de 1000 personnes" (www.lefigaro.fr, le 22.01.09).

O grupo La Martinière mantém, assim, o seu lugar de destaque na edição francesa, apesar de algumas turbulências que foi atravessando, nomeadamente aquando da aquisição de Le Seuil que, no âmbito do nosso trabalho, merece um interesse particular²¹⁶.

²¹⁶ Pierre Bourdieu escreveu que existem inúmeras informações relativas às editoras "qui, comme beaucoup d'observateurs ont pu s'en convaincre, sont protégées par une barrière de secret particulièrement redoutable" (1999:16) e a verdade é que, durante a nossa pesquisa, confirmámos esta afirmação, dado que não obtivemos respostas às questões colocadas à editora francesa, respostas que teriam, decerto, enriquecido o nosso trabalho. Para percebermos o impacto que teve para Le Seuil a sua integração no grupo La Martinière, baseámo-nos em documentos, nomeadamente em textos jornalísticos.

A compra de Le Seuil gerou debates mediáticos muito vivos devido à relevância cultural desta editora e, no decorrer do ano de 2004, alguns episódios, também eles bastante polémicos, alimentaram a desconfiança suscitada pelo negócio de Hervé de La Martinière. Em Junho, o presidente de Le Seuil, Claude Cherki, responsável pela venda da editora é forçado a apresentar a sua demissão por ter beneficiado pessoalmente dessa transacção.

Claude Cherki, artisan de cette vente, avait été présenté en janvier comme le garant de la qualité éditoriale et de la continuité du Seuil. Or le voici suspecté. (Chol/ Le Naire, www.lexpress.fr, 14.06.2004)

Pascal Flamand, familiar de um dos fundadores de Le Seuil, sucede a Claude Cherki e tranquiliza, assim, os mais inquietos.

O mau funcionamento da Volumen, organismo que resulta da união dos sistemas de distribuição e difusão das duas editoras, é, no entanto, o problema mais premente que Le Seuil – La Martinière tem de enfrentar no seu início de percurso. Os editores anteriormente distribuídos por Seuil Distribution manifestam o seu descontentamento perante os atrasos notórios na chegada das obras às livrarias e chegam mesmo a iniciar processos judiciais que, entretanto, serão interrompidos. Florence Noiville resume, no nosso entender acertadamente, a situação provocada pelos problemas logísticos da Volumen:

Désespoir d'un côté [éditeurs distribués par Le Seuil], confiance de l'autre [groupe La Martinière]. Ce qui frappe d'abord dans le "cas" Le Seuil, c'est ce dialogue de sourds. Les problèmes techniques trouveront sûrement tôt ou tard une solution. Mais combien de petits éditeurs, de libraires fragiles, y auront, entre-temps, laissé des plumes? (Le Monde, 12.11.04)

Estes acontecimentos motivam os protestos inquietos dos colaboradores de Le Seuil que, em Dezembro, fazem uma greve de 24 horas e votam "une motion dénonçant «une trahison de notre éthique commerciale, un appauvrissement de notre diversité éditoriale et un contournement de nos normes sociales, trois

raisons de ne plus subir passivement la mort annoncée du Seuil édition-diffusion-distribution»." (www.tf1.lci.fr/infos/économie, 21.12.2004)

As repercussões mais visíveis desta instabilidade inicial são o afastamento do grupo Le Seuil-La Martinière das editoras Odile Jacob, l'École des Loisirs e Payot-Rivage, antes distribuídos por Le Seuil, e também de alguns autores tais como Catherine Millet, Michel Rio e Tahar Ben Jelloun, sendo este último aquele que suscita uma perda mais significativa para a editora.

Mais la décision toute récente de Tahar Ben Jelloun de rejoindre Gallimard, elle, sera ressentie comme un sale coup. Pas seulement sur le plan commercial car depuis son prix Goncourt en 1987 il y a vendu trois millions d'exemplaires, et il est l'un des auteurs de langue française les plus lus dans le monde (44 langues). Sur le plan symbolique, c'est peut-être pire car Tahar Ben Jelloun était l'un des piliers historiques de la maison pour y avoir publié 22 livres en 17 ans. (Assouline 2005)

Exceptuando estes casos isolados, a compra de Le Seuil por La Martinière não suscitou modificações notórias no catálogo da editora. As principais colecções que caracterizam a sua linha editorial diversificada e exigente mantêm-se. A colecção "Opus", lançada em 2007, que reúne autores de diferentes áreas marcantes do percurso de Le Seuil, surge como a reivindicação de uma identidade que, para além da concentração editorial, permanece.

Le catalogue d'une maison d'édition, les livres de son fonds, constituent son avenir. Ils s'écrivent, puis se publient ou se republient, au présent. (Serry 2008:198)

Apesar das turbulências iniciais suscitadas pela sua inclusão no grupo La Martinière, Le Seuil preservou o seu prestígio. Provam-no a atenção mediática de que é alvo, mas também a exposição *Les Editions du Seuil: histoires d'une maison*, apresentada no Centro Pompidou de 7 de Novembro de 2007 a 4 de Fevereiro de 2008; em Limoges, na Bibliothèque francophone et multimédia, de 19 de Fevereiro a 29 de Março de 2008 e no Institut Mémoires de l'Édition contemporaine (Ardenne) de 8 de Abril a 18 de Maio de 2008. O catálogo que dela resulta, elaborado por Hervé Serry, salienta a especificidade desta editora

e fixa de forma consistente a importância da mesma no espaço cultural francês:

Fort de son passé, celui qui relie, de fait, la communauté militante, la maison puis l'entreprise d'édition, Le Seuil, comme aventure collective toujours en mutation, comme lieu de création intellectuelle, avec ses succès, ses paris et ses échecs, construit maintenant son avenir à l'échelle du XXI^e siècle. (Serry 2008:161)

Concluimos da síntese histórica efectuada que JS é publicado por uma editora conceituada cujo desenvolvimento assenta em escolhas editoriais susceptíveis de interessarem um leitorado exigente e atento:

Tandis que les *best-sellers* sont édités surtout par de grandes maisons d'édition spécialisées dans les ouvrages à vente rapide, Grasset, Flammarion, Laffont et Stock, les "auteurs à succès intellectuel" sont, pour plus de la moitié, publiés chez les trois éditeurs dont la production est le plus exclusivement orientée vers le public "intellectuel", Gallimard, Le Seuil et les Éditions de Minuit. (Bourdieu 1992/1998:255)

C. PUBLICAÇÃO FRANCESA DA OBRA DE JOSÉ SARAMAGO

O perfil da editora Le Seuil, que se foi mantendo para além das mutações do mundo editorial, orienta positivamente a recepção francesa do autor português, colocando-o num grupo de autores de obras literariamente significativas. Ressalve-se que outras editoras publicaram textos de JS: a primeira tradução francesa do escritor, *Le Dieu Manchot*, surge, em 1987, na Albin Michel e, em 1995, na colecção "Points" de Le Seuil. *Les Poèmes Possibles* (1998) são lançados pelas Editions Jacques Brémond e a tradução do discurso, pronunciado por JS aquando da atribuição do Nobel, *Comment le Personnage Fut le Maître et l'Auteur son Apprenti* (1999), por Mille et Une Nuits²¹⁷. Finalmente, *Objecto Quase*, conhece uma primeira edição francesa em 1990

²¹⁷ *Les Poèmes Possibles* e *Comment le Personnage Fut le Maître et l'Auteur son Apprenti* não foram republicados por Le Seuil.

(Editions Salvy) e, integra, em 2000, a colecção "Points". As restantes obras de JS disponíveis em francês devem-se a Le Seuil, que começa a publicar o autor em 1988 – *L'Année de la Mort de Ricardo Reis* –, proporcionando, desde então, uma divulgação estável dos seus romances em França.

É importante anotar que a editora privilegia a obra romanesca do autor, sendo *Quasi Objets* (2000), *Conte de l'île Inconnue* (2001) e *Pérégrinations Portugaises* (2003) as únicas publicações que impedem uma concentração exclusiva na área mais sustentada e enaltecida da carreira do escritor.

Exceptuando *Les Poèmes Possibles* (Jacques Brémond), o leitorado francês não tem acesso a outros textos poéticos do autor. As peças de teatro de JS, as suas crónicas e os seus escritos autobiográficos não foram traduzidos, ou seja, existe uma dimensão do seu trabalho que permanece desconhecida para o público francês. Apesar da obra saramaguiana se distinguir nacional e internacionalmente pelos seus romances, as restantes publicações permitem um conhecimento mais aprofundado do universo de JS que o espaço literário francês ignora. Aliás, o escritor afirma reiteradamente a importância das crónicas para o conhecimento do seu percurso:

Penso que temos que voltar um pouco atrás, ou seja, às crónicas que foram mais ou menos publicadas entre os anos 68 e 72; são crónicas que eu publiquei n'*A Capital* e no *Jornal do Fundão*. [...]. As crónicas dizem tudo (e provavelmente mais do que a obra que veio depois) aquilo que eu sou como pessoa, como sensibilidade, como percepção das coisas, como entendimento do mundo: tudo isso **está** nas crónicas. (in Reis 1998 (a):42)

Outro dos aspectos desta recepção, que julgamos incompleta, é o facto de não existir uma tradução francesa de *Levantado do Chão*, romance em que o autor materializa a escrita inovadora, desde então, característica da sua obra. Julgamos que a forte carga ideológica subjacente ao romance pode ser um princípio de explicação para esta lacuna²¹⁸ que, no nosso entender, priva o leitorado francês de uma obra fundamental para um conhecimento rigoroso da escrita de JS. *Terra do Pecado*, romance de juventude, também não mereceu

²¹⁸ Tentámos obter mais informações sobre esta questão junto da editora Le Seuil, mas não recebemos qualquer resposta às nossas inúmeras tentativas de contacto.

a atenção de Le Seuil, mas consideramos esta opção editorial menos significativa que a anterior, já que o próprio JS afirma a importância de *Levantado do Chão* na evolução da sua escrita e desvaloriza o seu primeiro romance, quanto a ele, pouco representativo da prosa mediante a qual se impôs como escritor.

Para percebermos de forma mais pormenorizada a recepção francesa da obra saramaguiana é pertinente determo-nos, agora, na categoria "romans étrangers" da editora Le Seuil. De lembrar a importância da literatura estrangeira no desenvolvimento da empresa que se torna uma referência em matéria de ficção internacional²¹⁹.

A ficção estrangeira, na sua maior parte contemporânea²²⁰, espraia-se por várias colecções tais como "Méditerranée", "Le Don des Langues", "Fiction & Cie" e "Cadre Vert", mas a última apresenta um catálogo mais vasto e consistente. Devido à sua longevidade e ao seu catálogo²²¹, a colecção "Cadre Vert", que tem assumido a publicação da obra saramaguiana em França, distingue-se, sendo das mais prestigiadas do espaço editorial francês.

Na esteira de Teresa Seruya, consideramos que "cada colecção por si é como que um micro-canône e bem assim um acto de planificação, consciente e deliberado, que teve em conta um determinado reportório (ou a falta dele) e resultou de escolhas da parte do editor (ou director de colecção)" (Seruya (org.) 2003:31). Por essa razão, consignamos, de seguida, os resultados de um exame pormenorizado da ficção estrangeira publicada por Le Seuil. O artigo "Constituer un catalogue littéraire" (Serry 2002) e o catálogo "romans étrangers" da editora, consultado em Maio de 2009, são os suportes da nossa reflexão: o primeiro é uma síntese devidamente sustentada sobre a importância da literatura estrangeira no desenvolvimento da editora Le Seuil e cobre um período que se estende de 1946 a 1999; o segundo reúne os títulos

²¹⁹ Ver p. 368 do nosso trabalho.

²²⁰ Existem alguns clássicos como uma reedição de *L'Ingénieux Hidalgo Don Quichotte de La Manche* de Cervantes publicado em 1997, mas são excepções neste catálogo constituído na sua grande maioria de romances estrangeiros contemporâneos.

²²¹ Os números correspondem aos anos de 1946 a 1999 e demonstram a diferença notória entre as publicações das diferentes colecções nesse intervalo: "Cadre Vert" (600); "Le Don des langues" (67); "Méditerranée" (20); "Fiction & Cie" (52) e hors collection (18). (Serry 2002:72)

da categoria "romans étrangers" disponíveis aquando da consulta²²². A junção destes dois documentos permite-nos tirar conclusões quanto ao catálogo no qual as obras de JS têm vindo a ser inseridas.

Até aos anos 70, as obras traduzidas do alemão predominam, mas a partir dessa década a literatura americana impõe-se, ultrapassando em número de títulos as literaturas estrangeiras que compõem o catálogo de Le Seuil. No período estudado por Hervé Serry, a literatura americana é a mais traduzida seguida da alemã, da espanhola, da italiana e finalmente da inglesa (Serry 2002:73). O sociólogo assinala ainda a presença de "vingt autres idiomes dont, pour ceux atteignant au moins dix ouvrages parus, le russe (27 titres, depuis 1947), le hongrois (18, depuis 1957), le grec (15, depuis 1957), le néerlandais (11, depuis 1964) et le japonais (11, depuis 1990). L'ensemble de ces langues représente 90% de la littérature étrangère importée par le Seuil." (ibid.).

Na consulta efectuada em Maio de 2009, chegamos a conclusões algo diferentes: a literatura americana continua a ser dominante (76 títulos), segue-se a literatura italiana (67), a literatura espanhola (58), a literatura inglesa (36) e a literatura alemã (25). Se contabilizarmos somente os idiomas, sem ter em conta as nacionalidades dos escritores, o inglês reúne 152 títulos, seguido do espanhol com 92, do italiano com 67 e do alemão com 31. O português é a língua mais representada depois das línguas dominantes com 21 títulos publicados, segue-se o neerlandês (16), o russo (15), o japonês (14), o chinês (14), o grego (8), o hebraico (8), o sueco (5), o tailandês (5), o árabe (5), o dinamarquês (3) e o coreano (3). As restantes línguas, como o turco, o islandês, o checo, o sérvio têm duas ou uma obra publicadas na editora. O catálogo de "romans étrangers" é, assim, composto por 26 idiomas e 45 nacionalidades. Verificamos uma grande diversidade na origem das obras publicadas e, apesar da predominância da literatura americana, não podemos deixar de anotar a importação de obras provenientes de literaturas consideradas periféricas. A obra de JS é, assim, integrada num catálogo cujo conteúdo se distingue pela sua diversidade e abrangência. De salientar que os

²²² Estamos consciente de que algumas obras publicadas por Le Seuil não constam deste documento por não terem sido reeditadas, porém, consideramos pertinente saber quais as que constituem o segmento "romans étrangers" na actualidade e, a partir daí, tirar conclusões necessárias a um melhor conhecimento do catálogo ao qual pertencem os romances de JS.

escritores de expressão portuguesa, no documento em análise, são unicamente 5 – José Saramago, Milton Hatoum, João Guimarães Rosas, Luís Fernando Veríssimo e Miguel Sousa Tavares –, sendo JS o autor de língua portuguesa mais representado com 13 títulos, todos eles publicados na colecção "Cadre Vert". Milton Hatoum e Luis Fernando Veríssimo tinham, no momento da nossa consulta, três obras publicadas na editora Le Seuil; João Guimarães Rosas e Miguel Sousa Tavares uma obra.

José Saramago aparece, assim, como o autor de língua portuguesa mais emblemático da editora Le Seuil, posição consolidada pela atribuição do Prémio Nobel em 1998.

Le Seuil publica outros autores galardoados com o prémio Nobel de Literatura tais como: Gabriel Garcia Marquez (1982), Günter Grass (1999), Gao Xingjian (2000), J.M. Coetzee (2003) e Elfriede Jelinek (2004).

Cent Ans de Solitude (1968) é o único romance de Garcia Marquez que integra o catálogo actual de Le Seuil. Saramago e Coetzee têm a maior parte da sua obra publicada na editora que começou a representá-los, em França, anos antes da consagração mundial. O escritor português inicia o seu percurso na Le Seuil, em 1988, com *L'Année de la Mort de Ricardo Reis*, dez anos antes da atribuição do Nobel, e Coetzee, em 1985, com *Michel K., sa Vie, son Temps*, dezoito anos antes de receber a distinção sueca²²³. Antes da atribuição do Nobel, Saramago e Coetzee têm, respectivamente, cinco e nove romances publicados na colecção "Cadre Vert", sinal de que o valor literário das suas obras foi reconhecido pela editora francesa muito antes da prestigiante consagração. Le Seuil publicou catorze obras de Günter Grass, doze de datas anteriores ao Nobel; sete de Elfried Jelinek, das quais cinco antecedem a atribuição do Nobel. Gao Xingjian tem duas obras publicadas na Le Seuil, ambas posteriores à atribuição do Nobel.

Para além do Nobel, os autores estrangeiros de Le Seuil foram muitas vezes galardoados nos seus países de origem e alguns receberam em França o "Prix

²²³ Com o intuito de alcançar um conhecimento preciso respeitante às publicações dos autores distinguidos com o Prémio Nobel e publicados por Le Seuil, cruzámos a informação encontrada no catálogo da editora, em Maio de 2009, com a que se encontra disponível no "Index Translationum" (*site da Unesco*).

du meilleur livre étranger"²²⁴, o "Prix Médicis étranger"²²⁵ ou o "Prix Femina étranger"²²⁶. Na esteira de Hervé Serry, consideramos que "ces prix dont il est difficile de définir l'impact sur le public, sont essentiels dans le processus d'accumulation de prestige qui caractérise Le Seuil" (2002:78).

Concluimos, então, que o segmento "romans étrangers" da editora Le Seuil reúne características que beneficiam a recepção do autor português. À diversidade e quantidade de obras que compõem o sector da ficção estrangeira, devemos associar o prestígio de um conjunto de autores que reforça o capital simbólico da editora.

Procurámos entender se as temáticas saramaguianas coincidem com as dos romances estrangeiros que constituem o catálogo de Le Seuil. As obras apresentam temas muito diversificados, mas distinguimos, no seio desta variedade, categorias representativas da ficção contemporânea em geral e das preocupações saramaguianas em particular.

A História como matéria de reflexão e de revisão, consoante nacionalidades e interesses vários, aparece como a temática dominante no catálogo em exame. Os regimes totalitários – nomeadamente o nazismo, o franquismo e o comunismo –, o colonialismo, a apartheid, a queda do muro de Berlim, a Guerra Fria são, entre muitos outros, conteúdos explorados pelos autores estrangeiros de Le Seuil²²⁷.

A metaficção é um dispositivo recorrente nos romances em análise. Um grande número de escritores propõe reflexões sobre a literatura em geral ou sobre o processo criativo, mas também convoca textos, autores e códigos literários consagrados para alimentar o seu projecto estético. *Foe* (1988) e *Le Maître de Pétersbourg* (1995) de Coetzee são emblemáticos deste mecanismo narrativo: o primeiro é uma reescrita de *Robinson Crusoé* e o segundo tem como

²²⁴ Por exemplo: Ernesto Sabato, *L'Ange des Ténèbres* (1976); Stratis Tsirkas, *Cités à la Dérive* (1971); Gabriel García Marquez, *Cent Ans de Solitude* (1969); Heinrich Böll, *Les Enfants Morts* (1955).

²²⁵ Por exemplo: John Hawkes, *Aventures dans le Commerce des Peaux en Alaska* (1986); Amitav Gosh, *Les Feux de Bengale* (1990), Michael Krüger, *Himmelfarb* (1996); Norman Manea, *Le Retour du Hooligan: une Vie* (2006).

²²⁶ J.M.Coetzee - *Michael K., sa Vie, son Temps* (1985) - e Antonio Muñoz Molina - *Pleine Lune* (1998) – são os únicos autores de Le Seuil a ter recebido o "Prix Femina étranger".

²²⁷ As obras que se seguem são ilustrativas desta categoria: Alan Silitoe, *Général* (1965); Alexandre Soljenitsyne, *Août quatorze* (1972); Pietro Citati, *Printemps de Chosroès* (1979); Augustin Gomez-Arco, *Enfant Pain* (1983); Homero Aridijis, *Mille Quatre Cent Quatre-Vingt Douze* (1992); Félix Azúa, *Hautes Trahisons* (1993); Eraldo Affinati, *Terre de Sang* (1999); Viktor Pelevine, *Homo Zapiens* (2001); Sheri Holman, *La Mort Bleue* (2001).

personagem principal o escritor russo Dostoïevski. Muitos nomes – reais ou fictícios – da literatura mundial integram, assim, a ficção estrangeira publicada por Le Seuil numa homenagem ao património literário comum e actualização do mesmo²²⁸.

Os romances de aventura, nos quais predominam acção e mistério, representam um extenso segmento da ficção estrangeira de Le Seuil. O inglês John Le Carré, e os espanhóis Arturo Pérez-Reverte e Eduardo Mendonza são, nesse âmbito, autores emblemáticos²²⁹.

Mediante narrativas (auto)biográficas, microcosmos significantes, sagas familiares ou romances de aprendizagem, parte da ficção estrangeira de Le Seuil centra-se em universos individuais para sondar os meandros mais recônditos da condição humana²³⁰.

Finalmente a sociedade contemporânea também é examinada por alguns romancistas estrangeiros de Le Seuil. Esse exame concretiza-se em narrativas de traços humorísticos e/ou trágicos que, na sua maioria, alertam o leitor para a perda de valores característica do mundo actual²³¹.

Ao discriminarmos as principais orientações do catálogo de romances estrangeiros de Le Seuil, verificamos que a obra de JS se coaduna perfeitamente com as temáticas dominantes: *L'Année de la Mort de Ricardo Reis* e *Histoire du Siège de Lisbonne* revisitam a História, sendo também ilustrativos da narrativa metaficcional; em *Le Radeau de Pierre*, a separação da península Ibérica do resto da Europa surge como catalisador de considerações sobre as características do mundo português passado, presente e futuro; *Manuel de Peinture et de Calligraphie* propõe uma reflexão sobre o processo criativo, tendo por pano de fundo a ditadura salazarista; *L'Évangile*

²²⁸ Neste âmbito, podemos ainda citar, entre outros: Giorgio Manganelli, *Discours de l'Ombre et du Blason* (1987); Ivan Klima, *Amour et Ordures* (1992); Shashi Tharoor, *Grand Roman Indien* (1993); Amitav Ghosh, *Un Infidèle en Égypte* (1994); Robert Coover, *Pinocchio à Venise* (1996); John Updike, *Bech aux Abois* (2002); Manuel Vázquez Montalbán, *Erec et Enida* (2004).

²²⁹ E também, por exemplo: John Irving, *Un Enfant de la Balle* (1995); Leon de Winter, *Faim Hoffman* (1996); Anthony Hyde, *Détroit de Formose* (1996); David Grossman, *Enfant Zigzag* (1998); Juan José Saer, *Nuages* (1999); Ginevra Bompiani, *Le Portrait de Sarah Malcolm* (2003).

²³⁰ Tais como, entre outras: Peter C. Brown, *Journée de Malingret* (1969); John Irving, *Hotel New Hampshire* (1982); Breyten Breytenbach, *Une Saison au Paradis* (1986); Vittorio Saltini, *Livre de Li Po* (1989); Vassilis Vassilikos, *Prix des Sentiments* (2000); Taeko Kôno, *Sang et Coquillage* (2001); John Lanchester, *Mr Phillips* (2002); Susan Elderkin, *Arizona Ice Cream* (2002).

²³¹ *Daddy's Girl* (1995), de Janet Inglis; *Armadillo* (1998), de William Boyd; *Paroles de la Nuit* (1999), de Francesco Biamonti; *Les Déssemparés* (2000), de Romolo Bugaro; *Sous la Peau* (2001), de Michel Faber e *Les Récits de l'Institution* (2001), de Gamal Ghitany são emblemáticas desta vertente do catálogo "romans étrangers" de Le Seuil.

selon Jesus-Christ centra-se numa figura estrutural da civilização ocidental e questiona de maneira inédita os fundamentos do Cristianismo; *Tous les Noms* baseia-se em mecanismos próprios do romance policial, ultrapassando-os para delinear um complexo percurso que leva o protagonista a reinventar-se enquanto ser humano. Os restantes romances que constituem o nosso *corpus*, *L'Aveuglement* e *La Caverne*, ilustram o desvario da sociedade contemporânea através de narrativas cujas personagens são colocadas em situações extremas que implicam escolha e acção. *L'Autre comme Moi*, *La Lucidité* e *Les Intermittences de la Mort* prosseguem a exploração dos sucessos e fracassos da natureza humana, alertando-nos para os efeitos perniciosos das nossas facetas mais sombrias. De lembrar que *L'Autre comme Moi* também assenta numa estrutura inspirada do romance policial.

O exame das temáticas do sector "romans étrangers" de Le Seuil corrobora as anteriores conclusões. De facto, as obras de JS, nomeadamente as que constituem o nosso *corpus*, integram um catálogo diversificado e representativo das orientações que caracterizam internacionalmente a ficção contemporânea. Debrucemo-nos, agora, de forma mais demorada sobre o percurso do escritor no interior da editora que o publica em França.

Desde 1988, a obra romanesca de JS tem sido regularmente publicada por Le Seuil. Em média a tradução francesa surge 2 ou 3 anos depois do romance original e a atribuição do Nobel não influiu notoriamente sobre esse intervalo temporal. No entanto, o galardão acelerou a publicação dos romances em formato de bolso, tornando-os, assim, rapidamente acessíveis a um público alargado. Como termo de comparação, observem-se as datas de publicação na colecção "Cadre Vert" e, posteriormente, na colecção de bolso "Points": *Le Dieu Manchot* (1987²³²; 1995); *L'Année de la Mort de Ricardo Reis* (1988; 1998); *Histoire du Siège de Lisbonne* (1992; 1999); *L'Évangile selon Jesus-Christ* (1993; 2000); *L'Aveuglement* (1997; 2000; 2008²³³); *Tous les Noms* (1999; 2001); *Manuel de Peinture et de Calligraphie* (2000; 2002); *La Caverne*

²³² Romance em grande formato publicado pela editora Albin Michel.

²³³ Publicação na colecção "Points" do romance de José Saramago sob o título *Blindness* (*L'Aveuglement*) devido a adaptação cinematográfica de Fernando Meirelles que estreou nesse mesmo ano. A capa do romance é composta por uma fotografia dos actores que constituem o elenco do filme, demonstrando, assim, que se pretende, através do filme, alcançar um leitorado mais alargado. Verificou-se este aproveitamento do filme em vários países, nomeadamente em Portugal.

(2002; 2003); *L'Autre comme Moi* (2005; 2006); *La Lucidité* (2006; 2007); *Les Intermittences de la Mort* (2008; 2009).

De notar que *Manuel de Peinture et de Calligraphie* (2000; 2002) e *Pérégrinations Portugaises* (2003) cujos originais datam de 1977 e 1990, respectivamente, foram publicados tardiamente em França. *Quasi Objets*, obra que havia sido publicada pela editora Salvy em 1990, integrará o catálogo da colecção de bolso "Points" em 2000. Estas últimas publicações aparecem como uma consequência directa do reconhecimento pela Academia Sueca em Outubro de 1998.

A tradução da obra romanesca saramaguiana²³⁴ esteve a cargo de duas tradutoras, Claude Fagès e GL, tendo a primeira traduzido unicamente *O Ano da Morte de Ricardo Reis* e *A Jangada de Pedra*²³⁵. GL começa por traduzir *Memorial do Convento* e, após uma breve interrupção, é, a partir de *L'Évangile selon Jésus-Christ* (1993), responsável por todas as traduções francesas dos romances de JS. Detemo-nos no seu percurso profissional para complementar a análise da recepção francesa de JS.

Geneviève Leibrich é uma intérprete de conferências em organizações internacionais – cujas línguas de trabalho são o inglês, o russo, o português e o espanhol – que também tem uma vasta experiência na área da tradução, nomeadamente no que concerne a literatura em língua portuguesa: António Lobo Antunes, Lídia Jorge, José Eduardo Agualusa, Rosa Lobato Faria, Nuno Júdice, Miguel Sousa Tavares, Luís Fernando Veríssimo, Bernardo Carvalho, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Clarisse Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Dalton Trevisan, Nélide Piñon e Autran Dourado são escritores que constam do seu currículo. Apesar de ter traduzido obras de autores de outros idiomas – entre os quais, Carlos Maria Dominguez, Tabajara Ruas, Marcella Cioni, Laura Garimaldi, Brian Wilson ou Lídia Tchoukovskaia –, observa-se uma predominância nítida de trabalhos realizados a partir de obras de

²³⁴ É oportuno assinalar que *Quasi Objets* se deve a Claude Fagès, *Les Poèmes Possibles* a Nicole Siganos e *Comment le Personnage Fut le Maître et l'Auteur son Apprenti* a Michelle Giudicelli.

²³⁵ De notar que a tradutora foi alvo de crítica aquando da publicação de *L'Année de la Mort de Ricardo Reis*: "[...] (dommage que la traductrice ait cru bon d'ajouter, en bas de page, quelques notes aussi inutiles que déplacées, qui semblent conférer au livre un caractère folklorique qui n'est pas du tout dans son propos et qui révèlent, parfois, une partie du mystère savamment entretenu par l'auteur)." (Machover:1989:62). A própria tradutora admite a dificuldade que representou a tradução em questão: "Aujourd'hui, après deux années vécues avec cette œuvre, je dois reconnaître qu'il entraine une bonne part d'inconscience dans mon acceptation. Enfin, le travail est fait." (Claude Fagès, in Thiérot 1988:213)

expressão portuguesa. Das 57 obras traduzidas por GL que constam do "Index Translationum" (Unesco), 47 foram escritas, originalmente, em português, 3 em russo, 4 em inglês e uma em castelhano.

Que as traduções francesas de JS sejam da responsabilidade de uma tradutora cuja carreira apresenta uma dedicação importante a obras de língua portuguesa reforça o carácter estável e cuidado da recepção que temos vindo a examinar neste trabalho.

D. INDÍCIOS DE CONSAGRAÇÃO

Saramago já era um escritor de renome em França antes da atribuição do Prémio Nobel em 1998 – o título de "Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres" é-lhe atribuído pelo governo francês em 1991, o que expressa o reconhecimento da cultura francesa para com um autor que começou a ser publicado em França em 1987. O facto de que, a partir desse momento, a obra do escritor tenha sido traduzida em França com regularidade reforça esta afirmação²³⁶. Contudo, há que salientar que os sinais explícitos de reconhecimento académico são escassos e posteriores a 1998. JS é doutor *honoris causa*, em 1999, pela Universidade Michel de Montaigne (Bordeaux) e, em 2004, pela Universidade Charles de Gaulle (Lille). Relativamente às teses de doutoramento, aquando da consulta do catálogo Sudoc, em Junho de 2009, só encontramos quatro em que se investiga sobre a obra do escritor português²³⁷.

O reconhecimento académico em França não é muito acentuado, o que se pode explicar pelo facto de estarmos perante um escritor estrangeiro e contemporâneo. Os trabalhos académicos concentram-se, maioritariamente,

²³⁶ *L'Année de la Mort de Ricardo Reis* (1988); *Le Radeau de Pierre* (1990); *Histoire du Siège de Lisbonne* (1992); *L'Aveuglement* (1997).

²³⁷ Graciela Estrada, *Ironie et Parodie dans l'Écriture Romanesque Contemporaine: Saramago, Fuentes, Kundera*, thèse de doctorat soutenue à l'Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3 en 2007;

Emmanuelle Guerreiro, *Réalité et Fiction dans l'Univers Romanesque de José Saramago: étude des œuvres Levantado do Chão et O Ano da Morte de Ricardo Reis*, thèse de doctorat soutenue à l'Université de Toulouse – Le Mirail en 2007;

Silvia Amorim, *L'Art d'Écrire la Critique: aspects de l'œuvre romanesque de José Saramago*, thèse de doctorat soutenue à l'Université de Paris 8 en 2004;

Marie Francès-Dumas, *Réalité et Symbolique dans Levantado do Chão de José Saramago*, thèse soutenue à l'Université Paris 3 en 2001.

em obras mais afastadas no tempo que permitem um distanciamento benéfico para a investigação. Não consideramos, assim, que isoladamente, este seja um indicador pertinente da notoriedade alcançada por JS em França.

Examinámos todos os números do *Magazine Littéraire* e de *Le Monde* de um intervalo temporal determinado consoante as exigências do nosso estudo, com o intuito de avaliar a presença de JS nessas publicações e perceber que imagem do escritor é transmitida mediante estes periódicos de grande difusão. Durante a consulta do *Magazine Littéraire* (1980-2008), não foram encontrados muitos artigos sobre a obra saramaguiana e nem a atribuição do Nobel, em 1998, suscitou um aumento significativo de textos relativos ao escritor português. Destacamos, contudo, o artigo inaugural da presença de JS no periódico, "L'art des excès" (1987:82), no qual Alain Bosquet apresenta o recém-chegado ao espaço literário francês como um escritor que actualiza o barroco literário numa obra "frénétique et folle", *Le Dieu Manchot*:

Le dernier en date des géants de la boursoufflure vient de nous être révélé par un livre qui secouera tous les lecteurs: José Saramago, né en 1922 dans ce pays qui ne cesse de nous éblouir, le Portugal, qui nous a déjà offert, depuis trente ans, Fernando Pessoa et Mário de Sá Carneiro. (ibid.)

Na pesquisa efectuada no *site* de *Le Monde* que se estende de 1987 – ano em que é publicado *Le Dieu Manchot* – a Junho de 2009, encontrámos 178 artigos que fazem referência a JS: 15 na década de 80, 97 na década de 90 (42 anteriores ao Nobel e 25 posteriores) e 66 na de 2000. Verifica-se, assim, um aumento gradual dos textos sobre JS, nomeadamente depois da atribuição do Nobel, e um interesse muito superior deste periódico pelo percurso do autor, se comparado com o do *Magazine Littéraire*. Em breves notas ou em artigos mais extensos, *Le Monde* publicitou todas as obras de JS editadas em França, exceptuando *Les Poèmes Possibles* (1998), volume para o qual não encontrámos nenhum comentário. O jornal noticiou, a 22 de Maio de 1992, a polémica em torno da exclusão de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* da candidatura ao Prémio Literário Europeu (1992). Deparámo-nos, também, com "La plus criminelle des inventions", texto de JS, publicado por *Le Monde* a 22 de Setembro de 2001, no qual o autor aponta de forma veemente a

responsabilidade das religiões nos conflitos mundiais. Este texto controverso suscitará observações por parte dos leitores de *Le Monde* publicados a 3 e a 5 de Outubro.

O conjunto de artigos consultados mostra que *Le Monde* está atento à obra literária do escritor português, mas também tem acompanhado as suas intervenções sociopolíticas que, amiúde, são alvo de um vivo interesse mediático: o apoio ao Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) ou ao regime de Fidel Castro, entretanto retirado²³⁸, as declarações na Cisjordânia em que comparou Ramallah a Auschwitz, são, entre outros, motivos de notícia, reflexão e, por vezes, debate nas páginas de *Le Monde*.

Após ter recebido o Nobel, o escritor procurou aceder a grande parte dos convites que lhe chegam do mundo inteiro, num espírito que José Carlos Vasconcelos denomina "de missão", tornando-se, assim, um dos escritores mais críticos e interventivos das últimas décadas.

[...] "foi uma sorte para Portugal que o Prémio Nobel fosse dado a uma pessoa como Saramago" e contrapõe que ao procurar outros escritores portugueses que o merecessem se lembrou de uma autora "que também merecia o Nobel, a Sophia, mas só de pensar o que teria acontecido se fosse ela! Não estaria disposta a sair do seu casulo enquanto que Saramago tem o espírito e a devoção para as responsabilidades deste galardão". Aliás acrescenta, "ele considera que tem de atender aos pedidos das pessoas porque quem ganha um prémio destes passa a ter obrigações para com os outros e fá-lo com a mesma persistência física que existe em pessoas como o Mário Soares ou o Manoel de Oliveira, por exemplo. O País deve-lhe muito, até nesse espírito de missão". (in Silva 2009:31)

Nos artigos franceses provenientes dos periódicos mencionados, mas também de outros, encontramos comentários sobre a vida e obra de JS que permitem determinar quais as características saramaguianas mais recorrentes na imprensa francesa. No que concerne a vida do escritor, três elementos são frequentemente mencionados: as suas origens modestas, o facto de ser

²³⁸ "[...] em 2004, após a detenção e fuzilamento de três dissidentes cubanos, José Saramago considerou que o regime «não ganhava nada em os fuzilar, e que em contrapartida os dirigentes perderam a minha confiança, enterraram as minhas esperanças, desfizeram os meus sonhos. Até aqui cheguei, de agora em diante Cuba continua o seu caminho e eu fico por aqui»." (Silva 2009:161)

militante do partido comunista português e a sua entrada tardia na vida literária. O público francês descobre, assim, através dos periódicos, um escritor autodidacta de ideias firmes cuja nascença não deixava prever o reconhecimento internacional que foi angariando e que culminou na atribuição do Nobel em 1998. Os artigos relativos à obra saramaguiana salientam mormente a originalidade da sua escrita e das suas histórias, tal como as preocupações sociais que estas encerram:

Anos antes da atribuição do Nobel já se escrevia:

L'imagination, ce n'est certainement pas ce qui manque à José Saramago. [...]. En effet, la devise placée en exergue du roman, "Sage est celui qui se contente du spectacle du monde", ne pouvait que rester étrangère à Saramago, écrivain engagé depuis toujours dans les combats de son époque. (Machover 1989:62)

Basilio Losada afirmava no início da década de 90:

Livres qui sont immédiatement traduits dans les principales langues occidentales et qui, pour la première fois dans l'histoire du roman portugais, ont un vaste public assuré en Europe. [...].

Trois romans ont fait de Saramago le romancier portugais le plus lu, le plus traduit, l'écrivain qui apparaît aujourd'hui, qu'il le veuille ou non, comme la figure la plus représentative du roman portugais [...]. (Losada 1990:4)

Aquando do Nobel, as publicações sobre JS aumentam, mantendo-se, no geral, uma opinião admirativa perante a vida e obra do escritor.

Tendo em conta os contributos teóricos de Pierre Bourdieu, Even-Zohar ou Pascale Casanova sobre o espaço literário que insistem na diversidade de forças que nele se confrontam, realçando a sua complexidade e dinâmica, elaborámos esta terceira parte com o intuito de evidenciar os factores que influenciaram a tradução e recepção de JS, nomeadamente dos romances que constituem o nosso *corpus*. A partir do conhecimento das principais características do espaço literário francês, podemos identificar os valores subjacentes às opções de tradução de GL.

Verificámos que as mutações a nível do espaço literário internacional se estendem ao contexto literário francês, quer no que diz respeito às principais orientações da ficção contemporânea, quer nas inflexões ocorridas no mercado editorial devido a uma lógica económica cada vez mais agressiva e abrangente. Assim, o espaço literário no qual GL desenvolve a sua actividade de tradutora caracteriza-se por um acréscimo do número de publicações e uma subsequente remodelação dos circuitos que um livro percorre até ao leitor (ou até ao seu regresso à editora): aumenta a produção, acelera a difusão, banaliza-se a obra, a crítica e o próprio escritor. Procura-se, sobretudo, o benefício económico, cativando um público cada vez mais tentado por textos que suscitam distração rápida em detrimento dos que facultam reflexões demoradas. Devido ao desenvolvimento de novas tecnologias, à predominância da imagem nas propostas (por vezes pouco) culturais ou à onnipresença da publicidade, grande parte dos leitores contemporâneos prefere textos de acesso fácil desprovidos de inovações semânticas, sintácticas ou narrativas que dificultem a sua compreensão.

O trabalho de GL, examinado no âmbito da nossa pesquisa, distingue-se pela procura de uma maior legibilidade da prosa saramaguiana, opção que vai ao encontro das expectativas e preferências de muitos leitores contemporâneos. Podemos, assim, deduzir que o sucesso editorial é um dos objectivos perseguidos pelas escolhas de GL. Interessa referir que, apesar do trabalho de GL tender à clarificação e uniformização da prosa saramaguiana, as traduções francesas estudadas preservam características da escrita e do pensamento de JS que as distinguem da restante produção literária, nomeadamente da mais comercial. Em suma, nas traduções "target-oriented" de GL permanecem aspectos da obra saramaguiana que evidenciam as principais inovações concebidas e exploradas pelo Nobel português.

A procura de legibilidade apontada coincide com a salvaguarda e reforço da norma linguística exposta nas gramáticas francesas de referência. GL tende a propor traduções que se inscrevem na vertente mais conservadora e oficial da língua francesa. A busca de aceitação do leitorado passa, assim, pela preservação do património nacional que é a língua de uso comum.

Após a elaboração de um panorama da ficção francesa contemporânea, concluímos que estamos perante um reportório diversificado no qual cabem

inúmeras propostas inovadoras. No nosso entender, o trabalho de GL desenvolve-se numa perspectiva mais conservadora da literatura e da língua francesas, se comparado com o dos escritores que exercem a sua actividade no mesmo período que a tradutora. Contudo, também verificámos que os temas e os dispositivos narrativos explorados por JS coincidem com alguns dos que caracterizam as últimas décadas da ficção francesa. Portanto, nas traduções estudadas, duas forças, aparentemente contrárias, favorecem a inserção daquelas no espaço literário francês: uma conservadora que se concretiza numa linguagem trabalhada no sentido de corresponder aos hábitos linguísticos franceses, outra inovadora manifesta na coincidência das temáticas e dos processos narrativos saramaguianos com alguns dos projectos estéticos significativos da literatura francesa contemporânea.

As traduções analisadas podem ser, na terminologia de Pascale Casanova, denominadas "traductions-consécration", dado que são integradas no centro de um espaço literário mundialmente conceituado com o propósito de o consolidar.

O facto de que a importação da obra de JS se integre numa dinâmica de expansão da literatura portuguesa em França não deve ser menosprezado como elemento adjuvante da recepção francesa dos romances saramaguianos. Finalmente, há também que ter em conta as características consagrantes da editora francesa de JS, Le Seuil, que ocupa uma posição privilegiada no espaço cultural francês, mantendo-a mesmo após a concentração editorial de que foi alvo. Actualmente, Le Seuil ainda se inscreve na definição proposta por Pierre Bourdieu, em 1992, doze anos antes da compra da empresa pelo grupo La Martinière:

Quant au sous-champ des maisons plutôt tournées vers la production à long terme, donc vers le public "intellectuel", il se polarise autour de l'opposition entre Minuit (qui représente l'avant-garde en voie de consécration) d'un côté et de l'autre Gallimard, situé en position dominante, Le Seuil représentant le lieu central. (Bourdieu 1992/1998:239)

A generalidade da importação francesa da obra saramaguiana beneficia de vários factores que lhe são favoráveis. Se nos concentrarmos no nosso *corpus*,

concluimos que os elementos benéficos à sua recepção, em França, são particularmente expressivos devido ao trabalho de GL por nós analisado, mas também à universalidade dos temas tratados nestes romances e ao momento em que são publicados²³⁹, quando JS já é um autor internacionalmente consagrado que está prestes a receber ou já recebeu o Prémio Nobel de Literatura.

Apesar de JS ter afirmado "os franceses nunca gostaram muito de mim" (in Silva 2009:241), verificámos que o autor português beneficia, desde a publicação de *Le Dieu Manchof*, de uma recepção atenta e regular que faz dele um dos escritores portugueses mais lidos em França.

²³⁹ *L'Aveuglement* (1997); *Tous les Noms* (1999); *La Caverne* (2002).

O estudo intitulado *Tradução francesa da obra romanesca de José Saramago. O caso dos romances Ensaio sobre a Cegueira (1995), Todos os Nomes (1997) e A Caverna (2000)* inscreveu-se no âmbito da teoria que sustenta os DTS com o objectivo, mediante uma análise comparativa, de caracterizar as traduções francesas do referido *corpus*, perceber quais as implicações do espaço literário alvo no trabalho da tradutora Geneviève Leibrich (GL) e qual a função dos romances traduzidos no meio literário que integram. Depois de identificarmos recorrências significativas ao nível das opções de tradução de GL, concluímos que as traduções em exame são essencialmente "target-oriented", ou seja, respondem a normas vigentes no espaço literário francês, alterando, em diversos graus, a escrita saramaguiana. Apurámos que o trabalho de GL tende a otimizar a recepção dos romances saramaguianos por parte do leitorado francês, sendo, assim, a "communication norm" (Chesterman 1997:69) a que predomina nas traduções examinadas. No nosso entender, duas causas principais podem ser evocadas para explicar esta proeminência: uma comercial e outra conservadora (Even-Zohar 1990:45-51). Para promover a compreensão e adesão da generalidade do leitorado francês, o trabalho de GL responde às normas mais tradicionais e dominantes do espaço literário alvo, reforçando, simultaneamente, os princípios normativos pelos quais se rege. De forma mais precisa, pudemos adiantar que as traduções estudadas tendem a reproduzir as normas do código escrito da língua francesa e, tendo em conta as obras de ficção que lhes são contemporâneas, um estágio anterior – ao examinado no âmbito da nossa investigação (1980-2002) – da produção ficcional francesa. Consideramos que as traduções em questão ilustram a seguinte observação de Even-Zohar:

Translated literature in this case becomes a major factor of conservatism. While the contemporary original literature might go on developing new norms and models, translated literature adheres to norms which have been rejected either recently or long before by the (newly) established center. (Even-Zohar 1990:48)

A inscrição do trabalho da tradutora num registo conservador revelou alguns contornos do espaço literário alvo. Deduzimos das opções de GL que esta exerce a sua actividade profissional num espaço literário dominante e fechado a inovações provenientes do exterior. Como registámos, tendo em conta as reflexões de Pascale Casanova, estamos perante "[des] traductions-consécractions" (2002:9), ou seja, traduções elaboradas com o intuito de consolidar os alicerces canonizados de um espaço literário consagrado internacionalmente.

Mediante o estudo comparativo, salientámos características do espaço literário francês, nomeadamente o facto de este ser dominante a nível mundial (Casanova 1999). Na perspectiva inversa, o conhecimento de aspectos estruturantes do espaço literário alvo, fomentou um entendimento objectivo da tradução e recepção da obra de JS, nomeadamente do *corpus* estudado. Observámos, no período por nós definido – 1980-2002 –, inúmeras semelhanças entre o espaço literário francês e o português que, aqui, consignamos sucintamente. A produção ficcional de ambos os países apresenta traços comuns que, como registámos, assentam em inovações de pendor pós-moderno. Verificámos, assim uma proximidade das linhas ficcionais da literatura francesa e da literatura portuguesa que, sem prejuízo das suas especificidades, perseguem um movimento estético comum. A outros níveis de análise, encontrámos, igualmente, similitudes entre os dois espaços literários em exame. O fenómeno da globalização que rege a economia mundial, infiltrando-se noutras áreas da sociedade, subjaz às convergências apuradas. O mundo da edição que, apesar da sua vertente comercial, assenta – ou deveria assentar – em preocupações estéticas foi objecto de alterações notórias nos anos em apreço. Em França²⁴⁰, o mercado editorial sofreu uma

²⁴⁰ Não nos detivemos pormenorizadamente sobre a edição em Portugal porque nos interessou, neste trabalho, estudar a recepção francesa de JS, logo focámo-nos de forma mais demorada em certos aspectos desse espaço literário, no entanto, é-nos possível afirmar que a concentração editorial, ocorrida em França – e noutros países –, também teve lugar em Portugal, embora se iniciasse alguns anos mais tarde:

É um verdadeiro PREC a que assistimos no mercado da edição em Portugal. Só que um PREC (Processo Revolucionário em Curso) de sentido oposto ao "famoso" de 1974/75: uma reconfiguração de mercado, depois de um Verão quente de compras e vendas de empresas e chancelas, com a progressiva formação dos grandes grupos, seguindo a tendência "global". (AA.VV. (a) 2008:10)

concentração em torno de grupos financeiramente dominantes e o número de publicações aumentou de forma considerável, surgindo o risco das editoras serem submetidas a políticas empresariais assentes no lucro comercial. As editoras que publicam JS em França e em Portugal foram integradas em grandes grupos financeiros: Le Seuil, em 2002, no grupo La Martinière e a Editorial Caminho, em 2007, no grupo MPA (Miguel Paes do Amaral). Estas aquisições suscitaram, nos respectivos países, inquietação e debate, mas, até hoje, não verificámos nenhuma alteração de fundo nem na publicação da obra de JS nem no perfil das editoras, que continuam a ocupar uma posição de relevo nos espaços literários que integram.

A uniformização do mercado editorial, o aumento do número de publicações, o marketing agressivo que tem vindo a caracterizar o comércio de livros têm consequências directas sobre aspectos estruturantes do espaço literário, tais como a crítica, o estatuto da obra e do escritor que, devido ao número elevado de livros publicados têm vindo a ser banalizados. Sendo a oferta tão vasta e desigual, os termos "literatura", "crítica literária" e "escritor", com frequência superficialmente aplicados, reenviam a realidades que pouco – ou nada – têm de literário. Verificámos, em Portugal e em França, um certo descrédito perante a crítica literária em geral – da mais especializada à mais mediática –, no entanto, esta, juntamente com os prémios literários – também eles, amiúde, controversos –, continuam a ser instrumentos eficientes de consagração.

Os dois espaços literários sobre os quais se alicerça o nosso estudo apresentam semelhanças que resultam de uma tendência globalizante acentuada nas últimas décadas e atenuam as fronteiras entre as diversas literaturas nacionais. Neste âmbito, as relações literárias luso-francesas foram alvo de inflexões notórias, já que a partir da década de 80 a literatura portuguesa acentua nitidamente a sua presença no espaço literário francês, equilibrando, desta forma, as relações em causa caracterizadas, até então, por uma indiscutível hegemonia francesa. O enfraquecimento a nível mundial da

"A única surpresa foi ter demorado tanto tempo." As palavras são de Fernando Guedes, um dos mais experientes editores portugueses, sobre o fenómeno de concentração editorial que se vive actualmente. (ibid.)

literatura francesa²⁴¹ contribui para o equilíbrio assinalado que perfila um contexto de recepção benéfico à obra de JS.

O nosso estudo levou-nos a apreender a obra de JS sob dois ângulos distintos: o primeiro recuperou muito do que foi escrito sobre o percurso literário do autor e constitui a plataforma necessária ao segundo, menos comum, que, tendo por núcleo uma análise comparativa detalhada, expôs facetas pouco exploradas da prosa saramaguiana. Paralelamente aos aspectos indispensáveis para o conhecimento da recepção francesa do nosso *corpus*, o estudo comparativo fomenta um olhar renovado sobre os romances analisados. *Mutatis mutandis*, julgamos que as palavras de JS sobre o seu tradutor italiano Giovanni Pontiero, contêm muito da redescoberta de um texto subjacente à análise comparativa efectuada:

As longas listas de perguntas e dúvidas que me chegavam, sempre manuscritas, na caligrafia minúscula de Pontiero, em que cada palavra aparecia desenhada letra a letra, eram como portas que se abriam para uma compreensão mais exacta do meu próprio idioma. Esclarecendo o tradutor, o autor esclarecia-se a si mesmo no acto de reexaminar um texto que até aí lhe tinha parecido claro, mas que havia sido tornado opaco pela leitura feita de um ponto de vista diferente, do horizonte de uma cultura diferente. (José Saramago, CL, V, 1998:54)

Ao articular duas literaturas, procurámos, também, neste estudo, evidenciar, a vários níveis, as particularidades do percurso literário do escritor. No que concerne a escrita saramaguiana, apurámos que as opções de GL reduzem a expressão textual dos seus traços característicos sem, no entanto, os eliminarem. De facto, apesar das alterações impostas pelo processo tradutivo de GL, os romances de JS inscrevem-se, em ambos os espaços literários, no segmento mais inovador da produção ficcional. Registámos, também, que em Portugal e em França, JS já era um escritor publicado com regularidade e consagrado antes de lhe ser atribuído o Prémio Nobel, todavia, a condecoração da Academia Sueca reforçou esse estatuto porque, como

²⁴¹ O facto do espaço literário francês ter vindo a perder crédito, não impede que este seja, ainda hoje, internacionalmente dominante, mas significa que a sua ancestral hegemonia é cada vez mais questionada e posta em causa.

relembra Pascale Casanova, "personne (ou presque) ne s'étonne plus du respect que suscite partout cette institution, ni ne met en doute la validité de la consécration mondiale qu'elle accorde chaque année à un écrivain" (1999:207). O prestígio internacional da obra de JS aumenta em Outubro de 1998 e, simultaneamente, a atenção mediática dada às intervenções sociopolíticas do escritor. Em ambos os espaços literários examinados, a obra e as declarações de JS, por vezes polémicas, são alvo de análise e debate. Actualmente, o estatuto do escritor e da sua obra tem contornos mundiais e ultrapassa as fronteiras da literatura nacional, sendo, assim, cada vez menos relevantes as diferenças entre a sua posição no espaço literário português e no espaço literário francês.

O Nobel universalizou o autor e os seus textos, mas convém, aqui, salientar que, a partir de *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), a escrita e temáticas exploradas por JS apresentam contornos "universalizantes": a prosa tornou-se mais sóbria e os temas prendem-se, *grosso modo*, com a condição humana em geral.

Reunimos, assim, um conjunto de elementos que condicionam a recepção francesa do nosso *corpus*: a tradução "target-oriented" de GL, o fenómeno da globalização, a presença mais expressiva da literatura portuguesa em França a partir da década de 80, a universalidade das reflexões que sustentam os romances, o perfil prestigiante da editora Le Seuil e a consagração internacional de JS impulsionam positivamente a recepção das obras estudadas, e explicam a regularidade com que têm sido publicados os romances saramaguianos em França. Relembramos, porém, que considerámos a recepção francesa de JS parcial, dado que, salvo raras excepções²⁴², esta se centra principalmente na obra romanesca do autor. Sabemos que os romances constituem a plataforma sobre a qual se edificou a consagração de JS, todavia, julgamos que os seus projectos na área da poesia, do teatro, da crónica e da autobiografia fornecem elementos relevantes para o conhecimento da sua obra, logo entendemos que a recepção francesa é consistente na área do romance²⁴³, mas lacunar de um ponto de vista geral.

²⁴² *Quasi Objets* (1990), *Les Poèmes Possibles* (1998), *Comment le Personnage fut le Maître et l'Auteur son Apprenti* (1999), *Conte de l'Île Inconnue* (2001), *Pérégrinations Portugaises* (2003).

²⁴³ Apesar de *Levantado do Chão* ainda não ter sido publicado em França.

O trabalho que, agora, finalizamos contemplou diversas áreas dos estudos literários e tradutológicos, partindo das teorias desenvolvidas no âmbito dos DTS e demonstrando a pertinência das mesmas para materializar os propósitos da nossa investigação. Verificámos a relevância da análise comparativa para uma percepção das opções significativas da tradutora, para a caracterização do processo tradutivo e, conseqüentemente, recorrendo às propostas teóricas de Toury (1995) e de Chesterman (1997), para determinar quais as normas do espaço literário alvo que interferiram nas traduções em análise. Percebemos, também, que o trabalho da tradutora tende a modificar, consolidando-as, as normas linguísticas e literárias mais conservadoras do espaço literário em que exerce a sua actividade. De um ponto de vista mais lato, o nosso trabalho poderá representar um contributo empírico para a discussão das leis de tradução de Gideon Toury (1995) e propostas afins, tais como os universais de Mona Baker (1996) e as leis de Andrew Chesterman (1997). De facto, os princípios considerados, na bibliografia referida, teoricamente comuns à generalidade das traduções encontram ressonâncias concretas no nosso estudo. A abordagem metodológica da tradução como "fact of target cultures" (Toury 1995:29) revelou-se, assim, produtiva e pertinente para um conhecimento objectivo do processo tradutivo em análise, e para sustentar debates mais amplos em curso no âmbito dos Estudos de Tradução.

I. Bibliografia activa

José Saramago

- A Viagem do Elefante, Lisboa, Caminho, 2008.
- As Pequenas Memórias, Lisboa, Caminho, 2006.
- Don Giovanni ou O Dissoluto Absolvido, Lisboa, Caminho, 2005.
- As Intermitências da Morte, Lisboa, Caminho, 2005.
- Ensaio sobre a Lucidez, Lisboa, Caminho, 2004.
- O Homem Duplicado, Lisboa, Caminho, 2002.
- A Maior Flor do Mundo, Lisboa, Caminho, 2001.
- A Caverna, Lisboa, Caminho, 2000.
- Folhas Políticas, Lisboa, Caminho, 1999.
- O Conto da Ilha Desconhecida, Lisboa, Caminho, 1999.
- Discursos de Estocolmo, Lisboa, Caminho, 1999.
- Cadernos de Lanzarote: Diário V, Lisboa, Caminho, 1998.
- Cadernos de Lanzarote: Diário IV, Lisboa, Caminho, 1997.
- Todos os Nomes, Lisboa, Caminho, 2000 [1ª edição: 1997].
- Cadernos de Lanzarote: Diário III, Lisboa, Caminho, 1996.
- Cadernos de Lanzarote: Diário II, Lisboa, Caminho, 1995.
- Ensaio sobre a Cegueira, Lisboa, Caminho, 2001 [1ª edição 1995].
- Cadernos de Lanzarote: Diário I, Lisboa, Caminho, 1994.
- In Nomine Dei, Lisboa, Caminho, 1998 [1ª edição: 1992].
- O Evangelho segundo Jesus Cristo, Lisboa, Caminho, 2000 [1ª edição: 1991].
- "Mi iberismo", in Molina, César Antonio, Sobre el iberismo, y outros escritos de literatura portuguesa, Madrid, Akal, cop., 1990, pp. 5-9.
- História do Cerco de Lisboa, Lisboa, Caminho, 2001 [1ª edição:1989].
- A Segunda Vida de Francisco de Assis, Lisboa, Caminho, 1999, [1ª edição:1987].

- A Jangada de Pedra, Lisboa, Caminho, 1994 [1ª edição: 1986].
- O Ano da Morte de Ricardo Reis, Lisboa, Caminho, 2000, [1ª edição: 1984].
- Memorial do Convento, Lisboa, Caminho, 1999 [1ª edição: 1982].
- Viagem a Portugal, Lisboa, Caminho, 1997 [1ª edição: Círculo dos Leitores, 1981].
- Levantado do Chão, Lisboa, Caminho, 2000 [1ª edição: 1980].
- Que Farei com este Livro?, Lisboa, Caminho, 1998 [1ª edição: 1980].
- A Noite, Lisboa, Caminho, 1998 [1ª edição: 1979].
- Poética dos Cinco Sentidos – O Ouvido, Lisboa, Bertrand, 1979, pp.21-26.
- Objecto Quase, Lisboa, Caminho, 1986 [1ª edição: Moraes Editores, 1978].
- Manual de Pintura e de Caligrafia, Lisboa, Caminho, 1998 [1ª edição: Moraes Editores, 1977].
- Os Apontamentos, Lisboa, Caminho, 1990, [inclui As Opiniões que o DL teve – 1ª edição: Futura, 1974 - e Os Apontamentos – 1ª edição: Futura/Seara Nova, 1976].
- O Ano de 1993, Lisboa, Caminho, 2007 [1ª edição: Futura, 1975].
- A Bagagem do Viajante, Lisboa, Caminho, 1986, [1ª edição: Futura, 1973]
- Deste Mundo e do Outro, Lisboa, Caminho, 1997 [1ª edição: Arcádia, 1971].
- Provavelmente Alegria, Lisboa, Caminho, 1999 [1ª edição: Livros Horizonte, 1970].
- Poemas possíveis, Lisboa, Caminho, 1999 [1ª edição: Portugália, 1965].
- Terra do Pecado, Lisboa, Caminho, 1997, [1ª edição: Editorial Minerva, 1947].

- Traduções francesas

- L'Autre comme Moi, traduction de Geneviève Leibrich, Paris, Seuil, coll. Points, 2006 [1^{ère} édition: Seuil, coll. Cadre Vert, 2005].
- La Lucidité, traduction de Geneviève Leibrich, Paris, Seuil, coll. Points, 2007 [1^{ère} édition: Seuil, coll. Cadre Vert, 2006].
- La Caverne, traduction de Geneviève Leibrich, Paris, Seuil, coll. Cadre Vert, 2002.

- Tous les Noms, traduction de Geneviève Leibrich, Paris, Seuil, coll. Cadre Vert, 1999.
- L'Aveuglement, traduction de Geneviève Leibrich, Paris, Seuil, coll. Cadre Vert, 1997.
- La Caverne, traduction de Geneviève Leibrich, Paris, Seuil, coll. Points, 2003.
- Tous les Noms, traduction de Geneviève Leibrich, Paris, Seuil, coll. Points, 2001.
- L'Aveuglement, traduction de Geneviève Leibrich, Paris, Seuil, coll. Points, 2000.

- *Site Internet*

- Blog de José Saramago: "O Caderno de Saramago"
<http://caderno.josesaramago.org/>

Literatura portuguesa

- Abelaira, Augusto, Nem só mas também, Lisboa, Presença, 2004.
- Abelaira, Augusto, Outrora Agora, Lisboa, Presença, 1996.
- Alegre, Manuel, Alma, Lisboa, Dom Quixote, 2004 (10ª edição), [1ª edição:1995].
- Alegre, Manuel, A Terceira Rosa, Colecção Mil Folhas/ Público, 2003, [1ª edição: Dom Quixote, 1998].
- Alegre, Manuel, Jornada de África, Lisboa, Dom Quixote, 1989.
- Antunes, António Lobo, Explicação dos Pássaros, Lisboa, Dom Quixote, 1997.
- Antunes, António Lobo, A Morte de Carlos Gardel, Lisboa, Dom Quixote, 1994.
- Antunes, António Lobo, A Ordem Natural das Coisas, Lisboa, Dom Quixote, 1992.
- Antunes, António Lobo, As Naus, Lisboa, Dom Quixote, 2002 (5ª edição), [1ª edição: 1988].

- Antunes, António Lobo, Conhecimento do Inferno, Lisboa, Dom Quixote, 2002 (13ª edição) [1ª edição: 1980].
- Aguiar, João, O Dragão de Fumo, Lisboa, Asa, 1998.
- Baptista-Bastos, Elegia Para um Caixão Vazio, Lisboa, Edições "o jornal", 1984.
- Barreno, Maria Isabel, Os Sentos Incomuns, Associação Portuguesa de Escritores, Biblioteca Prestígio, 2001 [1ª edição:1993].
- Barreno, Maria Isabel; Costa, Maria Velho da; Horta, Maria Teresa, Novas Cartas Portuguesas, Lisboa, Futura, 1974 [1ª edição:1972].
- Bragança, Nuno, Do Fim do Mundo, Lisboa, Edições "o jornal", 1990.
- Brito, Casimiro de, Imitação do Prazer, Dom Quixote, 1991.
- Brito, Casimiro de, Pátria Sensível ou Que Fazer do Corpo com seus Rios, Margens & Afluentes, Dom Quixote, 1983.
- Carvalho, Mário de, Era Bom que Trocássemos umas Ideias sobre Assunto, Lisboa, Caminho, 1995.
- Carvalho, Mário de, Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde, Lisboa, Caminho, 1994.
- Carvalho, Mário de, A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho, Lisboa, Caminho, 1998 [1ª edição:1983].
- Castilho, Paulo, Fora de Horas, Lisboa, Dom Quixote, 2000 (edição de bolso), [1ª edição: 1989].
- Ceia, Carlos, O Professor Sentado, Lisboa, Edições Duarte Reis, 2004.
- Cláudio, Mário, Amadeo, Lisboa, Dom Quixote (bolso), 2003, [1ª edição: 1984].
- Correia, Hélia, Insânia, Lisboa, Relógio d' Água Editores, 1996.
- Correia, Hélia, A Fenda Erótica, Lisboa, Edições "O jornal", 1988.
- Gersão, Teolinda, Os Anjos, Lisboa, Dom Quixote, 2000.
- Gersão, Teolinda, O Silêncio, Lisboa, Dom Quixote, 1981.
- Gomes, Luísa Costa, Educação Para a Tristeza, Editorial Presença, 1998.
- Gomes, Luísa Costa, Contos Outra Vez, Associação Portuguesa de Escritores, Biblioteca Prestígio, 2001 [1ª edição:1997].
- Gomes, Luísa Costa, O Pequeno Mundo, Lisboa, Assírio & Alvim, 2002 [1ª edição: Quetzal, 1988].

- Guerra, Álvaro, Café 25 de Abril (as ruínas), Folhetim do mundo vivido em Vila Velha, Lisboa, Edições "O jornal", 1987.
- Jorge, Lída, Combateremos a Sombra, Lisboa, Dom Quixote, 2007.
- Jorge, Lída, A Costa dos Murmúrios, Colecção Mil Folhas, 2002, [1ª edição: 1998].
- Jorge, Lída, O Jardim sem Limites, Lisboa, Dom Quixote, 1995.
- Jorge, Lída, O Dia dos Prodígios, Edição TV Guia Editora, 1997, [1ª edição: 1980].
- Paixão, Pedro, Viver Todos os Dias Cansa, in Do Mal o Menos, Lisboa, Cotovia, 2000.
- Pires, José Cardoso, O Delfim, Lisboa, Dom Quixote/ Booket, 2008, [1ª edição: 1968].
- Tavares, Miguel Sousa, Equador, Lisboa, Oficina do Livro, 2003.
- Torga, Miguel, Diário, I, Lisboa, Dom Quixote, 1999.

- Traduções francesas

- Antunes, António Lobo, La Mort de Carlos Gardel, traduction de Geneviève Leibrich, Seuil, coll. Points, 2005 [1^{ère} édition: Christian Bourgois, 1995].
- Antunes, António Lobo, L'Ordre Naturel des Choses, traduction de Geneviève Leibrich, Seuil, coll. Points, 1999 [1^{ère} édition: Christian Bourgois, 1994].
- Jorge, Lída, Nous Combattons l'Ombre, traduction de Geneviève Leibrich, Paris, Métailié, 2008.
- Jorge, Lída, Le Jardin sans Limites, traduction de Geneviève Leibrich, Paris, Métailié, 1998.
- Tavares, Miguel Sousa, Equador, traduction de Geneviève Leibrich, Seuil, coll. Points, 2007 [1^{ère} édition: Seuil, coll. Cadre Vert, 2005].

Literatura francesa

- Angot, Christine, L'Inceste, Paris, Le Livre de Poche, 2001 [1^{ère} édition: Stock, 1999].

- Assouline, Pierre, La Cliente, Paris, Gallimard, coll. Folio, 2000 [1^{ère} édition: Gallimard, 1998].
- Bernheim, Emmanuèle, Un Couple, Gallimard, coll. Folio, 1994 [1^{ère} édition: Gallimard, 1987].
- Bobin, Christian, Souveraineté du Vide/ Lettres d'Or, Gallimard, coll. Folio, 1995 [1^{ère} édition Souveraineté du Vide: Fata Morgana, 1985; 1^{ère} édition Lettres d'Or: Fata Morgana, 1987].
- Carrère, Emmanuel, L'Adversaire, Paris, Gallimard, coll. Folio, 2001 [1^{ère} édition: P.O.L., 2000].
- Darrieussecq, Marie, Truismes, Paris, P.O.L, 1996.
- Delerm Philippe, La Première Gorgée de Bière et autres plaisirs minuscules, Paris, Gallimard, coll. L'Arpenteur, 1997.
- Duras, Marguerite, Écrire, Paris, Gallimard, coll. Folio, 1995 [1^{ère} édition: Gallimard, 1993].
- Duras, Marguerite, L'Amant, Paris, Club France Loisirs, 1985 [1^{ère} édition: Éditions de Minuit, 1984].
- Echenoz, Jean, Je m'en vais, Paris, Éditions de Minuit, coll. "double", 2001 [1^{ère} édition: Éditions de Minuit, 1999].
- Echenoz, Jean, Lac, Paris, Éditions de Minuit, coll. "double", 2008 [1^{ère} édition: Éditions de Minuit, 1989].
- Ernaux, Annie, La Place, Paris, Gallimard, coll. Folio, 1986 [1^{ère} édition: Gallimard, 1983].
- Guibert, Hervé, A l'Ami qui ne m'A pas Sauvé la Vie, Gallimard, coll. Folio, 1993 [1^{ère} édition: Gallimard, 1990].
- Houellebecq, Michel, Plateforme, Paris, J'ai lu, 2002 [1^{ère} édition: Flammarion, 2001].
- Houellebecq, Michel, Les Particules Élémentaires, Paris, J'ai lu, 2000 [1^{ère} édition: Flammarion, 1998].
- Houellebecq, Michel, Extension du Domaine de la Lutte, Paris, J'ai lu, 1997 [1^{ère} édition: Éditions Maurice Nadeau, 1994].
- Michon, Pierre, Vies Minuscules, Paris, Gallimard, coll. Folio, 1996 [1^{ère} édition: Gallimard, 1984].

- Millet, Catherine, La Vie Sexuelle de Catherine M., Paris, Seuil, coll. Points, 2002 [1^{ère} édition: Seuil, 2001].
- Millet, Richard, Cœur Blanc, Gallimard, coll. Folio, 2008 [1^{ère} édition: P.O.L., 1994].
- Modiano, Patrick, Dora Bruder, Paris, Gallimard, coll. Folio, 1999 [1^{ère} édition: 1997].
- Montaigne, Michel de, Essais, Livre 1, Paris, Garnier-Flammarion, 1969.
- Oster, Christian, Mon Grand Appartement, Paris, Éditions de Minuit, coll. "double", 2007 [1^{ère} édition: Éditions de Minuit, 1999].
- Pontalis, Jean Bertrand, L'Amour des Commencements, Paris, Gallimard, coll. Folio, 1994 [1^{ère} édition: Gallimard, 1986].
- Quignard, Pascal, Abîmes – Dernier Royaume, III, Gallimard, coll. Folio, 2005, [1^{ère} édition: Éditions Grasset & Fasquelle, 2002].
- Quignard, Pascal, Petits Traités I, Gallimard, coll. Folio, 1997, [1^{ère} édition: Maeght Éditeur, 1990].
- Rouaud, Jean, Les Champs d'Honneur, Paris, Éditions de Minuit, 1990.
- Sarraute, Nathalie, Enfance, Paris, Gallimard, coll. Folio, 1995, [1^{ère} édition: 1983].
- Salvayre, Lydie, La Compagnie des Spectres, Paris, Seuil, 1997.
- Sollers, Philippe, Studio, Paris, Gallimard, coll. Folio, 1999 [1^{ère} édition: Gallimard, 1997].
- Semprun, Jorge, L'Écriture ou la Vie, Paris, Gallimard, coll. Folio, 1996 [1^{ère} édition: 1994].
- Simon, Claude, L'Acacia, Paris, Éditions de Minuit, coll. "double", 2003 [1^{ère} édition: Éditions de Minuit, 1989].
- Toussaint, Jean-Philippe, L'Appareil-Photo, Paris, Éditions de Minuit, coll. "double", 2007 [1^{ère} édition: Éditions de Minuit, 1988].
- Toussaint, Jean-Philippe, La Salle de Bain, Paris, Éditions de Minuit, coll. "double", 2005 [1^{ère} édition: Éditions de Minuit, 1985].
- Toussaint, Jean-Philippe, La Télévision, Paris, Éditions de Minuit, coll. "double", 2002 [1^{ère} édition: Éditions de Minuit, 1997].
- Tristan, Frédéric, Les Égarés, Paris, Balland, 1983.

- Viel, Tanguy, L'Absolue Perfection du Crime, Paris, Éditions de Minuit, coll. "double", 2006 [1^{ère} édition: Éditions de Minuit, 2001].
- Volodine, Antoine, Des Anges Mineurs, Paris, Seuil, coll. Points, 2001 [1^{ère} édition: Seuil, 1999].

Literatura europeia

- Biet, Christian; Brighelli, Jean-Paul (textes réunis par), Mémoires d'Europe 1900 - 1993 – Anthologie des littératures européennes, Paris, Gallimard, coll. Folio, 1993.
- Biet, Christian; Brighelli, Jean-Paul (textes réunis par), Mémoires d'Europe 1789 - 1900 – Anthologie des littératures européennes, Paris, Gallimard, coll. Folio, 1993.
- Biet, Christian; Brighelli, Jean-Paul (textes réunis par), Mémoires d'Europe 1453-1789 – Anthologie des littératures européennes, Paris, Gallimard, coll. Folio, 1993.

II. Bibliografia passiva

José Saramago

- AA.VV., "O universo Saramago", Jornal de Letras, Artes e Ideias, 5-18 de Novembro de 2008, pp.14-20.
- AA.VV., Diálogos cervantinos: encuentros con José Saramago – congreso internacional, Universidad de Murcia, Murcia, Compobell S.L., 2005.
- AA.VV., "José Saramago: *As Intermittências da Morte*", Jornal de Letras, Artes e Ideias, 26 de Outubro-8 de Novembro de 2005, pp.9-11.
- AA.VV., "José Saramago, *Ensaio sobre a Lucidez*", Jornal de Letras, Artes e Ideias, 17 de Março de 2004, pp. 14-19.
- AA.VV., "Saramago: 80 anos", Revista/ Expresso, nº 1568, 16 de Novembro de 2002, pp.44-64.

- AA.VV., “On Saramago”, Portuguese Literary and Cultural Studies, nº6, University of Massachusetts, 2001.
- AA.VV. (a), Doutoramento “honoris causa” de José Saramago, Secretário Editorial (ed.-lit.), Universidade de Évora, 1999.
- AA.VV. (b), “Ler Saramago”, Vértice, nº91, Julho-Setembro de 1999.
- AA.VV. (c), “José Saramago: o ano de 1998”, Colóquio-Letras, nº151/152, Janeiro- Junho de 1999.
- AA.VV. (a), “José Saramago: Prémio Nobel”, Revista Camões, nº3, Outubro-Dezembro de 1998,
<http://www.instituto-camoes.pt/escritores/saramago/>.
- AA.VV. (b), “Um escritor confessa-se – entrevistas ao JL”, Jornal de Letras, Artes e Ideias, 14 de Outubro de 1998,
<http://www.instituto-camoes.pt/escritores/saramago/escritorconfess.htm>
(consultado em Outubro de 2002).
- AA.VV., “História e ficção em José Saramago” [dossier], Vértice, II série, nº52, Janeiro-Fevereiro de 1993, pp.5-38.
- Aguilera, Fernando Gómez, José Saramago: a consistência dos sonhos, (trad. António Gonçalves), Lisboa, Caminho, 2008.
- Arias, Juan, José Saramago: o amor possível, Lisboa, Dom Quixote, 2000.
- Arnaut, Ana Paula, José Saramago, Coimbra, Edições 70, 2008.
- Arnaut, Ana Paula, “*Todos os Nomes*: o memorial de José”, Artes & Artes, nº9, Abril de 1998, p.14.
- Baptista-Bastos, José Saramago: Aproximação a Um Retrato, Lisboa, Dom Quixote, 1996.
- Berrini, Beatriz, Ler Saramago: o romance, Lisboa, Caminho, 1998.
- Bosquet, Alain, “L'art des excès”, Magazine Littéraire, nº241, avril 1987, p.82.
- Buescu, Helena, “ O nome da escuridão do mundo: leitura de *Todos os Nomes*, de José Saramago”, Chiaroscuro – Modernidade e Literatura, Porto, Campo das Letras, 2001, pp.317-322.
- Carvalhal, Tania Franco, “*Todos os nomes* de José Saramago: alegorias do labirinto”, Veredas, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, vol.1, Dezembro de 1998, pp.271-277.

- Carreira, Shirley de Souza Gomes, "Entre o ver e o olhar: a recorrência de temas e imagens na obra de José Saramago", s/d, http://www.geocities.com/ail_br/entreovereoolhar.html?200527 (consultado a 27 de Setembro de 2005).
- Carreira, Shirley de Souza Gomes, "O não-lugar da escritura: uma leitura de *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago", s/d, <http://alfarrabio.um.geira.pt/vercial/saramago.htm> (consultado a 27 de Setembro de 2005).
- Caseirão, Bruno, "*Il dissoluto assolto*, de Azio Corghi e José Saramago", Jornal de Letras, Artes e Ideias, 15 a 28 de Março de 2006, pp. 6-9.
- Comunicado da Academia Sueca: Arte romanesca, Jornal de Letras, Artes e Ideias, nº731, 14 de Outubro de 1998, p.4.
- Costa, Horácio, José Saramago: O Período Formativo, Lisboa, Caminho, 1997.
- Costa, Horácio, "Sobre a pós-modernidade em Portugal: Saramago revisita Pessoa", Colóquio-Letras, nº109, Maio – Junho de 1989, pp.41-48.
- Fokkema, Douwe, "How to decide wheter "Memorial do Convento" is or is not a postmodernist novel?", Dedalus, 1, 1991, pp.293-302.
- Gusmão, Manuel, "O sentido histórico na ficção de José Saramago", Vértice, 87, Novembro – Dezembro de 1998, pp.7- 23.
- Júdice, Nuno, "José Saramago: le roman à la place de toutes les ruptures", L'Atelier du Roman, 1997-1998, nº13, www.instituto-camoes.pt/escritores/saramago/romanruptures.htm (consultado em Outubro de 2002).
- Jubilado, Maria Odete Santos, Olhares cruzados: a problemática da leitura em José Saramago e Philippe Sollers, (Tese de doutoramento em Literatura Comparada: texto policopiado), Universidade de Évora, 2004.
- Jubilado, Maria Odete Santos, Saramago et Sollers: une (ré)écriture ironique?, Lisboa, Vega, 2000.
- Júnior, Márcio Resendes (entrevista de), "José Saramago", DNa, 7 de Junho de 2003, pp.10-13.

- Kalewska, Anna, "As modalizações anti-épicas na narrativa portuguesa contemporânea: José Saramago, António Lobo Antunes e Mário Cláudio", Veredas, 3, II, 2000, pp.371-387.
- Kaufman, Helena, "A metaficção historiográfica de José Saramago", Colóquio-Letras, nº120, Abril-Junho de 1991, pp. 124 – 136.
- Lago, Maria Paula, A Face de Saramago, Porto, Granito Editores e Livreiros, 2000.
- Lanciani, Giulia (org.), José Saramago. Il bagaglio dello scrittore, Roma, Bulzoni Editore, 1996.
- Léornadini, Jean-Pierre, "Ce Nobel rouge est un homme à fables", L'Humanité, 10 juin 1999.
- Lima, Isabel Pires, "Saramago pós-moderno ou talvez não", Quadrant, nº15, Montpellier, Université Paul Valéry/ Centre de Recherche en Littérature de Langue Portugaise, 1998, pp.215-225.
- Losada, Basílio, "Une voix ibérique", Le Monde, 10 mars 1990, http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=485787 (consultado em Maio de 2009).
- Machover, Jacob, "Ricardo Reis, hétéronyme", Magazine Littéraire, nº261, janvier 1989.
- Martins, Adriana Alves de Paula; Sabine, Mark (ed.), In dialogue with Saramago: essays in comparative literature, Manchester, Manchester and Portuguese Studies, 2006.
- Martins, Adriana Alves de Paula Martins, "*Todos os Nomes* ou uma viagem pelos labirintos da cidade na busca do nome que cada um tem", Veredas, 3, I, Porto, 2000, pp.341-350.
- Martins, Lourdes et al., Reler José Saramago: paradigmas ficcionais, Chamusca, Cosmos, 2005.
- Marques, Carlos Vaz, "Entrevista a José Saramago", Ler, 70, Círculo de Leitores, Junho de 2008.
- Mendes, Carla Manuela C. de Melo Oliveira, O processo alegórico no Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago (Tese de mestrado em Teoria

da Literatura e Literatura Portuguesa: texto policopiado), Universidade do Minho, 2000.

- Mendes, Helena Margarida R. V. D. Tavares, Estudo da recorrência proverbial: de *Levantado do Chão a Todos os Nomes* de José Saramago, (Tese de mestrado: texto policopiado), Universidade Nova de Lisboa, 2000.
- Monteiro, Rui Fernando Machado, O estudo da personagem – *Todos os Nomes* de José Saramago, (Tese de mestrado em Ensino da língua e literatura portuguesas: texto policopiado), Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2002.
- Oliveira, Maria José Rodrigues, “José Saramago: o Labirinto de *Todos os Nomes*”, www.ipn.pt/opsis/litera/letras/ensaio24.htm (consultado a 17 de Junho de 2003).
- Peiruque, Elisabete Carvalho, “Saramago: um olhar sobre Portugal”, in Cusati, Maria Luisa (ed.), Il Portogallo e i Mari: un encontro tra culture (Actas del Congresso Internazionale, Istituto Universitario Orientale, Napoli, 1994), vol.2, Napoli, Liguori, 1997, pp.91-96.
- Pires, Ana Márcia Martins, A entidade visível e invisível: o papel do narrador em *Ensaio sobre a Cegueira* de José Saramago, (Tese de mestrado: texto policopiado), Universidade do Minho, 2002.
- Proença, Hélio, "O Prémio Nobel", Artes & Artes, nº15, Novembro de 1998, p. 7.
- Real, Miguel, "José Saramago: o ponto da situação", Jornal de Letras, Artes e Ideias, 13-26 de Agosto de 2008, p.25.
- Rebelo, Luís de Sousa, “Os rumos da ficção de José Saramago”, Outubro de 1983 in José Saramago, Manual de Pintura e Caligrafia, Lisboa, Caminho, 1998 (5ª edição. 1ª edição na Editorial Caminho: 1983. 1ª edição: Moraes Editores 1977).
- Reis, Carlos, "Doutoramento *Honoris Causa* de José Saramago", discurso pronunciado aquando da cerimónia em Coimbra, 11 de Julho de 2004 (texto policopiado).
- Reis, Carlos, "José Saramago. O homem diante do espelho", Jornal de Letras, Artes e Ideias, 13 de Novembro de 2002, pp. 15-16.
- Reis, Carlos (a), Diálogos com José Saramago, Lisboa, Caminho, 1998.

- Reis, Carlos (b), "Saramago: o efeito Nobel", Jornal de Letras Artes e Ideias, nº736, 16 a 19 de Dezembro de 1998, pp.22-23.
- Reis, Carlos, "Romance e História depois da revolução: José Saramago e a ficção portuguesa contemporânea", in Piwnik, Marie-Hélène (org.), Regards sur deux fins de siècle XIXe-XXe: la littérature portugaise (Colloque Franco-Portugais, Talence, 1994), Bordeaux, Maison des Pays Ibériques, 1996, pp.43-55.
- Ribeiro, Anabela Mota (entrevista de) (a), "O melhor Saramago depois do Nobel", Ípsilon, 7 de Novembro de 2008, pp. 4-12.
- Ribeiro, Anabela Mota (b), "*Ensaio sobre a Cegueira* o romance resistiu a Meirelles?", Ípsilon, 7 de Novembro de 2008, p.8.
- Ribes, María Ramírez, "Entrevista a José Saramago", 12 de Dezembro de 2000, www.analitica.com/va/arte/tendencias/9778141.asp (consultado a 27 de Março de 2004).
- Rio, Pilar del (entrevista de), "O Nobel não significou nada às portas da morte", Única/ Expresso, nº 1876, 11 de Outubro de 2008, pp. 33-44.
- Rizzante, Massimo, "L'Aveuglement ou les voix", L'Atelier du Roman, Paris, nº13, 1997-1998, in www.instituto-camoes.pt/escritores/saramago/aveuglementvoix.htm (consultado em Outubro de 2002).
- Roani, Gerson Luiz, No Limiar do Texto. Literatura e História em José Saramago, São Paulo, Annablume, 2002.
- Seixo, Maria Alzira, Lugares de ficção em José Saramago: o essencial e outros ensaios, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1999.
- Silva, João Céu e, Uma longa viagem com José Saramago, Porto Editora, 2009.
- Silva, Teresa Cristina Cerdeira da, José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses, Lisboa, Dom Quixote, 1989.
- Simões, Maria de Lourdes Netto, "Saramago e a Geração dos Cravos", www.ipn.pt/opsis/litera/letras/ensaio26.htm (consultado a 17 de Junho de 2003).
- Tavares, José Fernando (a), "O tempo de José Saramago", Artes & Artes, nº15, Novembro de 1998, p. 2.

- Tavares, José Fernando (b), "Justificação e louvor da obra de José Saramago", Artes & Artes, nº15, Novembro de 1998, pp. 3-4.
- Thiéry, Natacha, "Une vie à inventer", Magazine Littéraire, nº376, mai 1999, p.73.
- Vasconcelos, José Carlos da Vasconcelos (entrevista de), "O neto de Jerónimo e Josefa", Jornal de Letras Artes e Ideias, nº942, 8 a 21 de Novembro de 2006, pp. 8-9.
- Vasconcelos, José Carlos de (entrevista de), "O Tempo e a Morte", Visão, nº661, 3 de Novembro de 2005, pp.113-119.
- Vasconcelos, José Carlos de (entrevista de) "A Lucidez segundo José Saramago", Visão, nº577, 25 de Março de 2004, pp.140-148.
- Vasconcelos, José Carlos de (entrevista de), "O mundo de Saramago", Visão, nº515, 16 de Janeiro de 2003, pp.92-101.
- Veiga, Miguel, "Comentários a *Ensaio sobre a Lucidez* de José Saramago", Os meus livros, nº20, 2 de Maio de 2004, pp.31-36.
- Venâncio, Fernando, José Saramago: a luz e o sombreado, Porto, Campo das Letras, 2000.
- Viegas, Francisco José (coord.), José Saramago: Uma Voz contra o Silêncio, Lisboa, Caminho/ ICEP/ IPLB, 1998.

- *Sites Internet*

- Fundação José Saramago: <http://www.josesaramago.org/site/>
- José Saramago, in Editorial Caminho:
http://www.editorial-caminho.pt/lista_autores.
- José Saramago (imprensa portuguesa e estrangeira, biografia, bibliografia, estudos e iconografia), in Instituto Camões,
<http://www.instituto-camoes.pt/escritores/saramago/>.
- José Saramago, in Sociedade Portuguesa de Autores:
<http://www.sautores.pt/autores/>.
- Site consagrado a José Saramago: <http://www.caleida.pt/saramago/>.
- Informações sobre José Saramago num site francês:
<http://www.republique-des-lettres.com/s/saramago.shtml>.

- *Site* espanhol consagrado a José Saramago (biografia, bibliografia, prémios, entrevistas e artigos do escritor): <http://www.saramago.iespana.es>.

Literatura portuguesa

- AA.VV., "25 livros: qualidade e diversidade", Jornal de Letras, Artes e Ideias, 16-29 de Março de 2005, pp. 12-15.
- AA.VV. (a), Almeida Garrett – Um romântico, um moderno, (Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Bicentenário do Nascimento do Escritor), 2 vol., Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.
- AA.VV. (b), "Balanço literário do ano 2002", Vértice, nº113, Setembro – Outubro de 2003, pp.4-43.
- AA.VV., "Balanço literário do ano 2001", Vértice, nº106, Maio – Agosto de 2002, pp.117-155.
- AA.VV., "Balanço literário do ano 2000", Vértice, nº101, Julho – Agosto de 2001, pp.75-99.
- AA.VV., "Ecrivains du Portugal", Magazine Littéraire, nº385, mars 2000, pp.19-67.
- AA.VV., "Le Monde des Livres: spécial salon du livre", Le Monde, 17 mars 2000, pp. I-XII.
- AA.VV., "O ano literário de 1999", Vértice, nº96, Julho – Agosto de 2000, pp.73-108.
- AA.VV., "Balanço literário de 1998", Vértice, nº91, Julho – Agosto de 1999, pp.99-125.
- AA.VV. (a), "Spécial Portugal", Prétexte: nº18-19, été-automne 1998.
- AA.VV. (b), "Balanço do ano literário de 1997", Vértice, nº85, Julho – Agosto de 1998, pp.46-69.
- AA.VV., "Balanço literário de 1996", Vértice, nº79, Julho – Setembro de 1997, pp.5-32.
- AA.VV., "Balanço literário de 1995", Vértice, nº73, Julho – Setembro de 1996, pp.11-29.

- AA.VV., "Balanço literário do ano de 1994", Vértice, nº67, Julho – Agosto de 1995, pp.91-107.
- AA.VV., "O ano literário de 1993", Vértice, nº61, Julho – Agosto de 1994, pp.105 -121.
- AA.VV., "Balanço literário 1992", Vértice, nº55, Julho – Agosto de 1993, pp.118 -131.
- AA.VV., "Balanço literário 1991", Vértice, nº49, Agosto de 1992, pp.106-131.
- AA.VV. (a), "Fernando Pessoa", Magazine Littéraire, nº291, septembre 1991, pp.14-64.
- AA.VV. (b), "Balanço literário 1990", Vértice, nº38, Maio de 1991, pp.92-120.
- AA.VV., "O ano literário de 1989", Vértice, nº25, Abril de 1990, pp.6-21.
- AA.VV., Um ano de Literatura Portuguesa – 1988/1989, Instituto Português do Livro e da Leitura, 1989.
- AA.VV., "Balanço do ano literário de 1987", Colóquio-Letras, nº 101, Janeiro – Fevereiro de 1988, pp.6-16.
- AA.VV., "Balanço do ano literário de 1986", Colóquio-Letras, nº96, Março – Abril de 1987, pp.26-34.
- AA.VV., "Balanço do ano literário de 1985", Colóquio-Letras, nº 90, Março de 1986, pp. 5-16.
- AA.VV. (a), "Balanço do ano literário de 1984", Colóquio-Letras, nº 84, Março de 1985, pp. 5-15.
- AA.VV. (b), Centro português da associação internacional dos críticos literários, Balanço da actividade literária portuguesa (1983/1984), Lisboa, Dom Quixote, 1985.
- AA.VV. (a), "Balanço do ano literário de 1982", Colóquio-Letras, nº 72, Março de 1983, pp.5-14.
- AA.VV. (b), Centro português da associação internacional dos críticos literários, Balanço da actividade literária portuguesa (ano de 1982), Lisboa, Dom Quixote, 1983.
- AA.VV., Centro português da associação internacional dos críticos literários, Balanço da actividade literária portuguesa (ano de 1981), Lisboa, Dom Quixote, 1982.

- Arnaut, Ana Paula, Post-modernismo no romance português contemporâneo: fios de Ariadne-Máscaras de Proteu, Coimbra, Almedina, 2002.
- Barros-Baptista, Abel, Coligação de avulsos, Lisboa, Cotovia, 2003.
- Bénichou, François, "La galaxie Tabucchi", Magazine Littéraire, n°334, juillet-août 1995, pp.84-85.
- Bensoussan, Albert, "L'Apocalypse selon Lobo Antunes. Exhortation aux crocodiles.", Magazine Littéraire, n°381, novembre 1999, pp.76-77.
- Besse, Maria Graciete, "Entre le silence et le cri: la voix des femmes dans la littérature portugaise contemporaine", La voix des femmes dans les cultures de langue portugaise: penser la différence – Colloque International du Séminaire d'Études Lusophones de l'Université de Paris-Sorbonne, 26-27 mars 2007, <http://www.crimic.paris-sorbonne.fr/actes/vf/besse.pdf>
- Besse, Maria Graciete, "As «Novas Cartas Portuguesas» e a contestação do poder patriarcal", Latitudes, n°26, Avril 2006, pp.16-20.
- Bosquet, Alain, "L'inutile espoir", Magazine Littéraire, n°322, juin 1994, p.72.
- Bosquet, Alain, "Bilan d'une vie", Magazine Littéraire, n°306, janvier 1993, p.72.
- Bosquet, Alain (a), "Zola chez Fantômas", Magazine Littéraire, n°290, juillet-août 1991, p.73.
- Bosquet, Alain (b), "Vertigineuses pérégrinations", Magazine Littéraire, n°286, mars 1991, p.75.
- Bosquet, Alain, "Trois fois Pessoa", Magazine Littéraire, n°277, mai 1990, p.76.
- Bosquet, Alain, "Calmes tragédies", Magazine Littéraire, n°271, novembre 1989, p.75.
- Bosquet, Alain (a), "Le miroir du siècle", Magazine Littéraire, n°256, juillet-août 1988, p.75.
- Bosquet, Alain (b), "Les poésies de Mário de Sá-Carneiro", Magazine Littéraire, n°249, janvier 1988, p.67.
- Cadet, Valérie (a), "L'énigme Camões", Magazine Littéraire, n° 321, mai 1994, pp. 76-77.

- Cadet, Valérie (b), "Actualités portugaises", Magazine Littéraire, nº 321, mai 1994, pp. 77-78.
- Carneiro, Armando Teixeira "La cultura y los *media* en Portugal", Pensar Iberoamérica (revista digital), OEI (Organización de Estados Iberoamericanos), número 5, enero-abril 2004, <http://www.campus-oei.org/pensariberoamerica/ric05a03.htm>, (consultado a 12 de Outubro de 2006).
- Cerdeira, Teresa Cristina, "De viagens e viajantes: Camões, Garrett e Saramago", Vértice, nº95, Maio -Junho de 2000, pp.48-53.
- Cluny, Michel Claude, "Avec la légèreté du gecko", Magazine Littéraire, nº452, avril 2006, pp.74-75.
- Cluny, Michel Claude, "Des voix sans personne", Magazine Littéraire, nº405, janvier 2002, pp.79-80.
- Cordeiro, Cristina Robalo, "Os limites do romanesco", Colóquio-Letras, nº143-144. Janeiro-Junho de 1997, pp.111 - 133.
- Coelho, Eduardo do Prado, "Dez anos de ensaio (1974-1984)", Colóquio-Letras, 78, 1984, pp.43-54.
- Coelho, Jacinto do Prado, "Garrett prosador", Revista da Faculdade de Letras, tomo XXI (separata), 2ª, nº1, Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 1955.
- Coelho, Nelly Novaes, "O discurso-em-crise na literatura feminina portuguesa", Via Atlântica, Universidade de São Paulo, nº2, 1999, pp.120-128.
- Colepicolo, Sheila, Transgressão em Novas Cartas Portuguesas, (Tese de mestrado apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: texto policopiado), Universidade de São Paulo, 2007.
- Cortanze, Gérard de, "Traduit du portugais", Magazine Littéraire, nº292, octobre 1991, pp.91-92.
- Couto, Rosa Maria Soares, "Subsídios para uma leitura orientada do conto *A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho*, de Mário de Carvalho", Máthesis, nº12, 2003, pp.313-325.
- Dias, Augusto da Costa, "Estilística e dialéctica", in Almeida Garrett, Viagens na minha terra, Lisboa, Estampa, 1983, pp.19-74.

- Duarte, Lélia Parreira, "«Viagens nas minha terra» exemplo de modernidade", Colóquio-Letras, nº134, Outubro - Dezembro de 1994, pp.45-54.
- Dubois, E.T., "A Mulher e a Paixão – Das *Lettres Portugaises* (1669) às *Novas Cartas Portuguesas* (1972)", Colóquio-Letras, nº102, Março de 1988, pp. 35-43.
- Fillipetti, Sandrine, "*Jerusalém*. Gonçalo M.Tavares", Magazine Littéraire, nº479, octobre 2008, p.33.
- Gambaro, Fábio (propos recueillis par), "António Tabucchi: les jeux de l'écriture et du hasard", Magazine Littéraire, nº436, novembre 2004, pp.92-97.
- George, João Pedro, O meio literário português (1960/1998), Algés, Difel, 2002.
- Kaufman, Helena, Ficção histórica portuguesa do pós-revolução (Tese de doutoramento em Filosofia: texto policopiado), University of Wisconsin-Madison, 1991.
- Lança, Marta, "Os poderes literários", Ler, 66, Círculo de Leitores, Primavera 2005, pp.64-75.
- Laumonier, Alexandre, "La Splendeur du Portugal. António Lobo Antunes", Magazine Littéraire, nº370, novembre 1998, p.81.
- Légli-Costa (table ronde organisée par), "Tendances du roman contemporain", Cinquièmes Assises de la Traduction Littéraire, Arles 1988, Arles, Actes Sud, 1989, pp.190-201.
- Leone, Carlos, Portugal extemporâneo – História das ideias do discurso crítico português no século XX, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.
- Leone, Carlos, "Críticos ou trabalhadores intelectuais?", Non! (revista digital), Setembro de 2001
<http://ruibebiano.net/zonanon/non/plural/doc71.html>, (consultado a 13 de Outubro de 2006).
- Leone, Carlos, Introdução ao cesurismo contemporâneo, Coimbra, Minerva, 2000.

- Leone, Carlos, "O tempo e a crítica", Dez críticas, Lisboa, Colibri, 1999, pp. 119-134.
- Lima, Isabel Pires, "Traços pós-modernos na ficção portuguesa actual", Semear, 4, 2000, pp.9-28.
- Liedekerke, Arnould, "António Tabucchi: le contrebandier", Magazine Littéraire, nº356, juillet-août 1997, pp.154-159.
- Lima, Isabel Pires, Questões de identidade nacional no romance português contemporâneo, Actas dos Cursos Internacionais de Verão de Cascais, 3,1996, Cascais, Câmara Municipal, 1997, pp.157-166.
- Lopes, Óscar; Marinho, Maria de Fátima (org.), História da Literatura Portuguesa: As correntes contemporâneas, vol.7, Lisboa, Alfa, 2002.
- Lopes, Óscar; Saraiva, A.J., História da Literatura Portuguesa, Porto Editora, 1996 (17ª edição revista e actualizada).
- Lopes, Silvina Rodrigues, A legitimação em literatura, Lisboa, Edições Cosmos, 1994.
- Lourenço, Eduardo, A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia, Lisboa, Gradiva, 2004 [1ª edição:1999].
- Lourenço, Eduardo, O Canto do Signo – Existência e Literatura (1957-1993), Lisboa, Presença, 1993.
- Lourenço, Eduardo, "Metamorfoses da ficção portuguesa – temporalidade e romance", Vértice, nº20, Novembro de 1989, pp.73-80.
- Lourenço, Eduardo, "Literatura e Revolução", Colóquio-Letras, nº78, Março, 1984, pp.7-16.
- Machado, Álvaro Manuel, Raul Brandão entre o Romantismo e o Modernismo, Biblioteca Breve, 1984.
- Machado, Álvaro Manuel, A Geração de 70 – uma Revolução Literária e Cultural, Biblioteca Breve, 1986 [1ª edição:1977].
- Machover, Jacobo, "Fernando Pessoa inachevé", Magazine Littéraire, nº347, octobre 1996, p.94.
- Machover, Jacobo, "Pessoa sans masque", Magazine Littéraire, nº273, janvier 1990, pp.76-77.

- Magalhães, Isabel Allegro de (coord.) Literatura e Pluralidade (III Congresso Nacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada – 9-11 de Março na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa), Lisboa, Colibri, 2000.
- Magalhães, Isabel Allegro de, "Os Véus de Ártemis: alguns traços da ficção narrativa de autoria feminina", Colóquio-Letras, nº125-126, Julho de 1992, pp.151-168.
- Maior, Dionísio Vila, Literatura em discurso (s): Saramago, Pessoa, Cinema e Identidade, Coimbra, Pé de Página Editores, 2001.
- Martin, Daniel, "Le jardin sans limites. Lidia Jorge", Magazine Littéraire, nº370, novembre 1998, p.80.
- Martinho, Fernando J.B. (coord.), Literatura Portuguesa do Século XX, col. Cadernos Camões, Maio de 2004.
- Mendes, Margarida Vieira, A oratória barroca de Vieira, Caminho, 1989.
- Molina, Antonio César, Sobre el iberismo y otros escritos de la literatura portuguesa, Madrid, Ediciones Akal, 1990.
- Monteiro, Ofélia Paiva, O essencial sobre Almeida Garrett, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.
- Mourão, Luís, Um romance do impoder: a paragem da história na ficção portuguesa contemporânea, Braga/ Coimbra, Angelus Novus, 1996.
- Petrov, Petar (org.), O Romance Português pós-25 de Abril. O Grande Prémio de Romance e Novela da APE (1982-2002), Lisboa, Roma Editora, 2005.
- Pires, Catarina, "A outra metade da humanidade", Notícias-Magazine/ Diário de Notícias, 4 de Maio de 2008, pp.64 – 72.
- Pires, Daniel, Dicionário das revistas literárias portuguesas do século XX, Lisboa, Contexto Editora, 1986.
- Piwnik, Marie-Hélène (org.), Regards sur deux fins de siècle XIXe-XXe: la littérature portugaise (Colloque Franco-Portugais, Talence, 1994), Bordeaux, Maison des Pays Ibériques, 1996.
- Pourriol, Olivier, "António Lobo Antunes: la jungle des mots", Magazine Littéraire, nº446, octobre 2005, p.82.
- Real, Miguel, Geração de 90: Romance e Sociedade no Portugal Contemporâneo, Porto, Campo das Letras, 2001.

- Real, Miguel, " Romance: balanço de um século", Vértice, nº102, Setembro – Outubro de 2001, pp.5-15.
- Reis, Carlos, História Crítica da Literatura Portuguesa - Do Neo-Realismo ao Post-Modernismo, Lisboa, Verbo, 2005.
- Reynaud, Maria João, Metamorfoses da escrita – Húmus de Raul Brandão, Porto, Campo das Letras, 2000.
- Ribeiro, Maria Aparecido, História Crítica da Literatura Portuguesa – Realismo e Naturalismo, Lisboa, Verbo, 1994.
- Rodrigues, Urbano Tavares, O texto sobre o texto: uma visão sobre Literatura Portuguesa Contemporânea, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.
- Seixo, Maria Alzira, Os romances de António Lobo Antunes, Lisboa, Dom Quixote, 2002.
- Seixo, Maria Alzira, Outros erros – Ensaios de Literatura, Porto, Asa, 2001.
- Seixo, Maria Alzira "Que fazem os estudos portugueses com os estudos literários?", Colóquio-Letras, nº129-130, Julho-Dezembro de 1993, pp. 59 – 68.
- Seixo, Maria Alzira, "Modernités insaisissables: remarques sur la fiction portugaise contemporaine", Dedalus, nº1, Dezembro de 1991, pp. 303-313.
- Seixo, Maria Alzira, " Dez anos de literatura portuguesa", Colóquio – Letras, nº78, Março de 1984, pp. 30 – 42.
- Teixeira, Ramiro, Ficção Portuguesa Pós-Abril, Lisboa, Editorial Escritor, 2000.
- Venâncio, Fernando, "A oralidade da ficção: Cardoso Pires, Saramago, Olga Gonçalves, Mário de Carvalho", Objectos Achados, Porto, Edições Caixotim, 2002, pp.111-125.
- Venâncio, Fernando, "Vinte anos de ficção em Portugal", Vértice, 64, II série, Janeiro-Fevereiro, 1995, pp.89-94.
- Vila-Matas, Enrique, "Pessoa et autre messieurs", Magazine Littéraire, nº463, avril 2007, p.20.

- Sites Internet

- Catálogo Sudoc: <http://www.sudoc.abes.fr/xslt/>
- Instituto Camões: <http://www.instituto-camoes.pt/>
- "Les écrivains d'expression portugaise", Librairie Compagnie: <http://www.librairie-compagnie.fr/portugal/auteurs/accueil.htm>

- Periódicos consultados²⁴⁴

- Magazine Littéraire: 1980-2008.
- Le Monde: 1987-Junho de 2009, in <http://www.lemonde.fr/>

Literatura francesa

- AA.VV. (a), "Le postmoderne, et après?", Magazine Littéraire, nº446, octobre 2005, pp.26-28.
- AA.VV. (b), "Esprit critique es-tu là?", Magazine Littéraire, nº445, septembre 2005, pp.26-28.
- AA.VV., Dictionnaire de la Littérature Française, Paris, Albin Michel, Encyclopaedia Universalis, 2000.
- Aron, Paul; Saint-Jacques, Denis; Viala, Denis (dir.), Le dictionnaire du littéraire, Paris, PUF, 2002.
- Baetens, Jan; Viart, Dominique, Etats du roman contemporain (Actes du Colloque de Calaceite, Fondation Noesis, 6-13 juillet 1996), Caen, Lettres Modernes Minard, 1999.
- Badré, Frédéric, L'avenir de la littérature, Paris, Gallimard, coll. L'Infini, 2003.
- Berthier, Patrick; Jarrety, Michel (dir.), Histoire de la France littéraire – Modernité – XIXe – XXe siècle, Paris, PUF, 2006.
- Blanckeman, Bruno; Millois, Jean-Christophe, Le roman français aujourd'hui, Paris, Prétéxte éditeur, 2004.

²⁴⁴ Destacamos ao longo da presente bibliografia os artigos mais relevantes no âmbito do nosso trabalho.

- Blanckeman, Bruno; Dambre Marc; Mura-Brunel, Anne (dir.), Le Roman Français au Tournant du XXe siècle – Actes du colloque Vers une cartographie du roman français depuis 1980 (CERACC, mai 2002), Paris, Presses de La Sorbonne Nouvelle, 2004.
- Brunel, Pierre, Où va la littérature française aujourd'hui, Paris, Vuibert, 2002.
- Calle-Gruber, Mireille, Histoire de la littérature française du XXe siècle, Paris, Honoré Champion, 2001.
- Colcanap, Mélanie; Faerber, Johan (org.), A l'épreuve de l'écriture, Paris, Cahier du Centre de Recherche "Études sur le Roman du second demi-siècle", n°2, Juin 2003, http://www.ecritures-modernite.cnrs.fr/roman_cahiers2.html (consultado a 22 de Janeiro de 2007).
- Dambre, Marc, (org.), Vers une cartographie du roman contemporain, Paris, Cahier du Centre de Recherche "Études sur le Roman du second demi-siècle", n°1, Mai 2002, <http://www.univ-paris3.fr/roman-cahiers1.html> . (16 de Junho de 2003).
- Delorme, Marie-Laure, "Echenoz s'en va loin", Magazine Littéraire, n°380, octobre 1999, pp. 76-77.
- Deltombe, Camille; Marchand, Aline (org.), Le lecteur, enjeu de fiction, Paris, Cahier du Centre de Recherche "Études sur le Roman du second demi-siècle", n°3, Juin 2006, http://www.ecrituresmodernite.cnrs.fr/roman_cahiers3.html#cahier3summary (consultado a 22 de Janeiro de 2007).
- Desplanques, Erwan, "Ces écrivains qui séduisent l'Université", Magazine Littéraire, n°441, avril 2005, pp. 8-10.
- Huy, Mihn Tran (propos recueillis par), "Débat entre Philippe Sollers et Richard Millet: quel avenir pour la littérature?", Magazine Littéraire, n°470, décembre 2007, pp. 90- 95.
- Jourde, Pierre, La Littérature sans Estomac, Paris, L'esprit des péninsules, 2002.
- Martin, Daniel, "Il faut lire Angot...", Magazine Littéraire, n°380, octobre 1999, p.82.

- Salgas, Jean Pierre et al., Roman Français Contemporain, Paris, Ministère des Affaires Étrangères – ADPF, 1997.
- Tadié, Jean-Yves (dir.) (a), La littérature française: dynamique & histoire I, Paris, Gallimard, Folio Essais, 2007.
- Tadié, Jean-Yves (dir.) (b), La littérature française: dynamique & histoire II, Paris, Gallimard, Folio Essais, 2007.
- Tonnet-Lacroix, Éliane, La littérature française et francophone de 1945 à l'an 2000, Paris, L'Harmattan, 2003.
- Touret, Michèle, Histoire de la littérature française du XXe siècle, tome II – après 1940, Presses Universitaires de Rennes, 2008.
- Touret, Michèle, Histoire de la littérature française du XXe siècle, tome I – 1898-1940, Presses Universitaires de Rennes, 2000.
- Viart, Dominique; Vercier, Bruno, La littérature française au présent, Paris, Bordas, 2005.

Tradução

- AA.VV., Estudos de Tradução – Actas de Congresso Internacional, Principia, 2003.
- AA.VV., "Shared ground in Translation Studies - Concluding debate" Target, 14:1, Amsterdam, John Benjamins B.V., 2002, pp.137-143.
- AA.VV. (a), "Shared ground in Translation Studies - A third series of responses", Target, 13:2, Amsterdam, John Benjamins B.V., 2001, pp.333-350.
- AA.VV. (b), "Shared ground in translation studies – continuing the debate", Target, 13:1, Amsterdam, John Benjamins B.V., 2001, pp.149-168.
- AA.VV., "Forum : Shared Ground in Translation Studies : A First Series of Responses", Target, 12:2, Amsterdam, John Benjamins B.V., 2000, pp.333-362.
- Abreu, Maria Zina Gonçalves de; Castro, Marcelino de (coord.), Estudos de Tradução – Actas de Congresso Internacional, (Funchal – 17 a 19 de Abril de 2002), Funchal, Principia, 2003.

- Assouline, Pierre, "Les lois de la traduction perpétuelle", Magazine Littéraire, n°480, pp.8-12.
- Baker, Mona, "Towards a Methodology for Investigation the Style of a Literary Translator", Target, 12:2, Amsterdam, John Benjamins B.V., 2000, pp.241-266.
- Baker, Mona (ed.), Routledge Encyclopedia of Translation Studies, London and New York, Routledge, 2000 (First edition: 1998).
- Baker, Mona, "Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead", in Harold Somers (ed.), Terminology, LSP and Translation. Studies in language engineering in honour of Juan C. Sager, Amsterdam and Philadelphia, John Benjamins, 1996, pp.175-186.
- Baker, Mona, In other words: a coursebook on translation, London and New York, Routledge, 1992.
- Ballard, Michel, Qu'est-ce que la Traductologie?, Artois Presses Université, 2006.
- Ballard, Michel, El Kaladi, Ahmed, Traductologie, linguistique et traduction, Artois Presses Université, 2002.
- Bandia, Paul, Translation as Reparation - Writing and Translation in Postcolonial Africa, St. Jerome Publishing, 2008.
- Barrento, João, O Poço de Babel : para uma poética da tradução literária, Lisboa, Relógio de Água, 2002.
- Bassnett, Susan, Estudos de Tradução, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- Bassnett, Susan; Lefevere, André, Constructing Cultures: Essays on Literary Translation, Cleveland & Philadelphia, Multilingual Matters, 1998.
- Bassnett, Susan; Lefevere, André (ed.), Translation, history and culture, London, Cassel, 1995 [First edition: 1990].
- Boase-Beier, Jean, Stylistic Approaches to Translation - Translation Theories Explored, Volume 10, St.Jerome Publishing, 2006.
- Boase-Beier, Jean; Holman, Michael (ed.), The practices of literary translation, St. Jerome Publishing, 1999.

- Casanova, Pascale, "Consécration et accumulation de capital littéraire: la traduction comme échange inégal", Actes de la recherche en sciences sociales, volume 144, 2002/2, pp.7-20.
- Chesterman, Andrew; Williams, Jenny, The Map: A Beginner's Guide to Doing in Translation Studies, Great Britain, St.Jerome Publishing, 2002.
- Chesterman, Adrew, Arrojo, Rosemary, "Shared Ground in Translation Studies", Target, 12:1, Amsterdam, John Benjamins B.V., 2000, pp.151-160.
- Chesterman, Andrew (a), Contrastive functional analysis, St. Jerome Publishing, 1998.
- Chesterman, Andrew (b), "Causes, translations, effects", Target, 10:2, Amsterdam, John Benjamins B.V., 1998, pp. 201-230.
- Chesterman, Andrew, Memes of translation: the spread of ideas in translation theory, Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1997.
- Chesterman, Andrew, "From "Is" to "Ought": Laws, Norms and Strategies in Translation Studies", Target, 5:1, Amsterdam, John Benjamins B.V., 1993, pp.1-20.
- Cunico, Sonia; Munday, Jeremy, Translation and Ideology – Encounters and Clashes, Special Issue of The Translator, Volume 13, St.Jerome Publishing, 2007.
- Delabastita, Dirk et al. (ed.), Functional approaches to culture and translation - selected papers by José Lambert, Benjamins Publishing, "Translation Library", 69, 2006.
- Delabastita, Dirk, "Translation Studies for the 21st Century: Trends and Perspectives", Génesis, 2003, nº 3, pp. 7-24.
- Duarte, João Ferreira et al. (ed.), Translation studies at the interface of disciplines, Benjamins Publishing, "Translation Library", 2006.
- Eco, Umberto, Dizer quase a mesma coisa sobre a tradução, Algés, Difel, 2005.
- Even-Zohar, Itamar, "Some Replies to Lambert and Pym", Target, 10:2, Amsterdam, John Benjamins B.V., 1998, pp. 363-369.

- Even-Zohar, Itamar, "The Making of Culture Repertoire and the Role of Transfer", Target, 9:2, Amsterdam, John Benjamins B.V., 1997, pp. 355-363.
- Fawcett, Peter, Translation and Language, Linguistic Approaches Explained – Translation Theories Explored, Volume 3, St.Jerome Publishing, 1997.
- Gambier, Yves; Shlesinger, Miriam, Stolze, Radegundis (eds.), Doubts and Directions in Translation Studies - Selected contributions from the EST Congress, Lisbon 2004, John Benjamins, Benjamins Translation Library, 72, 2007.
- Gentzler, Edwin, Contemporary Translation Theories, Great Britain, Cromwell Press Ltd., 2001.
- Gouadec, Daniel, Translation as a Profession, John Benjamins, Benjamins Translation Library, 73, 2007.
- Gutt, Ernst-August, "Implicit Information in Literary Translation: a relevance-theoretic perspective", Target, 8:2, Amsterdam, John Benjamins B.V., 1996, pp.239-256.
- Hatim, Basil, Munday, Translation, Routledge, 2004.
- Hermans, Theo, The Conference of the Tongues, St.Jerome Publishing, 2007.
- Hermans, Theo (ed.) (a), Translating Others (Volume 1), St.Jerome Publishing, 2006.
- Hermans, Theo (ed.) (b), Translating Others (Volume 2), St.Jerome Publishing, 2006.
- Hermans, Theo (ed.), Crosscultural Transgressions, Research Models in Translation Studies II: Historical and Ideological Issues, St.Jerome Publishing, 2002.
- Hermans, Theo, "Paradoxes and Aporias in Translation and Translation Studies", 2002, <http://eprints.ucl.ac.uk/archive/00001387/01/aporia.pdf> (consultado em Maio de 2007).
- Hermans, Theo, "The Production and Reproduction of Translation", 2002, http://eprints.ucl.ac.uk/archive/00001198/01/2002_Productiontrans_Istanbul.pdf (consultado em Maio de 2007).

- Hermans, Theo, "«Shall I Apologize Translation?»", 2001, http://eprints.ucl.ac.uk/archive/00000516/01/Ep_Apologizetrans.pdf (consultado em Maio de 2007).
- Hermans, Theo, Translation in Systems – Descriptive and System- oriented Approaches Explained, Great Britain, St-Jerome Published, 1999.
- Hermans, Theo, "Translation and Normativity", 1998 <http://eprints.ucl.ac.uk/archive/00002006/01/Microsoft Word - 98 Aston Norms.pdf> (consultado em Maio de 2007).
- Hermans, Theo, "Translation's Other", 1996, http://eprints.ucl.ac.uk/archive/00000198/01/96_Inaugural.pdf (consultado em Maio de 2007).
- Hermans, Theo, "Norms and the Determination of Translation. A Theoretical Framework", 1996 <http://eprints.ucl.ac.uk/archive/00002005/01/Microsoft Word 96 Norms Determination.pdf> (consultado em Maio de 2007).
- Hermans, Theo, "The Translator's Voice in Translated Narrative", Target, 8:1, Amsterdam, John Benjamins B.V., 1996, pp. 23-48.
- Inghilleri, Moira (ed.), Bourdieu and the Sociology of Translation and Interpreting - Special Issue of The Translator, Volume 11/2, St.Jerome Publishing, 2005.
- Ivir, Vladimir, "A Case for Linguistic in Translation Theory", Target, 8:1, Amsterdam, John Benjamins B.V., 1996, pp.149-157.
- Jorge, Guilhermina (coord.), Tradutor Dilacerado, Lisboa, Colibri, Coleção Voz de Babel, 1997.
- Koller, Werner, "The Concept of Equivalence and the Object of Translation Studies", Target, 7:2, Amsterdam, John Benjamins B.V., 1995, pp. 191-222.
- Koskinen, Kaisa, "Shared Culture? Reflections on Recent Trends in Translation Studies", Target, 16:1, Amsterdam, John Benjamins B.V., 2004, pp. 143-156.

- Lambert, José, "Communication Societies: Comments on Even-Zohar's «Making of Culture Repertoire»", Target, 10:2, Amsterdam, John Benjamins B.V., 1998, pp. 353-356.
- Lambert, José; Hyun Theresa (ed.), Translation and modernization (Proceedings of the Congress of the International Comparative Literature Association, 13, Tokyo, 23-28 August 1991), Tokyo, ICLA, 1995.
- Lambert, José; Lefevere André (ed.), La traduction dans le développement des littératures (Actes du Congrès de l'Association Internationale de Littérature Comparée, 11, Paris, 20-24 août 1985), Bern, Lang, 1993.
- Lambert, José, "Un modèle descriptif pour l'étude de la littérature. La littérature comme polysystème.", Contextos, V/9, 1987, pp.47-67.
- Lambert, José; van Gorp, Hendrik, "On Describing Translations", in Hermans, Theo (ed.), The Manipulation of Literature, London & Sidney, Croom Helm, 1985, pp.42-53.
- Lane-Mercier, Gillian, "Translating the Untranslatable: the Translator's Aesthetic, Ideological and Political Responsibility", Target, 9:1, Amsterdam, John Benjamins B.V., 1997, pp. 43-68.
- Landers, Clifford E., Literary Translation – a practical guide, Clevedon, Buffalo, Toronto, Sidney, Multilingual Matters LTD, 2001.
- Lopes, Alexandra; Oliveira, Maria do Carmo Correia de (coord.), Deste lado do espelho – Estudos de Tradução em Portugal, Universidade Católica Editora, 2002.
- Lefevere, André, Translating Literature: practice and theory in a comparative literature context, New York, MLAA, 1992.
- Malingret, Laurence, Stratégies de traduction dans les échanges littéraires contemporains: les lettres hispaniques sur le marché francophone, (thèse doctorale: texte photocopié), Santiago de Compostela, 1999.
- Maier, Carol (ed.), Evaluation and Translation - Special Issue of The Translator, Volume 6/2, St.Jerome Publishing, 2000.
- Meschonnic, Henri, Éthique et politique du traduire, Verdier, 2007.
- Meschonnic, Henri, Poétique du traduire, Verdier, 1999.
- Munday, Jeremy, Introducing Translation Studies – theories and applications, London/ New York, Routledge, 2001.

- Olohan, Maeve (ed.), Intercultural Faultlines - Research Models in Translation Studies I: Textual and Cognitive Aspects, 2001.
- Oseki-Dépré, Inés, Théories et pratiques de la traduction littéraire, Armand Colin, 1999.
- Nord, Christiane, Text Analysis in Translation, Amsterdam, New York, Rodopi, 2005. [First edition: 1991]
- Parks, Tim, Translating Style - A Literary Approach to Translation - A Translation Approach to Literature, St. Jerome Publishing, 2007.
- Pym, Anthony; Shlesinger, Miriam; Simeoni, Daniel (eds.), Beyond Descriptive Translation Studies – Investigations in homage to Gideon Toury, John Benjamins, Benjamins Translation Library, 75, 2008.
- Pym, Anthony, "On indeterminacy in translation. A survey of Western theories", 2008,
http://www.tinet.org/~apym/online/translation/2008_%20Indeterminacy.pdf
(consultado em Julho de 2008).
- Pym, Anthony (a), "On Toury's laws of how translators translate", 2007,
<http://www.tinet.org/~apym/on-line/translation/translation.html>,
(consultado em Maio de 2007).
- Pym, Anthony (b), "On history in formal conceptualizations of translation", 2007, <http://www.tinet.org/~apym/on-line/research.html>,
(consultado em Maio de 2007).
- Pym, Anthony et al. (ed.), Sociocultural aspects of translating and interpreting, Benjamins Publishing, "Translation Library", 2006.
- Pym, Anthony, "Explaining Explicitation", 2005,
<http://www.tinet.org/~apym/on-line/translation/translation.html>,
(consultado em Maio de 2007).
- Pym, Anthony, "Propositions on cross-cultural communication and translation", Target, 16:1, Amsterdam, John Benjamins B.V., 2004, pp.1-28.
- Pym, Anthony, "Text and Risk in Translation", 2004,
<http://www.tinet.org/~apym/on-line/translation/translation.html>,
(consultado em Maio de 2007).

- Pym, Anthony (ed.), The Return to Ethics – Special Issue of The Translator, Volume 7/2, St.Jerome Publishing, 2001.
- Pym, Anthony, "European Translation Studies, *une science qui dérange*, and Why Equivalence Needn't Be a Dirty Word", 2000 (first version 1995), <http://www.tinet.org/~apym/on-line/translation/translation.html>, (consultado em Maio de 2007).
- Pym, Anthony, "Note on a Repertoire for Seeing Cultures", Target, 10:2, Amsterdam, John Benjamins B.V., 1998, pp. 357-361.
- Pym, Anthony, Pour une Éthique du Traducteur, Université d'Artois, coll. "Traductologie", 1997.
- Pym, Anthony, "Limits and Frustrations of Discourse Analysis in Translation Theory", 1992 (first version 1991), <http://www.tinet.org/~apym/on-line/translation/translation.html>, (consultado em Maio de 2007).
- Qvale, Per, From St. Jerome to Hypertext - Translation in Theory and Practice (Translated by Norman R. Spencer), St.Jerome Publishing, 2003.
- Rosa, Alexandra Assis, Tradução, poder ideologia: retórica interpessoal no diálogo narrativo dickensiano em português: 1950 -1999, (Tese de doutoramento em Estudos de Cultura/ Estudos de Tradução: texto policopiado), Universidade de Lisboa, 2003.
- Rose, Marilyn Gaddis, Translation and literary criticism, St. Jerome Publishing, 1997.
- Sela-Sheffy, Rakefet, "How To Be a "Recognized" Translator: Rethinking Habitus, Norms, and the Field of Translation", Target, 17:1, Amsterdam, John Benjamins B.V., 2005, pp.1-26.
- Seruya, Teresa (coord.), Estudos de Tradução em Portugal, Universidade Católica Editora, 2007.
- Seruya, Teresa (coord.), Estudos de Tradução III, Universidade Católica Editora, 2005.
- Seruya, Teresa (coord.), Estudos de Tradução em Portugal, Universidade Católica Editora, 2001.
- Shuttleworth, Mark; Cowie, Moira, Dictionary of Translation Studies, St.Jerome Publishing, 1996.

- St-Pierre, Paul; Kar, Prafulla C. (eds.), In Translation – Reflections, Refractions, Transformations, John Benjamins, Benjamins Translation Library, 71, 2007.
- Simeoni, Daniel, "The Pivotal Status of the Translator's Habitus", Target, 10:1, Amsterdam, John Benjamins B.V., 1998, pp.1-39.
- Snell-Hornby, Mary, The turns of translation studies, Benjamins Publishing, "Translation Library", 2006.
- Thiérot, Jacques (atelier avec Geneviève Leibrich et al.), "La traduction du roman portugais", Cinquièmes Assises de la Traduction Littéraire, Arles 1988, Arles, Actes Sud, 1989, pp.202-221.
- Tymoczko, Maria Enlarging Translation, Empowering Translators, St. Jerome Publishing, 2007.
- Toury, Gideon, Descriptive Studies and Beyond, Amsterdam & Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1995.
- Toury, Gideon, "What are Descriptive Studies into Translation Likely to Yield apart from Isolated Descriptions?", Leuven-Zwart, Kitty M. van & Naaijken, Ton (eds.) Translation Studies, the state of the art — proceedings of the First James S Holmes Symposium on Translation Studies, Rodopi, Amsterdam-Atlanta, 1991, pp. 179-192. Vandeweghe, Willy, Vandepitte, Sonia, Van de Velde, Marc (eds.), The Study of Language and Translation, Belgian Journal of Linguistics, 21, 2007.
- Venuti, Lawrence (ed.). The Translation Studies Reader, USA/Canada, Routledge, 2004 [First edition: 2000].
- Venuti, Lawrence, Scandals of Translation, London/ New York, Routledge, 1998.
- Vilela, Mário, Tradução e Análise Contrastiva: teoria e aplicação, Lisboa, Caminho, 1994.
- Villanueva, Darío (org.), Avances en teoría de la literatura: estética de la recepción, pragmática, teoría empírica y teoría de los polisistemas- Itamar Even-Zohar et al., Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, 1994.

- Wagner Emma, Chesterman, Andrew, Can Theory Help Translators? - A Dialogue Between the Ivory Tower and the Wordface - Translation Theories Explored, Volume 9, St.Jerome Publishing, 2002.
- Wolf, Michaela; Fukari, Alexandra, Constructing a Sociology of Translation, John Benjamins, Benjamins Translation Library, 74, 2007.
- Woodsworth, Judith, "Language, Translation and the Promotion of National Identity: two text cases", Target, 8:2, Amsterdam, John Benjamins B.V., 1996, pp. 211-238.
- Zurbach, Christine, Tradução e prática do teatro em Portugal entre 1975 e 1988, Lisboa, Colibri, 2002.

- Site Internet

- Index Translationum - World Bibliography of Translation:
http://portal.unesco.org/culture/en/ev.php-URL_ID=7810&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html

Teoria da Literatura

- Angenot, Marc et al., Théorie Littéraire, Paris, PUF, 1989.
- Aguiar e Silva, Vítor Manuel de, Teoria da Literatura, Coimbra, Almedina, 2002 [8ª edição revista e actualizada. 1ª edição:1967].
- Barrento, João, A espiral vertiginosa – ensaios sobre a cultura contemporânea, Lisboa, Cotovia, 2001.
- Barrento, João, A palavra transversal: literatura e ideias no século XX, Lisboa, Cotovia, 1996.
- Barrento, João, "A razão transversal – requiem pelo pós-modernismo", Veredas, 25, Abril, 1990, pp.31-36.
- Barrento, João (org.), História literária: problemas e perspectivas, Lisboa, Apáginastantas, 1982.
- Berrio, Antonio García, Teoría de la Literatura (la construcción des significado poético), Madrid, Catedra, 1994.

- Bertens, Hans; Fokkema, Dowe, International Postmodernism. Theory and practice, Amsterdam/ Philadelphia, Benjamins, 1997.
- Bloom, Harold, (trad. de Manuel F. Martins), O Cânone Ocidental, Lisboa, Círculo de Leitores, 1997.
- Boie, Bernhild et al., Genèse du roman contemporain: incipit et entrée en écriture, Paris, Centre national de la recherche scientifique, 1993.
- Bourdieu, Pierre, Les Règles de l'Art: Genèse et Structure du Champ Littéraire, Paris, Seuil, coll. Points, 1998 [1^{ère} édition: 1992].
- Bourdieu, Pierre, "Le Champ Littéraire", Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n°89, Paris, Éditions de Minuit, 1991, pp. 4-46.
- Bourdieu, Pierre, "Le Marché des Biens Symboliques", L'Année Sociologique, Troisième Série, vol.22, Paris, Puf, 1971, pp.49-126.
- Buescu, Helena; Duarte João Ferreira (org.), Narrativas da modernidade: a construção do outro, Lisboa, Colibri, 2001.
- Buescu, Helena, Em busca do autor perdido: histórias, concepções, teorias, Lisboa, Cosmos, 1998.
- Casanova, Pascale, La République Mondiale des Lettres, Paris, Seuil, 1999.
- Ceia, Carlos, O que é afinal o pós-modernismo?, Lisboa, Edições século XXI, 1998.
- Eco, Umberto, Os Limites da Interpretação, (tradução de José Colaço Barreiros), Lisboa, Difel, 1990.
- Eco, Umberto, Lector in Fabula – leitura do texto literário, Lisboa, Presença, 1979.
- Even-Zohar, Itamar, "Polystem Studies", Poetics Today. Special Issue, vol.11, n.1, in <http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps/polystem.html> .
- Fokkema, Dowe, História literária, modernismo e pós-modernismo, (tradução de Abel Barros Baptista), Lisboa, Vega, 1988.
- Genette, Gérard, Seuils, Paris, Seuil, coll. Points, 2002 [1^{ère} édition: Seuil, 1987].
- Hutcheon, Linda, Poética do pós-modernismo, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1991.
- Jauss, H. R., Pour une Esthétique de la Réception, Paris, Gallimard, coll.Tel, 2001 [1^{ère} édition: 1978].

- Mequior, José Guilherme, "O significado do pós-modernismo", Colóquio-Letras, 52, 1979, pp. 5-15.
- Reis, Carlos, O Conhecimento da Literatura: introdução aos estudos literários, Coimbra, Almedina, 2001 [1ª edição: 1994].
- Seixo, Maria Alzira, "Narrativa e ficção – problemas de tempo e espaço na literatura europeia do pós-modernismo", Colóquio-Letras, nº134, Outubro-Dezembro, 1994, pp.101-114.
- Seixo, Maria Alzira, A Palavra do Romance: ensaios de genologia e análise, Lisboa, Livros Horizonte, 1986.
- Seixo, Maria Alzira (coord.), Poéticas do século XX, Lisboa, Livros Horizonte, 1985.
- Silvestre, Osvaldo, "Pós-modernismo", Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa, vol.4, Lisboa, Verbo, 2001, pp.370-382.
- Tadié, Jean-Yves, O Romance no século XX, (tradução de Miguel Serras Pereira), Lisboa, Dom Quixote, 1992.
- Tadié, Jean-Yves, La critique au XXe siècle, Paris, Belfond, 1997.
- Todorov, Tzvetan, Introduction à la littérature fantastique, Paris, Seuil, coll. Points, 1976 [1^{ère} édition: Seuil, 1970].

Relações culturais luso-francesas

- AA.VV., "La culture française est-elle en déclin?", Magazine Littéraire, nº472, février 2008, pp.22-23.
- AA.VV., L'Enseignement et l'Expansion de la Littérature Portugaise en France, Actes du Colloque de Paris, 21-23 novembre 1985, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1986.
- AA.VV., L'Enseignement et l'Expansion de la Littérature Française au Portugal, Actes du Colloque de Paris, 21-23 novembre 1983, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1984.
- AA.VV., Les Rapports Culturels et Littéraires entre le Portugal et la France, Actes du Colloque de Paris, 11-16 octobre 1982, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1983.

- Brito, António Ferreira de, "Do *Tartuffe* de Molière ao *Tartufo* de Manuel de Sousa (1768) e ao de Castilho (1870): achegas para o conceito de tradução em Portugal nos séculos XVIII e XIX", Intercâmbio, 4, 1993, pp. 66-77.
- Ciccia, Marie Noëlle, Théâtre de Molière au Portugal au XVIIIe siècle: de 1737 à la veille de la révolution libérale, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2003.
- Compagnon, Antoine; Morrison, Don, "La culture française est-elle en sursis?", Magazine Littéraire, nº479, octobre 2008, pp.12-15.
- Giudicelli, Michelle, "Frontières de la traduction", Actes du Colloque de Paris, 25-27 mai 1987, Portugal, Brésil, France, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1988, pp.309-320.
- Machado, Álvaro Manuel, "Lusitanistas e francófonos: a «razão contraditória»", Intercâmbio, 12, 2007, pp.13-21.
- Machado, Álvaro Manuel, Imagens da França e modelos literários franceses n'O Panorama, Estudos em homenagem ao Professor Doutor António Ferreira de Brito, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, pp.195-200.
- Machado, Álvaro Manuel, O "francesismo" na literatura portuguesa, Lisboa, Biblioteca Breve, 1984.
- Marinho, Cristina A.M. de, "Bocage, traducteur de La Fontaine: l'exemple et le libertin", La Fontaine : maître des eaux et des forêts, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp.111-128.
- Marques, Carlos Vaz, "Michel Chandeigne: o nosso homem em Paris", Ler, 66, Círculo de Leitores, Primavera 2005, pp. 26-43.
- Mendes, Ana Paula Coutinho, Mediação Crítica e Criação Poética em António Ramos Rosa, Edições Quasi, 2003.
- Pais, Carlos Castilho, "Bocage, tradutor", O Língua: Revista Virtual sobre Tradução, Instituto Camões, Centro Virtual Camões, nº 8, 2005.
- Rodrigues, Urbano Tavares, "Le mythe de Paris dans la littérature portugaise moderne", Actes du Colloque de Paris, 25-27 mai 1987, Portugal, Brésil, France, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1988, pp.155-167.

- Rodrigues, Urbano Tavares, "A influência francesa na ficção portuguesa contemporânea", Colóquio-Letras, nº 95, Janeiro – Fevereiro de 1987, pp. 21 – 25.
- Santos, Ana Clara, "La fortune de Corneille au Portugal ou les répercussions de la querelle du *Cid*", Papers of French Seventeenth Century Literature, vol. XXXV, 68, Tübingen, 2008, pp.267-277.
- Santos, Ana Clara (coord.), Relações Literárias Franco-Peninsulares, Colibri/ Universidade do Algarve, 2005.
- Santos, Ana Clara, "La présence du théâtre français sur la scène portugaise: de la traduction à la représentation", L'Annuaire Théâtral, 34, Société québécoise d'études théâtrales/ Université d'Ottawa, 2003, pp.131-146.
- Vignaux, Barbara, "Relations culturelles franco-portugaises : la fin d'un héritage, le début d'une reconnaissance.", Culture Europe, "Portugal", nº31, novembre 2000, in <http://www.margaux.ipt.univ-paris8.fr/cultureuro/> (consultado a 20 de Setembro de 2005).
- Zurbach, Christine, "Traduction(s) et retraduction(s) portugaises de *L'École des Femmes* de Molière", Cadernos de Tradução, vol.1, 11, 2003, UFCS (Universidade Federal de Santa Catarina), pp.161-192.

Língua portuguesa

- AA.VV., "A posição do adjectivo no sintagma nominal: duas perspectivas de análise", Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, http://www.clul.ul.pt/equipa/fbarreto/ufrij_2002_nascimento_etal.pdf, (consultado em Janeiro de 2007).
- Ambar, Manuela, Para uma Sintaxe em Português da Inversão Sujeito-Verbo, Edições Colibri, 1992.
- Araújo, Sílvia L. Gonçalves, "A impessoalidade em português e em francês", Diacrítica, nº19/ 1, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2005, p.5-37.
- Bergström, Magnus, NEVES, Reis, Prontuário ortográfico e guia de língua portuguesa, Lisboa, Editorial Notícias, 2002 [42ª edição].

- Carreira, Maria Helena de Araújo, Semântica e Discurso - Estudos de Linguística Portuguesa e Comparativa (Português/Francês), Porto Editora, 2002.
- Callou, Dinah; Serra, Carolina, "Sobre a posição do adjectivo no sintagma nominal: séculos XIX e XX", Centro de Linguística da Universidade de Lisboa,
http://www.clul.ul.pt/equipa/fbacelar/apl_2003_nascimento_callou_etal.pdf,
(consultado em Janeiro de 2007).
- Cunha, Celso; Lindley Cintra, Luís Filipe, Nova Gramática do Português Contemporâneo, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 2002 (17ª edição) [1ª edição: 1984]
- Fonseca, Joaquim, Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português, Porto Editora, 2000.
- Jorge, Guilhermina e Jorge, Suzete, Dar à língua: da comunicação às expressões idiomáticas, Lisboa, Cosmos, 1997.
- Lopes, Ana, Texto Proverbial Português: elementos para uma análise semântica e pragmática, Tese de doutoramento; Linguística portuguesa, Universidade de Coimbra, 1992.(texto policopiado).
- Mateus, Maria et al., Gramática da Língua Portuguesa, Lisboa, Caminho, 2003 [5ª edição].
- Novais, António de, Para a semântica do diminutivo: análise cognitivo do sufixo -inho, (Tese de mestrado em Linguística Portuguesa-Perspectiva Cognitiva: texto policopiado), Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2002.
- Silva, Manuel José da, "Le subjonctif imparfait: un temps verbal "qui se meurt" en français, mais pas en portugais", Diacrítica, nº18/ 1, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2004, p.179-187.

Língua francesa

- Eluerd, Roland, Grammaire descriptive de la langue française, Paris, Armand Colin, 2008.

- Grévisse, Maurice (refondu par André Goose), Le Bon Usage, Paris, Duculot, 1993 [13^e édition].
- Herslund, Michel, Aspects linguistiques de la traduction, PU Bordeaux, 2003.
- Hamon, Albert, Grammaire Pratique, Paris, Hachette, 1983.
- Molinié, Georges, La stylistique, PUF, 2004.
- Molinié, Georges, Qu'est-ce que le style, PUF, 1994.
- Risterucci-Roudnicky, Danielle, Introduction à l'analyse des œuvres traduites, Paris, Armand Colin, 2008.

Edição

- AA.VV. (a), "Concentração editorial em Portugal: uma revolução anunciada", Jornal de Letras, Artes e Ideias, nº972, 2-15 de Janeiro de 2008, pp.10 -13.
- AA.VV. (b), "Revolução na edição", Jornal de Letras, Artes e Ideias, nº973, 16-19 de Janeiro de 2008, pp. 20-21.
- AA.VV., "La culture face à Internet", Magazine Littéraire, nº449, janvier 2006, pp.18-19.
- AA.VV., "L'édition est-elle en crise?", Magazine Littéraire, nº444, juillet-août 2005, pp. 26-28.
- AA.VV., "Nous sommes inquiets", 2004,
<http://www.jose-corti.fr/sommaires/nous-sommes-inquiets.html>, (consultado em Maio de 2009).
- AA.VV. (a), Actes de la recherche en sciences sociales, vol. 130, décembre 1999, Édition, Éditeurs (2).
- AA.VV. (b), Actes de la recherche en sciences sociales, vol. 126-127, mars 1999, Édition, Éditeurs (1).
- Assouline, Pierre, "Sale coup pour Le Seuil", la république des livres (blog), 4 septembre 2005,
http://passouline.blog.lemonde.fr/?name=2005_09_sale_coup_pour
(consultado em Maio de 2009)

- Bessard-Bauquy, Olivier (dir.), L'édition littéraire aujourd'hui, Presses Universitaires de Bordeaux, 2006.
- Blandin, Noël, "Grève de défiance aux éditions du Seuil", 21 décembre 2004, <http://www.republique-des-lettres.fr/402-editions-du-seuil.php>, (consultado em Maio de 2009).
- Bonnet, Jacques, "Le Seuil avant rupture", Libération, 17 décembre 2004, in <http://www.tropismes.com/nouvelles/le-seuil-avant-rupture>, (consultado em Maio de 2009).
- Bouquillion, Philippe; Combés, Yolande (dir.), Les industries de la culture et de la communication en mutation, Paris, l'Harmattan, 2004.
- Bourdieu, Pierre, "Une révolution conservatrice dans l'édition", Actes de la recherche en sciences sociales, vol. 126-127, mars 1999, Édition, Éditeurs (1), pp. 3-28.
- Bouzet, Ange-Dominique, "La Martinière et le Seuil publient les bans", Libération, 13 janvier 2004, <http://www.liberation.fr/culture/0101474443-la-martiniere-et-le-seuil-publent-les-bans>, (consultado em Maio de 2009).
- Brocas, Alexis, "Que valent les blogs littéraires?", Magazine Littéraire, n°474, avril 2008, pp. 8-12.
- Cariguel, Olivier, "Voyage au centre de l'édition", Magazine Littéraire, n°369, octobre 1998, pp.96-97.
- Chol, Eric; Le Naire, Olivier, "Seuil: le grand déballage", L'Express, 14 juin 2004, http://www.lexpress.fr/informations/seuil-le-grand-deballage_656334.html, (consultado em Maio de 2009).
- Cosnard, Denis, "La Martinière, le rebelle de l'édition", Les Echos, n°19040, 27 novembre 2003, p.11 <http://archives.lesechos.fr/archives/2003/LesEchos/19040-60-ECH.htm>, (consultado em Maio de 2009).
- Coste, Christine, "Hervé de La Martinière", Les Echos, n°33, 10 décembre 2004, <http://archives.lesechos.fr/archives/2007/SerieLimitee/33-24-SLI.htm>, (consultado em Maio de 2009).
- Duarte, Ricardo, "Zeferino Coelho: o "caminho" dos livros", Jornal de Letras, Artes e Ideias, 4-17 de Janeiro de 2006, pp.6-7.

- Leboucher, Séverine, "Hervé de La Martinière", LeJournalduNet, 16 janvier 2007,
<http://www.journaldunet.com/management/0701/0701171-interview-la-martiniere.shtml>, (consultado em Maio de 2009).
- Luís, Sara Belo, "Inversão de marcha?", Visão, nº742, 24 de Maio de 2007, 60-62.
- Michon Jacques; Mollier, Jean-Yves (dir.), Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIIe siècle à l'an 2000, 2001.
- Nicolas, Alain, "Édition. Claude Cherki: "Regrouper nos forces pour avancer", L'Humanité, 20 janvier 2004,
[http://www.humanite.fr/2004-01-20 Cultures -Edition-Claude-Cherki-Regrouper-nos-forces-pour-avancer](http://www.humanite.fr/2004-01-20_Cultures_-Edition-Claude-Cherki-Regrouper-nos-forces-pour-avancer), (consultado em Maio de 2009).
- Nicolas, Alain, "Édition La Martinière fusionne avec Le Seuil", L'Humanité, 15 janvier 2004,
[http://www.humanite.fr/2004-01-15 Cultures -Edition-La-Martiniere-fusionne-avec-Le-Seuil](http://www.humanite.fr/2004-01-15_Cultures_-Edition-La-Martiniere-fusionne-avec-Le-Seuil), (consultado em Maio de 2009).
- Noiville, Florence, "Le Seuil dans les remous de La Martinière", Le Monde, 12 novembre 2004,
<http://www.lemonde.fr/web/article/0,1-0@2-3246,36-386705,0.html>
(consultado em Maio de 2009).
- Postel-Vinay, Olivier, "La rentrée littéraire, une exception française", Magazine Littéraire, nº467, septembre 2007, pp.22-23.
- Serry, Hervé, Les Éditions du Seuil : 70 ans d'histoires, Paris, Seui : IMEC, 2008.
- Serry, Hervé, "Des transferts littéraires sous contraintes: identité nationale et marché de l'édition francophone. Le cas du Québec.", Joseph Jurt (ed.), Champ littéraire et nation, Actes d'une rencontre du réseau ESSE, Université Albert Ludwig de Fribourg, Freiburg i. Br – Frankreich-Zentrum, 2007, pp. 171-185.
- Serry, Hervé, "L'histoire comme enjeu de l'économie éditoriale. Les Editions du Seuil entre 1935 et 2005.", Travail et organisation. Recherches croisant ethnographie et histoire, Colloque international, Aix-en-Provence, 30 et 31

mai 2006, <http://www.mmsh.univ-aix.fr/lames/Serry=CommPartie1%201.pdf> (consultado a 13 de Maio de 2009).

- Serry, Hervé, "Figures d'éditeurs français après 1945: habitus, habitus professionnel et transformation du champ éditorial", Bertrand Legendre et Christian Robin, Figures de l'éditeur. Représentations, Savoirs, Compétences, Territoires, Paris, Nouveau Monde Editions, 2005, pp. 73-89.
- Serry, Hervé, "Constituer un catalogue littéraire: la place des traductions dans l'histoire de Éditions du Seuil", Actes de la recherche en sciences sociales, vol.144, 2002, pp.70-79.
- S/N, "La Martinière vise «6 à 7 millions d'euros»", Le Figaro, 22 janvier 2009, <http://www.lefigaro.fr/flash-actu/2009/01/22/01011-20090122FILWWW00436-la-martiniere-vise-a-millions-d-euros-.php>, (consultado em Maio de 2009).
- Tchakaloff, Gaël, "Hervé de La Martinière: mon livre de la jungle", Le Nouvel Économiste, n°1371, 18 – 24 janvier 2007, <http://www.nouveleconomiste.fr/Portraits/1371-Martiniere.html>, (consultado em Maio de 2009).
- Toury, Gideon, "Translation as a means of planning and the planning of translation", in Saliha Paker (ed.), Translations (re)shaping of literature and culture, Istanbul, 2002, pp.148-165.
- Vigne, Éric; Yvert, Benoît, "L'édition, victime des éditeurs?", Magazine Littéraire, n°478, septembre 2008, pp.12-15.

- *Sites Internet*

- Editorial Caminho: <http://www.editorial-caminho.pt/>
- Éditions La Martinière: <http://www.editionsdelamartiniere.fr/>
- Groupe La Martinière: <http://www.lamartinieregroupe.com/>
- Grupo Leya: <http://www.leya.com/>
- Le Seuil: <http://www.editionsduseuil.fr/>

Anexo I: Resultados numéricos da análise comparativa por categorias

SINTAXE	
A. Deslocação do complemento adverbial	1448
B. Adjectivo – Substantivo → Substantivo – Adjectivo	498
B'. Substantivo – Adjectivo → Adjectivo - Substantivo	95
C. Verbo – Sujeito → Sujeito – Verbo	386
C'. Sujeito - Verbo → Verbo – Sujeito	23
D. Deslocação de frases simples ou subordinadas [≠ subordinadas adverbiais]	314
E. Aproximação do sujeito do verbo	179
F. Aproximação do complemento de objecto do verbo	
(a) Directo	143
(b) Indirecto	50
G. Complemento de Objecto – Verbo → Verbo – Complemento de Objecto	45
PONTUAÇÃO	
A. Supressão de vírgulas	1836
B. Introdução de vírgulas	367
C. Vírgula → Conjunção “e”	134
C'. Conjunção “e” → Vírgula	14
D. Vírgula → Ponto final	95
E. Ponto final → Vírgula	13
MORFOSSINTAXE	
A. Alteração de tempos verbais	
(a) Modificações diversas	567
(b) Presente → Futuro	122
B. Artigo → Determinante possessivo	508
C. Adjectivo/ Verbo/ Outras classes gramaticais → Advérbio/ Locução adverbial	433
C'. Advérbio → Outras classes gramaticais	278
D. Alteração do sujeito	344
E. Pronome → Substantivo/ Sintagma nominal	273
E'. Substantivo/ Sintagma nominal → Pronome	99

F. Infinitivo→Gerúndio/ Particípio presente	273
F'. Gerúndio→ Subordinada relativa/ Subordinada adverbial/ Substantivo...	245
G. Subordinada relativa→Particípio passado /Adjectivo / Determinante...	245
G'. Infinitivo/Substantivo/ Adjectivo... → Subordinada relativa	180
H. Plural→Singular	243
H'. Singular→Plural	106
I. Adjectivo→Substantivo	186
I'. Substantivo→Adjectivo	174
J. Verbo→Substantivo/ Verbo + Substantivo	184
J'. Substantivo→Verbo	179
K. Adjectivo→Verbo/ Subordinada relativa	68
K'. Verbo→Adjectivo/ "Être" + Adjectivo	64
L. Mudança de categoria de frase	
(a) Várias categorias	163
(b) Negativa→Afirmativa	89
(b') Afirmativa→Negativa	49
(c) Activa→Passiva	28
(c') Passiva→Activa	21
LÉXICO	
A'. Escolha de palavras semanticamente mais precisas	1649
A. Escolha de palavras semanticamente menos precisas	441
B. Expressões idiomáticas	
(a) Adaptação	768
(b) Introdução	174
B'. Provérbios	
(a) Provérbio francês	21
(b) Tradução literal	2
C. Alteração do registo linguístico	
(a) Mais formal	313
Modificações diversas	267
Eliminação de repetições	
(b) Menos formal	107

D. Diminutivos ²⁴⁵	
(a) Sim	56
(b) Não	14
E. Superlativos	
(a) Sim	42
(b) Não	6
SUPRESSÃO DE PALAVRAS	
A. Condensação da mensagem original	
(a) Perífrase verbal → Verbo	403
(b) Outras alterações	348
(c) Construções de clivagem	134
B. Verbo ²⁴⁶	1207
C. Advérbio	539
D. Frase simples/ Complemento/ Sintagma nominal...	510
E. Conjunção	372
F. Preposição	342
G. Substantivo	262
H. Pronome	243
I. Adjectivo/ Determinante	204
ACRESCENTO DE PALAVRAS	
A. Dilatação da mensagem original	
(a) Modificações diversas	465
(b) Verbo → Perífrase verbal	326
B. Frase simples/ Complemento/ Sintagma nominal...	506
C. Verbo	404
D. Pronome	403
E. Advérbio	403
F. Substantivo	370
G. Determinante	334
H. Conjunção “et”	332
H'. Conjunção (outras)	277
I. Preposição	306
J. Adjectivo	202

²⁴⁵ O “sim” e o “não” referem-se ao facto de GL traduzir ou não os elementos em questão.

²⁴⁶ Nomeadamente verbos de operação aspectual ou modais.

Anexo II: Resultados numéricos da análise comparativa por ordem de frequência

Supressão de vírgulas (P) ²⁴⁷	1836
Escolha de palavras semanticamente mais precisas (L)	1649
Deslocação de complemento adverbial (S)	1448
Verbo ²⁴⁸ (SP)	1207
Expressões idiomáticas (L)	
(a) Adaptação	768
Alteração de tempos verbais (M)	
(a) Modificações diversas	567
Advérbio (SP)	539
Frase simples/ Complemento/ Sintagma nominal/... (SP)	510
Artigo→ Determinante possessivo (M)	508
Frase simples/ Complemento/ Sintagma nominal... (AP)	506
Adjectivo – Substantivo→ Substantivo – Adjectivo (S)	498
Dilatação da mensagem original (AP)	
Outras alterações	465
Escolha de palavras semanticamente menos precisas (L)	441
Adjectivo/ Verbo/ Outras classes gramaticais→Advérbio/ Locução adverbial (M)	433
Verbo (AP)	404
Condensação da mensagem original (SP)	
(a) Perífrase verbal → Verbo	403
Pronome (AP)	403
Advérbio (AP)	403
Verbo – Sujeito → Sujeito - Verbo (S)	386
Conjunção (SP)	372
Substantivo (AP)	370
Introdução de vírgulas (P)	367

²⁴⁷ As indicações entre parênteses correspondem às categorias da análise comparativa (sintaxe, pontuação, morfossintaxe, léxico, supressão e acrescimo de palavras).

²⁴⁸ Nomeadamente verbos de operação aspectual ou modais.

Condensação da mensagem original (SP)	
(b) Outras alterações	348
Alteração do sujeito (M)	344
Preposição (SP)	342
Determinante (AP)	334
Conjunção “et” (AP)	332
Dilatação da mensagem original (AP)	
Verbo → Perífrase verbal	326
Deslocação de frases simples ou subordinadas [≠ subordinadas adverbiais] (S)	314
Alteração do registo linguístico (L)	
(a) Mais formal	
Modificações diversas	313
Preposição (AP)	306
Advérbio → Outras classes gramaticais (M)	278
Conjunção (outras) (AP)	277
Infinitivo → Gerúndio/ Particípio presente (M)	273
Pronome → Substantivo/ Sintagma nominal (M)	273
Alteração do registo linguístico (L)	
(b) Mais formal	
Eliminação de repetições	267
Substantivo (SP)	262
Gerúndio → Subordinada relativa/ Subordinada adverbial/ Substantivo... (M)	245
Subordinada relativa → Particípio passado / Adjectivo / Determinante... (M)	245
Plural → Singular (M)	243
Pronome (SP)	243
Adjectivo/ Determinante (SP)	204
Adjectivo (AP)	202
Adjectivo → Substantivo (M)	186
Verbo → Substantivo / Verbo + Substantivo (M)	184
Infinitivo/ Substantivo/ Adjectivo... → Subordinada relativa (M)	180
Aproximação do sujeito do verbo (S)	179
Substantivo → Verbo (M)	179
Expressões idiomáticas (L)	
(b) Introdução	174
Substantivo → Adjectivo (M)	174

Mudança de categoria de frase (M)	
(a) Várias categorias	163
Aproximação do complemento de objecto do verbo (S)	
(a) Directo	143
Condensação da mensagem original (SP)	
(c) Construções de clivagem	134
Vírgula → Conjunção "e" (P)	134
Alteração de tempos verbais (M)	
(b) Presente→Futuro	122
Alteração do registo linguístico (L)	
(b) Menos formal	107
Singular → Plural (M)	106
Substantivo/ Sintagma nominal→Pronome (M)	99
Vírgula → Ponto final (P)	95
Substantivo – Adjectivo → Adjectivo – Substantivo (S)	95
Mudança de categoria de frase (M)	
(b) Negativa → Afirmativa	89
Adjectivo →Verbo/ Subordinada relativa (M)	68
Verbo → Adjectivo/ "Être" + Adjectivo (M)	64
Diminutivos (L)	
(a) Sim	56
Aproximação do complemento de objecto do verbo (S)	
(b) Indirecto	50
Mudança de categoria de frase (M)	
(b') Afirmativa→Negativa	49
Complemento de Objecto – Verbo→ Verbo – Complemento de Objecto (S)	45
Superlativos (L)	
(a) Sim	42
Mudança de categoria de frase (M)	
(c) Activa→Passiva	28
Sujeito – Verbo → Verbo – Sujeito (S)	23
Mudança de categoria de frase (M)	
(c') Passiva → Activa	21
Provérbios (L)	
(a) Provérbio francês	21

Conjunção "e" → Vírgula (P)	14
Diminutivos (L)	
(b) Não	14
Ponto final → Vírgula (P)	13
Superlativos (L)	
(b) Não	6
Provérbios	
(b) Tradução literal	2